Madeyra illustrado. Methodo de conhecer, e curar o morbo gallico ... Reformado ao sentir dos modernos ... / pelo doutor Francisco da Fonseca Henriques ... Com huma dissertaçam dos humores naturaes do corpo humano.

Contributors

Arrais, Duarte Madeira, -1652.
Henriques, Francisco da Fonseca, 1665-1731.

Publication/Creation

Lisbon : A. Pedroso Galram, 1715.

Persistent URL

https://wellcomecollection.org/works/j3qcc7bs

License and attribution

This work has been identified as being free of known restrictions under copyright law, including all related and neighbouring rights and is being made available under the Creative Commons, Public Domain Mark.

You can copy, modify, distribute and perform the work, even for commercial purposes, without asking permission.

Wellcome Collection
183 Euston Road
London NW1 2BE UK
T +44 (0)20 7611 8722
E library@wellcomecollection.org
https://wellcomecollection.org

348228 C

I 459 B12

LMADEIRA
HENRIQUES

Ex Bibliotheca
Amplissimi, ac
Reverendissimi Domini
GERARDI VAN NOOY,
vendita, publica auctione,
Ultrajectinae,
14 en 15 Maji 1835; per
A. J. van Tetroode,
Bibliopolam, *Amstelodami*.

MADEYRA ILLUSTRADO.

METHODO DE CONHECER, E CURAR
o Morbo Gallico,

COMPOSTO PELO DOUTOR

DUARTE MADEYRA ARRAEZ,

PHYSICO MOR DELREY DOM JOAM IV.

REFORMADO AO SENTIR DOS MODERNOS, ILLUS-trado com muytos casos praticos, & enriquecido com varios, & eficazes remedios, para extinguir com facilidade este contagio, & para acodir promptamente aos seus productos,

PELO DOUTOR

FRANCISCO DA FONSECA HENRIQUES,
natural de Mirandella,

MEDICO DO SERENISSIMO REY DE PORTUGAL

DOM JOAÕ V.

COM HUMA DISSERTAÇAM DOS HUMORES
naturaes do corpo humano, obra muyto necessaria para
boa intelligencia destas Illustraçoens.

LISBOA,
Na Officina de ANTONIO PEDROSO GALRAM.

Com todas as licenças necessarias, & Privilegio Real.
Anno de 1715.

Verwijderd
K. B.
KONINKL.
BIBLIOTHEEK
'S-GRAVENHAGE.

MADEYRA

ILLUSTRADO.

METHODO DE CONHECER, E CURAR
o Morbo Gallico,

COMPOSTO PELO DOUTOR

DUARTE MADEYRA ARRAEZ,

PHYSICO MOR DELREY DOM JOAM IV.

REFORMADO AO SENTIR DOS MODERNOS, ILLUS-
trado com muytos casos practicos, & enriquecido com theorias, & ef-
feytos remedios, para curarem com facilidade effe contagio,
& para acodir promptamente aos seus prodigios,

POR

FRANCISCO DA FONSECA HENRIQUES,
natural de Mirandella,

MEDICO DO SERENISSIMO REY DE PORTUGAL

DOM JOAÕ V.

COM HUMA DISSERTAÇAM DOS HUMORES
naturaes do corpo humano, obra muyto precisa para
boa intelligencia destas illustraçoens.

WELLCOME HISTORICAL MEDICAL LIBRARY

LISBOA,
Na Officina de ANTONIO PEDROSO GALRAM
Com todas as licenças necessarias, & Privilegio Real.
Anno de 1735.

AO MUYTO ALTO, E PODEROSO SENHOR

DOM JOAÕ V.

REY DE PORTUGAL,

Dos Algarves, & da India, Principe do Brasil, Duque de Bragança, &c.

SENHOR:

A PRIMEYRA vez que se estampou este livro, foy com o patrocinio do Senhor Rey Dom Joaõ IV. agora que sahe a luz illustrado, busca a Real protecçaõ de V. Magestade. Aquella fortuna lhe grangeou o seu Author: esta lhe solicitaõ as minhas diligencias; parecendome justo que procurasse authorizar lhe o prelo, quem se occupou em lhe illustrar a doutrina. Naõ duvidey recorrer à alta grandeza de V. Magestade para este fim: considerando que sem violencia imitaria ao primeyro Mecenas desta obra; & conhecendo quanto valem no conceyto de V. Magestade aquellas que conduzem para publica utilidade de seus Vassallos. He certo, Senhor, que se deve muyto a quem por espontanea deliberaçaõ, sem os estimulos de particular interesse, se occupa em semelhantes empregas, expondo-se, tanto à custa de seu trabalho, às criticas censuras da emulaçaõ, às lividas detracções da malevolencia, & aos errados juizos da ignorancia, que sempre se lograõ mays certos, que os applausos da sciencia. Isto fizeraõ felizmente algums Authores com os seus Soberanos; o que deyxo de referir, porque naõ pareça memorial o que he Dedicatoria; & isto tenho en feyto varias vezes, porque esta he a quinta obra que ponho em publico, todas de Medicina, & uteys para o bem commum. Naõ me seria muy difficil escrever obras, que servissem mais de recreaçaõ, que de utilidade: mas estas naõ se fariaõ taõ acredoras da Real tutela de V. Magestade, a quem offereço a presente, entendendo haver feyto hum grande serviço à Patria, & às mais naçoẽs, em que estas obras de Duarte Madeyra foraõ recebidas com universal aceytaçaõ; pelo menos seguro a V. Magestade que este foy o unico objecto do meu trabalho, & por isto me animey a pedir lhe que quizesse honrallo com o seu Augusto nome.

Da veniam scriptis, quoniam non gloria nobis. Ovid. 3. de Ponto
Causa, sed utilitas, officiumque fluit.

Nem esta obra podia buscar outro Patrono, que a V. Magestade; porque quando se lhe naõ devesse por feudo, como a Senhor natural, sempre se lhe devia como tributo a

hum Principe ciente. Principe em cujo talento, & em cujo nome ſe promettem à ſua Monarquia grandes fortunas: que ſempre foy feliz para Portugal o nome de Joaõ; poys ſe olharmos para os paſſados: acharemos que o Primeyro defendeo o Reyno com valor, o Segundo regeo-o com juſtiça; o Terceyro illuſtrou-o com letras; o Quarto libertou-o com fortuna; & V. Mageſtade eſperamos, que com fortuna, com letras com juſtiça, & com valor o governe, como Principe em quem reluzem aquellas heroicas virtudes dos ſeus Mayores:

Virg. Æn. 12.

Cui genus à proavis, ingens, clarumque paternæ
Nomen erat virtutis, & ipſe acerrimus armis.

Reluzem na ſoberana peſſoa de V. Mageſtade as heroicas virtudes dos ſeus Reaes Aſcendentes; mas ao meſmo paſſo ſe vem excedidas das virtudes proprias; porque V. Mageſtade primeiro os ſoube exceder em todas, do que os chegaſſe a imitar em algumas; principalmente na devoçaõ ao Culto Divino, que foy ſempre o primeyro empriego dos Reys Portuguezes, & o principal objecto da ſua piedade Catholica. E ainda que tranſcenda a eſfera de huma Dedicatoria, moſtrarey como tem Portugal ha mais de ſeyscentos annos a felicidade de ſer dominado de Principes propagadores da Fé Catholica tementes a Deos, & veneradores de ſeu Divino Culto: mas que em nenhum ſeculo logrou eſtas prerogativas em taõ alta excellencia, como no tempo preſente na ſoberana peſſoa de V. Mageſtade, cujo Chriſtaõ, & generoſo zelo, imitando, & excedendo ao de ſeus illuſtres Predeceſſores, tem chegado ao mais elevado faſtigio da devoçaõ Catholica.

E diſcorrendo pelos Principes deſta Monarquia deſde o ſeu principio atè o dia de hoje: acharèmos que o Conde D. Henrique, primeyro Senhor della, nos lugares em q̃ defolava as Meſquitas dos Mouros, que tantas vezes venceo, com Catholico, & religioſo zelo erigia por trofeo divino ſumptuoſos Templos, a que dava com alma devota Prelados virtuoſos, & com mão liberal abundantes rendas; & aſſim reedificou as Igrejas Cathedraes de Braga, Coimbra, Porto, Vizeu, & de Lamego, reſtituindo-as aos antigos Biſpados que antes dos Godos tivèraõ: & junto a Lamego fundou hum Moſteyro dedicado à Virgem Noſſa Senhora, pelo beneficio de lhe livrar ſeu filho primogenito dos immedicaveys achaques com que nacèra. Dotou o Moſteyro de Santa Maria da Charidade em França, na Igreja de Saõ Pedro de Rates, fundaçaõ ſua. Viſitou os Lugares Sagrados de Jeruſalem, donde trouxe para a Sè de Braga hum braço do Evangeliſta Saõ Lucas; o ferro da lança que abrio o lado de Chriſto; parte da Coroa de eſpinhos, que lhe puzèraõ na cabeça; hum pedaço da Cruz, que trouxe em ſeus hombros; hum çapato da Virgem Maria Senhora noſſa; & huma touca da Magdalena Santa.

O Principe Dom Affonſo Henriques, grande conquiſtador, & primeiro Rey de Portugal, logrando a felicidade de ver a Chriſto crucificado, de quem recebeo o Reyno, & tomou as armas: deo a Saõ Theotonio a primeyra terra de ſuas Conquiſtas, que foy a Cidade de Leyria; refez as Cathedraes de Evora, & Lisboa, dandolhe os primeyros Biſpos; illuſtrou as Igrejas de Guimarães, & Santarem, fazendo as Collegiadas com Priores, & Conegos: E em outras terras donde expulſou os Mouros, erigio tantas Igrejas, & caſas de Religiaõ, que fazem o numro de cento & cincoenta; ſendo entre ellas as de mayor ſumptuoſidade, o grande Convento de Alcobaça; o magnifico Tempo de Saõ Vicente de fóra em Lisboa; & o Real Moſteyro de Santa Cruz em Coimbra; no qual eſte Santo Rey, depondo as armas à entrada do Coro, rezava com os Religioſos as meſmas horas. Era taõ activo nelle o fogo do amor de Deos, & de ſeus Santos, que na idade de oytenta & nove annos, foy duas vezes ao Reyno dos Algarves, para ver, & fazer trasladar para a Sè de Lisboa o Santo corpo do glorioſo Martyr Saõ Vicente, ſeu Divino Padroeyro. Fez eſpontaneamente tributario o ſeu Reyno com ſincoenta eſcudos de ouro annuaes ao Moſteyro de Santa

Maria

Maria de Claraval, do Biſpado de Langres, aonde então reſidia, & preſidia ſeu parente Sāo Bernardo, em agradecimento de haver concorrido para que o Papa lhe confirmaſſe o titulo, & inveſtidura de Rey; offerecendolhe tambem a elle, como a Vigario de Chriſto, que lhe tinha dado a Coroa, tributo de dous marcos de ouro cada anno; tributos que ſe pagàraõ atè o tempo d'elRey Dom Affonſo III.

D. Sancho I. Succeſſor de ſeu pay naõ ſó nos Eſtados, mas tambem nas ſuas heroicas virtudes, naõ teve menos zelo com as couſas de Deos, em que diſpendeo generoſamente muyta fazenda, mandando grande ſoccorro de dinheyro para a reſtauraçāo de Jeruſalem, quando foy conquiſtada pelo barbaro Saladino, Calypha do Egypto. Deo às Ordens Militares do Templo, & Hoſpital de Sāo Joaõ muytos Caſtellos, & Villas, & a Cidade da Idanha, patria do famoſo Vvamba, ou Bamba, que ha perto de mil annos foy Rey dos Godos em toda Heſpanha. Refez, & nobilitou a Sè da Cidade de Vizeu; edificou muytas Igrejas nas varias terras que povoou; & quando faleceo, deyxou importantiſſimos legados para o Santo Templo de Jeruſalem, & para o Hoſpital de Sāo Joaõ da meſma Cidade; para ſe inſtituir o Hoſpital de S. Lazaro em Coimbra; para ſe edificar hum Moſteyro da Ordem de Ciſter; para a fabrica do Convento de Alcobaça; & ao Moſteyro de Santa Cruz de Coimbra deyxou hum grande computo de dinheyro, para ſe fazerem varias obras da Igreja; & pelos Conventos pobres do Reyno, & pelas Igrejas, & cazas de Oraçāo repartio mais de cem mil cruzados.

ElRey Dom Affonſo II. tambem moſtrou que naõ faltava nelle aquella devoçāo piedoſa, & o Catholico zelo com que fora criado; poys conquiſtando ſuas Armas a fortaleza de Alcaçar do Sal no Alem-Tejo, contra o poder de quatro Reys Mouros, logo com fervoroſa devoçāo fez que foſſe caſa de cultos, & exercicios Catholicos, o que atè alli era Meſquita de barbaras idolatrias. E chegādo em ſeu tempo a Coimbra as Reliquias de cinco Martyres, q̄ de Marrocos trouxèra o Infante D. Pedro ſeu irmāo, elle lhe mandou fazer precioſiſſimos relicarios, em que com grande veneraçāo ſe conſervāo no Convento de Santa Cruz de Coimbra, & no Moſteyro de Lorvaõ, para onde ElRey mandou as Reliquias de hum dos Martyres à Rainha de Leaõ ſua irmā, fundadora do dito Moſteyro.

ElRey Dom Sancho II. a quem, pela fórma, & humildade do traje, chamàraõ Sancho Capello, ainda q̄ naõ teve aquella magnimidade de eſpirito do pay, & avós, nem a ſuperioridade de talento neceſſario para o bom governo de huma Monarquia Catholica, foy muyto venerador do culto Divino; edificou o Convento de Sāo Domingos de Santarem, de Sāo Domingos do Porto, de Sāo Domingos de Coimbra, o de S. Franciſco do Porto, & deo principio ao de Sāo Domingos de Lisboa; & paſſando a Caſtella, quando o Infante ſeu irmāo, Conde de Bolonha entrou na regencia de Portugal, edificou na Sé de Toledo a Capella dos Reys em que eſtà ſepultado.

Dom Affonſo III. aindaque deſprezou muyto tempo as cenſuras Eccleſiaſticas, moſtrou no ſeu governo, que era muyto temente a Deos, & muyto devoto do culto Religioſo. Elle amplificou, & dotou o grande Convento de Sāo Domingos de Lisboa, & o de Santa Clara de Santarem; & a Igreja de Villanova junto ao Porto; & a Igreja do Moſteyro de Noſſa Senhora dos Martyres em Elvas, da Ordem de Sāo Domingos.

ElRey Dom Diniz, Principe de heroico animo, occupando-ſe cuydadoſamente em fundar, & povoar muytas terras; naõ ſe eſqueceo a ſua devoçāo Catholica de inſtituir a Ordem Militar dos Cavalleyros de Chriſto, por ſe extinguir em ſeu tēpo a Ordem dos Templarios; & de fundar, & dotar o grande Moſteyro de Odivellas da Ordem de Sāo Bernardo, o primeyro em que as Freyras deſta Ordem tivèraõ Clauſura; obra taõ grande, queſō o coraçāo de quem a fez, a excede.

Dom Affonſo IV. a quem pela valentia do animo, & pela dureza do coraçāō, chamàraõ o bravo; governando a ſua Monarquia com ſevera rectidaõ, & juſtiça, tratou muyto do Culto Divino, & amplificou a Cathedral de Lisboa, dotandolhe muytas

rendas,

rendas, & instituindo nellas as mercearias, & Capellanias, que hoje conserva.

ElRey Dom Pedro I. que tendo ao principio do seu governo o renome de cruel, veyo depoys a merecer o predicado de justiceyro, tambem foy grande zelador das cousas de Deos, & do seu Culto; & deyxou no Convento de Alcobaça, aonde está sepultado, bastante renda perpetua para seys Capellães lhe dizerem cada dia huma Missa cantada.

ElRey Dom Fernando, o mais liberal em fazer merces a seus Vassallos, que todos quantos Reys antes delle teve Portugal: fundou, & edificou o Convento de Saõ Francisco de Santarem, aonde está sepultado.

ElRey D. Joaõ I defensor do Reyno, q̃ valerosamẽte libertou do jugo Castelhano, cujas forças venceo cõ muyto menor poder, edificou, & ornou preciosissimamente o grande Convento da Batalha da Ordem dos Prégadores, junto de Algibarrota; dedicando o a N. Senhora da Vitoria, a cujo favor attribuhio a q̃ naquelle sitio alcançàra d'elRey D. Joaõ de Castella; & no lugar da Batalha edificou huma Ermida de Saõ Jorge. Admittio no Reyno a Ordem de Saõ Joaõ Evangelista. Fundou o Convento de S. Francisco de Alenquer, & o de Santa Clara do Porto; o de Saõ Francisco de Leyria; & o de Nossa Senhora da Oliveyra de Guimarães, de que era taõ devoto, que tres vezes foy em romaria a pè ver esta Senhora de differentes partes, sendo a menos distante de sincoenta legoas. Fundou tambem a sumptuosa Ermida de N. Senhora da Escada, junto ao Convento de S. Domingos de Lisboa; & edificou o Convento de S. Domingos de Bemfica. Era taõ devoto do Culto Divino, que alguns dias antes da sua morte, se mandou levar à Sé de Lisboa, & na Capella de Saõ Vicente, de que era devotissimo, assistio com humildade aos Officios Divinos, & offereceo em ouro o que julgou necessario para chegar à ultima perfeyçaõ aquelle Templo, cuja Cathedral, suffraganea a Braga, se fez Metropolitana por diligencias deste Rey, & concessaõ do Papa Bonifacio IX. no anno de 1390.

ElRey Dom Duarte viveo taõ pouco tempo depoys de succeder na Coroa, que naõ pode fazer semelhantes obras; mas sabe-se que foy devotissimo da sagrada Cruz, & vigilantissimo zelador das cousas da Religiaõ Christãa.

Dom Affonso V. pelas guerras, & Conquistas com os Mouros chamado o Africano, teve grande zelo da Igreja de Deos, cujos Officios costumava ouvir devotissimamente. Fez a Igreja do Convento da Conceyçaõ da Ordem de Saõ Francisco do Porto. E resolvendo se a deyxar o governo do Reyno, para entrar em huma Religião, fundou o Convento de Saõ Francisco de Varatojo, para onde iria, se a morte lhe naõ frustràra os designios.

ElRey Dom Joaõ II. pela excellencia de suas heroicas virtudes, & pela boa fórma de seu admiravel governo, chamado o Melhor Principe, tratando de descubrir novos mares, & conquistar novas terras, sempre teve grande cuydado do Culto Divino; todos os dias ouvia Missa com exemplarissima devoçaõ, & em qualquer parte que estivesse, tinha Oratorio fechado, em que de noyte se recolhia a rezar com os joelhos nùs postos por terra. Todos os dias rezava o Officio Divino; & foy o primeyro Rey que ordenou rezarem-se as Horas Canonicas na sua Capella, como em Igreja Cathedral, sendo isto como preludio do que hoje vemos no religiosissimo zelo de outro Joaõ. Elle fundou a magnifica, & piedosa obra do Hospital Real de Lisboa, & o Convento de Santos da Ordem de Santiago.

O grande Rey Dom Manoel, felicissimo em todo o tempo de seu governo, empenhando-se no descobrimento da India, & nas Conquistas do Oriente, o principal objecto de suas diligencias, era a propagaçaõ da Fé Catholica, naquelles climas aonde naõ tinha chegado, & por isto fazia logo edificar Igrejas nas terras que conquistava, convertendo os Pagodes da Gentilidade, em Altares sagrados, & casas de Oraçaõ dedicadas a Deos. Foy o primeyro Rey, que das suas rendas mandou separar hum por cento para obras pias. Elle ordenou a solene Procissaõ no dia da Visitaçaõ de Nossa Senhora, &

de

de Santa Iſabel; & houve Breve Apoſtolico para em ſeu Reyno ſe celebrar a feſta do Anjo Cuſtodio no terceyro Domingo de Julho, com Prociſſaõ ſemelhante à do Corpo de Deos. Fundou no Porto o Convento das Freyras de Saõ Bento, em Tavira o Moſteyro de Freyras da Ordem de Santa Clara; na Villa de Serpa, o Convento de Frades de Saõ Franciſco, em Montemòr o novo, o Convento de Freyras da Ordem de Saõ Domingos; & em Setuval o ſumptuoſo Convento de JESUS da meſma Ordem; em Sintra o Convento de Noſſa Senhora da Penna, da Ordem de Saõ Jeronymo. Em Liſboa trasladou o Moſteyro da Annunciada da Ordem de Saõ Domingos do Collegio de Santo Antaõ das Olarias, para o lugar em que eſtá. Fundou de novo, & dotou os Hoſpitaes de Coimbra, de Montemòr o velho, & de Beja. Edificou o Moſteyro da Serra, da Ordem de Saõ Domingos; & o de Santo Antonio do Pinheyro, da Ordem de Saõ Franciſco; & o do Matto, & das Berlengas, da Ordem de Saõ Jeronymo. Reformou, & accreſcentou os Conventos de Saõ Franciſco de Liſboa, Evora, & Santarem, & o corpo da Igreja, Coro, & alguns Clauſtros do ſumptuoſo Convento de Tomar, da Ordem de Chriſto. Fez de novo as Igrejas de Alcaçar do Sal, de Oliveyra, de Soure, de Niza, & de Saõ Joaõ Bautiſta de Thomar; & em Liſboa as Igrejas de Santo Antonio, de Saõ Juliaõ, & de Noſſa Senhora da Conceyçaõ. Reedificou o Coro, & Capella mòr do Convento de Alcobaça; & mandou acabar as Capellas dos Reys do Convento da Batalha. Fundou a Igreja da Santa Caſa da Miſericordia, a primeyra que houve na Europa, & deolhe rendas annuaes para obras pias. Mandou edificar as Cathedraes da Cidade do Funchal, & das outras Ilhas; & na India muytos Conventos de Frades, Igrejas, & Caſas de Oraçaõ; edificando finalmente para ſua ſepultura o ſumptuoſiſſimo Convento de Belem.

Seu filho ElRey Dom Joaõ III. inclinou-ſe a introduzir no Reyno letras, & ciencias, chamando Varoens doutiſſimos de varias partes; ſendo juntamente taõ zelozo da Religiaõ, & cultos das Igrejas, que amplificou de novo os Biſpados de Miranda, Portalegre, & Leyria; & à ſua inſtancia foy erigida em Arcebiſpado a Igreja Epiſcopal de Evora. Edificou no Reyno as primeiras Caſas da Sagrada Companhia de JESUS; & outros muytos Conventos, & Caſas de Oraçaõ, que fazem o numero de vinte & duas. Acabou o Convento de Belem; & impetrou Bullas do Summo Pontifice para haver em Portugal o piedoſo Tribunal do Santo Officio.

ElRey Dom Sebaſtiaõ, a quem ſeu temerario valor tirou precipitadamente a vida na flor da idade, foy devotiſſimo do Culto Divino, a cujos Officios aſſiſtia com grande zelo. Fundou o Convento de Saõ Domingos de Setuval; & eſtabeleceo na India o Tribunal da Santa Inquiſiçaõ.

O Cardeal Rey Dom Henrique foy extremoſamente devoto do Culto de Deos, & teve vigilantiſſimo cuydado de todas as Religioens. Elle mandou reformar a Ordem de Saõ Bento; & no eſpiritual, & temporal, reformou o Moſteyro de Alcobaça, o de Aguiar, & outros mais. Fundou o Collegio de Saõ Bernardo em Coimbra, & fez quaſi de novo o Moſteyro de Coz, da meſma Ordem. Mandou reparar o Moſteyro de Saõ Frutuoſo de Braga; fundou o de Saõ Franciſco em Valverde; fez a Univerſidade de Evora, edificando para iſto o Collegio, que deu à Companhia de JESUS. Fundou mais duas Capellas para Clerigos pobres; ordenou o Collegio dos Meninos Orfãos, & eſtabeleceo à ſua cuſta a Santa Inquiſiçaõ de Evora.

ElRey Dom Joaõ IV. feliz Reſtaurador da liberdade Portugueza, foy extremoſo na veneraçaõ do Culto Divino, em que deſpendeo grandes theſouros; & ſendo Duque de Bragança conſeguio do Papa, por diligencias do Infante Dom Duarte ſeu irmaõ, a graça de ter o Senhor na ſua Capella de Villaviçoſa, couſa q̃ ſem effeyto tinhaõ ſolicitado muytas vezes ſeus Clariſſimos Aſcendentes; & mandou fazer hum Sacrario de prata, aonde foy poſto o Senhor com grande veneraçaõ, & com huma ſolemne feſta. Fundou em Liſboa o Convento dos Carmelitas Deſcalços, junto a Saõ Nicolao; & em

Coimbra

Coimbra o grande Moſteyro novo de Santa Clara; para onde ſe trasladou o corpo da Rainha Santa Iſabel, deixando por legado o preciſo de ſe acabar aquelle magnifico edificio.

O Senhor Rey Dom Pedro II. ſeu filho, que teve a regencia dos Reynos antes que a Coroa; porque ainda que a ſorte lhe não deu o primeiro lugar na ordem do naſcimento, a natureza o preferio nas virtudes, para o acclamar nas vontades: foy devotiſſimo do Culto de Deos, & zeloſiſſimo da Religião Catholica. Elle fundou, & dotou de novo cinco Biſpados: o de Pernambuco, do Rio de Janeyro, do Maranhão; & o de Pequim, & Nanquim, na China; & erigio o Arcebiſpado da Bahia. Edificou em Lisboa o Convento do Crucifixo de Freyras Capuchas; & em Setuval o Convento no ſitio de Brancanes, para os Miſſionarios da Ordem de São Franciſco. Foy muyto devoto da Virgem Noſſa Senhora, a quem viſitava todos os Sabbados nas Neceſſidades; & do Santiſſimo Sacramento, a cujos deſaggravos aſſiſtia ſempre em Santa Engracia, & Odivellas. Diſpendia liberalmente com o Culto Divino em varias Freguezias, & Conventos, & na ſua Capella, aonde aſſiſtia ſempre com grande devoção aos Officios Divinos.

Sendo pois V. Mageſtade legitimo deſcendente de tão illuſtres Principes, em quem a exaltação da Fé Catholica, & a veneração do Culto Divino forão ſempre os prezados timbres de ſua devoção, & os principaes objectos de ſeu poder: fora degenerar de tão Catholicos Progenitores, ſe faltaſſe em V. Mageſtade aquella inclinação piedoſa, com que deſde ſeus primeiros annos ſe emprega nas couſas de Deos, de tal maneira, que não ſó imita, mas excede os ſeus Reaes Aſcendentes; pois he certo, que ſem os imitar por eſtudo, os ſoube exceder por natureza; porque antes que pela idade podeſſe receber os primeyros rudimentos da doutrina, já nos edificava com os melhores dogmas da devoção; ſendo em V. Mageſtade tão innata a propenſão para o Culto Divino, que apenas ſahio do berço, quando logo ſe encaminhou para o Templo; ainda não podia dar paſſos, & logo ſoube correr para as caſas de Deos; levava-o ſeu proprio eſpirito para onde ainda o não ſaberia inclinar a induſtria; & antes de ter idade para ſer diſcipulo, já parecia meſtre da devoção Catholica. Deſtas ninhezes tão altas, deſtas premiſſas tão devotas, q̃ ſe podia eſperar, ſenão que crecendo a devoção com os annos, fizeſſe os mayores progreſſos na veneração do Culto? Aſſim o eſtamos nòs vendo; & o eſtá admirando o mundo na ſoberana peſſoa de V. Mageſtade. Grande felicidade da Monarchia Luſitania, ter hum Rey, que tratando muyto do ſeu governo, ſe empregue tanto no Culto de Deos! Sendo certo, que para governar com acerto, havia de venerar a Deos devoto. Não ſe póde reger fauſtamente huma Monarchia, ſe religioſamente ſe não trata das couſas de Deos. Só governa bem quem bem ſabe; ſó ſabe bem quem a Deos teme; o temor de Deos he principio da ſabedoria; os exercicios do Culto Divino, ſão demonſtrativos daquelle temor, & hum Rey que venera a Deos tão devoto, quem duvida que governará como ſabio? Pareceo a alguns politicos, que os Reys ſe não devião inſtruir nas ſciencias, porque a curioſidade de ſaber os não divertiſſe do cuydado de governar. Mas V. Mageſtade ſem o eſtudo das letras teve a ſciencia mais neceſſaria para reynar; ſoube temer a Deos; & logo que empunhou o Ceptro lhe dedicou Templos. David, a quem Deos elegeo para Rey, deu principio ao ſeu governo pela reformação do Culto Divino. O Rey mais ſabio do Mundo conſagrou a Deos o mais ſumptuoſo Templo. O Religioſo zelo dos Reys Portuguezes tinha edificado o grande Templo da ſua Capella, nos Paços do ſeu domicilio; & nelle conſagravão a Deos ardentes Cultos; rezando-ſe as horas Canonicas, como em huma Cathedral; devoção do grande Rey Dom Joaõ II. que tendo o renome de Principe perfeito, não lhe podia faltar o attributo de devoto; & para iſto havia Capellães, Deaõ, Chantre, & Capellão mòr, que ſempre he Cavalheyro da primeira nobreza, dignidade, que hoje ſe acha na peſſoa do Eminentiſſimo Cardeal Nuno da Cunha de Ataide, Inquiſidor Geral, Conſelheyro de Eſtado, & do deſpacho univerſal,

verſal; Cavalheyro em que com o eſplendor do ſangue igualmente concorrem a integridade do talento, & a excellencia das virtudes, para o fazerem benemerito de taõ altos lugares. Neſta Capella ſe ouviaõ os melhores Prégadores; & alli ſe recreavaõ os ouvidos com a Miſſa mais ſuave; alli ſe divertião os olhos na elegante compoſtura do Templo; & alli finalmente eſmorecião os Portuguezes nas viſtas de ſeus Principes, & ſe edificavão as almas na devoção das Mageſtades. Eſtava eſte Templo enriquecido com precioſiſſimos ornamentos; & era fama conſtante, que nenhum Principe da Chriſtandade tinha dentro de ſeu Palacio Templo de igual magnificencia, em que ſe trataſſe do Culto Divino com ſemelhante perfeyção, & grandeza. Mas ao Catholico animo de V. Mageſtade, ou toda eſta grandeza lhe pareceo indecencia, ou pelo menos entendeo que o ſeu devoto zelo devia exceder àquella grandeza; & pondo em effeyto o heroico impulſo de ſua devoçaõ generoſa, amplificou ſumptuoſamente o Templo da Capella, conſtruhio Torres, erigio Altares; & com ſuperabundancia ornou eſta Igreja das couſas mais precioſas, que para ſemelhante miniſterio podia fabricar a induſtria dos homens. Oh Principe verdadeyramente Catholico! Oh Rey generoſamente grande!

O' decus, ó patriæ per Te florentis imago; Ovid. 5. Triſt. 2.
O' Rex non ipſo, quem regis orbe minor!

Eſtas deſpezas tão importantes, não ſaõ daquellas, que Suetonio reprovava na viciosa profuſaõ de Caligula, & no demaſiado luxo de Nerão, que eſgotàraõ os theſouros em pompa da Mageſtade, atè irritarem o ſofrimento de ſeus vaſſallos. Dizia Socrates a hum Rey, que para reger a Monarquia ſem queyxa de ſeus Vaſſallos, gaſtaſſe com magnificencia em couſas, que ſerviſſem mais ao decoro, que ao fauſto; mais à veneraçaõ, do que à jactancia. E que couſas mais decoroſas, que couſas dignas de mayor veneraçaõ, que eſtas, que a devoçaõ piedoſa de V. Mageſtade taõ generoſamente obra nos Cultos que a Deos conſagra? principalmente quando não ſe contentando ſó com a magnificencia do Templo, com zelo ardentiſſimo do Culto de Deos, pertendeo, & alcançou da Santidade do Papa Clemente XI. a graça de que o Templo da ſua Capella foſſe huma Cathedral abſoluta, huma inſigne Collegiada com invocação de Saõ Thomè, ficando Freguesia Parochial para as peſſoas Reaes, & ſuas familias, & Officiaes de ſua Caſa, ainda que o ſeu domicilio ſeja em outra Freguesia muy diſtante. Foy grande impulſo da devoçaõ, mas parece que movido já nos corações dos antigos Reys de Portugal, de quem achamos eſcrito, que não pagavaõ as moradias aos Cavalleyros de ſua Caſa, ſem moſtrarem que eſtavão confeſſados. Todos eſtes Cultos eſperamos que cedão em utilidade da Monarquia, obrigando-ſe Deos delles para mayor felicidade de ſeus Reynos. Entendeo Ariſtoteles, que os Deoſes ſe moſtravaõ mais propicios a aquelles de quem eraõ mais venerados; & affirmou atrevidamente Cicero, que os Romanos ſuperàraõ todas as nações do mundo, mais com os piedoſos Cultos, que conſagravão aos Deoſes, que com a aſtucia do ſeu engenho, & com a valentia do ſeu braço; & ſentir foy de Dionyſio Halycarnaſeo, que a primeyra empreza dos Reys, devia ſer o cuydado das couſas ſagradas, com que Carlos Magno, & Conſtantino Magno eſtabelecèrão os ſeus Imperios: & dos Reys da Luſitania notou hum Hiſtoriador Portuguez, que foraõ mais vitorioſos os mais devotos. Antes de vir ao mundo o Redemptor delle, atè o tempo de Numa, ſegundo Rey dos Romanos depois de Romulo, os Principes eraõ os Sacerdotes, que tratavão dos Cultos dos Deoſes; erão Reys, & Pontifices, Reys para regencia da Monarquia, Pontifices para veneração do Culto; & por iſto os Reys de Roma ſe chamàraõ Pontifices Romanos; que pareceo às gentes daquelles ſeculos, que os exercicios do Culto de Deos deviaõ correr por conta de quem tiveſſe o governo dos homens. Romulo tanto que o juràraõ Rey, antes dos Magiſtrados politicos tratou das couſas Sagradas; & bem conhece V. Mageſtade, que devendo fazer o meſmo todos os Principes Catholicos, os de Portugal tem particular razão para tributarem Cultos a Deos, & para ſerem zeloſiſſimos das couſas Sagradas; por ſer Portugal hum Reyno

Sueton. cap. 30. Soc. ad Nicol.

Manuel de Faria tom. 2. da Europ. Portuguez. fol. 4.

Rethor. ad Alex. Orat. de aruſp. reſponſ. lu 2.

Manuel de Faria tom. 2. Europ. Gratian. in cap. Cleros 2.

dado

dado por Chriſto ao primeyro Affonſo, defendido com as ſuas armas, & conſervado com a ſua protecçaõ ha tantos ſeculos em Monarquia ſeparada; pois havendo muytas occaſioẽs de ſe unir à Monarquia de Caſtella, como foy, no tempo dos Reys Dom Fernando, D. Affonſo V. D. Joaõ II. & Dom Manoel, ſempre houve incidentes para ſe não unirem eſtas Coroas, & para ficar Portugal ſubſiſtindo em Imperio ſeparado. E ſe por altos ſegredos da Sabedoria incomprehenſivel, chegou a eſtar ſeſſenta annos no dominio de Caſtella, o meſmo Senhor que aſſim o ordenou, lhe acodio, libertando-o com a feliz, & milagroſa acclamação do Senhor Rey Dom Joaõ IV. em cuja legitima deſcendencia eſperamos que floreça o Reyno em quanto durar o mundo; & que V. Mageſtade empunhe por muytos ſeculos o Cetro, para felicidade da ſua Monarquia.

Ovid. 1. de Ponto. 8.

At Tibi, Rex, ævo detur, fortiſſime, noſtro
Semper honorata ſceptra tenere manu.

Doutor Franciſco da Fonſeca Henriques.

PROLOGO

PROLOGO.

ESTE livro que o Doutor Duarte Madeyra Arraez eſcreveo na lingua Portugueza para utilidade da patria, ſahe hoje a luz para o meſmo fim illuſtrado à diligencia do noſſo zelo. Leva toda a eſcritura de ſeu Author, & leva as noſſas Annotações no fim dos Numeros, & Capitulos ſeparadamente eſcritas; naõ ſó para que ſem confuſaõ ſe leaõ, mas tambem para que ſem duvida ſediſtingaõ. Foy Madeyra entre os muytos Eſcritores do Morbo Gallico, hu m dos que com mais clareza, & com melhor methodo tratàraõ delle; & he eſte com razaõ o livro por onde entre os Portuguezes ſe cura geralmente eſte co ntagio; mas porque na ſua doutrina ſe achaõ muytas couſas, que o tempo convenceo de falſas com experiencias verdadeyras: para mayor excellencia deſta obra, & para mais geral utilidade da gente, nos pareceo tomar por empreza a correcçaõ deſtes erros, ſem offenſa de ſeu Author; que a reforma com experiencias naõ he injuria; antes de algum modo illuſtra a grandeza das òbras, em que ficaõ brilhando como luzes as emendas, & ficaõ luzindo como eſmaltes as correcções. Nada perdeo Paſchalio em ſer annotado por Pereda, Barbete por Dekers, Piens por Mangeto, Dioſcorides por Laguna, Eſchrodero por Ettmullero, & Jonſtono por Boneto. Neſtas Annotações ſe acharà reformado pelas experiencias dos Modernos, o que o Author erradamente eſcreveo pelo ſentir dos Antigos. Verſeha illuſtrada eſta doutrina com muytos caſos praticos; encontrar-ſeha hum novo methodo para extinguir com facilidade o contagio gallico; & achar-ſehaõ novos, & efficazes remedios para acodir prontamente aos ſeus productos.

Muyto tempo trouxemos na idea eſta empreza, & trabalhàmos nella com cuydado, julgando que ſeria de muyta utilidade; porque nos perſuadimos a que a mayor parte dos males que padecem os homens, ou ſaõ gallico, ou ſe complicaõ com elle; & temos poſto em uſo os ſeus remedios com taõ feliz exercicio, que ſe entende, que ha em nòs particular cadencia para curar eſte genero de enfermidade. Por iſto, amando mais a utilidade alhea, que o deſcanſo proprio, puzemos todo o eſforço por concluir, & dar à luz eſta obra, que na mente ſe nos repreſentava ſempre grande, & difficultoſa; deſorte, que podiamos dizer o que Virgilio:

virg. 9. Æneid.

Aliquid jam dudum invadere magnum
Mens agitat mihi, nec placida contenta quiete eſt.

Juntàmos no fim deſte livro huma Diſſertaçaõ dos humores naturaes do corpo humano, obra muy neceſſaria para boa intelligencia deſtas Illuſtrações; & advertimos aos Leytores, que antes de entrar à liçaõ do livro, leaõ attentamente a dita Diſſertaçaõ; na qual ſe verà, ſegundo a doutrina dos Modernos, quantos, & quaes ſejaõ os humores naturaes do noſſo corpo, como ſe façaõ, & para que uſos ſirvaõ. Alli ſe acharà a principal doutrina da lympha, & dos ſeus vaſos: das glandulas: do ſucco pancreatico: do ſucco nervoſo: do ſangue, & da ſua circulaçaõ. Alli ſe verà como ſe fazem os cozimentos no eſtomago; & ſe acharàõ

varias novidades, que com muyta liçaõ, & grande trabalho pudemos reduzir a poucas folhas.

Bem ſuppomos, que pela variedade dos juizos, naõ agradarà a todos a empreza que tomàmos, & que eſtranharàõ muytos as novidades que proferimos; porèm naõ he noſſo intento ſolicitar os applauſos, ſenaõ inſinuar os remedios. Naõ buſcamos acclamaçõcs, aindaque neſte particular as pudèramos admittir ſem eſcandalo: buſcamos meyos para debellar as hoſtilidades do gallico, que pela communicaçaõ da gente, & pela fragilidade da natureza ſe tem feyto ſeu inimigo commum. Eſperamos que os homens doutos nos naõ condenem o trabalho; deyxando iſto para os ignorantes, & malevolos, que tudo reprovaõ mais por habito, que pro ciencia, à maneyra daquelles caens, que a todos ladraõ mais por coſtume, que por ferocidade, como jà notou Seneca, quando diſſe: *Malè loquuntur de me homines, ſed mali. Moverer, ſi de me Cato, aut Lelius loquerentur; nam malis diſplicere, laudari eſt. Moverer; ſi judicio hoc facerent, ſed morbo faciant. Non de me loquuntur, ſed de ſe. Benè neſciunt loqui; faciunt non quod merco, ſed quod ſolent; quibuſdam enim canibus ſic innatum eſt, ut non pro ferocitate, ſed pro conſuetudine latrent.*

Todo o eſcopo do noſſo intento he extinguir totalmente o contagio gallico, & facilitar a cura do azougue, como unico antidoto deſte veneno, com que inteyramente ſe extinguem todos os ſeus ſeminarios. Naõ ignorou Madeyra a poderoſiſſima virtude do mercurio contra eſte contagio; porèm negou-o inexperto em muytos caſos, em que hoje o uſamos ſem temor; valendo-ſe da ſalſa, & dos mais alexipharmacos vegetantes, em que ſó conſideramos virtude para remediar alguns danos, que o gallico cauſa; mas naõ para lhe extinguir os ſeus ſeminarios, & para lhe deſtruir os ſeus fermentos, que iſto ſó o póde fazer o mercurio; de cujas virtudes fallàmos jà no Tratado que eſcrevemos do uſo do azougue nos caſos em que he prohibido; obra que naõ parecendo mal a todos, tem cundido em utilidade de muytos; aſſim como as mais que temos dado ao prelo, cujo applauſo, & aceytaçaõ nos ſerviraõ de incentivo para continuar com mayor goſto na empreza de eſcrever; porque aindaque a ambiçaõ da gloria naõ he o fim a que ſe dirige a noſſa penna: naõ ha duvida, em que eſta ſe move com mayor impulſo, quando entre os perigos de cenſurada, logra as felicidades de applaudida.

Ovid. 4. de Ponto.

Excitat auditor ſtudium, laudataque virtus
Creſcit, & immenſum gloria calcar habet.

Eſta he a quinta obra que temos poſto em publico. Foy a primeyra a noſſa *Pleuricologia*, eſcrita na lingua Latina. A ſegunda o *Tratado do uſo do azougue nos caſos em q̃ he prohibido*, eſcrito na linguagem Portugueza. A terceyra, a *Medicina Luſitana, ou Soccorro Delphico*, eſcrito na meſma lingua. A quarta hum Tomo de Obſervaçõ-s Latinas, com o titulo de *Apiarium Medicum-Chymicum, Chirurgicum, & Pharmaceuticum.* E todas as compuzèmos entre a continua tarefa de viſitar enfermos; occupaçaõ, que neſta Corte leva todo o tempo; & ſe a fortuna favorecer os deſignios, ainda eſperamos concluir outras, em que actualmente nos occupamos.

Ovid. 2. Faſtor.

Hæc mea militia eſt, ferimus quæ poſſumus arma,
Dextraque non omni munere noſtra vacat.

Naõ eſcrevemos com o fim de deyxar memoria para a poſteridade: porque em acabando a vida, de que nos ſervem eſtas memorias? Nem com eſperança de premio: porque naõ eſtamos em ſeculos, em que ſemelhantes obras ſe reputem meritorias de alguma remuneraçaõ; do que jà ſe queyxava Marcial, quando dizia a Flacco a cauſa de naõ haver mais Virgilios, que o Mantuano:

Ingenium

Ingenium ſacri miraris abeſſe Maronis,
Nec quemquam tanta bella ſonare tuba.
Sint Mæcenates, non deerunt, Flacce, Marones; Martial. lib.8.epigram.56.
Virgiliumque tibi vel tua rura dabunt.

Eſcrevemos por inclinaçaõ do genio, & damos à luz os noſſos eſcritos, porque entendemos que pela ſua materia, & pela utilidade que póde reſultar delles, ſaõ muyto dignos de ſe publicarem. *Cur igitur ſcribam*, dizia Ovidio conſiderando o pouco que lhe valiaõ as obras, em que curioſamente ſe occupava:

Cur igitur ſcribam miraris, miror, & ipſe, Ovid. 1. de Pont. eleg.5.
Et mecum quæro ſæpè; quid inde feram?
Scilicet eſt cupidus ſtudiorum quiſque ſuorum;
Tempus & aſſueta ponere in arte juvat.

Entendeo Cicero, que os homens deviaõ trabalhar nervoſamente naquellas couſas para que tiveſſem cadencia: *Ad quas igitur res aptiſſimi erimus, in ipſis potiſſimum elaborabimus.* E propendendo o noſſo genio para o emprego de eſcrever, he certo que naõ tem eſtado ocioſo quem atè a idade de quarenta & ſete annos, entre o exercicio de curar muyto, roubando o tempo ao deſcanſo, ſoube compor as feridas obras, que temos dado à eſtampa. Queyra Deos Senhor noſſo, que todas cedaõ em louvor ſeu, & utilidade do proximo. Cicer de Offic.

Carta

Carta que Paſchoal Ribeyro Coutinho eſcreveo ao Doutor Franciſco da Fonſeca Henriques Author deſtas Illuſtraçõeſ.

SE quantas eſperanças ſuſtenta o coraçaõ chegaſſem a lograr o fim da minha eſperança, ninguem ſe atreveria a chamar a eſtas Ancoras da vida tormento inſeparavel da alma; ou na balança da razaõ, ou no equilibrio da experiencia, pezadas igualmente as eſperanças com as poſſes, ſempre o immenſo do eſperar excede o goſto do poſſuir. Só a minha eſperança foy privilegiada no ſeu martyrio; porque alèm de ſer breve a demora, o goſto de poſſuir eſta de V. M. cientifica Illuſtraçaõ ſuperabundou ao tormento de eſperar por ella.

Abri (Senhor meu) aquelle theſouro Apollineo, com que o laborioſo, ſe incanſavel eſtudo de V. M. enriqueceo o mundo de ciencia, a Patria de gloria, & a emulaçaõ de enveja. E apenas vi aquelle Ceo aberto na terra, quando abſortos os ſentidos, & embargadas as potencias, a imperios de hum jubilo exceſſivo, ſe julgàraõ, como Elias nas delicias de hum Paraiſo inexplicavel; vendo no Doutor Illuſtrado a Arvore da vida por beneficio da ciencia, & em V. M. ſeu Illuſtrador, a Arvore da ciencia, a quem he taõ devedora a vida.

Devedor pois (naõ ſó ao goſto, com q̃ V. M. me recreou o animo; mas tambem aos documentos, com que me illuſtrou o juizo, unindo o deleytavel da fraze a o util da doutrina) incorrèra eu no delito de ingrato, ſe de algum modo naõ moſtraſſe a V. M. como eſte ſeu novo raſgo ao meſmo tempo me deyxou illuſtrado, & ſatisfeyto. Iſto ſaõ propriedades do Sacramento, ſatisfazer deſejos, (*Adipe frumenti ſatiat te*) & alumiar diſcurſos (*Et illuminabo omnes*) E iſto que faz a Sagrada Euchariſtia por privilegio da graça, achamos neſte Tomo por virtude da ciencia.

Pſ. 147. v. 14. Eccl. cap. 24. v. 45.

Verdade he, que eſta obrigaçaõ, de que eu me conſtituo devedor, he divida univerſal de todos aquelles, a quem a fortuna conceder o banharem-ſe Ciſnes racionaes na douta afluencia de tanta erudiçaõ, mas eſte he o veterano, ſe iniquo coſtume do mundo, ſerem muytos os que recebem os beneficios, & muyto poucos os agradecidos delles. Lembrame dizer Saõ Lucas, que o Divino Medico curou dez leproſos, & ſó hum moſtrou o agradecimento, rendendo ao Senhor affectuoſo as graças *Unus autem ex illis regreſſus eſt, cum mana voce magnificans Deum.* Na ſeara da remuneraçaõ ſó ſe colhe o dizimo, quando muyto de dez hũ.

Luc. cap. 17. v. 14.

Obrigado pois no particular como amigo, & no commum como cortezão, me fuy diſpondo para idear em applauſo de V. M. hum Elogio: nunca ſeria cabal Deciſrador do grande empenho; era ſómente hum deſafogo da vontade, & huma reſpiraçaõ do deſejo: naõ ſe fizèra a Deos nenhum ſacrificio, ſe ſe houvèra de proporcionar a victima com a deidade.

Afiançado neſte pretexto, & querendo abrir os alicerſes para fundar o louvor, o entendimento, como amigo particular, me diſſe que os amigos devem dizer àquelles que temerarios ſolicitando os encomios, encontraõ com os precipicios. A que Eſfera (diſſe) ſe remonta a tua ouſadia? Naõ te lembra, que para azas de cera guarda o Ceo a moniçaõ de luzes? Naõ ves a Mageſtade do aſſumpto? o elevado do empenho? Ignoras ſer eſta Illuſtraçaõ hum pégo inſondavel? Pois como queres, que todo hum Oceano de ciencia ſe accommode na eſtreyta concha do teu Elogio? Conſidera, que es hum ruſtico penedo, & que aquelle ſingular Parto, he hum ſagrado Olympo. Adverte que es huma ſimplez Borboleta, & aquella Illuſtraçaõ huma generoſa Aguia. Sabe que es hum pobre regato, & aquelle livro hum profundo Oceano. E naõ cabem as immenſidades do Oceano, os voos da Aguia, nem as eminencias do Olympo em hum

hum Penedo toſco, em hum Inſecto nocturno, nem em hum Ribeyro mendicante. O louvor curto naõ applaude, offende: & para que queres tu deyxar offendido com hum Elogio raſteyro, aquelle que tu deſejas eternizar com o mayor Elogio?

Ao impulſo deſta advertencia, jà o diſcurſo hia colhendo as velas, ſe a memoria, em favor do meu deſejo, abrindo os theſouros de ſuas noticias, me naõ animàra com exemplares riquezas, dizendo ao meu temor: Se os corações ſaõ generoſos, tambem o louvor dos humildes he ouvido, & aceyto. Humilde era aquella mulher, & taõ humilde, como das Turbas: *Mulier de turba*; & com mais fé, que ciencia, & mais affecto, que eſtudo levantando a voz fez a Chriſto o mayor Elogio: *Extollens vocem, dixit illi: Beatus venter, qui te portavit, & ubera, quæ ſuxiſti.* Da boca dos pequenos (diz o mayor Oraculo do Ceo, & da terra) ſahè o louvor perfeyto: *Quia ex ore Infantium perfeciſti laudem.* E o meſmo Illuſtrador, que pertendes encomiar, te anima com a ſentença que proferio em a Dedicatoria do ſeu SOCCORRO DELPHICO, dizendo ao ſeu Mecenas: *Sempre os pequenos ſerviraõ de credito à grandeza, que nelles reluzem melhor as forças do ſeu poder.*

Luc. cap. 11. v. 27.

Matth. 21. v. 16.

Medicina Luſitana & Soccor. Delphico in Dedic.

Se a Natureza, & o Ceo te faltàraõ com o talento, ſe a ciencia te engeytou como incapaz della, o Author do Ceo, da Natureza, & da ciencia te deo animo, & te fecundou o coraçaõ para formares eſſe Elogio. E da abundancia do coraçaõ naſce a eloquencia da boca (diz o Evangeliſta Medico:) *Ex abundantia cordis, os loquitur.*

Luc. cap. 6. v. 45.

O certo he, que aquillo que ſe deſeja, facilmente ſe perſuade. Animado com eſte diſcurſo da memoria, me reſolvi a fazer o meu intentado Elogio; quando me lembrou, que os Romanos querendo eternizar entre os Heroes ao grande Eſculapio, lhe levantàraõ huma Eſtatua. Imitando eu tambem aquelle louvor mudo, mas perduravel, ſerà tambem o meu louvor erigir a V. M. outra. Lanço os perfis da ſemetria ſobre a verdade da hiſtoria; & depois a allegoria moſtrarà a propriedade da Eſtatua.

Theat. de los Dioſes 1. p. fol. 542.

Cercada Troya, & ameaçada ſua fatal ruina pela invaſaõ da bellicoſa Grecia, em favor de Priamo, veyo de Thebas ſeu ſobrinho Memnon. E como os animos valeroſos naõ cabem dentro dos muros, onde ſe admiraõ cercados; corpo a corpo deſafiou o Thebano Memnon ao Grego Aquilles, o qual em campanha raza ſe coroou de vitorias, deyxando ao valeroſo Memnon ſem vida.

Noticioſos os Thebanos do infelice ſucceſſo do ſeu amado Principe, buſcando logo ao mayor Eſtatuario daquelle ſeculo, para que levantandolhe em bronze a vera effigie do ſeu Heroe, aliviaſſe o metal impenetravel, a ſaudade em tantos corações penetrante.

Fez o Artifice o ſimulacro com a mageſtade, & perfeyçaõ que requeria o empenho; & ſendo conduzido ao alto cume de hum vizinho monte, & ficando com a face ao Oriente, em naſcendo o Sol banhava a Eſtatua de luz; entrandolhe pela boca hum rayo Delphico, o qual tanto que a illuſtrava, penetrandolhe o interior, ſe ouvia huma ſuave armonia no peyto do deſanimado bronze, que recreando os ouvidos, alcançou daquelles Idolatras Povos os mais celebrados cultos. Eſta a hiſtoria antiquiſſima, a allegoria porèm he taõ nova, como a primeyra vez, que ſahe a publico; mas com tanta felicidade, como ſahir para louvar.

Com. Tac. in Anal.

Ora (Senhor meu) o inſigne Eſtatuario he eſta alegoria figura expreſſa do Doutor Madeyra; porque o Imaginario tem viva correſpondencia com o Medico. Do Imaginario diſſe o Divino Platão (na ſua Republica) que havia de comprehender todas as Artes, ter noticia de muytas ciencias, naõ havia de ignorar

Plat. de Rep. 10.

norar as hiſtorias, & devia ſaber as fabulas. E do Medico diz tambem o Platão Divino da Predica (o Padre Antonio Vieyra) que deve ſaber todas as ciencias. Cada huma das noſſas faculdades he huma ciencia. A faculdade, & ciencia do Medico he hum ajuntamento de todas: & por iſſo he entre os homens, como o Cherubim entre os Anjos: *Cherubim, ideſt Plenitudo ſcientiæ.*

Vieyra, part. 11. fol. 218.

Syl. al. leg. verb. Cherub.

E decendo ao pratico, ainda he mais unica a ſemelhança; porque o Imaginario depois de deytar hum tronco ſobre o ſeu banco raſgalhe os olhos, curvalhe as ſobrancelhas, afilalhe o nariz, abrelhe a boca, & acaba com os pès; & de hum cepo informe, tira a fórma de hum homem perfeyto.

Da meſma ſorte o Medico; mas com mais valentia, porque com mayor ciencia. Ou a diſgraça, ou a ruim diſpoſiçaõ da natureza (ou tudo) combate, & proſtra ao homem com hum accidente; & à violencia do veneno, o que era homem agil, fica ſobre o leyto quaſi tronco deſanimado. Os olhos ſem exercicio, porque ficàraõ, ou trocados, ou cegos. A boca, ou ſe torce para os lados, ou ſe obſtina para os movimentos. Os braços languidos, & frios como deſatados do corpo, ficaõ proſtrados, & cahidos. O ventre, & o peyto ſem calor, com dureza, & frialdade de pedra, parecem à da ſepultura. Ultimamente as pernas, & os pès como membros ſeparados do corpo, nem o movem rebeldes, nem o conduzem obedientes.

Aſſim proſtrado o homem, ſem ter de vivente mais que huma palpitaçaõ mal diſtinta, entra o Medico como Imaginario a dar fórma àquelle tronco. E formando ideas, deyta penſamento às linnas; mede com o compaſſo da razaõ os ſymptomas do accidente; revolve os livros; conſulta aos Authores; obſerva o tempo; duplica as viſitas; applica os remedios; & pouco a pouco vay dando viva fórma à ſeminoria Imagem. Em ſumma, entre Eſtatuario, & Medico parece naõ haver diſſonancia, porque ambos levantaõ homens cahidos. E Deos ſoberano Prototypo de todas as ciencias: (*Omnis Sapientia à Domino Deo eſt*) ſe como Divino Imaginario levantou de barro a Eſtatua do homem, (*Faciamus hominem, &c.*) como Medico ſoberano a reformou do accidente, & fealdade do peccado: *Vulnerum noſtrorum ſanationem: pacis noſtræ reformationem.*

Eccl. cap. 1. v. 1. Gen. cap. 1. v. 26. Poliant. verb. Chriſtus.

E ſe tanta proporçaõ ſe acha entre o Medico, & o Imaginario, naõ he menor a que corre entre a Eſtatua, & o livro. O livro intitulado MADEYRA DE MORBO GALLICO, aſſim na primeyra, como na ſegunda Parte; aſſim na ciencia do eſpeculativo, como na experiencia do pratico encheo a Portugal de gloria, & ao mundo de admiraçaõ. E por eſte glorioſo caminho levou a ſeu Author ao Templo da eternidade. A Eſtatua de Memnon, ou erigida em bronze, ou elevada na admiraçaõ, que outra couſa foy ſenaõ hum glorioſo Padraõ, que eternizou na perpetuidade ao Artifice que o levantou? Naõ he outra couſa o ſimulacro erigido, ſe naõ hum livro mudo, onde os olhos, ſem a travaçaõ dos caracteres eſtaõ lendo a ciencia do Artifice que o organizou. Nem o livro he outra couſa mais que huma Eſtatua eloquente, onde o diſcurſo tomando o officio aos olhos, eſtà vendo as operações do animo. Em ſumma, a Eſtatua pelo material he corpo; & o livro pelo intellectual, & cientifico he alma. E aſſim como eſta he inſeparavel daquelle, antes que a morte os divida; aſſim o livro he o meſmo com a Eſtatua, depois que a Arte os coloca.

Finalmente, quem póde agora ignorar, que aſſim como o Thebano Eſtatuarto foy Allegoria do Doutor Madeyra; aſſim como o ſimulacro que aquelle erigio he Typo do livro que eſte eſcreveo. Aſſim tambem o Sol illuſtrando com os ſeus rayos a Eſtatua he o Hieroglifico mais proprio, & verdadeyro de V.M. illuſtrando com os rayos de ſua pena os diſcurſos daquella famoſa obra.

No

No ſentido Literal, & Hiſtorico diz o Profeta Malaquias, que naſceria o Sol, & que nas ſuas pennas traria a ſaude: *Orietur vobis Sol, & ſanitas in pennis ejus*; commutando em pennas voadoras o que haviaõ de ſer rayos de luzes ſoberanas. Malach. c. 4. v. 2.

Todas as pennas com que V. M. eſcreve, alèm de ſerem rayos luminoſos, ſaõ eſplendores beneficos; porque em ſeus eſcritos acha o genero humano preſervativos para os males futuros, & remedios para as enfermidades preſentes; porque de toda a ſorte viſſemos o *Sanitas* inſeparavel do *Pennis ejus*.

Rayo benefico foy o ſeu primeyro Tomo intitulado PLEURICOLOGIA, eſpada com que a Medicina degola os Pleurizes; pois aos golpes de ſeus agudos dictames naõ prevalecem do veneno os obſtinados combates Rayo benefico foy o ſeu SOCCORRO DELPHICO; ſegundo Parto de ſeu talento, com ordem ao numero, naõ ao merecimento; porque bem póde ſer o Primogenito da Medicina, conforme o commum ſentir dos Profeſſores da ciencia. Rayo benefico foy o ſeu APIARIO MEDICO, terceyro filho do continuado eſtudo com que V. M. uſurpa o nocturno deſcanſo à ſua (para todos neceſſaria) vida. Dizia Jacob nos annos de namorado: que o ſono fugia dos ſeus olhos: *Fugiebat ſomnus ab oculis meis*. V. M. como taõ grande amante do eſtudo, foge do ſono. Diz Ariſtoteles que a experiencia he fonte da ſabedoria: *Uſu, atque exercitatione Ars, & ſcientia comparatur*. Neſte terceyro volume abrio V. M. huma fonte de ciencia, porque todo elle ſe fórma de Obſervações, que a experiencia de V. M. colheo nas diverſas, difficultoſas, & invenciveis enfermidades a que aſſiſtio. Ultimamente Rayo benefico he eſta ILLUSTRAÇAM MAGISTRAL, Quarto Tomo, com qme à luz ſahe a fecundidade do ſeu raro talento. E ſe com quatro coroas (diz A Lapide) coroava a Antiguidade a hum Monarcha: *Reges, Corona, vel Florea, vel Frondea, vel Aurea, vel Gemmea redimere ſolebant*; bem póde o preſente ſeculo, ou cingir com ellas os ſeus quatro Tomos, ou coroallo a V. M. com todas quatro. Genes. cap. 31. v. 40. ALap. in Cant. c. 3. v. 11.

Diſſémos em outra occaſiaõ: Os Eſcritores eternizaõ-ſe, eternizando, porque nas penas das ſuas azas levaõ para a eternidade aos Heroes da fama; & de caminho com os Factores das acções heroicas, vaõ os Eſcritores dellas.

Iſto ſe verifica em V. M. porque quando fez huma Illuſtraçaõ ao grande Madeyra, com quatro titulos ſe illuſtrou a ſi. O primeyro titulo he o de Author: o ſegundo de Illuſtrador o terceyro de Amplificador: & o quarto de Corrector.

O primeyro titulo nos inculca a V. M. Author; mas Author, que authoriza: as ciencias authorizaõ aos homens; mas os homens (como V. M.) authorizaõ a ciencia. Nabal, como eſtulto, neſcio, & groſſeyro, era o diſcredito de Abigail, ſua mulher; ella porèm cõ ſuas virtudes o authorizou a elle Ruth, entre as mendiguezes de ſua infauſta fortuna, com as penurias de ſua pobreza menos cabava a Booz ſeu marido elle porèm com as riquezas de ſuas ſearas, & os frutos das ſuas eſpigas a authorizava a ella. No legitimo, & plauſivel conſorcio que V. M. contrahio com a ciencia Medica, ſe ella como Abigail o authoriza a V. M. V. M. como Booz a authoriza a ella. 1. Reg. c. 25 v. 3. Ruth. c. 4. v. 13.

O ſegundo titulo nos moſtra a V. M. Illuſtrador; mas ſe V. M. authoriza a ciencia, como naõ havia de illuſtrar a Medicina? Do ſabio diz o Eſpirito Santo, que ſe produz a ſi meſmo nas palavras com que ſe explica: *Sapiens in verbis producit ſe ipſum*. Quem por tantos principios he rayo luminoſo, como naõ havia de produzir Illuſtrações? De Chriſto Senhor noſſo diz o Evangeliſta amado, que era luz verdadeyra, porque illuſtrava a todos os homens: *Erat lux vera, quæ illuminat omnem hominem*. Os homens, que ſaõ mais que homens, entaõ ſaõ verdadeyras luzes, quando illuſtraõ aos outros. Eccl. cap. 10. v. 13. Ioan. cap. 1. v. 9.

***

O ter-

O terceyro titulo nos denota a V.M. Amplificador. Naõ depoſitou Deos em hum ſó homem todos os theſouros de ſua ſabedoria : a huns dotou com mais talentos, a outros com menos. Em todas as Artes,& Ciencias ſe os primeyros lográraõ a fortuna de Inventores; os ſegundos ſe contentàraõ com a gloria de os amplificar. Muyto diſſe Madeyra no ſeu Tomo de Morbo Gallico; mas naõ diſſe tudo, porque o que mais havia para dizer, ficou para V. M. que depois de o illuſtrar com tanta fecundidade, o amplificou com mais experimentada ciencia. Muyto, & muyto excellentemente bem eſcreveo entre os Gregos o famoſo Hippocrates; mas ſobre ſeus eſcritos, naõ diſſe pouco Galeno entre os Romanos. Verdade he que os que edificaõ ſobre alicerſes alheyos (dizem os Criticos) naõ levantaõ grandes Palacios: ao menos ſempre a ſua magnificencia eſtriba nos fundamentos alheyos. Iſto figurou hum Anonymo pintando hum menino nos hombros de hũ Gigante.Donde, ſe ſe attender a realidade, mayor que o Gigante pareceo o menino. Taes ſaõ as forças dos fundamentos, pois ſobre elles,quando ſaõ ſolidos, os pequenos parecem grandes. Mas como naõ haja regra,que naõ tenha ſua excepçaõ, aindaque Madeyra ſobre o Gallico foy hum grande homem, V.M. amplificando-o,ſerà menino; mas de cem annos: *Puer centum annorum.*

Iſai.cap. 65.v. 20.

O quarto, & ultimo titulo moſtra a V. M Correctòr : com a mudança dos tempos ſe mudaõ tambem as regras das faculdades : & o que ha trezentos annos era util, hoje póde naõ ſer proveytoſo. Com elegantes razões, em muytas partes do ſeu SOCCORRO DELPHICO prova V. M. eſta verdade, & ſeguindo a doutrina dos Modernos, reprova a diſciplina, & opiniaõ dos Antigos. Nem ſe Madeyra fora vivo, ſe eſcandalizàra da modeſta, & recta reprovaçaõ, com que a attençaõ de V. M. ſem lhe criminar a ciencia, o expõem correcto para utilidade publica. Só tendo Madeyra a condiçaõ de Pilatos, & a preſumpçaõ de muytos (que calla o ſilencio) poderia dizer: *Quod ſcripſi, ſcripſi.*

Joan.cap. 19.v.22.

Finalmente a ultima circunſtancia da Eſtatua de Memnon, he a harmonia que nella ſe ouvia, depois que o rayo do Sol a penetrava. E eſta harmonia tambem ſe eſtà vendo neſte novo, & allegorico ſimulacro. Digo, vendo porque naõ he novidade ſerem as vozes objecto dos olhos, quando para a percepçaõ das acclamações naõ baſtaõ os ouvidos: *Populus videbat voces.*

Exod.c. 20.v. 18.

A melhor harmonia naõ he aquella, que ſó ſe ſuſpende nos ouvidos, he ſim aquella, que paſſando das portas deſte ſentido, recrea a alma no ſeu mageſtoſo Palacio do entendimento. E eſta he a conſonancia doce, & ſuave, que como as Muſas no Parnaſo fazem as ciencias no homem. Eſta harmonia ſe acha neſta douta Illuſtraçaõ.

Diz o Real Profeta, que a Miſericordia, & a verdade ſe encontràraõ, a Paz, & a Juſtiça ſe abraçàraõ; & reciprocando-ſe os affectos, formàraõ hum admiravel Coro: *Miſericordia, & Veritas obviaverunt ſibi : Juſtitia, & Pax oſculatæ ſunt.* E o que no conceyto de David foy huma fermoſa congregaçaõ de virtudes, neſta Illuſtraçaõ he huma Real Univerſidade de ciencias. Aqui ſe encontra a Philoſophia compoſta de ſubtilezas; a Medicina ornada, & coroada de Pedras,de folhas,de flores,& de frutos.Aqui a Juriſprudencia,pezando na ſua balança as quantidades, dà a cada hum o que lhe pertence. Aqui a Mathematica com melhor Eſtrella, que com os ſeus Profeſſores, obſerva os Aſtros, para a conjunção dos remedios. Aqui ſe acha a Rhetorica perfeyta, porque perſuade com os exemplos, deleyta com as frazes, & inſinua com a ciencia. Em ſumma, neſta Illuſtraçaõ eſtà tudo com taõ acorde harmonia, com taõ cientifica ſuavidade, que nem o deſejo póde aſpirar a mais, nem de V. M. ſe eſperava menos.

Pſ.84.v. 11.

Finalmente (Senhor meu) nos Annaes de Tacito, onde vi o Coloſſo de Memnon,

Memnon, naõ achey inſcripçaõ alguma gravada no peyto do ſimulacro. E porque não tiveſſe eſta nota a Eſtatua, que a V. M. conſagro, nella gravarey o Penacho, que Ariſtoteles eſcreveo na que ao Divino Platão erigio: *Hic eſt ille quem probi omnes debent imitari, & commendare.* Eſta he a Imagem do famoſo Medico Franciſco da Fonſeca Henriques; cuja doutrina todos devem imitar, para ficarem como elle immortaes nos bronzes da eternidade, & eternos nos archivos da memoria. Text. tit. de flat.

Eſte he o meu Elogio; mais havia de dizer; porque por muytos principios ſou obrigado a dizer mais; mas valendome do Emblema de Alciato (de que V. M. já uſou) ſe a vontade com as azas quer ſubir, a ignoroncia com a pedra me naõ deyxa voar: *Dextera tenet lapidem, manus altera ſuſtinet Alas.* Supra-o os affectos porèm a cobardia dos voos. E com elle levantarey a V. M. às Eſtatuas mais ſeguras, porque as mais affectivas. Deos guarde a V. M. como deſejo, caſa 11. de Junho de 1715. Alc. emb. 110.

Servidor, & amante de V. M.

Paſchoal Ribeyro Coutinho.

AUTHORES ALLEGADOS NESTA OBRA.

A

Abraham Ecchelẽſe.
Adriaõ Amynſich.
Actio.
Agatino.
Santo Agoſtinho.
Alberto Magno.
O Doutor Alderete.
Alexandre Benedicto.
Alexandre Trajano Petronio.
Alexandre Quintillo.
Alexandre Maſſaria.
Alexandre Traliano.
Alexandre Grego.
Alfonſo Ferreo.
Aloiſo Mundella.
Aloiſio.
S. Agoſtinho.
Ambroſio Pareu.
Ambroſio Calepino.
Amato Luſitano.
Andrè Alcaçar.
Angelo Sala.
Andrè Laguna.
Andrè Ceſalpino.
Andrè Lourenço.
Andrè Antonio de Caſtro.
Andrè Veſſalio.
Andrè de Leon.
Andrè Bellunenſe.
Andrè Baccio.
Angelo Bolognino.
Antilo.
AntonioMuſa Braſavalo
Antonio Muſa antigo.
Antonio Fracanciano.
Antonio Chalmeteu Vegeſſaco.
Antonio Gallo.
Antonio Benivenio Florentino.
Antonio Ponce de Santa Cruz.
Antonio Scanarolo.
Antonio da Cruz.
Archigenes.
Ariſtoteles.
Arnaldo de Villanova.
Averroes.
Avenzoar.
Augerio ferrerio.
Avicena.
Aurelio Minadoo.
Auſonio.
Author do lib. de propriet. terum.

B

Bartholino.
Barbeyrac.
Benedicto Vitorio Faventino.
Bernardo Gordonio.
Benedicto Rinio Veneto
Benedicto Matamoros.
Bernardino Tomitano.
Bartholomeu Hidalgo.
Bartholomeu Montagnana Junior.
Bartholomeu Magio.
Bartholomeu Perdulce.
Bruno Lomburgenſe.
Borello.

C

Charleton.
Carteſio.
Caetano.
D. Caetano de S. Antonio.
Caio Juriſconſulto.
Camerario.
Carlos Muſitano.
Carolo Cluſio.
Cornelio Botekoe.
Celio Calcagnino.
Claudio Quinto Adolpho.
Claudiano.
Cleyero.
Conrado Geſnerio.
Conſtantino.
Cornelio Celſo.
Coradino Gelino
Cornaro.
Coſta.
Cypriano de Maroja.

D

David.
Daniel Senerto.
Diocles.
Dionyſio Daça.
Dionyſio Medico d'el-Rey Dom Joaõ o II.
Dionyſio Fontanono.
Dioſcorides.
Dominico Leono Lunenſe.
Donato Antonio Abaltomati.

E

Euſtachio Rudio.
Epiphanio Ferdinando.
Eſchneydero.
Eſpigelus.

F

Felipe Ingraſſias.
Feliz Platero.
Fernando de Oviedo.
Fernelio.
Filonio.
O Padre Franciſco Soares Granatenſe.
Franciſco Valhes.
Franciſco Valeriola.
Franciſco Frizimelica.
Franciſco Dias.
Franciſco Arze del Frexnal.
Franciſco Henriques de Villa Corta.
Frãciſco Deleboe Sylvio.
Franciſco Gliſſonio.
Fracaſſato.
Florentino Schyl.
Madama Focquet.

Gaſpar

G

GAſpar Bravo de Sobremonte Ramires.
Gaſpar dos Reys Frãco.
Gabriel.
Gabriel Fallopio.
Galeno.
Garcia de Horta.
Garcia Lopes.
Geber.
George Agricola.
George Vella Brixienſe.
George Gainerio.
O Doutor Gil.
Godifrido Moebio.
O Doutor Godines.
Gonçalo Fernandes de Oviedo.
Galterio Rufio.
Gaſpar Torrella, Biſpo de Santa Juſta.
Guido.
Guilherme Harveo.
Guilherme Salaceto.
Guilhelmo Rondelecio.
Guilhelmo Placentino.

H

HAliabas.
Henrico.
Herophilo.
Hercules de Saxonia.
Herodoto.
Higmon.
Hieronymo Fracaſtorio.
Hieronymo Mercurial.
Hieronimo Capivaceo.
Hieronymo Cardano.
Hieronymo Bruſuecẽſe.
Hieremias Brachelio.
Hippocrates.
Hiſtoria plantarum de Rovilio.
Horacio.
Horſtio.
Horacio Augenio.
Horacio Gargantino.
Hugo Senenſe.

I

JAcoboHẽriquesPauli.
Jacobo Cataneo.
Jacobo de Partubus.
Jacobo Forolovienſe.
Jacobo Hollerio.
Jacobo Sylvio.
O Papa Innocencio III.
S. Joaõ Evangeliſta.
Joannes de Vigo.
Joaõ Riolano.
Joaõ Baptiſta Montano.
Joaõ Baptiſta Corteſio.
Joaõ Crato.
Joaõ Baptiſta Theodoſio.
Joaõ Conſtant de Rebecque.
Joaõ Zuvelfer.
Joaõ Baptiſta Vanhelmont.
Joaõ Fragoſo.
Joaõ Calvo.
Joaõ Curvo Semedo.
Joaõ Doleu.
Joaõ de Almenar.
Joaõ Paſchale Sueſſano.
Joaõ Monardo Ferrarienſe.
Joaõ Sylvio Inſulenſe.
Joannes de Rupe Sciſa.
Joaõ Jorge Uvirſungio.
Joaõ Jacobo Mangeto.
Joaõ Benedicto.
Joaõ Langio.
Joaõ Coſteu.
Joaõ Franco Hildeſio.
Joaõ Ruelio.
Joaõ Schrodero.
Joaõ Miguel Savanarola.
Joaõ Plateario.
Joaõ Guitero Audernaco
Joaõ Oveno.
Joaõ Pecqueto.
Jorge Encio.
Joſeph Laurencio.
Joſeph Jacſon.
Joſepho Struthio.
Julio Ceſar Scaligero.
Juliano Palmario.
Julio Ceſar Claudino.
Julio Paulo Craſſo.

K

KUnrado.

L

LAnfranco Mediolanenſe.
Laurencio Phriſio.
Lazaro Riverio.
Lazaro Sotto.
Leonardo Fiovaranto.
Leonardo Botallo.
Leonardo Schamo.
Leonardo Fuhſio.
Levino Lemnio.
Lindano.
Lopes.
Lourenço Jouberto.
Lotichio.
Louver.
Lucano.
Lucas Gainus.
Lucrecio.
Luis Mercado.
Luis de Oviedo.
Ludovico Septalio.
Ludovico Bilſio.
Luis Lobera.

M

MAgiſter de Sanctis.
Marcello Donato.
Marcello Malpigio.
Marcio Smirneu.
Marcial.
Mariano.
Mariano Santo Barolitano.
Moyſes Charràz.
Martinho Rulando.
Mariano Bocardo Veneto. Ma-

AUTHORES ALLEGADOS.

Mathias Lobelio.
Mathias Unzero.
Meſue.
Mundella.
Michael Angelo Blondo.
Miguel Joaõ Paſchalio.
Miguel Ettmullero.
Mollembroch.

N

NAtalis Monteſaurus.
Nicolao Dorcomano.
Nicolao Monardes.
Nehemias Greuu.
Nicolao Maſſa.
Nicolao Lemeri.
Nicolao Florentino.
Nicolao Machelo.
Nicolao Poll.
Nicolao Leoniceno.
Nicolao Steno.

O

OLdemburgio.
Oribaſio.
Oſualdo Crolio.
Ovidio.
Olao Rudbecio.

P

PAulo Sarpa.
Paulo Milio.
Paulo Egineta.
Pauſanias.
Pechlino.
Pedro de Largelata.
Pedro Lopes de Leaõ.
Pedro de Torres.
Pedro Gracia.
Pedro Haſcardo Inſulano.
Pedro Andrè Methiolo.
Pedro Foreſto.
Pedro Aponenſe Conciliador.
Pena.
Petro Mainardo Veronenſe.
Petro Trapolino.
Petro Bayro Taurinenſe.
Petro Severino Dano.
Petro Bonato.
Philippe Cyrugo.
Pio de Marra Abbade da magno Cruz.
Plataõ.
Plinio.
Proſpero Burgaratio.

Q

QUercenato.

R

REdoneo.
Rhodio.
Renodeo.
Regnero de Graaf.
Raymundo Lullio.
Rhaſis.
Raineiro Soleander.
Relaçaõ da cura do Almirante de Napoles.
Rogerio.
Ruy Dias de la Isla.
Roberto Bole.
Ruyſch.

S

SCribonio.
Schenchio.
Sebaſtiaõ Aquilano.
Sebaſtiano Naſio Ceſalpino.
Sinapio.
Semeaõ Piſtoreo.
Seneca.
Serapiaõ.
Simaõ Pauli.
Suvamerdamio.
Symſom.
Strabo.
Suetonio Tranquilo.

T

TErencio.
Tenque.
Theodorico.
Theophraſto.
Theophraſto Paracelſo.
Theveto.
Santo Thomàs.
Thomàs Bartholino.
Thomàs Roiz da Veyga.
Thomàs Jordano.
Thomàs Uvillis.
Tobias Cucudino.

V

VValeo.
Verulamio.
Valeſco de Taranta.
Valerio Martinho Veneto.
Victor Trincavella.
Vido Vidio Florentino.
Virgilio.
Vitruvio.
Ulriche de Uten.
Uvanpelino Hoc de Brakenau.
Uvedelio.

Z

ZAcuto Luzitano.

INDICE

DOS

CAPITULOS, E NUMEROS DESTE LIVRO.

CAPITULO I.

DOS varios nomes, que o morbo gallico teve. pag.1.

CAP. II. Da essencia do morbo gallico, & sua definiçaõ. pag.4.

CAP. III. Das especies, ou differenças do morbo gallico. pag 10.

CAP. IV. num. 1. Dos sinaes do morbo gallico. p. 13.

Num.2. Sinaes ordinarios do morbo gallico. p. 16.

Num. 3. Sinaes que distinguem o morbo gallico da lepra. pag.17.

Num. 4. Propõem-se alguns exemplos para conhecer affectos do morbo gallico quando saõ duvidosos. pag.18.

Primeyro exemplo. Ibid.

Num. 5. Segundo exemplo. pag.19.

Num.6. Terceyro exemplo. Ibid.

CAP. V. Das causas do morbo gallico. pag.24.

CAP. VI. num. 1. Prognosticos do morbo gallico. pag.28.

Num. 2. Prognosticos, que se tomaõ da natureza do doente. Ibid.

Num.3. Prognosticos que se tomaõ da intençaõ, ou extenção da qualidade gallica. p.29.

Num. 4. Prognosticos que se tomaõ das enfermidades com que se cõplica, p.31.

Num. 5. Termos do morbo gallico quando mata. pag.16.

CAP. VII. Cura do morbo gallico incipiente. pag.40.

Num. 1. Das pustulas das partes bayxas. Ibid.

Num. 2. Cura das pustulas gallicas, que nascem de contagio novamente contrahido nas partes bayxas pag 41.

CAP. VIII. Cura das chagas, que de fresco nascem nas partes da boca, ou bayxas, a que o vulgo chama cavallos, nascidas de contagio gallico contrahido de fresco antes de se communicar ao figado. pag.47.

Num. 2. Cura do primeyro genero de chagas. pag.48.

Num. 3. Cura do segundo genero de chagas. p. 49.

Num. 4 Cura do terceyro genero de chagas. p. 50.

Num. 5. Advertencia àcerca das chagas da boca, & peytos. p.51.

Num. 6. Que se fará sobrevindo grande inflammaçaõ. pag.52.

Num. 7. Propõemse, & solta-se huma duvida àcerca do sobredito. pag.53.

CAP. IX. Do tumor, clausura, & outros vicios do prepucio. pag.59.

CAP. X. Das verrugas, que nascem das partes bayxas por cõtagio gallico.p 62.

CAP. XI. num. 1. Da gonorrhea purulenta, a que o vulgo chama esquentamento. pag.66.

Num.2. Cura da gonorrhea purulẽta, ou esquentamẽto em seus principios.p.68.

Num. 3. Cura da gonorrhea purulenta depois de passarem os symptomas do principio. p.69.

CAP. XII. num. 1. Do tumor da verilha, a que chamaõ bubaõ, & vulgarmente encordio, ou mula. p.80.

Num.2. Cura do bubão gallico que procede de humores quentes. p.82.

Num. 3. Cura do bubão gallico de humores frios. p.84.

CAP. XIII. num. 1. Da hernia gallica. p.91.

Num. 2. Cura da hernia humoral gallica. p.93.

CO-

COMEÇA-SE A TRATAR DA cura do morbo gallico confirmado.

CAPITULO XIV.

CURA da primeyra, & ſegunda eſpecie de morbo gallico. p 98.
CAP. XV. Cura da terceyra eſpecie de morbo gallico. p.106.
CAP. XVI. Cura da quarta eſpecie de morbo gallico. p.108.
CAP. XVII. num.1. Do guayacão, ou páo das Antilhas, & páo ſanto. p.113.
Num.2. Eleyção do páo ſanto, & guayacão. p.114.
Num. 3. Qualidades manifeſtas, & occultas do guayacão, & páo ſanto. p.115
Num. 4. Uſo conveniente do guayacão, & páo ſanto. p.116.
CAP. XVIII. num. 1. Da ſalſa parrilha. p. 120.
Num. 2. Deſcripção da ſalſa parrilha. p.121.
Num.3. Eleyção da ſalſa parrilha. p.122.
Num. 4. Qualidades da ſalſa parrilha. Ibid.
Num. 5. Uſo conveniente da ſalſa parrilha. p.123.
Num.6. Cumo da ſalſa. p.124.
Num. 7 Xarope da ſalſa. p.125.
Num.8. Pòs, talhadas, trociſcos, conſervas, pirolas, bolos de ſalſa. Ibid.
CAP. XIX. num. 1. Do páo, ou raiz da China. p.127.
Num. 2. Deſcripção do páo, ou raiz da China. p.128.
Num. 3. Eleyçaõ, & qualidades. Ibid.
Num. 4. Uſo do páo, ou raiz da China. p.129.
Num. 5. Raiz da China que ſe acha em Indias de Caſtella. p.130.
CAP. XX. Num. 1. De como ſe hão de fazer os cozimentos em vinho, ou ſoro. p.132.
Num.2. Receyta do vinho ſanto. p. 133.
Num.3. Outro vinho excellente. p. 134.
Num. 4. Cozimento que ſe faz em ſoro. Ibid.
CAP. XXI. Dos cozimentos que em caldo de carne ſe fazem. p.136.
CAP. XXII. Dos cozimentos que ſe fazẽ em dous vaſos, & por deſtillação. p.138.
CAP. XXIII. num. 1. Do regimento, q̃ devem ter os que ſuaõ. p.139.
Num. 2. Caſa em que ſe hão de tomar os ſuores. Ibid.
Num.3. Comer dos que tomão ſuores, a hora, & numero delles. p.140.
Num. 4. Acode-ſe aos accidentes, que ſobrevem aos que tomão ſuores. p.141.
Num. 5. Purga que ſe coſtuma dar no meyo, & no fim dos ſuores. p.143.
Num.6. Regimento que ſe ha de ter depois dos ſuores, & qualquer outra peſſoa, que de outro modo ſe curar do morbo gallico. p.145.
Num. 7. Agua, vinho, carne, peyxe. Ibid.
Num.8. Fruita, & ervas. p.146.
Num.9. Fruitas ſecas. Ibid.
Num.10. Sono, vigilia, exercicio p.147.
Num.11. Do ar, que ſe reſpira, & mas couſas não naturaes. p.148.
CAP. XXIV. num. 1. De varios modos, porque ſe póde curar morbo gallico ſem ſuores, & ſem azougue. p.154.
Num. 2. Apozema de Dom Fernando. Ibid.
Num.3. Outra cura de ſalſa em Apozema. p.155.
Num. 4. Outras Apozemas contra morbo gallico. Ibid.
Num.5. Outra Apozema freſca para febricitantes, & peſſoas calidas do figado. p.156.
Num. 6. Outra Apozema experimentado. Ibid.
Num. 7. Outra cura, que chamaõ de de jarrilhos. p.157.
Num. 8. Xarope magiſtral contra morbo gallico. p.158.
Num.9. Outro Xarope menos cuſtoſo. Ib.
Num. 10. Outro xarope muyto efficaz. p 159.
Num. 11. Xarope magiſtral de ſalſa que ſe uſa em Sevilha. Ibid.
Num. 12. Outro xarope do meſmo Author. Ibid.
Num. 13. Conſerva para curar morbo gallico.

gallico. pag.160.
Outra conſerva. Ibid.
Outra conſerva. Ibid.
Outra conſerva. Ibid.
Num. 14. Bocados, ou bolos para curar o morbo gallico. pag.160.
Outros bocados. Ibid.
Outros. Ibid.
Num. 15. Talhadas para curar o morbo gallico. pag 161.
Outras talhadas. Ibid.
Outras. Ibid.
Outras. Ibid.
Num. 16. Pòs para curar morbo gallico. Ibid.
Outros pòs. Ibid.
Outros. Ibid.
Outros. Ibid.
Num. 17. Pirolas para curar morbo gallico. Ibid.
Outras pirolas. pag.152.
Outras pirolas. Ibid.
Num. 18. Vinho para curar morbo gallico. Ibid.
Num. 19. Outro vinho de Pedro de Torres para curar o morbo gallico. Ibid.
Num. 20. Vinagre, com que ſuavemente ſe cura o morbo gallico pag.163
Num. 21. Advertencia àcerca das quantidades dos alexipharmacos. Ibid.
Num. 22. Outra advertencia àcerca da eleyçaõ de qualquer deſtes remedios. Ibid.
CAP. XXV. Num. 1. Do azougue, & cura, que com elle ſe faz aos gallicados. pag.164.
Num. 2. Eleyçaõ do azougue. pag.165.
Num. 3. Qualidades, & virtudes do azougue. pag.166.
Num. 4. Do uſo, & rectâ adminiſtraçaõ do azougue. pag.167.
Num. 5. Unguentos do azougue para curar morbo gallico. Ibid.
Num. 6. Unguentos do azougue para toda a compleyçaõ. pag.169.
Num. 7. Unguentos do azougue para cada particular temperamento. Ibid.
Para os cholericos, & ſanguineos. p.170.
Num. 8. Para fleumaticos, & melancholicos. pag.171.
Num 9. Unguentos que de ordinario ſe uſaõ nas boticas. Ibid.
Num. 10. A que partes ſe aplicaõ os unguentos do azougue. pag.173.
Num. 11. Que quantidade de unguento ſe ha de applicar. Ibid.
Num. 12. Que numero de unturas convem dar-ſe a cada enfermo. p.174.
Num. 13. Se o doente naõ cuſpir, nem houver outra evacuaçaõ com as unturas, que ſe ha de fazer. pag.175.
Num. 14. De que modo ſe applica o unguento. pag 176.
Num. 15. A que tempo ſe ha de applicar o unguento, & qualquer outra medicina do Mercurio. Ibid.
CAP. XXVI. Dos indicantes, & prohibentes da cura do azougue. p.181.
Num. 1. A que affectos gallicos convem a cura do azougue. Ibid.
Num. 2. Que couſas ſaõ as que pódem impedir a cura do azougue. pag.182.
Num. 3. Como impedem as couſas naturaes. pag.183.
Num. 4. Como impedem as preternaturaes. Ibid.
Num. 5. Como impedem as couſas naõ naturaes. pag.184.
CAP. XXVII. num. 1. Como ſe acode aos ſymptomas, que o mercurio excita. pag.190.
Num. 2. Como ſe acode à inflammaçaõ da garganta, lingua, & mais partes da boca, ou do roſto. pag.191.
Num. 3. Como ſe deve acodir às dores da boca. Ibid.
Num. 4. Como ſe remedeaõ as chagas da lingua, & gengivas. pag.192.
Num. 5. Como ſe acode à evacuaçaõ do cuſpo ſendo immodica. Ibid.
Num. 6. Vinagre purgativo. pag.193.
Num. 7. Como ſe ha de acodir ao dano dos doentes. Ibid.
Num. 8. Como ſe acode ao fedor da boca. p.194.
Num. 9. Como ſe emendarà a cor do roſto. Ibid.
Num. 10. Como ſe rededearàõ as vigilias dema-

demaſiadas. Ibid.
Num. 11. Como ſe acode ao que lança eſcarros de ſangue. p.195.
Num. 12. Como ſe acode aos agaſtamentos, & ancias do coraçaõ. p 196.
Num. 13. Como ſe acode aos deſmayos, & à fraqueza. Ibid.
Num. 14. Como ſe acode à difficuldade da reſpiraçaõ. p.198.
Num. 15. Como ſe acode à febre aguda. p.199.
Num. 16. Como ſe remedea a dor do eſtomago, & tripas. Ibid.
Num. 17 Como ſe acode às camaras demaſiadas, & dyſenterias. p.200.
Num. 18. Como ſe acodirà à ſuppreſſaõ da camara, & ourina. p.201.
Num. 19. Que ſe ha de fazer ficando o azougue no corpo. Ibid.
CAP. XXVIII. num. 1. Emplaſtos, & cerotos de azougue para curar morbo gallico. p.208.
Num. 2. Emplaſtos de rans de Joannes de Vigo. p.209.
Num. 3. Emplaſtos de Nicolao Maſſa. p.210.
Num. 4. Emplaſtos de Alexandre Trajano Petronio. Ibid.
Num. 5. Outros emplaſtos de noſſa compoſiçaõ. Ibid.
Num. 6. Emplaſtos para naturezas calidas. p.211.
Num. 7. Emplaſtos para naturezas frias. Ibid.
CAP. XXIX. num. 1. Dos fumos do cynabrio, & cura que com elles ſe faz. p.212.
Num 2. Receytas que alguns Authores ordenaõ do cynabrio para os fumos. p.214.
Num. 3. Receytas da noſſa compoſiçaõ para os fumos com que ſe cura o morbo gallico. p.215.
Num. 4. De que modo ſe devem dar os fumos. p.216.
Primeyro modo. Ibid.
Num. 5. Segundo modo de adminiſtrar os fumos. p 217.
Num. 6. Que numero de fumos ſe devem dar a cada enfermo. p.218.
Num. 7. Se ſe darà hum, ou dois fumos cada dia. Ibid.
Num. 8. Regimento dos que tomaõ os fumos. Ibid.
Num. 9. Outros modos menos convenientes de tomar os fumos. p.219.
CAP. XXX. num. 1. da adminiſtraçaõ do azougue pela boca. p.220.
Num. 2. Pirolas de Mercurio contra morbo gallico. p 221.
Num. 3. Pós de azougue precipitado para curar morbo gallico. p 225.
Num. 4. Ordinatas do precipitado contra morbo gallico. p.225.
Num. 5. Advertencias àcerca dos pòs precipitados. p.225.
Num. 6. Nova, & ſeguriſſima preparaçaõ do azougue que chamaõ precipitado branco, com que ſe cura o morbo gallico. p.228.
Num. 7. Outra preparaçaõ de azougue precipitado. p.230.
Num. 8. Outros modos de curar com azougue. Ibid.
CAP. XXXI. num. 1. De outros medicamentos, com que alguns Authores curaõ o morbo gallico. p.235.
Num. 2. Legacaõ. p.236.
Num. 3. Saponaria. Ibid.
Num. 4. Saſſifraz. p.237.
Num. 5. Buxo, Jumpero, & outros páos, & ervas. Ibid.
Num. 6. Parecer ſobre os ditos medicamentos. Ibid.
Num. 7. Outros remedios que alguns Authores experimentàraõ contra o morbo gallico. p.238.
Num. 8. Opiatas, & aguas de Fernelio. Ibid.
Num 9. Advertencia ſobre os medicamentos de morbo gallico. p.239.

CO-

COMEÇA-SE A TRATAR DOS particulares affectos do morbo gallico confirmado, & das enfermidades, que com elle se complicaõ.

CAPITULO XXXII.

ORDEM geral, que se hade ter na cura do morbo gallico complicado com outras enfermidades, & com certas cousas naturaes. p. 242.
Num. 2. *Das enfermidades complicadas, cuja cura se compadece com a do morbo gallico.* *Ibid.*
Num. 3. *Das enfermidades complicadas, cuja cura repugna à do morbo gallico.* p. 243.
Num. 4. *Da complicaçaõ do morbo gallico com certas cousas naturaes.* p. 244.
CAP. XXXIII. *Das febres gallicas podres.* p. 245.
CAP. XXXIV. *Da hectica gallica.* p. 249.
CAP. XXXV. *num.* 1. *Dos tumores gallicos.* p. 254.
Num. 2. *Gomas gallicas.* p. 255.
Num. 3. *Abscessos gallicos.* p. 258.
Num. 4. *Declara-se hũa duvida.* p. 261.
CAP. XXXVI. *num.* 1. *Das pustulas gallicas, & sinaes q̃ dellas ficaõ.* p. 263.
Num. 2. *Sinaes que ficaõ das pustulas gallicas.* p. 265.
CAP. XXXVII. *num.* 1. *Da sarna, impigens, & fleuma salsa do morbo gallico.* p. 266.
Num. 2. *Impigens, & fleuma salsa do morbo gallico.* p. 267.
CAP. XXXVIII. *Do defluvio de cabellos, q̃ succede aos gallicados.* p. 268.
CAP. XXXIX. *num.* 1. *Das talparias.* p. 271.
Num. 2. *Cura das talparias.* p. 272.
CAP. XXXX. *Num.* 1. *Do osso do padar, & outros ossos corruptos.* p. 275.
Num. 2. *Chagas gallicas.* p. 276.
CAP. XXXXI. *Dos estillicidios gallicos.* p. 277.
CAP. XXXXII. *Das obstruçoens complicadas com morbo gallico.* p. 280.
CAP. XXXXIII. *Do fluxo do ventre gallico.* p. 284.
CAP. XXXXIV. *num.* 1. *Das carnosidades, & callos, que nascem dentro do cano da ourina.* p. 287.
Num. 2. *Causas.* *Ibid.*
Num. 3. *Sinaes.* p. 288.
Num. 4. *Prognosticos.* p. 290.
Num. 5. *Cura das carnosidades, & callos do cano da ourina.* p. 291.
Num. 6. *Primeyra intenção.* *Ibid.*
Num. 7. *Segunda intenção.* p. 293.
Num. 8. *Terceyra intenção.* p. 295.
Num. 9. *Causticoforte de Felippe.* p. 296.
Num. 10. *Outros causticos experimentados.* *Ibid.*
Causticos fortes. *Ibid.*
Num. 11. *Causticos mediocres.* p. 297.
Num. 12. *Causticos brandos.* *Ibid.*
Num 13. *Instrumentos, de que se deve usar para applicar o causticó.* p. 298.
Num. 14. *Ordem, & modo de applicar o causticó.* p. 299.
Num. 15. *Quarta intenção.* p. 301.
Num. 16. *Quinta intenção.* p. 303.
Num. 17. *Sexta intenção,* p. 304.
Num. 18. *Cura paleativa das carnosidades, & callos.* p. 305.
CAP. XXXXV. *num.* 1. *Das chagas gallicas de dentro do cano da ourina, & outros symptomas della que procedem de qualidade gallica.* p. 308.
Num. 2. *Cura das chagas de dentro do cano da ourina.* p. 310.
Num. 3. *Advertencias àcerca de outros symptomas gallicos.* p. 311.
CAP. XXXXVI. *Das dores gallicas.* p. 312.
CAP. XXXXVII. *Da gotta artetica gallica.* p. 315.
CAP. XXXXVIII. *Das ragadias, & callos, que nascem nos pès, & mãos dos gallicados.* p. 319.
CAP. XXXXIX. *Como se hade curar a mulher prenhe gallicada.* p. 320.
CAP. L. *num.* 1. *Como se curarà o menino, que padece morbo gallico.* p. 323.
Num. 2. *Cura dos meninos de mama.* *Ibid.*
Num. 3. *Cura dos meninos que jà não mamaõ.* p. 324.

OBSERVAÇOENS QUE SE CONTEM nas illuſtraçoens deſte Livro.

1. *OBſervação de humas dores de cabeça em huma mulher gallicada.* p. 12.
2. *Obſervação de huma melancholia hipocondriaca gallica.* p. 20.
3. *Obſervação de hum hidropico aſcitico gallicado.* p. 21.
4. *Obſervação de hum hipocondriaco eſcorbutico.* p. 24.
5. *Obſervação de huma mulher viuva gallicaaa.* pag. 33.
6. *Obſervação de hum homem gallicado de freſco com grandes danos.* p. 35.
7. *Obſervação de huma mulher que não ſentindo queyxas gallicas, contagiava inſignemente todos os homens a que ſe proſtituhia.* p. 36.
8. *Obſervação de hum gallicado, que cahindo de hum cavallo ficou com varios danos, de que ſe curou com azougue.* p. 37.
9. *Obſervação de huma mulher gallicaau, que apoſtemandolhe huma ſangria, ſe curou com azougue.* p. 37.
10. *Obſervação de hum gallicado que morreo de faſtio.* p. 38.
11. *Obſervação de hum homem, que applicandolhe agua de tanchagem em huma chaga da parte pudenda, ſe offendeo inſignemente, & eſteve à morte.* p. 43.
12. *Obſervação de hum hectico gallicado por congreſſo nefando.* p. 64.
13. *Obſervação de hum homem com muytas verrugas.* p. 65.
14. *Obſervação de huma verruga gallica grande na parte pudenda.* p. 65.
15. *Obſervaçoens de gonorrheas purulentas curadas pelo novo methodo que propomos contra o methodo commum.* p. 79.
16. *Obſervação de hum encordio gallico.* p. 89.
17. *Obſervação de huma hernia carnoſa ſuppurada em hũ gallicado.* p. 98.
18. *Obſervação de humas chagas gallicas do nariz, curadas com azougue.* p. 104.
19. *Obſervação, & cura de hum gallicado.* p 135.
20. *Obſervação de hum gallicado, que ſe offendia com a quentura do ar tomando ſuores.* p. 149.
21. *Obſervação de huma ophtalmia gallica curada com banhos.* p. 153.
22. *Obſervação de hum eſtupor em hum homem gallicado, que ſe curou com banhos de Caldas, & com xarope de ſalſa que tomava ao entrar no banho.* p. 153.
23. *Obſervação de huma mulher, que tomando unturas de azougue ſem boa preparação, eſteve em gravíſſimo perigo.* p. 178.
24. *Obſervação de hum hectico gallicado que ſe curou com azougue.* p. 180.
25. *Obſervação de hum moço, que pondo unguento de azougue na cabeça, para matar os piolhos, teve logo huma grave doença com crueis ſymptomas.* p. 181.
26. *Obſervação de huma febre continua, com curſos, toſſe, & outros ſymptomas, curada com azougue.* p. 187.
27. *Obſervação de hum tiſico, que não tendo gallico ſe curou com azougue.* p. 187. 181.
28. *Obſervação de huns accidentes de gotta coral curados com azougue.* p. 188.
29. *Obſervação de huns accidentes de gotta coral em homem velho curados com azougue.* p. 188.
30. *Obſervação de hum gallicado, que tomando azougue pela boca, eſteve às portas da morte.* p. 206.
31. *Obſervação de hum gallicado, que depois de tomar ſuores uſou de emplaſtos de azougue.* p. 212.
32. *Obſervação de outro gallicado, que uſou dos meſmos emplaſtos.* p. 212.

33. *Obſer-*

33. *Observação de humas quartans curadas com azougue.* p. 232.
34. *Observação de hum gallicado, que se curou com caldos de cobras.* p. 240.
35. *Observação de hum gallicado, que sarjando-o nas espadoas, não lhe curarão as sarjaduras atè tomar azougue.* p. 247.
36 *Observação de hum gallicado, que suppurtandolhe huma parotida, não cicatrizou sẽ tomar azougue.* p. 247.
37. *Observação de hum hidropico curado com azougue.* p. 247.
38. *Observação de huma febre gallica curada com azougue.* p. 248.
39. *Observação de huma febre gallica curada com suores.* p. 249.
40. *Observação de huma goma gallica que por ignorancia de Cirurgião supportou, & corrompeo a perna.* p. 262.
41. *Observação de huma goma suppurada com corrupção do osso, que se curou com mercurio.* p. 275.
42. *Observação de huma dor gallica fortissima em huma perna, que cessava com agua fria.* p. 314.
43. *Observação de huma gotta artetica gallica.*

DISSERTAÇAM UNICA

Dos humores naturaes do corpo humano. p. 239.

Anteloquio. Ibid.

CAP. UNICO. *Dos humores que ha no corpo humano, quaes sejaõ, & para que usos sirvaõ.* Ibid.

Artic. 1. Que cousa seja humor. Ibid.

Artic. 2. Do numero, & geraçaõ dos humores. p. 330.

§. 1. *Refere-se, & refuta-se a opiniaõ dos Antigos.* Ibid.

§. 2. *Propoem-se a opiniaõ dos Modernos.* p. 332.

§ 3. *Propala-se a nossa opiniaõ.* Ibid.

Artic. 3. Do Chylo. p. 333.

Que cousa seja Chylo, como se faça, & para que usos sirva? Ibid.

Artic. 4. Do sangue. p. 335.

Que seja o sangue, como, & em que parte se faça, de que maneyra circule, & para que usos sirva? Ibid.

Artic. 5 da Cholera. p. 342.

Que seja Cholera, de que materia, como, em que parte, & para que fins se gère? Ibid.

Artic. 6. Da Lympha. p. 345.

Que cousa seja lympha, quaes os seus vasos, em que parte, & de que materia se faça, & para que usos sirva? Ibid.

Artic. 7. Do Succo Pancreatico. p. 348.

Que cousa seja, de que materia conste, & para que usos sirva? Ibid.

Artic. 8. Do Succo nervoso. p. 350.

Que seja, & para que usos sirva? Ibid.

ERRATAS QUE SE DEVEM EMENDAR ANTES DE LER.

Pag. 4. lin. 3. affectaçaõ.	lea-se effetaçaõ.
Pag. 20. ad fin. das phantasmas.	dos phantasmas.
Pag. 45. lin. 5. no que advertiraõ.	no que naõ advertiraõ.
Pag. 45. lin. 16. partes internas.	partes externas.
Pag. 45. lin. 18. veas.	vias.
Pag. 47. lin. 1. uteys os que.	uteys saõ os que.
Pag. 55. lin. 41. ou seys.	outros seys.
Pag. 59. lin. 22. no circulo.	no seu circulo.
Pag. 59. lin. 23. no seu tempo.	no tempo.
Pag. 74. lin. 12. indicaçaõ das gonorrheas.	medicaçaõ das gonorrheas.
Pag. 78. num. 3. lin. 5. dependit.	deperdit.
Pag. 87. ln. 12. circulado.	circulando.
Pag. 103. lin. 31. Magneto.	Mangeto.
Pag. 153. lin. 22. salva.	salsa.
Pag. 180. lin. 15. lave.	lance.
Pag. 208. lin. 11. querit.	guerit.
Pag. 233. lin. 24. nossos emeticos.	nossos pòs emeticos.

LICEN-

LICENÇAS

Do Santo Officio.

EMINENTISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR.

VIſtas Annotações, que o Doutor Franciſco da Fonſeca Henriques fez ſobre o livro de Duarte Madeyra Arraez, & nelle não achey couſa alguma, que repugne à noſſa Santa Fé, ou bons coſtumes, antes me parece obra de grandiſſima utilidade pelos muytos caſos praticos, & varios remedios de que ſe póde uſar para com facilidade ſe extinguir o contagio, de que trata eſte inſigne Author, pelo que me parece ſe lhe deve dar a licença que pede para ſe imprimir. Lisboa em o Convento de Noſſa Senhora do Livramento dos Religioſos da Santiſſima Trindade Redempçaõ de Cativos aos 24. de Janeyro de 1713.

Fr. Antonio das Chagas.

VIſtas as informaçoens, póde-ſe imprimir o livro intitulado, Madeyra de Morbo Gallico, com as Annotações de que trata eſta petiçaõ, & impreſſo tornará para ſe conferir, & dar licença que corra, & ſem ella naõ correrá. Liſboa 24. de Janeyro de 1713.

Monteyro. Ribeyro. Rocha. Barreto.

Do Ordinario.

PO'de-ſe imprimir o livro intitulado, Madeyra de Morbo Gallico, com as Annotaçoens de que trata eſta petiçaõ, & depois tornará para ſe dar licença que corra, & ſem ella naõ correrá. Lisboa 21. de Janeyro de 1715.

M. Biſpo de Tagaſte.

Do Paço.

SENHOR.

OBedecendo ao mandado de V. Mageſtade li o livro intitulado, Madeyra Illuſtrado, ou Methodo de conhecer, & curar o Morbo Gallico, que o Doutor Franciſco da Fonſeca Henriques Medico de V. Mageſtade compoz, illuſtrou, & encheo de ciencia, & experiencias taõ proveytoſas, & novas, que

já se naõ poderá verificar, o que até agora diziaõ todos, que debayxo do Sol naõ havia cousa que fosse nova, hoje se desvanece esta maxima com ocular, & irrefragavel experiencia, porque nestas illustrações, & addiçamentos do Doutor Francisco da Fonseca se achaõ mil novidades utilissimas para a saude, de q̃ nem os Authores Antigos, nem Modernos escreveraõ, porq̃ parece estava destinado, como em profecia, que este grande Medico havia de ser o que descubrisse este thesouro de riquezas, & agudezas com tanto credito, & gloria do seu nome que ficará immortal para a posteridade, & confessará o mundo, q̃ desta fonte seca por antiphrasi brotáraõ tantas inundações de doutrina, & proveyto para a vida dos homens, quantos saõ os livros, que o Author tem composto: nem pareça isto lisonja, porque só he applauso devido ao merecimento, pois vejo que sendo Duarte Madeyra hum varaõ doutissimo na Medicina, & que até este tempo foy texto, & Director da cura do gallico, naõ alcançou, nem escreveo advertencias taõ essenciaes, & necessarias para a perfeyta extirpaçaõ da tal doença, como saõ as que o Doutor Francisco da Fonseca insinua nestas suas Illustrações.

E se como bem contemplou hum venerado engenho Portuguez, hum menino sobre os hombros de hum Gigante via mais que o mesmo Gigante; que verá hum Gigante sobre os hombros de outro Gigante? Ao Doutor Duarte Madeyra reconheceo sempre a Medicina com agigantada ciencia, & com especialidade na presente materia: que ler as muytas, & doutissimas obras do Doutor Francisco da Fonseca Henriques, naõ poderá negar, que taõ merecidos applausos o elevaõ a esfera de huma admiravel superioridade, & vem a propornos este livro hum Gigante sobre hombros de outro Gigante. O Doutor Francisco da Fonseca sobre os hombros, & discursos do Doutor Duarte Madeyra.

Seguia-se agora inferir até onde chegaõ as vistas, & penetrações de taõ elevado, & agigantado Escritor. Isso só poderá conhecer, quem com devido respeyto ler os novos, genuinos, & fundamentaes dictames desta obra. Eu Senhor só sey dizer, que se a enfermidade, sendo taõ universal, se exprime com o nome de huma particular naçaõ, a cura della de hoje por diante terá a Antonomasia da naçaõ Portugueza: confessando todos os Authores Medicos que o Doutor Francisco da Fonseca aumentando o texto, esgotou nesta materia a Arte. Por esta, & por outras muytas razões me parece o Author dignissimo da licença que pede. V. Magestade mandará o que for servido. Lisboa 1. de Março de 1713.

Joaõ Curvo Semmedo.

QUe se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, & Ordinario, & depois de impresso tornará à Mesa para se conferir, & taxar, & sem isto naõ correrá. Lisboa 20. de Mayo de 1714.

Pereyra. Costa. Andrade. Botelho.

LICENÇAS.

EStà conforme com o ſeu Original. Trindade em o Convento de N. Senhora do Livramento dos Religioſos da Santiſſima Trindade Redempçaõ de Captivos, em 28. de Outubro de 1715.

Fr. Antonio das Chagas.

VIſto eſtar conforme com o ſeu Original póde correr. Lisboa 29. de Outubro de 1715.

Haſſe. Monteyro. Ribeyro. Barreto. Fr. Rodrigo Lancaſtre.

POde correr Lisboa 9. de Novembro 1715.

M. Biſpo de Tagaſte.

TAxaõ eſte livro em doze toſtões em papel 15. de Novembro de 1715.

Duque P, Botelho. Pereyra. Oliveyra. Noronha. D. Guedes.

METHODO

DE CONHECER, E CURAR o Morbo Gallico.

PROPOEMSE DIFFINITIVAMENTE A ESSENCIA, Eſpecies, Cauſas, Sinaes, Pronoſticos, & Cura de todos os affectos Gallicos; & largamente ſe trata do Azougue, Salſa parrilha, Guayacaõ, Páo ſanto, Raiz da China, & de todos os mais remedios deſta enfermidade.

PELO DOUTOR

DUARTE MADEYRA ARRAYS,

Illuſtrado pelo Doutor

FRANCISCO DA FONSECA HENRIQUES.

CAPITULO I.

Dos varios nomes, que o Morbo Gallico teve.

NOS dous famoſos exercitos dos Reys Catholicos de Eſpanha, & Carlos VIII. de França, que em Napoles eſtavaõ pelos annos de Noſſo Senhor JESU Chriſto de 1493. appareceo o Morbo Gallico atè aquelle tempo incognito à Europa, cauſando ao genero humano grande admiraçaõ, & mayor trabalho. E por eſta occaſiaõ (diz Monardes com a torrente dos mais Authores) lhe chamàraõ os Francezes Morbo Hiſpano, imaginando que os Eſpanhoes lho pegàraõ: & os Eſpanhoes Gallico, cuydando que procedèra dos Francezes; outros Neapolitano, porque em Napoles appareceèra. Os Alemães ſarna Eſpanhola, por ſe parecer com ſarna, & proceder de Eſpanha. Muytos lhe chamàraõ Sarampão da India, porque das Indias veyo, como adiante moſtraremos. Outras Bruna Lues, & Lues Morautæ pelo verem a primeyra vez naquellas terras, como nota Jordano; os Malavares chamàraõlhe Pua, palavra que parece Grega, ou Latina, como

1. c. delGuala fol. 13.

Lib. prop.

Exercit. 181. n. 19. mo nota Scaligero. Os das Ilhas Malucas, conforme o meſmo Author, Tidor. Rondelecio, Bexiga grande, ou Indica. Fracaſtorio, Syphilide, que como nota Fallopio, ſignifica amizade, & converſaçaõ, porque della de ordinario naſce.

Lib. prop Trat. de Morb. Gal. c. 2. Chamou-ſe tambem em algum tempo em Eſpanha Partuſia, nome ao parecer Indico, que alguns interpretaõ doença grande, fea, & violenta, conforme o meſmo Fallopio. Em Alemanha ſe diz Pudendagra das partes por onde ordinariamente começa. Lichenes, & mentagra lhe chamàraõ outros pela analogia, que tem com eſtas enfermidades de novo apparecidas no tempo de Plinio Rui Dias de la Isla, o primeyro que eſte mal curou no inſigne Hoſpital de Lisboa,

Lib. 1. c. 16. por mandado del-Rey D. Joaõ o III. & Cirurgiaõ famoſo, como ſe vê de ſuas obras, lhe deo por titulo mal Serpentino, pela ſemelhança ao veneno, & contagio das Serpentes: outros lhe dèraõ por nome Mal-morto; outros erradamente

Lib. prop lhe chamàraõ Lepra, outros Bobas, por começar de ordinario por tumor de virilha chamado Bubo. Fernellio cõ muytos lhe chamou Lues Venerea, por ter certo parecer com peſte, que tambem lhe chamàraõ alguns. Nas partes da India lhe chamàraõ Frangue, Frangui, como diz Garcia de Horta, & foy a cauſa diſto, porque nas partes da Aſia chamaõ a toda a Chriſtandade de Europa Franquia, nome derivado de Francos, por lhes parecer, que os Francezes foraõ os primeyros Chriſtãos da Europa, que àquellas partes paſſáraõ: outros finalmente lhe deraõ outros varios nomes, que deyxo, pois vou ſendo prolixo em repetillos. E conclùo ſómente com dizer, que por Morbo Gallico he hoje conhecido no mundo todo, como que ſó os Francezes foſſem os chefes, a que eſte morgado pertenceſſe, ao que alludio Fracaſtorio, quando diſſe:

Qui caſus rerum varij, quæ ſemina morbum
Inſuetum, nec longa ulli per ſecula viſum
Attulerint: noſtra qui tempeſtate, per omnem
Europam, partimque, Aſiæ, Lybiæque per urbes
Sævijt: in Latium verò per triſtia bella
Gallorum irrapit, nomenque à gente recepit?

QUE TRADUZIDO SIGNIFICA.

Que variaveis caſos, que ſemente
Trariaõ deſuſada enfermidade,
Nunca viſta nos ſeculos da gente,
Que agora ſe embravece em noſſa idade,
Por toda Europa, & Aſia, & Lybia ardente,
Naõ perdoando o achaque a huma Cidade,
E a Italia por guerras, que ha de França,
Inveſtio: & da gente o nome alcança?

ANNOTAÇOENS.

NOs dous famoſos exercitos. *No lugar, & no tempo em que teve origem o Morbo Gallico, houve grande diſcordia entre os primeyros Eſcritores delle;*

1. Andr. Cæſalp. *porque huns entenderaõ,* 1. *que tivera principio no monte Veſuvio, em huma Villa chamada* Summa, *cujos moradores, deſertando a povoação aſſediada pelos Francezes, deyxàraõ infectos com o ſangue de gente leproſa os generoſos vinhos que havia*

na

na terra; de que reſultou, que uſando delles os inimigos, padeceſſem males cutaneos, ſemelhantes aos que coſtuma excitar eſte contagio. Outros 2. cuydàraõ que naſcera por corrupçaõ dos ares viciados com os putredinaes effluvios de muytos lugares paludoſos, & immundos, que ficaraõ daquella grande immundaçaõ, que pontificando Alexandre VI. padeceo Roma, & muyta parte de Italia, ſendo tal a enchente do Tibre, & de outros rios, que parecia tinhaõ uſurpado as aguas ao Oceano; deſorte que em muytos mezes ſe navegou aquelle paiz, em memoria do que, ſe eſculpiraõ em padraõ publico os ſeguintes verſos: 2. Nicor. Leonic. Lib. de mo. b. gal

Tempore Alexandri Sexti, noniſque Decembris,
Intumuit Tibris bis ſenas circiter ulnas.
Inſula quæque domus facta eſt, medijsque repente
Circumducta vijs, æquabat cimba feneſtras.

Outros 3. tiveraõ para ſi, que no anno de 1456. appárecera eſte contagio nos exercitos de Joaõ filho de Renato, Duque de Andegavia, & de Affonſo Rey de Napoles; porque faltando os alimentos, ſe ſuſtentaraõ de carne humana, que dos cadaveres occultamente tiravaõ os Provedores dos exercitos; de que ſe ſeguio, que toda aquella gente padeceſſe buboens, puſtulas, deſluvio de cabellos, & outros males, que o gallico cauſa. Outros finalmente aſſinaraõ varios principios ao morbo gallico, entre os quaes o que parece mais veriſimil he, que ſendo eſte mal antigo nas Indias Occidantaes, appareceo no anno de 1493. em Napoles entre os exercitos, que alli ſe achavaõ, communicando-ſelhe da gente, que de hum, & outro ſexo trouxera da India o famoſo Chriſtovaõ Colon, em teſtemunho das terras que tinha deſcuberto; & como nos exercitos havia gente de varios Reynos, recolhendo-ſe cada qual à ſua terra, & levando o contagio conſigo, aſſim ſe veyo a fazer commum por toda a Europa, no que aſſenta o mayor numero dos Eſcritores. 3. Lenan. Fiorav. Andr. Alcaçar. Lib. de gal.

Até aquelle tempo incognito. *Em averiguar ſe o morbo gallico fora incognito até o tempo da ſua appariçaõ em Napoles, ou ſe fora jà conhecido dos antigos, ſe empenharaõ com prolixa penna muytos Authores, hum dos quaes he o noſſo Madeyra; 4. inutil trabalho na verdade! Pois que importa, que o gallico foſſe, ou naõ foſſe conhecido dos Antigos? E que importa, que nas obras de Hippocrates, de Plinio, de Suetonio Tranquillo, de Fracaſtorio, de Hugo Senenſe, de Guilherme Salaceto, de Bernardo Gordonio, de Valeſco de Taranta, & de outros que eſcreveraõ do gallico antes de ſe propagar taõ diffuſamente pelas partes do mundo, ſe ache menção de alguns achaques, que tem ſemelhança com os que padecem os gallicados, para affirmar, que jà naquelles ſeculos havia noticia deſte contagio, quando he certo, que ſem elle póde haver os meſmos damnos, que o contagio cauſa; que nos gallicados o que ha de mais, he ſómente o contagio communicado por meyo do congreſſo com peſſoa infecta, couſa em que os Antigos naõ fallaraõ. Ninguem duvida, que póde haver puſtulas nas partes obſcenas, que tenhaõ ſemelhança com as dos gallicados; ninguem duvida, que pòde haver tal intemperança no interior das partes pudendas, que lhe deprave o ſeu nutrimento, & haja hum fluxo de materias quentes, acres, & mordazes, como ſaõ as da gonorrhea virulenta; mas nem eſte froxo, nem aquellas puſtulas ſe communicaràõ de corpo a corpo por meyo de congreſſo, como ſuccede nos gallicados. O certo he, que muytos males, ſendo antigos, naõ foraõ conhecidos em todos os ſeculos; aſſim o vemos no rheumatiſmo, que muyto tempo ſe confundio com a gotta arthetica; aſſim o vemos na aſma convulſiva, & nas dores ifericas, que ſó dos Modernos foraõ conhecidas, & curadas; porém o gallico em qualquer tempo que o houveſſe, pela circunſtancia de ſe communicar* 4. Quæſt 4. Part 2.

por meyo de congreſſo, ſempre ſe faria conhecido. Tambem he certo, que naõ vieraõ logo juntos todos quantos males affligem a natureza humana, ſenaõ que de tempo a tempo, pela affectaçaõ, & debilidade da meſma natureza, & pelo depravado modo de vida, ſe forão produzindo; ſendo tal a providencia do Creador do mundo, q̃ ao meſmo paſſo, que forão creſcendo os males, ſe foraõ tambem deſcobrindo para elles novos remedios. Antigamente eraõ menos as enfermidades, & havia na Medicina poucos auxilios; aumentou-ſe o numero dos males, & creſceo na Medicina a copia dos remedios, de tal maneyra; que a multidaõ ſerve muytas vezes de embaraço para a eſcolha. Permittio Deos talvez que houveſſe o morbo gallico para caſtigo das diſſoluçoens dos homens, como notou Maroja, 5. dizendo: Exiſtimo ob hominum pravos mores, & luxuriam Deum hunc morbum produxiſſe, ut multis laboribus, fœditatibus, & doloribus ipſos cruciet, & torqueat, in ipſisque dolores ſentiant, in quibus voluptatem perceperunt; *mas logo lhe deſcobrio o remedio nos efficaciſſimos antidotos com que ſe vence. E bem podia ſucceder, que não havendo eſte contagio nos ſeculos primeyros, tiveſſe neſtes ultimos a ſua origem, negando-ſe totalmente à noticia dos Eſcritores antigos. Mas não ha para que occupar o tempo com couſas de que ſe não tira utilidade pratica.*

5. Cyprian. de Mar. tract. de morb. gal. in princip.

Syphilide. *Fracaſtoreo, elegante Poeta antigo, chamou ao morbo gallico* Syphilide, *não porque eſte vocabulo ſignificaſſe converſação, & amizade, de que ordinariamente naſce eſte contagio, como por lição de Fallopio affirma Madeyra, mas porque entendeo Fracaſtorio, que ſe chamou Syphilo o primeyro homem que padeceo eſte mal; ve-ſe do ſegumte verſo:*

Syphilus, ut fama eſt, ipſa hæc ad flumina paſtor.

Veja-ſe Zacuto Luſitano, 6. que fez deſte ponto queſtaõ particular.

6. Zac. tom. 1. lib. 6. hiſtor. 5. quæſt. 6. f. mihi 920.

CAPITULO II.

Da eſſencia do morbo gallico, & ſua definição.

MOrbo gallico he huma qualidade occulta, venenoſa, & maligna, contrahida neceſſariamente por contagio, principalmente offende o figado, & conſtitue per ſi enfermidade, & he cauſa de todos os tres generos dellas. Para ſe entender a primeyra parte deſta definiçaõ ſe ha de notar que as qualidades humas ſaõ elementaes, outras de outra ordem mais nobre; as elementaes ſaõ aquellas quatro primeyras, a ſaber, calor, frialdade, ſecura, humidade; & as que deſtas naſcem chamadas por eſta razaõ ſegundas, como os ſabores acre, amargoſo, ſalgado, adſtringente, azedo, raridade, denſidade, dureza, molura, & outras. As de ordem mais nobre que as elementaes, humas ſaõ manifeſtas aos ſentidos exteriores, como aluz, o ſom, o impulſo: outras naõ ſe pódem perceber pelos meſmos ſentidos, & poriſſo lhes chamaõ occultas, naõ porque o entendimento deyxe de as alcançar, (como muytos imaginaõ, & por iſſo zombaõ dos que recorrem às qualidades occultas, cuydando que pelas chamarem aſſim, naõ póde haver noticia dellas) mas deraõlhe eſte nome, por naõ ſerem aos meſmos ſentidos manifeſtas, exemplo das quaes ſaõ a qualidade, com que a pedra de cevar attrahe o ferro, o alambre as palhas, os medicamentos purgativos aos humores, & aquellas que os corpos celeſtes nos inferiores influem, & as faculdades do corpo vivente, v. g. vital, animal, & natural: as qualidades com que os venenos offendem, & aquellas com q̃ os alexipharmacos lhe reſiſtem; & finalmente todas as eſpirituaes, como

como o entendimento, vontade, seus habitos, & actos de sciencia, amor & seus contrarios, & do mesmo modo a graça, & os habitos das virtudes moraes, & outros muytos de que tratão os Theologos. Isto posto, dizemos que o morbo gallico he huma qualidade, que não he primeyra, nem segunda elemental, mas outra de ordem superior, não das que os sentidos percebem, senão outra diversa, que pelos effeytos o entendimento alcança, da ordem das que chamão occultas, pelo serem os sentidos, das quaes mais largamente trataremos na segunda parte, & na disputa das qualidades venenosas.

E para se entender que a qualidade Gallica he venefica, se note que dos venenos huns o saõ só pelas qualidades manifestas elementaes, & impropriamente se dizem venenos, como consta de Galeno; outros por qualidades occultas, que offendem o vivente. E porque humas fazem sómente damno à faculdade vital, outras à natural, esta do morbo gallico só offende a faculdade natural, em especial a que pertence à sanguificaçaõ, & por isto dissemos que he venenosa, & que offende principalmente o figado; o que tudo por extenso provaremos na segunda parte, porque nesta trataremos só succinta, & definitivamente as causas do morbo gallico, por não embaraçar aos que não saõ Letrados, com disputas, & argumentos. 3. Sympt. 19. & seq. Quæst. 4.

E ser esta qualidade maligna mostraremos tambem na segunda parte, porque de tal maneyra he nociva, que não tira totalmente a esperança de se poder remediar, conforme a doutrina de Galeno. Quæst. 4.

Dissemos, que necessariamente se contrahe o morbo gallico por contagio, para lançar fóra todas as mais enfermidades venenosas, que nascendo no corpo espontaneamente, sem contagio pódem succeder; o que nunca acontece ao morbo gallico, como a experiencia mostra, & he commua opiniaõ dos Authores mais graves, como Fernelio, Palmario, Massa, Fallopio, Rudio, Mercurial, Massaria, & outros muytos, & nós o provaremos em sua questaõ particular. 1. part. cõ 1. text. 14. Lib. prop.

E posto que os mais dos Authores differaõ, que a qualidade gallica não fazia enfermidade por si; com tudo a nós nos parece o contrario, porque em sua particular questaõ da segunda parte, & na disputa que fizermos sobre as qualidades venenosas, mostraremos com evidencia, que a qualidade gallica, & todas as mais veneficas offendem as faculdades *immediatè* por sua presença, & consequentemente constituem por si enfermidade, conforme a doutrina de Galeno, que a define por affecto preternatural, que por si *immediatè*, *& principaliter*, offende as operações. 2. p. q. 11. Quæst. 5.

E porque tambem na mesma disputa mostraremos ao claro, que as qualidades venenosas, além da lezaõ que fazem em genero de causa formal, offendem tambem em genero de causa efficiente equivoca, produzindo no corpo vivente neste genero de causa as qualidades manifestas elementaes; por isso he certo, que o morbo gallico he causa de todas as enfermidades manifestas; o que tambem confessaõ todos os Authores, & o mostra a experiencia, com tanto damno, que padecem destemperanças, chagas, tumores, & outros varios males do temperamento, composiçaõ, & uniaõ, todos occasionados da dita qualidade; em tanto, que veyo a dizer Joaõ Langio, que era este mal huma enxurrada de todas as enfermidades. Lib. de diff. morb. & 8. met. 61. & sæ. pe alibi.

Em conclusaõ naõ he o morbo gallico destemperança quente, nem fria, nem humida, nem seca, nem composta destas, nem cousa, que ellas produzaõ em genero de causa efficiente, nem tumor preternatural, nem chaga, nem outro vicio na uniaõ, ou composiçaõ; mas he sómente aquella qualidade de ordem superior

occulta, que tem de natureza offender o figado, & cauſar todos eſtes tres generos de enfermidades manifeſtas, que tambem por analogia ſe chamaõ Gallicas, quando della procedem, & ſe naõ pódem curar, ſem que ella primeyro ſe cure.

ANNOTAÇOENS.

QUalidade occulta. *A eſſencia do morbo gallico poem o Author em huma qualidade occulta venenoſa, o que perſuade com diffuſiſſima eſcritura na queſtaõ quarta da ſegunda Parte, com a torrente dos Authores que atè o ſeu tempo eſcreveraõ deſte contagio. E ſendo certo que o gallico naõ he frio, nem he quente, & que naõ tem outra qualidade manifeſta porque haja definirſe; pois o moſtrar-ſe entre effeytos de calor, ou de frio, depende dos humores em que o ſeu fermento ſe implanta, & os ſeus ſeminarios ſe ſigillaõ: todavia os Eſcritores modernos, negando com eſtro as qualidades occultas, & empenhando-ſe nervoſamente em reduzir tudo a cauſas manifeſtas, entre eſtas quizeraõ moſtrar a natureza do morbo gallico, o que naõ fizeraõ taõ felizmente, que poſſa aquietar-ſe com a ſua doutrina o animo indagador da verdade. Carlos Muſitano* 1. *eſcrevendo furioſamente contra os Galeniſtas, depois de reprovar com ſoberba penna o aſido das qualidades occultas, poem a eſſencia do gallico em huns effluvios virulentos, que no ſerviço de Venus de corpo a corpo ſe communicão. Mas além de não exprimir manifeſtamente qual ſeja a natureza deſtes effluvios, ſuppoem por couſa certa, que elles ſe elevaõ de chagas podres, como ſe fora preciſo, que todos os gallicados houveſſem de ter eſtas chagas, para por meyo dellas, ou dos ſeus halitos ſe propagar o contagio, quando vemos, que ſem terem exulcerados os beyços, communicaõ os meninos gallicados eſte veneno às amas que os criaõ. Joaõ Doleu* 2. *diſſe que o contagio gallico conſiſtia em hum acido acre, & em hum fermento viſcido, dotado de huma acrimonia volatil. Naõ differe muyto a opiniaõ de Sylvio Deleboe,* 3. *que poz a natureza deſte contagio em hum acido acre peculiar, errodente, & corroſivo. Mas nem hum, nem outro explicou bem o que tinha eſte acido de peculiar, & eſpecifico, para ſe fazer contagioſo, quando o naõ podia ſer ſó pela razaõ de corroſivo. O certo he, que eſte negocio ainda eſtà entre ſombras. Bellamente o clariſſimo Ettumullero,* 4. *que pondo a natureza do morbo gallico em hum acido eſpecial, que introduzido no corpo à maneyra de fermento ſe diffunde por todas as ſuas partes, cujos humores vicia, & cujas funções offende, confeſſou cõ ingenuidade, que o q̃ tinha de eſpecifico eſte contagio, era taõ occulto, que ſenaõ podia exactamente determinar*: Cauſa efficiens, (*ſaõ as ſuas palavras*) materialis, proxima hujus morbi, conſiſtit in acido ſui generis peccante, cujus tamen natura ſpecifica à priori non adeò exactè determinabilis eſt. *Mais claramente Jackſon,* 5. *que confeſſando que a cauſa do morbo gallico era taõ occulta, que poſitivamente naõ podiaõ os homens aſſinalla, ſó por conjecturas dizo que lhe parece. Havemos de tranſcrever as ſuas palavras.* Credimus ſanè (*diz elle*) multos eſſe effectus naturales, & mala materialia, quorũ cauſa manifeſta nemini innoteſcit; quo etiam ſenſu dicimus, cauſam hujus ipſius morbi adeò in occulto latere, ut poſitivè eam deſignare penes nos non ſit; conjecturam tamen facimus, cauſam hujus morbi eſſe inquinamentum quoddam depravatum, ortum à putrefactione variorum, & forſan diſcrepantium ſeminum injectorum in matricem de fœdatam copulatione nimium crebra, & inopportuna, unde fermentum quoddam venenatum ſemini intrò recepto inſinuatur.

1. Muſitan. tom. 2. trutin. Chir. lib. 2. de luc ven. cap. 3. & 4.

2. Dol. encyclop. med. l. 3. cap. 15.

3. Deleboe tract. de Luc ven.

4. Ettmull. in Colleg pract. tom. 2. fol. mihi 511.

5. Joſephus Jachſon. in appẽd ad Enchirid. med. fol. 173.

Nòs dizemos, que nos ſeminarios do gallico ha hum fermento acido, volatil, acre, & corroſivo, o qual excita puſtulas, & chagas nas partes pudendas, & chegando a depravar o acido natural do ſangue, he cauſa de dores agudiſſimas em varias partes do

corpo,

corpo, de se cariarem os ossos, & de outros incommodos, que bem mostraõ estar a massa sanguinaria viciada com acido acrimonial deste contagio. Mas consideramos, que alem deste acido acre, & erodente, com que o gallico nos seus productos se manifesta, ha nos seus seminarios cousa especifica occulta, que o faz contagioso, & que he causa de todas as suas particularidaaes, que em nenhum outro achaque se descobrem. Porque primeyramente este contagio naõ se communica, & se propaga só porque he corrosivo, nem porque sao putredinosos os seus effluvios, ou seminarios: pois ainda aque haja chagas podres, & corrosivas nas partes obscenas, naõ se communicaràõ de corpo a corpo pelos accessos, senão forem gallicas; nem ainda no escorbuto, achaque contagioso, & muyto semelhante ao gallico, se acha esta propriedade especifica de se communicar por meyo do congresso. Alem de que o gallico naõ cede a remedios de qualidade manifesta, pois só com a salsa parrilha, pao santo, raiz da China, saxifrás, & finalmente só com o mercurio se extingue, que saõ os seus especiaes antidotos, & alexipharmacos. Logo parece, que alem do vicio corrosivo, acido, salino, & acrimonial, que se poderia modificar, & corregir com os alcalicos, & dulcificantes mais generosos, ha no gallico al huma qualidade occulta, que desprezando todos estes remedios, só com os seus antidotos se doma, & se vence, porque ha tambem nelles, alem das suas qualidades manifestas, huma especifica virtude anti-venerea, com que este veneno se estingue. Nem se cuyde que elles curão o gallico por moverem suor, como entendeo Musitano; porque em qualquer remedio sendo sudorifico se acharia a mesma virtude.

E se nos disserem, que a salsa, o páo santo, & os mais alexipharmacos referidos, não curão o gallico pela qualidade occulta, que nelles consideramos, senão por serem remedios polychrestos, como diz Sinapio em hum dos seus Paradoxos; & por haver neste remedios muytas partes oleosas, com que o acido acrimonial deste cõtagio se infringe, se hebeta, & inteyramente se corrige: depois de nos admirarmos de q̃ em duas onças de raiz de salsa parrilha se considere tanta, & tão poderosa oleosidade, que dando-se o seu cozimento, baste para dulcificar a massa sanguinaria, viciada com o acido venereo, & para vencer cabalmente o gallico mais radicado: perguntaremos, se no azougue ha tambem esta virtude oleosa; porque elle he entre todos os remedios deste contagio o que mais certamente o cura, & o contrario, que com mayor efficacia o vence, & mortifica. Poderaõ dizer, que o azougue tomado pela boca na preparaçaõ do mercurio doce, ou de varias panaceas, tem huma virtude muy dulcificante, & que assim emenda o acido vicioso, & acrimonial do sangue, & por isto he melhor remedio do gallico. E na verdade, que tendo nós o mercurio bem dulcificado por hum generosissimo alcalico, & absorvente para corregir, & emendar o acido vicioso do sangue: todavia não nos podemos persuadir a que com quarenta grãos de mercurio, que em sinco, ou seis dias se tomão pela boca, se faça isto taõ poderosamente, que se cure com elles o gallico inveterado, & rebelde, como muytas vezes tem succedido. Quanto mais que esta razão só tem lugar no mercurio tomado pela boca, & não no que se applica em unturas, em que se não póde considerar virtude dulcificante. Dirão, que o azougue applicado em unturas, não cura o gallico dulcificando, & corregindo o acido venereo, senão purificando a massa do sangue pela salivação, & outras evacuações, que move. Mas esta razão não milita quando o mercurio sem mover salivaçaõ, nem outra alguma evacuação, cura o gallico perfeytamente, como varias vezes temos observado, dando unturas de azougue, com que os doentes não salivàrão, nem tiveraõ outra evacuaçaõ sensivel, & ficàraõ saõs dos achaques gallicos, que padecião, porque o azougue com a sua especifica virtude póde destruir aquella qualidade que no gallico se occulta aos sentidos, mostrando-se ao entendimento nos effeytos, & he a que dà vigor ao fermento contagioso, & venereo, & a que aguça a actividade do seu acido.

Sinap. Parad. med. p. 2. fol. mihi 106.

Naõ

Não louvamos a facilidade com que muytos Authores, ſem trabalho do engenho, recorrem ao ſagrado das qualidades occultas, em couſas que tem a inveſtigação difficultoſa; mas tambem não louvamos, que ſe neguem com furor aquellas qualidades, para reduzir os poderes que lhe attribuem a huns ſaes peregrinos, & anomalos, a huns acidos peculiares, & a huns fermentos eſpecificos, cujas naturezas não exprimem, deyxando-as ficar mais occultas, que as meſmas qualidades que negão. Folgara eu que os que reprovão as qualidades occultas, me diſſeſſem, que qualidade he aquella com que a pedra de cevar attrahe o ferro, o alambre as palhas, & o ouro o azougue? Qual he a qualidade com que o heliotropio buſca o Sol, com que a Aguia teme ao eſcaravelho, o Leão ao gallo, & o Elefante à formiga? Qual a qualidade com que a tremelga tocando na cana entorpece o braço do peſcador? Quizera que me diſſeſſem a que qualidades manifeſtas pertence a contrariedade que tem o gato com o rato, o galgo com a lebre, & outras muytas ſympathias, & antipathias occultas que eſtamos vendo nas couſas com demõſtrações manifeſtas? Não ſey ſe diraõ tambem, que iſto depende de algum acido peregrino odioſo, ou de algum fermento familiar eſpecifico. O certo he, Senhores, que a natureza tem ainda muytas couſas em ſegredo, como dizia Seneca, 5. das quaes admiramos os effeytos, ignorando totalmente as cauſas, que não devemos negar, ſó porque as não chegamos a comprehender, como a outro propoſito dizia S. Agoſtinho: 6. Non ideò negandum quod apertum eſt, quia comprehendi non poteſt quod occultum eſt. *Profundamente Avincena:* 7. Et iſtæ quidem, *diz elle*, ſunt res, quas homines credere abhorrent, quia difficilis diſpoſitionis non noverunt habitudines; illi verò qui ſapientiam diligunt, non negant. *E diſſe com ingenuidade o eruditiſſimo Franco,* 8. *que havia em nós meſmos couſas tão abditas, & occultas, que ſem pudor deviamos confeſſar que as ignoravamos:* Fatendum eſt (*ſaõ as ſuas palavras*) plurima in nobis accidere, quorum cauſa adeò eſt occulta, ut non pudeat ignorantiam fateri; quandoquidem humanæ ſapientiæ laus eſt ſe multa neſcire, confiteri, & quædam æquo animo neſcire, velle ſapientiæ pars. *O que decantou com ellegancia Lucrecio, quando diſſe:*

Multa tegit ſacro involucro natura, nec ullis
Fas eſt ſcire quidem mortalibus omnia Multa
Admirare modò, nec non venerare; nec illa
Inquires, quæ ſunt arcanis proxima; namque
In manibus quæ ſunt, hæc nos vix ſcire putandum;
Eſt procul à nobis adeò præſentia veri.

5. Sen. l. 5. q. Arcana illa rerũ naturæ ſacræ, non promiſcuè, & omnibus patent; reducta, & interiori fũt clauſa ſacrario 6. D. Aug. lib. de bono præſ. cap. 14. 7. Avic. 2. 1. doct. 2. cap. 14. 8. Gaſp. à Reys Franc. q. 50. Cãp. Elyſ.

VEnenoſa, & maligna. *Chama o Author à qualidade gallica venenoſa, & maligna, porque offendendo como veneno, reſiſte aos remedios como maligna; que eſta differença ha entre venenoſo, & maligno: o venenoſo he tão nocivo, que quando não mata, offende; & o maligno he tão arduo, & perigoſo, que difficultoſamente ſe ſupera. Mas porque dos venenos ha varias ſortes, huns que offendem com qualidades manifeſtas, outros com qualidades occultas, entre eſtes havemos de numerar o contagio gallico, pois, como temos dito, não tem qualidade manifeſta com que haja de definirſe; & ſe humas vezes chega a moſtrarſe com effeytos de calor, outras vezes de frio, he pela differença dos humores em que ſe ſigilla, aos quaes vicia com o ſeu fermento acido acre, erodente, & corroſivo, o qual nos humores quentes excita danos mais ſenſiveis, & nos frios, & viſcidos produz achaques mais repugnantes.*

Neceſſariamente contrahida por contagio. *O morbo gallico ſó por contagio ſe contrahe, os meyos, & modos de ſe contrahir, ſegundo as obſervações de grandes Praticos,*

cos, ſaõ varios, & differentes. Horſtio, 9. & Zacuto o obſervàrão communicado ſem congreſſo, ſó por eſtar na meſma cama com peſſoa infecta, Hildano 10. o vio propagado por meyo dos veſtidos; & por meyo de hum inſtrumento com que ſe ſarjou huma peſſoa que padecia eſte mal, o vio communicado o meſmo Horſtio; 11. o que por applicação de humas ventoſas obſervou tambem Cornario, 12. por oſculos Foreſto, 13. & bebendo pelo meſmo pucaro Botallo. 14. Porem o modo mais commum de ſe propagar eſte contagio, he por acceſſo com peſſoa infecta, ou por meyo de ſuores, ou por oſculos, ou por herança de pays a filhos, & a netos, ou por lactação. Por ſuores ſe communica eſte contagio, introduzindo-ſe os ſeus ſeminarios pelos póros da contextura cutanea, com o ſuor laxados, & patentes. Por oſculos, & pucaros, mediante a ſaliva quando naõ ſeja por haver puſtulas gallicas na boca. Pela lataçaõ, communicando-ſe o contagio ao menino pelo leyte, & à ama pelos buracos dos peytos. Por herança, paſſando dos pays aos filhos, & netos o character contagioſo, que muytas vezes reluz em huns filhos, ſem offenſa dos outros; & outras vezes vem a offender os netos, ficando illeſos os filhos; o que depende da actividade do contagio, & do vigor das naturezas.

9. Horſt. lib. 7. Obſ. 13. Zac. 1. prax. mirand. Obſ. 58. 10. Hildan. centur. 1. curat. 100. 11. Horſt. lib. 7. Obſ. 8. 12. Cornar. lib. Obſ. cap. 25.

E ainda que eſte contagio ſe propague com facilidade no breve tempo de hum congreſſo, naõ he todavia taõ activo, que de diſtancia ſe poſſa communicar, como ſuccede nas epidemias malignas, em opthalmias contagioſas, & em outros contagios, cujos ſeminarios mediante o ar ſe communicaõ. Nem baſta qualquer approximaçaõ, & cõtacto para ſe cõmunicar eſte contagio, porq̃ pela debilidade delle, nẽ per toda a parte ſe pódem cõmunicar os ſeus ſeminarios; conſta claramente, porque tocando-ſe varias vezes com as mãos as chagas, & puſtulas gallicas, naõ ſe communica o contagio por eſte contacto, levando muyto mais tempo que hum acceſſo, & ſendo repetido; que ſe por eſte modo ſe contrahira, naõ haveria Cirurgiaõ, que ſe naõ gallicaſſe; o que naõ ſuccede, porque os effluvios, & ſeminarios gallicos, não pódem penetrar a contextura da pelle perfeyta, & groſſa, & ſó ſe communica pelas partes que eſtaõ cubertas com huma epiderme, ou pellicula delgada, & de textura rara, como ſaõ os beyços a lingua, as gingivas, & mais partes da bocca, o interior da vulva nas mulheres, & a extremidade da parte pudenda nos homens; razaõ porque mais ordinariamente ſó na tal extrimidade ſe formaõ puſtulas, & chagas gallicas depois do congreſſo impuro, & naõ na mais pelle da dita parte por ſer eſta mais groſſa que aquella cuticula, que com facilidade ſe deyxa penetrar dos effluvios do gallico. E porque baſta a groſſura da pelle para eſtes ſe naõ admitirem, por iſto ſó eſtando laxas as fibras das glandulas miliares, & ſubcutaneas, & patentes os ſeus orificios nos ſuores copioſos, ſe communica pela contextura da pelle eſte contagio, & naõ por qualquer contacto, & approximaçaõ com peſſoa gallicada. Do que temos dito ſe vè, que o gallico ſe pòde communicar facilmente pela boca, ou por meyo dos oſculos, ou uſando da meſma colher, ou garfo, & bebendo pelo pucaro de peſſoa infecta. E tambem pela via excrementicia, tomando ajudas com xeringa que ſerviſſe a gallicados; ou provendo-ſe a natureza no meſmo lugar pouco tempo depois de o haver feyto peſſoa contagiada. Veja-ſe Muſitano, 15. de quem tiramos eſta doutrina.

13. Foreſt. lib. 32. Obſ. 1 in Schol. 14. Botal. de Lue vener. fol. mihi 472.

Principalmente offende o figado. Eſte erro merece correcçaõ. Cuydou o Author, que o figado era a parte principalmente offendida no gallico; porque teve para ſi com os Antigos, que o figado era officina da ſanguificaçaõ, que nos gallicados ſe reconhece viciada; & ſuppoz, que para ſe viciar a ſanguificaçaõ, era preciſo que ſe offendeſſe primeyro a ſua officina; & aſſim veyo a dizer, que o figado era a parte em que o contagio gallico ſe imprimia, & donde ſe communicava a todas as mais partes do corpo; ſendo aſſim, que nem o figado ſanguifica, nem o gallico por eſpecial ſympathia ſe ſigilla nelle. Deſte erro foy pro-Author Galeno; porque ſendo deſde o tempo de Ariſtoteles atè o ſeu tempo reputado o figado por contrapezo do corpo, como parte abjecta, & inutil, elle o

15. Carol. Muſit. lib. 2. de Lue vener. c. 4.

ſobio ao maïs alto ſolio da dignidade, fazendo-o officina da ſanguificaçaõ, & conſtituindo-o Monarcha do Microcoſmo. Delle diſſe, que animava com o ſeu calor o eſtomago, & inteſtinos; que diſtribuhia ſangue ao coraçaõ, & à arterias; que dava materia ao cerebro para os eſpiritos animaes, & para ſeminar aos orgãos da geraçaõ, affirmando finalmente que delle dependia toda a alimonia do corpo. Mas toda eſta dignidade, todo eſte nobre imaginado trono do figado ſe deſtruhio, & ſe arruinou com o pequeno phenomeno de Pecqueto, Medico Francez, que no anno de 1651. deſcobrio felizmente, que o alimento depois de commutado no eſtomago, paſſava pelas veas lacteas, & pelo ducto thoracico, de que foy inventor, a confundirſe com o ſangue nas veas, aonde tomava aſua fórma, & natureza, ſem que o figado interviеſſe neſta ſanguificaçaõ, o que eſtà hoje ſem controverſia taõ recebido, que Thomàs Bartholino fez publicas exequias ao figado, depondo-o em theatros publicos da dignidade de ſanguificar, deyxandolhe ſómente o uſo de depurar o ſangue quando por elle circula, ſequeſtrando a cholera pelo ducto biliario para a bexiga do fel; por maïs que em defenſa do figado ſe empenhaſſe ſeu protector Ludovico Bilſio, cuja opiniaõ refutàraõ muytos Anatomicos, como Ruiſch no Tratado das vulvulas dos vaſos lymphaticos, & Jacob Henriques Pauli na Anatomia da Anatomia Bilſiana; o que notamos jà no Capitulo preludial da noſſa Medicina Luſitana, & no Capitulo em que tratamos da intemperança quente do figado. E eſtando neſta doutrina jà ſe vè como he erro capital o dizer que o figado he officina da ſanguificaçaõ, & o cuydar, q̃ he a parte principalmente affecta no gallico, cujos ſeminarios recebidos, & conſervados em qualquer parte do corpo, mediante a circulaçaõ ſe ſigillaõ na maſſa ſanguinaria, porque o ſangue no ſeu circulo os vay tomando da parte infecta, de que reſultaõ os geraes danos, que em varias partes experimentaõ os gallicados, ſem que para iſſo haja dependencia alguma do figado. E aſſim havemos de aſſentar em que a parte principalmente affecta no gallico, he a maſſa do ſangue, na qual o fermento gallico ſe ſigilla, viciandolhe o ſeu acido natural, & begnino, & introduzindolhe hum acido acrimonial, volatil, & corroſivo. Deſta doutrina ſe vè tambẽ como ſe attribuem injuſtamente ao figado muytos achaques de calor, & de frio, que dependem, ou do vicio do ſangue, de que elle não he Author, ou da leſaõ da propria parte que os padece; o que deviaõ advertir aquelles que chamaõ figado a qualquer impigem, chaga, & comichaõ, que haja em alguma parte do corpo, ainda que diſtante do figado. E viſto que eſta parte naõ he officina da ſanguificaçaõ, nem o contagio gallico nella ſe implanta, tudo quanto neſte particular diz o Author, ſe deve entender da maſſa ſanguinaria, em que os ſeminarios deſte contagio ſe ſigillaõ.

Conſtitue por ſi enfermidade. *Foy muy contencioſo entre os Eſcritores deſte contagio o averiguar ſe elle por ſi conſtituhia enfermidade, ou ſe era ſómente cauſa dellas. Mas ſe eſte contagio offende, & vicia a maſſa do ſangue, no que naõ ha duvida, parece que tambem a naõ póde haver em q̃ he enfermidade, da qual depois reſultaõ outras, que o ſangue viciado cauſa. Quem quizer gaſtar o tempo neſtas metaphiſicas, veja o Author na queſtaõ. 5. da ſegunda parte.*

CAPITULO III.

Das eſpecies, ou differenças do morbo gallico.

HE certo que a qualidade gallica he de huma ſó eſpecie infima, & ſe naõ póde dividir eſſencialmẽte em outras, como provaremos em ſeu lugar. Porém accidentalmẽte, & com utilidade dividem os Authores o morbo gallico em varias eſpicies. E deyxadas outras diviſoens menos importantes, pode-ſe dividir

2.P.q.4.

Lib.prop

dir com Joannes de Vigo, Antonio Muſa Braſſavalo, & outros Authores graves em Incipiente, & Confirmado. O Incipiente he aquelle em que a qualidade contagioſa gallica faz alguma ſenſivel leſaõ no corpo, ſem que ao figado ſe tenha communicado, como quando ha chagas gallicas de partes bayxas, gonorrheas purulentas, & outros ſemelhantes affectos contrahidos de freſco de alguma occaſiaõ contagioſa. O Confirmado he aquelle, em que a má qualidade ſe tem communicado ao figado, nelle faz jà leſaõ ſenſivel na ſanguificaçaõ.

Eſte ſe divide em quatro eſpecies, conforme a Fernelio, ao qual ſeguem os mais dos Authores, que depois delle eſcreveraõ. A primeyra he aquella, em que a qualidade gallica faz taõ pouca leſaõ no figado, que naõ reſultaõ della outros excrementos mais que huns vapores acres, & mordazes, que a natureza logo expelle ao ambito do corpo, onde naõ faz outro mal ſenaõ roer as raizes dos cabellos, & pelarſe a cabeça, & barba, & he ſemelhante eſta eſpecie à febre diaria, que ſe radica ſómente nos eſpiritos.

A ſegunda eſpecie he jà hum pouco peyor, a ſaber, quando a má qualidade ſe eſtende, ou intende, mais no figado, & o faz produzir outra eſpecie de excrementos mais craſſos, os quaes a natureza lança tambem à ſuperficie do corpo, onde fazem humas maculas pequenas, & razas com o meſmo couro, vermelhas, ou amarellas, do tamanho de lentilhas, ou (fallando mais portuguezmente) ſardas, das quaes he cauſa a mais delgada porçaõ do ſangue infecto da má qualidade, & aſſim naõ póde fazer outro ſymptoma de mayor prejuizo que eſte. Lib. de Luc v. c. 5

A terceyra eſpecie do morbo gallico he jà peyor que as duas primeyras, porque a má qualidade eſtá jà mais ſenhora do figado, & o faz gerar outros humores excrementicios mais craſſos, porém ainda a natureza os póde expellir à ſuperficie do corpo, onde naõ ſómente fazem cahir os cabellos, & cauſaõ aquellas maculas ſemelhantes a ſardas, como na primeyra, & ſegunda eſpecie; mas tambem fazem humas ampolas vermelhas, & às vezes declinantes a flavas, que primeyramente naſcem no roſto, & depois pela cabeça, & todo o corpo, de ordinario redondas, & ſecas, ſem materia, & depois tambem fazem coſtra, ou boſtela, & ſe as deſprezaõ corroem o couro, & carne, & fazem chagas as mais vezes virulenta, & juntamente ſordida, em eſpecial nas partes fracas, como narizes, garganta, boca, & outras ſemelhantes, cuja cauſa he o meſmo ſangue cholerico, & aduſto infecto da qualidade venenoſa.

A quarta eſpecie he aquella, em que a má qualidade he jà tanta no figado, que géra tantos, & taõ craſſos excrementos, que os naõ póde a natureza apartar do ſangue, & vaõ juntamente com elle até ſe communicar às partes ſolidas, a ſaber, oſſos, ligamentos, membranas, & nervos: nos quaes como o mantimento he taõ impuro, ſe ajunta muyta copia de excrementos, que apartaõ o perioſtio dos oſſos, & fazem tumores ſcirroſos, fiſtulas, chagas profundas, & cavernoſas, todas de má qualidade, & com ſua maligna acrimornia cauſaõ dores intoleraveis, mais de noyte que de dia, vigilias graviſſimas, & outros graves ſymptomas, com que o doente vem a emmagrecer, & acabar os dias de ſua vida, principalmente ſe com grande cuydado ſe lhe naõ acode. E naõ ſómente nas partes de fóra, mas tambem nas de dentro naſcem puſtulas, tumores varios, & chagas, como notou Fernelio, Jouberto, & Geſnerio. E a tanto chega o mal algumas vezes, que a tunica do figado ſe corroe, como obſervou Alexandre Benedicto, ou pelo menos ſe enche de puſtulas, & ſarna, como vio Bernardino Tomitano. 2. lib. de abd. c 14. Lib. de variol. mag. c. 4. cit. ab. Schec. fol. 897. col. 2. in fin. Lib. 13. de cur. morb. c. 25. Lib. 1. de morb gal c. 13.

ANNOTAÇOENS.

INcipiente,& confirmado. *Divide o Author o morbo gallico em incipiente, & confirmado; & ſubdivide eſte em quatro eſpecies, graduadas pela mayor, ou menor gravidade dos danos que cauſa; mas iſto ſuccede de tal maneyra, que bem póde eſte contagio paſſar a ſer confirmado, ſem ter ſido incipiente; & bem póde manifeſtar-ſe na quarta eſpecie, ſem ter paſſado pelas primeyras. O ſer incipiente conſiſte em offender as partes obſcenas com puſtulas, com chagas, com gonorrheas, & outros incommodos, contrahidos logo depois do congreſſo impuro, ſem que o contagio ſe haja ſigillado na maſſa ſanguinaria. O ſer confirmado eſtá em chegarem a implantar-ſe na maſſa do ſangue os ſeminarios gallicos, deſtruindolhe o ſeu temperamento, viciando-a com o ſeu acido acrimonial, & corroſivo, de que procedem os muytos danos que experimentaõ os gallicados, que ſaõ mayores, ou menores, ſegundo he mayor, ou menor o vicio do ſangue. E bem póde ſucceder, que haja tal actividade neſte contagio, que chegando ao ſangue, o altere, & vicie de maneyra, que logo ſe manifeſte com os males da quarta eſpecie, ſem terem reluzido os das primeyras; aſſim como tambem ſuccede, que o gallico chegue a cõmunicar-ſe ao ſangue, & a confirmar-ſe nelle, ſem ter apparecido nas partes obſcenas com as demõſtrações de incipiente; o q̃ dizemos, para que ninguẽ cuyde q̃ por naõ haver tido gonorrheas, puſtulas, chagas, & excoriações nas partes pudendas, naõ póde ter gallico, & experimentar os ſeus danos em varias partes do corpo, como eſtamos vendo cada dia, reduzindo muytas vezes com grande trabalho os doentes a que ſe curem de gallico, porque como nunca o tiveraõ incipiente, entendem que o naõ pódem reconhecer confirmado; ſendo aſſim que eſte contagio ſe lhe póde introduzir na maſſa do ſangue, ainda que ſeja por acceſſo impuro, ſem que nas partes bayxas deyxe a certeza da ſua introduçaõ; iſto temos obſervado muytas vezes tratando de achaques, cuja pervicacia fruſtrando ſempre a poderoſa virtude dos remedios mais genuinos veyo a ceder com facilidade aos poderes dos ſeus alexipharmacos. Hum ſó caſo referiremos para confirmar neſta doutrina aos Profeſſores menos exercitados.*

No anno de 1702. padecia intoleraveis dores de cabeça huma moça de elegante fórma, & de vida ajuſtada. Eſta antes de cazar teve ſempre boa ſaude; & cazando havia tres annos, nunca ſentio outro dano. A cor do roſto era rubra, o geſto alegre, & o temperamento ſanguineo. Seu marido quando ſolteyro tinha padecido gonorrheas, & hernias gallicas, de que ſe curàra antes de ſe juntar com ella, ficando ſem incommodo em que pudeſſe reluzir alguma ſuſpeyta deſte veneno. Mas a pobre moça nunca ſe pode ver livre daquellas dores, por mais que ſe empenhou a Arte em extinguilas; & cançada jà dos remedios, ſem experiencias de alguma utilidade, fazia habito de padecer, ſem nenhuma eſperança de ſe remediar. Vendo-a rendida à fereza das dores, & eſtragada com a violencia das curas, que ſem emolumento havia celebrado, entendemos, que eſtava gallicada, & que ſó a generoſa efficacia do mercurio poderia vencer com pouco fauſto aquellas dores ſem remedio. Defendia-ſe a doente por arrezoado de hum dos Medicos que lhe aſſiſtiaõ dizendo, que nunca tivera purgaçaõ alguma, de que ſe pudeſſe entender que era gonorrhea, nem ſentira outro algum dano em que o gallico ſe manifeſtaſſe. Ajudava o marido com os proteſtos de continente; mas como naõ negava as culpas do tempo do celibato, deyxou-nos fundamento para o uzo de huma cura mercurial, com que ſe vio livre dentro de doze dias daquellas dores, que havia muyto tempo lhe apuravaõ o ſofrimento com deſprezo dos remedios. Por iſto, Senhores, naõ nos perſuadamos a que naõ póde eſtar gallicada altamente, quem nunca experimentou as certezas de haver padecido gonorrheas virulentas, ou outros danos, com que o gallico incipiente ſe manifeſta: porque, como temos dito, he taõ extraordinaria a natureza

deſte

deſte contagio, que ſem offenſa das partes bayxas ſe chega a radicar no ſangue, por meyo do qual excita em varias partes incommodos differentes.

Communicado ao figado. *O gallico confirmado, diz o Author, que he o que ſe tem communicado ao figado, cuydando erradamente, que eſta parte era officina da ſanguificaçaõ; & como o figado naõ ſanguifica, tudo quanto neſte particular diſſer delle, ſe deve entender da maſſa ſanguinaria, em que o contagio gallico ſe implanta, & ſe ſigilla, como já advertimos nas Annotações ao capitulo antecedente.*

CAPITULO IV.

Dos ſinaes do morbo gallico.

Numero 1.

COmo a qualidade gallica he cauſa de todas quantas enfermidades póde moleſtar ao corpo humano, naõ póde haver enfermidade, ou ſymptoma, que por ſi propriamente deva ſer ſinal della. Porém por tres principios nos governaremos, para que de certo a conheçamos. O primeiro ſerá pela cauſa: o ſegundo pela improporçaõ dos affectos: o terceyro pela cura. Mas he de notar que como eſta qualidade principalmente offende o figado, & a faculdade natural, conforme a commua opiniaõ, & provaremos em ſeu lugar, os affectos, que de neceſſidade acompanhaõ a morbo gallico, ſaõ os que pertencem a eſta faculdade; & por tanto os havemos de regular pelos tres principios, que diſſemos, a ſaber, de que cauſas procedaõ, que proporçaõ, ou improporçaõ tem com ellas, ou com os ſymptomas, & enfermidades, que lhes reſpondem, & que cura lhe faz proveyto, ou dano. 1. p.q. 6. & 8.

Os mais ordinarios affectos, que ſeguem a leſaõ da faculdade natural offendida pela qualidade gallica, & que nos ſervem de ſinaes, ſaõ copia de excrementos aduſtos, que em varias partes do corpo ſe moſtraõ, em tanto que Maſſaria, & outros Authores graves tiveraõ para ſi que eſte era o final pathognomoco, a ſaber, chagas virulentas corroſivas, & ſordidas das partes inferiores, ou da garganta, & mais partes da boca, & narizes, ampolas vermelhas, ou de outra cor, & boſtelas em todo o corpo, principalmente no roſto, & cabeça, vermelhidaõ no nariz, & partes vizinhas, roim cor de roſto, & mais partes, a luz dos olhos menos clara, comichaõ univerſal, ſarna, principalmente nas partes da barba, & cabeça, verrugas nas partes bayxas, tumores de verilhas, & outros apoſtemas ſcirroſos, em eſpecial de partes de oſſos, como teſta, cabeça, canelas de pernas, & braços, & às vezes tambem no peſcoço, & ſovacos a modo de alporcas: dores no meyo dos oſſos entre junta, & junta, & de cabeça, que principalmente ſe exacerbaõ de noyte: dores de peſcoço ſem tumor, a modo de encordoamento, gonorrheas purulentas, defluvio de cabellos. E poſto que ha outros muytos que naõ ſe pódem numerar, eſtes ſaõ os principaes, & mais ordinarios affectos, que ſe ſeguem à qualidade gallica. Lib. proy

Vindo logo ao primeiro principio por onde ſe ha de conhecer, tanto que virmos hum, ou muytos deſtes affectos, conſideraremos cauſa de que procederaõ, a ſaber, ſe houve contagio, ou naõ, & ſe o houve, he infallivel procederem de qualidade gallica. Porém porque algumas vezes ſe naõ póde conhecer, ſe precedeo o contagio, ou porque os enfermos conſtantemente o negaõ por reſpeyto de ſuas commodidades, que talvez eſtimaõ mais que a propria vida: ou

porque ſenaõ adverte na occaſiaõ que para iſſo tiveraõ, v. g. ſenaõ he immediato o contagio, como quando ſe pega da cama, calçado, ou veſtido, ou ſe o herdou de ſeus pays, (ſe eſte tambem naõ merecer nome de immediato) ou quando naõ póde haver ſuſpeyta da peſſoa, de que mediata, ou immediatamente ſe pudeſſe contrahir, he neceſſario recorrer com graõ prudencia aos outros dous principios. 2.p.q.15.

E por tanto vindo ao ſegundo, conſideraremos a improporçaõ dos ſobreditos affectos, porque eſta he final pathognomonico de todas as enfermidades gallicas, como largamente moſtraremos em ſua queſtaõ particular, v. g. a multidaõ de excrementos aduſtos, ſe conhecerá ſer gallica, porque ſerá improporcional ao calor do figado, como quando de repente ſobrevierem a hum homem ſaõ quantidade de ampolas pelo corpo todo, ou chagas corroſivas nas partes bayxas, ou da boca, ſem que precedeſſe uſar de muyto vinho, nem de mantimentos demaſiadamente quentes, nem exceſſivo exercicio, nem andar à calma, nem outra couſa, que pudeſſe eſquentar o figado, ou requeymar os humores, por onde fica ſendo claro naõ haver cauſa manifeſta a que ſeja proporcional, & ſe poſſa attribuir a geraçaõ dos ditos affectos: de que neceſſariamente ſe infere, que hade ſer occulta, & venenoſa, qual he a qualide gallica, como largamente moſtraremos na ſegunda parte deſta obra. E ſe eſte homem no tempo antecedente era deſtemperado do figado, & com tudo naõ coſtumava gerar tanta copia de excrementos, & de novo lhe ſobrevierem, tambem he manifeſta a improporçaõ, & ſer cauſa a dita qualidade. Tem além diſto as chagas da boca, & partes bayxas huma particular improporçaõ, que nota o meſmo Rudio, que he fazeremſe ſem preceder effeyto phlegmonoſo, como acontece às ordinarias. A farna, boſtelas, & phlegma falſa da cabeça, & barba, ſaõ improporcionaes a eſtas partes principalmente a peſſoas de vinte & cinco annos por diante, porque por ſer o outro mais duro, reſiſte mais aos vapores acres, & por tanto ſe argue qualidade venenoſa, conforme ao meſmo Rudio, pois quando a naõ ha, naõ coſtuma nas ditas partes naſcer farna, poſto que haja muyta em todo o mais corpo. Queſt 4. Lib. 5. de morb. ven. Loc. cit.

Do meſmo modo o tumor da verilha ſenaõ precedeſſe chaga no pé, ou demaſiado andar, ou couſa ſemelhante, das que o coſtumaõ excitar, naõ ha duvida que ſeja gallico pela improporçaõ às couſas de que havia de proceder, ſe o naõ fora. Aſſim tambem ſe houver tumores ſcirrhoſos, & fizerem dores, como ellas ſejaõ improporcionaes aos ſcirros, (que ſaõ tumores duros ſem dor, conforme Galeno) he claro ſerem de morbo gallico. E poſto que alguns dos ſcirros façaõ graves dores quando procedem de humores aduſtos quaes ſaõ os cancroſos, com tudo quando eſtes naſcem de qualidade gallica ſaõ as dores muyto mais intenſas que as daquelles, que della naõ procedem, como muy bem notou Euſtachio Rudio, o qual tambem nota que ſe fazem eſtes ſcirros tenazmente pegados aos oſſos; o que naõ coſtuma acontecer aos ordinarios, por naõ procederem dos excrementos dos meſmos oſſos, & membranas como eſtes procedem por razaõ da grande, & inſeparavel impuridade, que o alimento levou do figado. E ſemelhantemente as dores de pernas, & braços entre junta, & junta, & as de cabeça, as quaes todas de noyte ſe exacerbaõ, naõ tem couſa, a que proporcionalmente reſpondaõ, nem que de noyte as faça crecer, porque poſto que as enfermidades, que naſcem de humores craſſes, tem neſſas horas ſuas exacerbações, com tudo naõ ſaõ taõ evidentes, & infalliveis, como quando procedem de qualidade gallica. Lib. de tumor. præt. nat. & ſæpè alibi. Lib. 5. de morb. ven. c. 10.

A meſma improporçaõ ſe vè nas gonorrheas, porque as gallicas ſempre ſaõ virulentas, & enfraquecem muyto menos que as verdadeyras, & rariſſimamente acontecem ſem procederem de qualidade gallica: & poſto que algumas vezes haja por aquella via expurgaçaõ de humores vicioſos do corpo ſem occaſiaõ de contagio, aſſim como ſuccede às mulheres pelos mezes, como notou Laguna; com tudo neſtes caſos ha no corpo cauſa manifeſta, a que proporcionalmente poſſaõ reſponder, como he ſerem homens de compleyçaõ molle, effeminada, & de terras frias, (quaes ſaõ as do Norte, onde Laguna diz acontecer iſto, que nas noſſas regiões he rariſſimo) & copia de humores crùs: o que ſenaõ acha nos outros, que padecem gonorrheas gallicas. Io meth. de extirp. carvoſ. fol. 9.

Tem do meſmo modo ſua improporçaõ o defluvio dos cabellos gallico, porque naõ coſtuma fazer na cabeça aquellas melas, que faz o defluvio ordinario, que naõ coſtuma pelar toda a cabeça, ſenaõ ſómente algumas partes della, onde deyxa o couro calvo: porém quando a cauſa he qualidade venefica gallica, acontece o defluvio pela cabeça toda. As febres finalmente gallicas naõ guardaõ a proporçaõ de enfraquecer o corpo, como as outras, porque ordinariamente ſe paſſaõ de pé, & com durarẽ muytos mezes, & às vezes annos, & parecerem confirmadas hecticas, naõ fazem aquella fraqueza, que coſtumaõ as humoraes, ou hecticas da meſma eſpecie, que naõ ſaõ gallicas. E iſto meſmo ſe conſiderará em todos os mais affectos, que deſta má qualidade procedem, em que ſempre ha improporçaõ, ou a reſpeyto das cauſas, ou dos ſymptomas, ou da parte, ou das outras enfermidades da meſma eſpecie, que naõ ſaõ gallicas, cuja conſideraçaõ deyxo ao entendimento de cada hum, porque naõ ſe póde eſpecificar em todos.

Vindo finalmente ao terceyro principio, que ſe toma da cura, como ſeja certo, que pelo ſucceſſo della ſe conhece a enfermidade conforme Galeno, & Hippocrates, clara, & infallivelmente ſe conhece ſer affecto gallico, ſe tentando os remedios, que coſtumaõ aproveytar nas enfermidades, que deſta qualidade naõ procedem, naõ ſómente nada aproveytaõ, antes às vezes ſe exacerba o mal; & pelo contrario applicados os alexipharmacos com que o morbo gallico ſe cura, ſe conſegue ſaude, ou pelo menos manifeſta melhoria, v. g. ſe houver graviſſimas dores de cabeça, pernas, ou braços, & naõ aproveytarem os remedios revellentes, evacuantes, & mitigatorios, applicados conforme a razaõ, ſuſpeytaremos que procedem de má qualidade venenoſa, & maligna, conforme ſe colhe de Galeno. E logo ſe applicados os remedios proprios do morbo gallico o mal ſe foy mitigando, he ſinal cientifico que delle procediaõ, conforme Galeno. Aſſim tambem ſe houver chagas corroſivas, ou de outra qualidade, que evacuando o corpo, & curadas como convem, naõ ſaraõ, he ſinal efficaz de procederem de qualidade gallica: o que evidentemente ſe acaba de confirmar ſeguindo-ſe melhoria com os remedios della, como fica dito, & aſſim nos demais affectos. Ajunta-ſe a iſto, que os achaques gallicos difficultoſamente acabaõ de ſarar, & repetem muytas vezes, & as chagas deyxaõ depois de curadas humas cicatrizes durâs, & calloſas, que com difficuldade ſe desfazem, como notou Falopio, & Ambroſio Pareu; & as boſtelas deyxaõ humas nodoas vermelhas, ou de outra cor, que naõ coſtumaõ ficar das que naõ ſaõ gallicas. E por iſſo notou excellentemente Mercurial, que a rebeliaõ dos affectos era ſinal efficaciſſimo da dita qualidade: & aſſim tambem na cura ſe acha a improporçaõ ſobredita, porque naõ coſtuma ſarar proporcionalmente conforme as enfermidades da meſma eſpecie, que de morbo gallico naõ procedem. De ſorte que a improporçaõ

Lib. de loc. affect c. 42. aph. 17. & 2 acut. 1. & 4. aph. 3.

5. Epid. ſect. 3. ad tex. 1.

Lib. 1. de locis cit.

Tract. de morb. gal cap 20. & 23 lib. 18. c. 4. & 5. Lib. prop. c. de figu.

çaõ, ou ſeja da cauſa, ou dos affectos, ou da cura, he final certo de morbo gallico, ſegundo eſtá declarado.

Numero 2.

Sinaes ordinarios do morbo gallico.

POſto que eſta declaraçaõ pareça eſcuſada, com tudo porque os principiantes ſe naõ cõfundaõ com o ſobredito diſcurſo,& melhor o entendaõ, torno a propor os ſinaes do morbo gallico mais breve, & diſtinctamente, que ſaõ os ſeguintes. Defluvio de cabellos da cabeça, & barba; maculas pelo corpo, ou como de pulgas, ou mayores,vermelhas, amarellas, pardas,ou negras empolas no roſto, cabeça, & barba, & pelas mais partes, vermelhidaõ no nariz, & nas queyxadas, má cor de roſto, chagas nas partes da boca, principalmente na garganta, & em outras partes do corpo muyto rebeldes aos medicamentos applicados, conforme a razaõ; tumores ſcirrhoſos na teſta, & mais partes da cabeça, & nas canelas das pernas, & braços dores intoleraveis, principalmente entre junta, & junta, que pela tarde, ou de noyte ſaõ mayores: & tudo iſto ſuccede de ordinario ſem febre, mas algumas vezes com ella; porém eſta naõ coſtuma ſer aguda, & tambem à tarde, ou de noyte crece.

E antes de haver nenhum final deſtes, teve o doente occaſiaõ de contagio ou de converſaçaõ de peſſoa infecta, ou da cama, ou dos veſtidos, & calçado, ou naſceo de pays, que padeciaõ morbo gallico, ou mamou leyte de mulher gallicada. E nas peſſoas a que ſe cõtrahe por converſaçaõ impura, nacemlhe primeyro nas partes bayxas, & às vezes na boca empolas, ou chagas, & nas verilhas tumores, & padecem purgaçaõ pelo cano da ourina, a que chamaõ gonorrhea purulenta. E das chagas ſobreditas, ainda que ſarem, fica huma dura cicatriz, ou callo, que com nenhum medicamento ſe desfaz, o qual diz Falopio, que he final infallivel do contagio gallico. Todos eſtes ſinaes, ou alguns delles acontecem aos que tem boubas.

Trad. prop. c. 22.

Iſto quanto ao conhecimento do morbo gallico em commum. Mas cada humas das eſpecies ſe conhece pelos ſymptomas, que em cada huma dellas notamos no Capitulo antecedente; a ſaber, a primeyra eſpecie ſe conhece, porque naõ ha outra couſa mais que pelaremſe os cabellos da cabeça, & barba. A ſegunda, porque naõ ha outro ſympotoma,ſenaõ aquellas maculas razas,vermelhas,ou citrinas. A terceyra, porque naõ ha mais que empolas, ou boſtelas da cabeça, roſto, & outras partes, às quaes ſe ſeguem pruido grande, ſarna, fleyma ſalſa, chagas corroſivas, & difficultoſas, em que jà vay avizinhando com aquarta eſpecie, a qual ſe conhece pelos outros ſymptomas mais graves, a ſaber, febres lentas que repetem, ou ſe exacerbaõ pelas tardes, & outras ao parecer hecticas, dores graviſſimas, que à tarde, ou de noyte ſe axacerbaõ, tumores ſcirroſos pegados tenaciſſimamente aos oſſos, fiſtulas, chagas cavernoſas, oſſos corruptos eſtilicidios ao bofe, às vezes com chagas nelle, carnoſidades, & ouros ſymptomas graviſſimos. Mas em todos os ſinaes das ditas quatro eſpecies, ſe devem achar os ditos tres principios, de que ſe colhe a infallibilidade de procederem de qualidade gallica. E quando houver ſinaes da primeyra, ſegunda, terceyra, & quarta eſpecie, entenderſeha que todas eſtaõ complicadas.

Num. 3.

Sinaes que diſtinguem o morbo gallico da lepra.

HE tanta a ſemelhança, que o morbo gallico tem com a lepra, que Sebaſtiaõ Aquilano, & Andrè de Leon, & outros, o tiveraõ por verdadeyra eſpecie della; & foy a cauſa o ſer tambem a lepra qualidade venenoſa (conforme a opiniaõ mais verdadeyra, ſegundo Euſtachio Rudio) que offende o figado, & conſequentemente a ſanguificaçaõ. E por tanto faz tambem ſymptomas improporcionaes pertencentes à faculdade natural. Porèm diſtinguiremos o morbo gallico della pelos meſmos tres principios, que acima tocamos. Lib. de morb. gal. Lib. 1. de morb. venen. c. 5.

Primeyramente pela cauſa, porque a lepra às vezes naſce ſem contagio, & o morbo gallico nunca ſuccede ſem elle immediato, ou mediato de outro gallicado. E por tanto aquelle que por razaõ do contagio gallico tiver algum achaque, poſto que ſe pareça com os da lepra, pela dita occaſiaõ ſe conhecerà ſer gallicado, & naõ leproſo. Segundariamente ſe diſtingue ao claro pela cura, (que era o terceyro principio) porque nem o leproſo melhora com as medicinas proprias do gallicado, nem o gallicado com as do leproſo, antes algumas vezes ſe achaõ peyor, como notou Trajano. Lib 6. de morb. gal 18.

Em terceyro lugar (que era o ſegundo principio) ſe conſideraràõ os ſymptomas do leproſo, que coſtumaõ ſer outros muyto diverſos. E poſto que alguns tenhaõ o parecer com os do gallico, tem outro differente modo; porque o defluvio de cabellos acontece ao gallicado ſómente na cabeça, & barba; mas ao leproſo tambem ſe lhe pelaõ os cabellos das ſobrancelhas, & dos ſovacos, & das mais partes do corpo, & antes de ſe lhe pelarem, ſe lhe vaõ fazendo curtos, poucos, & delgados, & mais delgados ſaõ alguns, que lhe tornaõ a naſcer, naõ ſendo iſto aſſim nos gallicados. A vermelhidaõ do roſto do leproſo tira muyto para negra, conforme Avicena, fazendoſelhe os olhos carnicentos, & as veas delles, & de todo o corpo tambem ſe lhe fazem negras, & os olhos redondos, conforme Averroes: cheyralhe muyto mal o bafo, & o corpo todo, em eſpecial o ſuor, conforme Avicena, & tem ſonhos turbulentos, & pezados, de ordinario com pezadelo, & creſcendo mais o mal ſe fazem roucos, & vaõ perdendo a voz pouco, & pouco com difficuldade de reſpiraçaõ: o couro de todo o corpo ſe lhe faz aſpero, de modo que parece pato depenado, & o da teſta ſe lhe faz tenſo, duro, & lucido: os muſculos ſe lhe conſomem, principalmente as polpas das mãos, & fica o couro pendurado como bolſa vazia, & todo o corpo ſe lhe faz pezado, & preguiçoſo: os dedos das mãos, & pès ſe lhe fazem eſtupidos com ſentimento como de formigas, o qual eſtupor, continuando o mal, lhe creſce por todo o corpo de modo, que ſe lhe atraveſſaõ hum alfinete, o naõ ſente: as unhas ſe lhe fendem, & fazem negras, as ourinas ſaõ brancas, & às vezes fuſcas, delgadas, & ſempre fetidas com ſedimento como de rolão, que ſe aparta da farinha, & com areas, & poſto que tenhaõ cauſa de chorar, naõ pódem lançar lagrimas algumas: os narizes ſe lhe enchem de polypos, & carnoſidade, & ſe lhe contrahem de modo que ficaõ fanhoſos: os oſſos das pernas, & braços ſe lhe deſconjuntaõ: as orelhas ſe lhe ſecaõ, & torcem, a figura da boca ſe lhe vicia, & ſe fazem finalmente de feyo, & terrivel aſpecto: mas todos eſtes ſymptomas poucos, & raras vezes acontecem aos gallicados: ſendo que os leproſos os tem de ordinario todos. cap. prop. 4. Collig. citat.

Num. 4.

Propoem-ſe alguns exemplos para conhecer os affectos do morbo gallico, quando ſaõ duvidoſos.

POſto que pelos ditos tres principios ſe alcance inteyro conhecimento deſta enfermidade, ſaõ os ſinaes às vezes taõ eſcuros, que por mais que ſe conſiderem, naõ acaba de ſe alcançar totalmente a certeza, & por tanto he neceſſaria grande conſideraçaõ, & grande experiencia, a qual como falta aos principiantes, me parece acertado para os exercitar proporlhes alguns exemplos destes caſos mais duvidoſos.

Primeyro exemplo.

PAdecia certa peſſoa humas dores pequenas de cabeça, & de joelhos: eſtas eraõ quaſi continuas, mas na cama ſe lhe exacerbavaõ; aquellas intermitiaõ de dia, & repetiaõ logo à noyte, mas mitigavaõſelhe na cama. Com iſto padecia ventoſidades hypocondriacas com dores nos hypocondrios, (que ſaõ aquellas partes do ventre, a ſaber, eſtomago, & de longo delle) de noyte mayores, algum faſtio, & mào cozimento do comer, affectos proporcionaes a ſeu temperamento, que era melancolico aduſto, & deſtemperança quente de figado, que coſtumava ter. Algum dia tivèra contagio de morbo gallico, (poſto que havia muytos annos) a que neſſe tempo ſe ſeguiraõ gallicos affectos, de que entaõ ſe curàra, & ficára, conforme lhe parecia, ſaõ, ſem raſto delles, & naõ houve mais novo contagio. Sangrouſe, & purgouſe com medicamento accommodado, & fez outros remedios convenientes à hypocondria ſem aproveytarem.

Neſte caſo podia haver grande duvida de ſer affecto gallico, porque as dores nas meſmas juntas dos joelhos naõ ſaõ ordinarias nelle, ſenaõ he quando juntamente ſe eſtendem pelas canellas, & coxas: as de cabeça tambem podiaõ naõ ſer gallicas, como cada dia vemos, antes podiaõ ſer de ventoſidades, communicadas dos hypocondrios, que poſto que ſe exacerbavaõ de noyte, era iſto proporcional ao humor melancolico. Nem do contagio antigo parece ſe podia colligir màa qualidade, pois ſe curou, & ficou ſaõ muytos annos, que confórme dizia, eraõ ſete, ou oyto. Porèm eu me reſolvi em que era morbo gallico, por ſerem alguns deſtes affectos ordinarios nelle, como as dores de cabeça, & pela improporçaõ da dor dos joelhos, que quando não he gallica, naõ ſe exacerba de noyte, & pela dor de cabeça, que à tarde repetia, & pela mayor intenſaõ nocturna das dores dos hypocondrios, as quaes todas, poſto que às vezes repitaõ de noyte, naõ ſendo gallicas, a ſaber, quando procedem de humores melancolicos, & fleymaticos, com tudo naõ guardaõ aquella pontualidade, com que as gallicas repetem. E poſto que havia annos que ſe curàra do contagio, com tudo podiaõ ficar reliquias delle, que foſſem cauſa dos achaques, que de novo tinha, pois he certo, conforme Galeno, que os ſeminarios venenoſos pódem eſtar eſcondidos dentro no corpo muytos annos ſem fazerem dano; em eſpecial ſendo de qualidade gallica, conforme Fernelio, que diz, que de trinta annos póde repetir; & Cardano, que o vio tornar, & matar de vinte & dous, & com iſto ſe confirmava mais ſer certo o final da improporção. Pelo que me reſolvi a darlhe humas apozemas dirigidas ao morbo gallico, & que reſpeytaſſem achaques hypocondriacos, com que logo melhorou evidentemente, & continuando-as mais dias, naõ ſómente ſarou de todo, mas houve cientifica noticia de que o mal era o gallico,

1. Porr. com. 2. text 17. & ſæpè alibi. Lib. 2 de abd. rer. cauſ. c. 14 ar. 1. Hep de alimp. pag. 166. edit Baſilex in 8.

o gallico, que entendiamos pertencente à teceira, & quarta eſpecie.

Numero 5.

Segundo exemplo.

TEve certo mancebo de trinta annos grandiſſimas dores de cabeça, & canellas das pernas, que de noyte lhe creciaõ ſem febre, nem tumor, mas com ellas huma chaguinha ſordida na parte bayxa. Perguntando ſe tivera occaſiaõ de contagio, diſſe que em ſua vida a naõ tivera; ſendo que era peſſoa bem entendida, & de tal eſtado que ſem deſcredito, nem pejo o podera logo confeſſar: inquirindo-o ſe o herdaria de ſeus pays, diſſe que foraõ ſaniſſimos. Era caſado com mulher muyto caſta, fóra de toda a ſuſpeyta, & tinha filhos muyto ſãos, porém diſſeraõ, que ſendo a dita mulher menina trazia muytas boſtellas na cabeça, & corpo, & que entendiaõ teremſelhe pegado de jazer na cama com outra, que padecia morbo gallico. Daqui colligi ficaremlhe alguns ſeminarios, que nella, por ſer de boa natureza, naõ fizeraõ dano, & depois ſe actuaràõ no marido, & lhe inficionàraõ o figado, & cauſáraõ os ditos ſymptomas, que tinhaõ aquella notavel exacerbaçaõ de noyte ſem haver enfermidade, ou cauſa manifeſta, a que ſe pudeſſem attribuir; o que tambem confirmava a dita chaguinha, que com ſer pequena, & ſe lhe applicarem os remedios neceſſarios naõ ſarava, antes ſe fazia calloſa. Ordeneylhe ſuores de ſalſa depois de feytas as evacuaçoens da ſangria, & purga, com que logo manifeſtamente melhorou: mas porque naõ acabava de ſarar, lhe mandey applicar as unturas de Mercurio, com que ficou ſaõ de todo.

E que ſeja poſſivel ter huma mulher, ou homem em ſi ſeminarios de morbo gallico, que naõ façaõ dano, & com tudo pegar o mal a outra peſſoa, he couſa certiſſima, & que cada dia vemos, mas o como iſto poſſa acontecer declararemos largamente na ſegunda parte. A eſte exemplo ſe póde ajuntar outro de Trincavello, o qual diz, que certa mulher ſendo ſaniſſima parira hum menino cheyo de chagas, & de boſtellas, as quaes, naõ havendo na mãy cauſa manifeſta, a que proporcionalmente ſe pudeſſem attribuir, era conſentaneo à razaõ, que procedeſſem de contagio gallico, que o pay tivera. Quæſt. 11. Lib. 11. c. 17. de rati. cur.

Numero 6.

Terceyro exemplo.

HUm mancebo ruyvo padecia grandes dores de eſtomago declinantes mais ao hypocondrio eſquerdo ſem tumor na parte, nem febre, nem ſecuras: mas com faſtio, vigilias imodicas procedidas das dores, que de noyte cruelmente ſe exacerbavaõ; tinhaõlhe feyto muytos remedios, *ſecundùm rationem*, como alcançey dos Medicos, que o curavaõ, que eraõ doutos. Inferi daqui, que havia malignidade, porque conforme Galeno, o mal que naõ obedece aos remedios applicados conforme a razaõ, & he curado por Medico que ſabe, ha-ſe de entender ſer maligno, & como o crecer de noyte era ſymptoma ordinario de morbo gallico, torney a inferir que naõ poderia ſer outro; o que confirmou dizerſe, que jà o anno paſſado ſe curára delle. Pelo que lhe ordeney tomaſſe as unturas do Mercurio, com que logo melhorou, & ſarou de todo, & ſe ficou verificando o que diz Mercurial, como jà notà nos, que ſendo os achaques rebeldes, & naõ obedecendo às curas ordinarias, he final efficaciſſimo de ſerem gallicos. 1. Epid. ſect. text. 1. Traſt. prol. c. de ſign.

ANNOTAÇOENS.

Numero 1.

DE todas quantas enfermidades. *Se o contagio gallico chega a ſigillar-ſe na maſſa ſanguinaria, certo he que cauſa póde ſer de todas quantas enfermidades padeção o corpo, ou ſejão cauſadas immediatamente do ſangue, offendendo no ſeu circulo as partes por onde ſe move: ou ſejão excitadas por vicio da lympha, que ſeparada do ſangue, como he dotada das meſmas qualidades, póde fazer ſemelhantes danos nas partes por onde circula. Aſſim vemos muytas vezes achaques, que parecendo productos de outras cauſas, naõ pódem curar-ſe inteyramente, em quanto ſe naõ oppugnaõ com os alexipharmacos anti-venereos. Iſto obſervarà mil vezes todo o Medico circunſpecto. Quantas febres temos encontrado, que fazendo-ſe habituaes pela ſua pervicacia, ſe extinguiraõ facilmente com ſuores de ſalſa, & com o uſo do mercurio? E aſſim outros muytos males, em que devemos conſiderar, que ſe o enfermo chegou a eſtar gallicado, póde ſer eſte contagio cauſa delles. Naõ dizemos, que ſe hum homem infecto com eſte veneno padecer hum pleuriz, huma eſquenencia, huma febre ardente, hum ſynocho, ou outra enfermidade aguda, entendamos, que o gallico foy cauſa della, para a curarmos com os ſeus antidotos. Mas dizemos, que ſe paſſada a agudeza dos males, ficarem ainda durando com deſprezo dos remedios, lhe appliquem os alexipharmacos do gallico, tendo a certeza de haver ſido gallicado o doente; porque, como temos dito, o gallico communicado ao ſangue, & à lympha, cauſa póde ſer de todas as enfermidades do corpo. Em confirmaçaõ deſta doutrina, ſe lea o ſeguinte caſo.*

Hum moço de idade juvenil, de natureza forte, temperamento cholerico, & ſanguineo, dado à caça, & exercicios laborioſos, com que paſſava huma vida agitada: quando lograva perfeytiſſima ſaude, por hum congreſſo empuro, contrahio contagio gallico, que paſſados alguns dias ſe manifeſtou em huma gonorrhea virulenta, acompanhada de crueis dores, & ardores, que obrigàraõ a acudirlhe logo com remedios, que moderaſſem eſtes ſymptomas, ficando a gonorrhea depois delles conſervando-ſe pelo deſprezo de quem a tinha; porque livre dos ardores, nenhum caſo fez da purgaçaõ da gonorrhea, nem do contagio, que havia recebido, ſegurandolhe erradamente quem o curava, que tanto que ſe moderavaõ os ſymptomas das gonorrheas, a melhor cura dellas conſiſtia em deyxalas purgar, atè que de todo ſe extinguiſſem; erro craſſo, como em ſeu lugar moſtraremos.

Mas paſſados tres mezes, quando jà naõ havia veſtigio da gonorrhea, deo o moço em huma profundiſſima melancolia, ſem haver cauſa procathartica a que attribuirſe; perdeo toda a viveza do animo; deyxou a caça, & os mais exercicios em que ſe occupava; & apprehendendo, que morria por inſtantes, negava-ſe a todo divertimento. Chamou-ſe Medico, & depois ſe conſultàraõ outros, que achando o doente com alguma intemperança nos pulſos, com o roſto vermelho; com ſecura de boca, com faſtio, & com faltas de ſono, vieraõ a entender, que por phlogoſis, ou quentura das entranhas, & da maſſa do ſangue padecia o enfermo aquella hypocondria; & eſtando neſta hypotheſi, depois de o ſangrarem algumas vezes, de lhe lançarem ſanguexugas nas veas hemorrhoidaes, de o purgarem ſuavemente, de lhe darem ſores de leyte de cabras, & banhos de rio corrente, ainda ſe naõ pacificàraõ de todo os deſordenados movimentos dos eſpiritos; ainda naõ pararaõ os motins das phantaſmas, que lhe excitavaõ a fanteſia; & finalmente, ainda eſtava melancolico hipocondriaco; porque quando parecia que melhorava, no uſo dos meſmos remedios, ſem nova cauſa, ſe offendia. Quando chegamos a ver eſte homem, entendemos que o ſeu mal procedia do fermẽto gallico, que ſigillado na maſſa do ſangue, lhe viciava o ſeu acido natural, & lhe depravava a ſua fermentaçaõ in-

teſtina,

teſtina de que provinha a intemperança dos pulſos, a eſcandeſcencia das entranhas, as vigilias continuadas, que a elaſticidade do ſangue, & o orgulho dos ſeus eſpiritos produziaõ, & conſervavaõ; & neſte ſentido aconſelhavamos, que o doente ſe curaſſe de gallico, ſe queria ſolicitar com fundamento a ſaude, que ſem outra cauſa perdera. Foy eſte conſelho mal admittido, por tres razões. Huma, porque naõ tivera de gallico mais que a gonorrhea, de que perfeytamente ſe curàra. Outra: porque as hipocondrias para ſerem rebeldes, & repugnantes aos remedios, naõ neceſſitavaõ de gallico que as fomentaſſe, porque de ſua natureza eraõ cerviçoſas, & contumazes. Outra: porque os antidotos do gallico, com o ſeu calor podiaõ aumentar as intemperanças quentes, & crecer o dano. Mas chegando ao fim do caſo, com mercurio tomado pela boca ſe curou o enfermo maravilhoſamente; ſendo reprovado o remedio, ainda depois de ſe reconhecer a ſua utilidade; que a emulaçaõ, & a enveja, naõ perdem as forças para a cenſura, ainda quando a felicidade dos ſucceſſos acredita os diſcurſos com os acertos.

Neſte caſo conſideramos, que o contagio gallico era cauſa de tanto dano; porque chegando no tempo da gonorrhea acommunicar-ſe ao ſangue no ſeu circulo: aſſim como nas partes obſcenas produz tal effeyto de calor, & ſecura, que cauſa dentro de poucos dias huma gonorrhea, ſendo as ditas partes pouco eſpiritoſas: porque naõ cauſarà na maſſa do ſangue hum calor morboſo; & porque naõ excandeſcerà as entranhas; & finalmente porque naõ inquietarà os eſpiritos, para cauſar huma vigilia? E mais quando he certo, que o fermento deſte contagio, he hum fermento acido, volatil, acre, & corroſivo, cujas qualidades communicadas ao ſangue, & aos eſpiritos ſaõ appropriadas para excitar os danos referidos. Engana-ſe quem cuyda, que nas gonorrheas virulentas naõ he neceſſario mais remedio, que os que temperem os ſeus ardores, porque iſto he acudir aos ſymptomas, deſprezando a cauſa, de que reſulta, que eſta ſe communique à maſſa ſanguinaria, & que fique o doente gallicado, ainda que a gonorrhea inteyramente ſe cure. Mas diſto fallaremos nas Annotações ao Capitulo XI.

Outro caſo nos occorre, que naõ deve ſer eſquecido. Hum homem quadragenario nos annos, robuſto no temperamento, athleta no habito, & polyphago na meſa: depois de haver padecido dentro de dous annos humas quartans, que por deſordens ſuas lhe repetiaõ; chegou finalmente, eſtando livre dellas, a fazer-ſe hidropico aſcitico. Era grande a intumeſcencia do vẽtre; as pernas, & oſcroto tambem tinhaõ ſua inchaçaõ. A ſede era incompeſcivel. Antes de dar neſtes achaques, tinha contraido varias gonorrheas, & outros achaques gallicos, de que nunca ſe curara bem. Para ſe ver livre da hidropeſia tentou varias curas por conſelho de muytos Medicos: todos ſe empenhavaõ em referar as obſtrucçoens, que ſe ſuppunhaõ na regiaõ do baço; & em dirigir as ſeroſidades pelas vias da ourina; mas com tudo iſto, o achaque a nada cedia; & em dezaſeis mezes de curas, jà no enfermo faltava a paciencia para uſo dos remedios, & as forças para tolerancia dos achaques. Vendo eſte doente, fomos de parecer, que ſe curaſſe de gallico, & que a cura foſſe com azougue; aſſim por ſer o mais poderoſo antidoto deſte contagio; como por haver nelle huma inſigne virtude diſſolvente, & diſcoagulante, com q̃ podia referar as obſtrucções em que o fermento gallico eſtaria radicado. Teve oppoſtas contradições eſte voto; primeyramente, porque aconſelhava cura de gallico, quando era certo que huma hidropeſia naõ atteſtava eſte contagio; nem era achaque dos que coſtumava cauſar o morbo gallico. E naõ menos ſe reprovou o remedio que propunha: porque hidropeſias ſe naõ curavaõ com azougue. Mas ſem embargo deſtas razões, curàmos o enfermo, dandolhe o mercurio deobſtruente nas ſeguintes pirolas, que ſaõ de eximia efficacia para os caſos em que os affectos gallicos ſe complicaõ com obſtrucções inveteradas.

Tomem de azevre lavado em agua roſada, de goma amoniaco, de extracto de ruybarbo, de mercurio branco precipitado, de cada couſa deſta huma oytava; de crocus Martis aperiente Mercur. debbitz.

aperiente, dous eſcropulos, de eſcamonia ſulphurada meya oytava; de ſal de tamariz, & de loſna, de cada couſa deſtas, hum eſcropulo, de olhos de carãguejos dous eſcropulos. Façaõ-ſe pirolas com triaga antiga, das quaes ſe tome meya oytava de cada vez, em dias continuados.

Com eſtas pirolas ſe promovia alguma evacuação pelo ventre. E depois de uſar dellas dez dias, lhe damos unturas de azougue; & por haver já tomado baſtante mercurio nas pirolas, ſuccedeo que logo na ſegunda untura ſe moveſſe a ſalivaçaõ, por meyo da qual ſe vio o doente livre da hidropeſia, & de preſente vive com boa ſaude.

Deſte caſo ſe tiraõ muytos documentos praticos. O primeyro: que o gallico póde ſer cauſa de hidropeſias, & de todos quantos achaques padecem os homens. O ſegundo: que ainda que o gallico naõ excite os danos, naõ os deyxa curar em quanto com os alexipharmacos ſe naõ oppugna. O terceyro: que o mercurio he generoſo deobſtruente; & que nas obſtrucçoens dos gallicados, ſe deve dar com os deobſtruentes ordinarios. O quarto: que nas hidropeſias de ventre, ainda que naõ haja gallico (naõ fallamos da tympanitis) ſe deve uſar do mercurio; porque extraindo ſe os ſoros, & humores lymphaticos por meyo da ſalivaçaõ, que promove, vem a faltar materia para as intumecencias do ventre; o que naõ ignorava o doutiſſimo Silvio Deleboe quando aconſelhou a ſalivaçaõ mercurial para remedio das hidropeſias, como ſe póde ver no tratado ſexto do ſeu Appendice.

Notou excellentemente Mercurial. *Jeronymo Mercurial, Author graviſſimo entre os do ſeu tempo, diſſe, que ſe reputaſſem por gallicos aquelles achaques, que ſendo tratados com arte, naõ cedeſſem aos remedios convenientes. Eſte dictame, que tomado em bom ſentido, pudera ſer doutrinal, tem ſido occaſiaõ de muytos erros; porque ha Medicos, & Cirurgioes, que naõ podendo vencer brevemente alguns achaques, com os remedios por elles, ou bem, ou mal applicados: com menos profunda conſideraçaõ os calificaõ logo por gallicos, lembrando-ſe da authoridade de Mercurial; & ſem mais fundamento, que eſte, recorrem aos antidotos do contagio, dando ſuores, & applicando unturas em caſos em que ainda ſe naõ podia acuſar a rebeldia dos achaques; nem ſe deviaõ pôr em uſo os taes remedios, como já notámos em outro lugar, aonde diſſemos, q̃ naõ podendo hum Medico curar hũa terçãa notha no Outono com ſangrias, & purgas, queria uſar do vinho ſanto, com o fundamento de que o gallico era cauſa da contumacia daquellas ſezões, que logo ſe curàraõ com quinaquina. Do meſmo modo vimos outro, que naõ curando hum rheumatiſmo em quinze dias, ſem embargo de proteſtar o doente, que nunca tivera gallico, já lhe preparava ſuores de ſalſa para vencer a pervicacia daquelle achaque, que brevemente ſe curou com leyte de burra. Poucos dias ha, que em huma conſulta ſe nos propoz o caſo de huma gotta ſerena, perguntando ſe ſe uſaria de ſuores de ſalſa: ou ſe ſe recorreria ao azougue para curar aquelle achaque, que o Medico aſſiſtente capitulava por gallico, ſó pela razaõ de naõ haver cedido aos remedios com que o tinha tratado; como ſe as gottas ſerenas coſtumaſſem curar-ſe com tal facilidade, que da repugnancia deſta ſe pudeſſe arguir ſuperior cauſa, de que a ſua duraçaõ procedeſſe. E porque ſe evitem ſemelhantes erros, dizemos, que nem ſempre a contumacia dos achaques ſe ha de attribuir ao gallico, entendendo, que ou elle os cauſa, ou os fomenta de ſorte, que lhe difficulte a cura; porque ha muytos males, que de ſua eſſencia, & natureza ſaõ chronicos, & de longa duraçaõ, por mais que a arte ſe empenhe em deſtruilos, & vencelos. Tal he a hidropeſia, a tiſica, a melancholia hipocondriaca, a hectica, taes ſaõ as intemperanças das entranhas, & da maſſa do ſangue, & outros muytos achaques, que ainda quando ſe curaõ, he em longo tempo; porque naõ podendo a Arte mudarlhe a natureza, ſó depois de hum largo combate chega a ſuperallos.*

Nem a authoridade de Mercurial ſe ha de entender neſtes caſos, em que a rebeldia

he

he propria dos ditos males: ſenaõ que ſe ha de entender daquelles males, que cedendo ordinariamente aos remedios bem applicados, naquella occaſiaõ, ou ſe enfurecem, & ſe aggravão com elles, ou com total deſprezo dos remedios ſe conſervaõ na ſua obſtinaçaõ contumazes. Com que para culparmos a rebeldia dos achaques ao uſo dos remedios, he neceſſario primeyro conſiderar, ſe os taes achaques ſaõ por natureza propria de longa duraçaõ, ou ſe coſtumaõ ceder cõ facilidade às applicações da Medicina: ſe ſaõ de longa duraçaõ por natureza, como ſe ha de entender, que de haver gallico procede a ſua rebeldia? Se os males ſaõ daquelles que tem ordinariamente facil cura: he neceſſario examinar, ſe lhe tem acodido com os remedios a que deviaõ ceder; & ſe eſtes ſe applicàraõ em opportuno tempo; ſe ſaõ os doentes bem regidos, & obſervantes dos preceytos Medicos; porque de tudo iſto depende a facilidade da cura, & a difficuldade della, como dizia Hippocrates. 1. E não ſe faltando a alguma deſtas couſas, ſe os males naõ cedem aos remedios, que podiaõ curalos, mas antes ſe aggravão com elles: juſtamente deve entrar a conſideraçaõ de que alguma cauſa ſuperior os fomenta; & na ſuſpeyta ao gallico, bem ſe póde recorrer aos ſeus eſpeciaes antidotos para vencer aquelles danos rebeldes.

1. Hippoc. 1. aphor. 1.

Numero 3.

HE tanta a ſemelhança. *Naõ ſó com a lepra tem grande ſemelhança o morbo gallico porque a tem muyto mayor com o eſcorbuto, ou mal de Loanda; o que naõ advertio Madeyra, viſto que naõ propoz os ſinaes diſtinctivos de hum, & outro achaque. Tem grande ſemelhança o morbo gallico com o mal eſcorbutico: porque primeyramente ſaõ ſemelhantes em ſerem contagioſos. Saõ ſemelhantes na cauſa; porque ambos procedem de hum fermento acido, que vicîa a maſſa ſanguinaria em que ſe ſigilla. Saõ ſemelhantes nos ſinaes, ou nos effeytos: porque em ambos ſe achão nodoas, & tumores pelo corpo, chagas na boca, dores nos braços, nas pernas, na cabeça, & nas juntas; as quaes dores ſe exacerbão com mayor fereza de noyte, que de dia. Em ambos ſe poem muytas vezes atrophicos os doentes, naõ ſe podendo nutrir o corpo com hum ſangue vicioſo, & corrupto. Donde vieraõ a dizer os Eſcritores do eſcorbuto, que não havia achaque taõ ſemelhante ao gallico, como elle; & por iſto Sinapio que nega o morbo gallico, chamou a eſte contagio eſcorbuto da luxuria, como ſe póde ver na ſegunda parte dos ſeus Paradoxos. Atè nos remedios com que ſe curaõ, tem grande conveniencia eſtes dous males: porque a ſalſa, o páo ſancto, a raiz da China, & o ſaxifrás, que ſaõ os alexipharmacos anti-venereos, numeraõ os Authores entre os antiſcorbuticos, & atè o azougue, que todos louvaõ no gallico, aconſelhaõ alguns no eſcorbuto como ſe póde ver em Ettmullero, 2. & Vvillis. Bem neceſſario parece logo moſtrar os ſinaes por onde ſe diſtingaõ eſtes dous males; os quaes, ainda que ſejão ſemelhantes por contagioſos, tem a differença, em que o eſcorbuto naõ ſe communica por meyo do congreſſo, nem ſe propaga com dano das partes bayxas, ſenaõ por oſculos, pela ſaliva, & por character hereditario. E ainda que ambos naſçaõ de hum fermento, que vicîa a maſſa do ſangue, differem na natureza delles: porque o fermento gallico, he acido, acre, & volatil, & o fermento eſcorbutico, he acido, viſcido, & glutinoſo. Diſtinguiremos pois hum mal do outro, pelos ſinaes proprios de cada hum delles. Porque nos que forem gallicados, terà havido gonorrheas virulentas, ou encordios, puſtulas, & excoriações nas partes obſcenas, ou pelo menos teraõ vivido com ſoltura em ſerviço de Venus; ou ſeriaõ criados com leyte de mulher gallicada; ou ſeraõ filhos, ou netos de pays, & avòs infectos com eſte contagio. E os que forem eſcorbuticos, primeyro teraõ ſido hipocondriacos; & neceſſariamente haõ de padecer, ou ter padecido queyxa de eſtomago, manifeſtada nas cruezas, indigeſtões, borborigmos, eructações, flatulencias, adſtricções de ventre, colicas, nauſeas, & vomitos, que coſtumaõ acharſe ſempre nos hypocondriacos, cujo fermento vicioſo*

2. Ettmul. in collect. pract. fol. mihi 553. §. 14. Vvillis tract. de ſcorbut. cap. 11. fol. mihi 216. §. Hæc doctrina, &c.

cioſo tem principio no eſtomago, porque a auſteridade do ſeu acido, naõ podendo diſſolver, nem volatilizar bem os alimentos, commuta-os em huma paſta acida, & auſtera da qual reſultaõ vomitos de materia viſcida, inſignemente azeda, colicas cruelliſſimas, eructações, flatos, intumeſcencias de eſtomago, & ventre, fervor, & eſtuaçaõ nos hipocondrios, principalmente no direyto, couſa que o vulgo erradamente imputa ao calor do figado, o que ſuccede, porque deſcendo eſta paſta viſcida do eſtomago aos inteſtinos, & encontrando-ſe com a cholera, ferve viciosamente com ella; da qual effervescencia ſe elevaõ flatos, que cauſaõ os referidos danos; ſobre o que ſe veja o que eſcreveo Ettmullero. 3. *Com que nos eſcorbuticos ſempre ha de haver, como temos dito, queyxas de eſtomago, & ventre, as quaes ſe naõ achaõ preciſamente nos gallicados; & por eſte principio diſtinguiremos os males que padecerem os gallicados, & os eſcorbuticos. Alem deſte ſinal proprio dos que padecem mal de Loanda, tambem os ſeus danos, ou ſymptomas ſe diſtinguem dos do gallico por outros ſinaes; porque as dores das juntas, ou de outras partes, ainda que repitaõ de noyte, como as dores gallicas, naõ tem a meſma permanencia nos eſcorbuticos, que nos gallicados, & ordinariamente ſaõ humas dores vagas, as quaes ſe moderaõ muytas vezes com banho, ou fomentaçaõ de agua tepida, como obſervamos em hum Cavalheiro hipocondriaco, que dahi a ſete annos veyo a morrer eſcorbutico. Padecia elle todas as noytes humas ſeviſſimas dores nas pernas, dos joelhos para bayxo, que com nenhumas diligencias ſe puderaõ moderar, atè que por conſelho noſſo as meteo em agua tepida, & foy o remedio com que veyo a vencer taõ crueis dores, que o tinhaõ poſto em termos de perder a vida; porque ſobre a moleſtia que lhe faziaõ, tiravaõlhe o ſono, & o appetite de comer, com que o corpo ſe hia pondo em huma emaciaçaõ extremoſa. E porque naõ podemos combinar todos quantos ſymptomas padecem os eſcorbuticos, & os gallicados: dizemos que na duvida que houver da ſua natureza, ſe examine ſempre ſe ha, ou tem havido queyxa de eſtomago, indigeſtões, colicas vomitos, & flatulencias: que neſtes termos, bem ſe póde entender; que ſaõ productos do eſcorbuto os ditos males. Nas peſſoas hipocondriacas terà mayor duvida o conhecimento das ſuas queyxas, naõ havendo a certeza de ſerem gallicados. Mas neſte caſo; tentando-ſe primeyro os remedios, que pedirem os males por eſcorbuticos, ſe naõ ſe reconhecer utilidade que prometta vitoria, paſſar ſeha com prudencia ao uſo do mercurio: porque ſó a ſua generoſa virtude póde vencer as morboſas hoſtilidades de Venus, ſoccorrendo fauſtamente aos hipocondriacos eſcorbuticos, como temos obſervado mais vezes que huma.*

3. Ettmull. Colleg. pract. fol mihi 543.

CAPITULO V.

Das cauſas do morbo gallico.

A Cauſa, que introduzio o morbo gallico na Europa, he couſa certa ſer o contagio, que em ſua companhia trouxe das Indias Chriſtovaõ Colon no anno de 1493. & o levou a Napoles, & communicou aos dous exercitos dos Eſpanhoes, & Francezes, que ahi neſſa occaſiaõ eſtavaõ, como temos dito, & diffuſamente diremos em outro lugar, & deſſe tempo a eſta parte, ſempre o morbo gallico teve o contagio por cauſa: de que veyo a ſer opiniaõ commua entre os Authores, naõ poder ſucceder ſem elle, como conſta de Fernelio Rudio, & outros muytos.

2.p.q.10. art. 2.

Quatro ſaõ os modos de que o contagio ſe communica. O primeyro, & peyor he, o que ſe contrahe dos principios da geraçaõ, a ſaber, quando algum naſce de pays gallicados: o ſegundo, o que o menino mama no leyte, quando por deſgraça ſua teve por ama mulher infecta: o terceyro de contacto immediato,

que

que he o mais ordinario: o quarto de contacto mediato como do beber, & comer, da cama, do veſtido, do calçado, poſto que eſte terà menos efficacia. Acrecentaõ alguns, que tambem ſe pega pelo meyo do ar ao diſtante, como do bafo, ſegundo nota Pareu; porèm he couſa, que raras vezes ſe experimenta, & menos ſe experimenta pegarſe do comer, & beber, como cuydou Sylvio Inſulano. Mas de qualquer modo, que ſeja, he eſte contagio ſemelhante em ſe communicar ao de animaes venenoſos, como a puntura do alacraõ, a mordedura da vibora, & do cão danado, ſegundo notàraõ Fernelio, & outros, & primeyro que todos Jacobo Cataneo, porque de hum pequeno principio vay tomando forças, crecendo, & communicandoſe à parte principe, & a todo o corpo, contaminando toda a maſſa ſanguinea, & as ſegundas humidades, & logo tambem as partes ſolidas. Lib. 18. c. 2. Lib. 1. de morb. gal.

E porque os humores, a que ſe communica, produzem, & fomentaõ eſta mà qualidade nas partes viventes, he claro ſerem elles a cauſa material, cujo conhecimento he muy neceſſario para a cura. He pois a cauſa material em que ſe ſugeyta a qualidade gallica, toda a maſſa ſanguinea, porèm nem em todos ſe ha do meſmo modo, porque humas vezes ſe ſugeyta no ſangue, outras na cholera, outras na fleyma, outras na melancolia, & nos principios o ſangue, & a cholera, ſaõ de ordinario os que mais peccaõ, como ſe vè das puſtulas rubras que pelo corpo naſcem, & das chagas corroſivas da boca, & partes bayxas. Mas procedendo o tempo, como diz Antonio Muſa Braſſavolo, dominaõ mais os humores atrabilioſos gerados por aduſtaõ, porque ſe vaõ requeymando, & a tanto chega algumas vezes a aduſtaõ, que vem a perder o calor. E he de notar que aindaque o humor gallico ſeja melancolia, ou fleyma, là tem huma certa acrimonia acquirida pela mà qualidade, como nota Fernelio, por razaõ da qual tem ſua porçaõ de aduſtas, poſto que os ſentidos algumas vezes a naõ alcancem, por ſe encobrir, & disfarçar com a natural frialdade da meſma fleyma, ou melancolia. Lib. prop. Lib. de abd. c. 14.

Conheceſe facilmente cada hum deſtes humores, porque eſtando toda a maſſa ſanguinea infecta, apparecem empolas rubras em todas, ou em algumas partes do corpo, & às vezes ſe fazem fleymoens, principalmente nas partes bayxas, como hernias, encordios, & outros ſemelhantes: as ourinas ſaõ vermelhas, & groſſas, & o doente mancebo, & tempo de Primavera, & outras cauſas, que ateſtaõ ſangue. E quando he cholera, ha chagas corroſivas; & as empolas ſe ulceraõ, & conformão os outros ſinaes, que ſe tomaõ da idade, do tempo, do ar, & das mais couſas naõ naturaes, que todos declinaõ a calor, & ſecura que ſaõ as qualidades cholericas. Aſſim meſmo ſe domina melancolia, ou fleyma, ha menos moſtra de calor, & fazemſe tumores ſcirroſos, verrugas, & glandulas, & os encordios ſaõ duros, & reſiſtẽtes à maturaçaõ, & ſobrevem dores de cabeça, de pernas, & braços, as quaes ſe a melancolia hé mais, ſe exacerbaõ à tarde, & ſe a fleyma domina, exacerbaõſe pelo diſcurſo da noyte, & ſe ambos eſtes dois humores eſtaõ complicados, ha eſtas duas exacerbaçoens, porque pela tarde crecem as dores, & como anoytece, remitemſe alguma couſa mais, junto à meya noyte ſe tornaõ gravemente a intender.

E quando ha ſinaes de peccarem dois, ou tres, ou todos os humores, he certo complicaremſe todos, os que aos ditos ſinaes reſpondem, v.g. algumas vezes ha puſtulas rubras, hernia flemonoſa, ourinas turvas, & vermelhas, que ſaõ moſtras de peccar o ſangue; & juntamente tambem ha chagas corroſivas na boca, ou em outra parte com inflammaçaõ eryſipelatoſa, ora na circumferencia da chaga, ora em parte differente, & he a compleyçaõ do doente cholerica, o

figado calido, o tempo do eſtio, que ſaõ as moſtras de cholera, & com iſto ha tambẽ dores no meyo dos oſſos entre junta, & junta, & de cabeça, q̃ ſe exacerbaõ, à tarde, & outra vez pela meya noyte, & nas mudanças dos tempos, & tumores nas canelas das pernas. Neſte caſo dizemos que todos os humores peccaõ, todos abundaõ, & cada hum offende ſua diverſa parte, naõ taõ puro que naõ tenha comſigo miſtura dos outros, & conforme a iſto lhe ordenaremos a cura, reſpeytando a cada hum dos humores mais, ou menos, conforme os ſinaes de ſeu dominio. E poſto que pareça exceder eſta doutrina o que compete ao Capitulo das cauſas, por tratar alguma couſa dos ſinaes, & cura póde ter deſculpa, pois por ella ſe entende melhor o que às cauſas pertence.

ANNOTAÇOENS.

DOs principios da geraçaõ. *Naõ ha duvida em que por character hereditario ſe communica o gallico, aſſim como ſe communicaõ quaeſquer outros males; paſſando nos principios da geração as ideas, & diſpoſições morboſas, que eſtando muytas vezes ſimuladas ſem offenſa, là vem a reluzir ao longe, ou nos filhos, ou nos netos, ficando toda a vida ſem leſaõ os filhos; porque as imagens, & ideas dos males, das qualidades, & diſpoſições individuaes nunca ſe perdem de hum, & outro generante, & vão ſempre ſigilladas, & impreſſas nos principios da geraçaõ, o que Ariſtoteles diſſe, que ſe eſtendia até o quarto progenitor; ſobre o que ſe veja o que eſcrevemos na primeyra parte da noſſa Medicina Luſitana*, diſp. 2. cap. 20. *em que tratamos da ſemelhança dos filhos com os pays, & avós, & outros parentes em gràos mais remotos.*

De contacto mediato. *Já diſſemos nas Annotações ao Capitulo ſegundo os modos porque o gallico ſe contrahia. Por contacto mediato de veſtido, & de calçado, rariſſimo ſerà o caſo em que ſe communique, porque ainda que neſtas couſas ſe conſervem os ſeminarios deſte contagio, naõ tem elle tanta actividade, que poſſa introduzir ſe no corpo por eſte modo; que como diſſemos no lugar allegado, não póde communicarſe o contagio gallico pela contextura da pelle perfeyta, & groſſa, naõ ſendo com hum grande ſuor; & ſó pelas partes cobertas de huma epiderme, ou cuticula delgada, & de textura rara, qual he a da lingua, dos beyços, das partes obſenas, poderàõ penetrar ao intimo do corpo os ſeus ſeminarios; ou havendo chagas, por meyo das quaes ſerà mais facil a ſua introducçaõ. E ſe alguma vez acontecer, que por meyo de veſtidos, de luvas, & de çapatos ſe communique eſte contagio: naõ ſó entenderemos, que iſto he porque os ſeus miaſmas, ou ſeminarios tenhaõ mayor actividade do que ordinariamente coſtumaõ ter, ſenaõ porque a textura da pelle ſerà taõ rara, & taõ branda, que admitta o contagio com facilidade, o que ſucederà poucas vezes.*

Ao diſtante. *Se o contagio gallico ſe communicàra de diſtancia, ha muyto tempo que o mundo todo eſtaria gallicado; mas naõ he elle como os outros contagios, que mediante o ar ſe communicaõ, & ſe propagaõ; ſenaõ que preciſamente ha de haver contacto de*

4. Zacut. 1. PP. MM. hiſt. q. 43. *peſſoa a peſſoa para ſe poder communicar. Zacuto Luſitano* 4. *intentou perſuadir o contrario, reprovando a opinião de Mercurial, com o fundamento de que ſe tinhaõ viſto opthalmias contagioſas gallicas ſem contacto communicadas, como obſervou Vigo,* 5.

5. Vigo l. de gal. cap. 1. *& depois delle o meſmo Zacuto;* 6. *o que naõ creo facilmente Ettmullero.* 7. *Mas ſe os primeyros Eſcritores deſte contagio duvidáraõ neſte ponto, hoje a experiencia nos tem moſtrado ſem duvida, que o gallico ſe naõ communica mediante o ar, como outros contagios; & nem por iſto ſe haõ de negar opthalmias gallicas por eſte modo communicadas: porque, como advertio Sennerto,* 8. *as opthalmias, ou inflammações dos olhos, ſem preſença de gallico, ſaõ muytas vezes contagioſas; o que não ignorou Ovidio quando diſſe:*

6. Zac. 1. prax.

Dum

Dum ſpectant oculi læſos, læduntur, & ipſi.
Multaque corporibus tranſitione nocent.

E ſe ſucceder, que huma peſſoa gallicada padeça huma opthalmia, bem poderà communicalla, aſſim como a communitaria ſenaõ ſora gallicada. Cùm ophtalmia (*ſaõ as palavras de Senerto*) aliàs ſæpiùs ſit contagioſa, non mirum eſt ſi quis cum ægro opthalmia gallica laborante converſetur, ejuſque oculos attentè inſpiciat, illum quoque talem opthalmiam poſſe contrahere. *Veja-ſe Gaſpar dos Reys Franco, 9. que com larga eſcritura contra Zacuto, nega ao gallico a eſfera da diſtancia para ſua communicaçaõ, que ſem contacto naõ admitte.*

Humas vezes ſe ſugeyta no ſangue, outras na cholera. *Falla o Author no ſentido dos Antigos, que tiveraõ para ſi que havia no corpo humano aquella imaginada quimerica quaterniaõ de humores, ſangue, fleima, cholera, & melancholia, gerados no figado, que tambem o fizeraõ officina da ſanguificaçaõ; de tal ſorte, que na meſma acçaõ de ſanguificar, & de hum meſmo alimento reſultavaõ quatro humores taõ differentes na cor, na textura, & nas qualidades: que o ſangue era rubro, quente, & humido, & de mediana conſiſtencia; a cholera, flava, quente, ſeca, & tenue; a fleima, branca, fria humida, & groſſa; a melancolia, negra, fria, ſeca, & terreſtre; ſendo aſſim que naõ ha mais humores, que o ſangue, humas vezes mais, ou menos cholerico, outras vezes mais, ou menos fleimatico, outras vezes mais, ou menos melancholico. Delle ſahem os eſpiritos, a lympha, a ſaliva, o ſucco pancreatico, o ſucco nervoſo, o licor gaſtrico, a cholera, & a materia ſeminal. Gera-ſe o ſangue do alimento, quando depois de commutado no eſtomago, & depurado no inteſtino duodeno, paſſa pelas veas lacteas, & pelo ducto thoracico de Pecqueto a confundirſe com o ſangue nas veas, aonde toma a fórma, & natureza de ſangue; nelle ha cholera, que he o ſeu balſamo, que o preſerva da corrupçaõ; ha fleuma, ou ſoro, que conduz muyto para o ſeu movimento; ha partes acidas, que os Antigos tiveraõ por melancholia, & ſaõ neceſſarias para a ſua fermentaçaõ inteſtina. Se predominaõ no ſangue as partes oleoſas, & ſulphureas, he o ſangue cholerico. Se predominaõ as partes mercuriaes, & ſeroſas, he o ſangue fleumatico. Se predominaõ as partes acidas, & ſalinas, he o ſangue melancolico, & nunca ſaõ quatro humores differentes, como cuydou Galeno, & com elle os ſeus ſequazes. Quando pois ſe ſigillar o gallico na maſſa ſanguinaria, ſegundo o predominio das partes que houver no ſangue, aſſim ſe manifeſtarà nos ſeus productos, que humas vezes atteſtaraõ cauſa material cholerica, outras fleumatica, & melancholica outras; & naõ ſe ha de entender, que he porque haja no corpo os quatro humores diſtinctos, & diverſos, que ſuppozeraõ os Antigos, & que reprovaõ os modernos; entre os quaes Ettmullero conclue neſte ponto com as ſeguintes palavras:* Falſum ergò eſt ex quatuor humoribus omninò inter ſe differentibus ſanguine propriè ſic dicto, pituita, bile, & melancholia, quibus alij ſerum, tanquàm communem vehiculum addiderunt, quatuor elementis, & quatuor qualitatibus primis, & quatuor temperamentis analogis conſtare ſanguinem, ut Galenici dicunt, dum liquorem flaveſcentem pro bile, obſcurum verò pro melancholia habent. *O que primeiro, com igual expreſſaõ, affirmou Vvillis, 11. dizendo:* Eſt etenim ſanguis reverà humor unicus; nec alius circa viſcera, & alius in habitu corporis; nec alio tempore movetur pituita, & alio bilis, aut melancholia, uti vulgo aſſeritur, ſed liquor in vaſis effervescens ſolummodò ſanguis eſt, & ubicumque loci per ſingulas corporis partes defertur; uſque idem eſt, & ſui ſimilis; quoniam verò in aliquibus, ob caloris inſiti abundantiam, & propter ejuſdem penuriam, alimenti coctio, & in viſceribus, & in vaſis modò intenſiùs, modò remiſſiùs peragitur; ideò ſangui-

mir. Obſ. 58.
7. Ettmull. Coll. g. pract. fol. 520.
8. Sennert. Lib. de lue ven. p. 4 c. 4. §. Alter modus; &c.
Ovid de remed. amor.
9. Gaſpar à Reys Franco Quæſt. 60.
10. Ettmull. tom. 1. fol. mihi 106.
11. Vvill. lib. de febr. cap. 1.

nis, licèt unici, & ejuſdem ſemper liquoris, temperies diverſa exiſtit; & juxta variam hujus craſſin dici poteſt, quòd homines ſint bilioſi, melancholici, aut alius temperamenti. *Veja-ſe o que ſobre eſte negocio diſſemos na noſſa Medicina Luſitana.* 12.

12. Part. 2. cap. 38.

CAPITULO VI.

Dos prognoſticos do morbo gallico.

Numero 1.

PRonoſtica-ſe primeiramente que o morbo gallico por ſi conſiderado he doença grande, porque, conforme diz Galeno, de tres modos póde acontecer ſer grande huma doença, a ſaber, ou pela grandeza da eſſencia, ou pela nobreza da parte, ou pela malignidade. E como temos notado, & largamente provaremos em ſeu lugar, que o morbo gallico offende o figado parte principe, & que he venenoſo, & maligno, ſegueſe por eſtes dous principios ſer doença grave. Porém naõ he totalmente incuravel como alguns imaginàraõ, pois a experiencia moſtra que pela mayor parte perfeitamente ſára, & ha muytas peſſoas, que curando-ſe delle viveraõ 60. 70. ou mais annos ſem que lhe repetiſſe, nem dahi lhe ficaſſe hum leve achaque como notou Euſtachio Rudio. Nem obſta que ſeja venenoſo, porque o veneno gallico, conforme nota Fernelio, he menos mortifero que os outros; cuja cauſa he, conforme notamos no fim da noſſa apologia, porque como os mais dos venenos offendem a faculdade vital, & animal, cujos principios ſaõ o coraçaõ, & cerebro, & o do morbo gallico a natural, cujo principio he o figado, como conforme Galeno, as enfermidades do coraçaõ ſaõ mais perigoſas, & mataõ mais em breve que as do cerebro, & as deſte que as do figado, ſegue-ſe tambem que o morbo gallico ſeja menos perigoſo, mais tardo em matar que os venenos dos outros membros principes, ſendo de igual efficacia.

4. met. c. 6.

2. p. q. 4.

Lib. 5. de morb. venen. c. 11. l. 2. de abd. n. 14. cap. ult. æſ.

5. de loc. c. 1. & 7. met. c. 13

E tratando dos pronoſticos particulares para ſaber julgar o perigo, & duraçaõ de cada enfermidade gallica, tres principios ſe haõ de conſiderar; o primeiro ſerá a natureza do corpo; o ſegundo a intenſaõ, ou extenſaõ da qualidade gallica; o terceyro as enfermidades, ou accidentes com que ſe complica, ou delle naſcem.

Numero 2.

Pronoſticos que ſe tomaõ da natureza do doente.

PEla natureza, entendemos principalmente a virtude, ou forças, & a compleyçaõ natural, de cuja variedade ſe pódem tirar varios pronoſticos. Primeiro. Quando as forças ſaõ poucas, he a cura difficultoſa, principalmente ſe o mal he grande, porque naõ pódem aguardar o trabalho delle, & dos remedios, pois como diz Guido por authoridade de Galeno, *Ubi eſt indigentia, non oportet laborare*, conforme ao aphoriſmo, *Ubi fames laborandum non eſt: onde ha fraqueza, & fome naõ ſe póde trabalhar*, porq as forças ſaõ mais digno, & vehemente indicante, o qual impedimento ſenaõ acha quando as forças ſaõ robuſtas, conforme Galeno: *Ubi vires valentes ſunt, omnia contemnunt, & tolerant ubi vero imbrmæ; ſunt, vel abſque vis offenduntur*, quer dizer, *quando as forças ſaõ robuſtas, tudo deſprezaõ, tudo ſofrem; mas quando ſaõ fracas, com qualquer cauſa ſe offendem.*

Tract. 3. doct 2. c. 1. tit. de conſt. eum fract. 9. met. c. 13. 10. met. c. 4.

Segundo

Segundo pronoſtico. O morbo gallico, que ſe ajunta com natureza quente, & ſeca, ou de todo o corpo, ou do figado, ou dos outros membros principaes, he mais difficultoſo, em eſpecial ſe o doente for de compleyçaõ melancolica, aduſta, & de idade reſpondente ao tal temperamento, qual he a do mancebo jà declinante para a primeira velhice. O que ſe prova efficazmente; porque como eſta qualidade pertença aos venenos erodentes, conforme moſtraremos em ſeu lugar, & de ſua natureza tenha produzir calor, & ſecura, claro eſtá que mais ha de obrar naquelles, que jà pela natureza, ou idade eſtaõ diſpoſtos, quaes ſaõ os calidos, & ſecos em idade juvenil. 2. P q 4. c. 6. Além do que como a cura ſe faz de neceſſidade por alexipharmacos ſegundo ſe colhe de Galeno, a ſaber, páo, ſalſa, & azougue, & como eſtes tambem aquentaõ, & deſſecaõ, introduzem no ſugeyto eſtas deſtemperanças proporcionaes, & ſe para haverem de ſe moderar ſe temperaõ com as contrarias, he o ſucceſſo menos proſpero, por obrarem os remedios com menos efficacia; donde ſe ſegue curarſe o morbo gallico neſtas naturezas com mais difficuldade. 13. met. c. 6. & l. 5. ſimpl. c. 18. Ao que ſe ajunta que ha neſtes ſugeytos humores excrementicios craſſos, & melancolicos, que reſiſtem demaſiadamente, & fazem a doença diuturna, & muy rebelde. E por eſta cauſa nos velhos he eſta doença mais difficil, como diz Joaõ Benedicto, porque ſegundo affirma por authoridade de Rhaſis, tem muyto de humor ſalgado, & pouco de calor natural.

Terceyro. Os corpos duros, & fortes ſaõ menos ſogeytos a receber o morbo gallico, mas huma vez que lhes entra, difficultoſamente ſáraõ, porque conforme Galeno, em todas as enfermidades ſucede que aos robuſtos naõ offende ſenaõ cauſa graviſſima, & por iſſo nelles ſaõ de mais perigo. Ao que ſe ajnnta outra razaõ, que he ſerem os excrementos deſtas naturezas mais ſecos, & craſſos, & diſcutiremſe com mais difficuldade por ſerem os póros menos dilatados.

Quarto. Os que tem muytos humores vicioſos, & excrementicios, contrahem mais facilmente o morbo gallico, & intendeſe muyto nelles, porém coſtumaõ ſarar com mais facilidade, porque conforme Hippocrates, as doenças proporcionaes ſaõ mais faceis, que outras. Nem ſe infira daqui contra o ſegundo pronoſtico, que logo tambem ſerá menos perigoſo aos calidos, & ſecos, pois ſaõ proporcionaes à qualidade gallica: porque em reſpeyto das qualidades manifeſtas he verdade que he menor o mal, & o perigo, pois he menor o receſſo do temperamento natural; mas em reſpeyto da occulta, & venenoſa, he mayor, porque ſe inſinua, & intende mais naquelles ſugeytos, & a reſpeyto della naõ he menor o dito receſſo, pois he *toto genere* preternatural, como ſaõ todos os venenos conforme Galeno, & todas as couſas, que naõ pódem receber nenhum beneficio da natureza, ſegundo diz o meſmo Autor. Lib 2. de præſ. exſulc. c. 4. cap. 2. b. 34. 4 ſimpl. 18. in fin. & 3. ſimp. 22. 4 de ſimpl. 3.

Numero 3.

Pronoſticos, que ſe tomaõ da intenſaõ, ou extenſaõ da qualidade gallica.

COmo eſta qualidade ſeja occulta aos ſentidos, naõ podemos conhecer a ſua extenſaõ, ou intenſaõ no ſugeyto, ſenaõ pelo tempo, pelos effeytos, & pelas cauſas. Pelo tempo, porque o morbo gallico freſco he menos intenſo, & menos extenſo que o antigo, & aſſim digo, que o morbo gallico incipiente (que ſe entende em quanto o contagio ſe naõ communica ao figado) he faciliſſimo de curar, v.g. chagas de partes bayxas, da boca, & dos peytos da ama, que deo de mamar ao menino gallicado, porque eſtas ſe lhe acodem logo, & as trataõ

como convem, ſaraõ com facilidade. Porém o morbo gallico confirmado he difficultoſo, mais, ou menos conforme ſua intenſaõ, & naõ ſara ſem remedios grandes.

Pelos effeytos conhecemos as quatro eſpecies do morbo gallico, de que acima tratàmos, as quaes naõ differem entre ſi, ſenaõ em a má qualidade eſtar mais, ou menos intenſa, mais, ou menos radicada no figado. Pelo que a primeira eſpecie he facillima de curar, & logo, conforme Fernelio, a ſegunda, & logo a terceyra he jà mais difficultoſa, & a quarta difficillima; & porque eſta ultima tem grande largueza, tambem a difficuldade he muy varia, como abayxo ſe verá, quando colligirmos os pronoſticos das enfermidades, & accidentes, que da má qualidade procedem.

Lib. de Luc ven.

Pelas cauſas ſe haõ de entender a efficiente, occaſional, & material. Das quaes a efficiente he ſó a qualidade gallica da peſſoa, que pegou o contagio, porque ſó eſta pòde produzir outra em genero de cauſa efficiente univoca, aliàs naõ fora contagioſa, pois conforme provaremos em ſeu lugar, a enfermidade contagioſa he aquella que pòde produzir outra ſemelhante in ſpecie; & como nota Euſtachio Rudio, he o contagio de algumas peſſoas muyto mais efficaz que o de outras; & poriſſo acontece que de algumas mulheres ſe pega o morbo gallico taõ cruel; que com grande difficuldade ſe vence, poſto que logo, & com toda a diligencia ſe lhe acuda; & por tanto diz o meſmo Author, nas Cidades onde ſe conhecem as mulheres, he facil o ſaber de qual o contagio procede, porque ſendo daquellas de que ſe tem experiencia ſer mais efficaz, entenderemos ſer tambem a enfermidade mais difficultoſa, para que com mais preſteza, & com mayores remedios lhe acudamos.

2.p.q.11. part. 2.

Lib.5. de morb. ven.c.11. cit.

A occaſional tambem ſe pòde reduzir à ſobredita cauſa, poſto que por ſi naõ obre, por quanto diſpoem a materia para que a efficiente obre com mais efficacia. Eſta he principalmente o calor, & a ſecura, como jà moſtramos, & por tanto em tempo demaſiado quente, & compleyçaõ, & idade calida, & cholerica, ſe aguça mais a operaçaõ da qualidade venefica, & he muyto mais intenſo o contagio, & conſequentemente o mal. E do meſmo modo acontece ſe procede de peſſoa mal compleycionada, eſpecialmente que abunde de humores excrementicios calidos, & bilioſos. Pertence à cauſa occaſional o contrahirſe o contagio pelos principios da geraçaõ, ou pelo leyte, ou por outra occaſiaõ. O que ſe herda dos pays he o mais difficultoſo, & logo, o que ſe mama no leyte, porque por eſtes meyos naõ ha parte no corpo a que naõ ſe communique, como tem Rudio, & outros muytos. O que ſe contrahe do veſtido, calçado, ou cama, de ordinario ſe faz logo de terceyra, & quarta eſpecie, ſem precederem as primeiras, & he a cauſa porque obra de vagar, & inſenſivelmente, como o veneno do cão danado, ſegundo Galeno, que quando ſe adverte no contagio, he jà habitual. Noteſe porém que ſe o affecto gallico he cutaneo, como ſarna, & outros ſemelhantes que ſe coſtuma contrahir logo dos veſtidos, & conhecerem-ſe em breve os ſymptomas gallicos.

Lib.5. de morb.ve-neu.c.11. 1.part. ſect.2. cõ 27.

A cauſa material moſtra que ſendo o humor (em que a má qualidade ſe ſugeyta, & de que ſe fomenta a das partes viventes) crù, craſſo, & fixo em alguma parte, que difficultoſiſſimamente ſe curará, pois eſte conforme Galeno eſcaſſamente recebe cozimento, como diz em outra parte, naõ obedece aos medicamentos purgantes, & difficultoſamente ſe gaſta, & por tanto ficaõ delle reliquias, que fazem recaidas: *Quæ relinquuntur in morbis, &c.* conforme ſe colhe de Galeno, que diz que humas das razões de ſe deter o humor venenoſo, ficando eſcon-

7.aph. 14. 1.crit.c. 9.3. ſimpl 22

eſcondido dentro do corpo, he o ſer de ſubſtancia craſſa. Pelo contrario ſára facilmente ſendo a cauſa material quente, & delgada, porque eſtes humores ſaõ muy aparelhados para ſe expellerem conforme Galeno. Lib. quos & quando.

Numero 4.

Pronoſticos, que ſe tomaõ das enfermidades com que ſe complica.

COmo o morbo gallico nunca exiſta por ſi ſó, ſenaõ acompanhado de outras enfermidades, as quaes ou elle faz, ou acha jà no corpo, ou lhe ſuccedem depois por outras cauſas, o q̃ tudo elle fomenta com ſua preſença, he couſa clara que quanto mais, & peyores forem, tanto mayor ſerà o perigo, & ſe a cura dellas pedir indicações contrarias às do morbo gallico, ſerà baſtantemente difficultoſa, muyto ou pouco, conforme ſua contrariedade. E poſto que eſta regra pudera baſtar para geralmente ſe fazerem os pronoſticos que neſte principio ſe fundaõ, com tudo para mais facil noticia eſpecificarey os mais ordinarios, & principaes.

O morbo gallico complicado com deſtemperança quente do figado, como ſe moſtra haver naquelles, que tem o nariz, ou maçans do roſto vermelhas, he difficultoſo de curar, & às vezes naõ ſára como diz Rudio, cuja cauſa he a contraindicaçaõ do figado quente, que requere remedios frios, & os que tem propriedade de remediar o gallico ſaõ quentes, & por tanto ſe ſe applicaõ os do gallico, o calor do figado ſe intende, & ſe ſe temperaõ com outros remedios frios, obraõ com menos efficacia, do qual ſucceſſo daremos a razaõ na ſegunda parte. E pelas meſmas razoens he a cura muy difficil, quando com o gallico ha febre, qualquer que ſeja; principalmente ſe for com tal magreyra, que jà pareça hectica, ou ſe o for legitima, que ſerà caſo deſeſperado. Quæſt. 3. art. 2.

E ſe com o morbo gallico ſe complicar enfermidade de ſi mortal, ou perigoſa, terſeha por deſeſperado, v.g. ſe houver eſtillicidos notaveis ao peyto, ou ptiſicas, aſma, orſiphne, gotta coral, vertigens graves, hydropeſia, fluxos de ſangue, cancro da madre, abominaçaõ do comer, grande crueza do eſtomago, melancolia hypocondriaca, difficuldade de ourina, & outras ſemelhantes. A razaõ he clara; porque ſe eſtas enfermidades de ſi tem perigo, ou ſaõ mortaes naõ ſendo gallicas, que ſe póde eſperar ſe a mà qualidade juntamente affligе o corpo, & as fomenta?

Numero 5.

Termos do morbo gallico, quando mata.

POſto que de ordinario ſáraõ os doentes de morbo gallico acodindolhe com tempo; morrem com tudo muytos dos que chegaõ à quarta eſpecie, principalmente aquelles, que por ſe naõ curarem como convem, daõ naquellas enfermidades incuraveis, de que fazemos mençaõ. E aſſim huns deſtes morrem, ſe lhes ſobrevem febres malignas, pleurizes, ou outras doenças agudas, porque como para ſararem he unico remedio o das forças, conforme Galeno, & nos ditos gallicados faltaõ, de neceſſidade ſe ſegue morte; ajuntandoſe tambem a iſto que ha muyta copia de excrementos nas veas, & em todo o corpo, de que a doença aguda ſe fomenta, & fazendo-ſe peyor com mais preſteza mata; & outros deſtes gallicados morrem hecticos, & de tal ſorte maraſmados, que naõ tem mais que a pelle pegada aos oſſos; outros lançaõ ſangue pela boça, & morrem 10. meth. 5. ant. in l. fin.

rem ptiſicos: outros eſcarrando materia ſe fazem empiematicos. Alguns abafaõ de catarros repentinos, & ſuffocantes: outros daquelles tuberculos no boſe, & obſtrucçaõ das leves arterias, de que faz mençaõ Galeno: outros daõ em grande faſtio, & abominaçaõ do comer, ou em graves cruezas de eſtomago, & de fraqueza acabaõ: outros fazendoſe cacheticos, & hydropicos confirmados: outros morrem vomitando ſangue, ou padecendo dyſenterias, diarrheas, & outros fluxos: outros ſe fazem verdadeyramẽte leproſos, como vio Jacobo Cataneo, & nòs vimos jà duas vezes neſta Cidade. E finalmenté ſuccede a mulheres morrerem de crueis accidentes de madre, ou de immodicos fluxos de ſangue della. O que tudo nota Euſtachio Rudio, & nos moſtra a experiencia, & dano dos miſeraveis, que tal padecem. Por onde convem que os gallicados tratem com tempo de ſeu remedio conforme ao que nos aviſa o Poeta: *Principijs obſta.*

Lib. 4. loc. c. ult. Lib. 1. de morb. gal. c. 4. loc. cit.

ANNOTAÇOENS.

Numero 1.

DOença grave. *He doença grave o morbo gallico, naõ porque tenha a natureza dos males agudos, q̃ em poucos dias ou ſe vencem fauſtamente, ou com infelicidade ſe terminaõ; mas porq̃ vicia a maſſa ſanguinaria, introduzindolhe por meyo do ſeu fermento hum acido acre, volatil, corroſivo, & exulcerante, de que reſultaõ muytas vezes varios danos em diverſas partes do corpo, & outras vezes em todo elle; porque o ſangue no ſeu circulo as offende; ſuccedendo, que do alimento com que ſe haviaõ de nutrir, & do ſangue com que ſe deviaõ animar, experimentem incommodos que duraõ toda a vida, ſe eſquecidos de que ſaõ queyxas gallicas, lhe não acodem com os ſeus eſpecificos remedios. E naõ ſe diz doença grave, porque mate brevemente: pois ſabemos muyto bem por documentos da experiencia, que ainda que o contagio gallico ſeja venenoſo, ſaõ os ſeus danos de mayor duraçaõ, que perigo; ſabemos, que eſtà muytos annos no corpo de quem chegou a contrahilo, ſem cauſar dano, que poſſa manifeſtalo. Sabemos, que paſſados pays aos filhos, & que eſtando occulto neſtes ſem queyxa, ſe vem a moſtrar nos netos com offenſa; porque os ſeus ſeminarios, paſſando de huns a outros progenitores, nunca perdem a natureza de que ſaõ dotados, & ſe em huns ſe occultaõ, em outros ſe manifeſtaõ. Foreſto 12. obſervou que huma mulher caſada com homem infecto com eſte contagio, ſem ella ſentir effeyto ſeu, parira hum filho, que gallicàra a ama que lhe dava leyte, a qual communicàra o contagio a tres filhos proprios: Eſquenquio 13. vio huma mulher, que ſem reconhecer effeyto deſte mal, pario hum filho infecto com puſtulas gallicas, porque o pay era gallicado. E muytos caſos ſemelhantes a eſtes temos nòs obſervado, & obſervou Madeyra no* Cap. IV. *deſta obra*, num. 2. & 3.

12. For. lib. 31. Obſ. 2.

13. Joan. Schenk lib. Obſ.

Incuravel. *Naõ he incuravel o morbo gallico, mas antes de todos os contagioſos, he o que mais certamente ſe remedea; porque tem jà conhecidos os efficazes antidotos com que ſe oppugna. Mas iſto ha de ſer applicando-ſelhe a tempo, antes que a maſſa do ſangue eſteja taõ altamente viciada, & corrupta, que não poſſa emendar ſe, & as forças tão debilitadas que naõ ajudem a virtude dos remedios, circunſtancia ſem a qual ſe não pòdem vencer os males, por mis efficazes que ſejaõ as curas, ou os medicamentos com que ſe celebraõ, como elegantemente diſſe Valleſio*: 14. Nulus morbus (*ſaõ as ſuas palavras*) poteſt perfectè ſanari ope ſolius Artis, ſed neceſſe eſt ut natura ſanitatem ægrotantis perficiat, & ideò Medici dicuntur miniſtri naturæ. *Tem, naõ ha duvida, os gallicados em ſeu favor poderoſiſſimos remedios contra a infecçaõ do morbo gallico: mas ſerà bom, que tanto que ſe conhecerem offendidos, recorraõ a elles; porque no principio do dano, ſeràõ com menos fauſto mais ſeguramente remediados; po-*

14. Valleſ. 6. epid. lect. 3. com. 1.

tèm

rém nisto ordinariamente ha algũa omissão, ou por descuydo, ou por erro; porque quando este contagio se manifesta nos danos das partes obscenas, por onde se contrahe, todo o cuydado se costuma pôr no empenho de curar aquelles danos, sem contender com a causa delles: ha huma gonorrhea, ha pustulas, ha encordios, & está o contagio communicado ao interior das partes bayxas de que os ditos males procedem; & todas as deligencias se encaminhaõ a curar estes, sem oppugnar aquelle, isto he tratar dos effeytos desprezando, & conservando as causas. Parece que o que se devia fazer nestes casos, era, applicando os remedios para aquelles productos do contagio, usar dos meyos para destruir a causa delles; mas disto trataremos adiante.

Numero 2.

PRoduzir calor, & secura. *O contagio gallico ordinariamente excita nas partes pudendas danos de calor, & secura: porque como seja hum veneno erodente, acre, & corrosivo, insinuando-se pela epiderme interna, & externa das ditas partes, he causa de se inflamarem, & de haver dores, ardores, & fluxos de materia sanguosa, como succede nas gonorrheas; porq̃ os seminarios deste veneno cõmunicados ao interior das partes obscenas, lhe destroem o seu temperamento, de que resulta o converterse em materia purulenta o alimento de que haviaõ de nutrirse. Mas se isto succede regularmente, tambem acontece naõ poucas vezes, que o gallico introduzido no corpo, se conserve muyto tempo nelle, sem causar effeytos de calor, & secura, & que venha a manifestar-se em danos bem differentes, como he em huma lesaõ de juntas, na debilidade de huma perna, em hum tialismo, em diarrheas, & em outras queyxas, em que se naõ reconhece calor, nem secura. Huma mulher viuva padecia huma dor gravativa no hombro esquerdo, & ao mesmo tempo tinha huma purgaçaõ branca pela regiaõ uterina, sem dor, nem ardor. Ella era moça, de boa cor, & de temperamento sangumeo. Curouse com varios Medicos, que lhe deraõ, sobre sangrias, & purgas, banhos, leytes, & outros mais remedios, dos quaes se seguio ficar com hum tialismo, conservando as mesmas queyxas de que se curava, danos de que se vio livre tomando suores de salsa, & raiz da China, porque seu marido antes de cazar com ella fora gallicado; & ainda que só depois de viuva sentio estes achaques, entendemos, que eraõ productos do gallico, atè aquelle tempo latente, & manifesto entaõ nos ditos males, sem attestar, nem produzir nelles calor, nem secura. E assim em outros mais casos, em que sem demonstraçoes de calor faraõ remedio presentaneo os antidotos deste contagio, o qual só quando incipiente causa mais certamente nas partes bayxas effeytos de calor, & secura, excitando chagas, inflammando, excoriando, & finalmente produzindo gonorrheas purulentas, com calor, & ardor, que obrigão ao uso de remedios refrigerantes com que se attemperaõ.*

Azougue. *Numera o Author o azougue entre os medicamentos que aquentaõ, & dessecaõ; porém das suas qualidades ainda não ha certeza. Huns entenderaõ que era frio; outros julgàraõ que era quente; & alguns attendendo aos seus effeytos, que hũas vezes attestaõ calor, & outras frio, tiveraõ para si que no azougue havia diversas partes, humas frias, & outras quentes, das quaes naciaõ differentes productos; sendo assim que o azougue he de natureza homogenia, & naõ tem a diversidade de partes heterogenias, para haverem de ser humas frias, & outras quentes; & assim ou havemos de dizer que he quente, ou que he frio; sobre o que se vejaõ as Annotações ao* Capitulo XXV. *em que fallamos mais largamente nesta materia.*

Com as contrarias. *Huma das razões porque acha Madeyra mayor difficuldade em curar o gallico nas naturezas quentes, & seccas, he porque havendo de usarse os alexipharmacos deste contagio, que tambem saõ quentes, entende, que ou faràõ dano com o seu calor, ou ficaràõ menos activos misturando-se com medicamentos que tenhaõ*

virtudes contrarias. Porèm ſe Madeyra affirma que os alexipharmacos do gallico tem qualidade occulta com que ſe extinguem, naõ pódem ſer menos efficazes por ſe lhe miſturarem couſas frias com que o ſeu calor ſe moaifique, & ſe attempere; porque as qualidades manifeſtas em naõa ſe contrariaõ às qualidades occultas. Poderão os medicamentos frios temperar, & enfraquecer o calor dos alexipharmacos; mas diminuir lhe a ſua virtude occulta, moderar lhe a qualidade de ſuperior ordem, com que eſte contagio taõ efficazmente ſe oppugna, iſto naõ o poderão fazer nenhumas qualidades manifeſtas, viſto que ſe aſſenta em que aquella virtude conſiſte em qualidades occultas. E por iſſo bem ſe póde uſar da ſalſa, do páo ſanto, & da raiz da China em naturezas quentes, miſturandolhe couſas frias, porque o calor do ſogeyto ſe naõ excandeça com o calor dos ditos alexipharmacos; ainda que neſtes caſos he mais ſeguro, ſobre ſer mais efficaz o uſo do mercurio, que naõ eſquenta, quando naõ haja contra-indicante taõ forçoſo que o exclua.

Nos velhos. *Certo he que nos velhos ſaõ ordinariamente mais difficultoſos de vencer os males; naõ ſó porque na ſenilidade ſaõ os humores taõ viſcidos, & tenazes, que não cedem à virtude dos remedios, mas tambem porque; he a natureza menos robuſta, & ajuda pouco as applicações da Arte, com que havia de ſoccorrerſe; por iſto reputou Terencio a velhice por enfermidade, quando diſſe:*

Nam ſenibus ubi abſit morbus, ipſa ſenecta
Per ſe mala valetudo eſt.

HA comtudo velhos de natureza taõ forte, que reſiſtem aos males com valentia, & que ſofrem os remedios com firmeza. Deſtes parece que fallou Celſo, 15. quando diſſe que os velhos robuſtos bem ſe podiaõ curar com ſegurança: Firmus puer, robuſtos ſenex, & gravida mulier valens, tutò curantur. *E o certo he, que do vigor da natureza, da conſtancia das forças, mais que do numero dos annos, depende o ſer, ou não ſer velho, para tolerar os remedios, & para vencer os males; por iſto teve Galeno 16. por demencia o contar as idades pelos annos, para o uſo dos remedios, vendo que os ſexagenarios tem muytas vezes robuſtez para tolerar as ſangrias:* Stultum eſt (*diz elle*) ætates numero annorum metiri; nam ſexagenarius validus rectè venæ ſectionem admittit. *Pouco tempo ha que curàmos com mercurio hum homem de ſetenta annos, porque padecia huma diſuria, que lhe tinha ficado de huma gonorrhea virulenta; & nunca por razaõ da idade deyxàmos de ſoccorrer os doentes, applicandolhe os remedios ſegundo a ſua tolerancia.*

15. Celſ. lib 2. c. 10.

16. Gal. Lib. de ſanguin. miſſ.

Os corpos duros, & fortes. *Para receber o morbo gallico, tanta diſpoſição tem os corpos fortes, & duros, como os debeis, & molles; porque pelo meyo do congreſſo em toda a natureza ſe introduzem os ſeminarios deſte contagio: depois de introductos, & recebidos no corpo, peſſoas haverà que ſe offendaõ, ou não offendaõ com elles; porque a ſua natureza poderà reſiſtir mais, ou menos à actividade do veneno, para experimentar os effeytos mais cedo; ou mais tarde; ou para paſſar toda a vida ſem offenſa, como tem ſuccedido muytas vezes, communicando-ſe os ſeminarios gallicos nos principios da geração aos filhos, & netos, ſem ſe haver reconhecido leſaõ nos pays; porque os taes ſeminarios pódem eſtar occultos muyto tempo depois de recebidos, ſem fazerem dano; & virem a offender os filhos, & netos, & outra peſſoa com quem houver congreſſo, pela differença das naturezas, que humas ſe offendem com os ſeminarios do contagio, outras lhe reſiſtem; do que depende o haver effeytos delle mais cedo, ou mais tarde, ou nunca; porque ſe os ſeminarios do veneno forem pouco, ou de taõ fraca actividade, que ſenaõ poſſaõ actuar, ou que naõ poſſaõ produzir outros ſeminarios ſemelhantes, que niſto conſiſte*

ſiſte a ſua actuaçaõ: em quanto o não fizerem, não haverà offenſa; & ſe a natureza for tal, que poſſa reſiſtirlhe, tambem ſe não offenderà com elles; & por iſto algumas peſſoas ſentem effeytos do gallico pouco tempo depois do congreſſo impuro; & outras paſſaõ mais dias primeiro que com elle ſe offendaõ. E daqui tambem ſe colhe a razaõ porque curando ſe algumas peſſoas de gallico, & ficando ſem queyxas, paſſados muytos annos tornàraõ a padecer effeytos deſte contagio, ſem terem occaſiaõ para o contrahirem de novo; o que ſuccede, porq̃ enfraquecidos com os alexipharmacos os ſeminarios gallicos, & domado o ſeu veneno, não póde excitar novo dano, até que com o tempo vejo a achar a natureza em diſpoſiçaõ para ſe offender facilmente; & aſſim obſervàraõ Cardano, Amato, Fernelio, Saxonia, repetir o gallico nas ſuas demonſtrações morboſas dez, vinte, & trinta annos depois de ſe haver tratado com os ſeus eſpeciaes alexipharmacos. Iſto meſmo que dizemos do gallico, ſuccede com os mais venenos, ou ſejaõ de males epidemicos, ou de animaes venenoſos; cujos ſeminarios introduzidos no corpo, ou mediante o ar que ſe reſpira, ou pelo contacto do animal que morde, moſtraõ mais cedo, ou mais tarde effeytos do ſeu veneno, por ſer eſte mais, ou menos activo, & a natureza mais, ou menos apta para lhe reſiſtir, ou ſe offender com elle. Aſſim vemos que nas epidemias de febres malignas, algumas peſſoas, recebendo o contagio, ſe rendem logo aos ſeus poderes; outras, ainda que o recebaõ, lhe reſiſtem algum tempo, & enfermaõ mais tarde; & outras finalmente paſſaõ entre os enfermos ſem offenſa; porque a qualidade alexipharmaca do ſeu bom temperamento, & da ſua natureza, póde reſiſtir às nocivas qualidades do veneno.

Numero 3.

GAllico freſco menos intenſo. *Nem ſempre ſuccede que ſeja menos intenſo o gallico freſco; porque bem pódem ſer tão activos os ſeus ſeminarios, que logo excitem graves danos, não ſó nas partes obſcenas, mas ainda em varias partes do corpo, a que facilmente, mediante a circulaçaõ, ſe communique. Não ha muyto tempo, que curàmos hum doente de mais de quarenta annos de idade, que não tendo nunca gallico, de hum unico congreſſo ſahio com humas puſtulas, a que vulgarmente chamaõ cavallos, que dentro de huma hora lhe appareceraõ, as quaes no dia ſeguinte eſtavaõ muy depaſcentes, & dentro de dous dias ſe tolheo de todas as juntas de maneyra, que foy preciſo entrar logo a curallo, antes que as puſtulas que jà eraõ chagas corroſivas, chegaſſem a gangrenarſe, antes que amaſſa ſanguinaria ſe corrompeſſe deſorte, q̃ ſe não emendaſſe; danos, que pudemos obviar com o uſo de huma panacea mercurial, que logo lhe fizemos tomar, com que ſalivou baſtantemente, & ſe curou de hum contagio taõ inſignemente activo, que em taõ pouco tempo ſe diffundio por todo o corpo, com os perniciоſos incommodos, que temos referido. Donde ficàmos conhecendo, que nem ſempre he menos intenſo o gallico de pouco tempo contrahido. Além de que eſtamos vendo que muytas peſſoas tem gallico inveterado, que ſe offendem com elle muyto menos do que outras ſe offendem com o novo; o que procede da actividade do contagio, & da reſiſtencia da natureza.*

De algumas mulheres. *Em algumas mulheres he o contagio gallico de tal actividade, que communicando-ſe a outras peſſoas, logo as offende inſignemente, como ſuccedeo no caſo referido no numero antecedente. De hũa mulher que publicamente ſe proſtituhia, ſoubemos nòs, que todo o homem que ſe juntava com ella, hia com gallico taõ activo, que em menos de oyto dias andava caindo com boubas as mais refinadas; ſendo aſſim, que ella não experimentava tanto dano, porque vivia livremente nas ſuas deſenvolturas, ſem buſcar remedio ao mal, que ſem duvida em ſi tinha. O baſiliſco, a ſerpente, & outros animaes venenoſos, dentro em ſi guardão o veneno com que matão, ſem*

que experimentem algum dano deſte veneno. Aſſim devia ſer aquella mulher, poys ſe não offendia do venenoſo gallico, que com tanto dano communicava. Tudo faz a reſiſtencia da natureza contra a actividade do veneno, para ſe não offender com elle.

O que ſe herda dos Pays. *O gallico q̃ ſe traz dos primordios da geraçaõ nũca ſe cura, porq̃ nũca ſe póde extinguir aquelle caracter hereditario, por mais diligencias, q̃ a eſte fim ſe façaõ. Poderá a Arte remediar os males que excitar o ſeu fermento; poderá acudir aos ſeus productos; & poderá finalmente domar a actividade deſte cõtagio, porém extinguillo totalmente, como ſuccede no gallico por contacto cõmunicado, iſto nunca o poderá conſeguir. Tambem o que ſe contrahe no leyte que ſe mama, ſe não ſe trata logo delle, nunca mais ſe cura radicalmente; porque elle ſe ſigilla taõ intimamente no ſangue, & em todas as mais partes do corpo, que não ha meyo para poder extinguillo. E não ſuccede aos que foraõ nutridos com eſte veneno, o que experimentaraõ algumas peſſoas, que ſendo nutridas com outros, nunca ſe offenderaõ com elles; exemplo ſeja aquella velha nutrida com napello, cuja hiſtoria refere Avicena; 17. & hũa moça, que alimentando-ſe do meſmo veneno ſem queyxa propria, matava os homens que ſe juntavaõ com ella. Mithridates Rey de Ponto nunca ſe offendeo com veneno, por ſer criado com elle. De hum homem conta Arnaldo, que comendo aranhas quando menino, ſe não offendia com ellas depois de adulto; cujas hiſtorias, & outras muytas de peſſoas, que ſe nutriaõ de veneno ſem offenſa, compilou Gaſpar dos Reys Franco 18. no ſeu* Campo Elyſio.

17. Avicen l. 4 fen. 6. tract. 1. cap 2.

18. Franc. q. 60.

Como o veneno do cão danado. *Só o gallico que ſe contrahe por occaſiaõ de congreſſo, ſe manifeſta nas partes bayxas; porque nellas ſe recebem os ſeminarios deſte veneno, & nellas excitaõ os danos de puſtulas, & gonorrheas, até que chegaõ a diffundir-ſe a varias partes, & a viciar ultimamente a eutonia do ſangue, do que procedem mayores, & mais communs incommodos. O gallico que ſe communica pela ſaliva, por oſculos, pelo leyte que ſe mama, pelo veſtido, ou calçado, he certo que ſe não moſtra nos danos de gallico intipiente; & que communicando-ſe inſenſivelmente à maſſa do ſangue, entaõ ſe manifeſta em outros danos; aſſim como o veneno do cão danado, que entrando pela mordedura, inſenſivelmente ſe vay communicando ao ſangue, & por meyo delle ao corpo todo; & ſó ſe conhece que eſtá introduzido no corpo pelas leſoens que cauſa. Nas mordeduras do cão rabioſo, ſempre ha o temor de que ſeraõ venenoſas, mas não ha certeza de que ficou o veneno communicado, até que chegando a actuar-ſe depois de alguns dias, ſe moſtra nos danos crueis que excita. O meſmo ſuccede muytas vezes com o gallico, que communicando-ſe ao corpo, ſem deyxar logo dano ſenſivel, paſſado algum tempo, neceſſario para ſua actuação, lá ſe vem a manifeſtar gravemente, ou fica occulto no corpo toda a vida.*

Naõ obedece aos medicamentos purgantes. *Pelos humores craſſos em que o gallico ſe ſigilla, diz o Author, que tem eſte contagio a cura difficultoſa, por não cederem os humores de textura craſſa à virtude cathartica dos medicamentos purgantes: como que ſe a cura do gallico dependera de ſe evacuar a cauſa material em que ſe implanta. Bem ſabemos, que quando o contagio eſtá diffundido pelos humores do corpo, na evacuação delles ſahem muytas partes do ſeu fermento; mas como na maſſa ſanguinaria, na lympha, & ainda nas partes ſolidas, ſempre ficaõ ſeminarios deſte veneno: que importa que os humores ſe expurguem, ſe nunca ſe acaba de extrair o fermento, & ſeminarios do gallico ſigillados no ſangue, & cõmunicados a todas as partes do corpo? O que cura o gallico, o que lhe extingue os ſeminarios, não ſaõ as evacuações, ſaõ os ſeus alexipharmacos; pouco importa repetir os purgantes, ſe ſe não uſaõ os antidotos; por mais exactas que ſe façaõ as evacuações, nunca ſe vence inteyramente o gallico; o q̃ dizemos, porq̃ ſe não cuyde, que em purgar muyto conſiſte a cura dos gallicados, como muyta gente imagina*

Succede que os que padecem achaques gallicos melhorem com os purgantes repetidos, porque ſe evacuaõ os humores, que ſaõ a cauſa material delles: mas como ficaõ no corpo os ſeminarios do gallico, paſſado algum tempo lhe repetem as queyxas. O que cura o gallico, tornamos a dizer, ſaõ os ſeus alexipharmacos, a ſalſa parrilha, a raiz da China, o páo ſanto, & melhor que tudo o azougue; preparando deſtas couſas varios remedios, ſegundo as naturezas dos enfermos, & a condiçaõ dos ſeus males. Não dezemos que ſe não uſem remedios purgantes nos gallicados, mas antes aconſelhamos, que primeiro que ſe chegue ao uſo dos alexipharmacos ſe prepare exactamente o corpo com a repetida evacuação dos humores, para ſe darem com mayor ſegurança os alexipharmacos, principalmẽte ſe for o azougue: que como elle move os humores, ſe achar muytos, moverà muytos, & poderà excitar algũ dano, q̃ perturbe a cura, & ponha o doente em mayor perigo, ſegundo a parte para onde os mover, que póde ſer para a garganta para o peyto, & para outra parte principal, cujo dano conclua com o enfermo mais brevemente do que o havia de fazer o chaque. Por iſto he neceſſario evacuar os humores, quanto for poſſivel, antes do uſo do azougue. E ſe os humores forem taõ craſſos, que não cedaõ à virtude dos purgantes, nem por iſto deyxarà de curar-ſe o gallico, porque a virtude alexipharmaca o extinguirà nos meſmos humores, que tanto ha de chegar aos humores craſſos, como aos tenues; & ſendo aſſim, não tem difficuldade para extinguir o contagio. O que ſerviu à de embaraço à virtude alexipharmaca, ſeràõ as obſtrucções, debayxo das quaes ficão latentes os ſeminarios do gallico, a que a dita virtude não póde chegar. Porem neſtes caſos he grande remedio o azougue tomado pela boca, porque penetra pelas meſmas obſtrucções, & conclue felizmente a cura.

Numero 4.

O Que tudo elle fomenta. *Eſta he hũa das mais raras particularidades do gallico, fomentar não ſó os males que cauſa, mas tambẽ os que procedem de outro principio, & ainda de cauſas procathárticas, & externas. Succede q̃ hum homem gallicado dè hũa cavellada, ou que por qualquer outra cauſa externa ſe lhe abra hũa ferida, ou chaga em hũa perna ou em outra parte do corpo; he certo q̃ o gallico não foy cauſa deſte dano: mas elle o fomẽta, & o conſerva de tal maneyra, que a chaga não tem a ultima cicatrização, em quanto ſe não oppugna inteyramente o gallico, do que ha tantas experiencias, q̃ parece ſuperfluo referir alguns caſos para perſuadir eſta doutrina; mas não deyxaremos de contar o ſeguinte: Cahio de hum cavallo com grande violencia hũ moço robuſto, & forte; achou-ſe depois daqueda com huma pequena contuſaõ na perna direyta; ſangrou-ſe quatro vezes, ſuccedeo que foſſe no pé direyto. Paſſados tres dias em que ſe tratou da contuſaõ com agua ardente, & da Rainha de Hungria: rompeo-ſe a cuticula da parte contuſa, & reſudando alguma ſeroſidade, veyo finalmente a abrir-ſe huma chaga do tamanho da contuſaõ. Eſta chaguinha nunca pode cicatrizar em mais de hum anno, deſprezando muytos remedios que ſe lhe fizeraõ; porque quando parecia que eſtava ſã, ella ſe abria ſem nova cauſa. O doente tambem deſprezava a queyxa, pela pouca moleſtia que lhe cauſava; mas dezejando verſe livre della, & entendendo nòs que o gallico a conſervava, lhe demos dez dias pirolas de mercurio precipitado, com que a chaga cicatrizou brevemente, & nunca mais abrio, como até alli ſuccedia. Outro caſo como eſte vimos, & curamos do meſmo modo na ciſura de huma ſangria de pé, que apoſtemando, dorou a chaga mais de nove, ou dez mezes; & porque iſto ſuccedeo em huma mulher, que tinha padecido alguns achaques gallicos, entendendo que algumas reliquias deſte contagio naõ deyxavaõ curar aquelle dano, lhe fizemos tomar doze dias pirolas mercuriaes, com que ſe acabou de vencer a rebeldia da chaga fomentada pelo vicio gallico, que extinguio o mercurio. Neſtes caſos tinha lugar a ſentença de Mercu-*

rial, *que diſſe que ſe reputaſſem por gallicos os males que ſe conſervaſſem rebeldes, com deſprezo dos remedios a que ordinariamente coſtumavão ceder, do que já fallàmos nas Annotaçoens ao* Capitulo IV.

Complicado com deſtemperança quente. *O gallico complicado com intemperanças cura-ſe muyto mal, mas muyto peyor ſe curão as intemperanças quando com o gallico ſe complicão: porque não ſe emendão inteyramente, em quanto o gallico ſe não extingue. Do gallico com intemperanças quentes diz Madeyra, que tem a cura mais difficultoſa, porque como ſão quentes os antidotos deſte contagio, crece o calor com elles, ou ſe diminue a virtude alexipharmaca miſturandolhe remedios frios com que o calor dos antidotos ſe tempere. Iſto porém he falſo: porque a virtude alexipharmaca que ſe acha nos antidotos deſte veneno, nem ſe hebeta, nem ſe vigora com qualidades manifeſtas, porque he virtude occulta, como nervoſamente inſinúa o meſmo Author; & por iſto nem ſe póde diminuir com o quente, nem com o frio, como já notàmos nas Annotações ao numero ſegundo deſte Capitulo. E ſe as intemperanças ſão gallicas, ainda que ſejão quentes, bem ſe pódem tratar não ſó com o azougue, de cujas qualidades ainda não ha certeza, mas tambem com os alexipharmacos vegetantes, cujo calor não offende aos gallicados, ſe ſe uſão com prudencia, mas antes curão febres habituaes, como muytas vezes temos obſervado, dando ſuores de ſalſa em febres hecticas, que por haver gallico ſe não puderão vencer com os remedios frios, & humidos com que ordinariamente ſe coſtumão temperar.*

Numero 5.

GRande faſtio. *Sendo certo que o gallico póde cauſar quantas enfermedades padecem os homens, he deſgraça dos enfermos, q̃ ſó ſe julguem por queyxas gallicas humas dores, que repetem, ou ſe exacerbão de noyte, humas gomas, humas talparias, & outros males dos que mais ordinariamente coſtumão padecer os gallicados. Nós vimos hum eſtudante exceſſivamente diſſoluto, que ſem cauſa manifeſta cahio em hum faſtio inexoravel, não chegava a maſtigar o alimento, porque a nauſea lho impedia; & fazendo força para engulir algũa couſa liquida, a vomitos a regeytava, com que elle ſe foy pondo na emaciação mais extremoſa. Não tinha ſecura, nem amargor de boca. Forão innumeraveis os remedios, que ſe lhe fizerão, ſem ſe colher delles algum emolumento. Poucos dias antes de morrer lhe apparecerão duas gomas, huma na teſta, outra na perna eſquerda, & varios caroços pelo peſcoço, & cabeça, que ſervirão de moſtrar aos Medicos, que aquelle doente morria hectico de faſtio, por lhe não darem hum pouco de mercurio, ou por não haver uſado de quaeſquer outros alexipharmacos do gallico, para cuja exhibiçaõ já não havia tolerancia na natureza.*

Tratem com tempo de ſeu remedio. *Em todos os males ſe deve fazer eſta advertencia: porque no principio delles ſempre ſão mais uteis os remedios, eſtando menos invalecidos os danos; & ſe então ſe não applicão com diligẽcia, depois ordinariamente ſe uſão ſem utilidade; donde veyo a dizer Galeno,* 19. *que a grandeza do remedio não conſiſtia tanto na ſua virtude, quanto na occaſião em que ſe exercia, & no tempo em que ſe applicava:* Non eſſe adeò magnum, (*ſão as ſuas palavras*) quod medicamen præſtare poteſt, niſi nactum ſit, qui eo dextrè utatur. *O que com elegantes vozes cantou o Sulmonenſe, quando diſſe:*

19. Gal. lib. meth.

Temporibus Medicina valet, data tempore prodeſt,
Et data non apto tempore vina nocent.

MAs he laſtima que muytos Profeſſores da Medecina deyxem paſſar por eſtudo a occaſião dos remedios, que deviaõ ſolicitar com cuydado, havendo-ſe timida, ou irreſo-

irresolutamente para chegar ao uso dos mais efficazes, parecendolhe que he preciso observar sempre aquelle vulgarissimo preceyto de que nas curas dos males senaõ ponhaõ em uso os remedios generosos, sem haver primeiro experimentado os benignos; de que resulta muytas vezes que huns, & outros venhaõ a ficar frustrados: os benignos, porque não tem forças para vencer o dano: os generosos, porque se applicaõ tarde. Para que he, Senhores, retardar aos doentes aquelles remedios de que mais certamente se espera a saude? Para que he gastar o tempo com os que saõ menos efficazes? Para que he deyxar correr o tempo com os achaques, debilitando as forças, & apurando a paciencia dos enfermos, antes de chegar ao uso dos remedios mais genuinos? Naõ dizemos que tome huma purga, quem tiver queyxa, que se possa vencer com huma ajuda. Naõ dizemos que chegue a derramar o sangue quem se puder curar com huma dieta tenue; mas dizemos, que naõ havendo bem fundada probabilidade de que os males se possaõ vencer com os remedios leves, se recorra logo aos que se julgarem mais efficazes. Será bom, que quem tiver humas sezões, esteja tomando os pós da genciana, da centaurea menor, da losna, & de outros anti-febris menos virtuosos, podendo logo usar da quinaquina, com que as sezões mais certamente se curaõ? Está o gallico communicado ao sangue, & havendo generosos alexipharmacos com que este veneno se doma, & finalmente se extingue, para que he entrar a contender com os remedios mais leves, senaõ chegar logo aos que costumaõ aproveytar com mayor certeza? Oh, quantas vezes perderaõ os doentes a saude, porque no principio dos seus males se lhe negàraõ os remedios mais generosos! Quantas vezes se naõ pode vencer o gallico, porque se não chegou logo ao uso do mercurio, que entre todos os seus antidotos he o que mais infallivelmente o oppugna, & extingue? Diràõ que isto he ir logo às do cabo, & naõ parece conselho muy prudencial pôr logo em uso os remedios mais activos, quando os danos se pódem profligar com os suaves. Respondemos, que se o contagio gallico está radicado na massa sanguinaria, se he antigo, ou se causa danos graves: o melhor conselho he o de recorrer logo ao mercurio; porque só elle totalmente extingue o gallico inveterado; só elle lhe acaba de destruir o seu fermento; & só elle ultimamente acode com brevidade a remediar os seus productos. E sendo isto assim, quando naõ houver obstaculo para valer do azougue, parece barbaridade estar mortificando os doentes com os alexipharmacos vegetantes, que sobre naõ serem taõ poderosos como o mercurio, fazem as suas curas em mais longo tempo, & tomaõ-se com mayor horror os xaropes de salsa, as apozimas, & outros remedios desta farinha, do que duas pirolas de azougue, ou humas unturas delle. O que dizemos, porque nos consta, que em achaques gallicos he muytas vezes o azougue o ultimo remedio a que alguns Medicos recorrem, quando os doentes naõ tem já tolerancia para elle, por haverem perdido as forças na tirania de seus males, & no uso de suores, vinho santo, apozima de Dom Fernando, & outros remedios; a que a rebeldia do contagio se naõ rendeo; & por isto adverte profundamente Madeyra, que os gallicados tratem com tempo de seu remedio; que he o mesmo que dizer, que antes que a natureza esteja rendida aos poderes do contagio, se valhaõ dos remedios mais generosos para destruillo.

CAPI-

CAPITULO III.

Cura do morbo gallico incipiente.

Numero 1.

Advertencias commuas à cura do morbo gallico antes de ſe communicar às partes internas.

QUando o contagio gallico começa de fazer algum dano ſenſivel no corpo humano antes de chegar ao figado, lhe chamaõ os Authores morbo gallico incipiente, como ſe colhe de Antonio Muſa Braſſavolo, & de Joannes de Vigo, & de Fernelio, o qual naõ quer que ſeja directamente neſte eſtado morbo gallico, ſenaõ hum rudimento, ou caracter, do que eſtá para vir, que he quando entra pelo corpo, & vicia a ſanguificaçaõ.

Lib. de morb. gal de cultur. morb. gal incipient. Lib. 5. c. 1 Lib. 6. de part. mor. c. 120. ad num.

O dano, que o dito contagio, quando de freſco ſe contrahe, coſtuma fazer nas partes, em que ſe imprime, (que ſaõ de ordinario as bayxas, a boca, & os peytos da ama, que dá de mamar ao menino gallicado) ſaõ puſtulas, chagas virulentas ſordidas, & malignas, gonorrheas purulentas, & tumores de verilhas, como nota Fernelio, & Antonio Muſa, dos quaes todos trataremos em particular. E conhecerſe ha naõ eſtar ainda communicado ao figado, porque naõ ha defluvio de cabellos, nem malhas, nem puſtulas pelo corpo, nem outro algum ſymptoma das quatro eſpecies gallicas, que diſſemos; porém qualquer delles, que haja, he final certo de eſtar communicado ao figado, & maſſa ſanguinea; o que tambem ſe preſume, poſto que os ditos ſymptomas naõ appareçaõ, ſe as chagas depois de ſararem tornaõ a arrebentar, ou outras novas na meſma, ou em diverſa parte, ou ſe depois de ſãs deyxaõ humas cicatrizes tumuroſas, & calloſas, que naõ ſe desfazem, como nota Fallopio, de que ſe póde ſuſpeytar que ha contagio interior, porém taõ pouco, que influe ſómente nellas. E por tanto ainda ſe poderáõ tratar como gallico incipiente, mas com alguma providencia mais.

Lib. 6. de part. morb. ad fin. Tract. de morb. gal c. 23.

Advirta-ſe porém antes de tudo que a indicaçaõ curativa commua a todos eſtes affectos, como ſe colhe de Fernelio, he impedir que naõ entre o contagio a inficionar as partes interiores, antes ſe deve attrahir a fóra pela meſma parte, & ſe deve totalmente extinguir primeiro que pouco a pouco ſe inſinûe, & reconcentre nas partes de dentro, & contamine os humores, & o figado, que he a parte, que principalmente offende. E por tanto naõ convem neſte caſo uſar de repercuſſivos, nem proprios, nem brandos, conforme a regra geral de Guido, & de todos os mais Chirurgicos, que totalmente os prohibem nos affectos veneficos, quaes ſaõ os de que tratamos; comparados ſegundo Fernelio, às mordeduras do cão danado, do Eſcorpiaõ, & de outros animaes venenoſos; antes em lugar de repercuſſivos devemos uſar de attractivos, abſterſivos, & corroſivos, que tenhaõ virtude de attrahir, mundificar, & conſumir todo o venefico contagio.

Lib. 1. de abd. c. 14. Tract. de apoſt. loc. cit.

Em comprimento da meſma indicaçaõ ſe ha de advertir com o meſmo Fernelio que naõ ſe faça neſte tempo evacuaçaõ alguma de ſangria, ou purga, porque com ella ſe poderá retrahir para dentro o contagio venenoſo. Do qual parecer he tambem Joannes de Vigo, & Fabio Pacio, & outros: ſalvo depois que o contagio já eſtiver communicado em fórma, & de tal modo que eſtas chagas, & apoſtemas ſe fomentem ou gérem do humor excrementicio gallico, que já o figado eſtá gerando, (o que ainda entaõ tem ſua duvida, como adiante ſe verá)

c. cit. Lib 5. c. 1. Lib de morb. gal cit. prop.

ou

ou ſe complicar outra enfermidade, que preciſamente obrigue aos taes remedios, como nota o meſmo Vigo; advertindo muyto que havendo-ſe de celebrar ſangria, ſeja ſempre no pé, conforme com evidencia moſtrâmos na noſſa apologia feyta ſobre eſta materia: & adverte excellentemente Alcaçar, Euſtachio Rudio, Fabio Pacio, Nicolao Machello, Hercules de Saxonia, & outros. E cada hum ſe guarde naõ o tente o Diabo com ſangria de braço neſtes caſos. Veja a noſſa apologia, & o que diremos na ſegunda parte deſta obra. Lib. de morb. gal cap. 25. Lib. 5. de morb. ven. 19. Loc. cit. Lib. prop. Lib. 9. de Luc ven. 17. Quæſt. 19. art. 2.

Numero 3.

Cura das puſtulas gallicas, que nacem de contagio novamente contrahido nas partes bayxas.

ESTas empolas nacem de ordinario nas partes vergonhoſas logo de freſco depois da communicaçaõ impura, & tambem nacem nos peytos da mulher que deo de mamar a criança infecta, & algumas vezes ſe reſolvem com a força dos medicamentos agudos, outras arrebentaõ, & ſe convertem em chagas corroſivas, como notou Joannes de Vigo. Coſtumaõ reſolverſe, & ſarar perfeytamente lavando-as *com agua de pedra lipis, ou de Lanfranco, ou com agua branda de Solimaõ* temperada do modo que as mulheres a uſaõ para o roſto; *ou ſe deſate meya oytava de verdete em agua de cevada*, com que ſe lavem as puſtulas. E Joannes de Vigo diz que ſe appliquem *ſeus pós*, os quaes convem mais quando os remedios menos efficazes naõ baſtaõ, ou miſturados em pouca quantidade com qualquer unguento. Loc. cit. Loc. cit.

E advirta-ſe que ainda que haja qualquer inflammaçaõ na parte com as ditas puſtulas, nem poriſſo deyxem de uſar dos ditos medicamentos, porque como a cauſa della he a má qualidade do contagio, & com os ditos medicamentos ſe conſuma, logo tambem ceſſa toda a inflammaçaõ, como a quotidiana experiencia confirma. E quando alguma vez por muyta ſe tema, uſem primeiro *de cozimento de cevada, malvas, & violas*, & temperada de algum modo a força da inflammaçaõ, torne-ſe aos ditos medicamentos agudos, que totalmente gaſtem o contagio. E nas partes onde naõ houver botica, nem commodidade das medicinas ſobreditas, as puſtulas ſe lavem com agua de cevada, ſal, & açucar, ou mel, ou ſómente com agua ſalgada, ou com agua mel, applicando iſto ſempre morno; & ſendo as medicinas liquidas, & muyto acres appliquem-ſe duas, ou tres vezes no dia; mas ſendo brãdas, appliquemſe mais a meude; & ſendo algum tanto ſolidas como unguentos, baſtará que ſe appliquem cada dia hũa, ou duas.

Mas porque algumas vezes ſaõ eſtas puſtulas taõ rebeldes, que com os ſobreditos remedios ſe naõ reſolvem, he neceſſario uſar de outros mais fortes, dos quaes tem o primeiro lugar a agua de Cynabrio que deſcreve Alcaçar neſta fórma: *R. Vinho velho branco huma libra medicinal, que ſaõ doze onças, verdete, ouro pimenta, pedra hume crua, de cada hum quatro oytavas, Cynabrio ſinco oytavas, ſolimaõ duas oytavas.* Tudo ſe faça em pó, & ſe miſture com o vinho, & dê huma fervura, & com iſto ſe toquem as puſtulas, ou chagas, ou ſinaes que ficàraõ do morbo gallico, & a tinha antiga, porque todos eſtes affectos ſára maravilhoſamente, ou eſtejaõ nas partes bayxas, ou em quaeſquer outras; & parecendo que eſte remedio he muyto forte a reſpeyto de algũs deſtes affectos, por ſerem menos malignos, deſtempere-ſe com agua roſada, ou de tanchagem, ou de cevada, ou agua da fonte, de qualquer deſtas a terça, ou quarta parte, ou ametade, conforme a natureza do enfermo, ou qualidade do mal. Lib. 5. c. 7. Lib. de luc ven. in fin.

Em lugar da agua de Cynabrio ſe póde uſar da que Fernelio chama divina, que deſcreve deſte modo. Rec. *Solimaõ grãos doze, agua de tanchagem ſeis onças*; ponha-ſe a ferver no borralho atè ſe gaſtar ametade. E com ella ſe toquem as puſtulas rebeldes: ou ſe toquem com agua forte dos prateyros. Ou ſe faça eſte unguento. Rec. *Solimaõ feyto em pó meya oytava, unguento mouro, ou camello meya onça, verdete huma oytava*; tudo ſe miſture, & ſe applique em pouca quantidade; & dahi a huma hora, ou meya ſe veja ſe eſtà já apuſtula murcha, & ſe eſtiver, tire-ſe logo antes que faça chaga.

ANNOTAÇOENS.

Numero 1.

HUm rudimento, ou character do que eſtá para vir. *O contagio gallico communicado ſó nas partes obſcenas, chama-ſe gallico incipiente, porque por ellas começa a offender o corpo, já com puſtulas, já com chagas, & já com gonorrheas, até que diffundindo-ſe mais altamente, chega a ſigillar-ſe na maſſa do ſangue, & a cauſar mayores incommodos. Eſte contagio incipiente no ſentir de Fernelio ainda naõ he gallico, ſenaõ hum principio do que hade ſer gallico, quando chegar a introduzir-ſe no intimo do corpo, & a viciar a maſſa ſanguinaria. Eſte abſurdo, indigno na verdade de hum Profeſſor taõ douto, tem ſuado muytas vezes bem nas orelhas de alguns Cirurgiões, para entenderem, que em quanto naõ houver mais effeytos deſte veneno, que os que coſtuma excitar nas partes bayxas, naõ tem gallico os doentes. Mais ha de hum anno, que nos veyo às mãos huma conſulta de terra muy diſtante, cujo caſo era huma chaga antiga, & rebelde em huma perna de peſſoa que tinha padecido varias gonorrheas, & puſtulas gallicas nas partes pudendas; & vendo a rebeldia da chaga, q̃ naõ podè cicatrizar inteyramente com os remedios bem applicados, entrava em conſideraçaõ ſe ſe fomentaria de vicio gallico, que fruſtraſſe as diligencias com que a Arte lhe acodia. Neſta duvida dizia hum Cirurgiaõ, já provecto na idade, & com grande opiniaõ na ſua Provincia, que a chaga naõ podia ſer fomentada de gallico, porque o doente nunca chegàra a tello; que as puſtulas, & gonorrheas naõ eraõ gallico, ſenaõ hum rudimento do que havia de ſer; & como naõ houvera depois outros danos dos que coſtuma cauſar o gallico, aſſentava em que o enfermo o naõ tinha. E porque os Cirurgiões deſta claſſe naõ creaõ em ſemelhantes abſurdos, lhe dizemos, que eſte contagio tanto he gallico ſendo incipiente, como depois de confirmado; tanto he gallico poſto nas partes bayxas, como communicado altamente ao intimo do corpo; que o eſtar neſta, ou naquella parte naõ lhe muda a natureza, nem lhe conſtitue a eſſencia, ainda que nellas ſejaõ deſiguaes os ſeus danos.*

Conhecer-ſeha naõ eſtar ainda communicado. *Em quanto naõ houver defluvio de cabello, nem nodoas, & puſtulas pelo ambito do corpo, nem alguns dos productos em que o gallico confirmado ſe coſtuma manifeſtar, diz Madeyra, que por iſto ſe conhecerà naõ eſtar ainda communicado à maſſa ſanguinaria. Mas aſſim como havendo os referidos ſymptomas podemos entender que o gallico ſe tem communicado às veas: aſſim tambem devemos conſiderar, que bem póde eſtar communicado ſem ſe manifeſtar em nenhum dos ditos ſymptomas, ou em qualquer outro dano: porque, como muytas vezes temos dito, os ſeminarios deſte contagio, ainda que communicados às veas, & ſigillados na maſſa ſanguinaria, eſtaõ muyto tempo, & às vezes toda a vida ſem fazer dano ſenſivel. E por iſto na auſencia dos ditos ſymptomas nos havemos de valer de outros principios para vir em conhecimento de haver gallico radicado no ſangue.*

Impedir que naõ entre o contagio. *Eſta deve ſer a principal indicaçaõ curati-*

va

lico incipiente, ſem que ſeja por meyo da ſangria, ſe introduzem nas partes internas, & ſe ſigillaõ na maſſa ſanguinaria, porque o ſangue no ſeu circulo os vay tomando das partes infectas; & por iſto ſe deve fazer grande diligencia por curar brevemente as puſtulas, & chagas, & as gonorrheas virulentas, antes que o ſeu contagio ſe communique ao ſangue, no que advirtiraõ todos os Praticos, que nas curas das gonorrheas não aconſelhàraõ remedios para extinguir os ſeminarios do ſeu contagio, & ſó ſe applicàraõ em acodir com couſas frias, & humidas às dores, & ardores, que cauſaõ; mas diſto trataremos no Capitulo undecimo.

No que toca a purgar havendo gallico novo nas partes bayxas, dizemos tambem que ſe for neceſſaria a purga para remedio de outro dano, ſe uſe della, ſem o temor de que o contagio das ditas partes ſe recolha às partes internas; porque ainda que ſe diga, que os medicamentos purgantes movem os humores da circumferencia para o centro, no que não ha certeza, nem por iſto irà logo a virtude de cathartica buſcar os ſeminarios do gallico, quando, ſe não eſtão fóra do corpo, eſtão ao menos na contextura delle, fóra dos ductos, & das vias por onde ſe encaminhão os humores que os purgantes movem. O que importa, Senhores, quando nas partes internas ha contagio gallico, he tratar de extinguillo, antes que mediante a circulaçaõ do ſangue, & da lympha ſe communique adentro, que por eſtas veas he que o gallico ſe introduz no corpo mais certamente, do que por cauſa de huma ſangria, ou de hum medicamento purgante, que para remedio de outra queyxa não deve negarſe.

Numero 2.

ALgumas vezes ſe reſolvem. *Neſtas puſtulas contrahidas de freſco baſta ordinariamente para as ſecar tocallas com agua de pedra lipis, & com os mais remedios que o Author propoem; mas tambem ſuccede algumas vezes, que não aproveytando os ditos remedios, ſe façaõ chagas virulentas, & corroſivas debayxo das ditas puſtulas, que ſe curão depois com mayor trabalho, o que naſce de ſe applicarem medicamentos ſó a fim de reſolvelas, & ſecalas, ſem attender ao contagio que as excita. Deſorte que neſte achaque ha duas couſas: huma he o contagio que recebeo a parte; outra ſaõ as puſtulas que nella cauſou o contagio. E ſendo iſto aſſim, não parece conſelho muy racional o de applicar remedios exſiccantes para reſolver as puſtulas, ſem tratar ao meſmo tempo de lhe extinguir a cauſa. Bem ſabemos que muytas vezes ſe curão inteyramente eſtas puſtulas ſó com os ditos remedios, & que ſe não fica reconhecendo algum dano, porque os ſeminarios do gallico por pouco activos não pódem peneirar as partes internas, & ſecando-ſe as puſtulas, alli ſe diſſipão os ditos ſeminarios. Mas aſſim como ſabemos que iſto ſuccede algumas vezes, tambem não temos a certeza de que poſſa ſucceder o contrario, empregando-ſe com mayor actividade os ſeminarios do gallico na parte em que excitàraõ as puſtullas, exulcerando-a, corroendo-a, & o que mais he, introduzindo-ſe aſſim nas partes internas, atè chegar a ſigillar-ſe na maſſa do ſangue; o que ſe póde impedir applicando logo nas puſtulas medicamentos mercuriaes, com q̃ os ſeminarios do gallico, & o ſeu fermento ſe extinguem, curando-ſe ao meſmo tempo as puſtulas brevemente; para o que baſta lançar nas puſtulas duas vezes no dia huns pós ſubtiliſſimos de mercurio doce, ou branco precipitado, que ſem excitar dor alguma, as cura dentro de dous, ou tres dias, principalmente ſe antes da applicação do mercurio lavarem as puſtulas com cozimento de páo ſanto, & rais da China, ou com vinho tepido, como aconſelha Muſitano, 1. o qual diz, que do mercurio ſe deve uſar logo neſtes caſos: porque cura as puſtulas dulcificando, & extinguindo o acido contagioſo do gallico, & de qualquer fermento corroſivo. Eſtas as palavras:* Indolens eſt ille

1. Muſit. lib. 3. de luc. ven. cap. 7.

ille (*falla do mercurio doce*) & præputio aſperſu bis in die, intra dies duos puſtulas curat; mercurij namque pulvis omnem acredinem, & aciditatem in ſe imbibit, & omnia corroſiva obtundit, immutat, & cicurat.

Com o mercurio ſe pódem miſturar as fezes de ouro, ou pós de alvayade, ou aſſucar de chumbo, ou de pedra hume, ou de qualquer dos medicamentos que o Author expõem: porque na companhia do mercurio ficão certamente mais efficazes, & pódem applicar-ſe em pós, em licor, ou em unguentos. Em pós, na fórma ſeguinte:

Tomem de fezes de ouro, de alvayade, de cada couſa meya oytava, de mercurio doce hum eſcropulo, miſturem-ſe.

Ou deſta maneyra:

Tomem de aſſucar de chumbo, de pedra hume, de cada couſa huma oytava, de pedra lipis meyo eſcropulo, de mercurio ſublimado, o que vulgarmente chamão ſolimão, hum eſcropulo; miſture-ſe tudo feyto em pò ſutil.

A pedra medicamentoſa de Crollio, a que elle chama lapis ſalutis *pelas grandes virtudes que nella ſe encerrão, tambem he admiravel para as puſtulas, miſturandolhe igual quantidade de mercurio doce, ou precipitado; a ſua compoſiçaõ he eſta:*

Pedra medicamentoſa de Crollio.

Tomem quatro onças de caparroſa commua, huma onça de ſalitre, outra de alvayade, outra de pedra hume, outra de bolo armenio, meya onça de ſal armoniaco; cada couſa ſe faça em pò ſeparadamente, depois miſturemſe, & ponhão-ſe no lume em vaſo vidrado, com tanto vinagre fortiſſimo, que fique dous dedos acima dos pòs; ferva tudo, mexendo continuamente com huma eſpatula, atè que o vinagre ſe gaſte, & toda a mais materia ſe endureça como pedra, que ſerà de huma cor ròxa eſcura. Acha-ſe eſta receyta em Crollio, no tratado de oleis, fol. 574.

Tem eſta pedra as virtudes ſeguintes: Serve para curar quaeſquer chagas, ou ſinplices, ou podres, lançando-ſe nellas em pò, ou aplicando-ſe deſfeyta no licor conveniente com que ſe houverem de lavar as ditas chagas. He remedio util para quymaduras, para almorreymas, para ſarna, para eryſipela, para gingivas podres, para os dentes que eſtão vacillantes, & abalados. Suſpende as lagrimas involuntarias, corrobora os olhos, & por iſto he remedio das epiphoras. Cura as nevoas dos olhos, as opthalmias, ou inflamações delles applicandoſe em agua d ſtillada de euſragia, de erjavaõ, de roſas, ou em outra que appropriada ſeja, deſfazendo hũa onça de pedra em duas onças de agua.

Em licor ſe applicaõ os referidos remedios na fórma ſeguinte:

Tomem de pòs de pedra medicamentoſa meya oytava, de alvayade, de mercurio doce, de cada couſa hum eſcropulo, de agua de tanchagem tres onças, miſturemſe.

Ainda que a tanchagem tenha virtude repercuſſiva, miſturada com eſtas couſas não offende; quem a não quizer uſar, receyte aſſim:

Tomem de pòs de pedra lipis, de fezes de ouro, de cada couſa hum eſcropulo, de mercurio precipitado meyo eſcropulo, de cozimento de raiz da China duas onças; miſturemſe.

2. Sennert. lib. de luc ven. cap. 13.

Sennerto 2. inculca o remedio ſeguinte:

Tomem de pedra hume de rocha, de ſolimão, de cada couſa huma oytava, de agua de tanchagem huma libra; miſturem-ſe, & appliquem-ſe panos molhado nella.

3. Ettmull. Colleg pract. fol. mihi 535.

Michael Ettmulero 3. louva mais eſte:

Tomem de agua de tanchagem ſeis onças, de ſolimão quatro eſcropulos de pedra hume meya onça; miſturemſe.

Oleo de vitriolo, de enxofre, & da agua forte, tambem ſecão eſtas puſtulas, tocando-as com elles, couſa que reprova muyto Rondeo, 4. porque eſtes medicamentos fazem huma eſcara muy dura, debayxo da qual ſe oculta a virulencia, que depois ſe diffunde mais largamente. E ainda que eſtas puſtulas ſequem com eſtes, & quaeſquer outros

va no gallico incipiente, impedir que o contagio se communique às partes interiores, porque não chegue a inficionar a massa sanguinaria: que em se implantando nella, póde causar danos gravissimos, & não se extingue sem chegar ao uso dos antidotos mais generosos; sendo lastima na verdade, que de humas pustulas, de huma gonorrhea, & de outros danos, que o gallico de pouco tempo contrahido excita nas partes bayxas, se cheguem a gallicar os homens desorte que fiquem com esta infecçaõ quiçà que toda a vida, podendo preservarse della com facilidade, extinguindo os seminarios do contagio, antes que altamente se vaõ diffundindo, & propagando; para o que não inculca o Author remedio com a facilidade com que dà o conselho; pois em quanto a curar as pustulas, propõem sómente os remedios attractivos, abstergentes, & corrosivos, a fim de attrahir, mundificar, & consumir todo o contagio; parecendolhe que em quanto vão obrando estes remedios, se não traõ os seminarios do gallico communicando. E assim mesmo na cura das gonorrheas aconselha, que temperadas as dores, & os ardores, que excita o contagio, naõ façaõ outros remedios, deyxando correr a purgaçaõ livremente; porque com as materias que se expurgaõ, se acabão de extrair os seminarios contagiosos. He porèm esta praxe perniciosa, porque os seminarios do gallico que excitaõ as pustulas as chagas, & as gonorrheas, não se extrahem com a facilidade com que se communicaõ, levados na circulação do sangue, & da lympha; o que não advertio Madeyra, porque no seu tempo ainda se não sabia destas circulações, por meyo das quaes se communicaõ os ditos seminarios brevemente à massa sanguinaria; o que se naõ impede só com deyxar correr a purgaçaõ das gonorrheas; nem só com asterger, & mundificar as pustulas, & chagas: senão que he necessario usar de remedio alexipharmaco, que tenha virtude de extinguir todo o fermento, & seminario contagioso; sobre o que se veja o que dizemos nas Annotações ao Capitulo VIII. & ao Capitulo XI. na cura da gonorrehea purulenta. E no que toca ao remedio das pustulas de que fallamos, se veja o que adiante dizemos na cura dellas.

Naõ convem repercussivos. Nas pustulas, & chagas do gallico incipiente fazem os repercussivos grande dano, porque impingem mais na parte os seminarios do contagio, & pódem introduzillos nas partes internas com mayor perigo. Naõ ha muyto tempo que hum homem já provecto na idade, de temperamento igneo, & bilioso, de hum congresso impuro ficou com huma chaguinha, ou excoriação muy pequena na extremidade da parte pudenda, que no mesmo dia lhe appareceo; & querendo curalla com agua de tanchagem, logo se lhe inflammou a parte, sobrevindolhe huma grande erisipela, com febre intensa; & cobrindo-se a chaga com a pelle da dita parte, là se foy pondo tão depascente, que correo quasi a parte toda, causando sevissimas dores, & excitando copiosissimos fluxos de sangue, corrompendo, & gangreando a dita parte, de que resultou estar o doente mais de dous mezes em perigo de morte, passando hum penosissimo trabalho, pelas dores, fastio, vigilias, febre, & outros mais incommodos, que saõ consectarios destes, ficando finalmente incapaz dos actos conjugaes, pelas operações da Cirurgia; porq̃ foy preciso cortar pela parte sã, para a livrar de q̃ toda se gãgrenasse. Eys aqui o que faz a impericia atrevida nos Cirurgiões indoutos, & a confiança mal fundada nos enfermos menos prudentes; que assim se entregão com facilidade nas mãos de huns idiotas, para chegarem brevemente aos braços da morte. Tomàra que entendessem todos, que os primeyros remedios saõ os que curaõ os males, & que se não se applicaõ os que saõ convenientes, custa depois grande trabalho o emendar estes erros, & o remediar os danos que delles se seguem, o que muytas vezes se não póde conseguir; por isto dizia Herophilo, que os medicamentos humas vezes eraõ mãos de Deos, outras vezes mãos do Diabo; mãos de Deos, quando se applicavão com ciencia, pelos bons effeytos que produziaõ; mãos do Diabo, quando se exercitaõ sem arte, pelos perniciosos da-

nos, que excitavaõ; ſuccedendo muytas vezes, que com o meſmo remedio; com que em humas occaſiões ſe defende a vida, em outras pela inſciencia de quem os uſa, ſe procure a morte, como notou Zuvelfer, quando diſſe: Cùm proinde certum ſit, nec non firmiſſimum, eodem medicamento vitam tolli poſſe, & prorogati, ſolo artificum diſcrimine. *Saõ os remedios como as armas, que ſe jogadas com deſtreza defendem a vida, eſgrimidas ſem arte ſolicitaõ a morte. Nisto deviaõ contemplar aquelles, que inconſideradamente buſcaõ o remedio nas mãos da ignorancia, não fazendo diſtinçaõ de profeſſor a profeſſor, principalmente no principio dos males, fiando-ſe em convocar os mais doutos quando, invalecidas as queyxas, ſe virem fluctuar nos perigos: como ſe ſempre pudeſſe a ciencia emendar os erros da ignorancia, & mais em doenças agudas, que no breve termo em que ſe julgaõ, naõ deyxaõ tempo para ſe acudir aos danos que dos erros ſe ſeguem.*

Evacuaçaõ alguma de ſangria, ou purga. *Para curar as puſtulas, & chagas do gallico incipiente, não he neceſſario ſangrar, nem purgar, porque com os remedios topicos ſe vencem eſtes danos; mas ſe por algum incidente for preciſo uſar de ſangria, ou de purga, bem ſe póde fazer ſem o temor de ſe retrair para dentro o contagio das puſtulas, como teme Madeyra: porque nem a ſangria, nem a purga pódem recolher as partes internas os ſeminarios do gallico, que eſtaõ na contextura da pelle fazendo as puſtulas, & chagas, ou no interior das partes pudendas cauſando as gonorrhœas. Moſtra-ſe aſſim em quanto à ſangria, porque os ditos ſeminarios eſtaõ fóra das veas, diſcretos, & ſeparados do ſangue; & naõ pódem communicarſe às partes internas, ſeguindo o ſeu movimento; & mais ſendo certo que a ſangria não dà outro movimento ao ſangue alèm do movimeno da circulaçaõ em que gyra. E por iſto havendo neceſſidade de ſangria, aindaque naõ ſeja muyto urgente, nunca nos ſerve de obſtaculo para chegar a fazella o temor de q̃ com ella ſe recolherà às partes internas o gallico q̃ occupa as partes pudendas, ou a ſangria ſe faça no pè, ou no braço: porque, como temos dito, o ſangue na occaſiaõ da ſangria não tem outro movimento mais que o da ſua circulaçaõ, que havia de ter, aindaque a vea ſe não raſgàra; & ſe elle por razão deſte movimento não attrahe os ſeminarios do gallico das partes bayxas, tambem o não pòdem attrahir por ſe raſgar a vea, & por ſe tirar della hum pouco de ſangue, que não vem das partes contagiadas. Ha muytas couſas na Medicina pratica, que tem vindo como por tradiçaõ de huns a outros Eſcritores, & ſem ſe reflectir nellas, ſe eſtaõ obſervando como preceytos, os que muytas vezes ſe deviaõ reprovar como abſurdos. Naõ aconſelhamos, que quem tiver gallico contrahido de pouco tempo nas partes obſcenas, ſe ſangre para ſe curar delle: mas dizemos, que ſendo neceſſaria a ſangria por outro principio, ſe faça como pedir o dano, ou no pè, ou no braço, ſem o temor de que com ella ſe communique às partes internas, & altas o contagio, que occupa as pudendas; porque ſendo certo que o ſangue por ſahir fóra da vea raſgada, não dà outro movimento ao que dentro nellas circula: & não havendo duvida em que os ſeminarios do dito contagio eſtaõ diſcontinuados do ſangue, fóra da ſua ſociedade, diſcretos, & ſeparados nas partes contagiadas, como pódem recolherſe a dentro com a ſangria? E ſe ſe communicaõ na circulaçaõ do ſangue, para que he culpar a ſangria, quando ſem ella ſe pódem communicar no movimento proprio, & natural do ſangue, em que ſempre circula? Deſorte que a ſangria naõ dà novo movimento ao ſangue, & queremos à força, que ſeja cauſa de ſe communicar às partes internas o contagio que eſtà poſto na contextura cutanea das partes pudendas. Dizemos iſto para facilitar as ſangrias na preſença de gallico incipiente, ſendo neceſſarias; & para tirar o terror panico que ſe tema aquelle remedio, havendo eſte contagio; de que reſultaõ muytas vezes graves danos, pela omiſſaõ delle, & por ſe ſangrar no pè quando os males ſe devem tratar com ſangria de braço. O certo he, que os ſeminarios do gallico*

tros remedios mais uteis os que levaõ conſigo mercurio doce, ou precipitado, ou ſublimado: que applicando-ſe a tempo, impedem que as puſtulas paſſem a chagas corroſivas, a que depois naõ baſta a violencia dos pós de Joannes de Vigo, & outros de ſemelhante virtude. 4. Renod. apud. Boner. 3. chel. fol. mihi 514.

Em fórma de unguento ſe applicaõ tambem os ditos remedios, miſturando-os com unguento de fezes de ouro, de tutia, alvayade, de chumbo, ou com unguento roſado, & com unguento branco deſta maneyra:

Tomem de unguento de fezes de ouro meya onça, de ſolimaõ doze grãos, miſturem-ſe exactamente.

Tomem de unguento roſado meya onça, de pós de pedra hume meya oytava, de mercurio precipitado hum eſcropulo; miſturem-ſe.

Pedro Foreſto 5. uſa do ſeguinte remedio: 5. For. lib. 32. Obſ. 6.

Tomem huma clara de ovo batida até ſe fazer em eſpuma, quatro grãos de ſolimaõ, outros quatro de alcanfor, miſturem-ſe, & faça-ſe unguento.

O mercurio precipitado, & doce miſturado com manteyga crua, he remedio, que louva muyto Lutmullero.

Contra o uſo dos unguentos eſtà huma doutrinal advertencia de Carlos Muſitano, 6. *que diz, que os unguentos, ainda que ſe componhaõ de couſas mineraes, que poſſaõ ſervir para medicaçaõ das puſtulas gallicas: pela ſua untuoſidade, ficaõ ſendo, naõ ſó inuteis, mas nocivos; porque não deyxaõ penetrar os mineraes às partes intimas, & ſaõ cauſa de que as puſtulas paſſem a chagas, & cartações das partes offendidas:* Vulgares Medici (*diz elle*) & Chirurgi ad præputij puſtulas perſanandas, unguento de tutia, minio, & ceruſa utuntur, ſed infelici eventu, licèt in dicta unguenta mineralia intrent, quæ vim puſtulas venereas curandi continẽt, quia tamen unctuoſitati ſunt admixta, impeditus eſt illis aditus, ut in cuticulæ læſionem penetrent, ac ex dictorum unguentorum uſu ut plurimum puſtulæ, vel in caries, vel in ulcera abire ſolent. *Porém eſtes incommodos que Muſitano conſidera no uſo dos unguentos, naõ ha que temellos quando ſe miſturaõ com mercurio, cuja penetrativa virtude ſe não embaraça com a untuoſidade dos unguẽtos. Curadas as puſtulas, adverte o meſmo Author, que ſe tomem dous, ou tres dias pirolas mercuriaes, ainda que o gallico ſeja incipiente; doutrina, que ſe deve ſeguir, & preceyto que he neceſſario obſervar; porq̃ ainda que por virtude dos remedios topicos ſe curem brevemente as puſtulas, ſempre devemos temer que ſe communiquem no ſangue alguns ſemmarios do gallico; & para extinguillos, he muy conveniente o uſo do mercurio; principalmente quando nenhum dano ſe ſegue delle, como temos obſervado muytas vezes, dando tres, ou quatro dias continuos as ſeguintes pirolas.*

Tomem de mercurio doce, ou branco precipitado grãos oyto, de antimonio diaphoretico grãos ſeis. Façaõ-ſe pirolas com alquitira, & dourem-ſe, & repitaõ-ſe para tres dias.

CAPITULO VIII.

Curadas chagas, que de freſco naceraõ nas partes da boca, ou bayxas, a que o vulgo chama cavallos, nacidas de contagio gallico contrahido de freſco, antes de ſe communicar ao figado.

Numero 1.

ESTas chagas ſaõ de ordinario virulentas, & corroſivas, & os Medicos lhe chamaõ caries quando nacem no membro, & o vulgo cavallos, & de ordinario ſuccedem às puſtulas ſobreditas, outras vezes começaõ logo em chagas, cuja

cuja cauſa he a mordacidade do contagio, que ſe contrahio da converſaçaõ impura, que como he venenoſo crodente, (ſegundo diſſemos, & ſe prova em ſeu lugar) roe a parte a que chega.

2.p.q.4. art. 3.

E para que melhor procedamos na cura deſtas chagas, he neceſſario advertir com Fallopio que ha tres generos dellas, que naõ differem ſenaõ em mais, ou menos. O primeiro quando ſaõ leves poſto que gallicas. O ſegundo quando ſaõ mediocres. O terceyro quando ſaõ malignas. As leves ſe conhecem, porque naõ fazem dor conſideravel, & ordinariamente ſe fazem de humas empolinhas como grãos de milho, que nacem na cabeça do membro, & prepucio, & às vezes o enchem todo em redondo, & depois abrem, & deyxaõ aquellas chaguinhas, cada huma das quaes tem hum ponto branco no meyo, & cauſaõ hum certo pruido leve, & moderado. As mediocres ſaõ hum genero de chagas redondas, que no meyo tem huma certa negrura, ou tambem às vezes ſaõ brancas com labios hum pouco tumidos, & vermelhos, & a chaga em ſi he hum pouco profunda, & faz dor conſideravel. As muyto malignas naõ ſó pódem ſer redondas, mas tem outras varias figuras, & varias cores, como livida, purpurea, branca, & juntamente tem huns labios calloſos, & corroem cruelmente com alguma ſordice, & às vezes com podridaõ, & notaveis dores.

Lib. de morb. gal c.81.

A indicaçaõ curativa de todas eſtas he a que acima diſſemos commua a todos eſtes affectos contagioſos, procedidos de cauſa externa contagioſa: a ſaber, extinguir o contagio, & attrahillo para fóra, & ſegurar, que naõ penetre dentro conforme nota Euſtachio Rudio, & ſe colhe de Fernelio. Mas como iſto ſe faça com medicamentos abſtergentes, attrahentes, & corroſivos, & delles huns ſejaõ brandos, outros fortiſſimos, outros mediocres, he neceſſario applicallos conforme a intenſaõ, ou remiſſaõ de malignidade: porque ſe as chagas leves ſe trataõ com os medicamentos muyto fortes, ſobrevemlhe grandes inflammações, fazem-ſe muyto corroſivas, calloſas, trabalhoſas, & de má natureza. E pelo contrario ſe ſe applicaõ medicamentos leves às muyto malignas, naõ lhe podem refrear a malicia, & ſe vaõ fazendo peyores; pelo que he neceſſario applicar a cada genero ſeu medicamento proporcional, & accomodado pela ordem ſeguinte.

Lib. 5. de morb. ven. c. 19. Lib. de abd. rer. cauſ. c. 14.

Numero 2.

Cura do primeiro genero de chagas.

APplicaremos logo às do primeiro genero, que ſaõ mais leves, lavatorios de agua de cevada, aſſucar roſado, ou xarope roſado, lavando-as por eſpaço de tempo, & deyxandolhes poſto hum paninho molhado no meſmo, & com iſto coſtumaõ a ſarar: & naõ he taõ ſeguro lavallas ſómente com agua de tanchagem, ou roſada, como alguns fazem, porque poſto q̃ ſaõ medicamento accõmodado quando as chagas naõ ſaõ gallicas; com tudo quãdo o ſaõ, pódem fazer dano, repercutindo o contagio; pelo que he mais ſeguro uſar dos que temos dito. E ſenaõ obedecerem, lavem-ſe com agua de Lanfranco deſtemperada com duas partes de agua de cevada, ou de tanchagem, ou com agua de pedra lipis do meſmo modo deſtemperada, ou com agua aluminoſa pela receyta commua: ou ſe faça huma agua deſte modo: *Tomem verdete tamanho como huma fava, & miſture-ſe com hum quartilho de agua de tanchagem, & meyo quartilho de vinho branco.* Ou ſe applique eſta agua de Fragoſo que he maravilhoſa: *Tomem azevre tamanho como hum graõ de comer, verdete tanto como meyo grão do meſmo; & tudo moido ſe deſfaça em huma onça de vinho branco, outra de tanchagem, ou de pés de roſas.* E

2.p.in antidot.

ſendo

ſendo lugar, em que naõ haja eſtas couſas, lavem-ſe eſtas chagas com agua mel, ou ſalgada, ou ſe faça deſte modo: *Tomem agua de cevada hum quartilho, açucar duas onças, ſal huma onça, miſtureſe tudo*, & farà muyto bom effeyto; porque o ſal he muyto bom abſterſivo, & deſſecativo, & por tanto extingue o contagio, alimpa a chaga, & a cicatriza. Tract. 7. cap. 7.

E ſe com eſtas couſas a chaga naõ cicatrizar, lançarlhehaõ os pós de Guido, que ſe fazem de *chumbo queymado, alvayade, & azevre partes iguaes*; ou os pós de cada hum deſtes, ſenão os houver todos; ou pós de cabaça queymada, ou de papel queymado; que louva Galeno, ou unguento de tutia, ou branco, ou qualquer outro dos que ſervem de encourar. Lib. 5. met. cap. ult. Tract. 4. coct. 2. c. 7.

A agua de Lanfranco, que diſſemos, ſe faz deſte modo conforme Guido: *Tomem vinho branco huma libra (que na botica ſaõ doze onças) agua de tanchagem, & roſada, de cada huma tres onças, ouro pimenta duas oytavas, verdete huma oytava*, moãoſe eſtas duas couſas muyto bem, & miſturemſe com as aguas, & vinho.

A agua de pedra lipis commua ſe faz aſſim: *Tomaràõ huma libra de agua de tanchagem, & de pedra lipis huma onça, & desfaraõ a pedra na agua.* A luminoſa ſe faz deſte modo: *Tomaràõ huma libra de agua de tanchagem, & de agua roſada quatro onças, pedra hume queymada meya onça.* E quem quizer fazer menos quantidade, diminua cada couſa em ſua proporçaõ.

Numero 3.

Cura do ſegundo genero de chagas.

AS chagas do ſegundo genero tem neceſſidade de medicamento mais efficaz, & por tanto ſe lavaràõ tres vezes ao dia *com agua pura de Lanfranco, ou de pedra lipis*, ſem ſerem deſtemperadas. Ou ſe faça eſta agua de Fragoſo: *Tomem meya canada de vinho branco, & duas oytavas de ouro pimenta, outras duas de verdete, & quatro de pedra-hume, miſtureſe tudo.* E ſe parecer muyto forte, deſtempereſe com huma pouca de agua de tanchagem, ou roſada, & naõ faça duvida diſpenſar a ordinata de Fragoſo por maravedis, porque como naõ ſaõ couſa certa foy neceſſario reduzillos a certo preço. In antid.

Tambẽ ſe póde applicar hũ unguento feyto deſte modo: *Tomem unguento brãco, ou de tutia hũa onça, pós de Joannes de Vigo meyo eſcropulo, miſture-ſe muyto bem*, & ſe naõ baſtar, acrecenteſe a quatidade dos pós, & ſe for forte, diminuaſe. Fallopio miſtura huma oytava deſtes pós de Vigo preparados com huma onça de unguento roſado, & diz que com iſto ſe curaõ as chagas ſem dor alguma, & os pós ſe preparaõ lavando-os tres, ou quatro vezes em agua de tanchagem, ou roſada. Julio Palmario uſa *de agua de ſolimaõ miſturando a cada onça de agua roſada, ou de tanchagem hum grão delle*, & ſenaõ baſta, miſtura dous, ou tres, ou quatro grãos, conforme a malicia da chaga, & ſenſibilidade da parte. Loc. cit. 2. lib. de lux. c. prop.

Tambem ſe pòde fazer eſta agua, que ſem cauſar dor alguma cura eſtas chaguinhas admiravelmente como tenho experimentado. *Tomem huma clara de ovo muyto batida, & lancemlhe as eſcumas fóra, & lhe miſturem outra tanta agua roſada, ou de cevada, ou ainda do pote, & logo lhe miſturem hum pequenino de ſolimaõ muyto bem moido tamanho como huma ervilha, & com elle ſe bata muyto bem*; & logo lancem hum alfinete dentro, & dahi a pouco eſpaço o tirem, & ſe mudar a cor, he neceſſario deſtemperarſe mais, porque ainda eſtà forte, & lhe miſturem mais agua, & tornem a fazer a meſma prova com o alfinete pouco, & pouco atè que o alfinete naõ mude a cor, & entaõ eſtà bem tempera-

da, & com ella lavem a chaga, & lhe deyxem poſtos huns fios molhados na meſma agua, & ſe ponha tres, ou quatro vezes no dia. E ſe por branda naõ baſtar, façaſe qualquer couſa mais forte, mas muyto a tento, porque ſem dores cura perfeytamente eſtas chagas atè de todo as cicatrizar. Pode-ſe tambem applicar *oleo de myrrha*, que conforme Julio Palmario cura todas as chagas malignas.

Lib. 2. de Inc. ven. c. 5.

Ou faràõ eſtes pòs: *Tomẽ tutia preparada, alvayade, de cada hũ hũa oytava, pòs de pedra hume meyo eſcropulo, verdete pezo de ſeis grãos, miſture-ſe tudo*, & como eſtiver correcta, & mundificada, appliquẽ-ſe eſtes pos ſem verdete. Ou ſe façaõ eſtes: *Tomem pòs de azevre oytava, & meya, de coral preparado meya oytava, pòs de Joannes de Vigo tres vezes lavados em agua de tanchagem pezo de oyto grãos, & miſture-ſe tudo*; & ſe naõ baſtarem, accrecente-ſe a quantidade dos pòs de Joannes conforme a malicia da chaga. Tambem pòde ſervir em falta dos ſobreditos, *çumo de limaõ, ou lima*, miſturandolhe huns pòs de açucar, ou lavar a chaga muytas vezes *com a meſma ourina*, mas ſe naõ baſtar, miſturem com ella *ſal, & pedra hume*. E ſobrevindo inflammação notavel acuda-ſe com panos de agua roſada, & de tanchagem na circunferencia, & lave-ſe a chaga ſómente com agua de cevada, & ſe applique unguento mouro, ou de chumbo, ou fios, & panos molhados em ovo clara, & gema batida com leyte de peyto ſe houver dor, atè que a inflammaçaõ paſſe, & paſſada ella torne-ſe a curar a chaga conforme ſeu eſtado.

O unguento camelo ſe faz aſſim: *Tomem de oleo roſado huma libra, cera branca duas onças, luthargirio, alvayade, de cada hum ſeis onças, leyte de peyto hum pouco; faça-ſe unguento ſecundùm artem.* E ajunte-ſe ao fazer *vermelhaõ* quanto baſte para dar ao unguento huma cor vermelha, quaſi branca.

O unguento mouro he eſte: *Tomem luthargirio ſeis onças, alvayade, & unguento roſado, de cada hum quatro onças, agua roſada, & azeyte roſada quanto baſte*, faça-ſe unguento ſecundùm artem, & ajunte-ſe ao fazer, *vermelhão* quanto baſte para lhe dar cor vermelha muyto bayxa. Andaõ eſtes unguentos muyto em uſo neſta Cidade, & como naõ ha livro, que delles trate, trago as receytas neſte lugar. Valem para chagas virulentas, & quaeſquer outras, que tenhaõ deſtemperança quente, & para queymaduras de fogo; & tem virtude de refrigerar, deſecar, & cicatrizar mitigando ardores, & dores de cauſa calida.

Numero 4.

Cura do terceyro genero de chagas.

COmo eſtas ſaõ muyto malignas, requerem medicamento mais vehemente, & aſſim he neceſſario applicar os pòs de Joannes de Vigo lavados primeyro em agua de tanchagẽ, ou por lavar, ſe a malicia for muyta. Ou ſe faça unguento neſta fórma, de q̃ Euſtachio Rudio diz maravilhas: *Tomem oleo roſado on-*

Lib. 5. de orb. ven. 16.

cancino, oleo de amendoas doces, de cada hum meya onça, unguento de rezina (que ſe faz de rezina de pinho, trementina, & cera amarella) ſeis oytavas, pòs de Joannes de Vigo huma oytava, & huma pequena de cera nova, & miſture-ſe. Ou eſte do meſmo Rudio: *Tomem oleo de amendoas doces, unguento de rezina, de cada hum quatro onças, cera bella huma onça, pòs de Joannes meya onça, miſture-ſe.*

Ou ſe faça eſta agua do meſmo Rudio: *Tomem ſolimaõ, pedra hume, de cada hum huma onça, çumo de limaõ tres onças, agua de tanchagem dezoyto onças, agua roſada dezanove onças*: moerſehaõ muyto bem a pedra hume, & ſolimaõ, & miſturarſehão com as mais couſas, & ſe poràõ a ferver a fogo manſo atè que ſe gaſte a quinta parte, & he remedio efficaz. Ou ſe applique agua luminoſa magiſtral

de

de Fallopio, que ſe faz aſſim: *Tomem agua de tanchagem, & roſada, huma libra de cada huma, ſolimaõ, & pedra hume, de cada hum duas oytavas, miſtu emſe*; depois de moido o ſolimaõ, & pedra hume, meta-ſe em hum vaſo de vidro, o qual ſe porá ſobre hum vaſo de ferro cuberto o fundo delle com area para que o vidro naõ quebre, depois ſe porá o de ferro ſobre as brazas, & deyxarſeha eſtar atè que da agua ſe gaſte a metade, deyxeſe depois deſcanſar por cinco dias, para que a fez da pedra hume, & ſolimaõ ſe aſſentem no fundo, & fique a agua clara, que he excellente neſtes caſos. Tract. de morb. gal

E ſendo as chagas demaſiadamennte malignas, & que naõ obedeçaõ aos remedios ditos, convem tocallas *com agua forte dos ourives*, a qual he de duas caſtas, huma branca, que he a mais forte, outra hum pouco mais branda, que he declinante a verde, & azul, a qual neſta Cidade chamaõ de Simaõ Delgado, porque elle a uſava felizmente, & a tinha por grão ſecreto para eſtes caſos.

E havendo muyta ſordicie, ou alguma podridaõ, ferva *unguento apoſtolorum, & egyptiaco*, & pòde fazer hum lavatorio, deſatando cada onça deſtes unguentos em hum quartilho *de cozimento, que ſe fará de cevada, lentilhas, & hervilhaca de trigo*. Mas ſobre tudo ſe note que para eſtas chagas valem mais que tudo os unguentos, aguas, & pòs em que entra ſolimaõ, ou pós de Joannes de Vigo, ou quaeſquer outros, que ſe façaõ de azougue, pela propriedade, que tem contra a qualidade gallica. E quando naõ baſte nenhuma couſa deſtas, he final que ſe fomentaõ de qualidade, que jà eſtá impreſſa no figado, & aſſim he neceſſario fazer a cura do morbo gallico em fórma, como ſe dirá na cura da terceyra, & quarta eſpecie delle.

Em todas eſtas chagas ſe note que eſtando na ponta da via da ourina, ou da madre ſe tenha grande ſentido naõ acerte de creſcer a carne, & couro de modo que a tape, naõ ficando lugar por onde a ourina ſe poſſa expeller, que he caſo, que às vezes acontece, & obſervado por Benevino, & por Joaõ Franco Hildeſio. Cap. 31. de abd. obſerv.

Numero 5.

Advertencia àcerca das chagas da boca, & peytos.

AS chagas da boca curaõ-ſe com os meſmos remedios locaes, que temos ordenado para as das partes bayxas: haverá porém tres advertencias. A primeira que os remedios venenoſos tem mais perigo applicados à boca pelo dano, que póde ſucceder de engulir alguma porçaõ delles, & por tanto advertem os Authores que ſe appliquem ſutilmente com hum pincelzinho de modo, que naõ fique couſa, que poſſa correr, & com iſto terá o doente ſua advertencia para que o naõ engula. A ſegunda, que como a boca tem muytas humidades que obtundem a virtude do medicamento, & naõ he parte, em que ſe poſſa deter tempo baſtante para obrar, he neceſſario applicar medicamento mais forte, para que em breve tempo poſſa obrar tanto como outro em mais, conforme ſe colhe da doutrina de Galeno onde enſina as indicações, que ſe tomaõ da parte affecta. E por tanto para as chagas malignas da boca eſcolheremos os mais efficazes, attendendo porém à intenſaõ, ou remiſſaõ da malicia, conforme eſtá advertido acima: & gaba Euſtachio Rudio *oleo de enxofre*, porque, como diz, ſe une tenazmente à chaga, & naõ ſe deſpega ſem primeiro conſumir a malicia della. E Fragoſo louva a ſeguinte agua: *Tomem de ſolimaõ feyto em pô hum eſcropulo, de minio* (q̃ he azarcaõ) *eſcropulo, & meyo, agua de tãchagem, & de pés de roſas,* Lib. art. med. c. 85 & lib. 4. met. c. 13 & ſæpè alibi. Loc. cit.

de cada huma tres onças, miſture-ſe tudo, & com eſta agua ſe toquem as chagas duas, ou tres vezes no dia. Tambem diz que eſtá experimentada a que ſe ſegue. *Tomem ſalpedra, ſalitre, pedra hume, de cada couſa duas oytavas, ſolimaõ eſcropolo, & meyo, agua de tanchagem, & roſada, de cada huma quatro onças, ferva-ſe até ſe conſumir a terça parte*, & toquemſe as chagas com ella. *O oleo de antimonio* he louvado neſte caſo, o qual ſe fará conforme Euſtachio Rudio deſte modo. *Tomem ſolimaõ tres onças, antimonio duas onças, façaõ-ſe em pó, & ſublimemſe conforme a arte de ſublimar.* Finalmente quando eſtas chagas naõ obedecerem aos mais remedios, appliqueſe *agua forte, ou fogo actual*, & cure-ſe o doente como de boubas finas, porque he ſinal que ſe tem o contagio communicado à maſſa ſanguinea, & figado.

In antid trat. de las aguas.

A terceyra advertencia das chagas da boca he àcerca da ſangria, porque ſendo nacidas de cauſa primitiva, a ſaber, do contagio externo de pouco tẽpo, q̃ ainda naõ eſtá communicado ao figado, como ſuppomos, & ſobrevindo inflãmaçaõ notavel, ou outra couſa urgente, a que a ſangria ſeja neceſſaria, naõ ſe deve dar no pé por naõ chamar o humor ao figado; mas darſeha no braço da meſma banda da chaga porque conforme Dioſcorides, o contagio venenoſo haſe de attrahir a fóra pela parte mais proxima, & naõ ha outra, q̃ o ſeja, havendo-ſe de attrahir pela vea, a reſpeyto da boca ſenaõ a do braço. Porém ſe as ditas chagas foſſem communicadas de contagio, que começaſſe pelas partes bayxas, que dure ainda nellas, farſeha a ſangria no pé, & naõ no braço, por naõ fazer mayor communicaçaõ. Mas quando jà nas partes bayxas naõ houver contagio, que impida, em tal caſo ſe fará no braço.

In præf. Lib. 6.

A meſma advertencia da ſangria ſe terá nas chagas, que nacerem no peyto da ama por occaſiaõ de criar o menino gallicado, & no demais tratarſehaõ como as chagas das partes bayxas, conforme nellas ſe diz.

Numero 6.

Que ſe farà ſobrevindo grande inflammaçaõ.

SE ſucceder inflammaremſe muyto as ditas chagas, ou por aparato de humores que o corpo tinha quando ſe pegou o contagio, ou pela acrimonia dos medicamentos, he neceſſario que ſe acuda à inflammaçaõ com a evacuaçaõ das ſangrias, ou no braço, ſe padecerem as partes altas, ou no pé, ſe padecerem as bayxas, ſegundo mandaõ Alcaçar, & Rudio, quando diz eſtas palavras: *Si verò tunc temporis propter ſubortam inflammationem corporis evacuatione ſit utendum, potius malleolorum venæ aperiendæ.* Quer dizer: *Mas ſe neſte tempo* (falla de quando ſe applicaõ os medicamentos fortes às chagas) *por razaõ de inflammaçaõ, que ſobrevenha, ſe houver de evacuar o corpo, haſe antes de fazer a ſangria nas veas dos artelhos.* E poſto que eſta pratica pareça contra a que cõmummente ſe uſa neſta Cidade, com tudo eu a tenho experimentado muytas vezes com feliz ſucceſſo, & he conforme a doutrina naõ ſómente dos Authores modernos, mas dos textos de Galeno, veja-ſe o que diremos na ſegunda parte. Advertindo porém que ſe a fluxaõ for impetuoſa, ou a inflãmaçaõ muyto fervida, & o corpo em extremo cheyo, pelo perigo, que ha de ſe a parte mortificar, ſe dem as primeiras ſangrias no braço, como abayxo advertiremos na cura da hernia humoral gallica: & demais diſto ſe appliquem remedios repercuſſivos conforme os pedir o tempo, & qualidade da inflammaçaõ, porque poſto que o humor gallico ſeja venenoſo, & por eſſa cauſa ſe naõ deva repercutir, conforme temos advertido; cõ tudo,

Lib. de gal. c. 25. Lib. 5 de meth. vener. c. 19

13. met. c. 11. ſect. ſæpè alibi Quæſt. 19. c. 4.

do,

do, naõ he taõ grande o perigo delle, como o que ſe ſegue de ſe mortificar, & perder a parte. Pelo que neſta complicaçaõ das duas indicaçoens contrarias (que ſaõ attrahir por reſpeyto do veneno gallico, & repercutir por reſpeyto de inflammaçaõ, & mortificaçaõ que do fluxo do humor no dito caſo com taes circunſtancias ſe teme) ha de vencer a mais vehemente, conforme as regras de Galeno. Lib de optim. ſect. de Thraſ. cõ 8. & Lib. 7. meth c. 13 & ſæpè alib.

Numero 7.

Propoemſe, & ſolta-ſe huma duvida àcerca do ſobredito.

COmo temos dito que do contagio freſco ſe toma indicaçaõ para attrahir, & naõ para repercutir, póde fazer duvida miſturar aos remedios abſtergẽtes, corroſivos, & attrahentes agua roſada de tanchagem, clara de ovo, & outros ſemelhantes, que repercutem; ſendo que nos affectos venenoſos nem repercuſſivos brandos ſe permittem conforme a regra de Guido, & de todos os Authores. Ao que reſpõdo que os repercuſſivos applicados por ſi ſós fariaõ grande dano, reconcentrando o humor venenoſo; miſturados porém em moderada quantidade com os medicamentos attractivos, corroſivos, & agudos, taõ fóra eſtaõ de fazerem dano, que antes fazem com que eſtes obrem com mais efficacia, porq̃ conforme Galeno os medicamentos adſtringentes, eſpremendo hum pouco a ſuperficie da parte a que ſe applicaõ, fazem que penetre mais o medicamento calido, & tenue, o detem mais tempo dentro dos póros, de que ſe ſegue mais efficaz operaçaõ delle; com tanto que ſeja a virtude adſtringente pouca a reſpeyto da que tem os outros medicamentos. Servem além diſto os ditos refrigerantes de moderar, & temperar a acrimonia, & calor dos medicamentos demaſiadamente corroſivos, para que com mais ſegurança ſe uſe delles, & como o ſeu calor he muyto, impede a repercuſſaõ dos refrigerantes. Exemplo temos em Galeno, que para curar o carbunculo (ao qual por ſer venenoſo naõ convem repercuſſaõ) miſtura nos emplaſtos tanchagem, que he repercuſſiva, porque a miſtura de outros medicamentos, & o muyto calor da parte impedem a obra de repercutir. Tract. de opoſt. cit. 3. ſimpl. c. 17. ant. fin. Lib. 11. met c. 10

ANNOTAÇOENS.

Numero 1.

EXtinguir o contagio. *O Author nos achaques do gallico incipiente tira bem a indicação curativa, mas não chega a ſatisfazella, como já notámos nas Annotaçoens do Capitulo antecedente; porque dizendo que eſta indicação conſiſte em extinguir o contagio, que occupa as partes pudendas, para que não penetre a inficionar as internas, não uſa de alexipharmacos contra o contagio, & ſó ſe vale dos remedios abſterſivos, attrahentes, & corroſivos, com os quaes ſe poderão limpar, & cicatrizar as chagas; mas extinguirem-ſe os ſeminarios gallicos inſinuados nas partes ulceradas, iſto não ſe conſeguirà ſem uſo dos ſeus antidotos, porque os ditos ſeminarios ſe implantaõ naquellas partes que offendem, & ſe vaõ cõmunicando ao interior dellas, aonde não chega a virtude dos medicamentos abſterſivos, & ainda que là chegàra, não era certo q̃ trouxeſſe conſigo todas as partes contagioſas, & ſempre parecia conveniente applicar os alexipharmacos, que pudeſſem extinguillas. E aſſim propomos por commum preceyto na cura das puſtulas, chagas, & gonorrheas gallicas, que logo logo que eſtes danos appareceerem, entre os remedios com que ſe lhe acodir, ſe metão os ſeus alexipharmacos, para que ao meſmo tempo ſe extingão os ſeminarios contagioſos, & ſe venção os*

ſeus productos; pois que importa empenhar ſó na exſiccaçaõ das chagas, ſe naõ ſe oppugna a cauſa que as excita? Bem poderà ſucceder, como cada dia vemos, que ſe curem os ditos achaques ſem applicação dos remedios anti-venereos: mas tambem ſuccede, que por falta deſtes ſe façaõ as chagas mais corroſivas, & ſe communique o contagio às partes internas, & que fiquem os doentes gallicados toda a vida, ou que ao menos lhe cuſte mayor trabalho livrar emſe deſte contagio por meyo de mayores diligencias, do que aquellas com que ſe podiaõ preſervar delle, quando naõ havia ainda mais que humas puſtulas, & humas chagas nas partes bayxas, que facilmente ſe podiaõ remediar, extinguindo ao meſmo tempo o contagio, que as chegou a produzir.

Para iſto aconſelhamos, que na cura deſtas chagas ſe uſe ſempre dos remedios que o Author inculca, huns pós de mercurio doce, ou branco precipitado, que ſem experimentar a moleſtia que cauſaõ os pós de Joannes de Vigo, tambem preparados de azougue, extinguiràõ muyto bem os ſeminarios contagioſos, que occuparem as partes ulceradas; porque o azougue taõ activa tem a virtude alexipharmaca na preparaçaõ do mercurio doce, como em qualquer outra preparaçaõ; & em quanto para extinguir os ſeminarios do gallico, he muyto melhor o mercurio doce que ſem mordicaçaõ, & ſem dor ſe uſa, do que o ſolimaõ, & os pós de Joannes, que com a virtude corroſiva ſempre moleſtaõ muyto, & ſó quando as chagas forem muy podres, & malignas, devem uſar ſe, como o Author aconſelha.

Numero 2.

APplicaremos logo. *Quando ſaõ leves as chagas gallicas das partes bayxas, recommenda o Author muyto, que logo ſe lhe appliquem remedios tambem leves, & naõ aproveytando eſtes, paſſa a outros mais efficazes; mas eſquecido ſempre de que neſtas chagas ha ſeminarios contagioſos, nunca ſe lembra de lhe acodir com os alexipharmacos, que podia miſturar com os meſmos remedios; & quando chega ao uſo dos pós de Joannes, que ſaõ feytos de azougue, buſca-os mais pela virtude corroſiva contra a ſordicie, & virulencia das chagas, que pela virtude alexipharmaca contra os ſeminarios do contagio; ſendo aſſim que naõ merece eſte menos reſpeyto, do que os meſmos danos que produz; o que parece que advertio expreſſamente Sennerto, 7. por doutrina de Saxonia, quando diſſe, que os remedios que ſe compunhaõ de mercurio, eraõ os de mayor utilidade neſtas chagas:* In primis (*diz elle*) utilia ſunt unguenta, quæ mercurium recipiunt, ſeu vivum, ſeu præcipitatum, ſeu cinnabarim, & in penis ulceribus, & carie glandis nullum præcipitato adhuc utilius eſſe excogitatum medicamentum ſcribit Hercules Saxonia. 7. Sennert. Lib. de luc ven. cap. 23.

Serà pois conveniente, que eſtas chagas ſe tratem com os remedios que propuzemos no Capitulo antecedente para as puſtulas gallicas das partes obſcenas; & que nos que o Author aconſelha, ſe lancem ſempre huns pós de mercurio doce, ou precipitado; ou ſe preparem deſta moneyra:

Tomem de pós de alvayade, de aſſucar de Saturno, ou de chumbo: que tudo he o meſmo, de cada couſa deſtas meya oytava; de pós de mercurio doce dous eſcropulos, miſturemſe, & appliquemſe na chaga, ou pulverizando-os nella, ou lançando-os em ſeis onças de agua cozida com cevada, & páo ſanto.

Tomem de pós de pedra medicamentoſa, de fezes de ouro, de cada couſa huma oytava, de mercurio precipitado hum eſcropulo, de alvayade dous eſcropulos, de verdete meya oytava; miſturem-ſe.

Só os pós de mercurio baſtaõ muytas vezes para curar eſtas chagas, ou ſeja o mercurio doce, ou precipitado branco, cuja compoſiçaõ trazo Author a diante no Capitulo XXX. *ou o mercurio precipitado luteo, que he de grande utilidade para eſtas, & outras chagas, ainda que naõ ſejaõ gallicas, porque as limpa, & cicatriza; a ſua preparaçaõ hé eſta:*

Tomem

Tomem huma onça de azougue vivo, bem limpo, & bem purgado, diſſolva-ſe em duas onças de agua forte; em eſtando deſfeyto, lancemlhe huma pouca de agua cõmua, & depois humas pingas de oleo de tartaro correcto, comque o azougue ſe precipitarà, ficando da cor de lodo, ou barro, & por iſto chamado luteo. *Iſto feyto tireſelhe a agua por inclinaçaõ, & depois lanceſelhe outra agua, & paſſadas doze horas, torneſelhe a tirar, & aſſim ſe continuarà atè que o azougue fique doce, perdendo neſtas lavações as partes acres, & corroſivas.* Mercur. luteo.

Eſte remedio he excellente para eſtas chagas:

Tomem de pòs de pedra lipis tres oytavas, de pòs de pedra hume queymada duas oytavas, de pòs de verdete huma oytava, de mercurio precipitado meya oytava, de agua de tanchagem dez onças, de agua roſada huma onça, miſturem-ſe, & com eſta agua ſe toquem as chagas.

Naõ he menos efficaz o ſeguinte:

Tomem quatro onças de azouge vivo, diſſolva-ſe em eſpirito de nitro, junte-ſe a quarta parte de azeyte commum; ponhaõ-ſe em digeſtaõ oyto dias, depois ſepare-ſe o oleo, & guarde-ſe, & com elle ſe toquem as chagas. Ou ſe prepare eſte remedio.

Tomem duas onças de mercurio precipitado, quatro onças de eſpirito de vinho; ponhaõ-ſe em huma retorta, & deſtille-ſe o eſpirito de vinho em recipiente bem tapado, & guarde-ſe, que he admiravel remedio para todas as puſtulas, chagas, cariações, durezas, & excrecencias carneas, que procedem de cauſa gallica; porque ſem dor, nem inflammaçaõ as remedea brevemente.

Carlos Muſitano 8. *louva para eſtas, & quaeſquer chagas virulentas a ſua agua venerea, cuja deſcripçaõ he a ſeguinte:* 8. Carol. Muſit. t. 2. f. 143 Agua Ven. de Carlos Muſit.

Tomem huma onça de verdete, tres libras de agua commua; metaõ-ſe em vaſo de vidro, ou vidrado, digiraõ-ſe em lugar quente, atè que a agua ſe faça de cor azul; entaõ decante-ſe, & filtre-ſe; & depois lancemlhe hum pouco de mercurio, que póde ſer precipitando, ou luteo, ou doce.

A manteyga de antimonio miſturada com mercurio doce, cura muyto bem eſtas chagas, para as quaes naõ he menos util eſte remedio.

Tomem huma gema de ovo dura, huma onça de mel, miſturem-ſe exactamente a fogo brando; fervaõ, & depois juntemlhe meya oytava de ſolimaõ, ou dous eſcropulos de mercurio precipitado.

Redoneo 9. *encarece o unguento baſalicaõ com mercurio precipitado rubro. Barbeyrac* 10. *propõem o ſeguinte unguento:* 9. Redon. apud Bonet. t. theſaur. fol. 513. col. 2. in fine.

Tomem de azougue crù extincto com pouca trementina, de unguento mundificativo de apio, de cada couſa partes iguaes; agitemſe em almofariz de metal, & faça-ſe unguento.

Finalmente para eſtas chagas, aſſim do primeyro, como do ſegundo, & terceyro genero dellas, ſe uſaràõ ſempre os medicamentos com mercurio, ou ſejaõ leves, ou ſejaõ fortes, ſegundo pedir a qualidade, & condiçaõ das chagas, que aſſim ſe curaràõ felizmente; dando ſempre ao enfermo em tres, ou quatro dias as pirolas mercuriaes, que acima propuzemos; ou ſe façaõ as ſeguintes: 10. Barb. apud Bonet. ubi ſupra fol. 514.

Tomem ſeis graõs de mercurio doce, ou ſeis de aſſucar de chumbo, & com mucilagens de alquitira ſe formem pirolas, & dourem ſe. Tomaõ-ſe em quatro dias continuos, ou interpollados.

Agua de tanchagem. *Eſta agua, & a de roſas, como as mais que ſaõ repercuſſivas, fazem muytas vezes grande dano nas puſtulas, & chagas gallicas, porque repercutem o contagio para as partes internas; ſobre o que ſe veja o que diſſemos nas Annotaçoens ao* Capitulo VII. *Mas quando ſe uſaõ com mercurio, naõ ha tanto perigo, porque elle*

le penetra ſem reſiſtencia os póros da parte que ſe applica, & chega a extinguir os ſeminarios do contagio.

Numero 3.

COm a meſma ourina. *A ourina do meſmo doente lhe ſerve muytas vezes de remedio nas puſtulas, & chagas gallicas das partes obſcenas, pela inſigne virtude abſtergente, & deſecante que tem; o que ſe conſeguirà mais certamente, ſe depois de lavadas as chagas com ella, ſe cubrirem de pòs de mercurio doce, ou branco precipitado, para extinguir os ſeminarios contagioſos que as excitaõ. E jà com a ourina vimos nòs curadas algumas chagas tão rebeldes, que tinhaõ deſpreſado varios remedios curioſamẽte cõpoſtos, & com cuydado applicados; o que ſucceàe, porq̃ a ourina tem muytas partes abſterſivas com que mundifica as chagas, reduſindo-as à ultima cicatrizaçaõ com as partes exſiccantes de que he dotada. E naõ ſó tem eſtas virtudes a ourina humana, porque tambem ha nella huma virtude anodina com que abranda as dores das partes obſcenas, & por iſto aproveyta nas dores de gotta, como obſervou Ettmullero.* 11. *He de utilidade para curar frieyras; & pela virtude coſmetica que tem cura a ſarna, a porrigem, & quaeſquer achaques cutaneos ſemelhantes a eſtes; & tira os ſinaes, ou nodoas que deyxaõ as bexigas, & ſarampos. Alèm diſto, ha na ourina humana huma virtude alexipharmaca para preſervar da peſte, bebendo-a em baſtante quantidade, & contra o veneno das viboras, como diz Abrahaõ Ecchelenſe,* 12. *& affirma Zacuto Luſitano com experiencias.* 13. *Nas ictericias, hydropeſias, cachechias, nas oeſtrucções das entranhas, particularmente do baço, tambem faz grande utilidade, tomando-a pela boca; o que ſe attribue ao muyto ſal volatil que tem, com que póde volatilizar, & diſſolver os humores craſſos de que eſtes males procedem. Na hydropeſia tympanitica, nas hipocondrias flatuoſas, & nas dores de ventre deſta cauſa, tambem utiliza às vezes muyto, principalmente ſendo ourina de menino de menos de quinze annos, lançando-a por ajudas, ou ſó, ou miſturada com cozimento de macella, ruda, & quaeſquer outras ervas carminantes, do que ſe pódem ver algumas experiencias de Franciſco Valeriola,* 14. *Sennerto, & em Conrado Kunrath. Para facilitar o parto affirma Ettmullero,* 15. *que he remedio muy conhecido, bebendo a mulher que houver de parir a ourina de ſeu marido. Alèm deſtas virtudes, tambem ſe conſidera na ourina humana huma virtude magnetica, com que aproveyta na cura magica das doenças, do que ſe póde ver alèm de Ettmullero, Paracelſo, Hartmano, Boyle, Bartholiuo, Helmonte, Vvillis.*

11. Ettmul. in Colleg. Pharm. fol. 787.
12. Abrah. Ecchel. tract. 1. cap. 1.
13. Zac. 3. prax. mirand. Obſ. 94.
14. Val. lib. 1 Obſ. 2. Sennert. 3. prax. fol. 734.
15. Ettmull. in Colleg. Pharm. in Ludovic. tit. 16. §. Antiq. &c.

Numero 4.

COm agua forte dos ourives. *Nas chagas gallicas, malignas, & rebeldes aconſelha o Author que ſe uſe de agua forte dos ourives, com que ſecaõ, & cicatrizaõ; o que Redoneo condeua, como atraz diſſemos, com o fundamento de que a agua forte, o eſpirito de vitriolo, & de enxofre fazem nas chagas huma eſcara dura, debayxo da qual ſe occultaõ os ſeminarios do contagio, & a virulencia das chagas, de que reſulta mayor dano*: Damnanda eſt eorum praxis (*diz eſte Author*) qui penis ulcuſcula aqua forti, vel ſpiritu vitrioli, vel aqua fabrorum tangunt; ſic enim duriorem ſcharam ipſis inurunt, & intus virus coercent, quod poſteà longè, latèque ſpargitur. *Alèm deſta razão, reprova-ſe a agua forte, & o eſpirito de vitriolo, & de enxofre, porque como acidos, & corroſivos, pódem vigorar mais o acido venereo, que tambem he corroſivo, & aumentar o dano.*

De azougue. *No terceyro genero de chagas, que ſaõ as de mayor ſordicie, & virulencia louva o Author ſobre todos os mais remedios, aquelles que ſe preparaõ do azougue, pela propriedade que tem contra o contagio gallico. E na verdade que parece ce-*

gueyra

cegueyra do entendimento, que não reconheça Madeyra logo no primeyro genero de chagas neceſſidade deſtes meſmos remedios, havendo em todas ellas os ſeminarios gallicos que conſidera no terceyro. Se as chagas ſaõ gallicas, & ſe em todas ellas ha parte do fermento, & contagio gallico, parece que tanto a humas, como a outras ſe devem applicar os remedios mercuriaes; & que não ſe ha de eſtar eſperando que por falta delles ſe façaõ as chagas mais ſordidas, & mais virulentas, para depois lhe acodir com os pós de Joannes, & com outros remedios corroſivos, quando com a applicaçaõ do mercurio doce, ou precipitado ſe podiaõ ter vencido antes de chegarem a mais alto grão de corrupção. Convem pois, que em todo o genero de puſtulas, & chagas gallicas das partes pudendas, cõtrahidas de freſco, ſe uſem remedios mercuriaes com os abſtergẽtes, & deſecantes, como temos dito tantas vezes, para extinguir os ſeminarios do contagio, ao meſmo tempo que as chagas ſe forem abſtergendo, & cicatrizando; & que ſe tomem tres, ou quatro dias pirolas de mercurio, na fórma que atraz diſſemos, para com ellas extinguir algumas partes do contagio que ſe tenhão communicado às partes internas; porque he de crer, que hum contagio, que em taõ breve tempo como o de hum congreſſo ſe communicou de corpo a corpo, ſe communique com mayor facilidade de parte a parte; da parte leſa à parte ſã, das partes externas às intimas, da pelle à carne, da carne ao ſangue, do ſangue a todo o corpo por onde circula; & que aſſim curadas as chagas, fiquem infectos os corpos; o que póde obviar ſe uſando os remedios mercuriaes nas chagas, & tomando mercurio em tres, ou quatro dias pela boca, porq̃ diſto nunca vimos reſultar dano. Quando as chagas procedem por infecção da maſſa ſanguinaria, he neceſſario fazer huma cura regular com azougue, na fórma que adiante ſe dirà na cura do gallico confirmado, tratando do azougue. Ou ſe farà com os alexipharmacos vegetantes, ſe ſe entender que o gallico eſtà em graduação, que os ditos alexipharmacos poſſaõ emendar os ſeus danos, que quanto extinguir o contagio, ſó o póde fazer o azougue.

Numero 5.

AS chagas da boca. *Por eſtas chagas, mediante a ſaliva, ſe communica o contagio mais brevemente às partes internas, do que pelas chagas das partes pudendas, & por iſto nos devemos haver com grande cuydado na cura dellas, applicando os remedios com mercurio doce, ou branco precipitado, para que ſe extingão os ſeminarios do contagio, antes que ſe diffundão por outras partes; para o que ſe pódem uſar os remedios propoſtos para as chagas das partes bayxas; ou ſe uſe dos ſeguintes.*

Nos meninos lactantes, que por mamarem leyte de mulher infecta padecerem eſtas chagas, a primeyra diligencia deve ſer a de mudar de ama para outra que não ſeja gallicada; & quando iſto ſe não poſſa fazer, curar-ſe-ha com azougue a que lhe der leyte, ou com o que parecer mais conveniente; & nas chagas lhe porà õ hum pouco de mel roſado com eſpirito de vitriolo, com que Riverio 15. curou humas chagas da garganta em hum menino; & algumas vezes ſe tocaràõ com o remedio ſeguinte: 15. River. cent. 1. obſ. 95.

Tomem de pós de lapis ſalutis meya oytava, de mercurio precipitado hum eſcropulo, de cozimento de raiz da China, & páo ſanto duas onças; miſturem-ſe.

Nas peſſoas adultas, quando as chagas procederem de contagio contrahido pela ſaliva, por oſculos, ou por beber pelo pucaro da peſſoa gallicada, alèm dos remedios neſte Capitulo inculcados, ſe uſarà tambem deſte:

Tomem de cozimento de tanchagem, páo ſanto, & raiz da China, meya libra, de verdete meya oytava, de alvayade dous eſcropulos, de mercurio doce meya oytava, miſturem-ſe.

Ou ſe faça eſta agua, que he excellente, aſſim para as chagas da boca, como para quaeſquer outras.

Tomem de vinho branco generoſo huma libra, de ouro adulterino, a que vulgarmente chamão ouropel, cortado miudamente, duas onças, metão ſe em hum vidro bem tapado com cera, ou barro; & ponha-ſe huns dias ao Sol, & de noyte em cinzas quentes, atè que o vinho tenha huma cor verde, como de eſmeralda; o que ſe fará dentro de dez, ou doze dias. Toquem-ſe as chagas com eſta agua, porque as mundifica, & cicatriza; & nas que forem gallicas, miſturemlhe em cada duas onças de agua meya oytava de pós de mercurio precipitado, luteo, ou doce.

A agua verde de Hartmano he muy decantada para eſtas chogas, & para quaeſquer outras; prepara-ſe deſte modo:

Agua verde de Hartm.

Tomem de mel roſado duas onças, de enxofre vivo, de pedra hume crua, de verdete, de cada couſa hũa onça; de alva de cão, de olhos da erva chamada ſabina, de cada couſa meya oytava, de olhos de ſabugueyro huma oytava; de folhas de hypericão, de alecrim, de ruda, de tanchagem, de ſalva, de poejos, de cada couſa meya mãochea. Tudo ferva brandamente em huma libra de vinho, & outra de agua, atè que ſe goſte couſa de meyo quartilho. Advertindo, que o verdete ſe lhe lance no fim do cozimento, quando ſe quizer tirar do lume. Em cada onça deſte cozimento coado ſe lhe junte meya oytava de pós de mercurio doce, & com ella ſe toquem as chagas.

Tomem de agua de tanchagem quatro onças, de pós de lapis ſalutis duas oytavas, de mercurio doce meya oytava, de mel roſado duas onças; miſturem-ſe.

O ſeguinte unguento he de grande efficacia.

Tomem de unguento de alvayade, de unguento branco camphorado, de cada hum meya onça, de mercurio doce duas oytavas; miſturem ſe.

Do unguento baſalicão miſturado com baſtante quantidade de mercurio doce, diz

16. Ettmull. Colleg. Pract. fol. 536.

Ettmullero, 16. que cura quaeſquer chagas gallicas malignas, & quaſi cancroſas; & por iſto ſe póde uſar neſtas. Algumas vezes ſuccede deſprezarem eſtas chagas a virtude do mercurio com que ſe tratão; ou porque eſte não eſtá bem dulcificado, & acrecenta mais corroſividade ao acido corroſivo das chagas: ou por outra razão que ſe não alcança; & neſtes termos aproveyta melhor o oleo de páo ſanto; com que as partes agudas do acido corroſivo ſe infrigem, & ſe obtundem. Mas porque às chagas que eſtão na garganta ſe não pódem applicar bem os remedios, ſerá conveniente uſar dos gargarejos ſeguintes.

Tomem de raiz de ſalſa parrilha, huma oytava, de caſca de páo ſanto duas oytavas, de raiz da China meya oytava, de folhas de tanchagem, de eſcabioſa, de murta, de caſcas de romãs, de ſumagre, de roſas vermelhas ſecas, de cevada, de cada couſa pouco; ferva em baſtante quantidade de agua, lançandolhe no fim alguma pedra hume, & coe-ſe.

Com eſte cozimento ſe tomem gargarejos com açucar, ou ſem elle; & depois de gargarejar, ſe toquem as chagas com oleo de enxofre, ſe for poſſivel.

Com eſte unguento ſe curàraõ humas chagas da lingua, & gingivas, depois de não aproveytarem outros remedios:

Tomem de pós de alvayade, de manteyga de chumbo, de mercurio doce, de cada couſa hum eſcropulo, de unguento mundificativo onça, & meya; miſturem ſe.

Ultimamente aconſelhamos o que já temos dito muytas vezes, & he que os que padecerem eſtas chagas, tomem alguns dias pirolas de mercurio doce, ou branco precipitado, ſe querem ficar livres deſte contagio. Avertindo, que naõ ſe negue eſte remedio aos meninos que mamão; porque o poderão tomar em pós, aſſim como o tomaõ para as lombrigas, no que ſe reconhece grande utilidade, ſem reſulta de alguma offenſa.

Nós temos dado algumas vezes mercurio doce, & branco precipitado a meninos de poucos mezes, por ſe gallicarem com o primeyro leyte, do que ſe póde ver a

Obſer-

Obſervaçaõ 17. do tratado que eſcrevemos do uſo do azougue nos caſos prohibidos.

Oleo de enxofre. *Com eſte oleo curàmos huma chaga no meyo da lingua de hum homem de mais de ſeſſenta annos, a qual ſe profundou de maneyra, que quaſi paſſava de huma à outra parte, com grandes dores, & inchação da lingua. A chaga não era nacida de gallico de novo contrahido, que ſe o doente o tinha, era de alguns annos; ſendo que não havia ſinal que o atteſtaſſe; & com o dito oleo, acpou de não aproveytarem varios remedios, ſe curou felizmente. Com razão logo he encarecido eſte oleo de Euſtachio Rudio, & de outros Praticos, para as chagas da boca, aindaque não queyra Renodeo, como diſſemos nas Annotações ao num. 4. deſte Capitulo.*

Da ſangria. *Quando na cura deſtas chagas ſobrevier inflammaçaõ, ou outro algum incidente por razão do qual ſe haja de fazer ſangria; eſta ſe fará na parte em que parecer mais conveniente para vencer o dano, ou as chagas procedão de contagio novamente contrahido, ou de contagio antigo; porque nem pela ſangria de pè ſe attrahem às entranhas os ſeminarios do gallico, que fazem as chagas na boca; nem a ſangria de braço faz ſubir os que occupão as partes pudendas. A ſangria, de qualquer parte que ſeja, o que faz, he tirar ſangue do que vay circulando pela vea em que ſe fez a ciſura, ſem dar outro movimento ao ſangue, nem para bayxo, nem para cima; para haver de o puxar de alguma parte, ou proxima, ou diſtante, aindaque ao correr o ſangue fóra da vea, ſe mova para ella com mais arrebatado movimento; que ſe iſto fora cauſa de ſe communicar por meyo da ſangria o humor das partes diſtantes, não haveria febre ardente em que não aconteceſſe, pelo furioſo, & apreſſado movimento com que o ſangue nella circula. Deſorte que o ſangue no circulo tem o movimento com que gyra pelos ſeus vaſos, o qual movimento guarda no ſeu tempo da ſangria, porque eſta lho não perverte; & nòs queremos à força que a ſangria de pè và buſcar os ſeminarios do gallico, que eſtão nas chagas da boca, para os communicar às entranhas; iſto he ignorar totalmente as leys, & movimentos da circulação. Folgáramos nòs ſaber como ſe faz iſto; folgáramos ſaber como as ſangrias de braços puxão para a cabeça o que eſtà nos pès; & como as ſangrias de pès attrahem para as partes bayxas o que eſtà na cabeça? Que ſe communique aos pès o que eſtà na cabeça, & que os danos das partes diſtantes ſe communiquem de humas a outras, não o negamos; que iſto faz-ſe mediante as circulações do ſangue, & da lympha, & pela ſympathia do genero nervoſo; mas que a ſangria faça neſte negocio o que as ſympathias, conſenſos, & circulações, iſto he o que negamos.*

CAPITULO IX.

Do tumor, clauſura, & outros vicios do prepucio.

COſtuma às ditas chagas malignas da cabeça do membro ſobrevir tumor notavel, com o qual algumas vezes ſe cerra o prepucio de modo que naõ ſe pòde aforrar para ſe deſcobrirem, & curarem: outras aforrandoſe, & deyxandoſe aſſim ficar por deſcuydo do doente, ou de quem o cura, não póde tornar a ſeu lugar, & ás vezes ſe endurece, & fica neſta fórma toda a vida.

A cauſa de tudo he a malicia do contagio, que em quanto ſe não extingue, ou moderada, conſerva a inflammaçaõ, ou tumor. Pelo que a cura propria he extinguir a malignidade das chagas: & porque ſe lhe naõ pòde applicar medicamento eſtando o prepucio cerrado, deve lançarſelhe dentro com ſiringa, & ſer o medicamento mais efficaz para que pouco delle baſte, conforme ſe colhe da doutrina de Galeno. E nos primeyros dias ſiringarſeha com medicamento, que abrande a inflammação com alguma mundificação das chagas, como *agua de ce-*

Liſ. art. med. c. 9. & c. 89. ibi quod ſi parte r. la afect. &c.

vada cozida com a caſca, & pragana, *& xarope, ou açucar roſado* miſturados, ou com *agua aluminoſa* da receyta commua, ou com eſta: *Tomem huma mãocheа de folhas de tanchagem, outra de cevada, outra de erva moura, & ferva̅ em tres quartilhos de agua que ſe gaſtem dous, & coe-ſe, & depois ajunte-ſe pedra hume queymada meya onça, xarope roſado tres onças, miſture-ſe tudo,* & com qualquer deſtes lavatorios ſe devem ſiringar dez vezes ao dia, como nota Fallopio. Ou façaõ *cozimento de cevada, favas, & lentilhas, & miſturelhe açucar*, & por fóra façaõ banhos ao membro de *cozimento de malvas, & violas, & ameyxas paſſadas, & cevada*: ou com o das malvas, ou das violas ſómente, que naõ poderà fazer dano às chagas, pois eſtaõ cubertas; & depois do lavatorio unteſe *com unguento roſado*. E ſe com iſto naõ aforrar, ſiringue-ſe com huma das aguas ſobreditas no Capitulo antecedente accommodadas para o terceyro genero de chagas malignas; & não obedecendo às brandas, applicarſehaõ as mais efficazes, como *agua forte dos ourives, & a de ſolimaõ feyta de quatro grãos delle, miſturados a huma onça de agua roſada, ou de tanchagem*, ſiringando com ella duas, ou tres vezes no dia, ou cada vinte, & quatro horas, conforme parecer: advertindo ſempre naõ exceda muyto a fortaleza do medicamento, applicandoſe mais forte do que ſe requere para domar a malicia da chaga, como acima fica dito. E por tanto ſe deſtemperaràõ eſtas aguas fortes com agua roſada, ou de tanchagem, ſe parecer que aſſim he o remedio mais adequado.

Tract. de morb. gal. c. 83.

E para conhecer ſe ha chagas debayxo do prepucio, (ſe acaſo ſe naõ tem viſto antes de ſe cerrar) ſe advirta ſe ſahe materia de dentro, & ſe cheyra mal, porque a materia he final de as haver, & pelo cheyro, & qualidade della ſe conhecerà tambem a qualidade das chagas, & ſe ſe emendaõ, ou naõ com a cura que ſe lhe faz, porque ſendo boa com aquellas condições, que requere Hippocrates, a ſaber, branca, liſa, igual, & ſem máo cheyro, he final que ſe tem as chagas rectificado, & pelo contrario, não tendo as ditas condições. E ſe debayxo do prepucio naõ houver chagas, & com tudo naõ aforrar com os medicamentos emollientes, que diſſemos, he certo que a qualidade gallica conſerva o tumor, & aſſim ſe devem applicar as meſmas aguas de ſolimaõ, & depois dellas tornar aos medicamentos freſcos, com que ſe deve reduzir.

1. prog. ult.

E para que melhor ſe abra, enſina Fallopio, que ſe lhe meta hum caninho de chumbo por onde o doente poſſa ourinar, & que cada dia ſe lhe meta outro mais largo atè que de todo alargue. He tambem remedio experimentado meterlhe pouco a pouco mechas, & lechinos de eſponja, por que inchando alarga de modo que aforra livremente. E ſe eſtas couſas não aproveytarem, entenderſeha que a qualidade eſtà communicada ao figado, & por tanto ſe curarà o doente conforme diremos na terceyra, & quarta eſpecie do morbo gallico.

Tract. de morb. gal. c. 81. & 84.

E ſe nem com eſta cura puder aforrar, em tal caſo corteſe a ponta do prepucio redondamente puxando-o bem para fóra, para que ſe poſſa cortar ſem tocar a glande; advertindo que por nenhum caſo ſe fenda ao comprido, porque deſte golpe ſuccede cahir cada banda para ſua parte, & fazerem por bayxo outra cabeça.

Acontece tambem algumas vezes eſtando o prepucio cuberto, & ficando as chagas dentro, ao encarnar dellas unirſe o prepucio à glande, & depois não poder aforrar, pelo que he neceſſario ter grande cuydado naõ ſucceda iſto, & ſuccedendo ſe deſpegarà com ferro cortando a carne intermedia, com que eſtiver unido.

E ſe o prepucio eſtiver aforrado de modo que naõ poſſa tornar a ſeu lugar, enſina

enſina Alcaçar que ſe mollifique com o cozimento ſeguinte: *Tomaràõ raizes frescas de malvaisco huma mãochea, linhaça gallega, alforfas de cada couſa ſeu pugillo*, (que he quanto tomem com as pontas dos dedos) *& ferva baſtante agua que fique couſa de hum quartilho, & coe-ſe, & ajunte-ſe ſevo de vaca duas onças.* E com iſto ſe banharà a parte. Ou ſe faça *hum cozimento de huma cabeça de carneyro, malvas, violas, malvaiſco, & linhaça,* & banheſe com elle. E depois do banho ſe unte com unguento baſilicaõ, ou oleo de amendoas doces, ou emplaſto filij Zachariæ bayxado do ponto com o meſmo oleo. E depois de continuar iſto tres, ou quatro dias, eſtando jà a pelle branda, diz Alcaçar que com os dedos ſe reduza pegando no capello com os quatro dedos da maõ eſquerda, & puxando com elles para diante, & juntamente carregando com o pollegar da meſma mão na cabeça do membro para dentro, & no meſmo tempo ſe ſuſtentarà o membro com a mão direyta, & fazendo força com os dedos da eſquerda, como eſtà dito, o reduziràõ a ſeu lugar. E ſe com tudo ſe não reduzir, façaſelhe a cura das boubas, como em ſeu lugar dirèmos.

Lib. 5. de morb. gal. c. 25.

Loc. cit.

ANNOTAÇOENS.

EXtinguir a malignidade das chagas. *Nos danos, q̃ nas partes obſcenas ſobrevem às chagas gallicas, aconſelha doutamente Madeyra, que tratemos de extenguir o veneno contagioſo dellas, para inteyra medicaçaõ dos ſeus productos. Mas he para notar, que tendo eſte Author por venenoſos todos os affectos gallicos, & advertindo tantas vezes que era neceſſario extinguir eſte veneno, para curar bem as puſtulas, chagas, & mais danos, que excita nas partes bayxas, & naquellas por onde ſe communica, totalmente ſe eſqueceſſe de preparar os remedios topicos com os antidotos deſte veneno; ſendo que ſó elles pòdem extinguir as particulas venenoſas, ou os ſeminarios do ſeu contagio, contra os quaes nada valem todos os mais remedios, que naõ forem os ſeus proprios alexipharmacos. E por iſto nos parece, que nos remedios com que ſe houverem de ſiringar eſtas chagas, & em todos os mais com que ſe lhe acodir, ſe miſturem ſempre huns pós de mercurio doce, ou branco precipitado; que naõ embaraçando em nada a virtude dos mais remedios, ſó ſe contrariaõ aos ſeminarios do contagio, de que aquelles males procedem. O que temos dito muytas vezes, & diremos muytas mais; porque naõ ſendo eſte livro hiſtorico, naõ he preciſo que os que o tiverem, o hajaõ de ler todo deſde o principio; & pòdem chegar a hum Capitulo em que ſeja neceſſario eſta advertencia. Nos remedios pois que ſe uſarem para os achaques de que eſte Capitulo trata, nos lembraremos ſempre de lhe ajuntar mercurio, ou doce, ou luteo, ou precipitado. E quando as chagas eſtiverem cubertas com a pelle da meſma parte, deſorte que lhe não poſſaõ chegar bem os remedios, ſerà bom tomar ſinco, ou ſeis dias pirolas de mercurio neſta fórma.*

Tomem oyto grãos de mercurio branco precipitado, ſinco grãos de açucar de chumbo, quatro grãos de diagridio ſulphurado. Formem-ſe pirolas com alquitira, para huma vez, & dourem-ſe.

Porque com eſtas pirolas ſe extinguem os ſeminarios do contagio, que ſe conſervão nas chagas que excitaraõ. Nem ſe tema chegar ao uſo do mercurio ſem precederem algumas evacuações; porque tomado neſta quantidade poucos dias, utiliza ſem offenſa. E ſe pela gravidade da queyxa, ou pelo apparato do corpo for preciſo fazer algumas evacuações, não aproveytarà o mercurio menos depois dellas.

A qualidade eſtá communicada. *Quando as chagas, & puſtulas do gallico contrahido nas partes bayxas não cedem aos remedios com que o Author as intenta curar, tem para ſi, que o contagio eſtà communicado ao ſangue, & que delle ſe fomenta a re-*

beldia das chagas; para cuja medicação aconſelha, que ſe faça huma cura regular com os ſeus alexipharmacos. Mas perguntára eu, porque não poderà ſuceeder, que as chagas ſe façaõ rebeldes por cauſa do meſmo gallico que as excita, & que nellas ſe conſerva, principalmente quando ſe não tem tratado com os antidotos que poſſaõ extinguir os ſeus ſeminarios? De maneyra que o contagio he o meſmo quando eſtà nas partes bayxas, q̃ quando cõmunica ao ſangue, no que não ha duvida; pois ſe he o meſmo, ſe tem a meſma natureza, porque não poderà o contagio que occupa as ditas partes conſervar as chagas, & mais danos, que nellas produz, ſem dependencia do contagio communicado à maſſa ſanguinaria, ſe não ſe lhe applicaõ os alexipharmacos a que coſtuma ceder? E ſe quando communicando ao ſangue neceſſita deſtes alexipharmacos; porque razão os deſmerece em quanto occupa as partes obſcenas? O certo he que o contagio das partes bayxas paſſa com facilidade a ſigillar ſe no ſangue por meyo da ſua circulaçaõ; & para ſe obviar eſte dano, ſerà bom que logo que houver gallico incipiente, ſe uſem os antidotos deſte veneno, primeyro nos remedios topicos q̃ ſe applicarem, depois tomando algus dias mercurio pela boca, como fica dito, porque aſſim ſe curão os achaques q̃ excitou o contagio, & ſe extinguem os ſeus ſeminarios, ou eſtejaõ ainda nas partes bayxas, ou ſe tenhaõ já communicado às partes internas; & mais quando ſe não póde temer algum dano do uſo do mercurio; porque a meninos de mama ſe eſtà dando muytas vezes para matar as lombrigas, ſem que experimentem nelle algum incommodo. Nòs aſſim o coſtumamos fazer com grande utilidade dos doentes, do que puderamos referir muytos caſos.

CAPITULO X.

Das verrugas, que naſcem nas partes bayxas por contagio gallico.

AContece algumas vezes depois do contagio antes de ſe communicar ao figado, naſcerem verrugas na cabeça do membro, & por todas as partes bayxas, as quaes ſaõ de muytas maneyras, porque humas ſaõ fendidas, outras ſolidas, & às vezes ſaõ muytas, às vezes poucas: & eu as vi já taõ baſtas como cabellos, & às vezes naſcem na fava, às vezes no prepucio de fóra, ou de dentro, ou juntamente de ambas as partes, outras vezes na extremidade do cano da ourina, & dentro delle. A cauſa de todas ellas he humor craſſo melancolico da qualidade gallica, a qual depois que chega a communicarſe ao figado, tambem he cauſa de naſcerem as meſmas verrugas por todo o corpo, como obſervou Marcello Donato em certo Vilaõ, que por contagio gallico teve todo o corpo cuberto deſtas verrugas. Mas tornando às do gallico incipiente.

Lib. 15. c. de hiſt. mea mir.

Ordinariamente ſáraõ lavando-ſe finco, ou ſeis vezes cada dia com agua de pedra lipis, ou de Lanfranco, ou com as aguas de ſolimaõ, & com couſas mais brandas, como leyte de figueyra, ou lavadas com a meſma ourina, & algumas vezes ſem nada. Porèm às vezes ſaõ rebeldes que nem com agua forte ſáraõ, & neſte caſo ſe hão de curar de hum de dous modos. O primeyro he cortando-as, o que ſe deve fazer atandolhe hum fio de ſeda à parte, atè começar a fazer dor, apertando-a cada dia mais até que cayaõ: ou lançando-as fóra com a tizoura, ou navalha, & deyxando correr bem o ſangue dellas, como manda Falopio, & Rudio, & ſe colhe da doutrina de Hippocrates, onde manda que deyxem ſahir ſangue das feridas freſcas, porque aſſim fica a parte mais deſcarregada, & menos ſugeyta à inflammaçaõ. E para que não torne a naſcer, lançaràõ nas raizes, de Joannes de Vigo, ou de caparroſa queymada, & pedra hume tambem queymada, tanto de huma couſa, como de outra, tudo miſturado, ou cinza de vides,

Cap 88. Lib. 5. de morb. gal. c. 11. Lib. de ulcer.

ou

ou eſcama de cobre preparada, ou ſe toquem com agua aluminoſa de Fallopio, ou com outra de ſolimaõ. E ſe depois de cahida a eſcara começarem outra vez de naſcer, tornemſe a applicar os cauſticos, porèm mais efficazes.

O ſegundo modo he ſem as cortar com ferro, com fogo actual, ou potencial. O actual he mais violento; mas com pouca moleſtia ſe extirpaõ metendo o bico de hum alfinete dentro da verruga, & chegando com huma vela aceſa à cabeça delle, porque communicando-ſe o calor pelo alfinete, logo a verruga ſe murcha, & applicandolhe manteyga crua, atè o outro dia cahe. O potencial tenho eu experimentado com admiravel ſucceſſo miſturando boa quantidade de ſolimaõ com qualquer unguento, o qual eſtendia em hum papel cortado pela medida da verruga, porque naõ fizeſſe mal às outras partes, (untando ſómente o papel, porque ſendo mais, he muyto forte, & poſto ſobre ella dentro em menos de meyo quarto de hora a traſpaſſava toda de modo, q̃ logo nella ſe moſtrava murcharſe, & inclinar a cabeça a huma banda, & aſſim logo tirava o unguento, & lhe applicava clara de ovo com agua roſada para temperar a parte, & no dia ſeguinte achava a verruga cahida. E para mais ſegurança antes de lhe applicar o unguento lhe cobria a circunferencia da carne ſaã com outro papelinho furado no meyo por onde ſe deſcobriſſe a cabeça da verruga, para ſe lhe poder applicar o outro papelinho de unguento, porque ſe naõ ha todas eſtas advertencias, faz chaga na carne, & tambem ſe eſtà mais tempo, não ſómente queyma a verruga, ſenaõ tambem a carne do pè della, & às vezes toda a fava. Tambem jà experimentey em verrugas mais leves *os pòs de Joannes de Vigo miſturados com unguento mouro, ou camello, ou qualquer outro, partes iguaes dos pós, & de unguento*; & applicado iſto ſobre as verrugas, as corrompia ſem fazer leſaõ na carne ſã, & por tanto tenho eſte remedio por muy ſeguro.

Outros medicamentos cauſticos traz Fallopio, huns brandos, & outros mais fortes, com que as tirava. O primeyro he eſte: *Tomem armoniaco preparado com vinagre huma onça, aſſafetida huma oytava, caparroſa queymada dous eſcropulos, faça-ſe maſſa*, que ſe ponha ſobre a verruga, & ſe continue cada dia, porèm diz que faz grande pruido, & que he neceſſario abſterſe o doente de a coçar, & ſe inchar o membro ponhalhe por fóra unguento de alvayade, ou panos de agua roſada. Cap. 83.

Outro he eſte: *Tomem arſenico cryſtalino, & ouro pimenta preparado, de cada hum partes iguaes, & miſturem-ſe.* Mais appliqueſe (diz elle, muy pouca quantidade deſtes pòs, porque baſta molhar a ponta da tenta, ou a cabeça de hum alfinete com o cuſpo, & depois tocalla nos pòs, & pôr na cabeça da verruga os que forem pegados na ponta da tenta, & applicarlhe huns fios ſecos por cima, & cobrilla com o prepucio, porque de huma vez a arranca ſem dor alguma. *E preparaſeha o arſenico deſte modo.* Farſeha em pò ſobre huma pedra marmore, & lançarſeha em huma vaſilha, & cobrirſeha de vinagre de modo, que fique nadando ſobre os pós, & porſeha ao Sol atè que o vinagre ſe ſeque, & farſeha iſto tres vezes, & depois ſe tornem a fazer outras tres preparações do meſmo modo com agua pura. E da meſma maneyra ſe prepara tambem o ouro pimenta.

Porèm na applicaçaõ dos cauſticos ſe tenha grande advertencia naõ obrem mais do que he razaõ, porque naõ aconteça o que a ſerto Medico (diz Fallopio) que por ſer hum pouco deſcuydado, naõ ſómente gaſtou com o cauſtico a verruga, mas ainda ametade da fava. Nem tambem o que ſucceedeo a outro, que conta Foreſto, que applicando o emplaſto de tapſia ao peyto de hum mancebo para lhe curar hum fluxo de ſangue naſcido de refrigeraçaõ à imitaçaõ de Galeno, & deſcuydandoſe de o tirar, lhe fez huma chaga penetrante. E advirta-ſe Loc. cit.

que

que havendo verrugas no prepucio de dentro,& de fóra,ſe naõ cortem,ou queymem juntamente as de fóra, & as de dentro, que ſe furará facilmente o prepucio: mas curemſe primeyro humas, depois outras.

Tudo o que neſte, & nos antecedentes Capitulos ſe diz à cerca da cura das verrugas, chagas, & puſtulas das partes bayxas, convem aſſim aos homens, como às mulheres.

Naſcem tambem neſtas partes humas ſpongias, que ſe curaràõ com os meſmos medicamentos das verrugas, porque o humor, & cauſa ſaõ tambem da meſma eſpecie.

ANNOTAÇOENS.

NAſcerem verrugas. *Naõ ſó naſcem verrugas nas partes pudendas dos gallicados de hum,& outro ſexo,mas tambem outros varios tuberculos,& excrecencias carnoſas, a que chamão* móras, figos, & criſtas, *pelas ſemelhanças que tem com eſtas couſas de que tomàraõ os nomes;os quaes tuberculos,& excrecencias naſcem tambem na via excrementicia, ou por ſe ter communicado o contagio ao ſangue,de que procedem eſtes, & outros maus danos; ou por congreſſo prepoſtero, & nefando, como ſuccede entre os Barbaros, em quem ſaõ communs eſtes males. Nós vimos hum homem, que ſendo naſcido entre hereges, & vivendo muytos annos entre os Turcos, veyo a morrer entre os Catholicos. Eſte padecia de longo tempo humas excrecencias carnoſas no inteſtino recto, as quaes nunca ſe poderaõ curar. Tinha no meſmo inteſtino algumas puſtulas, & chagas,de que manavão materias ſanioſas, que nunca ſe eſgotàraõ. Nos inteſtinos craſſos padecia ſem duvida tambem chagas, & tumores, que algumas vezes ſuppuravão; porque em muy repetidas occaſioens tinha dores de ventre, com grande febre, que durava tres,ou quatro dias; & logo ſe moderava,lançando pela via excrementicia muyta quantidade de materia ſanioſa, & ſanguinolenta, ficando com curſos, & puxos muyto tempo; atè que tornando a ſuppurar nova porção de materia, repetia a febre, com dores grandes no ventre; & aſſim viveo alguns annos atè que diſſipando-ſe os eſpiritos, & debilitando-ſe as forças, veyo a acabar a vida hectico gallicado; porque aquelles danos, por confiſſaõ propria, foraõ contrahidos de congreſſo nefando, no tempo que entre os Turcos vivia, & nunca pudèrão ter remedio, por mais que o procurou em varios Reynos com repetidas diligencias.*

A cauſa. *Por cauſa das verrugas que naſcem nas partes bayxas tem Madeyra o humor craſſo melancolico da qualidade gallica, a qual (diz elle) depois de ſe communicar ao figado, he tambem cauſa de naſcerem mais verrugas por todo o corpo. Eſta doutrina inclue muytos erros. Hum delles he cuydar que do figado depende o negocio de ſe communicar o gallico a varias partes do corpo, ſuppondo que he a parte em que eſte contagio ſe implanta; & tendo para ſi, que he officina do ſangue, couſas totalmente alheas da verdade, como já temos notado nas Annotações ao* Capitulo II. & III. *Outro erro he cuydar que as verrugas das partes bayxas no gallico incipiente, & confirmado procedem de humor craſſo melancholico da qualidade gallica. Porque primeyramente o gallico naõ tem humor craſſo, nem tenue, que ſeja proprio do ſeu contagio, para fazer eſtes, ou aquelles danos por meyo delle. O que tem o gallico,he hum fermento contagioſo, que implãta nos humores,ou no ſangue,de qualquer textura que ſeja, ou craſſo, ou tenue, ou cholerico, ou fleumatico, ou melancholico; & ſigillado no ſangue, elle lhe deſtroe o ſeu acido natural, introduzindolhe hum acido vicioſo, & auſtero, de que reſultaõ varias coagulações, de que dependem os differentes tuberculos, & as muytas eſtagnações, que ſe achaõ nos gallicados, & ſe manifeſtaõ nas glandulas,nas gomas, nas talparias, & nas verrugas. Já em quanto o gallico ſe naõ tem communicado ao ſangue,*

gue, como pódem proceder as verrugas do humor craſſo da qualidade gallica, que ainda não paſſou das partes obſcenas? Cuydamos nòs, que o acido contagioſo do gallico, inſinuado nas ditas partes, pode enviſcar lhe o ſeu ſucco alimenticio, agglutinando-o, & coagulando-o de maneyra, que ſe formem as verrugas de que fallamos, ſendo às vezes tantas, que nòs vimos hum homem do mar, que tinha a parte pudenda, & as mãos cubertas dellas; as quaes ſe não puderaõ tirar, em quanto não tomou mercurio pela boca, fazendo huma cura bem ordenada, depois da qual ſe desfizeraõ algumas verrugas, & outras com medicamentos topicos ſecàraõ, & cahiraõ.

Cortando-as. *Muytas vezes ſe não pódem tirar as verrugas por mais remedios que ſe lhe appliquem; & algumas ainda depois de feyta huma cura regular para extinguir o contagio, ſe ficaõ conſervando como antes della; niſtas taes não ha outro remedio, que cortalas quando ſeja preciſo por algum dano, ou deformidade que cauſem. Hum homem de juvenil idade, eſcortador famoſo, tinha huma verruga na extremidade da parte pudenda, do tamanho de hum grão de bico; & uſando varios remedios para tirala, foy ella crecendo a tal grandeza, que jà era como huma avelã; de que ſe temia, que crecendo como até aquelle tempo, vieſſe a impedir o exito da ourina, cujo ducto jà hia cubrindo. Eſte homem curàmos nòs com ſuores de ſalſa, porque tinha dores de juntas todas as noytes, & algumas vezes ſe lhe intumeſcia o eſcroto; & ſendo em ſugeyto diſſoluto, bem ſe podia entender que eſtava gallicado. Depois da cura, cortou-ſe a verruga com navalha, & deyxando correr algum tempo o ſangue, parou eſte com pós de caparroſa queymada; & a verruga não tornou a crecer. Porém ſe ſe puder eſcuſar eſta cura, não ſerà peyor, pela violencia della; & por iſto ſe uſaràõ primeiro alguns remedios, entre os quaes tem lugar os ſeguintes, naõ ſó para as verrugas, mas para as excrecencias carnoſas do inteſtino recto.*

Tomem huma onça de verdete, outra de pedra hume; fervaõ em tres libras de agua roſada atè gaſtar duas; filtre-ſe, & guarde-ſe, para tocar com ella as verrugas tres vezes no dia, com que muytas inſenſivelmente ſe desfazem.

Tomem partes iguaes de pedra hume queymada, & de pós da erva chamada ſabina; miſturem-ſe, & ponhaõ-ſe ſobre as verrugas, ou excrecencias carnoſas, que quizerem desfazer; que he remedio que Muſitano diz experimentàra muytas vezes com feliz ſucceſſo.

Oleo de vitriolo, & de enxofre poſtos nas verrugas algumas vezes as ſecaõ, deſorte que vem a cahir; o que faz tambem o oleo de verdete, o qual ſe prepara deſte modo: Oleo de verdete.

Tomem de verdete ſeis onças, de ſalitre doze onças; façaõ-ſe em pô; miſturem-ſe, & ponhaõ-ſe em huma tigella de barro, na qual ſe lance hum carvão aceſo, ou ſe meta hum ferro feyto em braza, até que ſe acenda, & ſe apague toda aquella materia. O que ficar meta-ſe dentro de huma bexiga de porco bem atada, & ponha-ſe a bexiga na agua, porque alli ſe conſervarà em licor.

O eſpirito de ſal armoniaco tambem he efficaciſſimo para eſtes caſos; prepare-ſe deſte modo.

Tomem de ſal armoniaco a quantidade que quizerem; miſture-ſe com barro, ou terra humida, & façaõ-ſe humas bólas deſta materia, & deſtillem-ſe ſegundo as regras da Arte. Eſpirito de ſal armoniaco

He o ſal armoniaco taõ volatil pelas partes mercuriaes, & ſulphureas, que tem que com facilidade ſe ſublima, & não ſe póde deſtillar, ſem que com as particulas argilloſas do barro ſe detenhaõ as partes volateis do ſal, & ſe lhe impida a ſublimaçaõ. Eſte eſpirito poſto nas verrugas, & nas excrecencias carnoſas de que tratamos, coſtuma desfazellas, & gaſtallas; o que faz tambem o ſal armoniaco, o qual ſe prepara deſta maneyra:

Sal armoniaco

Tomem huma libra de ſangue humano, duas libras de ſangue de boy, ſeis libras de agua do poço; miſturem-ſe filtreſe, & ponha-ſe ao fogo, até gaſtar a agua; então tireſe do lume, & no fundo do vaſo ſe acharà o ſal, cuja virtude em gaſtar, & conſumir as excrecencias carnoſas he efficaciſſima.

CAPITULO XI.

Da gonorrhea purulenta, a que o vulgo chama eſquentamento.

Numero 1.

Lib 6 de locis affect.c.6. 6. prop.

GOnorrhea ſignifica fluxaõ de ſemente, porque, conforme Galeno, ſe deriva de dous nomes Gregos, a ſaber, de *gonos*, que quer dizer ſemente, & de *rhea*, que he o meſmo que fluxaõ. Alguns Authores da facçaõ dos Barbaros, como Nicolao Florentino, & Filonio, & outros, corrompendo o vocabulo, lhe chamàraõ gonorrhea, & por tanto lhe davaõ outra má etymologia. E porque o affecto, de que tratamos, tem huma certa ſemelhança com a fluxaõ involuntaria da ſemente, lhe chamàraõ tambem os Authores gonorrhea, & para della ſe diſtinguir, lhe deraõ por appellido purulenta, ou virulenta, por quanto eſte fluxo ſe parece com materia chamada *Pus* na lingua Latina, & vem a ſignificar o nome fluxaõ de ſemente purulenta, ou convertida em materia.

Da verdadeyra gonorrhea naõ convem tratar neſta obra: porém a purulenta ſe póde definir deſte modo: *Gonorrhea purulenta, he hum fluxo de materia, que fóra do acto de ourinar deſtilla pelo cano da ourina, ou (quando acontece a mulheres) pelo da madre.* Em dizermos *que he afluxão de materia*, lançamos fóra deſta definiçaõ a gonorrhea verdadeyra, cujo fluxo naõ he materia, ſenaõ verdadeyra ſemente: lançamos tambẽ fóra o fluxo de ourina, & outros de humores varios pela meſma parte, como fluxo de ſangue, & huns de que faz mençaõ Laguna, que às vezes acontecem a homens dos regiões do Norte, que por eſta via tem certas purgações, como as menſtruas das mulheres. Pela palavra (*deſtilla fóra do acto de ourinar*) ſe excluem outros fluxos de materia, que pelas vias da ourina ſe expurga, como de abſceſſos dos rins, ou da parte convexa do figado, ou de outras, q̃ a natureza pelos meſmos caminhos expelle, ou de outra materia que emana das chagas dos vaſos ourinarios, porque nenhum deſtes fluxos ſe faz por continua emanaçaõ, & deſtillaçaõ, como acontece à verdadeyra, & purulenta gonorrhea, & ſómente ſuccedem eſtando a peſſoa em acto de ourinar.

Io meth. de extirp carnoſ.

A cauſa da gonorrhea purulenta he o contagio gallico, que ſe imprimio nos vaſos ſeminarios, & paraſtatas, que ſaõ humas glandulas, que cercaõ, & guarnecem as vias da ſemente, & as regaõ com certa humidade neceſſaria ao uſo daquellas partes, aſſim, nem mais, nem menos, como as glandulas da garganta, que preſtaõ outra humidade, a ſaber, a ſaliva tambem neceſſaria para fallar, engulir, & outras utilidades. Imprimindo-ſe pois a qualidade gallica nas ditas glandulas, & nos vizinhos vaſos que acontece mais na occaſiaõ do mez, (como nota Botallo) introduz nelles demaſiado calor, & ſecura (por cujo reſpeyto lhe chamàraõ os Portuguezes *eſquentamento*) com que ſe deprava a propria acçaõ das glandulus, & teſticulos, & em lugar de gerarem aquella humidade util, geraõ outra muyta copia de excrementos, que ſaõ, ou repreſentaõ materia: & por iſſo lhe chamàraõ purulentos, & por ſerem muyto acres, & mordazes, aſſim como continuamente ſe geraõ, os expelle cõtinuamente a natureza, de que procede a continua diſtillaçaõ, ou *purgaçaõ*, como lhe chamàraõ os Caſtelhanos.

Lib.de morb.

Daqui

Daqui ſe vè quam errada he a opiniaõ de Joaõ Calvo, que confunde a gonorrhea purulenta com as chagas de dentro do cano da ourina, imaginando que ſó dellas póde vir aquella purgaçaõ de materia.

Naõ tem a gonorrhea purulenta differenças conſideraveis mais que algumas que ſe hajaõ de tomar, ou do tempo, como freſca, & antiga; ou dos ſymptomas, como dor, ardor, eſtranguria, chaga no cano, & outros. Os ſinaes ſaõ manifeſtos, pois ſe vè logo aquella continua deſtillaçaõ de materia, que o doente padece, & ſe pega à camiſa de noyte, & de dia, dormindo, & vigiando. Mas para ſe deſtinguir da verdadeyra, ha mais difficuldade, como nota Fallopio. Diſtinguirſeha porèm, conforme nota o meſmo Author, porque a gonorrhea gallica quando começa, tem grande ardor, & pruido, & logo faz chaga no cano da ourina, & vontade de ourinar a miudo, o que naõ tem a verdadeyra. Alèm diſto a gallica dura muyto tempo, a verdadeyra he de ordinario mais breve, & ſe dura, cauſa magreyra, conſome o corpo todo, enfraquece demaſiadamente; o que naõ acontece na gallica: expelle-ſe finalmente a ſemente na verdadeyra, & na gallica outra humidade, ou virulencia, às vezes branca, às vezes declinante a amarella, outras declinante a verde, como que ſahira de chaga, & logo à viſta ſe conhece naõ ſer ſemente, ſenaõ materia.

He porèm difficultoſa de conhecer nas mulheres pelo muyto que ſe parece com as purgações brancas da madre, mas diſtinguirſeha pelos antecedentes, concomitantes, & ſubſequentes. Os antecedentes ſaõ o contagio gallico, & a occaſiaõ delle, que precedem ſempre à gonorrhea purulenta, o que naõ acontece às purgações brancas, que ſem eſta cauſa ſuccedem. Os concomitantes, porque ſempre nos principios he eſta gonorrhea acompanhada de dores, ardores, eſtrangurias, & outras difficuldades da ourina com calor notavel nas partes affectas, de que tudo carecem as ditas purgações. Os ſubſequentes ſaõ os ſinaes de quando o contagio ſe communica ao figado, como tumor da verilha, defluvio de cabellos, empolas pela cabeça, & corpo, chagas da garganta, dores, & mais ſymptomas gallicos, o que naõ ſobrevem ao ſymptoma da madre.

Pronoſtica-ſe que ſe ſuprime fóra de tempo, ſobrevem hernias, tumores de verilhas, apoſtema no interfemineo, que abrindoſe o cano da ourina, deyxaõ fiſtulas neſſas partes, como nota Fernelio, a quem ſegue ſeu diſcipulo Juliano Palmario, & ſobrevem inflammações internas, & externas dores de cabeça, & todos os mais affectos gallicos, como nota Euſtachio Rudio. Coſtuma alèm diſto fazer a gonorrhea chagas no cano da ourina, as quaes às vezes ſaõ taõ corroſivas, q̃ paſſaõ fóra, & o deyxaõ roto, como diz Palmario. E ſuccedendo eſtas chagas no collo da bexiga, cauſaõ retençaõ de ourina, & notavel eſtranguria, & repreſentação de pedra, como nota Fernelio; & ſe duraõ muyto tempo, fazemſe calloſas, & gèraõ carnoſidades, & verrugas dentro do cano, de que ſe ſegue ſuppreſſaõ de ourina, & algumas vezes morte, como ſe vè por experiencia, & notaõ commummente os Authores. E porque de ordinario eſta gonorrhea faz chaga, diz Fernelio que ſe conhecerà havella pela dor, que ſe excita ao ſahir da ourina, & quando o membro ſe diſtende, & carregandolhe por fóra, & ſem eſtas occaſiões, eſtà algumas vezes o lugar da chaga ſempre doendo, & he algũas vezes a gonorrhea purulenta taõ pertinaz, que envelhece com a peſſoa, & dura toda a vida, como obſervou Ambroſio Pareu.

Lib. 5. de part. mor. c. 15.
Lib. 2. de luc. ven. c. 9.
Lib. 5. de morb. ven. c. 21.
loc. cit.
loc. cit.
Lib. 18. c. 18.

Numero 2.

Cura da gonorrhea purulenta, ou eſquentamento em ſeus principios.

HA nos principios duas indicações muy neceſſarias. A primeyra ſe toma da cauſa, a ſaber do contagio venenoſo, que indica, que não ſe ha de ſupprimir, antes ſe ha de expurgar, & lançar fóra do corpo. A ſegunda ſe toma dos accidentes, que notavelmente nos principios apertaõ, & ſaõ principalmente as dores, & ardores, eſtimulos da ourina, que inquietaõ bravamente o doente, tudo procedido de demaſiado calor, & ſecura, que ſe introduzio naquellas partes pela qualidade gallica, os quaes havemos de acodir de tal modo que não ſupprimamos o fluxo da virulencia, reduzindo as partes deſtemperadas ao ſeu natural temperamento com couſas frias, & humidas.

Ordenaremos logo ao doente que tome pelas manhãs *agua de malvas com açucar, ou com lambedor de violas*, & à noyte antes de cea, ou ſete horas depois de ter ceado, quando jà o mantimento eſteja digeſto, lhe daremos *amendoada feyta de pevides de melaõ, & de abobora com ſemente de dormideyras brancas*; ou lhe darèmos *tiſanas de cevada, ou agua della* com as meſmas pevides; ou ſe lhe darà pelas manhãs *huma onça de xarope de mucilagens com tres onças de cozimento de ameyxas paſſadas*, ou lhe dem *duas onças de lambedor de violas com tres onças de agua de cevada.* E ſe a dor apertar, demlhe *onça, & meya de lambedor de dormideyras, com duas onças de agua de malvas, & huma onça de agua de almeyrão, tudo miſturado.*

E ſendo a dor intenſiſſima, a que naõ baſtem os outros remedios, faça-ſe eſte de Julio Palmario: *Tomem ſemente de meymendro oytava, & meya, ſemente de alface huma oytava, pevides de melão limpas dous eſcropulos, canfora huma oytava, mucilagens de zaragatoa, tiradas em agua de parietaria*, (que tambem chamaõ alfavaca de cobra) *quanto baſte para ſe fazer maſſa*, da qual o doente tomarà tres pirolas de madrugada, & beba ſobre ellas, como diz Mercado, hum pouco de ſoro, ou a amendoada de pevides, que eſtà dita. Acrecenta Palmario à dita receyta huma oytava de Mithridates, & meya de canfora: porèm não me parece conveniente o Mithridates por muyto calido, mas a canfora he taõ boa, que me parece dobrarlhe a quantidade.

Lib. à. de lue ven. c. 6. Lib. de morb. gal. c. 10. loc. cit.

Por fóra ſe applicaràõ tambem aos rins, & à reygada, & às verilhas unguentos refrigerantes, como *roſado, & refrigerante de Galeno, & Sandalino, ou oleo roſado onfancino, & roſado commum, ou oleo de violas* miſturados, ou alguns delles, ou cada hum por ſi, a que ſe pòde tambem miſturar *oleo de golfaõs*; & ſendo a dor fortiſſima, ajunte-ſe *hum, ou dous grãos de opio*, como aconſelhaõ Juliano Palmario, & Mercado. Advirta-ſe porèm que naõ ſejaõ os refrigerantes muyto fortes, porque ſendo-o poderàõ ſupprimir a gonorrhea, & fazer os danos ſobreditos; màs ſejaõ de tal qualidade, que esfriando moderadamente, temperem ſem repercutir. E por tanto não ſe uſarà do opio ſenaõ em neceſſidade extrema.

loc. cit.

Saõ convenientes para temperar o calor, & mitigar as dores criſteis refrigerantes, *que ſe pòdem fazer do caldo de hum frangão com duas onças de oleo roſado, ou violado, & huma colher de açucar roſado, & hum ovo batido com clara, & gema.* Ou ſe façaõ *de cozimento de malvas, & de violas temperado com os meſmos oleos, & ovo, & huns pòs de açucar; ou de agua de cevada, ou de ameyxas paſſadas, ajuntandolhe as meſmas pertenças.*

Mandaõ alguns (como Parcu) ſiringar o cano com aguas, & cozimentos refrige-

frigerantes, porèm he couſa muy perigoſa, ſegundo nota Palmario; porque ſe repercute a virulencia para as partes interiores, & logo ſobrevem dores de cabeça, & outros danos, que acima diſſemos: ſómente ſe a fereza das dores for demaſiada, convirà ſiringarſe *com leyte de peyto morno, ou de cabras, ou de vacas miſturandolhe tambem huns pòs de açucar; ou beber o meſmo leyte, como enſina o dito Author; ou ſe faça no leyte colirio de Rhaſis com opio*, ſe a vehemencia das dores puzer o doente em perigo, & com iſto tambem ſe ſiringue, como aconſelha Joaõ Riolano, & ao ourinar he couſa que mitiga muyto as dores meter o cano em agua de malvas tepida, ou em agua de ſal tambem morna. Lib. 18. c. 21. loc. cit. Lib. de morb. ven. c. 21.

Sangria ſe ſe puder eſcuſar, he melhor que naõ ſe faça, por não attrahir com ella a virulencia para dentro das veas; porèm quando a urgencia das dores, enchimento, inflammaçaõ, ou outro ſymptoma, ou enfermidade ſuperveniente obriguem a que ſe execute, farſeha da vea, & parte, de que menos dano ſe ſiga, a ſaber do pè, & por nenhum caſo ſe dè no braço, porque retrahindo a virulencia, ſe ſeguem os danos acima ditos, & alèm delles cegueyra perpetua, como ha pouco aconteceo a certo Fidalgo, que em ſemelhante occaſiaõ ſe ſangrou no braço. E porque iſto eſtà largamente diſputado na noſſa apologia, o não encareço mais.

A materia da purga diſputaremos na ſegunda parte deſta obra, em que moſtraremos ao claro naõ convir neſtes principios, porque accrecenta as inflammações bayxas, move a ourina, aquenta mais as partes, & move mayor fluxão, ou a encrua, & faz outros danos, por cujo reſpeyto a reprova Galeno em ſemelhantes caſos. E aſſim nem ainda os linitivos brandos neſte caſo ſaõ ſeguros, & por tanto, nem eſtes ſe devem dar, poſto que alguns Authores o aconſelhaõ. Mas com o bom regimento que logo dirèmos, & applicaçaõ dos medicamentos attemperantes, aſſim externos, como internos, ſe acodirà aos ſymptomas do principio atè que ſe mitiguem, & depois ſe farà a cura radical ſendo neceſſario, (como abayxo dirèmos) porque muytas vezes baſta fazer o que temos dito, para que perfeytamente ſárem. Quæſt. 2. 13. met. c. 6. & 11.

Comerà o doente frangaõ, ou franga, ou para melhor, naõ coma carne nos primeyros dias, não beba vinho, & guardeſe de mulheres, & de hum abuſo, que no vulgo anda introduzido, cuydando que he remedio chegar a negras, porque de todas ſe ſegue mortal fluxo de ſangue, que aconteceo ha pouco tempo a certa peſſoa de o querer experimentar. Póde tambem comer alface, chicoria, abobora, & outros mantimentos attemperantes, atè ſe mitigarem as dores; porque depois diſto poderà comer carneyro, & outros alimentos de mais ſubſtancia, com tanto que ſejaõ bons.

Naõ faça o enfermo muyto exercicio, porque com elle ſe ſupprime a gonorrhea, como notou Palmario, & ſe intende mais a deſtemperança das partes, de que ſe ſeguem mayores dores, & ardores. Pela qual razaõ he menos ſeguro o parecer de Pareu, que manda ſe façaõ exercicios fortes, & ſe levem grandes pezos. loc. cit. c. prop.

Numero 3.

Cura da gonorrhea purulenta depois de paſſarem os ſymptomas do principio.

SUccede muytas vezes depois de applicadas as medicinas ſobreditas, ou ſem ellas, pela pura obra da natureza, que os ſymptomas aplacaõ, & que naõ ſómente fica o enfermo livre das dores, ardores, eſtrangurias, & das outras moleſtias,

leſtias,que o avexavaõ; mas tambem a virulẽcia ſe coze,& rectifica de modo que
1. prog. a deſtillaçaõ vem a ſer branca com todas as condições, que Hippocrates requere na boa materia, a ſaber, branca como eſtà dito, liza, igual, & ſem mào cheyro, & com iſto ſe diminue notavelmente a fluxaõ,& cada dia vay ſendo menor. Neſte caſo não he neceſſario fazer mais cura ao doente, porque do modo, que a fluxão procede, ſe póde eſperar que a natureza acabe de a vencer; & por
1. aph. 24 tanto não ſe ha de mover, nem innovar couſa alguma,conforme a regra de Hippocrates: *Neque movere,neque novare aliquid,ſive medicamentis,ſive aliter irritando,ſed ſinere.*

Porèm ſe iſto, que eſtà dito,não ſuccede,he neceſſario curar a gonorrhea com brevidade, porque ſe ſe deſpreza, faz as chagas mayores, & calloſas, & gèra carnoſidades, que ſaõ difficultoſas, como he notorio. Ha-ſe pois deſtillir eſte fluxo, não retrahindo-o às partes nobres, mas tirandolhe a cauſa, que he o contagio, & a deſtemperança delle, que eſtà impreſſa nas partes affectas jà depravadas debilitadas, & ſugeytas a receber os excrementos de todo o corpo. Convem logo que o doente ſe ſangre nos pès as vezes neceſſarias, aindaque a gonorrhea ſeja antiga, porque ſempre lhe fica ſuſpeyta da mà qualidade, que naõ convem retrahirſe com a ſangria do braço; & tome xaropes accommodados, & ſe purgue com medicamento conveniente, & depois tome alexipharmacos, que firinguem a mà qualidade gallica, & de caminho outros medicamentos, que deſequem as humidades, & corroborem as partes affectas.

Os xaropes pódem ſer eſtes. R. *Xarope de violas huma onça, de fumaria (ſenão houver ardores, porque ſe os houver, ſeja de almeyrão) meya onça, agua de borragem tres onças, miſturemſe.* Ou eſte Rec. *Xarope de borragem, & de almeyrão, de cada hum ſua onça, agua de lingua de vaca tres onças.* A purga ſerà eſta. Rec. *Confeyçaõ hamec ſimplez meya onça,xarope regio tres onças, cozimẽto commum quanto baſte, façaſe bebida breve.* E ſe ainda houver acrimonia notavel na ourina,façaſe eſta purga. Rec. *Polpa de canafiſtula, & diacatholicaõ, de cada hum tres oytavas, xarope de nove infuſoens de violas, & de roſas Perſicas, ou das noſſas, de cada hum duas onças, cozimento de cevada, ameyxas, & flores cordeaes quanto baſte: façaſe bebida breve.* E ſe a gonorrhea for jà antiga, dè-ſe eſta purga. Rec. *Agarico trociſcado de freſco, & peſado antes de ſer trociſcado dous eſcropulos, confeyçaõ hamec compoſta, polpa de canafiſtula, de cada hum duas oytavas, xarope regio tres onças, cozimento commum quanto baſte, façaſe bebida breve.*

E ſe o corpo naõ ficar baſtantemente evacuado, ſe farão hũas apozemas deſte modo. Rec. *Cevada com a caſca duas onças, ameyxas paſſadas trinta em numero, raiz de borragem, de almeyrão, de lingua de vaca, de cada huma ſua mãochea, flores cordeaes, ſementes frias mayores, de cada huma meya onça, caſcas de mirabolanos citrinos, & chebulos, de cada hum tres oytavas, de folhas de ſene ſeis outavas; faça-ſe cozimento ſecundùm artem, que fiquem em quartilho, & meyo*, & dè-ſe cada manhã meyo quartilho. E ſe a gonorrhea for antiga, miſturem na dita apozema ao cozer *tres oytavas de cartamo, & huma oytava de epithimo, & huma onça de philipodio*, & em cada bebida pódem accrecentar *huma onça de xarope Rey*, & quando eſte xarope ſe accrecentar,pòde o cozimento eſcuſar açucar, & darſelhe em menos quantidade v. g. *Tomem da dita apozema quatro onças, xarope Rey huma onça, ou onça, & meya, miſturem-ſe para cada bebida.*

Depois do corpo evacuado he bom remedio o ſeguinte. Rec. *Trementina fina duas oytavas, & meya, ou tres oytavas*, laveſe com agua de tanchagem, & dè-ſe em huma colher pela manhã *em xarope de malvaiſco*, ſe o houver, *ou em xa-*

rop

rope de avenca, & ſe lhe ajuntarem *hum eſcropulo de canfora*, ſerá mais efficaz, & continue dez, ou doze dias, & he remedio de Juliano Palmario. E diz Euſtachio Rudio que ſe dem *duas oytavas de conſerva de flores de golfão feytas em pirolas com trementina*, porque ella he excellente vehiculo, que leva os medicamentos à-quella parte, & por ſi ſó póde ſarar a gonorrhea dada em quantidade de hum, ou dous eſcropulos cada manhã, & para ſe a trementina poder tomar per ſi ſó, deveſe fazer *em pirolas com aſſucar*, ou envolverſe *em obrea*. E ſe nem aſſim a poderem tomar, diz Ambroſio Pareu *que ſe faça potavel miſturando-a em hum almofariz com huma gema de ovo, & vinho branco*, porque deſte modo ſe faz liquida para ſe poder beber. Ou ſe faça aſſim conforme o dito Juliano. Rec. *Trementina fina duas oytavas, & meya, Ruybarbo huma oytava, miſture-ſe*, & dem-ſe duas, ou tres horas antes de comer, & cada ſeis dias ſe repita.

Lib. 3. de lue ven. c. 9. Lib. 5. de morb. ven. c. 1. Lib. 18. cap. 10. Loc. cit.

Ou ſe faça eſte remedio do meſmo Author. Rec. *Cinza de caſcas de favas huma onça, lança-ſe de molho por quatro horas em huma libra de agua quente de alfavaca de cobra, depois coe-ſe para que fique a decoada muy pura, & ajunte-ſe xarope de malvaiſco quatro onças*, & guarde-ſe em vidro, & tome o doente quatro onças deſte medicamento cada dia, duas horas antes de comer, com que os caminhos da ourina ſe expurgaõ, & ſára perfeytamente a gonorrhea, que he antiga: porém ſe o naõ for muyto, póde-ſe exaſperar com o calor da decoada, & aſſim he neceſſario que ſe faça em agua de tanchagem em lugar da de alfavaca, & que ſe lhe miſture xarope de violas em lugar de malvaiſco. Ou ſe faça eſte remedio, que he o mais efficaz de todos, como diz o meſmo Palmario. Rec. *Azevre fino huma onça, greda, (ou em ſeu lugar bolo armenico preparado) a lambre, raiz de genciana, & de ariſtoloquia redonda, de dictamo, mirrha muyto boa, de cada hum ſua oytava, confeyçaõ Mithridates oytava & meya, trementina fina huma oytava, xarope de malvaiſco quanto baſte, & faça-ſe maſſa*, da qual tomaráõ quatro pirolas cada madrugada, & naõ haverá gonorrhea taõ pertinaz, que eſte remedio naõ vença, como diz o dito Author, com tanto que jà naõ haja dor, nem ardor, nem outro final de quentura, porque havendo-os, exacerbarſehaõ mais com o tal medicamento.

Os alexipharmacos ſaõ principalmente a ſalſa parrilha, & o páo das Antilhas, cujos cozimentos ſe faráõ conforme ſe dirá na cura da terceyra, & quarta eſpecie do morbo gallico; ou ſe fará huma conſerva, que cumpra com todas as intenções ſobreditas deſta maneyra. Rec. *Salſa parrilha feyta em pó quatro onças, páo das Antilhas huma onça, páo da China meya onça, cinza das caſcas das favas verdes duas oytavas, canfora duas oytavas, bolo Armenico preparado trociſcos de charabe, de cada hum meya onça, coral preparado duas, ſandolos vermelhos, & citrinos, pós de roſas de Toledo, ou das melhores que ſe acharem, de cada couſa duas oytavas, ariſtoloquia redonda, & longa, de cada huma oytava & meya, eſcoria de ferro preparado, de cada hum ſinco oytavas, pós de mirabolanos citrinos, & de chebulos torrados, ou lavados em agua de tanchagem, de cada hum meya onça, aſſucar fino quanto baſte, faça-ſe conſerva como electuario ſecundùm Artem.* E ſe parecer muyta quantidade, póde-ſe fazer ametade, ou a quarta parte deſta receyta, pondo cada quantidade em ſua proporçaõ, & tomará o doente cada manhã meya onça, & à tarde antes de cea duas oytavas em agua de páo das Antilhas, ou de ſalſa parrilha.

Ou ſe faráõ eſtes pós. *Tomem pós de mirabolanos citrinos, & chebulos torrados, & lavados, de cada hum meya onça, trociſcos de charabe huma onça, coral preparado duas oytavas, alcaçùs tres oytavas, marfim preparado meya onça, faça-ſe tudo em pó, & miſture-ſe*, & tomem-ſe cada manhã duas oytavas, à tarde antes de cear duas

horas

horas huma oytava, & ſobre elles ſe beba meyo quartilho de agua de ſalſa parrilha, ou de páo das Antilhas, feyta como aquella, que ſe faz para ſuar.

E poſto que Fallopio, & Euſtachio Rudiõ dizẽm que naõ cede aos remedios locaes, com tudo naõ deyxem de ſe applicar alguns adſtringentes para corroboraçaõ das paraſtatas, & vaſos ſeminarios; porém iſto naõ ſe fará ſenaõ depois do corpo evacuado, & entendendo, que eſtá o contagio extincto, que ſe conhecerá ſe a materia ſahir branca, liſa, igual, & ſem máo cheyro, & ſem acrimonia alguma na paſſagem, & juntamente ſe naõ houver ſymptoma, que moſtre communicaçaõ ao figado, & aſſim neſte caſo ſe póde untar ſobre as verilhas, reygada, & teſticulos *com oleo de loſna, de almecega, & de murtinhos*, & ſobre a untura applicar *pós de almecega, de coral, de roſas, & de ſumagre, todos miſturados*: ou ſe applique *o emplaſto, que chamaõ da Condeſſa*, ou qualquer outro adſtringente.

Lib. de morb gal cap. 100.
Lib. 5. de morb. venen. c. 21.

E ſe a gonorrhea for rebelde, ou der moſtras de ſe ter já o contagio communicado ao figado, (que ſe conhecerá apparecendo os ſinaes de alguma eſpecie do morbo gallico) em tal caſo ſe faça a *cura delle em fórma, com ſuores, & unturas*, como a diante ſe dirá. Porém note-ſe que naõ ſe appliquem as unturas do mercurio às partes das verilhas, & vizinhas como alguns fazem, porque além de ſer perigoſa a applicaçaõ de azougue neſtas partes, repercute o humor dellas, & o lança nos membros principaes, conforme notou Juliano Palmario. *E ſe torne a notar, que ſendo a gonorrhea freſca a nenhuma parte do corpo ſe appliquem as ditas unturas*, porque o movimento do mercurio pòde ſupprimir ante tempo, & ſeguirſe mayor dano, em lugar de bom ſucceſſo, que da cura ſe podia eſperar.

Lib. 2. de lue ven. c. 9. in fin

Mas porque ſuccede algumas vezes ſer a gonorrhea taõ rebelde, que a nenhũ remedio obedece, he bom conſelho o de Joaõ Baptiſta Corteſio, que he fazer *huma fonte na parte* da banda de dentro, & naõ baſtando huma, façaõ-ſe duas.

Part. 3. c. 3. in fin.

As chagas, que a gonorrhea cauſa dentro do canal da ourina, com a gonorrhea coſtumaõ juntamente ſarar ſem outra particular providencia, porém ſe ficarem ainda pertinazes, & rebeldes, curarſehaõ applicandolhe por ſiringa, ou em candea os medicamentos convenientes a ſeu eſtado, como ſe dirá na cura das carnoſidades, & em ſeu particular Capitulo.

ANNOTAÇOENS.

Numero 1.

CAuſa da gonorrhea. *A cauſa da gonorrhea virulenta he o contagio gallico, que de hum corpo a outro ſe communica por meyo do congreſſo. Quando o homem recebe o contagio, entra eſte pelos pôros das partes obſcenas, atè os vaſos ſeminaes, em cujas glandulas faz com o ſeu acido coagulações, em que depou ſe excita grande effervecencia, & calor, com que ſe deprava o temperamento deſtas partes; & como o acido deſte contagio he corroſivo, facilmente faz chaga, de que emanaõ as materias purulentas da gonorrhea. Quando a mulher recebe o contagio, chega eſte às glandulas da vagina do utero aonde faz os meſmos danos, & dando ſe communica aos homens no congreſſo.*

Numero 2.

HA nos principios duas indicações. *Nas gonorrheas virulentas, quando ainda eſtaõ no ſeu principio, tira Madeyra duas indicações curativas; huma da cauſa, que he o contagio gallico: outra dos ſeus productos, que ſaõ o calor, & ſecura das partes em que os ſeminarios do contagio ſe implantàraõ, & as dores, & ardores que produzirão. A indicação que tira da cauſa da gonorrhea, he de não ſupprimir o contagio, que*

ſe

ſe introduzio no interior das partes bayxas, deyxando-o expurgar, & lançar fóra com as ditas materias virulentas que emanaõ das ditas partes, a cujo calor, & ſecura ſe dirige a ſegunda indicaçaõ de attemperar, & humedecer com couſas frias, & humidas, com que tambem as dores, & ardores ſe modificaõ. Eſtas duas indicações ſaõ as baſes em que ſe eſtriba toda a cura das gonorrheas: deyxar correr as materias virulentas, & applicar remedios para temperar o calor das partes contagiadas, & para acodir às dores, & ardores, que cauſa a acrimonia das ditas materias. E quando eſtes ſymptomas eſtaõ moderados, & as materias ſaõ brancas, & ſem máo cheyro, aconſelha Madeyra, & a pratica vulgar, que ſe não façaõ remedios para extinguir a gonorrhea, & que ſe deyxem correr as materias, ainda que dure muyto tempo o froxo; porque aſſim ſe acabaõ melhor as gonorrheas, ſahindo pela purgaçaõ dellas todos os ſeminarios do contagio.

Eſta praxe entre os Medicos, & Cirurgiões commummente recebida, ſempre nos pareceo perniciosa. Porque primeiramente ella não entende com a cauſa da gonorrhea, ſenão com os ſeus productos; acode aos effeytos ſem attender à cauſa de que dependem. A cauſa he o contagio gallico, & os remedios dirigem-ſe a emendar os danos que o contagio excita, ſem oppugnar eſte; ſendo que os ſequazes deſta pratica tem eſte contagio por huma qualidade occulta, & intenção remediar os ſeus danos com qualidades manifeſtas, applicando amendoadas, & emulsoens de ſementes frias, & outras couſas que refrigeraõ, & humedecem, como contra elles notou Mu tano. 1. dizendo: Morbum in cauſa occultum prædicant, & manifeſtis, ac vulgaribus deinde medicamentis ſanationem perficiunt. 1. Muſit. cap. de gonorrhæa.

Parece que ſe a cauſa da gonorrhea he venenoſa, que logo ſe lhe havia de acodir com os ſeus antidotos, antes que lançaſſe mais altas as raizes; antes que os ſeminarios do veneno ſe foſſem propagando; & antes finalmente que ſe chegaſſem a communicar à maſſa ſanguinaria. Entende Madeyra que todos os ſeminarios do contagio, que ſe introduziraõ nas partes que padecem na gonorrhea, ſe expurgaõ com as materias della, & por iſto aconcelha, que temperãdo as dores, & os ardores que cauſaõ, ſe não faça diligencia por extinguilla. Iſto porém he falſo: porque ainda que nas materias da gonorrhea venhaõ algumas particulas do contagio, là ficaõ outras impactas nas partes que padecem; & quanto mais tempo durar a gonorrhea, mais certamente ſe communicaràõ às partes internas, & à maſſa do ſangue, que circulando pelas partes infectas, trà tomando dellas o contagio que as offende; de tal modo que fiquem gallicados os doentes, ainda que ſe acabe a purgaçaõ da gonorrhea. Moſtra-ſe claramente: porque ſe baſtou o breve tempo de hum congreſſo, para ſe communicar o contagio de hum corpo a outro: depois de introduzido nelle, como não ha de communicar-ſe de huma parte a outra dentro de oyto, de dez, de vinte, de quarenta dias, & de todo o tempo que a gonorrhea dura; principalmente quando o ſangue circulando pelas partes do contagio, em muyto menos tempo póde tomar em ſi os ſeminarios delle, & ficar com a infecçaõ contagioſa, ao meſmo tempo em que eſgotando-ſe as materias da gonorrhea, cuydaõ os doentes que ficaõ livres deſte veneno. Eys-aqui como ſe gallica a mayor parte da gente em que entrou eſte contagio. Tem huma gonorrhea, conſervaõ-na em quanto ella dura, tratando ſó de acodir às dores, & ardores que cauſa; & o contagio communica-ſe ao ſangue; porque nenhuma diligencia ſe fez para extinguillo. E por eſte modo tambem ſe fazem carnoſidades nas vias da ourina, correndo muyto tempo por ellas as materias virulentas das gonorrheas.

A primeira indicaçaõ pois, que na cura da gonorrhea virulenta deve ſatisfazer-ſe, he a de extinguir logo no ſeu principio os ſeminarios gallicos de que procede, antes que pela dilaçaõ excitem mayores danos nas partes da gonorrhea. & ſe communiquem à maſſa ſanguinaria. E para eſte fim ſe uſaràõ logo os alexipharmacos mais efficazes; dando-os com tal arte, que oppugnando o contagio, ſe temperem as dores, & ardores

da gonorrhea. Eſta nova doutrina, que he contra o methodo da pratica ordinaria, tem a ſeu favor a opinião de Carlos Muſitano, que na cura da gonorrhea uſa logo remedios Mercuriaes; & confeſſamos nós, que antes de ler as obras deſte Author, o fizemos ſempre com grande confiança, & com mayor utilidade. Nunca nos pareceo bem tratar ſó aos effeytos do contagio, temperando os ardores da ourina, & deyxar livremente os ſeminarios ao gallico introductos no corpo, ſem cuydar em extinguillos, eſperando que a continua expurgação das materias os extrahiſſe, ſendo certo, como temos dito, que na purgação das gonorrheas não ſahem todos os ſeminarios do veneno, porque eſtão impactos na carne, & vão-ſe communicando ao mais intimo della; & finalmente chegão a implantar ſe na maſſa do ſangue por meyo do ſeu circulo. E por iſto logo logo ſe deve attender a extinguir o contagio, & a remediar os ſeus productos. Deſorte que duas ſão tambẽ as indicações curativas, que tiramos para boa indicação das gonorrheas. A primeira, extinguir os ſeminarios do fermento gallico introduzido no interior das partes pudendas. A ſegunda, temperar as crueis dores, & ardores que cauſa. Iſto ſe ſatisfarà da maneyra ſeguinte:

Cura da gonorrhea virulenta.

OS que padecerem eſte achaque, devem por-ſe logo em regimento de frangão, ou franga, cozidos com abobora, ou pepino, ou com beldroegas, ou com folhas de tanchagem; bebendo agua cozida com azougue vivo, como ſe dà aos meninos para os preſervar de lombrigas; cozendo tres, ou quatro canadas de agua com duas onças de azougue, com que ferverà até gaſtar menos de meyo quartilho? & deyxarlhe hão ficar ſempre o azougue dentro; como qual ſe póde cozer nova agua em todo o tempo da cura, porque nunca o azougue perde a virtude, ainda que ſe coza a agua com elle muytos annos. E para eſte achaque he o azougue a melhor couſa com que ſe póde cozer a agua que beberem os doentes; porque ſem o incommodo de eſquentar, como a ſalſa, & os mais alexipharmacos vegetantes deſte contagio, tem virtude para deſtruir os ſeus ſeminarios; & por iſto he de grande utilidade nas gonorrheas, como por experiencias de certo Medico affirma Ettmullero, 2. dizendo: Singulare cujuſdam Medici experimentum eſt aqua Mercurialis, vel Hermetica; quia recipit mercurium vivum, coquit in aqua ſimplici per aliquot horas; aquam iſtam propinat, & eſt egregium remedium, quo ſucceſſivè ſedatur gonorrhœa virulenta. 2. Ettmul. cap. de gonorrhœa

Tambem pódem beber agua cozida com antimonio crù, que pelas ſuas partes mercuriaes não he menos conveniente neſtes males. Coze-ſe meya onça em cinco, ou ſeis canadas de agua, atè gaſtar hum quartilho; & o meſmo antimonio ſerve para todo tempo do regimento, porque ſempre conſerva a meſma virtude.

Paſſando com eſte regimento, logo que apparecer a gonorrhea, ſe ſiringarà a parte pudenda com leyte de burra, ou de mulher, ou com ſoro de leyte de cabra; ou com cozimento de malvas com as raizes; ou com agua deſtillada de malvas, ou de tanchagem, com mercurio doce, deſta maneyra:

Tomem de agua de tanchagem ſeis onças, de mercurio doce duas oytavas; miſturem-ſe.

Com eſta agua tepida bem vaſolejada ſe ſiringue a parte tres, ou quatro vezes no dia, & de cada vez ſe façõ duas, ou tres ſirmgaduras; que dentro de poucos dias ſe curarão as gonorrheas; uſando ao meſmo tempo os mais remedios, que logo proporemos. Quando as dores, & ardores ſão grandes, he mais conveniente ſiringar com leyte. Com eſte medicamento curava Carlos Muſitano as gonorrheas em tres dias, & affirma, que nunca o applicàra ſem utilidade. Nos ſpecificum (*ſão as ſuas palavras*) nacti ſumus medicamen, & omni laude dignum pro curanda virulenta gonorrhœa trium

dierum

dierum ſpatio, quod numquam gonorrhæa correptum fefellit. *Eſte he aquelle remedio, que Muſitano encareſſe para ſe preſervarem de gallico os que ſe juntarem com peſſoas infectas, no que, diz elle, tem huma tal efficacia, que uſando-o depois do congreſſo preſerva de puſtulas, de chagas, de gonorrheas, & finalmente de todo o achaque gallico, extinguindolhe os ſeminarios antes de chegarem a fazer dano; & porque não ſuccedeſſe que ficando-ſe algum neſte remedio, ſe ſoltaſſe nas diſſoluções ſem reparo, não quiz moſtrallo claramente, & falla no mercurio com o nome de Dragaõ mitigado.* Habemus nobile, & expertum antidotum (*diz Muſitano* 3.) ad luis venereæ præcautionem, quo ſiquis, poſtquàm cum infecta coierit, utatur, facilè à puſtulis, cariebus ulceribus, gonorrhæa, & bubone præcavetur; illudque ſparſim communicavimus; nolumus tamen locum ubi extet, cuique digito demonſtrare, ſed emunctioribus ſeligendum relinquimus, ne hujuſmodi remedium tantummodo in abuſum trahatur. 3. Muſit. lib. 4. de lue ven. cap. ult. ad fin.

Nòs nunca damos eſte remedio para preſervar do contagio; para curar as gonorrheas o temos uſado muytas vezes; & ſe naõ ſe curàraõ todas dentro de tres, ou quatro dias, como diz Muſitano, naõ deyxàraõ de curar-ſe brevemente. E naõ ha duvida em que eſta he a melhor cura das gonorrheas, porque com ella ſe temperaõ as dores, & ſe extinguem os ſeminarios do contagio. Eſte era o meyo para ſe acabar o gallico; mas do methodo com que ordinariamente ſe trataõ as gonorrheas, ſuccede o contrario, porque temperando-ſe os ardores com os remedios frios, & humidos, ficaõ no corpo os ſeminarios do contagio, & aſſim ſe vay propagando de peſſoa a peſſoa, & de pays a filhos, & a netos.

Em lugar de mercurio uſa Muſitano do ſal, ou aſſucar de chumbo, que tudo he o meſmo, diſſolvendo huma oytava delle em ſeis onças de agua de tanchagem; & he o mais a que tem chegado a reſoluçaõ dos Cirurgiões vulgares, que não tendo uſo do mercurio, privaõ aos doentes das utilidades delle. O ſal de chumbo ſobre dulcificar o acido vicioſo, & corroſivo do gallico, tambem pelas partes mercuriaes de que conſta, pòde extinguir os ſeus ſeminarios; mas em tudo iſto tem melhor uſo o mercurio, & por iſto ſe deve ſempre preferir. De hum, & outro remedio uſamos muytas vezes na ſeguinte fórma.

Tomem de leyte de burra ſeis onças, de mercurio doce oytava, & meya, de ſal de chumbo dous eſcropulos; miſturem-ſe; & ſiringue-ſe com eſte remedio, na fórma que temos dito.

Advertimos aos que ſiringarem com leyte, que vejaõ não eſteja azedo, como aconteceo algumas vezes, porque fará mayor dano, & acreſcentará as dores, & ardores com a ſua acrimonia.

Tambem logo no principio da gonorrhea ſe tomaràõ emulſoens, ou amendoadas feytas em agua commua, ou de malvas, ou de alface, com pevides de melão, melancia, abobora, & pepinos, com ſemente de zaragatoa, & de papoulas brancas, & miolos de caroços de ginjas; adoçando cada amendoada com lambedor de dormideyras brancas; & tomando-as tres horas depois de cear.

Pelas manhãs em jejum tomaràõ meyo quartilho de ſoro de leyte de cabra, ou huma tiſana de cevada, ou outra amendoada, ſem lambedor, com os ſeguintes pós:

Tomem de aſſucar de chumbo, de antimonio diaphoretico, de cada couſa meyo eſcropulo, de mercurio doce oyto grãos, de ſal de favas, ou da ſua planta grãos dez; miſturem-ſe.

Com eſtes remedios ſe vencem ordinariamente as gonorrheas em cinco, ou ſeis dias, outras vezes em dez, ou doze dias, & muytas vezes em menos; & algumas ſe obſtinaõ, & ſe fazem rebeldes; mas iſto ſó ſuccede nos que antes das gonorrheas eſtavaõ gallicados; & neſtes ſerà preciſo fazer huma cura regular, ordenada a extinguir o contagio,

para haver de curar as gonorrheas. Porém antes de chegar a eſtes termos, quando dentro de quinze dias ſe não acabarem as gonorrheas com o uſo dos dous remedios, tomar-ſe-hão as ſeguintes pirolas:

Tomem duas oytavas, & meya de trementina fina cozida ſem ſe lavar em agua de tanchagem, como ordinariamente ſe faz, de mercurio doce grãos dez, de alcanfor, & de aſſucar de chumbo, de cada couſa meyo eſcropulo. Fação-ſe pirolas, & dourem-ſe. Saõ para huma vez.

Haõ de tomar-ſe pelas manhãs em jejum, continuando-as dez, ou doze dias, que nelles poderaõ concluir com as gonorrheas. Para eſtas exalta Quercetano a ſua agua, que ſe prepara deſta maneyra:

Agua de Quercetano para gonorrheas.

Tomem tres onças de ortelã ſeca, de ſemente de alface, de ruda, de agnocaſto, de cada couſa duas onças, & meya, de lirio Florentino, de folhas de dictamno dez oytavas, de aſſucar duas libras; faça-ſe tudo em pó, & juntando cinco onças de trementina, & trinta onças de vinho branco generoſo, deſtille ſe tudo em banho. Da agua que ſe deſtillar, tomarão duas, ou tres colheres pelas manhãs em jejum, & comerão paſſadas duas horas. He remedio de que uſou Riverio 4. com feliz ſucceſſo.

4 Riv cent. 2. obſ 30 & 74. Pharm. Luſit. fol. mihi 33.

Semelhante a eſte he a agua de Charras, a qual deſcreve na Pharmacopea Regia Chymica, & ſe acha na Pharmacopea Luſitana. 5. Riverio entre os ſeus ſegredos inculca para gonorrheas antigas a ſeguinte agua:

Agua de Riv. para gonorrheas.

Tomem de páo ſanto, de folhas de lẽtiſco, de caſcas de faya, de cada couſa deſtas quatro onças; de vinho branco oyto libras; de raiz de dictamno, de lirio Florẽtino, de cada couſa deſtas tres onças; de ortelã ſeca quatro maõcheas; de urgibo manipulo, & meyo; de agnocaſto, de ſemente de ruda, & de alface cada couſa tres onças; de trementina huma libra; miſture-ſe tudo, & deſtille-ſe. Toma-ſe de manhã, & de tarde, de huma atè quatro onças, depois das evacuações univerſaes; & he para gonorrheas antigas.

As ſeguintes perolas ſaõ efficaciſſimas para todas as gonorrheas virulentas:

Tomem de aſſucar de chumbo meya oytava, de alcanfor meyo eſcropulo, com eſpirito de trementina; formem-ſe pirolas; & dourem ſe. Haõ de continuar-ſe dez, ou doze manhãs em jejum.

Carlos Muſitano inculca por remedio infallivel as ſuas pirolas, com a experiencia de que nunca lhe faltàraõ com bom effeyto na cura deſte achaque; & diz, que tendo-as muyto tempo em ſegredo, as revela por charidade, neſta fórma:

Pirolas de Carlos Muſit. para gonorrheas

Tomem duas oytavas, & meya de antimonio diaphoretico, cinco oytavas de çumo de alcaçùs, duas oytavas de alambre branco, quatro, oytavas de goma de guayacaõ nativo, ſeis oytavas de mercurio doce, duas oytavas de almecega eſcolhida, duas oytavas, & meya de terra de caparroſa, miſture-ſe tudo, & com baſtante quantidade de trementina de Chipre, faça-ſe maſſa, de que ſe formem pirolas pequenas, das quaes ſe tomaràõ de cada vez quatro, ou cinco, continuando-as muytos dias. Nulla gonorrhæa (*diz eſte Author* quantumvis virulenta, & antiqua, his noſtris pilulis reſiſtit: ſunt veluti ſpecificæ pro hoc malo.

Nòs, ſem ſegurarmos a infallibilidade dos ſucceſſos, que depende de varias circunſtancias, dizemos, q̃ com as ſiringaduras feytas com remedios mercuriaes; & com as amendoadas, & pirolas de trementina, & mercurio, que acima deſcrevemos, rara ſerà a gonorrhea que ſe não cure em poucos dias, ſe ſe uſarem logo no ſeu principio, antes que os ſeminarios contagioſos eſtejão diffundidos por outras partes, & communicados à maſſa ſanguinaria. Eſta he a melhor cura das gonorrheas, a qual não deve eſtranhar ſe por novidade, ainda que ſeja contraria ao methodo commum, viſto que a ràzaõ a perſuade, & que as experiencias a confirmaõ; que como dizia Ouveno:

Non

Non ego ſum veterum, non aſſecla, Paule, virorum.
Seu vetus eſt, verum dilligo, ſive novum.

QUando as gonorrheas ſe não vencerem com eſta cura, devemos entender que o gallico eſtá ſigillado na maſſa do ſangue, & que neceſſita de huma cura regular para extinguir o contagio; a qual ſe fará precedendo as evacuações univerſaes, na forma que parecer conveniente.

Do opio. *Nos unguentos refrigerantes para os rins, & verilhas junta o Author hum, ou dous grãos de opio, advertindo que ſó em neceſſidade extrema ſe uſe; entendendo erradamente, que o opio por frio poderia ſer danoſo, repercutindo algumas particulas do contagio; ſendo aſſim que o opio não ſó não he frio, como cuydárão os Antigos; ſenão que he inſignemente quente, por haver nelle muytas partes oleoſas, ſulphureo-ſalinas, volateis, como já notámos na noſſa Pleuricologia, com Cornelio Bonetokoe, do que ſe póde ver Helmonte, 6. & Ettmullero. E por iſto bem ſe póde uſar ſem o temor de que offenda repercutindo o contagio. Nos medicamentos internos tem elle melhor uſo, quando ſão grandes as dores, & os ardores, tomando nas amendoadas dous grãos de laudano opiado, ou ſeis, ou ſete pingas de laudano liquido.*

6. Van-Helm. tr. duum virat. §. 8. Etm in Colleg Pharm. Schrod. fol mihi 709.

Siringar. *Reprova Madeyra o ſiringar a parte pudenda com aguas refrigerantes, temendo que o contagio ſe repercuta às partes internas. O que ſe deve entender das aguas actualmente frias, & não das que ſe applicarem com calor tepido, ſendo ſó potencialmente frias; porque ſó a frialdade actual faz hũa inſigne repercuſſão, contrahindo-ſe a parte ao occurſo da qualidade fria; o que não ſuccede uſando-ſe mornas; porque a tepidez laxa os póros da meſma parte, que com a frieldade ſe haviaõ de contrahir. E aſſim bem ſe póde ſiringar com couſas tepidas, que convenientes ſejaõ; entre as quaes preferimos o leyte, quando as dores, & ardores ſaõ grandes; miſturandolhe ſempre mercurio doce; porque aſſim, moderando-ſe os ſymptomas com a anodina qualidade do leyte, ſe extinguem os ſeminarios do contagio com a inſigne virtude do mercurio, & em poucos dias ſe curaõ felizmente as gonorrheas.*

Sangria ſe ſe puder eſcuſar. *Para curar as gonorrheas que não forem antigas, não he neceſſario ſangrar; mas ſe por algum incidente for preciſo chegar a eſte remedio, não dizemos que ſe faça nos pès, como aconſelha Madeyra, cuydando, que com a ſangria de braço ſe retrahe a virulencia do contagio às partes ſuperiores; dizemos, que ſe faça a ſangria na parte em que for mais conveniente para curar o dano, que obriga a ella, ſem temer o incommodo que o Author conſidera ſangrando no braço; porque a ſangria, ou ſeja de pé, ou de braço, não atrahe deſta, nem daquella parte os ſeminarios do contagio; o que faz a ſangria, he evacuar parte do ſangue, que anda circulando pela vea que ſe raſga, & não chama o ſangue de hũa parte para outra, nem lhe dà outro movimento algum para bayxo, ou para cima; nem o ſangue no tempo da ſangria tem mais movimento, que aquelle com que havia de circular pela vea, ainda que a ſangria ſe não fizera. Como póde logo a ſangria de braço fazer ſubir às partes altas o contagio, que occupa as pudendas? Iſto quizeramos que advertiſſe, não ſó a gente do povo, mas o vulgo dos Medicos, para não fazerem tantos erros no exercicio pratico, como cada dia vemos, fugindo de ſangrias de braços nos gallicados, como o temor do contagio, que tem ou tiveraõ nas partes bayxas, quando he preciſo ſangrar nos braços para medicação dos males agudos. Deſorte, Senhores, que o ſangue ſempre anda circulando pelas veas, & ſe ha ſeminarios de gallico em alguma parte do corpo, elle os toma na ſua circulação, que quando a ſangria, de qualquer parte que ſeja, não lhos communica, nem lhe pódem chegar, ſenaõ nos movimentos do ſeu circulo; ſobre o que ſe veja o que diſſemos nas Annotações ao* num. 1. do Capitulo VII. *& nas Annotações ao* num. V. do Cap. VIII.

A materia da purga. *O meſmo que diſſemos das ſangrias, ſe deve obſervar com os medicamentos purgantes; porque eſtes não ſaõ neceſſarios para curar as gonorrheas, que não forem antigas, nas quaes não entra a duvida de purgar; & nas gonorrheas de pouco tempo, ſobrevindo incidente a que ſe deva eſte remedio, não ha de negar ſe pelos danos que o Author teme; porque ha medicamentos tão benignos, que ſe uſaõ ſem offenſa das partes bayxas; & ſe forem vomitorios, ainda as offendem ao menos. Nós temos viſto uſar muytas vezes medicamentos purgantes na preſença de gonorrheas, eſtando em ſeu vigor os ſymptomas, que coſtumaõ acompanhallas, ſem que reſultaſſe dano dos taes remedios; & ainda para as curar vemos, que hum Francez Empirico uſa neſta Corte de huma agua ſolutiva, dando-a duas vezes no dia, & repetindo-a oyto, dez, & mais dias, ſem que ſe offendaõ todos com ella; & he remedio bem conhecido neſta Cidade pela agua do Francez, como vulgarmente ſe chama. Não louvamos eſta pratica, mas dizemos iſto, para que ſe for preciſo purgar a quem tiver gonorrheas ſe lhe não negue o remedio na neceſſidade preſente com o temor do dano futuro, & contingente; & já Riverio 7. uſou de repetidos purgantes na cura de gonorrheas. Veja-ſe o que diſſemos nas Annotações ao* num. 1. do Capitulo VII.

7. River. cent. 1. obſ. 74.

Numero 3.

LAve-ſe em agua de tanchagem. *Da trementina uſa o Author nas gonorrheas antigas, mas erra nas lavações que lhe dà, porque nellas perde muytas partes balſamicas, & vem a ficar menos util, como notou Muſitano, dizendo:* Aliqui terebinthina utuntur lota aqua violarum; ſed inſcitè faciunt; multum enim ſui balſami per lotionis dependit, fitque merè inutilis. *Uſar-ſeha logo da trementina ſem a lavar; que com as partes balſamicas de que he dotada, utiliza muyto neſtes achaques; nos quaes não aproveyta algumas vezes menos o oleo de Copaiva, de que uſa Doleu, pela meſma razão de ſer balſamico, & de abſtergir, & purificar nas gonorrheas as partes infectas com os ſeminarios do contagio. Deſta maneyra ſe póde uſar da trementina:*

Tomem ſeis oytavas de trementina, hum eſcropulo de mercurio doce, dous eſcropulos de ſal de favas, meya oytava de alcanfor; miſture-ſe tudo, & com oleo de Copaiva, & aſſucar ſe formem pirolas para tomar de tres vezes, & continuem-ſe nove, ou dez manhãs.

Os alexipharmacos. *Quando nas gonorrheas antigas for neceſſario recorrer aos alexipharmacos do gallico, propoem Madeyra a ſalſa parrilha, & páo das Antilhas, com cujos cozimentos acode a eſtes danos. Porém entre todos os alexipharmacos, o mais excellente he o azougue, como ſem controverſia confeſſaõ os eſcritores deſte contagio; & ſendo aſſim, para que he uſar primeiro os alexipharmacos vegetantes, ſenão dar logo o mercurio; principalmente quando ſe ſabe, que ſe uſa com felicidade, ſem cauſar dano algum, ſendo bem preparado, & adminiſtrando-ſe com prudencia; eſcuſando-ſe aſſim as apozemas, & conſervas de ſalſa, que ſobre ſe tomarem com grande enjoo, não aproveytaõ como o mercurio? Eſte toma-ſe com mayor facilidade, & com utilidade mayor, do que todos os mais antidotos deſte veneno. He verdade que em alguns caſos ſe faz formidavel o uſo do azougue, como quando os doentes padecem achaques de peyto; & neſtes termos naõ ſe deve uſar, em quanto a gravidade do caſo o não fizer preciſo.*

Se a gonorrhea for rebelde. *Quando as gonorrheas ſe fizerem rebeldes, não he neceſſario outro ſinal de ſe haverem communicado ao ſangue os ſeminarios gallicos, mais, que a meſma rebeldia, & duraçaõ das gonorrheas; porque, como muytas vezes temos dito, quando ellas ſe não curaõ logo, communica-ſe o gallico ao ſangue na ſua circulaçaõ, & he eſcuſado buſcar outro ſinal demonſtrativo da ſua communicação; & mais quando*

do he certo, que bem póde eſtar o gallico ſigillado no ſangue muytos annos, ſem reluzir effeyto de ſeu veneno, como já diſſemos nas Annotações ao num 1. do Capitulo VII.

Huma fonte. *Nas gonorrheas rebeldes mandão alguns Praticos abrir fontes nas pernas, para que a natureza lance por ellas os humores infectos com eſte veneno, quando não poſſa vencello. Antes porem de chegarmos a iſte remedio, ſe fará toda a diligencia por extinguir o contagio com curas alexipharmacas, reduzindo a maſſa do ſangue a melhor eucraſſia; porque ainda que pelas fontes ſe expurguem os humores, & com elles ſe extrahão algumas partes do contagio, nunca eſte ſe eſgota; porque eſtando ſigillado na maſſa do ſangue, nunca ſe apartão delle todos os ſeus ſeminarios, & ſó com os ſeus eſpecificos antidotos ſe extinguem. Veja-ſe o que ſobre as fontes nos gallicados eſcreve Zacuto no* tomo 2. livro 2. cap. 1. fol. 278.

Referem-ſe alguns caſos de gonorrheas curadas felizmente pelo methodo que propuzemos nas Annotações ao num. 2. deſte Cap.

HUm moço inclinado à caça, no meyo do eſtio contrahio contagio gallico, manifeſtado em huma gonorrhea virulenta quatro dias depois do congreſſo em que ſe lhe communicàra. As dores, & ardores erão intoleraveis; tinha difficuldade no ourinar; & entre todas eſtas moleſtias, o que mais o magoava, era que ſeus pays chegaſſem a ſaber o mal que padecia. Nós o curàmos em ſegredo deſta maneyra: Paſſando com dieta conveniente, ſiringava cada dia a parte pudenda com o remedio ſeguinte:

Tomem meyo quartilho de leyte de burra, huma colher de calda de aſſucar roſado, duas oytavas de mercurio doce; miſturem-ſe.

Com eſtas ſiringaduras ſe lhe mitigavão as dores, & ſe lhe facilitava a expurgação das materias. De noyte, tres horas depois de cear, tomava huma amendoada de pevides de melão de melancia, & caroços de ginjas, adoçada com lambedor de papoulas brancas. Com eſtes remedios ſe temperàrão os ſymptomas da gonorrhea; & para acabar de extinguilla, uſou oyto dias continuos deſtas pirolas:

Tomem duas oytavas de trementina fina, dez grãos de mercurio doce, meyo eſcropulo de ſal de favas, & outro meyo de alcanfor; miſturem-ſe, & com algum aſſucar faça-ſe huma maſſa, que ſe tome em pirolas de huma vez, & repitão-ſe na meſma quantidade cada dia.

Hum homem de mais de quarenta annos de idade, havia quinze dias que eſtava com huma gonorrhea virulenta, que aos oyto dias depois da communicação impura lhe apparecera, & não tratando de curalla, paſſava crueis dores, & ardores na via da ourina; ſentindo mais que tudo o ter contagiado ſua mulher, porque antes de ſe manifeſtar o gallico na gonorrhea, não ſe apartou della; porém na mulher nunca reluzio effeyto do contagio. Eſte homem curàmos, fazendolhe ſiringar a parte com o ſeguinte remedio:

Tomem de agua cozida com cevada ſeis onças, de aſſucar de chumbo dous eſcropulos, de mercurio doce duas oytavas, de aſſucar branco duas colheres; miſturem-ſe.

De noyte na hora do ſono tomava a emulſão ſeguinte:

Tomem cinco onças de emulſão feyta das quatro ſementes frias mayores, & de ſemente de papoulas brancas, & de miolos de caroços de ginjas, huma onça de xarope de malvaiſco; miſturem-ſe, & lancemlhe ſeis pingas de laudano liquido.

Temperàrão-ſe os ardores dentro de cinco dias; & ceſſando então as ſiringaduras, tomou em ſete dias continuos as ſeguintes pirolas, com que ſe extinguio a gonorrhea:

Tomem oytava, & meya de trementina cozida em agua de tanchagem, dez grãos de mercurio doce, de alcanfor, & de aſſucar de Saturno, de cada couſa meyo eſcropulo. Façáo-ſe pirolas, & dourem-ſe.

Mais

Mais de dous annos havia, que hum moço de eſtragada vida padecia huma gonorrhea varias vezes renovada, quando temendo já, que lhe reſultaſſe algum dano mayor que aquelles que deſprezava, nos pedio que o curaſſemos, promettêdo emendar a vida no tempo dos remedios. E como a gonorrhea era tão antiga, bem nos perſuadimos a que o gallico eſtaria communicado à maſſa do ſangue, ſem embargo de não haver outro algum ſinal, que aſſim o atteſtaſſe. Nós demos principio à cura ſangrando-o quatro vezes nos pés, purgando-o depois tres vezes em dias alternados com o medicamento ſeguinte:

Tomem de mercurio Calomelanos grãos vinte, de reſina de jalapa grãos dez, de diagridio ſulphurado grãos oyto; diſſolvão-ſe em duas onças de emulſão de ſementes frias mayores.

Depois de purgado tomou dez dias o remedio ſeguinte:

Tomem ſeis oytavas de trementina fina, huma onça de polpa de canafiſtulla freſca, trinta grãos de mercurio doce, meya oytava de alcanfor, hum eſcropulo de ſal de chumbo, meya oytava de çumo de alcaçûs, huma oytava de cremores de tartaro; de tudo ſe faça maſſa com aſſucar, ſe neceſſario for, para tomar em tres dias continuos em jejum; & repita-ſe os dias que ſe pedir.

Com eſte remedio ſe promovia em mayor copia a purgação da gonorrhea; & para extinguilla totalmente, tomou quinze dias eſtas pirolas, com que ficou livre da gonorrhea, & do contagio.

Tomem duas oytavas de trementina fina, dez grãos de mercurio doce, meyo eſcropulo de ſal de favas, dez grãos de aſſucar de Saturno, doze grãos de alcanfor; miſture-ſe tudo, faça ſe huma maſſa para tomar de huma vez, fazendo-a em pirolas.

Hum homem de idade provecta, tendo converſação impura com mulher gallicada, ſentia quatro, ou cinco dias depois humas picadas na parte pudenda ſempre que havia de ourinar; & dandonos parte diſto, lhe diſſemos, que podia ter contrahido gallico, de cujos ſeminarios naceſſem aquellas picadas; & que não duvidava lhe ſahiſſe alguma gonorrhea, ou qualquer outro achaque dos que coſtuma excitar eſte contagio nas partes baixas; aconſelhandolhe, que para ſe preſervar delle, & para extinguir as particulas contagioſas, que tiveſſe recebido, ſiringaſſe a parte com agua de tanchagem com mercurio, porque eſte remedio curava as gonorrheas freſcas brevemente, & muyto melhor preſervaria dellas, extinguindo o contagio, temperando o calor da parte em que ſe ſigillava. Mas o homem não admittio o remedio. Ao ſexto dia appareceo hũa puſtula na extremidade da parte pudenda, a qual tocando-a com pedra lipis, molhada na ſaliva propria, no meſmo dia ſecou. Porém paſſados dous dias, lhe ſobreveyo huma gonorrhea com dores, & ardores intoleraveis. Entaõ já o doente pedia com inſtancia o remedio que com ſimulação havia deſprezado. Finalmente ſiringando cinco dias com meya libra de agua de tanchagem, & duas oytavas de mercurio doce, ſem nenhum outro remedio ſe extinguio a gonorrhea.

Muytos mais caſos ſemelhantes a eſtes puderamos referir; mas para os que ſe houverem de mover com elles, eſtes baſtaõ; & para os cerviçoſos todos ſe eſcuſaõ.

CAPITULO XII.

Do tumor da verilha, a que chamaõ hubão, & vulgarmente encordio, ou mula.

Numero 1.

TOdo o apoſtema, que naſce na verilha, ſe chama bubo à ſemelhança de certos tumores, que o Bufo, chamado Bubo em Latim, neſſe lugar padece. E

ſe

ſe eſte tumor crece, & ſe madura depreſſa, os Gregos lhe chamaõ *Thyma*, & ſe participa de inflamaçaõ eryſipelatoſa, Phygethlon, & ſe declina a natureza ſcirrhoſa, chama-ſe *charas*, & no Latim *Struma*, como notou Juliano Palmario, & o vulgo chama a eſtes do morbo gallico, Mula, porque de ordinario ſe amuaõ, & ſaõ rebeldes, & reſiſtentes à maturaçaõ. Lib. 2. de luc ven.

Por varias occaſiões ſuccede o tumor na verilha, porque algumas vezes naſce de febre maligna, ou peſtilente, como ſe colhe de Galleno ſobre aquelle aphoriſmo *ex inguinum tumoribus, &c.* outras de enchimento de humor, que ha no corpo, de que a natureza ſe deſcarrega naquella parte conforme Galeno; outras de occaſiaõ de haver chaga no pé, ou outro achaque dolorifico, por reſpeyto do qual a natureza manda o humor à parte affecta, & na paſſagem ſe detem nas glandulas da verilha por ſerem raras, & eſponjoſas, & por eſta cauſa ſugeytas a receber, & fracas em o lançar de ſi, como notou Galeno: outras vezes ſuccede por cauſa do contagio gallico, que chegando ao figado, ſe a natureza he debil, & ha muyta cacochimia, ſe communica delle a todo o corpo; porèm ſe he robuſta, & o corpo eſtà mais puro, & o contagio he pouco, ſe deſcarrega delle na verilha, & faz o bubaõ gallico, de que de preſente tratamos, como nota Juliano Palmario, & Euſtachio Rudio, o qual diz, que por eſte caminho ſe coſtuma a natureza livrar do morbo gallico ſem alexipharmacos, quando he pouco, & o meſmo diz Fallopio, Alcaçar, & Mercado, que tresladou de Palmario toda a doutrina deſtes affectos. 4. aph. 1. & 3. aph. 26. 13. meth. c. 5. Loc. cit. Lib 5. de morb. ven c. 20. & c. 7. Lib. de morb. gal c. 90. & 91. Lib. 5. c. 7. Lib. 2. de morb. gal cap. 5. Lib. 5. c. 25.

Notè-ſe porèm que nem ſempre o bubaõ gallico procede de ſe ter o contagio communicado ao figado, mas algumas vezes naſce de outros humores, que por occaſiaõ das dores da gonorrhea, ou chagas da quella parte correraõ, & na verilha ſe detiveraõ; aſſim como acontece quando ha chaga no pè, como notou Andrè Alcaçar; com tudo devem-ſe eſtes tumores tratar como os que naſcem do contagio, que ao figado ſe tem communicado.

Ha varias differenças do bubaõ gallico, cujo conhecimento he muy neceſſario para os pronoſticos, & cura. Humas ſe tomaõ do humor, porque algumas vezes naſce o bubaõ de humores quentes, a ſaber, ſangue, & cholera, & he o tumor phlegmonoſo, ou eryſipelatoſo; outras naſce de humores frios, a ſaber, fleymaticos, & melancholicos, & fazem o bubaõ ſcirrhoſo, & eſte he o mais ordinario, como Palmario nota; outras naſce de todos eſtes humores miſturados, mas tambem pela mayor parte dominaõ os frios. Tomaõ-ſe outras differenças da parte, porque como nota Fallopio, humas vezes ſe faz inſinuando o humor pelos póros da meſma ſubſtancia da glãdula, & aſſim naõ he tanto apoſtema apartado, quando a glandula toda tumida, & pelo notavel tumor (que diz ſer às vezes taõ grande como hum pão) ſe conhece: outras ſe faz junto às meſmas glandulas, enchendo as cavidades entremeas, ou entre o corpo dellas, & a tunica, que as cobre, o qual tumor he muyto menor. Loc. cit. Loc. cit.

Pronoſtica-ſe que ſendo de materia quente ſára em breve, & com facilidade, ſe he bem tratado, aliàs tambem ſe repercute facilmente, & ſe communica ao figado, & maſſa ſanguinea por ſer humor tenue, & facil em ſe mover, como notou o dito Juliano: ſendo porèm eſtes apoſtemas de humor frio, aſſim como difficilmente retrocedem, aſſim tambem ſaõ diuturnos, & muy rebeldes em ſe reſolver, & madurar, & algumas vezes vindo a fazer materia, paſſaõ em fiſtulas, & chagas calloſas, que difficultoſamente ſáraõ, & os que eſtaõ na meſma ſubſtancia das glandulas, ou para melhor dizer, ſaõ as meſmas glandulas tumidas, difficillimamente ſe maduraõ, & aſſim he neceſſario que pelo dito final os conhe-

conheçamos, para que nos naõ canſemos debalde em pertender maturaçaõ. E ſe o bubaõ ſe madura, & conſerva muyto tempo aberto, de ordinario preſerva de morbo gallico, & cura o que no corpo havia, ſenaõ era muyto, como tem Rudio, & Alcaçar, & Fallopio; & ſe ſuccede em corpo muyto cheyo, & a materia he muyto calida, & corre com impeto, algumas vezes faz mortificaçaõ na parte, eſpecialmente ſe he maltratado, como de outro ſemelhante tumor junto à coxa obſervou Valeriola.

Lib. 1. de morb. ven. c. 7. Lib. 5 de morb. gal c. 7. Tract. de morb. gal cap. 91.

Conhecerſeha ſer gallico pelos principios, que acima diſſémos, a ſaber, porque precedeo occaſiaõ de contagio, & muytas vezes ha moſtras delle, como chagas das partes vizinhas, puſtulas, & gonorrheas purulentas; já ſe eſtes affectos precedêraõ, & deſapparecem, & depois ſobrevem tumor da verilha, naõ ha que duvidar de ſer gallico, por quanto he eſte, ou hum precurſor, & menſageyro, que pronuncia eſte mal, (como diz Palmario) ou hum beleguim, que o acompanha. E quando naõ appareçaõ os indicios do contagio, conhecerſeha ſer gallico pela improporçaõ, que tem com as cauſas, que produzem os outros tumores alheyos deſta qualidade, a ſaber, naõ precederá febre, nem chaga de pé, nem haverá ſinaes de enchimento, ou de cacochimia, & algumas vezes ſuccederáõ outros ſymptomas improporcionaes a qualquer tumor da verilha, que naõ ſeja gallico, como cahir de cabellos, chagas na boca, & os mais que ſuccedem nas eſpecies deſte morbo. Accreſcenta Fallopio que o ſer rebelde, & naõ ceder aos medicamentos, he outro final de ſer gallico, conforme a regra commua de Mercurial já outras vezes repetida, que diz ſerem taes todos os rebeldes affectos, & vem a ſer o terceyro principio, que da cura ſe toma, ſegundo acima diſſémos, fundados na authoridade de Galeno.

Lib. 5. obſer. 7. Loc. cit.

Loc cit. Lib. de morb gal 6. epid. ſect 3. ad tex. 1.

Numero 2.

Cura do bubaõ gallico, que procede de humores quentes.

QUando a cauſa conjunta deſte apoſtema he a predominio calida, occorrem duas indicações, huma he abrandar a dor, outra procurar que ſe madure, a fóra a indicaçaõ commua, que acima diſſémos haver em todos os affectos do contagio, que he attrahillo às partes de fóra, & prevenir que naõ recorra às de dentro, como ſe colhe da doutrina de Galeno, & de Fernelio, & he ſentença commua neſtes affectos de todos os Authores. Cumpriremos pois todas eſtas indicações fomentando o tumor *com oleo de amendoas doces, & de macella, ou com azeyte commum*, applicando eſtes oleos mornos, & pondolhe gadelhas de lã, que naõ he lavada, a que chamaõ ludroſa, embebidas nelles, *ou em eſipo*, que he o çumo, que ſe colhe da meſma lã ſuja, & ſe guarda nas boticas. Applicarſeha tambem emplaſto commum *de malvas cozidas, & depois pizadas com farinha de trigo, (ou de cevada ſe o ardor for muyto) manteyga crua, oleo roſado, & gema de ovo*. E ſe naõ houver muyto calor, antes miſtura de humor frio, acrceſcentarſeha a eſte emplaſto *unto de porco, raiz de malvaiſco, formento, & açafrão*. E ſe com iſto naõ madurar, faráõ *hum cozimento de malvas, violas, malvaiſco, linhaça, alforfas, ſevo de carneyro, & macella*, & com elle quente fomentaráõ a parte por grande eſpaço, & depois enxurgarſeha, & ſe applicará o emplaſto ſobredito, a que tambem ſe pòde ajuntar *farinha de linhaça*. E ſe o doente ſe enfadar deſtes emplaſtos, pòde-os applicar ſómente de noyte, & trazer de dia *emplaſto feliz Zachariæ, ou unguento baſilicaõ*, ou ſemelhante menos tedioſo.

Cap. 7. num 1. 13. met. c. 6. Lib. de abſ. c 14.

E advir-

E advirta-ſe, que nunca eſte apoſtema ſe abra crù, como alguns tiveraõ por opiniaõ errada; nem tambem ſe eſpere que por ſi arrebente, como encomenda Palmario, Fallopio, & Euſtachio. Mas como eſtiver baſtantemente maduro, *ſe abra* em lugar accommodado para expurgaçaõ da materia, *ao comprimento dos muſculos da verilha*, & ſe guardem os preceytos communs do apoſtema, que ſe abre. Depois de aberto ſe cure com ſua mecha molhada *em digeſtivo de gema de ovo, & azeyte roſado*, & ſe ponha por cima *pano de ovo*, ſe houver muyto calor, ou ainda *o emplaſto maturativo* ſobredito havendo alguma porçaõ, que naõ ſe maduraſſe. E ſe o doente for timiddo, póde-ſe abrir com cauſtico, cuja abertura dura mais tempo, & por tanto he mais conveniente, porque conforme dizem todos os Authores, para ſegurar o enfermo de morbo gallico, he neceſſario que eſteja muyto tempo aberto, a ſaber, couſa de dous mezes, ou pelo menos quarenta dias, para que toda a venenoſidade ſe expurgue, & fique o corpo totalmente livre. Loc. cit.

No que toca à ſangria ha grande duvida entre os Authores, porque huns totalmente naõ ſangraõ temendo o recurſo das materias adentro; outros querem que ſe ſangre, para que a natureza deſcarregada as poſſa lançar com mais facilidade no emunctorio. A mim me parece que nos principios por nenhum caſo ſe ſangre, (ſenaõ houver urgencia de algum outro mal, que ſe complique, a que ſeja preciſamente neceſſario acodir com ſangria) por naõ impedir o impeto da natureza. Mas no proceſſo da cura, ſe a fluxaõ for tanta, que ſe tema ſuffocaçaõ da parte, he neceſſario ſangrarſe; ou tambem ſe o tumor amuar a naõ madurar, he neceſſario ſangrarſe o doente, para que a natureza deſcarregada poſſa cozer, vencer, & lançar mais humores naquellas partes, conforme a doutrina de Galeno a ſemelhante propoſito. As quaes ſangrias naõ ſe daráõ no braço, ainda que haja grande enchimento, ſenaõ ſe temer mortificaçaõ, pelo perigo, que ha de retrahir a virulencia: mas darſehaõ no pè, conforme temos moſtrado na noſſa apologia, excepto ſe a fluxaõ for tanta, taõ quente, & taõ impetuoſa, que dè ſinaes de mortificar a parte, pela razaõ, que jà acima notamos. Mas eſte ponto tornaremos a diſputar na ſegunda parte. 11 met. c. 15. Quæſt. 19. art. 4.

Quanto à purga tambem he certo naõ convir nos principios, porque a inflammaçaõ he muyta, póde-a accreſcentar de modo, que ſe mortifique, & por eſſa cauſa a defende Galeno em ſemelhante caſo; & ſe he pouca, póde impedir a operaçaõ da natureza, que lança o humor no lugar do emunctorio, a qual antes ſe ha de ajudar attrahindo-o à meſma parte, conforme diſſemos, ſegundo a regra de Hippocrates: *Quæ ducere oportet, quo maximè natura vergit, per loca conferentia, eo ducere.* Quer dizer: *Haõ-ſe de lançar os humores noxios pelo caminho conveniente, que a natureza toma.* Com tudo ſe o bubaõ for muyto rebelde, & paſſaſſe muyto tempo, em que naõ ceda aos remedios applicados, conforme a razaõ, neſte caſo, depois de ſangria de pè tambem purgaremos o doente, & uſaremos dos alexipharmacos contra a qualidade gallica, porque ſe vè por experiencia que depois do corpo deſcarregado, & do uſo do páo, & ſalſa, ſe maduraõ bellamẽte os encordios rebeldes, como obſervou Euſtachio Rudio. Mas ſe o encordio ſe madurar facilmente, naõ ſe tente purga, antes de ſe abrir, nem tambem logo depois de aberto, ſenaõ houver alguma urgencia, que obrigue a fazerſe: antes ſerá melhor naõ ſe tratar de purga em quanto eſtiver aberto, por naõ divertirmos a natureza que actualmente ſe eſtá deſcarregando pelo lugar conveniente, conforme ao dito aphoriſmo: *Quæ ducere oportet, &c.* ſalvo pela demaſiada duraçaõ temermos que ſe faça fiſtula, calloſidade, ou chaga malignante na parte; ou tambem ſe parecer que no corpo ha tantos humores vicioſos, que naõ baſta- 31. met. c. 6. &c. 11. 1. aph. 28. Loc. cit.

rà aquelle expurgatorio, o que conheceràõ, conforme Rudio, pelos ſymptomas gallicos, ou porque ſobrevem naõ os havendo dantes, ou porque os que havia ſe naõ diminuem, ou ſe accreſcentaõ. E qualquer deſtes ſinaes que tenhamos, purgaremos o enfermo logo.

Lib. 5. de morb. vcn. c. 13.

Numero 3.

Cura do bubaõ gallico de humores frios.

ESTes ſaõ mais ordinarios, & demaſiadamente rebeldes de ſorte, que nem ſe maduraõ, nem ſe reſolvem, por mais efficazes que ſejaõ os medicamentos. Com tudo nos principios trataremos de os aquentar, & provocar os humores à parte, naõ ſómente com os medicamentos, que abayxo diremos, ſenaõ tambem mandando fazer exercicio ao doente, como andar a pè, jugar a pèla, & as armas, & ſemelhantes. Applicar-ſehaõ as medecinas attrahentes, & maturantes mais efficazes que as q̃ diſſemos no bubaõ de humor calido v. g. *Tomem raizes de malvaiſco, de lirio, & de norça, de cada hum ſua maõchea, raizes de malvas, folhas das meſmas, de cada huma outra maõchea; huma colher de linhaça, outra de alforfas, & coza-ſe tudo em agua baſtante*, & com eſte cozimento ſe fomente a parte por grande eſpaço de tempo, & logo ſe lhe applique eſte emplaſto: *Tomem raizes de malvaiſco huma libra, figos ſecos onça, & meya, cozaõ-ſe em agua, & depois ſe pizem & ajunte-ſe farinha de trigo duas onças, farinha de linhaça huma onça, enxundia velha de galinha, unto de porco, de cada hum duas onças, & com o cozimento em que ſe cozeraõ as ditas raizes, & figos ſe faça emplaſto.* Ou ſe faça outro *de formento de pão, raizes de malvaiſco, cebola cecem cozida, ou aſſada no borralho, & mel, tudo miſturado*, ou ſe faça *de raiz de norça cozida, cebola aſſada, alhos aſſados, & raiz de lirio cozida, tudo pizado com farinha de linhaça, & unto de porco.*

Ou ſe applique eſte de Fallopio: *Tomem diachilaõ mayor, armoniaco, bdelio, ſagapeno, de cada hum ſua onça; miſturem-ſe*; ou ſe faça eſte de Palmario: *Tomem rezina de pinho huma onça, armoniaco deſfeyto em agua ardente ſeis oytavas, galbano deſfeyto em vinho branco onça, & meya, diaquilaõ mayor duas onças, hermodatiles polvorizados, duas oytavas, & meya, laudano, eſtoraque, calamita, de cada hum oytava, & meya, oleo de lirio quanto baſte, faça-ſe emplaſto.* Póde-ſe tambem untar com *oleo de cebola ceſſem, ou unguento dialter, ou de aggripa*, ou com qualquer emolliente dos ſcirrhos, porque muytas vezes a natureza reſolve eſtes tumores, que tambem he boa terminaçaõ, conforme Fallopio, & a doutrina commua, poſto q̃ cõtra a opiniaõ dos idiotas, que cuydaõ que o meſmo he reſolver, que tornar para dentro, & cahir nos meſmos perigos, que ſuccedem da retracçaõ. Com tudo ſe puder ſer madurarſe, ainda he melhor termo em materias venenoſas, porque pelo artificio da abertura durando muyto tempo expira toda a venenoſidade, como nota Mercado com os mais Authores, & deſte modo ſe ſegura o doente de morbo gallico, & de recahida, ſegundo aquelle Texto de Hippocrates: *Quidquid ſuppurat, non recidit. Aquillo que ſuppura, naõ tem recahida.* E para qualquer deſtas intenções he muyto bom diaquilaõ gomado, ou algum dos outros.

Lib. 5 de rect. præſid. uſu c. 46. apel. ſect. 3. tex. 11.

Se o tumor naõ obedecer, aconſelhaõ todos eſtes Authores que ſe lhe applique *ventoſa ſeca*, & quando nem iſto baſte, convem *ſangrar no pè da meſma banda, & purgar o doente* com medicamento, que evacue humores groſſos, darlhe *apozemas de pão, & ſalſa*, & finalmente naõ baſtando iſto *os ſuores* dos meſmos, & *unturas de Mercurio.*

Os xaropes preparantes pódem ſer deſte modo. Rec. *Xarope de fumaria, & de avenca, de cada hum meya onça, xarope de borragem huma onça, agua de borragem*

gem tres onças, misturē-se. Ou este. Rec. *Xarope de duas raizes, & de borragē de cada hum sua onça, agua de fumaria tres onças; misturem-se.* E se a fleyma for muyta receyte-se este Rec. *Mel rosado coado hūa onça, xarope de borragem outra onça, cozimento de avenca, & de passas, & de flores cordeaes tres onças; misturem-se.*

A purga pòde ser esta. Rec. *Diacatholicaõ, & diaphenicaõ, de cada hum tres oytavas, xarope de El-Rey, sabor solutivo tres, ou quatro onças, cozimento, commum com sene quanto baste, faça-se bebida*, & se for pessoa facil em purgar, diminuaõ-se as quantidades, & tire-se o sene do cozimento. Ou faráõ esta. Rec. *Agarico trociscado hūa oytava, xarope Regio tres onças, confeyçaõ hamec composta duas oytavas, ou quatro da simplez, cozimento commum quanto baste, faça-se bebida.* Ou se purgue *com duas oytavas de jalapa*, que he milagrosa em humores gallicos, ou em lugar della, sendo pessoa fraca, & facil, sejaõ *duas oytavas de mechoacaõ.* E se antes quizer pirolas, receytem-se estas. Receytas. *Pirolas de fumaria, & agregativas, de cada huma sua oytava, diagridio tres grãos, com xarope de fumaria se formem nove pirolas*, & dourem-se se for pessoa mimosa.

As apozemas se faráõ deste modo. Rec. *Páo das Antilhas quatro onças, salsa parrilha tres onças, páo da China duas onças, lancem-se de molho em quinze quartilhos de agua espaço de vinte & quatro horas, & depois se ponhaõ a ferver na mesma agua com huma onça de polipodio atè se gastar ametade, & logo ajuntem tres onças de passas de uvas limpas dos pès, & dos graõlhos, & tres duzias de ameyxas passadas sem caroços, & raizes de borragens, de almeyraõ, & de lingua de vaca, de cada huma duas onças, & continue fervendo atè ficarem sómente sinco quartilhos, que he a terça parte, & logo ajuntem avenca, agrimonia, betonica, & erva molarinha, de cada hum meya maõchea, flores cordeaes seis oytavas, folhas de sene huma onça, semente de erva-doce huma oytava, canela outra oytava, & logo se tire do fogo; & esteja sem se coar atè que esfrie, & entaõ se coe, & torne ao fogo com vinte onças de bom assucar, que dè huma fervura, & torneſe a coar para que fique bem limpa da escuma*, & guarde-se em redoma de vidro bem tapada do ar. E se o doente for esquentado do figado, ou o tempo muyto quente, ou a natureza muy calida, naõ lhe lancem betonica, nem agrimonia, nem raiz da China, & misturemlhe logo em principio do cozimento com o polipodio *huma maõchea de cevada*, & no meyo do cozimento com as passas ajuntem *folhas de almeyraõ, ou de chicoria, & de borragem, de cada huma sua maõchea.* Esta apozema tomará em cinco dias hum quartilho cada dia, meyo pela manhã em jejum, outro meyo à tarde duas horas antes da cea, & sete depois de ter jantado, a tempo, que jà o estomago tenha o jantar digesto, & acabados os cinco dias continuará com outra feyta pela mesma receyta outros cinco. E neste tempo *beberà agua cozida com os mesmos páos, & salsa, que tem fervido na apozema*, que para isso se gurdaráõ, & se faráõ com elles dous cozimentos lançando ametade a cada hum, em cinco canadas de agua, que se gaste huma. E se o doente for mimoso, *cozaselhe agua com salsa nova, que naõ tenha fervido*, cozendo meya onça em seis canadas, que gaste huma, porque a salsa, & páo, que se tem cozido com os outros materiaes, fazem na agua màõ sabor. E se com a apozema acima purgar pouco, póde lançar de infusaõ em toda ella mais *meya onça de sene*, & se faltar algum dos páos, supraſe com outro, & se se fizer em parte onde naõ haja todas as ervas (que ainda que parecem faceis, he cousa, que acontece algumas vezes) faça-se sem ellas, accrescentando mais das outras pouco differentes em virtude.

Esta apozema naõ he mais que para exemplo, mas pòdem-se fazer outras, que adiante vaõ receytadas para curar a terceyra especie do morbo gallico, & cada

hum pòde ordenar as que lhe parecerem conforme a indicaçaõ do mal, & a natureza do enfermo.

Advirta-ſe que mandaõ alguns Authores, como Euſtachio Rudio, & outros, applicar *medicamentos cauſticos* ao encordio quando naõ obedece, nem às curas ſobreditas, nem às que ſe fazem em fórma ao morbo gallico; *porèm he couſa perigoſa*, como elles meſmos advertem, *por quãto dos cauſticos, naõ ſe cozendo o tumor, ſe fazem fiſtulas, ou taes chagas calloſas, que ao depois difficilmente ſaráõ*, & por tanto deyxo de eſcrever as receytas delles.

Mais ſe advirta que ſe ao tumor aberto, quando por ſuppuraçaõ ſe termina, ſobrevier alguma fiſtula, calloſidade, ou podridaõ, ſe lhe acuda lavando *com agua forte, ou com a aluminoſa de Fallopio, ou com outra de ſolimaõ*, das que na cura das chagas diſſemos, & havendo profundidade, ou caverna, lancemſe por firinga, ou ſe appliquem em mecha aquelles unguentos corroſivos, que diſſemos na cura das chagas do terceyro genero por authoridade de Rudio, & ſe faráõ as mais couſas, que pedir o preſente eſtado da chaga.

Na materia de comer imaginaõ alguns (ſeguindo a opiniaõ do vulgo) que ſendo os encordios rebeldes, ſe ha de comer indiſcriminadamente tudo, para q̃ a natureza afflicta da copia dos excrementos, que dos mantimentos ruins ſe gèraõ os deſcarregue na verilha, & façaõ madurar os outros. Reprova porẽ eſta pratica Euſtachio Rudio, & com muyta razaõ porq̃ ſe eſtes humores excrementaõ ſobre os outros, ſerviráõ de mayor carga, & taõ fóra ficaráõ de aproveytar ao cozimento, que antes ſeraõ cauſa de mayor crueza, ſuffocando o calor natural, por ſerem muytos, & craſſos, aſſim como acontece ao fogo pequeno, lançandolhe muyta lenha verde, ſegundo diz Galeno. Pelo que uſe o doente de bons mantimentos, que ſe cozaõ facilmente, & que tenhaõ virtude de attenuar, & de incindir a craſſicie, & viſcoſidade dos humores que fazem o tumor, pois por eſtas qualidades reſiſtem à maturaçaõ. Porèm naõ coma o doente pouco, ſenaõ aquillo, que bem digere, & digeria no tempo da ſaude, como galinha, perdiz, coelho, & mais caça do monte, carneyro, ovos, caldo de grãos, paſſas de uvas, amendoas, & outros ſemelhantes; advertindo que ſerá bom temperar o comer com vinagre moderado (porque ſempre o muyto he danoſo) pela virtude, que tem inciſiva, & attenuante.

Lib. 5. de morb. ven. c. 10. 4. acu. ad tex. 111.

ANNOTAÇOENS.

Numero 1.

LIvrar do morbo gallico. *Entende o Author que pelos encordios, ou mulas, como o vulgo lhe chama, ſe pòde livrar o corpo do contagio gallico, ſem uſar dos alexipharmacos arrojãdo-o a natureza por eſtes abſceſſos, & ficãdo a maſſa ſanguinaria ſem inquinamẽto, nem infecçaõ contagioſa. Engana-ſe porẽ com os maus Authores a quem ſegue; porque pelos abſceſſos poderà a natureza depôr os humores gallicos com que ſe vir onerada, & opprimida; porèm o contagio, que eſtà ſigillado na maſſa do ſangue, eſte naõ pòde a natureza ſeparallo para o arrojar a alguma parte, nem para o expulſar do corpo; & por iſto ſe não vence o contagio gallico por evacuações criticas; porque ainda que nos gallicados haja evacuações por varias vias, ſahindo por ellas os humores, ſempre nos que ficaõ dentro ſe conſerva o contagio, atè que por beneficio dos ſeus antidotos ſe vence, & ſe extingue. Donde ſe vè como erra quem cuyda que chegando a madurar hum encordio, & a romperſe, por elle ſe livraõ os gallicados do contagio que contrahiraõ*

rão; o que he tanto pelo contrario, que do meſmo apoſtema, em qualquer eſtado que ſeja, ſe póde inficionar mais o ſangue, recebendo delle algumas particulas contagioſas, que facilmente no ſeu circulo ſe lhe communicão.

E ſe o bubão. *Continua o Author no meſmo erro, dizendo, que ſe o encordio madura, & ſe conſerva muyto tempo aberto, preſerva do morbo gallico, & cura o que no corpo havia; no que ſe engana craſſamente. Porque ſe o contagio antes do bubão eſtava communicado à maſſa do ſangue, como póde emendarſe pela expurgação do apoſtema o vicio, & infecção della? Ainda que o encordio ſe conſerve aberto dous annos, nunca por elle ſahirá o contagio, que chegou a ſigillarſe no ſangue; porque o contagio não ſe aparta do ſangue, em quanto com os ſeus alexipharmacos ſe não extingue. E ſe o bubão madura antes de haver gallico communicado ao ſangue, na ſua meſma duração ſe lhe communica o contagio; porque o meſmo ſangue circulado pelas partes do encordio, o vay tomando, & recebendo. E ninguem cuyde que vindo hum encordio depois de huma gonorrhea, ſe cura, ou preſerva de gallico, abrindo-ſe o tumor, & purgando muyto tempo, como entendem muytos Medicos, & Cirurgiões, empenhando-ſe na maturação do encordio, que ordinariamente ſe conſegue tarde, ou nunca. Para ſe preſervar de que o gallico ſe cõmunique ao ſangue neſte caſo, he neceſſario acodir lhe logo com os ſeus antidotos, & curar o encordio com mercurio; & ſe for na preſença de gonorrhea, terão lugar as pitolas de trementina com mercurio, alcanfor, & ſal ae chumo, na fórma, que diſſémos nas Annotações ao Capitulo antecedente.*

Na verilha ſe detiverão. *Bem póde ſucceder que ſem eſtar o gallico communicado à maſſa ſanguinaria, ſobrevenhão encordios às gonorrheas, & puſtulas das partes obſcenas; aſſim porque com as dores que cauſão eſtes achaques, ha concurſo de humores às partes bayxas; com os quaes ſe enchem as glandulas das verilhas, & ficão tumoroſas: como porque do meſmo contagio da gonorrhea, & puſtulas, ou carnições ſe elevão alguns effluvios acidos, que paſſando pelas partes eſpermaticas às glandulas das verilhas, vicião a lympha, & fazendo-a muyto azeda, ſão cauſa de haver coagulações, & eſtagnações de que naçaõ os tumores, communicando-ſe tambem aſſim os ſeminarios do contagio de humas a outras glandulas; de que procede apparecerem algumas vezes mais tumores por differentes partes.*

Numero 2.

DUas indicações. *Na cura dos encordios propoem Madeyra duas indicações abrandar a dor, & ſolicitar a maturação. Abrandar a dor quando he grande em todo achaque importa muyto. Solicitar a maturação, he neſte achaque pouco importante. O que nelle convem muyto mais, he ſatisfazer a indicação de extinguir o contagio de que procedem os encordios, ou elle eſteja communicado ao ſangue, ou occupe ſómente as partes bayxas; porque ſe eſtes apoſtemas procedem de gallico já communicado ao ſangue, neceſſitão de cura regular, feyta com os alexipharmacos deſte contagio. Se elle não paſſa ainda das partes obſcenas, he neceſſario extinguillo nellas, antes que o ſangue, & a lympha ſe vão conſpurcando nas ſuas circulações, por meyo das quaes ſe lhe communicão facilmente os ſeminarios gallicos; que quanto empenhar em que ſe madurem eſtes tumores, he empreza, que ordinariamente fica fruſtrada, & quando ſe vem a conſeguir, he em longo tempo, quando já o gallico ſe póde ter communicado ao ſangue. E ainda que ſucceda abrirem-ſe os encordios em poucos dias, nem por iſto ſe eſcuſão os alexipharmacos deſte contagio, como temos dito, pela facilidade com que o ſangue recebe o vicio contagioſo no ſeu circulo. E por iſto nos parece, que os que tiverem eſtes apoſtemas, uſem de mercurio, ou elles ſuppurem, ou não ſuppurem; que ſempre aſſim ficão os*

encordios

encordios mais bem curados, & o ſangue livre da infecçaõ gallica.

Applicarſeha tambem emplaſto. *Entre os medicamentos topicos com que ſe ſolicita a reſoluçaõ, & maturaçaõ dos encordios, tem bom lugar o ſeguinte emplaſto:*

Tomem de eſterco de pombos feyto em pò, huma onça de açafraõ pizado duas oytavas, de enxundia de gallinha quanto baſte, faça-ſe emplaſto, & applique-ſe quente, renovando-o cada doze horas.

Os emplaſtos de galbano deſatado em vinho, tambem ſaõ convenientes, & naõ menos eſte:

Tomem de raiz de malvaiſco, & de açuſſena, de cada couſa ſeis onças; de folhas de malvas, de malvaiſco, de parietaria, de violas de cada couſa huma maõchea; pizem-ſe, paſſem-ſe por peneyra, & jũtem-ſelhe duas cebolas aſſadas, & com quanto baſte de oleo de açuſſena. Se faça cataplaſma, que cada doze horas ſe renove.

1. Muſit. cap. de bubone veneteo.

Carlos Muſitano 1. *exalta com taes encarecimentos o ſeu emplaſto, a que chama* Benedicto, *naõ ſó para madurar brevemente eſtes apoſtemas, mas tambem as alporcas, & quaeſquer outros tumores, ainda que ſejaõ os thopos dos gottoſos, que nos pareceo lembrallo neſte lugar, & dizer a ſua compoſiçaõ, que elle affirma, & revelàra por charidade. Ouçamos primeyro os ſeus louvores:* Ob charitatem erga fratres, nobiliſſimo, & efficaciſſimo emplaſtro, quod Benedictum appellamus, Rempublicam Medicam ditamus, cujus ſola ſuperpoſitione, & renovatione, non tantùm venereus bubo matureſcit, & aperitur, verum ſtumas ad quas utimur; cunctos tumores, tum calidos tum frigidos, imò tophos podagricos matureſcere facit, & ad cicatricem uſque ſanat. *A ſua compoſiçaõ he neſta fórma:*

Emplaſto Benedicto de Carlos Muſit.

Tomem de azeyte commum tres libras, de raiz de cana duas onças, de raiz de lirio celeſte tres onças, de raiz de malvaiſco onça, & meya. Quando o azeyte vay começando a ferver, lancemlhe as raizes limphas, cortadas em talhadinhas, cozaõ-ſe atè que fiquem negras; entaõ tirem-ſe, & lancemlhe pouco a pouco tres onças de alvayade, meya onça de tutia preparada, tres onças de cera amarella; & mexendo ſempre bem, coza-ſe tudo, atè que fique negro, & em conſiſtencia de emplaſto; entaõ juntemlhe duas oytavas de balſamo negro; tire-ſe do lume, & guarde-ſe.

Non credibile eſt (*continua o meſmo Author nos encomios deſte remedio*) quantum emplaſtrum hoc ad maturanda omnis generis apoſtemata, rumpenda, & ſananda valeat, ita maior eſt experiencia verbis, ut æger ſui ipſius ſit Chirurgus.

Nunca eſte apoſtema ſe abra crù. *Saõ ordinariamente difficultoſiſſimos de reduzir a maturaçaõ eſtes tumores, & deſprezaõ quantos remedios a eſte fim ſe lhe applicaõ, razaõ porque alguns Praticos os abrem crùs, para que ſe extrahaõ os ſeminarios contagioſos, antes que ſe communiquem à maſſa do ſangue. Porèm ainda que eſtes tumores ſe rompaõ antes da ſua maturaçaõ, como depois duraõ muyto tempo abertos, & delles ſe naõ apartaõ todos os ſeminarios do contagio, he o meſmo que ſe os naõ abriraõ, em quanto para ſe communicar o dano às partes internas; & mais quando naõ ha duvida, em que o ſangue circulando pelas partes tumuroſas, pòde receber o contagio facilmente, ou os tumores eſtejaõ duros ou ſupporados. O que logo parece mais conviniente quando os encordios ſe obſtinaõ aos remedios maturativos, he deyxar o empenho de os abrrir, & uſar do mercurio para os desfazer, como aconſelha Barbeyrac, 2. dizendo:*

2. Barbeyr. de luc vener.

Aliquando accidit ut bubones ſint ineluctabilis duritici, & omnium emollientium vim fugiant, & ſcirrhoſi fiant, & tunc opus eſt hydrargiroſi.

Sangria. *No que toca a ſangrar neſtes apoſtemas, dizemos, que ſe houvermos de ſangrar por razaõ de algum incidente que ſobrevenha, para cuja cura ſeja preciſo eſte remedio, ſe faça na parte em que mais conveniente for para vencer o dano, ou ſeja no pè, ou no braço, pelas razões que propuzemos nas Annotações ao* num. 1. do Capitu-

lo

lo VII. & ao num. 5. do Capitulo VIII. & ao num. 2. do Capitulo antecedente. *E ſe houvermos de ſangrar para fazer cura alexipharmaca a eſtes tumores, faça-ſe a ſangria no pè da outra banda; & havendo encordios em ambas as verilhas, faça-ſe em qualquer pè que ſeja; ou ſe uſe de ſanguexugas nas veas humorrhoidaes, quando iſto parecer que baſta para ſatisfazer às evacuações de ſangue.*

Purga. *E em quanto à purga dizemos, que nos encordios, que naõ procedem de gallico communicado ao ſangue, naõ he neceſſario purgar para curallos logo no principio delles; ſó ſe pela ſua duraçaõ for preciſo fazerlhes cura com remedios alexipharmacos, entaõ ſe uſarà de medicamentos purgantes, quando jà naõ haja inflammaçaõ, que poſſa impedillos. E neſte caſo ſaõ appropriados os remedios mercuriaes, como he o mercurio calomelanos, & o branco precipitado, que com diagridio de Paracelſo fazem operaçaõ boſtante:*

Numero 3.

REbeldes. *Taõ cervicoſos ſaõ eſtes apoſtemas, que ordinariamente deſprezaõ todos os medicamentos, que para ſuppurarem ſe lhe applicaõ; & com tudo iſto naõ faltaõ Praticos, que põem todo ſeu empenho em fazellos madurar, aconſelhando para iſto exercicios, immoderados, & violentos, & fregaçoens aſperas nos meſmos tumores; entendendo, que ſuppurando elles, & durando muyto tempo abertos, ſe livra o corpo do contagio gallico, que tem contrahido. Mas eſta praxe ordinariamente cunde em dano dos doentes. Porque ſe o encordio naõ procede de gallico jà communicado ao ſangue, conſervando-ſe muyto tempo antes, & depois de aberto, là ſe lhe vem a communicar o contagio, naõ ſó paſſando de huma parte a outra, mas ſigillando-ſe na maſſa do ſangue por meyo da ſua circulaçaõ. E por iſto todo o empenho na cura deſtes tumores, deve eſtar em extinguir o contagio de que procedem, uſando para iſto dos ſeus alexipharmacos, no meſmo tempo em que ſe applicarem os remedios topicos; porque aſſim, ou ſe reſolvem, ou ſuppuraõ com mais facilidade, infringindo-ſe o acido contagioſo, de que naſcem aquellas coagulaçoens taõ duras, & tenazes, como temos obſervado algumas vezes, & ha pouco tempo obſervàmos no ſeguinte caſo.*

Hum homem de mais de cincoenta annos de idade, & de temperamento melancholico, cuja vida he ſedentaria, não tendo gallico quando mancebo, veyo a contrahillo depois de velho, manifeſtando-ſe elle, depois de hum congreſſo impuro, em chagas, & carieçoens das partes obſcenas, & paſſados ſete dias, em hum encordio grande com poucas dores. Vendo-ſe o homem com eſtes males, buſcou Cirurgiões, que lhe applicàraõ remedios maturativos, ſem nenhum effeyto. Reccorreo a Medicos; & dizendolhe huns que ſe curaſſe logo com os alexipharmacos deſte contagio, outros lho impediraõ, perſuadindo-o a que tal naõ fizeſſe, & ſó ſe empenhaſſe em abrir o tumor, para que por elle ſahiſſe toda a infecçaõ contagioſa, que houveſſe no corpo. Mas o que reſultou deſte conſelho, foy, que naõ podendo ſuppurar o tumer com nenhumas diligencias, o doente ſe tolheſſe das juntas, de maneyra, que nem veſtirſe, nem moverſe podia; porque jà o gallico do encordio ſe havia communicado ao ſangue, & tinha produzido eſtes danos, de que ſe vio livre dentro de dezoyto dias, tomando por conſelho noſſo mercurio precipitado, com diagridio de Paracelſo, havendo precedido alguns purgantes brandos.

Naõ ha duvida, que a melhor cura deſtes encordios eſtà em uſar logo dos alexipharmacos antivenereos: porq̃ aſſim, ou ſe reſolvẽ, ou ſuppuraõ mais facilmẽte com os remedios a eſte fim applicados; quanto empenhar ſó em fazellos abrir à força de medicamẽtos topicos, ordinariamẽte he trabalhar em vão; & he dar tempo a que o contagio ſe communique ao ſangue, & reſultem mayores danos, como ſuccedeo ao doente no caſo referido. Nem ha que temer os alexipharmacos: porque ſem dano ſe toma hum ponco de

mercurio; ou qualquer outro remedio dos muytos que neſta obra ſe achaõ para curar gallico, preferindo entre todos o mercurio bem preparado, como mais brando, mais ſnave, & mais efficaz remedio.

Se o tumor naõ obedecer. *Não obedecem ordinariamente eſtes tumores aos remedios locaes, como temos dito; & neſtes termos aconſelha o Author, que ſe lance huma ventoſa ſecca, (remedio inutil) & não arpoveytando, ſe recorra a apozemas de ſalſa, & páo ſanto; depois a ſuores, & ultimamente ao azougue. De ſorte, que não ſe quer valer do azougue, ſenaõ depois que na dilação de applicallo, ſe faz o gallico taõ rebelde, que não cede a outras curas; as quaes ſe eſcuſaõ todas, recorrendo logo à generoſa virtude alexipharmaca do azougue, na preparação do mercurio doce, ou branco precipitado, ou de alguma panacéa mercurial benigna, efficaz, & ſegura. E aſſim nos parece que a cura deſtes tumores ſe deve fazer na fórma ſeguinte.*

Cura dos encordios gallicos.

OS encordios ou apparecem antes, ou depois de eſtar o gallico communicado ao ſangue. Apparecem antes de eſtar communicado, como ſuccede nos que tem puſtulas, chagas gallicas, & gonorrheas virulentas, das quaes paſſaõ os ſeminarios contagioſos às glandulas das verilhas, aonde com o ſeu acido venereo fazem coagulações, & cauſaõ eſtes tumores. Apparecem depois de viciada a maſſa ſanguinaria, & a lympha com o fermento gallico, de que reſultaõ varias eſtagnações, & coagulações em diverſas partes do corpo; ſendo humas dellas nas ditas glandulas, por ſe enviſcar, & coagular a lympha, & o ſangue com o acido acre, & viſcido deſte contagio. Quando os encordios procederem ſómente do contagio que occupa as partes bayxas, he neceſſario tratar logo de extinguillo com os ſeus antidotos, para que não chegue a viciar o ſangue, & para que eſtes tumores ſe reſolvaõ, ou ſuppurem mais facilmente com os remedios topicos, eſtando com menos actividade o acido venereo, de que depende a ſua tenacidade. Applicar-ſehaõ logo os remedios locaes pelo methodo que o Author enſina, fazendo-os anodinos, ſe houver dor, & juntamente maturativos; porque com elles, ou ſe reſolvem, ou ſuppuraõ. E quando naõ houver dor, ou porque o apoſtema veyo ſem ella, ou porque os remedios a mitigàraõ, uſar-ſehaõ emplaſtos, que tenhaõ virtude de deſcoagular, diſſolver, & volatilizar a materia dos ditos apoſtemas, para que, ou ſe reſolva, ou entre a fermentar-ſe, & a cozer-ſe, & finalmente chegue a ſuppurar-ſe. Para o que tem bom uſo os emplaſtos que propuzemos nas Annotações ao num. 2. *deſte Capitulo, & os que ſe fazem de eſperma ceti com mercurio, que tem huma inſigne virtude deſcoagulante, & diſſolvente. Receytaõ ſe deſta maneyra:*

Tomem de emplaſto de eſperma ceti meya onça, de azougue morto com agua ardente huma oytava; miſture-ſe, & ponha ſe no encordio o que for neceſſario.

Ou ſe uſe deſte:

Tomem de diaquilaõ gomado meya onça, de azougue extincto com agua ardente duas oytavas, miſturem-ſe.

O emplaſto diaphoretico de Mynſichio he muy louvado para eſtes, & todos os tumores duros; & ſerà de mayor efficacia, ſe a cada onça de emplaſto ſe miſturarem tres oytavas de azougue extincto com agua ardente. A ſua compoſiçaõ he eſta:

Emplaſ. to diaphoret. de Mynſich.

Tomẽ de goma ammoniaco duas onças, de goma elemi onça, & meya, de ſagapeno hũa onça, deſatem-ſe em baſtante quantidade de vinagre, & pouco a pouco ſe lhe và juntando huma libra de cera amarella, tres onças de trementina clara, & quatro onças de colophonia, cada couſa de per ſi, a fogo brando, mexendo bem tudo; & eſtando aſſim, ſe lhe miſture alternadamente quatro onças de pós de bedelio, tres onças de alambre citrino,

huma

huma onça de incenſo macho, outra de almecega, & ſeis oytavas de ſandaracha, agitando todas eſtas couſas a fogo brando por tempo de huma hora, atè que eſtejaõ exactamente miſturadas, & faça-ſe emplaſto. Serve para todos os tumores duros, & ſendo gallicos, ficará mais activo miſturandolhe azougue na fórma que temos dito.

O ſeguinte emplaſto naõ he de menos utilidade:

Tomem tres onças de azeyte commum em que tenhaõ cozido limaduras de chumbo; de reſina, & de goma elemi, de cada couſa tres onças; de chumo com ametade de azougue derretido ao fogo, & feyto em pó, meya onça; de alvayade lavado, de tutia preparada, & de pedra calaminar, de cada couſa duas oytavas; de cera amarella derretida, & lavada, huma libra; miſturem-ſe, & faça-ſe emplaſto.

Emplaſto a que chamaõ magiſtral de Tenque.

Deſte emplaſto he o Author Tenque, 3. o qual o inculca para chagas malignas, & cancroſas; porèm nòs ſabemos, que naõ ſó ſerve para eſtas chagas, ſenaõ que he grande remedio para os tumores duros, em qualquer parte que eſtejaõ; para glandulas, caroços, & mais apoſtemas; porque diſſolve, & deſcoalha a limpha craſſa, & viſcida de que procedem; do que temos algumas experiencias; o que ſeu Author naõ ſoube, viſto que ſó o applica para remedio das chagas cancroſas, ſem o recomendar para outros uſos. O emplaſto magnetico arſenical de Angelo Sala he tambem de grande virtude para eſtes tumores, & para todos os tumores duros, & rebeldes. A ſua compoſiçaõ ſe pòde ver na Pharmacopea Luſitana Reformada fol. 479.

3. Tenke part. 1. cap. 12.

No meſmo tempo em que ſe forem uſando eſtes remedios, ſe darão alguns alexipharmacos, que extingaõ os ſeminarios do gallico; ou ſejaõ cozimentos de ſalſa, páo ſanto, & raiz da China, de que ſe pòde tomar meyo quartilho de manhã, & outro meyo de tarde; continuando dez, ou doze dias: ou ſejaõ pirolas de mercurio doce, ou precipitado, tomando cada manhã oyto, ou dez grãos, em ſinco, ou ſeis dias, como aconſelhamos no fim das Annotaçoens ao Capitulo VII. *deſta maneyra:*

Tomem de mercurio branco precipitado, de antimonio diaphoretico, de cada couſa deſtas oyto grãos, miſturem-ſe, & com alquitira ſe façaõ pirolas para tomar de huma vez, & dourem-ſe.

Deſte modo ſe curaõ facilmente os encordios gallicos, & ſe extinguem os ſeminarios contagioſos, antes de contaminarem a maſſa ſanguinaria. E quando elles apparecem depois de eſtar o gallico communicado ao ſangue, uſando dos meſmos remedios topicos, ſe fará huma cura regular a extinguir eſte contagio com os ſeus alexipharmacos, preferindo ſempre o azougue, ſenaõ houver contraindicaçaõ, que o exclua.

CAPITULO XIII.

Da hernia gallica.

Numero 1.

TOdas as inflammações de teſticulos, conforme Galeno, ſe chamaõ em Grego *chylas*, a que no Latim reſponde *ramices*, ou *hernias*. Eſtas ou ſaõ verdadeyros apoſtemas, ou tem ſómente huma ſemelhança delles, conforme Guido. As hernias verdadeyros apoſtemas ſaõ de cinco eſpecies, a ſaber, humoral, aquoſa, ventoſa, carnoſa, varicoſa. As que ſaõ por ſemelhança ſaõ duas, a ſaber, zirbal, & inteſtinal, que ſaõ as que o vulgo chama quebraduras da verilha.

Lib. de tumor. præter-nat. cap. 83. Tract 2. doct. 2 c. 7.

Todas eſtas eſpecies de hernias pòdem naſcer de morbo gallico, porèm neſte lugar trataremos *ad extenſum* daquellas ſómente, que ſaõ ordinarias, em que ha maisduvida, a ſaber das humoraes, porque as outras quatro naõ differem em

ſua cura das que naõ ſaõ gallicas, mais que em haverem de ſe lhe applicar os alexipharmacos do morbo gallico.

A hernia humoral he aquella, que ſe faz de humores à prædominio quentes, & he propriamente hum fleymaõ poucas vezes legitimo, algumas eryſipelatoſo, & frequentemente ſcirrhoſo. A cauſa da que he gallica, he ſempre o contagio, porque humas vezes ſobrevem chagas gallicas, outras gonorrheas purulentas, ou porque ellas ſe ſupprimaõ, como notou Fernelio, ou porque ſem haver ſupreſſaõ ſe communicou o contagio as partes ſuperiores, ou finalmente, porque as dores, calor, & mais ſymptomas trabalhoſos da gonorrhea foraõ cauſa de haver fluxaõ àquella parte, como ſe colhe de Galeno, *ibi*: *Senè evacuamus totum corpus, &c.* E logo: *Nam dolor, & calor membri fluxionis cauſæ fiunt.* E tambem ſem haver leſaõ manifeſta neſtas partes, ſuccede algumas vezes depois da converſaçaõ impura, communicando-ſe a mà qualidade inſenſivelmente ao figado. E como eſta parte eſteja ſituada entre as duas vias dos excrementos, & ſeja de ſubſtancia rara, & molle, por iſſo diz Nicolao Florentino, he mais ſugeyta a receber os humores ſuperfluos do corpo, & por tanto, tendo-os o figado gèrado, he facil ajuntarem-ſe no dito lugar.

Lib. 6. p. morb. c. 13. Lib. 13. met. c. 5. Fen. 7. tr. 3. ſum 2. c. 63.

Conhecerſeha ſer gallica, porque procederáõ os ſinaes do contagio, o ſer puro fleymaõ pelos ſinaes delle, a ſaber, tumor, rubor, calor, & pulſaçaõ. E ſe for eryſipelatoſo, haverá ſymptomas da eryſipeos, que he grande incendio, ardor, menor tumor, cor menos vermelha declináte a citrina. E ſe for ſcirrhoſo, (por quanto ſer edematoſo, he muy raro, porque ainda que haja fleymas de miſtura, ſaõ preternaturaes craſſas com alguma ſequidade, & fazem durez) conhecerſeha pelos ſymptomas do ſcirrho, que ſaõ dureza com pouca dor. O que tudo eſtá claro pela doutriña commua da Cirurgia.

E porque humas vezes ſe faz eſte apoſtema na bolſa dos teſticulos, outra inſinuando-ſe o humor na meſma ſubſtancia delles, conforme tem Avicena; conhecerſeha ſer na bolſa, porque he mayor o tumor, & mayor a dor, & de tal modo, que tocandolhe levemente o naõ pódem ſofrer. E quando he na meſma ſubſtancia, he a dor menor, & ſofrem que ſe lhe carregue ſegundo nota Paulo; & logo o teſticulo he mayor, & mais duro que o outro, & a dor delle pulſatoria, & parece que ſe eſtende atè os rins como nota Accio, pela communicaçaõ das veas, & arterias; & a cauſa da menor dor ſe pòde referir a ſerem de ſubſtancia glanduloſa, como nota Galeno lib. de ſemine, por cuja cauſa naõ tem ſentido, nem pódem padecer dor alguma, conforme nota Cornelio Celſo, & o ſentimento, que tem, lhe procede ſómente da tunica, de que eſtaõ cubertos.

Fen. 201. tr. 2. c. 1. Lib. 2. c. 54. Lib. 24. c. 20. Lib. 17. & 14. de uſu part. c. 10. Lib. 7 c. 10. Loc. cit.

Os prognoſticos ſaõ que de ordinario eſte apoſtema, quando ſe naõ reſolve, ſe termina por induraçaõ, que neſta parte he melhor que ſuppuraçaõ, conforme Avicena, porque della ſe fazem fiſtulas incuraveis, & ſe corrompem os teſticulos, que naõ ſómente ſaõ membro principal a reſpeyto da conſervaçaõ da eſpecie, mas tambem fazem muyto ao caſo para a conſervaçaõ do individuo, porque, conforme Galeno, delles emana huma certa qualidade, que influe em todo o corpo, & corrobora o coraçaõ, & as mais partes principaes, & o calor natural: de que reſulta ſerem as operações mais perfeytas como ſe moſtra das peſſoas, & animaes, que delles carecem, nos quaes a pulſaçaõ das arterias he mais debil, a voz mais delgada, a barba ſem cabellos, & o corpo todo fraco, & afeminado: & por tanto ſaõ perigoſos os ditos apoſtemas.

Lib. de ſen. c. 16.

Numero 2.

Cura da Hernia humoral gallica.

NA cura ha duas indicações commuas com as da hernia, que naõ he gallica; huma he impedir a fluxaõ do humor, outra evacuar o que eſtà na parte. Acodeſe à fluxaõ do humor principalmente com ſangrias, de que pòde haver grande duvida ſe ſe haõ de fazer no pé, ſe no braço, porque conforme Nicolao Florentino, no braço ſe deviaõ fazer primeyro para reveller a fluxaõ do humor, ſegundo as regras geraes de Hippocrates, & Galeno, & depois de parada a fluxaõ, no pè para evacuaçaõ do que eſtá na parte, ou veas vizinhas. Porèm a má qualidade gallica eſtà em contrario prohibindo a dita ſangria do braço pelo temor que ha de ſe retrahir ao figado, & parece que obriga a darſe no pé, conforme diſſémos da que convem à gonorrhea purulenta, bubaõ, & chagas gallicas. Na qual duvida ſe procederá deſte modo. Lib. 1. de humor. tex. 13. & 15. & ſæpè alibi.

Se a fluxaõ for impetuoſa, & a inflammaçaõ muyto fervida, & o corpo muyto cheo, ſangrarſcha o doente as primeyras vezes no braço atè ſe depôr alguma parte do enchimento, & ſe moderar a fluxaõ. Porque neſte caſo ſe a ſangria do braço ſe naõ fizer, corre grande perigo de ſe mortificar, ou pelo menos ſuppurar, & conſequentemente perderſe a parte, que alèm de ſer taõ neceſſaria, como eſtá dito, ha na mortificaçaõ perigo de vida mais proximo (& ainda preſentaneo) que o que ſe póde ſeguir do veneno gallico, que poſto que ſe communique, & ſeja trabalhoſo, & mortifero, dà indicios para ſe poder depois curar, o que naõ tem a mortificaçaõ da parte.

Porèm naõ havendo eſta urgencia, a ſaber, naõ ſendo a fluxaõ impetuoſa, nem a inflammaçaõ muyto fervida, nem o corpo muyto cheyo, darſcha a ſangria no pé, primeyro no contrario atè ſe depôr muyta parte do enchimento, & ſe moderar o fluxo, & depois no proprio para dirivar com alguma evacuaçaõ da parte affecta. E he a razaõ manifeſta; pois quando naõ ha urgencia de perigo de morte, bom ſerá eſcuſar o doente de huma cama de boubas, que tanto cuſtaõ, como experimenta o miſeravel, que as padece. E naõ tem a ſangria do pé tanto perigo em precipitar humores abayxo como alguns cuydaõ; porque infinitas vezes a tenho neſte caſo executado ſem máo ſucceſſo algum, antes de ordinario faz milagres, & Paulo a manda dar dizendo: *Teſticulorum inflammationibus propriè convenit ſanguis ex talo dimiſſus.* Quer dizer: *Convem propriamente ſangria de pé à inflammaçaõ dos teſticulos.* A quem ſeguio Cornelio Celſo dizendo: *In teſticulis verò ſi qua inflammatio ſine ictu orta eſt, ſanguis ex talo mittendus eſt.* Quer dizer: *Se nos teſticulos houver inflammaçaõ ſem occaſiaõ de golpe, ou ferida, ha-ſe de ſangrar no pé.* O que ſe confirma com todas as regras de Galeno, & dos mais Principes da Medicina, que temos allegado na noſſa apologia, os quaes todos mandaõ ſangrar no pè havendo inflammaçaõ de qualquer parte dos rins abayxo, ſem excetuarem caſo algum, como nós de preſente exceptuamos, & leaſe aquelle texto que diz: *Rebus verò, & veſica, & pudendo, & utero ſic habentibus, (id eſt, ſi inflammari incipiant) eas venas, quæ in cruribus ſunt ſitæ, (ideſt incindere) ac potiſſimum circa poplitem; ſin minus eas, quæ juxta malleolos.* Quer dizer: *Se os rins, ou bexiga, ou as partes vergonhoſas, ou a madre começarem de ſe inflammar, ſangrarſehaõ as veas das pernas, eſpecialmente as da curva, ou pelo menos as do artelho.* A qual doutrina repete Galeno muytas vezes, & ſe ſuccedèra mal deſtas ſangrias, naõ houvèra de fazer huma regra geral taõ perigoſa como alguns cuydaõ, dizendo que algumas vezes poderá acontecer, ou acontece inflammarſe Lib. 3. c. 4. Lib. 6. c. 13. 13. met. c. 11.

flammarſe mais a parte com ellas: ao que reſpondo, que tambem alguma vez ſuccede picarſe hũa arteria, ou fluxo de ſangue, ou fazer dano huma purga, ou mortificarſe a perna de alguma fonte, & com tudo naõ deyxaõ de ſe fazer eſtes remedios quando ſaõ neceſſarios, uſando de todos as cautelas para ſe preſervarem taes ſucceſſos, & aſſim ſe ha de fazer neſtes caſos das ſangrias dos pès. Pelo que naõ correndo o humor com grande impeto, nem eſtando o corpo muyto em demaſiado cheyo, nem ſendo a inflammaçaõ grandemente fervida, elegerſeha a ſangria do pè, por eſcuſar ao enfermo de humas perigoſas boubas.

Trat. 2. c 1 Gal. per tot. Lib. de ſang. miſ. c. 18. A indicaçaõ, que ſe toma do humor, que corre, ou eſtá na parte, conforme as regras geraes de Guido tiradas de Galeno, manda que nos principios ſe applique puros repercuſſivos; mas o contagio gallico os contraindica do meſmo modo que a ſangria, porque com elles ſe pòde introduzir nas partes internas, & cauſar os graviſſimos danos, que coſtuma. O que ſe confirma pela regra gèral, que manda em apoſtema venenoſo ſe naõ uſe de repercuſſivos, nem ainda brandos. Porém he taõ grande o perigo, que ſe ſegue ſe eſta parte ſe ſuppurar, ou mortificar, que vence o outro do dano, que pòde fazer a qualidade gallica conforme eſtá dito; & como nas indicações contrarias ſempre ſe ha de ſeguir a mais vehemente, naõ deſprezando a outra, por tanto neſte caſo uſaremos dos repercuſſivos a reſpeyto de defender a parte nobre; ſeráõ porèm mais brandos do que haviaõ de ſer, ſe a hernia naõ procedèra de contagio. Accreſcenta-ſe a iſto que quando ella for muyto fervida, & a fluxaõ do humor impetuoſa, ſaõ menos perigoſos os repercuſſivos, porque o calor da parte tempera o frio delles, & o impeto do humor fluente reſiſte muyto à repercuſſaõ, por onde ficaõ com pouca, ou quaſi nenhuma efficacia em repercutir, principalmente ſe forem fracos. Exemplo temos em Galeno, que nos antrazes manda applicar o emplaſto de arnogloſa (que he a tanchagem) ſendo repercuſſivo, & o uſo commum lhe applica tambem emplaſto de romãs, que repercute valentemente: & com tudo nenhum deſtes faz dano pelo impedimento, que naõ diſſémos, do demaſiado calor, & fluxo, antes temperando o calor da parte, & moderando as dores, que ſaõ cauſa de attracçaõ, conforme Galeno, fazem proveyto ſem perigo.

14. met. cap. 10.

14. met. cap. 5.

Pelo que ſendo a inflammaçaõ muyto aceſa, uſaremos para a temperar, & juntamente mitigar as dores, *de agua roſada*, ou *de tanchagem com igual quantidade de leyte de peyto*, ou *agua de malvas, de violas, & de tanchagem, ou roſada*, applicando iſto em paninhos golpeados, & mudando-o muytas vezes; & apertando muyto a fereza das dores, ſe lhe miſturará *çumo de meymendro*, conforme manda Avicena, porque ſegundo Guido, & eu jà experimentey, tem o principado em mitigar as dores deſta parte. E ſendo a materia menos calida, ſómente ſe applique *cozimento de malvas, violas, & roſas ſecas com humas gotas de vinagre.* Tambem ſe pòde fazer para mitigar as dores huma miſtura *de azeyte roſado, çumo de abobora, & de meymendro, & farinha de cevada, tudo miſturado a modo de cataplaſma*, conforme manda Dionyſio Daça.

Loc. cit. Loc. cit. Lib. 3. c. 172.

Trat. 2. a 2. c. 7. E paſſados os principios ajunte-ſe ao cozimento *huma pequena de macella, ou alforfas, ou couves*, que ſaõ proprios em reſolver o apoſtema deſtas partes, ſegundo Guido; ou ſe faça *cozimento de favas, roſas ſecas, & tanchagem*, ou hum emplaſto, que ordena Daça, de *malvas cozidas paſſadas por ſedaço, farinha de favas, azeyte roſado, arrobe, & huma gema de ovo, & algum oleo de macella*, (ſe o apoſtema for em mayor declinaçaõ) *tudo encorporado em agua de malvas.* Ou ſe façaõ *humas papas de favas, & arroz cozido*, porque eſte, conforme Avicena, & aquellas,

Loc. cit.

las, ſegundo Accio, tem propriedade de reſolver os apoſtemas deſtas partes. E o uſo commum manda applicar na diclinaçaõ *as papas das farinhas, as quaes ſe fazem*, ſe ſe teme calor, *em xarope acetoſo*; ſe ſe teme induraçaõ *em agua de malvas, violas, & malvaiſco*; & ſe nada diſto ſe teme, em oximel, porque com mais efficacia ſe reſolve.

E para acabar de reſolver alguma dureza, que ficaſſe, ſe ha de untar com *oleo de amendoas doces, & de minhocas*, ou fazer *unguento de enxundia de gallinha, & de pato, & tutanos de vaca, & cera amarella*. Ou ſe applique o *emplaſto filij Zachariæ, duas partes delle miſturadas com huma de emplaſto meliloto*. Ou *diaquilaõ mayor* ou *de gomas*, que he mais efficaz. E darſehaõ banhos à parte *de cozimento de raizes de malvaiſco, linhaça, macella, coroa de Rey, malvas, ſevo de carneyro, figos ſecos, paſſas de uvas limpas dos pés, & dos graõlhos*, & depois do banho ſe enxugará a parte, & ſe lhe applicará logo hum dos emplaſtos ſobreditos.

A maturaçaõ ſe impida por todas as vias, que for poſſivel, porèm em caſo que ſe naõ poſſa impedir, *he neceſſario que ſe abra antes que a materia ſe detenha eſpaço de tempo em que poſſa corromper a parte*, dahi por diante continue-ſe com o que a parte manda nos apoſtemas deſta qualidade, porque neſta obra naõ ſe pòde tratar toda a Cirurgia.

E ſe entender que o contagio gallico eſtá communicado ao figado, ou ainda que lá naõ chegaſſe, que eſtá na parte conſervando a cauſa material da hernia; he neceſſario que ſe uſe dos alexiparmacos evacuando primeyro o corpo com medicamento conveniente.

Porèm no que toca *à purga, lembro que he neſte caſo periculoſiſſimo*, & que ſe naõ dè ao doente, ſenaõ depois de paſſada totalmente a inflammaçaõ, & nem ainda neſſe tempo ſe fiem muyto della, porque coſtuma mover novo fluxo, & delle acontecerem notaveis deſaſtres. Pelo que poſto que a inflammaçaõ tenha ceſſado, & o tumor ſeja pouco, *ſou de parecer que ſe eſperem quarenta dias*, que he o termo ultimo das doenças agudas *ex decidentia*, & das inflammações, conforme Hippocrates, & Galeno. E paſſados elles ſeguramente ſe poderá dar a purga. 6 aph. 46. & 1 prog. tex. 25.

As inflammações do membro genital, & do interfemineo ſe trataraõ aſſim no que toca a ſangrias, como a medicamentos locaes, conforme as hernias, advertindo muyto que *a ſuppuraçaõ do interfemineo he periculoſiſſima*, porque della ſe ſegue romperſe o cano da ourina, & ficar perpetua fiſtula, pela qual razaõ mandaõ Hippocrates, & Avicena que ſe abra quaſi verde, pelo perigo que ha de ſe a materia deter; & o meſmo dizem Accio, & Celſo. Lib. de fiſt. ad init. 17. 3 c. 11. Lib. 14. c. 8. Lib. 7. c. 30.

ANNOTAÇOENS.

Numero 1.

HUmoral. *Os teſticulos coſtumaõ padecer tumores, & inflammações, aſſim como as mais partes ao corpo; & nos gallicados ſuccede ordinariamente depois de haver gonorrheas; ou porque eſtas de todo ſe ſupprimiraõ: ou porque alguma porçaõ da materia ſanioſa, q̃ por ellas ſe expurgava, eſtagna, & ſe detem nas partes em que ſe gèra; & paſſando aos teſticulos, ou com o ſangue, ou com a lympha, he cauſa de ſe intumeſcerem, padecendo eſte achaque a que chamaõ hernia humoral gallica; na qual ſe fermentaõ os humores de que conſta, reſultando deſta fermentaçaõ o moverem-ſe as ſuas particulas acidas, & eſpidates infectas com o veneno gallico, & vellicarem as fibras dos teſticulos, excitando crueliſſimas dores, febre rubor, & inflammaçaõ. Outras*

tras vezes ſuccede, que por cauſa das grandes dores das gonorrheas virulentos, & chagas gallicas das partes obſcenas, haja conſluxo de humores aos teſticulos, de que procedaõ as hernias.

A prædominio quentes. *Da hernia humoral diz Madeyra que ſe faz de humores à prædominio quentes; ſendo aſſim que tanto ſe póde fazer de humores com calor predominante, como dos humores frios, ou temperados; porque todas as vezes que houver tumor no eſcroto, que he o lugar em que eſtaõ os teſticulos, logo haverà hernia humoral, ou os humores ſejaõ quentes, ou frios; & havendo gallico de que proceda, he hernia humoral gallica; na qual ſe os humores forem calidos, ſerà mayor o incendio, mais intenſa a dor, & mais eſtuante a febre.*

Para conſervar o individuo. *Naõ ha duvida que os teſticulos naõ ſervem ſó para propagação da eſpecie, mas tambem conduzem muyto para vigor, & valentia do individuo; & já Galeno* 1. *os teve por partes principaes do corpo; entendendo que elles eraõ outra fonte do calor innato, com q̃ todo o corpo ſe animava; & he certo, que pódem muyto eſtas partes para vigor do temperamento, do habito do corpo, & para alteraçaõ dos coſtumes; pois vemos, que os eſpadões ſaõ menos fortes, tem a vòz mais fraca, ſaõ imberbes, & effeminados, & atè nelles degenera a probidade dos coſtumes, de tal maneyra, que veyo a dizer Avenzoar, que os eunuchos ſempre ſe conheciaõ mal morigerados, alheos da razaõ, faltos de entendimento, & pouco obſervantes das leys.* In eunuchis (*ſaõ as ſuas palavras*) prætenuem vocem audimus, malos agnoſcimus mores, rationes ſunt peſſimæ, nec ferè inventus eſt aliquis exectus bonæ legis, aut intellectus non diminuti. *Claudiano* 2. *ainda diſſe mais, porque os teve por impios:*

1. Gal. lib. de ſçm.

2. Claud. in Eutrop.

Adde quòd enunchus nulla pietate movetur,
Nec generi, natiſque cavet.

E já antigamente os Egypcios nos ſeus Hieroglyficos juntavaõ hum gigante caſtrado, para ſignificar a depoſição, que haviaõ feyto dos Reys que naõ queriaõ; declarando pela falta daquellas partes a perda do poder, da força, da valentia, & de todas as couſas boas, que logravaõ, do que ſe póde ver André Laurencio; 3. *& da preſtancia, & uſo dos teſticulos Felippe Ingraſſias,* 4. *Joaõ Fernelio, & Zacuto Luſitano.*

3. Laur. lib. 7. de anat. q 1.

4. Ingraſſias com. 52. in art. med. Gal. fol. 261. Fern. 7. phyſiolog 3. Zac. lib. 3. PP. MM. hiſt. 26.

Numero 2.

COm ſangrias. *Na cura da hernia humoral he muytas vezes neceſſario ſangrar, porque a inflammaçaõ da parte, o incendio da febre, o impeto da fluxaõ, & o exceſſo da dor obrigaõ a eſte remedio. Sobre o lugar da ſangria na hernia gallica houve entre os Praticos grande duvida; & teme o Author ſangrar no braço, por não retrahir o contagio ao figado; & recea tambem ſangrar nos pès, por não convocar mayor defluxo à parte tumoroſa, & inflammada; reſolvendo finalmente eſte negocio com prudentes, & bem conſideradas limitações. Porèm o que nos parece, he, que quando for neceſſaria ſangria, ſe faça na parte em que mais conveniente ſe julgar para boa medicaçaõ da hernia, ou ſeja no pè, ou no braço; porque nem a ſangria de braço attrahe o contagio ao figado, como o Author erradamente affirma, nem o faz communicar à maſſa do ſangue; pois como muytas vezes temos dito, a ſangria naõ dà algum movimento ao ſangue para cima, nem para bayxo, mais que aquelle com que o ſangue naturalmente circula; & ſe por razaõ deſte movimento attrahe o contagio, tanto o farà fora da ſangria, como no tempo della; & tanto com a ſangria de braço, como com a ſangria de pè, ſobre o que ſe veja o que diſſémos nas Annotações ao* num. 1. do Capitulo VII.

VII. *& ao* num. 5. do Capitulo VIII. *& ao* num. 2. do Capitulo XI. *O contagio gallico que occupa as partes bayxas communica-se ao sangue na sua circulaçaõ, sem que seja necessario communicarse pelo meyo da sangria; & he erro crasso cuydar que a sangria de braço faz subir às partes altas o dito contagio, às quaes mediante a circulaçaõ se pòde communicar. E assim como Madeyra conheceo que não tem a sangria de pe tanto perigo como se cuyda em precipitar os humores abayxo: pudèra tambem conhecer, que a sangria de braço não tinha poder para avocar acima os seminarios contagiosos das partes pudẽdas. Sendo pois certo, que a sangria, de qualquer parte q̃ seja não attrahe para a massa do sangue o contagio das partes bayxas: na cura das hernias gallicas bem se pôde sangrar nos braços, quando se julgar necessario, ainda que a sangria no pè do outro lado não serà menos util, pelas razoens que o Author considera; & he conforme à doutrina de Galeno, 4. que quando padece huma perna, manda fazer evacuações de sangue na outra.* 4. Gal. 13. meth. 5.

Repercussivos. *Saõ reprovados os repercussivos nos tumores venenosos, porque offendem mais, fazendo penetrar ao interior das partes os seminarios malignos, & venenosos. Mas esta doutrina tem suas limitações, como o Author pondera; porque quando ha perigo de se mortificar a parte que padece, devemos usar dos repercussivos para defendella; & se isto se ha de fazer em tumores venenosos, como os carbunculos, nos tumores gallicos se pòde executar com mais confiança; porque o veneno gallico não tem tanta actividade, que logo mate, & depois se cura facilmente com os seus alexipharmacos.*

Tanchagem. *Entre os medicamentos repercussivos que se houverem de usar nas hernias gallicas, & nos mais tumores venenosos, deve ser preferida a tanchagem: porq̃ nella, alèm da virtude repellente, ha mais huma virtude discussoria, com que resolve parte da materia impacta nos tumores, & com ella necessariamente se haõ de extrahir tambem alguns effluvios, ou seminarios malignos. E por isto o grande Cirurgiaõ Dionysio D. ça 5. usa da tanchagem nos carbunculos, considerando nella as ditas virtudes de que Galeno 6. he pregoeyro, dizendo:* Plantagines natura ex mixtis facultatibus, discussoria, & repulsoria, composita est. 5. Daça 1.1. fol. mihi 158.

Couves. *Nas couves ha grande virtude para resolver as hernias humoraes, como algumas vezes observamos entre os rusticos, usando elles deste remedio por experiencia sua. Cozem as couves em vinagre, & estando bem cozidas, applicaõ-nas quentes; & fazendo isto repetidas vezes, se curaõ destes tumores; o que se pòde fazer quando naõ houver dor vehemente, nem inflammaçaõ estuante.* 6. Gal. 3. per loc. cap. 2.

Favas. *Tambem nas favas ha insigne virtude em discutir, & resolver estes tumores de q̃ se achaõ muytas observações em Riv. 7. Coze-se a farinha das favas em vinagre, ou em huma parte de vinagre, & tres partes de agua, & applica-se quente. He remedio taõ experimentado, que Riverio affirma que nunca usára delle sem utilidade nos tumores, & inflammações dos testiculos.* Pars fovebatur (*saõ as suas palavras*) aqua rosarum, & imponebatur cataplasma ex farina fabarum cocta in oxycrato, ita ut quarta pars aceti cum tribus aquæ partibus misceretur; quod cataplasma nũquam me fefellit in hoc affectu. *Se succeder que com este emplasto se offenda o escroto, excoriando-se a pelle com a acremonia do vinagre; pòde-se cozer este com fezes de ouro, como diz o mesmo Reverio, ou com alvayade, ou com assucar de chumbo, porque todas estas cousas dulcificaõ o azedo do vinagre, mudando-o em hum doce resolvente, como escreve Ettmullero, 8. o qual manda accrescentar ao emplasto pòs de semente de cuminhos, ou de erva-doce, flores de macella, & coroa de Rey, a fim de que fique mais resolutivo; o que pòde ter lugar quando no tumor houver menos inflammaçaõ. Nas hernias gallicas louva Ettmullero por liçaõ de Hartmano o emplasto de folhas de engos, & de* 7. Riv. cent. 2 obs. 39. cent. 3. obs. 1. 8. Ettmull. p. 2. fol. mihi 988

ruda cozidas em huma parte de vinagre, & tres de agua. E não encarece menos a fomentação de Lindano feyta de cozimento de raiz da China, & flores de ſabugo, em vinho, ou cerveja; com que diz que ſe continue até que a inflammação ſe tempere, & o tumor ſe diſcuta, & reſolva.

Para a cabar de reſolver. *Quando as hernias ſe terminão por reſolução, ordinariamente fica alguma dureza; porque aquellas partes exangues, & pouco eſpirituoſas, nem tudo pòdem diſcutir; & por iſto commummente ſuccede ficar toda a vida com alguma groſſura o teſticulo que padeceo eſte achaque. Para conſumir eſtas reliquias ſe uſa agua ardente, de eſpirito de vinho com alcanfor, de agua da Rainha de Hungria, de agua de cal, de eſpirito de ſabão, de eſpirito de ſal armoniaco, & de balſamo de enxofre.*

A maturação ſe impida. *Se as hernias chegão a ſuppurar, ha o perigo, não ſó de ficarem fiſtulas, mas de ſe perderem os teſticulos, como obſervàmos em hum homem de mais de cincoenta annos, cuja vida tinha ſido eſtragada; o qual padecendo hũa hernia, de que huns dizião que era carnoſa, outros que era humoral: chegando a ſuppurar por induſtria de hum Cirurgião, que ſe empenhou na cura, pelo lugar da ſuppuração foy perdendo os teſticulos, & depois de os não ter, ſe fechou a fiſtula.*

Communicado ao figado. *Nas hernias que ſuccedem às gonorrheas virulentas, como duraõ tempo, ſempre ſe deve entender q̃ o contagio ſe communicou não ao figado, mas ao ſangue, pela facilidade com que iſto ſe faz por meyo da ſua circuloção; & por iſto depois de curada a hernia, ou para acabar de curalla, ſempre nos parece conveniente que ſe faça cura regular, a fim de extinguir o contagio com os ſeus alexipharmacos.*

Purga. *Os medicamentos purgantes não tem lugar na cura das hernias, em quanto ha dor, & inflammação ſó depois de vencidos eſtes danos, durando o tumor muyto tempo, ſe poderà purgar, quando ſe julgue conveniente; & ſe houverem de uſar os alexipharmacos do gallico, ſerà preciſo que lhe precedaõ alguns purgantes, ou que ao menos ſe tomem com elles.*

COMEC,A-SE A TRATAR da cura do morbo gallico confirmado:

CAPITULO XIV.

Cura da primeyra, & ſegunda eſpecie do morbo gallico.

COmo diſſemos, que o morbo gallico tem cauſa material que o produz, & que o figado infecto da má qualidade gèra muyta copia de humores excrementicios, que depois a fomentaõ: occorrem duas indicações na cura de qualquer eſpecie de morbo gallico, as quaes ſaõ commuas a toda a enfermidade venenoſa, conforme Galeno: a primeyra, evacuar a cauſa material, a ſaber, a materia virulenta infecta do contagio; ſegunda, alterar a qualidade venefica com ſeus alexipharmacos proprios. Ajunte-ſe a eſtas duas indicações outra de menos conſideração, a ſaber, temperar as qualidades manifeſtas elementaes, que a venenoſa introduzio nas partes, que ſaõ o calor, & ſecura, de que tambem faz mençaõ Galeno: porèm eſtas tanto que ſe tira a má qualidade, que he cauſa dellas facilmente ſe curaõ, & de ordinario a meſma natureza baſta ſem particular providencia, & por iſſo naõ he taõ conſideravel.

Lib. 13. met. c. 6. ibi Lib. au cemet.

Loc. cit.

Applicado logo eſta doutrina à primevra, & ſegũda eſpecie do morbo gallico, como neſtas he ainda pouca a má qualidade, & ſaõ poucos os humores excrementicios,

menticios, & eſſes ainda de natureza mais delgados, & ſutis, que os das outras eſpecies, baſtaõ medicamentos efficazes, & menores evacuações.

Sangrarſeha logo o doente, porque neſtes principios pecca mais o ſangue, & a cholera, & ha mais forças para a ſangria; & tirar-ſeha o ſangue, que parecer neceſſario, conforme ao enchimento, & forças. E ſe a enfermidade começaſſe pelas partes bayxas, & nellas ainda houver reliquias de alguma expurgaçaõ contagioſa, como gonorrhea purulenta, & bubaõ aberto, ou ainda que naõ haja expurgaçaõ, ſe houver reliquias do contagio, darſehaõ as ſangrias no pè, por naõ divertir a natureza daquelle expurgatorio conveniente, nem retrahir mais para as partes ſuperiores o contagio venenoſo, que nellas, (ainda que jà eſtejaõ infectas) poderá intender mais a mà qualidade. E ſe for mulher, a que faltaſſem os mezes, ou eſteja perto deſſa occaſiaõ, tambem ſe ſangrará nos pès, conforme a doutrina de Galeno. Lib de ſanguin. miſſ. per tet.

Naõ obſta contra eſta doutrina termos dito na noſſa apologia, que depois do contagio communicado ao figado ſe daõ as ſangrias no braço. Porque logo declaramos que a communicaçaõ ha de ſer tanta, que já ſe naõ poſſa mais communicar. E como na primeyra, & ſegunda eſpecie he menos intenſa a qualidade gallica, que no figado eſtà, com razaõ ſe pòde temer que havendo reliquias do contagio nas partes bayxas, com a ſangria do braço ſe poſſa retrahir, & conſequentemente intender a mà qualidade do figado, & partes ſuperiores.

E logo juntamente com as ſangrias ſe começem de dar xaropes preparantes, *como de almeyraõ, de violas, de borragem, de fumaria*, & ſe padecerem as partes da cabeça, *roſado*, como agora. Receyta: *Xarope de violas, & roſado, de cada hum ſua onça, agua de borragem tres onças, miſturem-ſe.* Ou eſte modo. Receyta: *Xarope de borragem, & de almeyraõ, de cada hum ſua onça, agua de fumaria tres onças, miſturem ſe.* Ou neſta. Receyta: *Xarope de fumaria, & de violas, de cada hum ſua onça, agua de chicoria tres onças.*

Depois que o doente tomar cinco, ou ſeis xaropes, ſe purgará com medicamento, que reſpeyte humores aduſtos, que naõ mova, nem aquente demaſiadamente, aſſim como *confeyçaõ hamech ſimplez, diacatholicaõ, canafiſtula, xarope de Rey, xarope de nove infuſoens de roſas alexandrinas, & das noſſas, & de violas, & de cozimento de ſene feyto com cevada, flores cordeaes, ſementes frias mayores.* E pòde-ſe formar huma purga deſte modo. Receyta: *Confeyçaõ hamec ſimplez, & polpa de canafiſtula, de cada huma tres oytavas, xarope de Rey tres onças, cozimento commum com folhas de ſene, quanto baſte, faça-ſe bebida breve.* Ou faça-ſe eſta. Receyta: *Diacatholicaõ meya onça, xarope Perſico tres onças, cozimento de cevada, ameyxas, flores, & ſementes frias quanto baſte, faça-ſe bebida breve.* Ou ſe faça eſta. Rec. *Diacatholicaõ meya onça, xarope Perſico tres onças, cozimento de cevada, ameyxas, flores, & ſementes frias quanto baſte, faça-ſe bebida breve.*

E ſe o doente ficar bem evacuado, dem-ſelhe humas apozemas, deſte modo: *Tomem-ſe, huma colher de cevada limpa da pragana, duas duzias de ameyxas ſem caroços, tres ou quttro raizes de borragem, outras tantas de almeyraõ, & de lingua de vaca, huma maõchea de flores de borragem, outra de chicoria, meya onça de flores cordeaes, ſeis oytavas de pevides de melaõ, ou de abobora, huma onça de folhas de ſene*, & de tudo ſe faça cozimento em baſtante agua, que fique em quartilho, & meyo, & depois coe-ſe, & a doce-ſe *com aſſucar*, & beba eſta apozema em tres manhãs continuadas, ou entremetendo hum dia, ſe a purgaçaõ for muyta. Lib. de lue ven c. 9. Tract.

E poſto que muytos tem para ſi, que baſtaõ as evacuações univerſaes para curar a primeyra, & ſegunda eſpecie do morbo gallico, como Fernelio, Fallopio,

Alcaçar, & outros com tudo he couſa arriſcada deyxar o doente ſem lhe dar os alexipharmacos, pelo temor que ha de recair com mayor perigo, conforme o dito de Hippocrates: *Quæ relinquuntur in morbis, recidivas facere conſueverunt.*

de morb. gal. c. 24. Lib. 5 c. 8. 2. aph. 22.

Pelo que depois do corpo bem evacuado convem dar ao doente *nove, ou dez dias de ſuores*, dous cada dia, *de ſalſa parrilha, ou de páo das Antilhas, ou da China*, ou de algum, ou de todos elles miſturados: *& pòdem-ſe cozer duas onças, ou onça, & meya de ſalſa em tres canadas de agua que ſe gaſtem duas, & fique huma*, & daràõ ao doente meyo quartilho deſte cozimento para cada ſuor, *& faràõ ſegundo cozimento da meſma ſalſa jà cozida em cinco canadas que ſe gaſte huma, para beber de ordinario.* E dando-ſe ſuores com *páo das Antilhas, ſe farà o cozimento com ſeis onças delle.* E ſe for *páo da China, baſta huma, ou meya onça*, (como ſe dirá) qualquer delles *em tres canadas que ſe gaſtem duas.* As mais particularidades diſto ſe declaraõ abayxo.

E ſe o doente naõ quizer, ou não puder fugeytarſe ao ſuor, demſelhe os meſmos cozimentos de pè ſem ſuar, dandolhe cada dia hum quartilho de cozimento mais forte, meyo pela manhã, & meyo à tarde, com o que continuarà tendo bom regimento quinze, ou vinte dias, bebendo quando tiver ſede agua do cozimento, ſegundo a qual irá continuando mais vinte, ou trinta dias depois da cura. Ou ſe lhe dè *a ſalſa em pò, huma oytava della cada manhã, outra à tarde* na meſma agua de ſalſa, & páo, cujas receytas ſe acharáõ abayxo, aſſim como tambem a ordem de comer, & às mais circunſtancias. E o melhor de tudo para ſarar de pè, he tomar *o vinho ſanto brando feyto ſómente com ſalſa, & folhas de ſene*, como abayxo citamos em ſeu Capitulo.

E ſe depois de curado o doente lhe ficar alguma deſtemperança quente do figado, o temperaràõ com *tiſanas de cevada, cozendo juntamente com ella hum páo de ſalſa*; ou lhe daráõ *amendoada de pevides feytas na agua de ſalſa*, ou lhe dem cada manhã *meyo quartilho de agua de almeyraõ miſturada com a terça, ou quarta parte, de agua de ſalſa*, ou *ſoro de leyte de cabras fervido com outro páoſinho da meſma ſalſa, & com aſſucar, & depois ſerenado, ou fattas de pão lavado.*

ANNOTAÇOENS.

QUe o figado infecto. *Já diſſemos muytas vezes que o figado naõ era a parte em que a infecção gallica ſe ſigillava, como o Author affirma em toda eſta obra, & agora aqui o repetimos, advertindo, que quanto o Author diſſer do figado, ſe entenda da maſſa ſanguinaria, no particular de receber o contagio: porque a ella he que ſe communicaõ os ſeus ſeminarios, & nella ſe implantaõ, viciando o ſangue deſtruindolhe o ſeu acido natural, & benigno, & introduzindolhe hum acido acre, & corroſivo, com que ſe perverte a ſua fermentaçaõ inteſtina, & de que procedem os varios danos que experimẽtaõ os gallicados ſobre o que ſe vejaõ as Annotações ao* Cap. 2. *deſta obra.*

Duas indicações. *Na cura da primeyra, & ſegunda eſpecie do morbo gallico propoem o Author duas indicações, que ſe devem ſatisfazer. A primeyra: evacuar a cauſa material, que ſaõ os humores viciados com o veneno. A ſegunda: alterar a qualidade venefica com os ſeus alexipharmacos. A eſtas indicaçoens junta outra menos principal, que he temperar as qualidades manifeſtas elementaes, que ſaõ o calor, & ſecura, que excita a qualidade venenoſa. Nòs conſideramos que em todo o gallico, ou ſeja deſta, ou daquella eſpecie, ſegundo a diviſaõ do Author, ſempre ſe devem tirar as meſmas indicações curativas: porque o gallico da primeyra eſpecie, he o meſmo que o das outras; nem entre as ſuas eſpecies ha mais differença, que a de eſtar a*

maſſa

maſſa do ſangue mais, ou menos viciada com o fermento contagioſo, & excitar danos mais, ou menos graves. Porem as indicaçoens curativas, que devemos ſatisfazer na cura deſte contagio, em qualquer graduação que elle eſteja ſão duas, em que ſe incluem as tres que propoem Madeyra; porque huma he extinguir o contagio; outra acodir aos ſeus productos. Eſtas duas indicações ſe hão de ſatisfazer com os alexipharmacos anti-venereos, para extinção do contagio; com as evacuaçoens que forem neceſſarias, para remedio dos danos, que cauſão os humores infectos; & com attemperantes para moderar as excandecencias do calor, & ſecura, quando as haja, porque nem ſempre ſe achão nos gallicados. O que ſe fará com tal ordem, que primeyro ſe tratará das evacuções, depois dos alexipharmacos, & em ultimo lugar dos attemperantes. Comecemos pelas evacuações.

Sangrar-ſcha logo o doente. *Entra o Author a curar o gallico já communicado à maſſa ſanguinaria, & diz que ſe uſe logo de ſangria, por peccar neſtas primeyras eſpecies o ſangue, & a cholera, para cujas evacuações não faltão forças. Suppoem duas couſas; huma, que pecca mais o ſangue, & a cholera; outra, que nos gallicados deſtas primeyras eſpecies nunca deyxão de eſtar conſtantes as forças para ſofrer as ſangrias. A primeyra ſuppoſição he falſa, a ſegunda tambem póde ſer. Porque o gallico introduzido no corpo, eſtando na primeyra, & ſegunda eſpecie, não faz que predomine o ſangue, nem a cholera; que iſto depende da natureza do doente, & do ſeu temperamento, não dos ſeus achaques. O gallico ſigilla-ſe na maſſa ſanguinaria, de qualquer temperamento que elle ſeja, ou com predominio de cholera, ou de fleyma, ou de melancholia; & iſto tanto monta na primeyra eſpecie, como na ultima.*

Não he logo boa ſuppoſição de que nas duas primeyras eſpecies de gallico predomina o ſangue, & a cholera. Nem eſte modo de fallar he conforme ao que devia ſer, porque ſuppoem tambem que nas veas ha os quatro humores de Galeno, ſangue, fleyma, cholera, & melancholia; quando he certo que não ha mais que ſangue, mais, ou menos cholerico, mais, ou menos fleymatico, mais, ou menos melancholico; & parece que devia dizer o Author, que nos gallicados deſtas duas eſpecies peccava o ſangue cholerico, & não o ſangue, & a cholera. Em quanto à ſegunda ſuppoſição, tambem póde ſer falſa; porque nem ſempre eſtarão com forças os que padecerem eſtas eſpecies de gallico, para tolerar as evacuaçoens de ſangue. Mas ſem duvida que o que quiz dizer o Author, foy, que nas primeyras eſpecies de gallico, ainda não eſtava tão viciada a maſſa do ſangue, que tiveſſe perdido o ſeu balſamo, & a ſua natureza, como nas ultimas eſpecies, em que o ſangue eſtá tão altamente viciado, que abunda com excrementos craſſos, acidos, & melancholicos, de que vem a ſyndrome dos danos, que muytas vezes ſe achão nos gallicados deſtas claſſes; nos quaes he o ſangue pouco eſpiritoſo, & por iſto tem menos forças para ſofrer as ſangrias.

Quando pois ſe houverem de curar os gallicados, fação ſe as ſangrias nos pès, viſto que ſe ſangrão ſó para preparação da cura alexipharmaca, & que não ha achaque a que ſe deva ſangria de braço; porque ſe houveſſe dano algum a que ſe deveſſe ſangria alta, não ſe lhe havia de negar por razão do gallico, & mais eſtando ſigillado na maſſa do ſangue; ou o contagio começaſſe pelas partes altas, ou pelas partes bayxas: porque a ſangria, de qualquer parte que ſeja, não attrahe os ſeminarios do contagio para o ſangue, como temos moſtrado nas Annotações ao num. 1. do Capitulo VII. *ao* num. V. do Capitulo VIII. *ao* num. 2. do Capitulo XI. *&* *ao* num. 2. do Cap. XIII.

Se purgará. *Depois das ſangrias, ſegue-ſe o purgar; & diz Madeyra, que ſe faça com medicamentos que reſpeytem humores aduſtos; o que parece que ſe não confórma bem com dizer que neſtas eſpecies de gallico pecca mais a cholera, ſem a diſtinção de ſer aduſta. O certo he, que os medicamentos hão de ſer appropriados aos ſugeytos, & que*

em huns ſeràõ differentes a outros pela diverſidade dos ſeus humores. Os purgantes que o Author propoem ſaõ muy conveuientes, mas horroroſos; nem haverà hoje quem tome pela boca confeyçaõ hamech, diacatholicaõ, & outros pharmacos, que jà ſtaõ decretados para as ajudas, havendo tantos medicamentos de igual, & de mayor efficacia para ſe uſarem neſtes achaques, tomando-ſe com mais facilidade do que os purgantes que o Author aconſelha.

Os pòs de Cornachino ſaõ excellentes para todos os gallicados, toma-ſe huma oytava delles, atè quatro eſcropulos, em agua, ou em outro qualquer licor. Os trocíſcos de Fiora-vanto tambem ſaõ muyto a propoſito; tomaõ-ſe de oytava, & meya atè duas oytavas. Naõ ſaõ menos uteis humas pirolas de dous eſcropulos de extracto catholico, com oyto grãos de diagridio de Paracelſo; ou humas pirolas da meſma quantidade de extracto Colle, com outro tanto diagridio; ou de vinte grãos de mercurio Calomelanos, com dez grãos de reſina de jalapa, & oyto grãos de diagridio, fazendo pirolas com alquitira, ou tomando-os feytos em pó, ou deſfeyto em huma amendoada de pevides de melaõ, & melancia, como ordinariamente fazemos. Advertindo que os purgantes mais proprios para eſtas curas, ſaõ os que ſe compoem de mercurio, porque ſobre terem virtude contra o gallico, diſpoem, & facilitaõ os doentes, para ſalivarem mais cedo, como notou

1. Ettmull. tom. 1. fol. 190. ad fin.

Ettmullero, 1. dizendo: In hac cura (*ſalivatoria*) univerſalia purgantia per alvum, quæ corpus undique permeabile, & perſpirabile reddunt, ac contenta imprimis faciunt tenuiora, præſertim ſociato mercurio dulci, ut diſponatur ſic corpus ad levandam faciliorem ſalivationem. *Nos uſamos ordinariamente para purgar os gallicados do mercurio Calomelanos com diagridio, & reſina de jalapa, como acima diſſemos; ou deſte modo:*

Tomem de Calomelanos Turquetos hum eſcropulo, de diagridio de Paracelſo meyo eſcropulo, diſſolvaõ-ſe em quanto baſte de emulſaõ de ſementes frias mayores; ou ſe façaõ pirolas com alquitira. Os vomitorios ainda fazem mayor utilidade; & ſó com elles repetidos ſe remediàraõ muytos gallicados de maneyra, que entendendo que eſtavaõ ſem gallico, naõ quizeraõ paſſar ao uſo dos ſeus antidotos, ſem os quaes o contagio ſe naõ extingue. Entre os vomitorios ſaõ do noſſo uſo o tartaro emetico, em quantidade de ſeis, ou oyto grãos; o crocus mettallorum, ou pós de Quintilio, de quinze atè vinte grãos, tomando-ſe em ſubſtancia, ou na quantidade de vinte, & quatro grãos, tomando-ſe a infuſaõ feyta em duas onças de vinho branco, ou vermelho, naõ havendo aquelle, por tempo de doze horas. Naõ fazem menos utilidade os pós de vidro de antimonio, tomados em vinho, na quantidade de doze atè quinze grãos; ou a infuſaõ de vinte grãos delle. Jà vemos, que nos reprovaõ a quãtidade do vidro de antimonio; porq̃ ninguem ſe atreve a dar mais que ſeis grãos; porèm nòs o temos dado nas ditas quantidades mais de ſeiscentas vezes, ſem reconhecer algum dano no uſo delle; ſendo certo que muytas vezes chegamos a dar dezoyto grãos em ſubſtancia; o que nos facilitou a experiencia que repetidas vezes vimos em Tralos-Montes, aonde hum Chimico, que tivemos em caſa alguns mezes, o dava em mayor quantidade, ſem reſulta de alguma offenſa, vencendo aſſim males, que pareciaõ inſuperaveis, o que dizemos, para que ſe ſayba, que eſte medicamento ſe pòde uſar com mayor confiança; & ſe tenha entendido, que entre todos os vomitorios antimoniaes, eſte he o de mayor efficacia, do qual teve taõ pouco uſo Riverio, que nunca chegou a dallo. O vinho emetico na quantidade de duas onças, & a agua Benedicta de Rulando na quantidade de tres, ſendo bem turva, ou vigorada, ſaõ medicamentos que tambem fazem baſtante operaçaõ. Porèm todos eſtes vomitorios querem forças conſtantes para ſe uſarem nas ditas quantidades, as quaes ſe diminuiràõ havendo penuria de forças, ainda que ſe repitaõ mais vezes.

Advertimos, que entrando a curar os gallicados, antes de chegar a ſangrallos, os devemos

devemos purgar primeyro; que o limpar o eſtamago não he mão fundamento de qualquer cura, aſſim para que aproveytem melhor os remedios, como para que os alimentos ſe não viciem com as impuridades das primeyras vias; & aſſim o coſtumamos fazer na cura de qualquer achaque, em que não haja circunſtancia que perſuada o contrario. E para purgar neſtes caſos, baſtaõ cinco onças de xarope aureo bem clarificado, ou tres onças de manà deſfeyto em caldo de gallinha com huma oytava de cremores de tartaro; ou oytava, & meya dos trociſcos de Fioravanto; ou tres onças de agua Benedicta de Rulando vigorada; ou duas onças de vinho emetico; ou huma onça, atè dez oytavas de ſal cathartico amaro, deſfeyto em meyo quartilho de agua commua, que he remedio de que agora vemos uſar geralmente, ſendo que nem todos os que uſaõ delle ſabem os caſos em que ſe deve dar, & em que ſe não ha de conceder; & por iſto, ainda que ſeja brevemente, daremos noticia deſte medicamento, inſinuando os males em que deve uſar-ſe.

He pois o ſal cathartico amaro, hum ſal, que por evaporaçaõ ſe tira de humas aguas purgativas de certas fontes, que ha em Inglaterra, no Ducado Surrienſe, & em varias partes; as quaes aguas evaporando-ſe ao fogo, lançaõ de ſi huns criſtaes, que vem acima da agua, & ſe ſeparão della, & deyxaõ no fundo do vaſo depois de vaporadas hum ſal taõ branco como os criſtaes; o qual he o ſal cathartico de que fallamos, & aſſim elle como os criſtaes, tem virtude purgativa. Delle ſe deve uſar nos males do eſtomago, no faſtio em que particularmente aproveyta, que parece que por amargoſo excita o appetite, ou pelo menos não eſtraga tanto o eſtomago como outros purgantes. Nos vomitos tambem tem bom uſo, nas cardialgias em que ſe houver de purgar, na affecçaõ hypochondriaca q̃ procede de calor; nas colicas inteſtinaes, & nephriticas em que ſe haja de uſar de medicamento purgante; nos ardores, & ſuppreſſoens de ourina; na diabetica; na mania, nas dores de cabeça procedidas de calor; nas vertigens; na payxão hyſterica; nos males que cauſaõ as lombrigas, em que he tambem util lançado por ajudas. Não ſe deve uſar na hydropeſia, na febre ſynocha, nas febres intermittentes, nas febres albas; nos que lançaõ ſangue pela boca; na cholera morbo; nas parleſias, & eſtupores. Nem ſe uſará delle nas mulheres. O que dizemos por lição de Nehemias Greuu, que eſcreveo hum tratado das ditas aguas, & deſte ſal cathartico amaro, que dellas ſe tira, o qual tratado ſe acha na Biblioteca Pharmaceutica de Magneto. 1. E ſem embargo de dizer aquelle Author, q̃ ſe não uſe eſte ſal nas mulheres, nos o fazemos cada dia ſem nenhum incommodo. O modo de uſar deſte ſal, he, ſegundo o que diz aquelle Author, deſfazendo huma onça delle em hum, ou dous quartilhos de agua commua, ou diſtillada, ou em ſoro, ou em qualquer cozimento, bebendo por vezes aquella quantidade. Nòs porèm não o fazemos aſſim, & quando queremos purgar algum doente com eſte ſal, mandamos deſfazer huma onça, atè dez oytavas em meyo quartilho de agua, com que purgaõ ſufficientemente; o que não ſuccede deſfazendo a meſma quantidade de ſal em hum quartilho de agua, tomando-a de duas vezes.

1. Magnet. tom. 1. Biblioth. Pharm. med. lib. 1 fol. mihi 201.

Que baſtaõ as evacuações univerſaes. Cuydaõ os que não ſaõ Medicos doutos, & os Cirurgioens imperitos, que baſtão as evacuações para curar o gallico; & aſſim ſangraõ, & purgaõ repetidas vezes os doentes, tirandolhes as forças, & deyxandolhes o contagio, que ſó com os ſeus antidotos ſe vence, & ſe extingue. O que fazem os medicamentos purgantes, he evacuar os humores de que procedem os males dos gallicados; do que ſe ſegue muytas vezes grande melhoria; mas como no corpo ficaõ os ſeminarios contagioſos, neceſſitaõ dos alexipharmacos para ſe extinguirem. Quando os medicamentos purgantes ſe prevaraõ juntamente com os alexipharmacos, às vezes, ſe o gallico não he muy radicado, ſe curaõ inteyramente os enfermos; mas ſendo o gallico antigo, não ſe cura bem ſem ſuores de ſalſa, & pào ſanto, nem ſe extingue ſem azougue, no que temos innumeraveis experiencias.

Suores.

Suores. *Depois das evacuações univerſaes, entrão os alexipharmacos para extrahir, & extinguir os ſeminarios do contagio; o que ſe faz com ſuores de ſalſa, raiz da China, & páo ſanto, na fórma que o Author ordena. Mas he neceſſario advertir, que nem todas as naturezas poderão ſofrer os ſuores, nem outro genero de curas, que ſe preparem com os alexipharmacos vegetantes, que todos ſão quentes; & neſtes caſos, he muyto melhor uſar do azougue, que ſobre ſer mais efficaz para extinguir o contagio, uſa-ſe ſem o dano de eſquentar as entranhas, & a maſſa do ſangue; & por iſto em naturezas excendeſcidas, ſempre ſe deve uſar do azougue, antes que dos mais alexipharmacos, no caſo que não haja couſa que o exclua. No anno de 1709. vimos huma moça viuva, a quem ſeu marido havia gallicado. Ella era magra, de natureza quente, bem menſtruada, & padecia varias vezes chagas nos narizes, que duravão muyto tempo com deſprezo dos remedios, atè que eſpontaneamente deſapparecião.*

Os Medicos que a viſitavão, diſſerão todos, que devia curar-ſe de gallico, para ſe livrar daquelle achaque, & que a cura ſe havia de fazer com ſuores de ſalſa. Entrou a doente nelles, & logo no primeyro ſe deſmayou; foy continuando atè quatro, ſempre com deſmayos; & ſentindo ſe arder nas entranhas, os meſmos Medicos, que lhe aconſelhárão os ſuores, lhos prohibirão. E convalecida daquelle trabalho, a curamos nós ſuaviſſimamente em treze dias com pirolas de mercurio branco precipitado, ſem reconhecer algum dano de calor, como experimentou na ſalſa; no que devem contemplar os que dizem que he quente o mercurio, de cujo temperamento ainda não ha certeza.

E ſe o doente naõ quizer. *Os doentes nas ſuas curas não devem ter mais voto, que o da obediencia, para fazerem os remedios que os Medicos lhe ordenarem. Ha comtudo alguns tão repugnantes, que nem ſempre ſe conformão com as diſpoſições de quem os cura; & quando o permittirem os caſos, bom ſerà, que os Medicos ſe accommodem tambem com a vontade dos doentes: porque tomando os medicamentos com menos repugnancia, melhor ſe darà com elles a natureza; o que jà, fallando dos alimentos, advertio Hippocrates, 2. & commentou Galeno, dizendo:* Laborantibus aliquid, oblectamenti cauſa, gratificari videtur Hippocrates; omnia enim libentiùs, atque ſuaviùs aſſumpta, etſi paulò deteriora ſint, meliùs concoquimus. *E por iſto diz Madeyra, que ſe os doentes não quizerem tomar ſuores, ſe não obriguem a elles, & ſe lhe preparem outros remedios com que ſe curem; para o que lhes ordena os cozimentos de ſalſa, & dos mais antidotos do gallico. Mas para que he eſtar martirizando os enfermos com eſtes cozimentos muytos dias, quando ha huma panacéa mercurial, que em pouco tempo os cura com toda a ſuavidade? Quando pois os doentes não quizerem tomar ſuores, ahi tem o mercurio com que ſe curem, uſando-o na fórma que nos* Capitulos XXV. & XXX. *ſe declara; remedio que nós preferimos a todos os outros, pela efficacia com que obra, & pela ſuavidade com que ſe uſa, ſem fazer aquelles danos, que ſe temem da ſua braveza; porque ſendo bem preparado, & dando-ſe com prudencia, utiliza ſem dano, do que temos tantas experiencias, que ordinariamente não curamos os gallicados ſenão cõ azougue; ainda na preſença dos ſeus prohibentes; do que eſcrevemos jà hum tratado, que appenſamos à noſſa Medicina Luſitana. Mas porque tambem ſe achaõ alguns doentes, que ſenão pódem reduzir à cura do azougue, nem dos ſuores: he preciſo dar lhe remedio por outro meyo. Para eſtes caſos ſervem as apozemas, xaropes, & varios remedios, que abayxo expoem o Author no* Capitulo XXVI. *dos quaes ſe pòde eſcolher o que melhor ſe ajuſtar com o temperamento, & goſto do enfermo; ou ſe uzem os os ſeguintes:*

Tomem quatro onças de páo ſanto, de caſcas do meſmo páo, & ſalſa parrilha, de cada couſa duas onças, de raiz da China huma onça. Infundaõ-ſe 24. horas em doze libras de agua quente, em que fervão atè gaſtar a metade; & nas ultimas ebulliçoens ſe lhe

1. Hippoc. 6. epid. ſect. 4. text. 8.

lhe junte onça, & meya de folhas de sene, duas onças de polipodio de carvalho, huma oytava de erva doce, & guarde-se.

Esta agua he propria para naturezas frias; cura o gallico que pòde ceder aos alexipharmacos vegetantes. Tomaõ-se seis onças de manhã em jejum, & outras tantas de tarde, cinco horas depois de jantar. Quem a tomar huma só vez no dia, naõ deyxarà de curarse, ainda que seja mais de vagar. Ha de continuar-se atè nove, ou dez libras, que fazem dezoyto, ou vinte bebidas, sendo que huns com menos se curaõ, & outros haverãõ mister mais; o que se ha de resolver pelos seus effeytos.

Para naturezas quentes se pòde preparar esta:

Tomem de raiz de salsa parrilha quatro onças, de páo santo tres onças, de raiz de almeyraõ, de borragem, de lingua de vaca, de cada cousa meya onça; de folhas de fragaria, ou de almeyraõ, duas maõcheas; de flores cordeaes tres punhados; de sene onça, & meya. Infundaõ-se as raizes, & páo em doze libras de agua quente por espaço de 24. horas, depois das quaes ferva atè gastar ametade; entaõ vaõ-selhe juntando as mais cousas, & com ellas darà algumas fervuras; & se coarà, & guardarà para se usar como a receyta acima.

Com esta se tem curado muytos gallicados:

Tomem de páo santo limado, de raiz de salsa parrilha fendida, & cortada, de cada cousa destas quatro onças; infundaõ-se doze horas em vinte libras de agua quente, que depois ferva atè gastar a terça parte; entaõ juntemlhe huma onça de sene, & huma oytava de erva doce, com que dè humas fervuras, depois das quaes se coe, & se guarde. Tomaõ-se seis onças de manhã, & outras tantas de tarde. Carlos Musitano inculca com grandes encomios a seguinte agua, a que chama anti-venerea, como se pòde ver no livro 4. da sua Pyrotechnia, cap. 3. art. 2.

Tomem de raiz de salsa parrilha cortada meudamente quatro onças, páo de viscoquercino, raspaduras de ponta de veado, de cada cousa huma onça; raspaduras de marfim meya onça, de antimonio crù, feyto em bocadinhos, de pedra pomes, atados em hum paninho, de cada cousa seis onças; infunda-se tudo em vinte libras de agua commua por tempo de 24. horas; depois fervaõ a fogo lento atè gastar ametade da agua; nas ultimas fervuras pizemlhe meya onça de canela.

Usa-se desta agua por bebida ordinaria, depois de purgado o corpo. Obra por suores, por cursos, & ourinas, segundo diz seu Author, que a encarece muyto.

A agua de Paulo Milio tambem he remedio deste contagio, da qual temos usado muyttas vezes. Prepara-se assim: Agua de Paulo Milio.

Tomem de raiz de salsa parrilha duas onças, de asaro huma onça; de raiz da China meya onça outra meya de páo santo, de passas de uvas duas onças. Infundaõ-se em vinte libras de agua quente por espaço de 24. horas em vaso novo bem tapado; depois ferva atè gastar duas libras; entaõ fique em cinzas quentes outras 24. horas, depois das quaes se juntem duas onças de folhas de sene, meya onça de canela, (bastaõ duas oytavas) & huns graõs de erva doce; torne a ferver atè gastar mais huma libra; tire-se do lume, & depois de fria se transcole a agua a hum vaso vidrado, & guarde se em lugar fresco subterraneo.

Tomaõ-se seis onças de manhã, & outras seis de tarde.

A tisana de Madama Focquet naõ tem menos virtude para estes males. A sua composiçaõ he esta:

Tomem de páo santo raspado, de cascas do mesmo páo quebradas, de salsa parrilha rachada, de cada cousa quatro onças; infunda-se tudo em nove libras de vinho branco por espaço de 24. horas, depois das quaes ferva atè gastar a terça parte, entaõ juntemselhe quatro onças de folhas de sene, & huma onça de erva-doce, com que darà Tisana de Mad. Focquet.

mais humas fervuras. Tomaõ-ſe ſeis onças de manhã em jejum, & ſeis de tarde, longe do jantar, & continua-ſe dez ou doze dias.

Na receyta deſta tiſana advertimos duas couſas; huma he, que baſtaõ duas, ou tres oytavas de erva-doce. Outra, que a infuſaõ ſe faça em agua, & não em vinho; porque alèm de ficar o remedio menos quente, ficarà tambem de mayor efficacia: porque nos cozimentos em vinho, perdem-ſe as partes mais tenues, volateis, & eſpirituoſas daquellas couſas que ſe cozem, como ſabem quaeſquer Profeſſores deſta arte, o que pòde ouvir ſem injuria Madama Focquet, que nem poriſſo lhe negamos a profiſſaõ de curioſa, ainda que a achemos em algum ponto de ſciencia menos advertida.

A limonada magiſtral, muy uſada em Toledo contra o morbo gallico, inculca Trilha, 3. dizendo que faz effeytos que parecem milagroſos. Prepara-ſe deſte modo, ſegundo diz o meſmo Author:

3. Anton. Trilha in pract. fol. mihi 67. v. Limon. magiſtr.

Tomem tres onças de raiz de ſalſa parrilha, duas onças de páo ſanto, & huma onça de ſandalos vermelhos; infundaõ-ſe em dez libras de agua quente por eſpaço de 24. horas, com quatro onças de paſſas de uvas, limpas dos caroços. Em duas libras de agua quente ſe infunda à parte duas onças de ſene, & as caſcas de dous limões azedos, que eſtejaõ amarellos. A primeyra infuſaõ ferva atè gaſtar ſete libras; entaõ junteſelhe a ſegunda infuſaõ com a ſene, & caſcas dos limões, & ferva atè gaſtar dez onças; tire-ſe do lume, & depois de ſe eſfriar, coe-ſe, & guarde-ſe.

Toma-ſe cada manhã ſeis onças, com huma onça de aſſucar cande, continue-ſe atè acabar a receyta.

Finalmente, deſtes alexipharmacos vegetantes ſe pòdem preparar innumeraveis remedios, ſendo eſcuſados todos, quando com mais ſuavidade, em menos dias, & com mayor efficacia ſe pòde uſar do mercurio, que he ſó o antidoto, que cabalmente extingue o gallico inveterado, ou muy activo, o qual com ſuores, & com outras varias curas, ſe poderà domar, mas nunca inteyramente ſe chegarà a extinguir. Aſſim o temos experimentado em algumas peſſoas, que tomando ſuores duas, & tres vezes, nunca ſe curàraõ inteyramente de gallico, atè que ſe valeraõ do mercurio. Iſto conheceo tambem Carlos Muſitano, 4. quando com galantaria diſſe, que não podia Vulcano com o ſeu fogo, vingarſe dos adulterios de Venus, ſem valerſe das forças de Mercurio: Nec Vulcanos (*diz elle*) clandeſtina Veneris adulteria ulciſci poteſt, niſi vindice Mercurio. Sunt nonnulli, qui abſque mercurio ſudoribus factis, aliquos lue correptos curant; tamen res fundamento caret; & ferè ſemper in deterius malum minatur.

4. Muſit. 3. de lue vener. c. 13. in fin.

Alguma deſtemperança. *Nos que ſe curaõ com ſuores, ou com remedios preparados com os alexipharmacos vegetaveis, q̃ todos ſaõ quẽtes, ficaõ muytas vezes intemperadas as entranhas, & a maſſa do ſangue, deſorte que he preciſo tomar remedios frios, & attemperantes; para o que tem bom uſo o leyte de burra, os ſoros de leyte de cabra, & os banhos de agua tepida, de q̃ muytas vezes ſe valem os gallicados, que naõ admittem as curas mercuriaes, com que ſe podiaõ curar ſem os incommodos de ficarem intemperados.*

CAPITULO XV.

Cura da terceyra eſpecie do morbo gallico.

DIſſemos que a terceyra eſpecie de morbo gallico era aquella, em que ha empolas pela cabeça, & roſto, & juntamente algumas vezes chagas na garganta, & mais partes da boca, ou narizes, & outras em diverſas partes, & com iſto tambem às vezes ha dores na cabeça, pernas, & braços, mas quando ha eſtas

eſtas dores, jà vay ſendo principio de quarta eſpecie, principalmente ſe ſe ajuntaõ nas ditas partes alguns tumores.

Os humores que neſta eſpecie peccaõ, jà ſaõ mais atrabilioſos, pituitoſos, craſſos, & rebeldes, que principalmente offendem a carne, & começaõ a offender as partes ſolidas, & por tanto tem neceſſidade de medicamentos mais efficazes, que os da primeyra, & ſegunda eſpecie. Pelo que deve o doente tomar os xaropes ſeguintes. Receyta: *Xarope de fumaria huma onça, agua de lingua de vaca tres onças, miſturem-ſe.* Ou eſtes. Receyta: *Xarope de avenca, & de pomis, de cada hum ſua onça, cozimento de flores cordeaes, & ameyxas, & ſementes frias mayores tres onças, miſturem-ſe.* E ſe parecer o humor muyto quente, ou a compleyçaõ do enfermo, ou o tempo do anno demaſiadamente calido, ſeráõ os xaropes mais freſcos, v.g. *Xarope de violas huma onça, de fumaria meya onça, agua de borragem tres onças.* Ou, Receyta: *Xarope de avenca, & de almeyraõ, de cada hum ſua onça, agua de luparos tres onças, miſturem-ſe.*

Entre os xaropes ſe ſangrará o doente duas vezes, ou tres, ou quatro, conforme o enchimento, & forças no pè, ou no braço, ſegundo as partes que tiver affectas, ou occaſiaõ dos mezes, ſe for mulher. E depois dos xaropes ſe purgará com o medicamento ſeguinte. Receyta: *Confeyçaõ hamec compoſta, & ſimplez, de cada huma duas oytavas, xarope de Rey, ou Sabor Regis tres onças, cozimento commum com filipodio, & ſene, quanto baſte, faça-ſe bebida breve.* Ou ſe dè eſta purga. Receyta: *Electuario Indo mayor, ou menor tres oytavas, diaſenicaõ duas oytavas, xarope Regio, ou de Sabor tres onças, cozimento commum feyto com tres oytavas de mirabolanos Indos, ou chebulos, quanto baſte para bebida.* Ou eſta. Receyta: *Agarico trociſcado de freſco, & ruibarbo, de cada hum dous eſcropulos, infundaõ-ſe em tres onças de cozimento commum, & ajunte-ſe à infuſaõ diacatholicaõ tres oytavas, xarope Regio tres onças, faça-ſe bebida.* Ou ſe lhe dem eſtas pirolas. Receyta: *Maſſa de pirolas de fumaria huma oytava, de cochias meya oytava, de diagridio dous graõs, formẽſe nove pirolas com xarope de fumaria.* E ſendo peſſoa difficultoſa de purgar, & natureza robuſta, darſeha huma oytava de cada maſſa das ditas pirolas, & aguçarſehaõ com tres graõs de diagridio.

E na materia das purgas ſe advirta que ſe miſturará mais, ou menos quantidade daquelle medicamento purgativo, que reſponder ao humor, que mais peccar, v.g. ſe for mais a fleyma, miſturaráõ agarico, ou diaſenicaõ, ou dos mirabolanos chebulos. E ſe for mais a cholera, ſerá mais o ruybarbo, ou dos mirabolanos citrinos, ou ajuntẽ xarope de roſas Alexãdrinas, ou canafiſtula, ou electuario roſado de Meſue: mas ſempre haja medicamentos, q̃ reſpeytẽ a melancholia, porque ſempre ha humores aduſtos como a confeyçaõ hamec, diacatholicaõ, & diaſene. E ſe padecer mais a cabeça, ajuntem medicamentos, que a reſpeytem, como electuario roſado, ou de çumo de roſas, ou pirolas cochias; & ſe padecer mais o peyto, ajuntem agarico, ou diaſenicaõ, & eſtando o figado fraco, ruybarbo, & ſe a madre, alefangina, & ſe as pernas, ou braços, hermodactiles, ou as pirolas delles, ou os mirabolanos, que tambem tem reſpeyto à cabeça, nervos, eſtomago, & figado, pela virtude, que tem de roborar, conforme diz Meſue.

E ſe o corpo naõ ficar baſtantemente evacuado com a purga, de-ſe mais outra, ou ſe dem apozemas, cujo exemplo fica no Capitulo proximo, & ſe pódem ajuntar à que nelle eſtá receytada, tres oytavas de carthamo, & huma onça de polipodio, & alguns hermodactiles, ſe padecerem as pernas, ou braços. Cap. p. 2.

Depois do corpo bem evacuado ſe pòde começar a cura com ſuores de páo de ſalſa, & quando naõ baſte, faça-ſe a cura do azougue, que he muyto mais efficaz,

ficaz, conforme opiniaõ commua dos Authores, porèm porque a mais da gente a recuſa, farſcha primeyro a dos ſuores, como eſtá dito; mas he neceſſario que ſeja mais a quantidade da ſalſa, ou páo, & haja mais dias de cura, & mayor numero de ſuores, que na primeyra, & ſegunda eſpecie, & farſchaõ os cozimentos como eſtá dito no Capitulo proximo paſſado, & diremos no ſeguinte, lançando em cada hum *de duas atè tres onças de ſalſa*, quando naõ houver miſtura dos outros medicamentos, *ou de huma atè duas de páo da China, ou de ſeis atè dez de páo das Antilhas*, ſe a natureza do doente, ou o calor do figado, ou a deſtemperança quente do tempo, ou da regiaõ, ou naõ impedirem, porque havendo algum impedimento deſtes, ſe moderaráõ mais as quantidades; ainda que a cura ſe faça mais devagar. As mais particularidades, que ha de haver na cura, ſe diráõ abayxo.

ANNOTAÇOENS.

TErceyra eſpecie. *Em toda a eſpecie de gallico communicado à maſſa do ſangue ha as meſmas indicações de extinguir o contagio, & de acodir aos danos, que produz; iſto ſe ha de fazer com os remedios que propuzemos nas Annotações ao Capitulo antecedente, preferindo ſempre o azougue, que he o contrario mais forte, & o antidoto mais efficaz deſte contagio.*

E quando naõ baſte. *Naõ approvamos eſta doutrina do Author, em quanto ſó manda uſar do azougue, quando naõ baſtem os ſuores, & as varias curas, que primeyro aconſelha para eſcuſallo. Parecenos melhor uſar do azougue logo, porque he remedio de mayor efficacia; & eſcuſaõ os miſeraveis doentes de eſtar experimentando outras curas ſem utilidade, quando pódem logo ter ſaude em menos tempo, ſem o fauſto de huma eſtufa; & de outros remedios menos poderoſos, & de mayor enfado, que o mercurio. Para que he eſtar contendendo com o gallico com remedios que elle muytas vezes deſpreza, quando temos hum a que ordinariamente cede, & com que ſem duvida ſe extingue? Antes de haver tanto uſo do azougue, poderia ter diſculpa quem delle ſe naõ valeſſe; mas quando ha tantas experiencias da ſua efficaciſſima virtude: & quando ſe ſabe, que ſe adminiſtra ſem dano: parece deslumbramento naõ valer logo do que he melhor, para acodir aos enfermos, a quem devemos curar com celeridade, com ſegurança, & com agrado, couſas que todas na cura do mercurio ſe conſeguem.*

CAPITULO XVI.

Cura da quarta eſpecie do morbo gallico.

COmo a quarta eſpecie he mais grave, & difficultoſa, aſſim por ſer a mà qualidade mais intenſa, & extenſa pelo ſugeyto, & eſtar impreſſa principalmente nas partes ſolidas, como pelos humores excrementicios ſerem mais craſſos, mais rebeldes, & em mayor quantidade que nas outras, tambem he neceſſario, que os medicamentos, aſſim os preparantes, & purgativos, como alexipharmacos, ſejaõ mais validos, pois conforme Hippocrates, a enfermidade grande pede grande remedio, & a extrema extremo. 1. aph. 6.

E porque he certo que neſta eſpecie pecca pouco em ſua quantidade o ſangue, por eſtar já tranſmutado nos outros humores: & tambẽ pecca pouco a cholera flava por eſtar já convertida em atra, & os que mais peccaõ ſaõ os humores atrabilioſos, & fleumaticos, mais eſtes que aquelles, hora mais aquelles que eſtes:

eſtes: he neceſſario que os medicamentos preparantes, & evacuantes ſejaõ dirigidos a eſtes dous humores, que ſempre neſta eſpecie ſe achaõ juntos.

Prepararſeha logo a melancholia com xarope de fumaria ſimplez (que a todas as eſpecies he conveniente, & naõ he muyto forte, nem muyto debil em attenuar humores aduſtos) xarope de fumaria compoſto, xarope de pomis ſimplez, ou compoſto, & de epithimo, ſe a melancholia for mais craſſa, & miſturarſehaõ com eſtes xaropes aguas de eſcorcioneyra, de lingua de vaca, de fumaria, de luparos, de eſcolopendria, que he a douradinha, & de tamargeyra: ou cozimento das meſmas ervas, miſturando tres onças de agua, ou de cozimento a duas de xarope: v. g. Receyta: *Xarope de fumaria compoſto, & depomis ſimplez, de cada hum ſua onça, agua de luparos, & de fumaria de cada huma onça, & meya; miſturem-ſe.* E ſe a compleyçaõ do doente, ou do tempo, ou a deſtemperança quente do figado naõ ſofrerem xaropes taõ quentes, temperemſe os outros mais brandos acima ditos na cura da primeyra eſpecie, que tenhaõ reſpeyto ao meſmo humor, com *xarope de violas, de borragem de lingua de vaca, & aguas das meſmas ervas.*

A fleuma craſſa ſe prepara com xarope acetoſo, mel roſado, oximel, xarope de duas, ou de cinco raizes com vinagre, ou ſem elle, xarope de bizantijs, de ſthecadas, & de alcaçûs. As aguas, que ſe lhe miſturaõ, ſaõ de avenca, & de funcho, de betonica, de ſalva, de roſmaninho, ou cozimento das meſmas couſas, ajuntando tambem paſſas de uvas, maçãs de anafega, & ſemelhantes. E havendo algum impediente, temperarſehaõ eſtes xaropes com os mais brandos, como de avenca, & acetoſo, ou com outro, que ſe accommode à cholera, como o de violas, ou almeyraõ.

E porque eſtes dous humores, a ſaber melancholia, & fleuma, ſe achaõ juntos neſta quarta eſpecie, como jà diſſémos, he neceſſario que os preparantes, que reſpeytaõ a cada hũ delles, ſe miſturem, v.g. *xarope de avenca, & de fumaria, de cada hum ſua onça, agua de funcho, & de lingua de vaca, de cada huma onça, & meya;* & ſe dominar mais a atrabilis, (como he ordinario) faça-ſe aſſim. Receyta: *Xarope de pomus, de fumaria, & de duas raizes, meya onça de cada hum, agua de fumaria duas onças, de funcho huma onça, miſturem-ſe.*

No meyo deſtes xaropes tire-ſe algum ſangue ao doente, ſe o permittirem as forças, lembrando com Mercado que aquelle, que naõ tiver forças para huma ſangria, tambem lhe faltaõ para poder tomar ſuores, ou unturas em fórma, & aſſim por outra ordem ſe lhe dè remedio. Lib. 1. de morb. gal. c. 9. poſt. princ.

Depois dos xaropes (que por ſeis, ou ſete dias deve ter continuado o enfermo) ſe purgue com medicamento que reſpeyte aos ditos dous humores, & para eſſe effeyto ſerve *huma atè duas oytavas de jalapa*, que neſtes gallicos he muy propria, como neſta Cidade cada dia experimentamos. Em lugar della ſervem *duas oytavas de mataliſte*, que he medicina mais branda, ou *de mechoacaõ*, que he mais fraco em purgar, & por iſſo uſamos delle poucas vezes; ou da batata com que ſe purgaõ nas partes do Braſil, que eu tenho experimentado ter as virtudes da jalapa. E ſervem tambem os pòs do antimonio calcinado, & ſublimado pela preparaçaõ de Quintilio, bem feyta, como a faz por extremo boa D. Joaõ de Caſtel-Branco, filho do Conde do Sabugal o velho, & irmaõ do que hoje he. Porèm ſe o antimonio ſe naõ prepara deſte modo, he muy violento, & perigoſo.

Tambem às vezes ſe purga com *os pòs de Joannes de Vigo lavados, mas he cura arriſcada.* E as medicinas, que mais reſpeytaõ a melancholia, ſaõ a confeyçaõ

hamec ſimplez, & compoſta, o Diacatholicaõ, como adverte Maſaria, o electua-
Lib de ind pur. Lib. prop rio chamado diaſene, xarope de epithimo, de Rege Sabor, de Rey ordinario, pirolas de fumaria, pirolas Indas de lapide lazuli, hyera de Rufo. E dos ſimplices he o ſene o principal, que Antonio Muſa encomenda ſe mifture em todas as medicinas do morbo gallico, porque diz ter propriedade para evacuar eſtes humores. Saõ tambem accommodados polipodio, epithimo, mirabolanos Indos, lapis lazuli, que ainda que de alguns he reprovada por forte, com tudo ſe ſe prepara, & lava, como deve, fica medicamento conveniente.

Os que purgaõ fleuma, dos ſimplices ſaõ agarico, como carthomo, hermo dactiles, mirabolanos, chebulos, emblicos, & bellíricos, turbit, & coloquintida, que por ſi ſó ſe naõ dará nunca, nem ſem boa preparaçaõ. Os compoſtos ſaõ diafenicaõ, benedicta, hyera ſimplez, & compoſta, pirolas de hyera, alefanginas de agarico, cochias, aggregativas, de hermodatiles, *ſine bubus, lucis, fetidas, ſtomaticas.*

E porque aos ditos dous humores ſe ha de ter ſempre reſpeyto, póde-ſe formar huma purga deſte modo. Receyta: *Sene duas oytavas, agarico trociſcado de freſco, & peſado antes de ſer trociſcado, huma oytava,* infundaõſe com huma pequena fervura em quatro onças de cozimento commum, & depois ſe coe, & ſe ajunte *Xarope Regu Sabor, ou de Rey ordinario, tres onças para huma bebida.* Ou ſe fará eſta. Receyta: *Confeyçaõ hamec compoſta tres oytavas, diafenicaõ duas oytavas, Xarope Regio duas onças, cozimento commum com polypodio, & ſene, quanto baſte, faça-ſe bebida*: notando que ſe for peſſoa fraca, ou facil em purgar, naõ ſe lhe dè ſenaõ ametade da quantidade dos ditos dous electuarios. Ou ſe dem eſtas pirolas. Receyta: *Maſſa de pirolas aggregativas, & de fumaria, de cada huma ſua oytava, diagridio grãos dous, com xarope de fumaria ſe formem nove pirolas.* E ſe padecer mais a cabeça, & juntamente as pernas, & braços, façaõ-ſe aſſim. Rec. *Pirolas cochias, & de hermodatiles, de cada huma ſua oytava, façaõ-ſe nove com o meſmo xarope, ou com confeyçaõ hamec, & ajuntemlhe dous, ou tres grãos de diagridio,* principalmente ſe a natureza naõ for facil em purgar.

Se for neceſſario mais evacuaçaõ, purgueſe o doente ſegunda vez, ou tome alguns dias as ditas pirolas de regimento, ou ſe lhe ordenem apozemas, que ſe pòdem fazer como a ſeguinte.

Tomem ſalſa parrilha duas onças, polipodio onça, & meya, paſſas de uvas huma maõchea, ameyxas paſſadas duas duzias, maçãs de anafega huma duzia, alcaçùs meya onça, raizes, & folhas de borragem, & almeyraõ, de cada hum ſua maõchea, agrimonia, & avenca, de cada huma meya maõchea, flores cordeaes meya onça, ſementes frias mayores ſeis oytavas, caſcas de mirabolanos chebulos, & Indos, de cada hum tres oytavas, carthamo machucado duas oytavas, turbit huma oytava, folhas de ſene ſeis oytavas, faça-ſe cozimento, ſegundo arte, que fique em quartilho, & meyo, & ajunte-ſe aſſucar, o que baſte para ſer doce, & faça-ſe apozema, da qual tome o doente cada manhã meyo quartilho, ou quatro, ou cinco onças, conforme purgar, & tome-a hum dia entre outro, ou continuados, ſegundo a evacuaçaõ, & as forças. Mas ſendo o enfermo fraco, ou muyto eſquentado do figado, façaſelhe outra apozema mais branda, & mais freſca, cuja receyta fica no Capitulo antecedente, ou outra que abayxo diremos.

Depois do corpo bem evacuado entre o doente em ſuores de ſalſa, & páo miſturados, & naõ baſtando os ſuores, tome *unturas de mercurio.* Para os ſuores ſe deve cozer mayor quantidade de ſalſa, ou de páo, que nas eſpecies antecedentes, & deve eſtar de molho vinte, & quatro horas. E por tanto ſe cozeraõ

duas

duas onças de Guayacaõ, ou meya onça de China, em tres canadas de agua que ſe gaſtem duas, & fique huma, tornando a cozer os meſmos em cinco canadas que fiquem quatro, ou menos, para beber de ordinario. Porèm iſto entende-ſe naõ havendo demaſiado calor de figado, ou naõ ſendo a compleyçaõ total do doente muyto calida, ou o tempo de eſtio: porque havendo eſtes impedientes, diminuirſehaõ as quantidades do páo, & ſalſa, & ajuntaràõ ao cozimento cevada, ou ſe fará em agua de almeyraõ, ou ſemelhante. As mais particularidades diremos abayxo. Cura-ſe tambem eſta quarta eſpecie *com o vinho ſanto, & com apozema de Dom Fernando, & com a ſalſa de jarrilhos*, das quaes couſas trataremos as receytas em outro Capitulo.

E porque muytas vezes naõ ſáraõ os enfermos ſómente com a ſalſa, ou páo, por tanto ſeria melhor darlhes ſempre a cura do azougue, ſe a quizerem tomar. Pelo que obedecendo o doente lhe daráõ ſuas *unturas ordinarias, ou ſe lhe applicaràõ os emplaſtos de azougue, ou os fumos de cinabrio, ou ſe lhe dará pela boca o azougue preparado como convem*, de que tudo abayxo trataremos.

E lembro *que chegando a ſer febricitantes, ou tabidos os deſta eſpecie, que ſe và muyto a tento na exhibiçaõ dos medicamentos purgantes, ſuores, ou unturas, & nas quantidades da ſalſa, ou páo*, pelo perigo, que ha de ſe intenderem as febres, & de faltarem as forças, & ſe ordenará a cura como diremos em ſeus Capitulos.

Advirto mais que he taõ difficultoſa a cura do morbo gallico deſta eſpecie, que *muytas vezes não obedece à primeyra, & he neceſſario fazer outra, & outra*, & aſſim convem que paſſando alguns dias, em que o doente ſe reforme das forças, ſentindo que fica com achaques notaveis, ſe torne a curar, *& ſe a cura precedente foy de azougue, far-ſelheha a outra de ſalſa, ou páo*, dados em ſuores, ou em apozemas, ou em conſervas, ou em pòs, & continuados por tanto eſpaço de tempo, que poſſaõ conſumir todas as reliquias, que ficáraõ. E pelo contrario *ſe a primeyra cura ſe fez com eſtas medicinas, a ſegunda ſe farà com azougue*, porque ſempre obra melhor ſendo medicamento diverſo, como a experiencia muytas vezes tem moſtrado, pois conforme à regra commua da Filoſofia, *A conſuetus non fit paſſio.*

ANNOTAÇOENS.

MAis grave, & difficultoſa. *A quarta eſpecie do gallico, indo pela diviſaõ do Author, he mais grave; & mais difficultoſa de curar, que todas as outras; porque nella eſtà a maſſa do ſangue mais altamente viciada, com o acido venereo, de que reſulta haver no corpo varias coagulaçoens, & eſtagnações do ſangue, & da lympha, como atteſtaõ as talparias, & gomas, que eſtes gallicados padecem; & por iſto devemos recorrer logo ao azougue para curallos; porque ſó elle chega a extinguir todo o fermento contagioſo, que vicía o ſangue, deyxando eſte purificado, & reduzido à melhor ſymmetria.*

Pecca pouco em ſua quantidade o ſangue. *Neſta eſpecie diz o Author, que ha pouca quantidade de ſangue, porque o contagio tem tranſmutado em outros humores. Mas o fermento contagioſo naõ pòde diminuir a quantidade do ſangue; poderà deſtruirlhe a natureza, vicialo, & corrompello, mas diminuillo, iſto não pòde fazer o gallico; & ſempre vem a ficar o meſmo ſangue, ou atrabilioſo, ou cholerico, ou fleymatico, cujos vicios ſe emendaõ com as curas alexipharmacas, eſpecialmente mercuriaes.*

Tire-ſe algum ſangue. *Nos gallicados deſta graduação he eſcuſado ſangrallos para os curar; porque como o ſangue eſtà taõ viciado, ha poucos eſpiritos para ſofrer as ſangrias, & devemos conſervallos, para naõ perder as forças; que como diſſe Valleſio,*

ſio, 1. *nas naturezas debilitadas nenhumas curas aproveytaõ, por mais efficazes*
1. Vallef. *que ſejaõ os remedios*: Nullus morbus (*ſaõ as ſuas palavras*) poteſt perfectè ſanari ope ſolius Artis, ſed neceſſe eſt ut natura ſanitatem ægrotantis perficiat.

Se purgue. *O purgar exactamente he muy neceſſario para chegar ao uſo dos alexipharmacos, principalmente ſendo azougue: porque eſte medicamento move muyto os humores, & ſe achar muytos que mover, teràõ os doentes grandes trabalhos que paſſar, ou por ſer a ſalivaçaõ moleſta; ou por haver curſos muy profuſos, ou por ſobrevirem outros danos, ſegundo as partes para onde ſe encaminharem os humores que mover o azougue. E ainda que a cura ſe não haja de fazer com azougue, ſempre he conveniente que precedaõ exactas evacuações aos alexipharmacos; porque com os humores que ſe evacuaõ, ſahem muytas particulas do fermento contagioſo, & cuſta menos a extinguir o que fica no corpo. O Author purga com jalapa; mas naõ tendo menos virtude o ſeu extracto, ou reſina, antes ſe deve dar eſta, porque ſe toma com mais facilidade, ou em pó, ou reduzida a pirolas, ou deſfeyta em huma amendoada, na quantidade de doze grãos, com outros tantos de diagridio de Paracelſo. Os pòs de Cornachino ſaõ muyto bons para eſtes caſos, & os mais purgantes, de que fizemos menção nas Annotações ao* Capitulo XIV. *em que preferimos o mercurio Calomelanos com diagridio.*

Com os pòs de Joannes de Vigo. *Ainda que os pòs de Vigo ſejaõ mercuriaes, razaõ para terem bom lugar neſtes caſos, naõ os admittimos para purgar com elles; porque ſaõ corroſivos, & pòdem fazer mayor dano, que utilidade. E ainda que ſe tenhaõ uſado ſem offenſa: iſto todavia naõ ſe deve imitar, pelo perigo que pòde acontecer. Já pòs vimos que hum Chymico purgava alguns doentes com ſolimaõ, ſem reſultar dano do ſeu uſo; mas nem por iſto dizemos que alguem ſe purgue com elle. Os medicamentos acres, & corroſivos fazemſe purgantes vellicando as fibras do eſtomago, & obrigando a natureza a que irritada rompa em vomitos, & em curſos, com as quaes evacuações ſahem tambem os meſmos medicamentos, ceſſando a ſua irritaçaõ, & ſuſpendendo-ſe os ſeus movimentos. Mas pòde ſucceder que algumas particulas dos taes medicamentos ſe fixem nas fibras do eſtomago, & que ſejaõ cauſa de convulſoens, de vomitos incompeſciveis, & de curſos precipitados; ou que corroendo algumas partes, promovaõ hum froxo de ſangue, ou façaõ outros muytos danos que pòdem fazer. Quem quizer purgar com medicamentos mercuriaes, que nos gallicados ſaõ os purgantes mais proprios que ſe pòdem uſar: ahi tem o mercurio Calomelanos, ou o mercurio doce, ou branco precipitado, que ſe pòde receytar neſta forma.*

Tomem de Calomelanos turquetos vinte grãos, de reſina de jalapa dez grãos, de diagridio ſulphurado ſeis grãos de tartaro vitriolado quatro grãos, de emulſaõ de ſementes frias mayores duas onças; miſturem-ſe, & deſfaça-ſe tudo bem.

Tomem de mercurio branco precipitado, & de diagridio de Paracelſo, de cada couſa dez grãos; miſturem-ſe feytos em pó, & tomem-ſe em huma amendoada de pevides de melaõ, & melancia; ou ſe façaõ pirolas com alquitira.

Febricitantes, ou tabidos. *Nos hecticos, & tabidos gallicados ordinariamente ſaõ inuteis todas as curas que ſe naõ fazem com os alexipharmacos deſte contagio; & curaõ-ſe melhor com ſuores de ſalſa, do que com leyte de burra, & xaropes de frangãos, ainda que ſe componhaõ de ſalſa, & dos mais antidotos vegetaveis que regularmente ficaõ fruſtrados quando o gallico eſtà altamente radicado, & neſtes termos, muyto melhor que os ſuores aproveyta o azougue, ou pela boca, ou em unturas brandas, como muytas vezes temos obſervado, com feliz ſucceſſo; ſobre o que ſe vejaõ as obſervações que eſcrevemos no* Capitulo X. do Tratado do uſo do azougue nos caſos em que he prohibido, *o qual ſe acha na noſſa Medicina Luſitana.*

Se a cura precedente. *Quando o gallico ſe naõ extingue com huma cura, he preciſo*

ſo fazer outra; & adverte Madeyra, que ſe não tente a ſegunda com os medicamentos de que ſe uſou na primeyra; & que ſendo eſta feyta com azougue, ſe faça a ſegunda com ſalſa. No que dizemos, que ſe a primeyra ſe fizer com ſalſa, & com os mais antidotos vegetantes, & o doente não ficar bem curado, ſe faça ſegunda cura com mercurio, que he ſó o medicamento, que doma eſte veneno, & que finalmente extingue todos os ſeus ſeminarios. E ſe feyta a primeyra cura com azougue melhorar o doente, & não ficar totalmente ſaõ, torne a repetir ſe cura mercurial, ou tomando panacéas pela boca, ou uſando de unturas de azougue, que ſaõ mais efficazes; porque em todos os achaques ha caſos, que com as primeyras curas ſe não vencem, & repetindo-as, ſe chegaõ a ſuperar. E ſe ſucceder que com as curas de azougue ſe aggravem mais as queyxas, ou ſe offendão os doentes com outros danos; neſte caſo, recorra-ſe aos alexipharmacos vegetantes; & depois de ſe moderarem com elles os males que padecem os gallicados, tome-ſe com largos intervallos alguma porção de mercurio, para extinguir os ſeminarios do contagio; porque iſto ſó o mercurio o faz, & com nenhum dos outros alexipharmacos ſe póde conſeguir.

CAPITULO XVII.

Do Guayacão, ou páo das Antilhas, & páo ſanto.

Numero 1.

QUatro ſaõ principalmente os verdadeyros alexipharmacos, que a experiencia tem deſcuberto para a cura do morbo gallico, a ſaber, *azougue, páo guaycão, ſalſa parrilha, raiz da China.* O azougue he de todos o mais efficaz, mas cura com grande violencia: os outros tres ſe poem, em primeyro lugar o guayacaõ, no ſegundo a ſalſa parrilha, & no terceyro a raiz da China. De todos elles trataremos em particular, declarando de cada hum o que ſeja, as condições, que lhe convem para ſe eſcolher, as qualidades manifeſtas, as occultas, & o uſo conveniente para a cura, ou preſervaçaõ das enfermidades. Começando pelo guayacaõ.

Ha de guayacão duas eſpecies, conforme diz Gonçalo Fernandes de Oviedo, *huma dellas não tem diverſo nome do genero, & ſe chama tambem guayacão*, & he huma arvore (conforme elle eſcreve) taõ grande como huma nogueyra, & tem folhas como de caſtanheyro, hum pouco mais pequenas, & mais verdes, a caſca fuſca, & malhada com humas roſas declinantes a verde a modo das que ha nos cavallos roſados: o fruto de cor amarella, & de feyçaõ de dous tremoços pegados hum no outro, o páo muyto duro, & peſado, de coraçaõ grande, & negro, & no demais ſubalbido com linhas negras entrepoſtas. Lib. 19. de la hiſt. nat. de las Ind. lect. 1. c. 2. & no ſumar c. 86.

Monardes o deſcreve dizendo, que he huma arvore do tamanho de huma azinheyra, & que lança muytos ramos, cuja caſca he groſſa, gomoſa, & ſe deſpega por ſi depois de ſeca, o coraçaõ do páo grande, tirante a negro, muyto mais duro que o Evano, a folha pequena, & dura: lança cada anno humas flores amarellas, das quaes ſe gèra hum fruto redondo, & maciço com humas pevides dentro do tamanho dos caroços das neſperas, & ha grande abundancia deſtas arvores na Ilha de Santo Domingo. 1. part. prop.

Depois deſte guayacaõ ſe achou na Ilha de Saõ Joaõ de Porto Rico, *a outra eſpecie delle chamada páo ſanto*, pelos ſeus effeytos taõ excellentes, que parecem milagroſos, o qual conforme o meſmo Monardes, he huma arvore mais pequena, que tem o tronco, & ramos mais delgados, & quaſi naõ tem coraçaõ, ſe- Loc. cit.

naõ he algum pequeno, que ſe acha ſómente no tronco, onde o páo he mais groſſo. E Pena o deſcreve, dizendo, que he huma arvore como freyxo, menor hum pouco; a caſca da meſma cor, as folhas como de tanchagem, mas mais groſſas, mais pingues, & menores, o fruto tamanho como huma nòz. Accreſcenta Fallopio, que tem humas flores amarellas, a caſca cinzenta por fóra, & por dentro fuſca. E todos conformaõ em que he mais aromatico, mais acre, amargoſo, & pingue, que o guayacaõ. O meſmo Pena lhe chama tambem Palma Santa, & diz q̃ huns marinheyros Inglezes lhe moſtráraõ hum ramo delle direyto com folhas como de cidra; mas carnoſa, calva, mais larga, & mais curta que o do louro, & que na ponta do ramo havia huns folhelhos pallidos, como de couro, redondos, & cerceados do tamanho de huma moeda de ouro Franceza, dentro dos quaes eſtava huma ſemente da figura, & cor de huma lentilha, porèm mais chata, & amargoſa. De outras eſpecies faz menção Ruí Dias, porque diz ſerem ſete, mas pouco differentes humas das outras, entre as quaes ſe chama huma *mapanan*, que ſignifica *páo da ſaude*, o qual faz ſua obra mais preſto, poſto que ſe naõ tem por taõ fixa.

Lib. de morb gal cap. 9.

He eſte *guayacaõ* nome Indio, *que ſignifica páo Caſto*, ſegundo nota Ruí Dias de la Isla. E por vir eſte páo daquellas partes lhe chamàraõ tambem *lignum Indicum*, ou *páo das Indias*, ou *das Antilhas*. Achouſe a primeyra vez na Ilha Hiſpana, ou Eſpanhola, & depois ſe deſcobrio a outra eſpecie delle, que chamaõ páo ſanto, na Ilha Boriquem, (conforme Oviedo) que hoje ſe chama S. Joaõ de Porto Rico.

Loc. cit. n. dizen.

Loc. cit.

Numero 2.

Eleyçaõ do guayacão, & páo ſanto.

Lib. 1. de lign. fact. cap. 3. Tract de morb. gal c. 39. 2. de generat. c. 3. & 57.

HA-ſe de eſcolher (ſegundo Alfonſo Ferreo, & Fallopio) o páo da arvore, que naõ ſeja muyto velha, nem muyto nova, porque ainda naõ tem acquirido a devida perfeyçaõ, & aquella, conforme Ariſtoteles, pela corrupçaõ a vay perdendo. Conhecerſeha ſer de arvore velha, porque o páo deſta tem a caſca muyto groſſa, pouco amargor, pouca acrimonia, & he menos pingue, & menos cheyroſo, & com iſto he o tronco muyto groſſo. E pelo contrario a nova ſe conhece, porque o tronco he delgado, & ao goſto mais amargo, & acre, & tambem mais aromatico. Os quaes ſinaes convem aſſim ao guayacaõ, como ao páo ſanto, com tanto que ſe entenda que ao ſanto convem particularmente em ſua proporçaõ ſer mais pingue, mais acre, mais amargo, & mais odorifero que o guayacaõ como conſta dos Authores allegados.

A terra em que naſce naõ faz tambem pouco à bondade do páo, porque como venha de varias Ilhas, como da de Santo Domingo, Santa Cruz, & Saõ Joaõ de Porto Rico, o deſta, ſegundo Alfonſo Ferreo, he o melhor de todos por duas cauſas; a primeyra, porque diſta da linha oyto graos mais que as outras; a ſegunda, porque he terra de mais fontes, & rios, as quaes condições, como faltem nas outras, ſaõ occaſiaõ de ſer a terra mais calida, & ſeca, & de produzirem as arvores mais privadas da humidade pingue alimenticia, na qual principalmente conſiſte a principal propriedade da planta, como tem Fallopio.

Loc. cit.

Cap. 43.

A melhor parte deſtas plantas, cõforme os ditos Authores, ſaõ os ramos tenros, & as raizes, o que ſe moſtra, porque alèm dos outros effeytos tem virtude purgativa; & o confirma a experiencia, porque os Naturaes da terra achaõ melhores ſucceſſos do uſo deſtas partes, como notou Oviedo. Porèm como facilmente-

Loc. cit.

te ſe ſecaõ, & corrompem, convem-nos eleger do que a eſtas partes nos chega, o páo dos troncos mais groſſos, (como o naõ ſejaõ tanto, que moſtrem ſer de arvore muyto velha) porque reſiſtem mais às couſas corrompentes,& nelles ſe conſerva mais a virtude. E por tanto he neceſſario que o páo antes ſeja cortado de pouco tempo, que antigo, & ſe puder ſer, encomenda Alfonſo Ferreo, que naõ paſſe de hum anno; & do guayacaõ dizem Mercado, & Rui Dias, que a melhor parte he o coraçaõ negro. Cap. 1. Lib. de morb. gal c.10. Lib. de morb. ſerp.c.10

Da caſca ha duvida ſe he melhor: & reſolve Euſtachio Rudio que na materia do deſecar he mais efficaz, porèm na propriedade occulta alexipharmaca, com que extirpa a qualidade gallica, & em provocar ſuor, & engordar, naõ tem tanta efficacia como o páo: & por tanto naõ uſaõ os Indios della, antes lha tiraõ, como diz Rui Dias. He porèm melhor aquelle, que a traz, que o que vem eſfolado, ou privado de ſua capa natural, como de ordinario acontece, porque imaginando a gente que a caſca tinha mais virtude, dava mais dinheyro por ella, & por tanto lha tiravaõ logo là os Indios, para ſe vender apartada. Cap. 16. Lib 5. de morb. ven. A caſca lhe conſerva a virtude. Fabr. 39.

Deve-ſe logo eſcolher o páo groſſo naõ demaſiadamente, & ſendo o guayacaõ, tenha coraçaõ muy grande, como diz Ruí Dias de la Isla, & qualquer delles traga ſua caſca, a qual venha taõ pegada, que nem com ferro ſe lhe poſſa apartar, porque a que ſe deſpega facilmente, moſtra ſer o páo marcado, como diz Fallopio; & cortandolhe alguma cavaquinha, ha-ſelhe de perceber algum cheyro, aliás he velho, & corrupto; & ao cortar ha-ſe de moſtrar pingue de modo, que a ferramenta fique untada, & metendo a cavaca na boca ha de fazer mordicaçaõ logo na garganta, & depois hum amargor, & limando-ſe, ou ſerrando-ſe, ha de ficar muy liſo, & cheyo, porque ſe deyxar alguns buraquinhos, he peſſimo. Ha de ſer muyto peſado, & naõ ha de ter parte branca, que não decline a fuſca; & as veas naõ ſejaõ totalmente pretas, ſenaõ verdenegras, & depois de limado, & cozido ha de deyxar o cozimento muyto turvo, amargoſo, & acre. Todos eſtes ſinaes requere Fallopio. Cap. 44. Loc. cit.

A caſca (diz o meſmo Author) naõ ſeja de páo delgado, que ſe conhece logo,porque he eſtreyto o canal, & ſerà groſſa, muyto dura, & na ſuperficie interna ſeja da cor como negra, & cinzenta em partes, & partindoſe pareça negra, naõ tanto como o Evano. *E adverte Fallopio, que às vezes trazem huma caſca de outra arvore, & a vendem por de guayacão, a qual faz os homens tiſicos, & os mata:* & porque ſe parece com a legitima, naõ tem outra differença por onde o engano ſe conheça mais que por ſer eſtreyta, que parece ſer tirado de páo, que teria ſómente dous dedos de groſſura: por tanto quem quizer curar os ſeus doentes ſem perigo, nunca lhes dè caſcas, que naõ ſejaõ de ramo groſſo.

Numero 3.

Qualidades manifeſtas, & occultas do guayacão, & pão ſanto.

SAõ eſtas duas eſpecies de guayacaõ quentes, & ſecas no grao ſegundo, conforme diz Alfonſo Ferreo. Poſto que o contrario tenha Alcaçar onde diz, que he temperado, enganando-ſe, porque às vezes tirando a cauſa calefaciente, refrigèra. Ambas as eſpecies tem virtude alexipharmaca efficaciſſima contra a qualidade gallica, & contra todos os outros venenos, como Diz Ruí Dias de la Isla, & parece ſentir Holerio. Porèm no que toca a curar as outras enfermidades quenaõ ſaõ gallicas, he muyto melhor o páo ſanto, porque como he mais Lib. 1. c. 4. Tract. de morb. gal.c. 41. 1. p. cap. prop.

amargoſo, & mais acre, tem mayor efficacia em atenuar, & reſolver os humores craſſos, em abrir os póros, & desfazer quaeſquer opilações, do que o guayacão. E por iſſo diz Monardes que cura hydropeſia, parleſia, gotta coral, mal de rins, & bexiga, & todas as dores, & payxões das juntas, ventoſidades, enfermidades largas, & importunas, & finalmente todas aquellas, que dependem de humores frios, & naõ obedecem a outros remedios. E diz Fallopio, que o vio aproveytar em optalmias, & fluxaõ de lagrimas lavãdo-ſe os olhos com ſeu cozimento, que tambem firma, & branquea os dentes admiravelmente, conforme Monardes; & conforta o eſtomago, & deſopila o figado, ſegundo Rui Dias; & he tanta a virtude que tem de roborar todos os membros naturaes, & de tal modo os deyxa confortados, que naõ póde haver recahida ſenaõ de muy grande cauſa, como diz Nicolao Maſſa. E ſerve a outras muytas enfermidades applicado de varios modos, de que *ad extenſum* trata Alfonſo Ferreo, & por ſer deſecativo, mandaõ commummente os Authores, que com o meſmo cozimento ſe lavem as chagas gallicas, porque maravilhoſamente as mundifica, & deſeca. E por ter muyta humidade pingue alimentoſa, he ordinario engordarem aquelles, que delle uſaõ, como diz Fallopio, & por razaõ da meſma provoca ſono, como affirma Isla.

Lib.4 c. 8. Lib. de morb. ſerp. c. 10 Loc. cit. Lib. de morb. gal. c. 11. ad fin. Lib. prop. loc. cit.

He eſte pão de ſubſtancia muy dura, & ſolida, & por tanto, conforme as regras de Meſue, he neceſſario que ſeja cortado muyto miudo, que eſteja muyto tempo de infuſaõ, & que ferva muy grande eſpaço. O que ſe prova pela experiencia, porque diz Nicolao Maſſa *que hum homem pobre cozera huma libra de pão doze vezes, por não ter dinheyro para o comprar novo, & que ſempre deyxàra tanta virtude no cozimento, que baſtàra para lhe dar ſaude perfeyta.* O que confirma Horta, que diz que havendo falta delle na India ſe vendèra o páo já cozido a cinco cruzados a libra, & que com ſer aſſim aproveytava, ſárando perfeytamente os doentes.

Lib. can. Lib. de morb. tr. 3. c. 9. Colloq. 47.

E poſto que guayacaõ, & páo ſanto tenha igual qualidade alexipharmaca para curar morbo gallico, com tudo *ſempre o Santo ha de ſer preferido*, pois he mais efficaz nas outras qualidades, com que os humores ſe preparaõ, cozem, & reſolvem; obras, que muyto ajudaõ para a perfeyçaõ da cura, conforme ao que diſſe Galeno: *Si medicamentum duas habet qualitates, & poteſtates, valentiùs operabitur. Se o mèdicamento tiver duas qualidades, & faculdades, obrarà com mais efficacia.* Aſſim que naõ ſómente para o morbo gallico, mas tambem para as mais enfermidades manifeſtas he muyto melhor o páo ſanto que o guayacaõ, conforme eſtà moſtrado.

Lib. artis med. c. 93.

As flores, & o çumo das folhas de hum, & outro páo tem virtude purgativa, como nota Fallopio, & por eſta razaõ, diz elle, aquelles que com o çumo ſe curaõ melhor, & mais em breve ſáraõ.

Cap. 43.

Numero 4.

Uſo conveniente do guayacaõ, & pão ſanto.

A'Cerca do conveniente uſo deſtes medicamentos ſe ha de guardar a regra geral de Galeno, que he ſaber a quantidade, que delle ſe ha de dar, de que modo, quando, & onde ſe applica. Deſte ultimo naõ ha que advertir, pois he certo dar-ſe pela boca. Do tempo tambem conſta que ſe ha de dar depois do corpo evacuado com ſangria, & purga, como ſe coſtuma em ſemelhantes medicamentos,

1. ad Gaſen. c. 1.

camentos, & ſe ha de elleger o mais temperado do anno, que he a Primavera, & Outono, dando a doença lugar para que por eſte tempo ſe eſpere; porèm apertando, quero dizer, havendo perigo, ou de morte, ou de grande dano pela tardança, em qualquer tempo do anno ſe deve curar o doente, ou ſeja no rigor das calmas do Eſtio, ou dos frios do Inverno. Da hora em que ſe ha de dar variaõ os Authores: porèm naõ ha duvida que ſempre para o xarope forte, com que ſe uſa, ſe ha de eleger aquella, em que o eſtomago eſteja vaſio. E ſe ſe toma hum ſó, baſta o de pela manhã, & ſe dous, ha ſe de dar o da tarde depois de feyta a digeſtaõ do mantimento do eſtomago, que ſaõ ſete horas nos eſtomagos ordinarios; mas porq̃ alguns cozem muyto em breve o mantimento, neſtes baſtaõ cinco, ou ſeis; & nos que cozem muyto devagar, ſaõ neceſſarias oyto, ou nove depois do jantar, para lhe dar o xarope da tarde. Colheſe iſto de Veſſalio, Monardes, Euſtachio, Fallopio, & dos mais Authores. Depois de tomado o xarope pódem comer dahi a duas, ou tres horas. In epiſt. rad. China. cap. prop.

Na quantidade variaõ os Authores; porèm diz Euſtachio Rudio, que dandoſe em cozimento ſe lançaràõ a tres canada de agua, de tres atè doze onças de páo limado, que eſteja de infuſaõ nella eſpaço de vinte, & quatro horas, & depois ſe coza na meſma agua, que das tres canadas ſe gaſtem duas, & fique huma; advertindo que ſendo o mal antigo, ou aliàs rebelde, naõ ſendo o doente muyto calido de figado, nem do temperamento univerſal do corpo, nem o tempo de eſtio, nem havendo febre, ſe lancem todas as doze onças; porèm havendo o contrario diſto, ſe diminuirà a quantidade, conforme a diminuiçaõ das ditas circunſtancias. E o ordinario que hoje damos às ditas tres canadas, ſaõ ſeis onças de páo limado, ou feyto em cavaquinhas muyto miudas, que depois de eſtar nellas de molho vinte, & quatro horas fervaõ atè ſe gaſtarem as duas canadas. E deſte cozimento damos ao doente de oyto atè dez onças para que com ellas ſue. Mas adverte Fallopio, que ſendo menino ſe dem de quatro atè ſeis onças, ſendo eſtomago robuſto ſe dem oyto, ou nove, ſendo robuſtiſſimo doze, & que pela manhã porque o eſtomago eſtà mais valido por razaõ do ſono, que precedeo, & tambem mais deſpejado; deve ſer mayor a quantidade do xarope, que à tarde pelas contrarias razões. Lib. 5. de morb. ven. cap. 18. Tract de morb. gal. cap. 53 Lib. 5. c. 1. Tract. de morb. gal. c. 31.

Os Indios, conforme nota Rui Dias de la Isla, coziaõ duas onças de páo freſco em dous quartilhos de agua, de que ſe gaſtavaõ tres partes, & ficava meyo quartilho, que tomavaõ de huma vez; & porque o páo nos chega com menos virtude, manda eſte Author que ſe faça com duas onças, & meya. O qual modo he excellente para arrancar boubas velhas, ſenaõ houver deſtemperança demaſiadamente calida do figado, ou outro impedimento. Lib de morb. ſerp. c. 10 regl. 8.

E adverte Euſtachio Rudio que nos primeyros dias ſe faça o cozimento menos forte, naõ deyxando minguar mais que ametade, porque de começarem os doentes logo com o mais efficaz, ſuccede ſobreviremlhes febres, & outros inconvenientes, que impedem a continuação da cura. E por tanto tem por mais ſeguro coſtumallos no principio com medicamento mais brando, depois irem-no accreſcentando.

O dito cozimento provoca ſuor aos doentes, cobrindo-os bem com a roupa, ou dandolhes huns bafos de cozimento de ervas, como de marcella, coroa de Rey, folhas de larangeyra, de louro, erva cidreyra, ſalva, betonica, ouregãos, roſmaninho, poeyjos, & ſemelhantes, de que ſe faz o cozimento em agua, & ſobre elle bem quente ſe aſſenta o doente (tendo bebido o xarope de páo) debayxo de hum lençol, ficandolhe a cabeça de fóra (& recebendo alli aquelles vapo-

res, ſua copioſamente.) E eſte modo louva muyto Euſtachio Rudio, porèm porque he hum tanto enfadonho, he muyto melhor o da eſtufa que hoje ſe coſtuma. O de roupa abafando ſe o doente na cama he mais trabalhoſo, & de menos utilidade, porque naõ ſendo a peſſoa facil em ſuar, muy pouco, ou nenhum ſuor ſe provoca. Uſaõ tambem alguns de cabaças de agua quente poſtas debayxo dos ſovacos, & verilhas para com mais efficacia provocar ſuor. O qual modo tambem ſerve: porèm advirta-ſe nelle naõ ſucceda ſer a agua taõ quente, que eſcalde os doentes, como jà tenho viſto. E poſto que Alexandre Maſſaria tem para ſy que naõ ſe ha de uſar de artificio para ſe haver de ſuar, entendendo que baſta beber agua do medicamento ſudorifico, engana-ſe com tudo; porque a quotidiana experiencia tem moſtrado ſer raro o provocarſe ſuor ſem artificio.

Lib. de morb. gal.

Coſtumaõ-ſe dar ao doente dous ſuores cada dia, & continuar quinze, où vinte; porèm não pòde haver regra geral neſta materia, porque ha peſſoas fracas, em que he neceſſario deſcançar algum dia, ou darlhes hum ſómente pela manhã, ou à tarde: na qual de ordinario ſuccede ſer o ſuor mais copioſo, ou pelos humores eſtarem mais quentes, derretidos, & diſpoſtos com o calor do dia, ou porque os gallicos ſe movem mais naquella hora. Tambem a mayor, ou menor intenſaõ do mal faz variedade neſta materia, porque ha gallicado, a que baſtaõ nove dias de ſuores, & outro a que naõ baſtaràõ trinta. Conhecerſeha que baſtaõ, pela auſencia dos ſymptomas, porque ſe as chagas ſáraõ, ſe as dores ſe tiraõ, ſe os tumores ſe desfazem de todo, he final que ſe acabou o contagio; mas ſe perſevéraõ, he certo que dura, & que he neceſſario continuar com a cura. E diz Fallopio, que ſe das chagas ficarem humas cicatrizes calloſas, ou perſeverar a gonorrhea purulenta, recahirà o doente, & por tanto que ſe continue a cura atè ſe iſto extinguir, & ſenão ſe puder continuar ſuando, cõtinueſe com os xaropes do páo ſem ſuar, & paſſados os quarenta dias baſtarlheha tomar hũ ſómente cada manhã. E nota Ruí Dias de la Isla, que os menos dias, em que póde baſtar, ſaõ nove, & os mais trinta, mas que de ordinario baſtaõ vinte. Era eſte Author muy experimentado, & deveſelhe grande credito neſta materia.

Tr. de morb. gal. c. 51.

Loc. cit. §. 10.

Sem provocar ſuores ſe póde tambem dar o dito cozimento a peſſoas occupadas, ou que naõ tem forças para aguardar o rigor dos ſuores. Pelo que a eſtes convem darſe o cozimento feyto pela ordem acima, manhã, & tarde, & beberem agua de ſegundo cozimento, & continuando vinte, ou trinta dias pòdem ſarar perfeytamente. Porèm note-ſe que muyto melhor he a cura, que ſe faz por ſuores, porque eradica com mayor perfeyçaõ a qualidade gallica, como a experiencia tem moſtrado, & nota Rudio; cuja cauſa he, porque pelo ſuor ſe evacuaõ os excrementos da terceyra digeſtaõ, que ha em todo o corpo, principalmente no ambito delle como nota Galeno. E como por eſta via ſe expurgaõ os que em ſy contem a qualidade gallica, com mais facilidade ſára, & mais ſeguro fica o doente de recahida, que o que Galeno encomenda ſe faça para ſegurança da cura. Mas eſte ponto tratarèmos largamente na ſegunda parte.

Lib. 5. de morb. gal. cap. 11. 4. de fan. cap. 4. 14. met. cap. 13 quæſt. 36.

Alèm do cozimento ordinaro, que em agua ſe faz, ha outros, que ſe fazem em vinho, em ſoro, em aguas deſtilladas, ou em caldo de carne, cuja ordem abayxo declararèmos: & deſtes ſaõ huns ſimplices, porque naõ contem mais que o páo, & licor em que ſe cozem; outros compoſtos, porque ſe lhes ajuntaõ outros varios ſimplices, que ou temperaõ, ou accrecentaõ as qualidades do páo, ou reſpeytaõ a certas enfermidades, & membros do corpo, como tambem abayxo diremos.

Ha demais diſto outros varios modos de dar eſte medicamento, porque ſe

dà

dà em pós, em conſervas, em talhadas, em pirolas, em trociſcos, em xaropes, ou em apozemas, como abayxo ſe dirá dos que ſe fazem da ſalſa parrilha, & raiz da China.

Advirta-ſe porèm que naõ he muyto conveniente pôr eſte páo em ſubſtancia, por ſer neceſſaria grande quantidade delle, ſalvo for miſturado com os outros alexiparmacos, de que menor quantidade baſte. He com tudo muy accommodado para cozimentos, & xaropes, conforme eſtà dito.

E dos xaropes ſerá bom exemplo eſte de Ruí Dias de la Isla. Tomem de páo ſanto, ou guayacaõ huma libra, & limado ſe infunda vinte, & quatro horas em quatro canadas de agua, na qual ferva atè ficarem ſómente tres quartilhos, & coados ſe lhe ajunte hum arratel de aſſucar fino, & com elle torne a ferver atè que tome ponto de xarope. Serve para os febricitantes de quarta eſpecie de morbo gallico, & para todo o gallico antigo darſehaõ de cada vez pela manhã tres onças, à tarde duas bayxadas de ponto com agua ſimplez do meſmo páo, ou com outra conveniente, & ſe naõ houver febre, nem deſtemperança quente que o impida, pòdem accreſcentar ao cozimento huma oytava de eſpicanardi, & depois miſturar com o aſſucar meyo quartilho de mel, & deſte modo mitigará melhor as dores, & reſolverá os tumores gallicos perfeytamente, porèm ha-ſe de continuar trinta, ou quarenta dias.

ANNOTAÇOENS.

Numero 1.

AZougue. *Do azougue diz Madeyra, que he o maìs efficaz de todos os alexipharmacos do gallico, mas que cura com grande violencia. E aſſim como he certo, que o azougue tem entre todos os alexipharmacos deſte contagio mayor virtude para extinguillo: aſſim he falſo o curar com grande violencia. Não duvidamos que ſe o azougue ſe não preparar bem, & ſe não ſe ſouber adminiſtrar com arte, & com prudencia, que farà effeytos de violencia, & de braveza. Mas dulcificando-ſe bem, & uſando-ſe prudencialmente, taõ fóra eſtà de curar com violencia, que cura com a mayor ſuavidade; ficando hum remedio taõ benigno, que atrevidamente ſe uſa nos mesmos lactantes, em mulheres prenhadas, & em toda a natureza, ſem que ſe experimentem os incommodos da ſua violencia, depoſta na preparaçaõ com que ſe doma, & na arte com que ſe uſa. Muyto mayor violencia he a com que ſe ſua dentro de huma eſtufa, do que aquella com que ſe curaõ os gallicados, andando de pé, & ſahindo de caſa nos meſmos dias em que tomaõ huma panacéa mercurial. No tempo de Madeyra naõ devia de eſtar taõ facil a cura do azougue, por iſto a tem por taõ violenta.*

Guayacaõ. *Ao guayacaõ chamàrão tambem páo ſanto, pelas eximias virtudes que nelle reconheceraõ para o gallico os primeyros Indios, que o uſáraõ; que quiz a Providencia Divina, que naquellas terras em que havia de ſer commum o morbo gallico, houveſſe logo prompto o remedio para curallo. E forão taõ admiraveis os ſeus effeytos em vencer os danos deſte contagio, que em pouco tempo ſe teve por hum dos efficazes alexipharmacos delle. Os modos de uzallo ſaõ varios; eſte he hum delles:*

Tomem de páo ſanto limado quatro onças, infunda-ſe 24. horas em quatro libras de agua quente, depois das quaes ferva a fogo lento atè gaſtar a metade; entaõ junte-ſelhe, ſegundo a Arte, dous punhados de flores cordeaes, huma onça de paſſas de uvas ſem caroços, huma onça de folha de ſene, meya oytava de erva-doce; coe-ſe, & guarde-ſe. Toma-ſe cada manhã ſeis onças, outras ſeis de tarde, & continua-ſe dez, ou doze dias.

Para

Para os meninos que mamaõ, ſe eſtaõ gallicados, ſe uſa em xarope, na fórma ſeguinte:

Tomem de páo ſanto limado tres onças, de agua de chicoria, ou da fonte, tres libras; infundaõ-ſe 24. em lugar quente; depois ferva atè goſtar ametade; entaõ juntem-lhe dous punhados de flores cordeaes frias; coe-ſe, & com aſſucar faça-ſe xarope. Toma-ſe às colheres muytas vezes, & em muytos dias.

Numero 3.

ENgordarem. *Huma das couſas que diſſeraõ os primeyros elegiadores do páo ſanto, foy ſegurarem que engordava aos que com elle ſe curavaõ; & que aſſim nutria, & impinguava os corpos extenuados, muyto melhor do q̃ os caldos, & xaropes de frãgãos, com que os tabidos ſe reſtauraõ. Mas quẽ não vè q̃ eſtes encomios ſaõ affectados, & proferidos nas primeyras noticias, que deſte, & dos mais alexipharmacos vegetantes deraõ os que por lucro, & conveniencia propria os venderaõ? Se eſtes alexipharmacos deſempenhàraõ com os effeytos o q̃ prometteraõ as ſuas noticias, não ceſſariamos em admirar as ſuas virtudes; das quaes confeſſamos a que he alexipharmaca do gallico, ainda que lhe naõ conſideramos tanta efficacia para extinguillo, como temos experimentado no azougue. E em quanto ao que ſe diz que nutre, & engorda: ſe chega a ſucceder em alguns que delle uſaõ, não he porque tenha virtude reſtaurativa, nem nutriente, ſenão porque curando os achaques, fica a natureza ſem queyxa, & nutrem-ſe melhor os corpos, livrando-ſe a maſſa ſanguinaria do vicio, & infecçaõ, que tinha. O que ſuccede tambem muytas vezes com os banhos de agua tepida, & com outras curas feytas com remedios de que os corpos não pòdem receber o beneficio da nutrição.*

CAPITULO XVIII.

Da ſalſa parrilha.

Numero 1.

HAverà couſa de oytenta, ou noventa annos que ſe deſcobrio a ſalſa parrilha, conforme nota a hiſtoria plantarum de Ruvilio, & Monardes, depois de ſe haver achado o guayacaõ, páo ſanto, & rais da China. Veyo a primeyra vez da nova Eſpanha, porque com ella ſe curaõ os Indios de boubas, & de outras enfermidades com grande admiraçaõ; mas depois veyo outra muyto melhor de Funduras, & outra, que jà leva ventagem a eſta, do Perù, de Quito, & de toda aquella coſta, em eſpecial de Guayaquil, donde he excellentiſſima, como nota o meſmo Monardes.

Lib. 8. c. 129. 1. p. c. prop.

p. 2. prop.

Chamou-ſe ao principio *çarça parrilha*, & não *ſalſa*, que hoje anda em uſo pela corrupçaõ do vocabulo. E he o meſmo que *ſylva a modo de parra, ou ſylva parreyrinha*, porque conforme Lopes, em todas as nações ſignifica o vocabulo, com que a nomeaõ, *parreyra*, & *ſylva*, & por tanto lhe chamou o Caſtelhano çarça parrilha, como eſtá dito. Outra etymologia lhe dà Fallopio, que convem mais ao legacaõ, & por tanto a deyxamos.

Numero 2.

Deſcripçaõ da ſalſa parrilha.

TIveraõ alguns para ſy como Mathiolo, Laguna *ſuper Dioſcorides*, Fallopio, & outros, que a ſalſa parrilha, que nos vem das Indias, era a ſmilace aſpera de Dioſcorides, chamada legacaõ no noſſo Portuguez, & levados deſte engano lhe deraõ a meſma deſcripçaõ. Porèm ao claro moſtra Pena, que a ſalſa parrilha, que de Indias nos trazem, he outra muy diverſa planta, & conforme Monardes he como ſylvas de Eſpanha, muy grandes, & muy eſpeſſas, cujas raizes ſaõ taõ compridas, & pela terra ſe profundaõ tanto, que he neceſſario cavar quaſi hum eſtadio, para ſe arrancarem, como nota o meſmo Pena. Logo debayxo da terra tem a ſalſa parrilha hum nò, ou cepa, como cabeça, a modo, & do tamanho de ariſtolochia redonda flava por dentro, da qual naſcem muytos ramos, que quando ſahem da cepa para o ar, ſaõ taõ groſſos como hum dedo, ou como huma ſylva mais groſſa, duros como páos com muytos nòs a modo de juntas taõ baſtos, que entre hum, & outro haverá menos de huma pollegada, & tem juntamente muytos eſpinhos duros, & revoltos, mais ſemelhantes aos da ſylva, que aos do legacaõ. Da meſma cepa naſcem tambem infinitas raizes muyto compridas como eſtà dito, direytas, & ſem nò, que ſe pòdem dobrar como vimes, a cor das quaes he hum leonado claro, o ſabor totalmente inſipido, poſto que Fallopio diz, que tem hum amargor quaſi inſenſivel. E na verdade he tanto, que eu totalmente lho naõ percebo.

c. prop. Tr. de morb. gal cap. 63. cap. prop. par. 2.

Loc. cit.

Depois de ter dado a deſcripçaõ da ſalſa, conforme aos Authores allegados, falley com o *Doutor Fernaõ Soares Pereyra Medico, natural deſta Cidade, que veyo de Indias, & a vio muytas vezes, & della me deu a relaçaõ ſeguinte.* He eſta planta *amiga de terras temperadas*, & muyto mais das que ſaõ manifeſtamente quentes em todo o anno. *Naſce em lugares montuoſos*, em que a mayor parte do anno chove, como os ha em nova Eſpanha. Muytas vezes ſe ajunta, & *ſobe pelas arvores em competencia dos mais altos ramos*, ſeus páos *ſaõ de cor declinante a vermelha*, & de fórma quadrada, & pelas eſquinas cheyos de eſpinhas curvas como unhas de gaviaõ, as quaes ſaõ muytas, & muyto juntas. *As folhas ſaõ como folhas de era* mayores hum pouco, & de hum verde agradavel, creſpas, fermoſas, & tambem cheas de eſpinhas, como os páos, principalmente pela banda de fóra. *Nunca dà flor, nem fruto, & todo o anno eſtà verde*, mais em tempo de chuvas, *ſuas raizes quando ſaõ verdes ſe comem cruas como rabãos.* E para que ſeja boa, *ſe ha de colher em Outubro atè a entrada de Fevereyro*, & a que ſe colhe fóra deſte tempo, *ſe conhece porque tem a caſca muy delgada.* A melhor de todas he a que colhem em *Guayaquil Rio de Perù*, & delle ſe traz à nova Eſpanha, onde he taõ eſtimada, que ſe daõ por hum arratel duas patacas, & aſſim he eſta muyto mais groſſa, o cozimento mais agradavel ao goſto, & quaſi aromatico, & os effeytos muyto melhores. *O ſegundo lugar tem a de Funduras*, que tambem he groſſa, & vay imitando a do Guayaquil: & ſem embargo q̃ diſſémos ſer eſta de Guayaquil a melhor, com tudo èm alguns lugares da nova Eſpanha ſe acha outra ſua igual, como em Charo, q̃ por outro nome ſe diz Matadcinco, Provincia de Mechoacaõ, & duas, ou tres legoas de Valledolid em Guaſanguareu na Provincia da nova Caliza, nas Minas de Guachivanjo, & Povo de Autlan. *Ha outra eſpecie de ſalſa, que nace perto de Mexico*, cujos pàos ſaõ redondos, & tem poucos eſpinhos, as folhas liſas, de verde amortecido, & algum tanto ſemelhantes às do legacaõ, & a

caſca muy delgada, ou quaſi a naõ tem, *& por eſte ſinal a conheceremos, quãdo a cà trouxerem. Não he porém eſta a legitima ſalſa, nem ſeus effeytos a acreditaõ pela verdadeyra.* Atè aqui ſaõ palavras da dita relaçaõ.

Numero 3.

Eleyçaõ da ſalſa parrilha.

COmo diſſemos que huma ſalſa ſe trazia da nova Eſpanha, outra de Funduras, outra de Perù, eſpecialmente do Guayaquil, *he certo ſer a de nova Eſpanha a peyor de todas, & melhor a de Funduras*, porq̃ ainda que a de Guayaquil ſeja excellẽte, ou nos naõ chega, por ſer a diſtãcia do caminho exceſſiva, ou vem jà corrupta. Conhecerſeha ſer de Funduras, *porque a da nova Eſpanha he mais branca, & mais delgada tirante a amarella, & a de Funduras he leonada tirante a negra, mais groſſa que a da nova Eſpanha.* E qualquer que ſeja, deve ſer freſca, que niſſo eſtá todo o bem della, como diz Monardes, *porque naõ val couſa alguma ſendo velha.* E conhecerſeha ſelo, porque *quebrando-a lança de ſi pó*, como diz Fallopio; *& he a modo de palha, & carcomida, como que tivera bichos*, & por tanto aviſa que della ſe naõ uſe, poſto que tenha caſca groſſa. Em concluſaõ *deve a boa ſer nova, de Funduras, de muyta caſca, pezada, muyto comprida, groſſa, de cor leonada tirante a negra*, com tanto que naõ ſeja muyto, como nota Fallopio *correoſa, & que ſe fenda, & dobre facilmente ſem quebrar*, porque o ſer quebradiça he ſinal de velha, *& ao fender ſerà por dentro muyto alva.* E a que tiver todas eſtas condiçõeſ ſe terá por excellentiſſima.

Numero 4.

Qualidades da ſalſa parrilha.

Lib. 5. c. 16. Lib. de morb. gal Lib. 4 ſimpoſt per totũ.

DIzem Monardes, & outros Authores, que he a ſalſa parrilha quente, & ſeca no ſegundo grao: contra o qual parecer ſaõ Euſtachio Rudio, & Alexandre, que ainda que com Monardes conformaõ na ſecura, a tem por fria, & daõ por razaõ, que todo o medicamento calido, conforme Galeno, ha de ſer acre, ſalgado, amargoſo, ou odorifero, & como a ſalſa naõ tem ſabor algum deſtes (pois he inſipida) nem tambem he cheyroſa, de neceſſidade carece de calor. Com tudo a experiencia moſtra que aquenta, & confirmaõ os effeytos de attenuar, reſolver os humores, & provocar ſuor. Porèm entendo que o calor da ſalſa he muy pouco, & que naõ paſſa do primeyro grao, ou do principio do ſegundo, como parece a Mercado, porque vemos que dada a peſſoas quentes do figado, & a febricicantes, ficaõ depois mais temperados. E dada aos que naõ tem deſtemperança quente manifeſta, nem por iſſo os deyxa claramente deſtemperados por calor. He tambem a ſalſa de partes tenues, por razaõ das quaes attenua, & diſcute as gomas, & tumores ſcirrhoſos potentemente, como dizem os meſmos Authores, & ſe vè por experiencia.

Lib 1. de morb. gal c. 10.

No que toca às qualidades occultas, *ella a tem efficaciſſima contra o morbo gallico*, tanto, que diz Fallopio, *que ainda he mais efficaz que a do guayacaõ, & páo ſanto*, & a experiencia o confirma, porque ſaõ infinitos os que com elle ſáraõ deſte morbo, naõ ſó da primeyra, & ſegunda, mas tambem da terceyra, & muytas vezes da quarta eſpecie. Jà para mitigar dores, & para emendar a acrimonia da virulencia das chagas gallicas he muyto melhor que outra medicina algũa, cuja

Loc. cit.

cauſa,

cauſa, diz Euſtachio, he, porque os paos ſobreditos, & raiz da China, ſaõ muy quentes, & por razaõ de ſua acrimonia, & ardor mordicativos. E por tanto miſturados com os humores, em quanto os naõ gaſtaõ, os fazem mais agudos; o que pelo contrario faz a ſalſa carecedora de toda a acrimonia, & tendo calor mais remiſſo remitte o intenſo dos humores, por onde conſequentemente as dores ſe mitigaõ. Loc. cit.

He porém *a ſalſa danoſa ao eſtomago, & a todos os membros interiores*, conforme o meſmo Rudio, & enfraquece a viſta, porque como naõ tem adſtringencia, com que correbore, & pela tenuidade de partes ſe inſinùa pelo eſtomago, & mais entranhas, com ſua preſença as relaxa, & desbarata, de que ſe ſegue levantarem-ſe vapores aos olhos, que perturbaõ os eſpiritos viſivos. Por onde he neceſſario, que havendo-ſe de dar aos que tem eſtomago fraco, ſe lhe miſture algum medicamento roborante, como para eſtomago calido, ſandalos, & roſas; para o frio almecega, pós de diarrhodaõ, loſna, canela, ou pao da China, que he corroborante, como adiante diremos. 2. part.

Cura a ſalſa parrilha, naõ ſómente o morbo gallico, como fica dito, *mas todas as enfermidades, antigas, & rebeldes, que pendem de cauſa fria, finalmente todas aquellas que naõ forem agudas*, como nota o meſmo Monardes, o qual conta, que nas partes do Perù naſce hum grande rio chamado Guayaquil, & junto delle muita copia de ſalſa parrilha, da qual recebem as aguas tanta virtude, que bebendo-as, & banhando-ſe os enfermos, ſaraõ de todas, & quaeſquer enfermidades, que carecem de agudeza, aſſim nem mais nem menos, que com os noſſos banhos das Caldas, (ſuccedendolhes grande evacuaçaõ das ourinas, & ſuores) em tanto que acodem de mais de ſeiſcentas legoas a curarem-ſe a eſte rio. E muytos dos enfermos naõ uſando da agua delle, por naõ poderem aguardar taõ grandes evacuaçoens, como move, ſe curaõ ſómente com agua de ſalſa, ou bebendo-a feita a modo de mucilagens, ou fazendo cozimento della. E com eſtes enfermos naõ fazerem evacuaçaõ alguma de ſangria, ou purga, nem outro genero de preparaçaõ, ou reſguardo, tomando ſómente aquellas mucilagens, ou cozimentos de ſalſa, uſando da agua do rio, todos ſe tornaõ ſaniſſimos. 2. part.

E diz Fallopio, que he a ſalſa muy proveytoſa para eſtillicidios ſalgados, & acres, que da cabeça deſcem, & para cancros, & para todos os tumores difficultoſos, que tem experimentado com feliz ſucceſſo curar alporcas, & opilaçoens do baço, dando por quarenta dias pós feitos della, miſturados com igual quantidade de pós da raiz Gilbarbeyra, dos quaes aſſim miſturados dava huma oytava em vinho para as alporcas, & para o baço em vinagre cozido com paſſas, ajuntando-lhe tambem huma pequena de tamargueira. Trat. de morb. gal. cap. 68.

Numero 5.

Uſo conveniente da ſalſa parrilha.

HA tambem varios modos de dar a ſalſa aos enfermos, aſſim como diſſemos do pao, porque ſe póde dar em cozimentos, apozemas, xaropes, pós, conſervas, trociſcos, bocados, ou bolos, & pirolas. E os cozimentos ſe pódem fazer em agua, vinho, caldo, ſoro, ou aguas deſtilladas, fazendo-os ſimplices, ou compoſtos conforme as varias indicaçoens que occorrem.

Na quantidade, que ſe ha de cozer, variaõ os Authores, porque huns mandaõ lançar quatro onças, & outros duas em tres, ou quatro canadas de agua que ſe

gaſte ametade, dando por razaõ, que a ſalſa he mais branda, & ſe coze com mais facilidade, & aſſim naõ he neceſſario que ferva tanto como o pao: *Moſtra porèm a experiencia, que quanto mais ſe coze, mais virtude deixa no cozimento.* E por tanto *eſtá em uſo cozer de huma até duas onças, em tres canadas de agua, em que eſtiveſſe de molho doze, ou vinte, & quatro horas, & ferver até ſe gaſtarem duas*, que he o que enſina Monardes. *E logo ſe faz ſegundo cozimento com a meſma ſalſa em cinco canadas, que ſe gaſte huma, para beber de ordinario.* E o primeyro ſe dá provocando ſuor, ou ſem elle, tomando-o de pé, conforme diſſemos do páo, guardando todas as circunſtancias ahi referidas, & outras que mais plenariamente abayxo diremos.

Numero 6.

Cumo da ſalſa.

NOs principios, diz Monardes, ſe dava o çumo da ſalſa ſeguindo o coſtume dos Judeos, o qual ſe fazia deſta maneyra. Tomavaõ della muyta quantidade, couſa de mais de meyo arratel, & a cortavaõ miuda, machucavaõ, & lançavaõ de molho em quantidade de agua até ſe fazer bem molle, & depois a pizavaõ em hum almofariz tanto eſpaço, que ſe convertia toda em babas, ou mucilagens, & dellas coadas tomavaõ hum bom vaſo quente pela manhãa, & arroupando-ſe ſuavaõ as ſuas duas horas, & o meſmo tornavaõ a fazer à tarde, & ſe entre dia queriaõ beber, havia de ſer das meſmas mucilagens, *porque tinhaõ por regra naõ comer, nem beber outra couſa em tres dias continuos, em que tomavaõ eſte medicamento.* E deſta maneyra, diz Monardes, fazia milagroſos effeytos, *& os enfermos ſaravaõ muyto melhor que agora.* E tratando eſte Author da ſalſa, que tomavaõ aquelles, que ſe hiaõ curar ao rio Guayaquil, diz, que do meſmo modo a tomavaõ, porém que para tirar as mucilagens *uſavaõ ſómente da caſca*, a qual lançavaõ de molho, pizavaõ, eſpremiaõ, & coavaõ, conforme eſtá dito: além do que accreſcenta o meſmo Monardes, *que a naõ tomavaõ por medida, ſenaõ quanta podiaõ beber por huma, ou diverſas vezes*, & lançando-ſe depois a ſuar era o ſuor taõ copioſo, que corria fóra da cama; mas que depois ſe punhaõ em roupa limpa, comiaõ gallinha, & naõ bebiaõ outra couſa mais que as meſmas babas, com que em oito, ou nove dias ficavaõ ſaniſſimos.

Part. 2.

E naõ reprove alguem chamarmos çumos a eſtas babas, ou mucilagens; porque aſſim lhes chamou Sylvio, onde traz tres, ou quatro modos delles, hum dos quaes he eſte:

Lib. 2. pharm.

A caſca da ſalſa, conforme a experiencia deſtes, tem muito mayor virtude, que o amego, & por eſta cauſa diz o meſmo Author, que alguns dos dous enfermos ſe curavaõ com ella, tomando as caſcas de quatro onças, & lançando-as de infuſaõ em quatro canadas de agua, até bem amolecerem, & depois a coziaõ na meſma até ſe gaſtar ametade, antes mais, que menos. *E deſte cozimento tomavaõ todo o que podiaõ, de ſorte que em hum dia gaſtavaõ as duas canadas*, com que ſuavaõ copioſamente, & poſto que naõ era tanto como com as babas, tambem por eſte modo de cura ficavaõ ſaniſſimos, ſem que foſſe neceſſario preceder ſangria, ou purga, nem outra alguma evacuaçaõ. Mas naõ ſeja iſto exemplo para que deyxemos de evacuar os doentes antes de os meter neſta cura, porque poſto, que ſem iſſo poſſaõ ſarar, com tudo melhor, & com mais ſegurança teraõ ſaude precedendo as univerſaes evacuaçoens.

Numero 7.

Xarope de ſalſa.

EM xaropes ſe póde tambem fazer a ſalſa deſte modo, conforme Monardes: *Tomem ſalſa parrilha oito onças, cortada, & machucada ſe lance de molho em quatro canadas de agua por vinte, & quatro horas, & depois ſe coza na meſma até ſe gaſtarem tres, & na canada, que ficar ſe lançarão quatro arrateis de bom aſſucar, com que ferverà até tomar ponto de xarope*; do qual ſe tomarão tres onças pela manhãa, & outras tres à tarde até que ſe acabe, baixando de ponto a quantidade, que ſe houver de tomar, com huma pequena de agua *do ſegundo cozimento, que ſe fará cozendo a metade da meſma ſalſa já cozida em cinco canadas, que ſe gaſte huma, de que beberá de ordinario.* E acabado o xarope, ſe o doente não ficar bem ſaõ, farſeha outro do meſmo modo, com que tornará a continuar, andando ſempre de pé, & tendo bom regimento, porque deſte modo ſaraõ alguns perfeitamente ſem padecerem a moleſtia dos ſuores. Porém haõ de preceder as evacuaçoens univerſaes da ſangria, & purga, como eſtá dito.

Numero 8.

Pós, talhadas, trociſcos, conſervas, pirolas, & bolos de ſalſa.

TOmada em pós cura tambem excellentemente qualquer eſpecie de boubas, & outros achaques, & *haõ-ſe de fazer pizando muito bem a ſalſa, ou ſómente a caſca, que he mais efficaz, & paſſando-a por peneira fina*, & deſtes pós *ſe póde tomar cada manhã huma, até duas oitavas*, ou ſós por ſi, ou miſturados com outro tanto, ou mais aſſucar para ſe poderem bem levar, & póde-ſe beber ſobre elles huma pequena de *ſimplez*, com que toda a cura ſe ha de continuar, *& ſe fará cozendo meya onça em quatro, ou cinco canadas, que ſe gaſte huma.* Mas deve o doente terſe purgado, & antes da purga ſangrado as vezes neceſſarias; & ha de continuar com os ditos pós, trinta, quarenta, ou cincoenta dias, conforme a enfermidade o pedir, tendo ſempre bom regimento.

E quando a tomar em talhadas, ſe faraõ dos meſmos pós *lançando à dita oitava delles doze de aſſucar*, conforme manda a Arte de Boticarios, & tomará o doente pela manhãa huma onça, ou onça, & meya deſtas talhadas, as quaes ſe pódem tambem fazer lançando-lhe muito menos aſſucar, & ficaráõ mais efficazes.

Dos meſmos pós ſe pódem *fazer trociſcos* com çumo de agrimonia, ou ſe betonica, ou com o cozimento forte da meſma ſalſa, & delles ſe póde dar quantidade de huma oitava até duas.

E ſe alguem quizer antes *conſerva dos meſmos pós, a póde fazer com aſſucar baſtante*, que fique a modo de diacatholicaõ, ou ſemelhante electuario, & póde tomar cada manhãa huma onça della.

E fazendo-ſe *em pirolas, farſeha maſſa dos ditos pós com xarope de fumaria*, ou qualquer outro conveniente ao humor, ou parte affecta. E dellas póde tomar o enfermo duas oitavas. Lembrando ſempre que precedaõ as evacuaçoens univerſaes como eſtá dito.

Os bolos ſe fazem aſſim meſmo dos pós de ſalſa amaſſados com aſſucar em ponto, de modo q̃ tome fórma, & conſiſtencia de bolo; *o qual ſe póde fazer em bocados* para ſe engulirem inteiros, ou ſe maſtigarem. O como ſe ha de formar cada huma deſtas couſas, aos Boticarios pertence.

Saõ eſtes os modos de tomar a ſalſa ſimplez, porque havendo de haver alguma compoſiçaõ, com que entendamos ſatisfazer a outras indicações, como ſaõ evacuar alguns humores, abrir opilações, confortar algumas partes, & outras ſemelhantes, ſe lhe devem miſturar alguns medicamentos accommodados, de que abayxo daremos exemplos.

ANNOTAÇOENS.

Numero 4.

O Calor da ſalſa. *Da ſalſa parrilha cuydàraõ alguns, que naõ era quente, vendo que curava o gallico em naturezas calidas, ſem excandecencia das entranhas, & ſem deyxar ſinaes, que atteſtaſſem calor. Mas naõ ha duvida em que elle he quente, & ſe quando ſe uſa, naõ offende o calor, remediando febres, & outras queyxas de quentura, he porque ſaõ gallicos, & eſtas taes tambem o páo ſanto, & a raiz da China, em que ha mayor calor, as curaõ algumas vezes ſem deyxarem intemperanças. Quente he a quinaquina, & cura febres ardentes ſem deyxar veſtigios de calor.*

Efficaciſſima contra o morbo gallico. *Nenhuma duvida ha em que a ſalſa tem efficaciſſima virtude para curar o gallico, quando naõ ſeja para extinguir totalmente os ſeus ſeminarios, porque iſto ſó o faz o azougue. Uſa-ſe a ſalſa, naõ ſó nos ſuores, mas fóra delles, deſta maneyra.*

Tomem quatro onças de ſalſa parrilha, infundaõ-ſe em ſeis libras de agoa quente por eſpaço de 24. horas; depois ferva atè gaſtar a metade, lançandolhe nas ultimas ebulliçoens quatro onças de paſſas ſem graõlos, & tres oytavas de coentro ſeco preparado. Coe ſe, & guarde-ſe. Tomaõ-ſe ſeis onças de manhã, & outras ſeis de tarde. Cura os gallicados, continuando-ſe hum mez, ainda que naõ haja evacuações; mas ſe ſe fizer purgante, ſerà melhor.

Tomem quatro onças de ſalſa parrilha, infundaõ-ſe 24. horas em oyto libras de agua quente; ferva atè gaſtar a metade; entaõ juntem-lhe duas onças de folhas de ſene, huma oytava de erva-doce, tres onças de paſſas limpas das graõhas, tire ſe do lume, dando primeyro humas fervuras, & coe-ſe. Toma-ſe como a decima.

Danoſa ao eſtomago. *A ſalſa parrilha offende muytas vezes o eſtomago, relaxando-o de maneyra, que lhe perverte os cozimentos, do que reſultaõ vomitos, & curſos, que ſe naõ pódem remediar. Aſſim ſuccedeo a hum homem de perto de cincoenta annos, melancholico aduſto; o qual depois de tomar ſuores de ſalſa, entrando no regimento de agoa coſida com ella, deo em vomitar quanto comia. Eſquecido o Medico que o curava de que a ſalſa podia cauſar aquelle dano, empenhou-ſe em corroborar o eſtomago com varios remedios internos, & externos, mas ficou fruſtrada toda a diligencia, porque nunca largou a agua de ſalſa, atè que brevemente acabou a vida, morrendo atrophico por falta de alimento comque houveſſe de nutrir-ſe. Por iſto he neceſſario advertir nos que uſarem da ſalſa, ſe lhes cauſa a mais leve queyxa de eſtomago, para a largarem logo antes que creça o dano, & venha a ficar ſem remedio.*

Numero 6.

UNiverſaes evacuações. *A Medicina racional manda, que nas curas dos achaques, em que ha humores noxios, & intemperanças, ou vicios no ſangue, ſe dè principio à cura pelas univerſaes evacuações de ſangrias, & purgas, para chegar depois a contender com as intemperanças, ou vicios das entranhas, & da maſſa ſanguinaria. Iſto meſmo ſe deve obſervar nas curas dos gallicados, ſangrar, & purgar primeyro,*

meyro, então pôr em uſo os alexipharmacos para extinguir o contagio. Mas contra iſto que todos os Praticos aconſelhão, temos viſto fazer muytas curas com feliz ſucceſſo, & temos feyto algumas, dando alexipharmacos ſem precederem evacuações; aſſim o fizemos em meninos de mama gallicados, dandolhe alguns dias mercurio doce, para lhe extinguir o contagio, que receberão no leyte com que ſe criavão; & em peſſoas adultas temos dado muytas vezes os alexipharmacos do gallico preparados com remedios purgantes, com que melhorárão dos males que padecião. Haverá tres annos vimos huma mulher cazada, a qual no ſexto mez da geſtação padecia intoleraveis dores de cabeça, por cauſa das quaes vomitava algumas vezes. Não aproveytárão as embrocações de leyte, & çumo de alface, nem outros varios remedios anodinos, com deſprezo dos quaes ſe enfurecião as dores de noyte com mayor vehemencia. O marido deſta doente vivia com alguma ſoltura; & pela fereza das dores, pela repugnancia aos remedios, & pela circunſtancia de ſe exacerbarem de noyte, entrou em conſideração, que as dores podião ſer gallicas, & q̃ não ſe curarião ſem os alexipharmacos deſte contagio. Prevaleceo o diſcurſo às negações do marido, ſem embargo de não ter ſentido a doente algum affecto gallico nas partes obſcenas; & com a ſeguinte agua, que ſem preceder evacuação alguma continuou dezaſeis dias, ſe vio livre das dores de cabeça, & paſſou bem todo o tempo da prenhez, atè que depois do parto a curámos com ſuores, & ao marido com mercurio tomando pela boca. A agua era eſta:

Tomem de raiz de ſalſa parrilha duas onças, de páo ſanto limado onça, & meya, de raiz da China huma onça; infundão-ſe em vinte libras de agua quente por eſpaço de 24. horas, depois ferva atè gaſtar ametade; então juntemlhe duas onças de folhas de ſene, duas oytavas de erva-doce com que dè duas fervuras; tire-ſe do lume, coe-ſe, & guarde-ſe.

Toma-ſe eſta agua de manhã, & tarde, meyo quartilho de cada vez, & continua-ſe doze, atè quinze dias. Eſta doente tomou huma ſó vez no dia; que por eſtar pejada, lha não quizemos repetir de tarde. Com ella fazia alguns curſos; & ſem ſe lhe ſeguir dano, ſe purgou dezaſeis vezes em outros tantos dias continuados. E como reformaria Hipprocrates, ſe hoje foſſe vivo aquelle aforiſmo, 1. em que negou os purgantes às prenhadas fóra dos termos da turgencia, que poucas vezes ſe acha? 1. Hipp. 4. aph. 1.

Numero 8.

MOdos de tomar ſalſa. *Propoem o Author varios modos de uſar de ſalſa, em talhadas, em bolos, em pirolas, & em conſervas; mas de todos eſtes modos o melhor, & o mais commum, he tomala em cozimentos, na fórma que fica dito, humas vezes ſendo a ſalſa ſimplez, outra vez miſturandolhe algum medicamento purgante.*

CAPITULO XIX.

Do páo, ou raiz da China.

Numero 1.

FOY deſcuberto o páo, ou para melhor dizer, raizes da China no anno de 1535. como conta Garcia de Orta, pelo trazerem os Chins à noſſa India, & ſe curarem ahi com elle, aſſim de morbo gallico, como de outras enfermidades, à imitação dos quaes foy curado Martim Affonſo de Souſa com outros Portuguezes ao tempo que tomou poſſe da Fortaleza de Dio, & havendo bom ſucceſſo

ceſſo nas curas, ſe divulgou por todos os mais lugares daquellas partes, quando jà nellas faltava o guayacaõ, que de Portugal coſtumava ir. E por tanto recorreraõ à dita raiz, de que ſe moſtráraõ taõ felices experiẽcias em ſarar o morbo gallico, que naõ ſe fez mais caſo do guayacaõ, em tanto que chegando muyta copia delle nas Náos do Reyno, naõ foy admittido para cura alguma, antes ſervio de lenha para o fogo, como diz o meſmo Orta.

Chama-ſe eſta raiz na lingua dos Chins, *Lampatam*, & no Decaõ, *Lampados*: em Canarim, *Bontin*: na Arabia, Perſia, & Turquia, *Chophchina*, como diz a Hiſtoria plantarum. Nace em muyta abundancia na China, & tambem ſe acha no Malavar, Cochim, Cranganor, Coulaõ, Tanor, & outros lugares daquellas partes. Trazem aſſim alguma das Indias Occidentaes, como diz Monardes, a qual he outroſi muy boa.

Rovil in append. c. prop.

2. part.

Numero 2.

Deſcripçaõ do páo, ou raiz da China.

HE huma raiz tamanha como hum punho, às vezes menor, que ſe parece a batatas, ou a raizes de canas, como diz Monardes citado, ou à de biſtorta, como diz Fallopio, nodoſa, ſolida, pezada, cuja cor de fóra tira para ruyva, & por dentro he quaſi branca, & às vezes ſaõ muytas raizes pegadas humas nas outras, & naõ tem cheyro, nem ſabor, ſenaõ he alguma doçura quaſi imperceptivel, como diz Euſtachio Rudio, mas entende-ſe da ſeca, que nos cá chega, porque *quando he freſca, ſe come a bocados crua, como quem come qualquer pomo, & enche a boca de huma humidade como cana de aſſucar*, ſegundo diz Orta, porèm menos doce, & ſe coze com a carne como nabos. E ſahem deſta raiz à flor da terra humas vergonteas como pennas de eſcrever mayores, ou menores cõforme a raiz, cujas folhas ſaõ poucas, & de feyçaõ de laranjeyra nova. Ou como deſcreve Coſta, he eſta mata a modo de ſylvas toda eſpinhoſa como a do legacaõ, & da groſſura quando muyto do dedo menor, & as folhas ſaõ como de tanchagem, aſſim no tamanho, como no feytio.

Lib. de morb. gal c. 60

Lib. 5. de morb. ven. c. 16. cit.

Numero 3.

Eleyçaõ, & qualidades.

A Boa raiz ha de ſer pezada, como diz Veſſalio, inſipida, ſem cheyro, & freſca, o que ſe conhecerá, porque a velha he carunchoſa, cheа de buraquinhos, & cortada, lança pó, & logo he mais leve, & deve a boa ſer por fóra hum pouco ruyva, & por dentro branca, que tambem tire a ruyva. E tendo eſtas condições ſerá excellente. Das qualidades manifeſtas ha varias opiniões. Porque huns a graduaõ por quente, & ſeca, outros por fria, outros por temperada; *mas todos convem que he ſeca em grao ſegundo.* E quanto às outras qualidades tenho por certo *que he quente em mais de primeyro grao*, & conforme diz Euſtachio, tem partes muyto tenues, & aperientes, & com ellas juntamente alguma adſtricçaõ, & certa humidade ſubſtantifica, que he mayor ſendo a raiz mais freſca. E por tanto naõ ſómente provoca ſuor mais copioſamente que todos os alexipharmaços do morbo gallico, tambem abre todas as opilações, incinde os humores groſſos, desfaz os tumores, & por razaõ das partes adſtringentes conforta todos os membros internos, & modera os eſtellicidios, & outros fluxos: &

In epiſt. ad Joach.

pela

pela humidade ſubſtantifica accreſcenta o humido radical favorece à faculdade altrix, & faz engordar aos que della uſaõ. E por eſta cauſa cura hydropeſias, parleſias, & todas as enfermidades de nervos, a ictericia, febres largas, tiſica, & provoca ourina, quebra a pedra, & ſára outras enfermidades de rins, ciatica, gotta artetica, alporcas, indigeſtoens de eſtomago, eſterelidade, hernias frias, mundifica, & deſeca as chagas que com ſeu cozimẽto ſe lavaõ, & atè para a peſte ſerve provocando copioſo ſuor, & para todas as enfermidades, que naõ forem agudas. O que tudo cõſta de Garcia de Orta, Monardes, Fallopio, Euſtachio Rudio, & outros graves Authores: & accreſcenta o dito Fallopio, que com ella curou corrimentos de olhos de cauſa calida, deſtemperanças quentes de figado, & de eſtomago, poſto que para as taes enfermidades a tenho por ſuſpeytoſa quando naõ procederem de qualidade gallica, ou de obſtrucçaõ de humores craſſos.

E no que toca ao morbo gallico, diz o meſmo Fallopio, que a experimentàra em dous, ou tres gallicados ſem proveyto algum, pela qual razaõ imagina Euſtachio com outros que he fraca a ſua virtude alexipharmaca. Enganaõ-ſe porèm, porque o meſmo Fallopio confeſſa ter della para eſte mal pouca experiencia, & em contrario eſtá a larga de Garcia de Orta, que como já diſſemos, curou, & vio curar infinitos doentes na India de morbo gallico, ſómente com eſta raiz, com taõ felices ſucceſſos, que degradàraõ a guayacaõ da terra. E depois de Orta ſe tem viſto ſararem com ella infinitos, de que tambem he grave teſtemunha Monardes.

Numero 2.

Uſo do páo, ou raiz da China.

DA-ſe eſta raiz como a ſalſa parrilha em cozimentos, xaropes, apozemas, pós, talhadas, trociſcos, conſervas, pirolas, & bolos, ou bocados, os quaes todos ſe devem fazer como da ſalſa parrilha diſſemos. Sómente *ſe advirta que baſta menos ametade da quantidade deſta raiz a reſpeyto da ſalſa*; porque para os cozimentos he baſtante huma onça em quatro, ou tres canadas de agua, que ſe gaſte ametade, & ſe o doente for de compleyçaõ calida, o tempo muyto quente, ou tiver o figado deſtemperado por calor, cozerſeha menos, & naõ ſe gaſtará no cozimento mais que a terça parte. E naõ havendo algum deſtes impedimentos, tambem às vezes ſe póde cozer como a ſalſa, a ſaber, huma onça em tres canadas que ſe gaſtem duas. E póde-ſe eſte cozimento tomar, ou de pé ſem ſuar, ou em ſuores, oyto ou dez onças cada vez, como dos outros alexipharmacos diſſemos. E tomando-ſe a ſubſtancia do meſmo páo, baſta meya oytava para cada vez, ou ſe tome em pó, ou em conſerva, ou trociſcos, ou pirolas, de ſorte, que venha o doente a tomar de cada vez a dita meya oytava dos pós, ou ſubſtancia deſta raiz. Porèm ſe naõ houver impedimento da parte da compleyçaõ do enfermo, ou do calor do figado, ou do tempo, poderſeha tomar mayor quantidade, ſe a enfermidade o pedir. E poſto que alguns dizem que naõ he neceſſario regimento, com tudo ſe deve guardar todo aquelle, que convem quando os outros alexipharmacos ſe tomaõ; & demais diſto dizem os Authores que com a agua delle ſe amaſſe o pão, que o doente houver de comer, & della ſe lhe coza a carne, & ſe deſatem as purgas, & xaropes, que tomar, & ainda as ajudas ſe façaõ da meſma agua ajuntandolhe as pertenças ordinarias.

Os dias que ſe coſtumava tomar eraõ trinta, conforme diz Monardes, & Orta, & depois ficavaõ continuando com agua do regimento quarenta: porèm de

ordinario baſtaõ de doze atè vinte, & beber agua de regimento quarenta, ou cincoenta; mas regularſeha iſto pela grandeza do mal, & juntamente pela natureza do enfermo. Encomenda Orta que naõ ſe dè em tempo muyto quente, nem em enfermidades calidas, nem em muyta quantidade, porque diz, que querendo-a elle meſmo tomar, como ſe coſtuma na China (que por ſer terra mais fria ſofre mais) para ſe curar de huma ciatica, lhe ſobreveyo grande eryſipela, leycenſos, & calor de figado, com que deyxou a cura, & tratou de remediar o que ſobreveyo.

Numero 5.

Da raiz da China, que ſe acha em Indias de Caſtella.

DEpois de ter eſcrito eſte Capitulo me mandou o Doutor Fernaõ Soares Pereyra o papel ſeguinte à cerca do páo da China, que nas Indias de Caſtella naſce, que por me parecer de utilidade para inteyra noticia deſta planta o ajuntey neſte lugar.

El-Rey de Caſtella Dom Felippe II. mandou à nova Eſpanha ao Doutor Franciſco Hernandes ſeu Medico para que eſcreveſſe as ervas, & couſas medicinaes, que ha naquellas partes, de que muyto eſcreveo em Latim, & por ſua morte hum Frade Dominico enfermeyro do Convento de Saõ Domingos de Mexico imprimio eſte livro em Caſtelhano, & diz entre outras couſas que quando naõ fora o dito Doutor àquellas partes mais, que para eſcrever da raiz da China, de q̃ alli ha muyta, era bem empregado o trabalho. Eſtes dous Authores fazem della naquella terra quatro, ou cinco eſpecies, ſegundo elles apontaõ, as quaes todas eu o Doutor Fernaõ Soares Pereyra natural de Lisboa vi, & perguntey com curioſidade a Indios, & Eſpanhoes, que ſabiaõ de medicina, & achey que tudo he huma ſó planta, & huma ſó eſpecie, porque ſegundo a natureza das terras aſſim ſe dá, mais groſſa, ou mais delgada, mais vermelha, ou mais branca; & ainda eu conheci outra, que elles naõ viraõ, que naſce no novo Reyno de Leaõ, mais para o poente de Sacatécas cincoenta, ou ſeſſenta legoas, do qual por ſer a terra muy fria, ſaõ as raizes muy pequenas, & quaſi redondas, mas todas ellas ſaõ de huma meſma maneyra. E eſtas ſaõ muyto mais brancas que todas, porque naõ daõ nenhuma cor à agua, em que ſe cozem, & acho por minha conta, conforme o que vi, & me informey, que quanto a terra em que naſcem, he mais quente, & mais humida, he a raiz mais groſſa, & mais vermelha, & quanto mais vermelha, tanto melhor em medicina.

Naſce em terras pedragoſas, & em encanadas, & rios: muytas vezes he taõ groſſa eſta raiz como hum homem pela cintura, mas o mais ordinario como hum braço: nunca paſſa ſeu comprimento de hum covado, & poucas chegaõ a elle. Dá as ſuas varas muytas, & juntas, que nem paſſaõ de oyto, mas ſempre mais de huma. Eſtas as mais groſſas ſaõ como tres dedos juntos, mas as mais ordinarias como todo o genero de canas, humas groſſas, & outras delgadas, mais compridas algumas, que hum homem, & outras menores. Tem de dedo, & meyo, atè dous dedos, apartadas humas de outras, humas puas como pregos redondos de real, & de meyo real, huns mais groſſos, outros mais delgados. A cor deſtas varas he hum leonado eſcuro que tira a negro, com hum verdenegro, como muſgo, & quaſi como pello por cima. Cortadas eſtas puas, & raſpado o páo, ficaõ bordões muy fermoſos, porque ſaõ da cor de Braſil. A raiz, que eſtà muy metida em humidade, & agua, he ſempre alli branca, mas a

que

que eſtá mais fóra da terra, he vermelha, & todas o ſaõ depois de cortadas, & ſecos, & quanto mais ſecas ao Sol, mais vermelhas: quando ſahem da terra, eſtaõ muy tenras, pouco menos que batatas, mas em ſe fecando ſe fazem muy duras, & tenazes.

A folha he a modo de Era, mas muy branda, & quaſi parece hum coraçaõ com ſuas arrecadas, ou ſarcilhos, com que ſe pega a eſſas arvores, & ſobe com ellas com as varas a modo de vides, & toda a ſua madeyra he o meſmo, como de vides, digo a das varas, & todas davaõ ſempre com ſuas puas grandes, ou pequenas. Tem as folhas a cor como a dos feyjoens brancos, mas ſaõ mais tenras, & ſe parecem muyto às folhas das parras daquella terra, digo, das ſylveſtres, que lá ha, mas naõ ſaõ abertas ſenaõ da fórma dita. Chamaõ-lhe os Naturaes *Cocolmecat*, & os Heſpanhoes *la raiz de la immortalidad*.

Tenho achado neſta raiz grandes virtudes: tenha-o por hum pouco mais quente que ſalſa parrilha, & muyto mais ſeca: dou ametade menos, que de ſalſa: cura tudo o que a ſalſa parrilha: he muyto melhor a raiz em ſuas obras, que o pao das Antilhas. Eu a vî em duas partes, huma no porto de Capulco, & outra no porto de Juan de Lua, eſte no mar Oceano, o outro no mar do Sul: aqui as vî no mato, onde ha grande quantidade: chamaõ-lhe *antenilha*, & em Lisboa *pao ferro*, pela dureza. Eu curey camaras de ſangue com ſeu cozimento em peſſoas, que tinhaõ boubas, com muy bom ſucceſſo. Até aqui ſe eſtendia o papel do Doutor Fernaõ Soares Pereira.

ANNOTAÇOENS.

Numero 4.

A Sua virtude alexipharmaca. *Ainda que alguns Authores tiveraõ para ſi, que era fraca a virtude alexipharmaca da raiz da China contra o morbo gallico: naõ ha duvida, que naõ cede à virtude da ſalſa, & pao ſanto, & que igualmente que elles cura eſte contagio, quando naõ he taõ inveterado, ou taõ activo, que ſó com a poderoſiſſima virtude do azougue haja de domar ſe, & extinguir ſe; porque como temos dito muytas vezes, ſó o azougue he o verdadeiro antidoto do gallico; & os alexipharmacos vegetantes, ainda que o domem de modo, que acudaõ aos ſeus productos, todavia ſe elle he antigo, raras vezes o domaõ, & nunca o extinguem, que iſto ficou reſervado para o azougue; ſobre o que ſe veja o que eſcreve Carlos Muſitano, 1. o qual conſidera mayor virtude contra o gallico na raiz das canas, que diz vendem os Boticarios pela raiz da China, do que neſta; couſa que naõ admittimos; ainda que elle diga, que lhe conſta por experiencia; porque por experiencia nos conſta a nós o contrario; ſenaõ he que pela differença dos climas, & das terras haja mais virtude nas raizes das canas de Italia, que nas de Portugal. Uſa-ſe deſta raiz, como da ſalſa, & pao ſanto, mas em menos quantidade por razaõ de ſeu calor.*

1. Carol. Muſit. de lue ven. 3. cap. 1.

Em tempo quente. *Os que advertem que ſenaõ uſem deſtes alexipharmacos em tempo eſtival, nem em naturezas quentes, compadeceraõ-ſe pouco dos enfermos, que adoecendo no Eſtio, os mandaõ eſperar até o Inverno, para lhes diſpenſarem os remedios de que neceſſitaõ. Naõ importa que o tempo ſeja quente, quando a neceſſidade obriga neſſe tempo a que ſe acuda com o remedio; & ſe eſte he quente, como a raiz da China, & os mais antidotos vegetaveis, prepare-ſe com remedios frios; porque a virtude alexipharmaca naõ fica menos activa com elles, ainda que o ſeu calor fique mais temperado; ſobre o que ſe veja o que diſſemos nas Annotaçoens ao* num. 4. do Capitulo VII

CAPITULO XX.

De como ſe haõ de fazer os cozimentos em vinho, ou ſoro.

Numero 1.

POſto que os cozimentos do guayacaõ, pao ſanto, ſalſa parrilha, raiz da China, ſe fazem de ordinario em agua, com tudo algumas vezes he neceſſario por reſpeytos particulares fazerem-ſe em vinho, ſoro, aguas deſtilladas, ou em caldo de carne, & por tanto convem, que declaremos como ſe haõ de fazer em cada huma deſtas couſas.

Quando o mal he antigo, muyto rebelde, & offende as partes ſolidas, como o da quarta eſpecie, muy accommodado cozimento he o do vinho, porque como he mais penetrativo, leva a virtude dos medicamentos até o intimo das partes, incinde, & attenua cõ mayor efficacia os humores, & por tanto diz Fallopio, que póde ſupprir o uſo das Caldas, quando naõ ha lugar para que o doente as tome. E naõ obſta terſe o vinho por nocivo ao morbo gallico, porque iſſo entende-ſe do puro, naõ do que vay medicado com os alexipharmacos contra o meſmo morbo, antes he couſa propria, & ordinaria darem-ſe alexipharmacos em vinho contra qualquer veneno, como ſe vê de Dioſcorides, & mais Authores, aſſim porque elle os faz mais penetrar, como tambem por ter alguma virtude alexipharmaca, & roborativa dos membros principaes, como parece colherſe do Pſalmiſta: *Vinum lætificat cor hominis, &c.* O que largamente diſputaremos na ſegunda parte deſta obra. Mas porque o fogo o faz amargoſo, & ao cozer acquire qualidades muyto alheas de ſua natureza, & ſe faz muyto ingrato ao ſabor, convem eſcolhelo generoſo, para que ſe naõ azede com facilidade, & que ferva pouco, ou totalmente naõ ferva, lançando nelle os alexipharmacos de infuſaõ ſómente. Robora eſte vinho todos os membros interiores, fortifica a faculdade altrix, & padecendo a cabeça a ſoccorre em mais breve, que outro qualquer medicamento, como nota Euſtachio Rudio. E póde-ſe fazer aſſim à imitaçaõ de Fallopio.

Lib. de morb gal 48.

Pſal. 103. & Judic. cap. 9. Quæſt. 31.

Lib. 5. de morb. venen. cap. 17.

Tomem guayacaõ, ou pao ſanto limado hum arratel, caſcas do meſmo meyo arratel, infundaõ-ſe por vinte, & quatro horas em dezoyto quartilhos de agua, & depois ferva na meſma até ſe gaſtarem as duas partes, & fique huma, que ſaõ ſeis quartilhos, & eſtando neſte ponto lhe ajuntem de vinho branco forte, & o melhor que ſe achar, tres quartilhos, & dando mais huma fervura ſe tire logo do fogo, & depois ſe coe, & guarde, para ſe tomar a modo de xarope manhãa, & tarde, ſuando, ou de pé, porque de qualquer ſorte cura o morbo gallico, como diz Lobera, *& farſe-ha ſegundo cozimento do meſmo páo jà cozido em cinco canadas de agua, que ſe goſte ametade, à qual ajuntaraõ huma, ou duas canadas de vinho, ou o que quizerem, com que darà mais outra fervura*, & depois o coaràõ para beber de ordinario. Ou ſe fará deſte modo: *Tomem guayacaõ, ou páo ſanto limado dous arrateis, lance-ſe tudo em vinte quartilhos de rico vinho, & paſſados tres dias ſe póde beber delle em lugar do ſegundo cozimento*, ao jantar, & à cea, & a qualquer tempo, & naõ lhe tirem o páo atè ſe acabar o vinho. E naõ havendo caſca, em lugar della ſe lance mais quantidade de páo dobrado do que havia de ſer a caſca.

Tract. de morb. gal c. 47.

Lib. prop. cap. 8.

Ou ſe faça aſſim para xarope forte: *Tomem tres arrateis de pão limado, & lancem-ſe de infuſaõ tres dias em nove quartilhos de vinho fino, & no fim delles ſe chegue ao fogo, que levante huma ſó fervura, & deyxe-ſe ficar ſem lhe tirarem o páo*, & della

vàtomando manhãa, & tarde antes de cea ſeis, ou oyto onças de cada vez. E para beber de ordinario faça outro vinho como o da receyta proxima ſem ir ao fogo. E querendo beber entre dia, ſe o doente temer o uſo continuo do vinho, uſe de agua cozida com páo ſanto, tres, ou quatro onças em cinco canadas que ſe gaſte hnma.

Da ſalſa parrilha, & do páo da China, ſe pódem fazer em vinho os meſmos cozimentos pela meſma ordem diminuindo ſómente a quantidade, porque de ſalſaba ſta menos que de pào ſanto, & da China baſta menos que da ſalſa. E póde-ſe fazer aſſim: *Tomem de ſalſa parrilha quatro onças, ou duas de páo da China, infundaõ-ſe vinte, & quatro horas em dezoyto quartilhos de agua, & depois ferva na meſma atè ficarem ſómente ſeis, & ajunte-ſe vinho branco fino tres quartilhos, com que ainda darà huma fervura, & coe-ſe para xarope forte*, que ſe ha de tomar manhã, & tarde, ou de pé, ſe for peſſoa taõ occupada que ſe naõ poſſa recolher, ou ſuando, que ſerá melhor cura. E faça-ſe *ſegundo cozimento em cinco canadas de agua, que ſe gaſte ametade, & coado ſe ajuntarà huma, ou duas canadas de vinho* para beber de ordinario. Ou em lugar deſte ſe fará para a bebida ordinaria o ſeguinte: *Tomem ſeis onças de ſalſa parrilha, ou tres de páo da China, & lance ſe de infuſaõ em vinte quartilhos de vinho, com dous arrateis de aſſucar, & deyxe-ſe ficar dentro*, & daqui vá o doente bebendo jantar, & cea, & quando quizer. E ſe naõ goſtar do aſſucar, ſem elle ſe faça. Ou ſe ordene eſte para tomar a modo de xarope, manhã, & tarde: *Tomem de ſalſa parrilha doze onças, ou ſeis de páo da China, & lance ſe de infuſaõ em nove quartilhos de vinho, paſſados tres dias ſe chegue ao fogo, que dè hũa ſó fervura*, & vá o doente tomando eſte xarope manhãa, & tarde & de ſeis atè oito onças, de cada vez, & naõ lhe tire a ſalſa, ou pao de dentro.

Haõ ſe de continuar eſtes medicamentos, ou ſuando, ou de pé, quinze, ou vinte dias, ou até que o doente ſe ſinta perfeytamente ſaõ ſem final de recahida, & ainda ao depois ſe ha de ir continuando quarenta, ou ſeſſenta dias com o vinho do ſegundo cozimento até ſe ſegurar na ſaude. E naõ duvidem da muyta quantidade de pao, ou ſalſa, que neſtes cozimentos entra, porque como fervem pouco, deyxaõ pouco a virtude no licor, & por tanto he neceſſario ſupprir com a quantidade o que falta de cozimento.

Além deſtes ſimplices ſe fazem outros cozimentos compoſtos, miſturando todos os ditos paos, & ſalſa, & algumas hervas, ou raizes mais, que tenhaõ reſpeito a diverſas partes, & affectos: & quem quizer fazer a cura de pé ſem ſuores, para mayor ſegurança della, miſturem-lhe medicamentos purgativos, de que pòde ſer exemplo a receyta ſeguinte, que ſe chama vinho ſanto pelos admiraveis ſucceſſos, que do uſo delle a experiencia tem moſtrado.

Numero 2.

Receyta do vinho ſanto.

TOmem de ruybarbo tres oytavas, ſalſa parrilha machucada, páo ſanto limado, caſcas do meſmo feytas em pó, coentro preparado, & ſene, de cada huma deſtas couſas ſeis onças; cardo ſanto tres onças. Tudo ſe lance em doze canadas de vinho branco fino, ſem geſſo, & deyxem-ſe ficar dentro ſem nunca ſe coar. E paſſadas vinte, & quatro horas comece o doente de beber em jejum, jantar, & cea, & entre dia, do modo que dentro em oyto, ou nove dias naõ beba outro vinho, nem agua, nem ainda caldo, comendo nelles carne aſſada de gallinha, perdiz, coelho, pom-

bo, carneyro, ovos, paſſas de uvas, amendoas torradas. E ſendo neceſſario por razaõ do tempo, ou da idade, ou das forças, ſe poderáõ diminuir eſtes medicamentos. E quem tiver impedimento, ou naõ poder ſofrer tantos dias ſem beber agua, pode-o tomar em dias interpolados, bebendo agua de ſalſa, & tomando o vinho hum dia, outro naõ, ou hũ dia, & dous naõ. E continue atè deſaparecerem todos os ſymptomas gallicos. E ſe naõ baſtar hũ almude tome outro, & outros, atè que ſáre. E depois beba agua de ſalſa, & tenha regimento quarenta dias. Cura eſte vinho todo o morbo gallico rebelde, de quarta eſpecie, deſpedindo oſſos, desfazendo talparias, & tumores ſcyrrhoſos, & atè as hecticas gallicas tem curado, de que poderamos aqui trazer admiraveis exemplos.

Numero 3.

Outro vinho excellente.

TOmem de ſalſa parrilha machucada ſeis onças, páo da China feyto em cavaquinhas tres onças, páo ſanto limado meyo arratel, folhas de ſene onça, & meya, caſcas de mirabolanos chebulos, Indos, & citrinos, de cada hum duas oytavas, hermodactiles quatro oytavas, roſmaninho, ouregãos, loſna, betonica, hyſſopo (ſeráõ eſtas ervas ſecas) *de cada huma huma maõ-cheа. Tudo ſe lance de infuſaõ em tres canadas de vinho branco o melhor que ſe puder achar. E paſſa dos tres dias chegue-ſe ao fogo que levante ſómente fervura, & naõ ſe tirem os materiaes de dentro*, & và o doente bebendo delle doze dias manhã, & tarde, de cada vez meyo quartilho andando de pé. E para beber de ordinario *lançaràõ em outras tres canadas de vinho duas onças de ſalſa parrilha, & meya de páo da China ſem ir ao fogo.* E ſe tambem quizer beber alguma agua, cozerſeha com ſalſa. Tem eſte vinho os effeytos do ſobredito. E foy ordenado para certa peſſoa, que tendo tomado as unturas, & fumos do azougue, & babado grandemente, lhe tornàraõ vehementes dores de cabeça, ſem ſe aquietar de dia, nem de noyte, continuando ſempre a baba, chagas da bocca, & a mais operaçaõ do mercurio, que jà demaſiadamente a enfraquecia. E porque o vinho he ſeu alexipharmaco, & o ſaõ tambem as ervas ſobreditas, conforme Dioſcorides, lho ordeney na fórma dita, & ſarou de tudo perfeytamente, ſeja Deos ſempre louvado. E póde ſervir para qualquer outro gallicado de quarta eſpecie, ainda que a noxa do azougue naõ precedeſſe.

Lib. 5. c. prop

Numero 4.

Cozimento que ſe faz em ſoro.

SE o ſoro ferve muyto, ſe faz ſalgado, como nota Rudio, pelo que convem, que nos cozimentos, que delle ſe fizerem, ſe guarde a ordem, que ſe diſſe nos do vinho, a ſaber, que ou ſe faça primeyro o cozimento em agua, & no fim delle ſe accreſcente o ſoro. Ou ſe faça logo no ſoro lançando a ſalſa, ou páo em mayor quantidade, para que fervendo pouco lhe fique baſtante virtude. Exemplo do primeyro modo. *Tomem ſeis oytavas de ſalſa parrilha, ou tres de raiz da China, ou duas onças de páo ſanto limado, & laucem-ſe de infuſaõ vinte, & quatro horas em tres quartilhos de agua, & depois fervaõ na meſma até ſe gaſtarem dous quartilhos, & como forem goſtados, ajuntem ao cozimento hum quartilho de ſoro de leyte de cabras, & continue fervendo, que ſe gaſte couſa de meyo quartilho, & tire-ſe*

Lib. 5. c. 28.

ra-ſe do fogo, & coe-ſe, & guarde-ſe para tomar por duas vezes. E cada dia ſe fará eſte cozimento freſco.

Exemplo do ſegundo: *Tomem duas onças de ſalſa parrilha, ou meya onça de páo da China, ou ſeis onças de páo ſanto, & lancem-ſe de infuſaõ em dous quartilhos de ſoro quente por eſpaço de quatro, ou ſeis horas, ou huma noyte, ſe naõ houver perigo de ſe azedar, & depois ferváõ no meſmo ſoro atè ſe gaſtar meyo quartilho, & deyxe-ſe ficar atè que eſfrie, & coe-ſe para beber por duas vezes*, & com qualquer deſtes cozimentos ſe póde o doente curar de pè, ou ſuando. E para beber de ordinario tornaráõ a cozer em agua baſtante a meſma ſalſa, ou páo. Uſa-ſe do ſoro quando ha demaſiado calor de figado, ou febre, ſarna, fleuma ſalſa, ou qualquer aduſtaõ demaſiada. E ſe a neceſſidade o pedir, tambem ſe póde dar eſte cozimento ſerenado. E naõ havendo de ſuar com elle ſerá bom ajuntarlhe *ſene de duas atè tres oytavas*, & pódemlhe ajuntar *hermodactiles, & outros medicamentos purgantes*, & tomalo manhã, & tarde a modo das apozemas, de que abayxo diremos.

ANNOTAÇOENS.

Numero 1.

QUe ferva pouco. *Nos cozimentos que ſe fizerem em vinho adverte o Author, que ferváo pouco, ou que totalmente naõ ferváo; a razaõ he, porque fervendo o vinho, perdem-ſe as partes mais tenues, volateis, & eſpirituoſas, que com o calor ſe exhalaõ, naõ ſó ao vinho, mas das couſas que com elle ſe cozem; & quanto mais ferver, menos virtuoſo, & menos util ficará o vinho; & por iſto he muyto melhor fazer infuſaõ, do que cozimento, pondo o vinho do lume em que eſteja bem quente, ſem ferver, o tempo que quizerem, cortando meudamente tudo o que for raiz, páo, ou caſca, & machucãdo eſtas couſas, aſſim como tambem as ſementes; porque aſſim lhe extrahe o vinho melhor a virtude, conſervando-a ſem diſſipaçaõ das partes mais ſutis, que nos cozimentos feyto em vinho ſe perdem.*

Vinho ſanto. *Não ha duvida, que os remedios preparados em vinho tem muyto mayor efficacia, do que os que ſe preparaõ em agua; porque o vinho, pela tenuidade das ſuas partes, deſentranha melhor a virtude das couſas que nelle ſe infundẽ, do q̃ a agua; & como mais penetrativo, cõmunica-as melhor ao corpo. E por iſto temos obſervado curar o vinho ſanto alguns achaques gallicos, que com outros remedios, ainda que alexipharmacos ſe não puderaõ vencer. Hum moço robuſto, em idade juvenil contrhio contagio gallico, que ſe manifeſtou em huma gonorrhea virulenta, a que ſe ſeguio huma hernia, & ultimamente hum encordio, achaques de que ſe começou a curar tarde, & mal, dando tempo a que os ſeminarios contagioſos ſe communicaſſem ao ſangue; de que reſultou tolherſe dos braços, & da perna eſquerda, & apparecerem lhe alguns caroços pelos lados do peſcoço, & huma goma na perna direyta, por bayxo do joelho. Tomou ſuores de ſalſa, & páo ſanto, depois das evacuaçoens univerſaes; & ainda que com elles ſe desfizeraõ os caroços, & melhorou das juntas, com tudo não ſe acabou de desfazer a goma, nem o braço eſquerdo ficou ſem lezaõ. Entendeo-ſe que o regimento depois da cura acabaria eſtas reliquias; mas ſuccedeo tanto pelo contrario, que cada dia ſe foraõ aumentando, & em breve tempo eſtava o homem mais tolhido das juntas, que no principio. Já neſtes termos conſiderava que não teria remedio, porque não queria admittir a cura do azougue, a que nunca o pudemos reduzir; mas com o vinho ſanto feyto pela receyta do Author, ſe curou taõ perfeytamente, que paſſando iſto ha treze annos, nunca mais teve achaque, que ſe pudeſſe attribuir ao contagio gallico. He verdade que depois*

pois da cura, lhe fizemos tomar alguns dias panacèa mercurial, para extinguir os ſeminarios do contagio, que ainda que os danos do gallico ſe vençaõ, ſempre ficaõ no corpo alguns ſeminarios delle quando as curas ſe fazem ſem azougue. Aos comeres uſava tambem do dito vinho, mas ſempre no fim da meſa bebia hum pucaro de agua cozida levemente com páo de ſaxifrás.

Pombo. *Ordena o Author aos que ſe curarem com o vinho ſanto, que comaõ pombos, pouco lembrado de que eſtas aves ſaõ reprovadas nos achaques gallicos, principalmente ſe houver dores de alguma parte, porque elles as fazem renovar, como o meſmo Author affirma, por liçaõ de Nicolao Maſſa, exceptuando eſte alemento dos mais que concede em qualquer cura deſte contagio, como ſe pòde ver adiante no* Capitulo XIII. num. 7.

Numero 4.

SE o ſoro. *Os cozimentos feytos em ſoro com os alexipharmacos do gallico, nunca ſaõ muy virtuoſos, porque ſe ſerve muyto, fica o ſoro ſalgado, como nota o Author, por liçaõ de Rudio; & ainda que ferva muyto, naõ extrahe bem a virtude dos ſimplices, que nelle ſe cozem; ò que faz melhor a agua, & melhor que eſta o vinho, & a agua ardente, pela tenuidade das ſuas partes, com que entraõ pela ſubſtancia das couſas que ſe lhe infundem, & com que ſe cozem. Nem ſe cuyde que por lançar no ſoro muyta quantidade dos alexipharmacos, ficarà com mayor virtude, como o Author entende: porque o ſoro ha de tomar das couſas que lhe infundirem quanto couber na eſfera da ſua receptibilidade; & depois de ſe impregnar, & de ſe encher com o que tirar dellas, todas as mais partes ficaõ intactas, & vem a ſer inuteis; donde ſe vè como erra quem cuyda que ficaõ mais activos os cozimentos, & as infuſoens por lhe lançarem grande quantidade de couſas, cuja virtude ſe naõ pòde receber em pequena porçaõ de licor. Expliquemonos mais, para os que naõ ſouberem iſto: quem infundir vinte grãos de pós de Quintilio em huma onça atè duas de vinho, terà neſte hum vomitorio de baſtante efficacia; porque aquella porção de vinho, toma dos pòs a virtude emetica, que nelle cabe, & he a que baſta para fazer ſufficiente operaçaõ; porém ſe na meſma quantidade de vinho infundirem duas, ou tres onças dos meſmos pòs, nem por iſto ficarà o vinho mais emetico, do que com a infuſaõ dos vinte grãos: porque tanto que ſe impregna, & ſe enche com o que cabe na eſfera da ſua receptibilidade, tudo o demais fica intacto, como ſe nelle ſe naõ infundira. O que nos parece melhor he, que os cozimẽtos ſe façaõ em agua, que naõ he menos fria que o ſoro; & ſe eſte for neceſſario por algum fundamento, ſe uſe delle puro, & ſeparado em hora conveniente. E quando por razaõ de algũa intemperança quente ſe temer o calor dos alexipharmacos, ſe uſe do azougue, que ſem eſquentar, he de mayor utilidade, do que os cozimentos feytos em ſoros, & do que os xaropes de frangãos medicados.*

CAPITULO XXI.

Dos cozimentos, que em caldo de carne ſe fazem.

COſtumaõ-ſe algumas vezes cozer alexipharmacos do morbo gallico com carne, ou em caldo della, em eſpecial eſtando o enfermo debilitado, & demaſiadamente magro, ou de alguma grande evacuaçaõ, que precedeſſe, ou da antiguidade do mal, como acontece aos que padecem hecticas gallicas, ſegundo ſe vè de Fernelio, a quem imitàraõ os mais depois delle. Porèm porque a carne faz os cozimentos faſtidioſos, diz Euſtachio Rudio, que primeyro ſe lhe

Lib. de curat. Luis ven.

dem

dem humas fervuras para que ſe alimpe daquellas eſcumas, & humidades, & depois ſe coza em outra agua com os alexipharmacos. Seja exemplo: *Tomem ſeis onças de guayacão, ou páo ſanto, ou duas de ſalſa parrilha, ou huma de páo da China, & infundão-ſe vinte, & quatro horas em nove quartilhos de agua quente, & depois fervão na meſma com dous frangãos atè ficarem ſómente tres quartilhos.* Em lugar dos frangãos ſe quizermos nutrir mais, *ſe lhe miſturarà huma franga, ou hum arratel de vitela, ou de carneyro, & qualquer deſtas carnes ſerà primeyro fervida, & eſcumada em outra agua diverſa, & depois a meterão na panela juntamente com os alexipharmacos*, & tome o enfermo meyo quartilho pela manhã, meyo à tarde. E ſe quizerem o cozimento compoſto, *tomarão tres onças de páo ſanto, huma de ſalſa parrilha, meya de raiz da China, & farſeha conforme eſtà dito.* E para beber de ordinario faràõ outro cozimento ſem carne com outro páo, ou ſalſa, porque os da carne o fazem deſagradavel, & aſcoſo.

Mas porque anda em proverbio o máo ſabor, & ſuſpeyta do caldo requentado, por tanto me parece mais conveniente naõ ſe fazer ſenaõ para huma vez, *cozendo o frangão, ou ametade, ou hum quarto de huma gallinha, ou quatro onças de carne de vitela, ou de carneyro, em baſtante quantidade de cozimento forte dos ditos alexipharmacos (que eſtarà jà para iſſo feyto) que naõ fique mais que huma tigela de caldo, que o doente tomarà em acabando de ſe fazer.* E ſe o houver de tomar à tarde, deve-ſe fazer outro tanto freſco, porque aſſim he mais goſtoſo, & ſeguro. E ſe o naõ quizerem taõ forte, *não ſeja toda a agua do primeyro cozimento, mas baſtarà meyo quartilho della, & a mais que faltar ſerà do ſegundo.* Ou ſe faça *cozendo o que parecer de páo, ou ſalſa juntamente com a carne de modo que naõ fique mais que huma tigela de caldo.* Como agora: *Tomem duas oytavas de ſalſa parrilha machucada, lancem-ſe de molho em tres quartilhos, ou no que baſtar de agua por huma noyte, ou vinte, & quatro horas, depois ſe cozaõ na meſma com mais hum frangão atè ficar ſómente meyo quartilho de caldo*, que o doente beberá pela manhã, ou à tarde acabado de fazer. Ou façaõ aſſim: *Tomem do cozimento, que ſe faz para ſuar, meyo quartilho, do cozimento ſegundo, que ſe faz para beber de ordinario, dous quartilhos, & meyo, ou o que baſtar, & nelles ſe coza o frangão, ou outra carne atè não ficar mais que huma tigela de caldo*, que o doente logo beberá. E pódemlhe lançar *aſſucar* para ſe tomar com mais facilidade, *ou ſal ordinario*, como quando ſe coze para comer, mas ſem elle he mais ſalutifero.

Os outros cozimentos, que ſe fazem em aguas deſtilladas, naõ tem couſa diverſa dos da commua, nem tambem aquelles, que ſe fazem com cevada, porque commodamente ſe pòde infundir, & cozer com os alexipharmacos.

ANNOTAÇOENS.

COm carne. *Muytas vezes ſe uſa dos alexipharmacos do gallico cozendo-os com carne, que ordinariamente coſtuma ſer fragão, franga, ou gallinha; aſſim porque os gallicados tem alguma febre, ou intemperança, que neceſſita de medicamento mais temperado, como porque tem indigẽcia de alguma reparaçaõ de ſubſtancia, como ſuccede nos hecticos, aos quaes ſe hade acodir com medicamẽto que nutra, que refrigere, que humedeça, & que juntamente tenha virtude alexipharmaca com que extinga os ſeminarios contagioſos. Iſto cuydaõ muytos, que ſe conſegue cozendo hum frangaõ com ſalſa, pao ſanto, ou raiz da China, & com raizes, & ervas refrigerantes, uſando deſtes caldos dous, ou tres mezes. E naõ ha duvida que algumas vezes oproveitaõ; mas em gallico antigo, ou muy radicado, nunca nos fiamos nelles; principalmente ſe ha perigo na*

dilaçaõ com que eſtes remedios obraõ. O que fazemos neſtes termos, he dar alguns dias mercurio bem dulcificado, para extinguir o contagio, & depois uſar dos caldos de frangãos para nutrir o corpo, & para moderar as intemperanças. Aſſim temos cura do muytos hecticos gallicados, quãdo não havia nelles eſperança de vida. Outras vezes nos meſmos caldos, ou xarope de frangãos damos o mercurio; ou tomando-o em pirolas, lhe fazemos beber o caldo ſobre ellas.

CAPITULO XXII.

Dos cozimentos, que ſe fazem em dous vaſos, & por deſtillaçaõ.

EM meninos, & peſſoas delicadas he algumas vezes neceſſario uſar de mais delicados cozimentos, que com menos aſco ſe poſſaõ tomar. E para eſſe fim ſe ordenaõ, ou em dous vaſos, ou por deſtillaçaõ.

Ao de dous vaſos chamaõ os Authores *Balneum Mariæ*, & ſe faz metendo a ſalſa, ou páo, & alguns outros ſimplices, ſe querem, dentro de hum vaſo de barro, ou de vidro groſſo de boca eſtreyta, & com elle a agua, que parece neceſſaria, & tapandolhe muyto bem a boca, que naõ reſpire para fóra couſa alguma, o metem dentro de hum caldeyraõ, ou tacho de agua, de modo que lhe fique a boca fóra, para que a agua do tacho lhe naõ entre, & o põem a ferver eſpaço de dez, ou doze horas, & depois ſe tira, & coa, eſpremendo tudo no licor, & ſe guarde para ſe dar a beber ao doente. E porque por eſte modo he menor a virtude, que no licor ſe aparta, he neceſſario que lhe lancem mayor quantidade de páo, ou ſalſa, do que ſe houvera de lançar, ſe ſe cozera ordinariamente em hum ſó vaſo.

Exemplo: *Tomem de ſalſa parrilha tres onças, páo da China huma. A ſalſa ſe machuque muyto bem, & o páo ſe faça em talhadinhas muyto delgadas, & ſe lãcem de infuſaõ em huma canada de agua quente, & ao outro dia ſe metaõ com a meſma agua em hum vaſo de barro, ou de vidro groſſo*, (para o que he muy accommodado hum ourinol groſſo novo) *o qual ſe tapará, & porà dentro de hum tacho, ou caldeyraõ de agua ao fogo, & ferverà eſpaço de dez horas, ou o tempo que parecer atè ſe gaſtar a metade, que ſe conhecerà peſando-o em balança* como adiante diremos no Capitulo XXIV. na cura, que ſe faz com ſalſa de jarilhos, & depois diſto *ſe tire, & ſe dem ao doente tres, quatro, ou ſeis onças de cada vez.* E ſe quizerem, pódem ao fazer diſto miſturarlhe *paſſas de uvas, maçãs da nafega, ou folhas de almeyraõ de chicoria, de borragem, cevada, ou quaeſquer outros ſimplices, conforme a intenſaõ de cada hum.* He eſte modo de cozimento muyto mais ſuave, & louvado de Pedro Haſcardo Inſolano, Monardo Ferrarienſe, Joaõ de Rupeſciſa, Raymundo Lunio, Jeronymo Brunſuiſenſe, & Gualterio Ruſio. E aſſim para meninos, & peſſoas delicadas he muy conveniente.

morb. gal. Cap. 6. Lib. 15. Epiſt. 5. Lib. diſt. Apud. Haſc. cit.

A deſtillaçaõ ſe faz de hum de dous modos. O primeyro he extrahindo hum oleo *de guayacão, & páo ſanto*, o qual he fortiſſimo, & por tanto ſe daõ ſómente de tres atè quatro grãos de trigo de pezo delle, miſturados com meyo quartilho *de agua de almeyrão*, conforme Rudio. He porém remedio arriſcado, por ſer calido, quaſi em quarto grao, & adurente, além de que tem pouco de qualidade alexipharmaca, & pouca efficacia em curar o morbo gallico, & aſſim naõ ſe deve dar mais que a peſſoas, que naõ querem admittir os outros modos de cura, & àquellas que naõ ſaõ deſtemperadas por calor; & ao deſtillarſe ſe deve primeyro borrifar com çumo *de almeyraõ, ou chicoria*, & o que o tomar o continue

nue muitos dias, aliás naõ lhe fará a obra, que pertende. O ſegundo he infundindo, & cozendo a ſalſa, ou pao em agoa por eſpaço baſtante, para que ſe abraõ os póros, & lancem de ſi a virtude, & logo lançando cozimento, & tudo em alambique, ſe fará deſtillaçaõ, que ficará mais claro, & ſuave.

Exemplo. *Tomem ſalſa parrilha quatro onças, infunda-ſe em dez quartilhos de agua por eſpaço de quatorze horas, & coza-ſe na meſma até ſe gaſtar ametade, & depois ſe pize muyto bem, & com a meſma agua em que ſe cozeo, ſe ponha em alambique de vidro, & ſe deſtille.* A meſma deſtillaçaõ ſe póde fazer do pao ſanto, guayacaõ, ou China, ou de todos miſturados, & ajuntarlhe as hervas, & mais ſimplices, que parecerem convenientes, ſegundo as indicaçoens, que occorrem.

ANNOTAÇOENS.

DElicados cozimentos. *Para meninos, & peſſoas delicadas prepara o Author diverſos cozimentos, & deſtillações dos alexipharmacos. Sobre o que dizemos, que os cozimentos feytos em dous vaſos, ſaõ como os que ſe fazem em hum ſó, havendo cuidado em que ſe naõ eſturrem. E em quanto às deſtillaçoens, ſabemos por experiencias, que ſaõ de pouca utilidade; & por iſto nada nos parece tanto a propoſito, como o mercurio, de que peſſoas mimoſas, & meninos de mama pódem uſar com mais facilidade, & com mayor emolumento.*

CAPITULO XXIII.

Do regimento que devem ter os que ſuaõ.

Numero 1.

EM *tres partes* ſe divide o regimento dos que haõ de tomar ſuores, a ſaber, *o que convem antes, depois, & quando ſe tomaõ. Antes* he neceſſario deſcarregar o corpo pelas evacuações univerſaes de ſangria, & purga, conforme eſtá dito nos Capitulos antecedentes, onde tratamos a cura de cada eſpecie de morbo gallico, & particularmente havendo muitos humores, ou opilações nas primeiras vias, a ſaber, eſtomago, veas meſaraicas, & figado, he neceſſario que primeiro ſe deſcarreguem como muy bem advertio Fernelio, & primeiro, que elle de Galeno, porque provocando-ſe ſuor, havendo os ditos humores nas primeiras vias ſe diſtribuem por todo o corpo, & fazem mayores males do que havia. E havendo opilações, como eſtas procedem de muytos humores craſſos, & tenazes, & ſe naõ gaſtaõ com os medicamentos ſobreditos, depois dos ſuores ficaõ os enfermos ainda opilados, como cada dia vemos, & nas opilações ſe conſerva a qualidade gallica, que he cauſa de recahida, como nota Rudio, por onde antes dos ſuores convem tratar dellas, como diremos em ſeu lugar Cap. XXXXII.

Lib. de cur. Luis ven. cap 84. de Sanit. cap. 5. Lib. 5. de morb. ven. cap. 14.

Numero 2.

Coſa em que ſe haõ de tomar os ſuores.

NO tempo delles convem que haja grande reſguardo do ar, porque além do damno ordinario, que faz em tapar os póros, & deter a evaporaçaõ das fuligens, offende o cozimento da terceyra digeſtaõ, a qual offenſa *per conſenſum* ſe communica facilmente ao figado, & ſe offende mais a ſanguificaçaõ, & de novo ſe entende a qualidade gallica, & creſcem os excrementos, que por occaſiaõ

caſiaõ della ſe geraõ, como nota muy bem Ruí Dias de la Isla.

Lib. de morb. ſerp. cap. 10. Reg 45. & 6. & c. 9. præc. cap. 2. E por tanto naõ eſteja o enfermo na primeyra, nem ainda na ſegunda caſa, ſenaõ *em camara abrigada* de poucas portas, & janellas, & ainda armada, & alcatifada, ſegundo ſua poſſibilidade: & ſe prepare de modo, que ſeja *quente no inverno, & temperado no veraõ*. E ſendo tempo de muytas calmas, tambem haverá advertencia que *naõ ſeja demoſiada na caſa*, & para iſſo, ſendo neceſſario, poderáõ abrir huma janella, com tanto que naõ haja vento: *& naõ lave as mãos em agua fria*, & querendo-as lavar, ſeja com vinho morno, ou com o terceyro cozimento, que para iſto ſe póde fazer da meſma ſalſa, ou pao, como ordenaõ Fallopio, Alfonſo Ferreo, & outros: & quando lhe for neceſſario, *guarde-ſe de pôr na caſa os pés deſcalços, & de lhe dar frio nas pernas, ou no mais corpo*, & para iſſo tambem tenha na cama ſua almilha veſtida: & haja finalmente *toda a cautela para que o ar lhe naõ toque*; porque conta Ruí Dias, que de hum homem, que tomára ſuores, pòr os pés no chaõ, ſem embargo de ſer tempo de calma, lhe ſobrevcyo tal ſoluço, que morreo no quarto dia.

Cap. ibi prop.

cit. reg. 6.

Numero 3.

Comer dos que tomaõ ſuores, a hora, & numero delles.

Lib. de morb. gal. cap. 9 NO que toca ao comer diz Ultiche de Uten, que ſeja o menos, que for poſſivel: *In dia quanta poſſit maxima, extenuetur æger*. E todos os mais Authores convem em que *ſeja pouco, principalmente nos principios*, em quanto as forças o permittem, porque da falta delle ſe ſegue menos geraçaõ de excrementos, & conſume o calor natural os que ha gerados; mas depois que o doente vay enfraquecendo, ſe lhe ha de ir accreſcentando a porçaõ pouco, & pouco. E o commum uſo tem que ſeja o pão biſcouto, ou feyto em fatias, & torrado no forno, & nos primeiros oito, ou dez dias naõ ſe daõ mais, que paſſas de uvas, & amendoas torradas, & algumas vezes ovos paſſados por agua, ſe o doente enfraquece, & depois delles ſe dá frangaõ aſſado, & depois franga, ou gallinha, & póde-ſe conceder perdiz, rola, paſſarinhos do monte, coelho novo, & aos pobres carneiro aſſado.

A quantidade naõ ſe póde limitar, mas o ordinario, conforme Fallopio, & ſeu imitador Euſtachio Rudio, ſaõ *tres até quatro onças de biſcouto, & duas até tres de carne aſſada*, & comendo amendoas, fiſticos, ou pinhões torrados, ſe daraõ *de duas até quatro onças*, & de paſſas *até duas, ou tres*, dando mais quantidade aos ruſticos, exercitados, robuſtos, & coſtumados a comer muyto, em eſpecial a gente moça, & pelo contrario aos outros. E poſto que anda em uſo ſer o jantar mayor que a cea, com tudo he melhor o contrario diſto, como diz Euſtachio Rudio, a ſaber, *jantar pouco, & cear melhor*, porque he pouco o tempo do jantar até o ſuor da tarde, & naõ ſendo pouco o comer, naõ poderá eſtar digeſto, & ſerá de muito damno ſuar com crueza de eſtomago, como ſe vê de Galeno, & porque muitas vezes encontramos com enfermos taõ fracos, que naõ pódem aguardar a tenuidade do mantimento, logo nos principios lhe damos frangaõ, ou franga, & quando naõ pódem comer biſcouto, nem aſſado, lhe damos paõ molle, & gallinha cozida com ſeu caldo, & ſempre ſe advirta, que *o erro de dar de comer pouco, & de chegar o enfermo a fraqueza, he mayor, que dar muyto de comer*, como enſina Hippocrates.

Lib. de morb. c. 57.

Lib. de morb. ven. cap. ult.

4. de ſan. tuend. c. 5.

O beber ſerá agua do ſegundo cozimento, conforme aſſima fica dito, da qual beberáõ quanta quizerem, com tanto, que naõ ſeja em tal exceſſo, que perturbe o

1. aph 5.

cozimento

cozimento, como alguns fazem, cuidando, que quanta mais bebem melhor ſáraõ, ſendo o contrario, conforme ao dito de Hippocrates: *Omne nimis eſt inimicum naturæ. Todo o demaſiado he inimigo da natureza.* Vinho he *muy contrario aos do morbo gallico*, como nota Ruí Dias, Mathiolo, & outros Authores graves; porém em peſſoas, a que ſem elle naõ coze o eſtomago, ou tem urgencia de fraqueza, ſe concede algumas vezes em pouca quantidade, & aguado com a meſma agua do pao, ou ſalſa. E naõ obſta ordenarmos aſſima cozimentos em vinho, porque eſſe por ſer medicado com os alexipharmacos, naõ damna, antes os faz obrar com mais efficacia. 1. aph. 55 Loc. cit. Lib. de morb. gallic.

De doces convem cidrada, toranja, & em peſſoas de temperamento frio, tempo do Inverno, & mal antigo, diacidraõ, limaõ de conſerva, flor de laranja, nozes de conſerva, & outros ſemelhantes. E a todos eſcorcioneyra, peſſego cuberto, peſſegada, marmelada, perada: eſtas duas conſervas principalmente ſe dem ſobre meſa. E naõ impedindo o calor do tempo, ou do figado, ſe podem dar confeitos de herva-doce, & havendo eſtes impedimentos, de roſa, & com elles, & ſem elles os de coentros ſempre ſaõ accommodados.

O tempo de comer ſerá duas horas, ou pelo menos huma depois de ſahir o ſuor, & *a hora de dar o xarope ſudorifico ſerá depois de feita a digeſtaõ do eſtomago*, que pela manhãa póde ſer a qualquer, por ſer muito o tempo que tem paſſado depois da cea, porém a da tarde ſerá nos eſtomagos ordinarios *a ſetima depois de ter jantado*, nos muito calidos *a quinta*, ou *ſexta*, & nos tardos, *a oitava*, ou *nona*, como já aſſima fica advertido, & por ſer iſto muy neceſſario, & que de ordinario ſe naõ adverte, o repetimos. Tambem ſe note, que em tempo de calmas ſe eſcolha a hora de menos calor, como he *a quinta, ou ſexta depois da meya noite, & a ſetima, ou oitava depois do meyo dia*; & pelo contrario em tempo frio, nem ſe madrugue muyto para tomar o ſuor, nem ſe eſpere muito pela noite. A detença que no ſuor ſe deve ter, he de ordinario *huma hora* dando-ſe de roupa, *ou de meya hora, até tres quartos* dando-ſe de eſtufa, porém niſto naõ póde haver limite certo, porque ha muitos, que naõ pódem aguardar, nem lhes he neceſſario tanto tempo: outros, que ſofrem, & tem neceſſidade de muyto mais. E diz Mercado, que os deyxem eſtar no ſuor em quanto facilmente o ſofrerem ſem anxiedade alguma, com tanto que naõ paſſe de tres horas. *O tempo que os ha de continuar he até haver ſaude perfeita*, que ſe conhecerá, *ſe as chagas perfeitamente ſe mundificarem, as dores ſe extinguirem, os tumores ſe reſolverem, & todos os mais ſymptomas ceſſarem*, & em quanto naõ houver iſto, naõ deyxe o doente de continuar com a cura, conforme encomenda Ruí Dias, & o ordinario he na Primavera, & ſegunda eſpecie baſtarem de nove, até quinze dias, & nas outras até trinta. Cap. 5. Cap. 5. præcep. 1.

Aqui ſe note, que duvidaõ alguns, ſe he neceſſario eſperar que as chagas ſe mundifiquem, para entrar nos ſuores; & realmente que naõ ſey que fundamento haja para mover tal duvida: porque ſe a qualidade gallica, & os humores vicioſos ſaõ a cauſa da ſordicie, corrupçaõ, & putrefaçaõ deſtas chagas, & eſta ſe tira com os ſuores, que duvida póde haver de os dar, eſtando a chaga ſordida, podre, ou corroſiva?

Numero 4.

Acode-ſe aos accidentes, que ſobrevem aos que tomaõ ſuores.

SE a natureza cada dia naõ acodir, lance-ſe ao doente ajuda commua, & ſe eſtiver deſtemperado por calor, miſturem-lhe *azeite roſado, ou violado, ou cevada,*

cevada, & ameixas no cozimento. E porque ha doentes que naõ ſofrem ajudas,
Cap. 55. ordena Fallopio, que com o xarope, que ſe dá para ſuar, ſe miſture *huma onça de mel*, & ſe naõ baſtar, ſeja *de xarope de nove infuſoens de roſas Alexandrinas feito com mel*, que ſerá mais conveniente ſendo os humores frios, como os da terceira, & quarta eſpecie, & naõ o impedindo o temperamento total do doente, ou particular do figado, ou demaſiado calor do tempo, porque ſe houver iſſo, baſtará ſer o xarope ordinario *de aſſucar, ou de nove infuſoens de violas, ou das noſſas roſas, ou duas onças de manà, ou meya até huma onça de polpa de canafiſtula.* Porèm a vez que eſtes purgativos ſe derem ao enfermo, naõ ſe provoque ſuor, porque he inconveniente dar à natureza dous movimentos contrarios na meſma hora, & diz Nicolao Polla, que para provocar camara aos que a naõ fizerem, ſe dè *pezo de hum, ou de dous eſcudos, que vem a ſer huma, ou duas oytavas, de pós do guayacaõ moido ſubtilmente, & paſſados por peneira fina, dandolhos em agua cozida com erva-doce quente, & dilatandolhe o comer cinco, ou ſeis horas*, & que ſe com iſto naõ obrar, que ſe lhe tornem a dar ao terceiro dia, & que entaõ purgará.

E ſe acertarem de ſobrevir camaras, (que a falſa algumas vezes coſtuma mover por relaxar o eſtomago, como nota Fallopio) em eſpecial ſe forem do meſmo mantimento cru, ou mal cozido; a que chamaõ *luenteria*, ou *cæliaca paſſio*, deyxe-ſe de dar agua do ſegundo cozimento ao comer, & em lugar della ſe dê
Cap. 67 hum copo de vinho, que conforme Fallopio experimentou, logo remedea eſte accidente: & com tudo naõ deyxe o doente de continuar com os xaropes ordinarios do ſuor. E eu deralhe em lugar do ſegundo cozimento vinho, em que a ſalſa eſtivera de infuſaõ, a ſaber, *huma onça em huma canada de bom vinho ſem ir ao fogo*, & como for meya gaſtada reforme-ſe com outra meya canada, com que ſe irá continuando ſete, ou oito dias, que póde durar a virtude daquella onça de ſalſa, & depois ſe fará infuſaõ com ſalſa nova. E ſe houver impedimento de beber eſte vinho puro, ſe aguará com a agua, que parecer neceſſaria do ſegundo cozimento. Ou tambem *para emendar* a ſalſa ſe lhe miſture ao comer hum pequeno *do páo da China, ou pelo menos do ſanto, ou guayacaõ, ou huma pequena de almecega, ou huns grãos de herva-doce.*

E ſe o doente tiver grande faſtio, ou engulhos de vomitar, he a cauſa demaſiado calor do eſtomago, & aſſim convem fazerlhe os cozimentos mais temperados com menos *ſalſa, ou páo, ou que mingue menos ao cozer, ou ſe lhe miſture cevada, ſe façaõ em aguas deſtilladas de almeyraõ, azedas, chicorias, ſerralhas, & ſemelhantes*, como nota o meſmo Fallopio. E para tirar o aſco do xarope ao doente póde-ſelhe adoçar com aſſucar, & por fóra ſe conforte o eſtomago applicandolhe, *ou miva, ou oleo de marmelos, ou roſado onfacino.* Tambem ſe póde confortar com *huma fatia de paõ torrado borrifada com vinho, & agua roſada, & coberta de pós de ſandalos.* Ou ſe applique *talhada de carne de vaca meya aſſada com o meſmo vinho com pós, ou ſem elles.* E quando a fraqueza for muyta, ſe lhe ponha *hum frangaõ, ou pombo vivo aberto pelo eſpinhaço, ou qualquer outro animal, que ſerá melhor, polvorizado com os meſmos pós.* E ſe com tudo o faſtio for taõ grande, que naõ poſſa comer couſa alguma, deyxe de tomar os ſuores alguns dias, até ſe reformar, & póde-ſelhe conceder para appetite *alcaparra, perrexil, alguma fruita de Achar*, naõ ſómente o que vem da India, mas tambem o que neſtas partes ſe faz, & póde-ſelhe dar algum peyxinho leve, como *azevia, faneca, linguado, ſalmonete, truta, ou boga*, principalmente ſendo peyxe creado entre
Cap. 9. pedras, porque conforme Ruí Dias de la Isla, naõ faz o peſcado tanto mal
praecep. 9. neſta enfermidade, como ſe cuida, ſegundo a larga experiencia lhe tinha moſtrado.

E ſe

E ſe o doente deſmayar (que acontece de ordinario depois dos vinte dias, pela fraqueza procedida do pouco comer, & dos muytos ſuores) deſelhe mais quantidade de mantimento, & logo pela manhã cedo huma, ou duas horas antes do ſuor ſe lhe dem *duas gemas de ovos*, como manda Fallopio, & outras tantas à tarde, ou huma fatia *de pão ordinario, ou de ló, ou de Rey molhada em vinho*. E ſe com tudo tiver ainda muyta fraqueza, deſcanſe algum dia ſem ſuar, ou tome no dia hum ſuor ſómente, & demſelhes huns caldos, a que chamão *eſforçados*, que ſão muyto melhores, ſe ſe fazem cozendo juntamente perdiz, & galinha.

E ſe o doente naõ ſuar, diz Mercado, que póde proceder de huma *de tres cauſas*, a ſaber, *de fraqueza, da craſſidaõ, ou viſcoſidade dos humores, ou da denſidade do couro. Se proceder de fraqueza*, remediarſeha, como eſtà dito do doente, que ſe deſmaya: *ſe deſerem os humores craſſos, & viſcoſos*, miſturarſeha com os xaropes ſudoriferos, medicamentos, que os corte, & attenue, v. g. *huma onça de oximel ſimplez, ou de xarope de duas, ou de cinco raizes de fumaria*. Ou ao cozer dos alexipharmacos ſe miſturem medicinas attenuantes, como *erva-doce, raiz de funcho, de eſpargo, de gilbarbeyra, de aypo, de ſalſa de comer, de grama, de tamargueyra*; ou *ſe miſture betonica, roſmaninho, poejos, ouregãos*, & ſemelhantes, para que os humores attenuados caybaõ pelos póros, & poſſaõ ſahir com o ſuor. *E ſendo a denſidade da carne, & couros os que fazem com que o doente ſue*, como acontece a peſſoas melancholicas, ſecas, de carne dura, & couro aſpero, tira-ſe eſte impedimento, *uſando de huns baſos de cozimentos de ervas calidas, & diaphoreticas tomados debayxo de hum pavilhaõ*, como jà aſſima fica dito. Ou ſe applique aos pés do doente *hum tijolo quente borrifado com vinho* como manda Fallopio. Ou humas borrachas, ou cabaças cheas de cozimento de algumas ervas calidas, como *tagueda, macella, coroa de Rey, betonica, folhas de louro, de larangeyra, marroyos, ouregãos, poejos, roſmaninho*, & ſemelhantes, as quaes borrachas lhe applicaráõ, como diz Mercrdo, debayxo dos braços, às verilhas, & aos pés. E o melhor de tudo, he uſar da eſtufa ordinaria, de que jà fallàmos, porque rariſſimo he o que nella naõ ſua de qualquer cauſa que proceda o naõ ſuar.

Lib. 1. de morb. gal cap. 9.

Lec. cit.

De mulher ſe guardarà grandiſſimamente quem ſe cura, como aviſaõ todos os Authores, porque he taõ danoſo, que qualquer ſombra deſte negocio, que aconteça dentro dos quarenta dias da cura, dá com toda ella a travez, como pela ſua grande experiencia notàraõ Ruí Dias, & ſeu bugio Pedro Lopes Leaõ, que affirmaõ que dentro de tres mezes he danoſo. E por tanto haja grande advertencia, como diz Fallopio, que a cura ſe naõ adminiſtre por certas criadas de occaſiaõ arriſcada. Tambem ſe guarde o doente de tudo aquillo que lhe póde dar moleſtia, ou fazer grande divertimento do animo, *como certos jogos de grande applicaçaõ*, aſſim como xadrez, ou que movem muyto a rayva, como tabolas, & alguns de cartas, & ſemelhantes.

Cap. 9. Lib. de morb. gal Cap. 54.

Numero 5.

Purga, que ſe coſtuma dar no meyo, & no fim dos ſuores.

TEm alguns Praticos, como Andre de Alcaçar, por infalivel regra dar huma purga antes dos ſuores, outra no meyo, outra depois delles. Porém aſſim como na primeyra naõ ha duvida alguma, aſſim a ha muyto grande nas outras duas, em eſpecial na do meyo; porque com ella ſe daõ dous movimentos contrarios no meſmo tempo aos humores, a ſaber, o que ella faz da circunferencia

Lib. 1. de morb. gal cap. 9.

ferencia para o centro do corpo, & o que fazem os ſuores do centro para a circunferencia, que he grande inconveniente: além de que perturba o enfermo cauſandolhe tambem deſtemperança calida, como coſtumaõ todas as purgas. Pelas quaes razões, diz Fallopio, ſe naõ daràõ no meyo dos ſuores, ſe a cura proceder bem, & eſperarmos que com elles acabe de ſarar o doente. Só quando os humores forem tantos, & taõ groſſos, que o ſuor os naõ poſſa acabar de vencer, (que ſe conhecerá, porque o doente naõ alivia couſa alguma) ou quando ſe derreterem com os medicamentos ſudoriferos de tal ſorte, que corraõ com furia à garganta, ou ao peyto, ou ao eſtomago, às juntas, ou a qualquer outra parte, neſtes caſos he neceſſario deyxar os ſuores, & acudir a purgar como prudentemente nota Mercado. Ou ainda ſangrar ſe for neceſſario, & depois tornar a elles.

Galen. 1. aph. com. 14. Lib. de morb. gal

Lib. 1. de morb. gal cap. 9.

He tambem muy coſtumado darſe no fim dos ſuores huma purga, dando-ſe por razaõ, que por elles ſe tem evacuado os humores delgados, & que convenientemente ſe evacuaráõ pela purga os groſſos, que dos medicamentos ſudorificos ficaõ preparados. *Mas he muyto má pratica eſta, porque a experiencia moſtra muyto máos ſucceſſos della*, como ſaõ renovarem as dores, & todos os ſymptomas gallicos, principalmente ſe os medicamentos ſaõ fortes, como teſtifica o noſſo Antonio da Cruz Cirurgiaõ experimentado. E primeyro que elle Ruí Dias de la Isla taõ verſado na cura deſte mal, que a exercitou mais de quarenta annos. A cauſa ſe póde attribuir a que as purgas ſegundo Galeno, & Hippocrates nos aphoriſmos, ſaõ muyto danoſas às peſſoas que tem ſaude: & como no fim da cura dos ſuores os doentes a tem perfeyta, ou quaſi, a purga lhes faz os danos, que coſtuma fazer aos ſãos, porque conforme Galeno, ella ſempre faz ſeu officio em attrahir os humores, & naõ os achando ſuperfluos, derrete a carne, & o ſangue para evacuar os bons, que ſaõ neceſſarios à integridade da ſaude. Póde-ſe ajuntar outra razaõ, que aponta Isla, a ſaber, porque as purgas, conforme Galeno, offendem grandemente ao eſtomago, & conſequentemente ao figado, de que ſe ſegue mayor dano na ſangueficaçaõ, que he principal leſaõ, que faz a qualidade gallica, como provamos em ſeu lugar. Confirma-ſe: porque pelos ſuores ſe tem movido os humores para as partes cutaneas, & a purga os torna a retrahir para o centro do corpo, couſa que he menos conveniente. E aſſim melhor ſerá naõ dar purga, & deyxallos à natureza, que com o bom regimento os acabarà de gaſtar.

Tract. 4. cap. 7.

Lib quos & quãdo in princ. Loc. cit.

Loc. cit. 2. a cur. tex. 12.

Não ſe darà logo eſta purga ſenaõ àquelles, a que os ſuores naõ baſtàraõ para evacuar os humores, o que ſe conhecerà pelos ſymptomas que ficaõ, a ſaber, dores conſideraveis, ſordicie nas chagas, & outros. E ainda neſte caſo ſerà de proveyto eſcolher medicamento brando, poſto que pareça, que naõ baſtarà para evacuar das partes remotas, porque como o corpo fica eſquẽtado dos ſuores, & a purga tambem aquenta, ha perigo ſendo forte de ſobrevir neſte tempo febre, ou demaſiado calor do figado, que he diſpoſiçaõ para que a qualidade gallica nelle ſe intenda, & radique mais. E ſendo neceſſario uſar de medicamento mais vehemente, darſeha paſſados mais alguns dias depois dos ſuores, quando jà o fervor delles ſe tenha remetido. E advirta-ſe que naõ ſe dè logo purga com qualquer ſombra, que fique de algum ſymptoma gallico como dorſinha, ou tumor de pouca conſideraçaõ, porque eſtas reliquias com a purga ſe exacerbaõ, & renovaõ, & com bom regimento, & agua de páo, ou ſalſa, que ſe vay continuando, ſe extinguem de todo. E quando ſe naõ acabem de conſumir, entaõ ſe uſará da purga, & de outros medicamentos, que as gaſtem, de que abayxo fallaremos.

Numero 6.

Regimento para depois dos ſuores, & para qualquer cura do morbo gallico.

ACabados os ſuores ſe deyxará o doente eſtar na cama tres dias, & outros tres na camera depois de levantado. E paſſados dez poderá ſahir fóra de caſa eſtando o tempo quieto, porque fazendo vento, ou muyto frio, ainda ſe terá mais reſguardo: *& naõ viſta, nem calce os veſtidos, & calçados, de que dantes uſava*, porque delles ſe torna a contrahir novamente o contagio, & por naõ haver eſta advertencia, ha recahida em muytos, porque do calçado, os vio recahir Fallopio: lavando-ſe porém os veſtidos, ſeguramente ſe póde outra vez aproveytar delles, como diz o meſmo Author. *E guardarſeha grandemente de converſaçõ de mulher, não paſſando o mal da terceyra eſpecie, quarenta dias, mas ſe for já da quarta, he neceſſario ter reſguardo pelo menos dous mezes. E ſe o mal for de febre gallica, quatro*, conforme Ruí Dias. E o mais ſeguro he o *coſtume dos Indios, que tem exacto regimento dez Lunas.* E naõ pareça iſto prolixidade, porque he ſentença commua dos Authores que o coito he a mais prejudicial couſa que neſta materia ha, & principalmente aos de quarta eſpecie, & logo aos da terceyra, & aſſim nas demais. Cuja cauſa he, porque como na quarta, & terceyra eſpecie ſe offendem mais as partes ſolidas, & o coito as debilite muyto, ſaõ os enfermos deſtas eſpecies mais ſugeytos à offenſa delle, conforme adverte Nicolao Maſſa, & pelo conſentimento, que eſtas partes tem com o figado, ſe lhes communica logo o mal, & ſuccedem accreſcentarſe o vicio da ſanguificaçaõ, & conſequentemente recahida. Por tanto he neceſſario ſer grande o reſguardo neſta materia, naõ ſómente no tempo da cura, mas tambem no da convalecença, os dias que temos determinado.

Tract. de morb gal cap. 21.

Cap. 9. præcep. 4

Lib. 5. de morb. gal Tract. 2. cap. 6.

Numero 7.

Agua, vinho, carne, peyxe.

CONtinuarà o tal convalecente bebendo agua de páo, ou ſalſa, ſendo doença da primeyra, ou ſegunda eſpecie, trinta dias, & ſendo da terceyra, mez & meyo, & da quarta dous, ou tres mezes, conforme a intenſaõ, ou rebeliaõ do mal. E guarde-ſe de beber agua ſimplez, porque conforme Maſſa, he muy danoſa, & quando a naõ cozer com os alexipharmacos, ao menos a coza *com ſemente de funcho, erva-doce, canela, ou eſcorcioneyra*, qualquer deſtas couſas. *E ſeja regra geral*, que em qualquer eſpecie ſe continue com a dita agua, & todo o mais regimento em quanto houver ſombra de algum ſymptoma gallico. *Vinho tem-ſe achado ſer danoſo aos gallicados*, cuja cauſa deve ſer, porque o he aos nervos, & por tanto encomenda Ruí Dias, que os doentes da primeyra, & ſegunda eſpecie ſe guardem delle mez, & tres os das outras, & os febricantes quatro, & adverte que he mais danoſo aos cholericos, & ſanguineos, menos aos fleumaticos, & melancholicos. Porém havendo urgencia de fraqueza, ou de crueza de eſtomago, darſeha temperado com *agua de ſalſa, ou páo*, & medicado com os meſmos, porque a experiencia tem moſtrado obrarem melhor os alexipharmacos dados nelle, como aſſima fica dito.

Cap. 9. præcep. 7

O comer ſerà na quantidade, conforme a que coſtumava na ſaude, naõ uſando logo repentinamente de todo, *mas pouco, & pouco* ſe irá accreſcentando atè chegar à quantidade de vida, conforme ao aphoriſmo: *Quod paulatim fit, tutum eſt*

tum aliàs, tum cum ab altero ad alterum fit tranſitus. Quanto *à qualidade* ſerá o
2. aphor. 40. comer de boa ſubſtancia, pão excellente, ordinario, biſcouto, gallinha, perdiz,
Lib. de morb. gal Tract. 3. cap. 3. & toda a ave do monte, excepto pombo, aſſim ordinarios, como troquazes, porque conforme Nicolao Maſſa, fazem tornar as dores. Pòde tambem comer coelho, carneyro, cabrito, & vitela, ambos de leyte, & que naõ tenhaõ tocado erva. E poderá comer cozido, ou aſſado, preferindo ſempre eſte. Guarde-ſe grandemente da carne de porco, vaca, cabra, veado, aves de agua, & de todo o peſcado, eſpecialmente daquelle que he de mantimento groſſeyro, como ãtum, bacalhao, & ſemelhantes; & de todo o ſalgado, porque o ſal aquenta, & deſeca o figado, accreſcenta os humores aduſtos, & intende a acrimonia delles, de que ſe ſeguem mayores dores. Porém havendo muyto faſtio, permittir-ſeha algum peyxe leve, (com tanto que naõ ſeja frio) como azevia, abrotea, faneca, linguado, ſalmonete, enxarroco, cabra, truta, boga, & outros dos conhecidos por mais ſalubres.
5. aph. 54 Ovos, como naõ ſejaõ fritos, ou duros, ſaõ muy convenientes. Porém leyte, & tudo o que delle ſe faz, he danoſo pela regra de Hippocrates de offender a cabeça, & partes nervoſas.

Numero 8.

Frutas, & ervas.

DE frutas verdes haverà grão reſguardo, & poſto que alguns Authores diſpenſem em ameyxas, uvas, ginjas, & romã doce: com tudo a experiencia moſtra que ainda eſtas fazem muyto dano, eſpecialmente maçãs, que conforme Averroes por authoridade de Avenzoar, pódem cauſar hectica, & tiſica. Aſſim tambem ſe ha de evitar todo o genero de hortaliça, & outras ervas, que conforme a Galeno, *todas ſaõ nocivas*, & poſto que elle *exceptua a alface, & borragem, (a cuja claſſe pertence a chicoria)* com tudo tambem eſtas pela humidade offendem aos gallicados, pelo que ſe naõ deve diſpenſar nellas, ſenaõ em aperto de grande faſtio, ou demaſiada deſtemperança calida. Já o que he couves, ainda-que ſejaõ as melhores, moſtra a experiencia fazerem tornar as dores logo, como
2. acim. nota Maſſa. Legumes todos ſaõ nocivos, excepto o caldo dos grãos, que ſendo bons, & bem cozidos, ſe pódem permittir.
Loc. cit.

Numero 9.

Frutas ſecas.

DAs frutas ſecas ſaõ convenientes amendoas; pinhões, fiſticos aonde os houver, *& todas eſtas ſeràõ de mais proveyto torradas.* Porém note-ſe das amendoas que ſaõ menos convenientes a eſtomagos fracos pelas naõ poderem digerir, & como nota Fallopio, porque totalmente naõ tem faculdade alguma
Tract. de morb. gal cap. 17. adſtringente, com que roborem, nem tambem nutrem muyto, poſto que a tem
2. alim. cap. 17. de attenuar, & abſterger, conforme Galeno, & por tanto ſaõ convenientes neſte
2. alim. cap. 17. mal. Os pinhões daõ muyto mantimento, porém hum pouco mais craſſo, conforme Galeno. Os fiſticos nutrem pouco, mas roboraõ grandemente o figado,
Cit. c. 30. & alimpaõ os humores, que nas veas delle eſtaõ embebidos, conforme Galeno.
Loc. cit. Podem-ſe tambem dar maſſapões, & outros doces feytos deſtas couſas. Paſſas
3. alim. de uvas ſaõ muy convenientes, porque conforme Euſtachio Rudio roboraõ o figado, & conforme Fallopio temperaõ todos os membros interiores, por ſerem,

ſegundo

ſegundo Galeno, temperadas, & pela doçura abrandaõ a mordacidade dos humores, conforme o meſmo Galeno, & por tanto convem para mitigar as dores gallicas. cap. 20. 2. alim. cap. 20.

Numero 10.

Sono, vigilia, exercicio.

NO que toca ao ſono, & vigilia haverá moderaçaõ, porque qualquer que exceda he danoſo, conforme Hippocrates: *Somnus atque vigilia, utrumque ſi modum excedat, malum*: mas dormirá cada hũ conforme o coſtume, que tinha na ſaude, porq̃ pelo ſono moderado diz Avicena ſe corroboraõ todas as faculdades, & o demaſiado enche a cabeça de vapores, de que ſe ſeguem catarrhos que algũas vezes offendem o boſe, eſtomago, & outras partes, & os nervos ſe enfraquecem, de que neſte mal ſe ſegue augmẽtarem-ſe os ſymptomas. Em eſpecial he danoſo o dormir de dia, de que o doente ſe guardará muyto, ſenaõ eſtiver em contrario o coſtume, (a que ſe ha de conceder alguma couſa, conforme Hippocrates) ou as dores naõ derem lugar a que de noyte poſſa dormir ſufficientemente. E do que ao ſono, & vigilia pertence na cura do morbo gallico, advertio Fracaſtoreo neſtes verſos. 1. aph. Fen. 41. 1. aph. 17

Tu lecto ne crede: gravine crede ſopori:
His alitur vitium, & placidæ ſub imagine pacis
Decipit: è dulcique trahit fomenta quiete.

Os quaes verſos vem a dizer em Portuguez:

Naõ vos fieis da cama, ou ſono grave,
Que delles eſte vicio ſe ſuſtenta:
E com capa de paz, & do mais ſuave
Repouſo, vos engana, & ſe fomenta.

DEpois que o enfermo convalecer dos ſuores, & reparar as forças, naõ lhe ficando reliquias de morbo gallico, uſará do exercicio, que ſe requere nas peſſoas, que tem ſaude: porém ſe ficarem algumas, fará todo o exercicio poſſivel atè chegar a ſuar, porque aſſim como a falta delle he cauſa de accreſcerem os excrementos, & conſequentemente os ſymptomas, aſſim tambem pelo contrario excitando-ſe com exercicio o calor em todo o corpo, ſe attenuaõ os humores, ſe abrem os póros, & ſe reſolve o nocivo, & as forças ſe reparaõ, conforme ao que diſſe Celſo: *Ignavia corpus hebetat, labor firmat: illa maturam ſenectutem, hic longam adoleſcentiam reddit. A preguiça enfraquece o corpo, o trabalho o fortalece: aquella accelera a velhice, eſte dilata a mocidade.* E he tanto o provcyto nos que padecem o morbo gallico, que affirma Nicolao Maſſa, que vio muytos ſararem ſómente com elle, & o confirma a experiencia dos ruſticos, que melhor ſaraõ, pelo muyto que de continuo fazem: o que cantou elegantemente Fracaſtoreo neſtes ſeguintes verſos dizendo: Lib. 1. cap. 1.

Vidi ego ſæpè malum, qui jam ſudoribus omne
Finiſſet: ſylviſque luem liquiſſet in altis.

Os quaes verſos traduzidos vem a dizer:

Já muytas vezes vi que por ſuores
A todo o mal deo fim, quem no alto mato
Toda a peſte deyxou, todas as dores.

ORdenarſeha logo aos nobres, que joguem as armas, & a péla, ou andem a pé, & façaõ ſemelhantes exercicios, conforme ſua qualidade, atè que ſuem, & logo ſe vaõ agaſalhar, & molhando-ſe a camiſa a mudem, & depois de paſſar o fervor do ſuor ſayaõ a ſeus negocios coſtumados. E do meſmo modo aos ruſticos ſe mandará que cavem, rocem, & exercitem o mais trabalho do campo, para que deſte modo ſe acabem de extinguir algumas reliquias, que da cura antecedente ficaraõ, em que ſe vem a verificar aquella ſentença do Poeta.

Labor omnia vincit Improbus.
O moleſto trabalho tudo vence.

Numero 11.

Do ar que ſe reſpira, & mais couſas naturaes.

Exer. 181. n. 18. Lib 1. de morb. gal cap. 18.

MOre o doente em caſas, & lugares ſádios, porque a ſalubridade do ar faz muyto ao caſo neſte negocio, em tanto, que diz Scaligero ſucceder algumas vezes ſararem eſtes enfermos ſem outro medicamento, ſó com a mudança delle, como acontece a alguns mudando-ſe para Numidia, ou para Ethiopia. E conforme tem notado Fallopio, os ares delgados, & frios ſaõ muy damnoſos a quem tem morbo gallico, & por iſſo ſe achaõ peyor no Inverno, & terras frias; & pelo contrario os ares craſſos, & calidos, com tanto, que por outra via naõ ſejaõ doentios. E aſſim prefere o dito Author nos lugares maritimos, como Veneza, & outros ſemelhantes, em que o morbo gallico he menos cruel, ſegundo pela experiencia tem notado. E por tanto ſerá conveniente, que no tempo de Inverno eſtejaõ nas Cidades aonde o ar he menos frio, que nas quintas, que ſaõ melhores para paſſar as calmas, & para quando o tempo he temperado.

De toda a perturbaçaõ de animo, como ira, triſteza, & ſemelhantes, ſe guardará grandemente o enfermo, porque qualquer payxaõ deſtas move os humores contagioſos, & debilita as faculdades. E por tanto procure ter alegria, & animo ſoſſegado até alcançar perfeita ſaude. E no que toca às evacuaçoens naturaes, he neceſſario que naõ faltem, & faltando as provoquem, ſegundo ſe coſtuma, guardando-ſe porém de coito, como de inimigo capital, conforme eſtá dito, & adverte Fracaſtoreo, dizendo: *Nihil eſt nocuum magis, &c.*

Banhos de agua doce naõ convem a eſtes enfermos, porque enfraquecem as juntas, & fazem correr mais humores aos membros leſos, conforme Galeno, de que o mal ſe faz mais rebelde; & as dores poſto que (como obſervou Thomás Jordano) algumas vezes *pro illo interim* ſe moderem, ſe tornaõ a exacerbar com mayor vehemencia. Porém ſe depois do enfermo curado ficar alguma deſtemperança quente do figado, ſeraõ convenientes, com tanto, que ſejaõ paſſados dous mezes, ou pelo menos quarenta dias depois dos ſuores, porque de outro modo eſfriando as partes ſolidas pódem renovar as dores, & os mais ſymptomas gallicos. Dos das Caldas fallaremos na ſegunda Parte, onde tambem diſputaremos as duvidas, que ſe offereceremem àcerca deſta agua doce.

1. tom. meth. c. 10. Lib. de luc. mora. Quæſt. 43 & 44.

ANNO-

ANNOTAÇOENS.

Numero 1.

OPilações. *Os gallicados que padecem opilaçoens, não ſe curão bem com ſuores; porque eſtes não tirão as obſtruções, mas antes as fazem mais duras, & mais tenazes; & nellas ſe ficão conſervando os ſeminarios do contagio, para depois ſe propagarem, & diffundirem pela maſſa do ſangue, & pelas mais partes do corpo. Neſtes taes não ha melhor cura, que a do azougue, tomado pela boca; porq̃ elle he tão penetrativo, que entra pelas obſtrucções deſcoalhando, & volatilizando os humores craſſos de que ellas ſe fabricão, extinguindo ao meſmo tempo os miaſmas, ſeminarios do gallico, couſas que por nenhum outro meyo tão efficaz, & tão facilmente ſe conſegue; para o que ſe póde miſturar o mercurio com aço, ou couſas deobſtruentes, na fórma que diſſemos nas Annotações ao* num. 1. do Capitulo IV.

Numero 2.

REſguardo do ar. *Peccão ordinariamente os que dão ſuores, no cuydado com q̃ preparação a caſa para ſuar, metendo brazeyros nella, fechando as janellas, ainda que ſeja no eſtio; de que reſulta muytas vezes que os doentes tenhão ſecura grande, ancias, afflicções, faſtio, & febre; que tudo iſto ſe ſegue de ſe eſquentarem as entranhas com o fogo da eſtufa, & de não ſe refrigerarem com ar frio, o que ſe póde fazer ſem dano; porque tanto que eſtiverem cubertos de modo, que o ar lhes não conſtipe a contextura da pelle, nenhum incommodo ſe lhe ſeguirà de abrir hũa janella, & de reſpirarem ar que não ſeja quente. No meyo da canicula, em região quente, tomava ſuores hum homem de perto de quarenta annos, o qual no terceyro ſuor ſe deſmayou, & tornando a ſi logo que lhe tirarão a roupa que cobria a eſtufa, ficou em ancias todo aquelle dia, & noyte, atè que chamandonos no dia ſeguinte, para ver ſe havia de cõtinuar os ſuores, lhe mandàmos abrir as janellas, & tirar o lume que havia na caſa com que ſe refreſcou o doente, & ſe livrou das afflicções em que eſtava; & paſſando tres dias, póde continuar os ſuores com mais luz, que fogo.*

Numero 3.

NO que toca ao comer. *A meſa dos que tomavão ſuores nos primeyros tempos do gallico, davão pouco trabalho aos cozinheyros: porque não paſſavão de comer biſcouto, amendoas, pinhões, paſſas de uvas, & quando muyto huns ovos, ſe os doentes eſtavão em grande fraqueza. Hoje porém jà ſe tratão de outro modo menos auſteros: porque logo nos primeyros dias ſe lhes dà frangão, ou franga aſſada; no que ſe não póde obſervar huma regra com todos; porque haverà doente, que não poſſa continuar os ſuores, ſe logo lhe não derem gallinha, & ſe o não tratarem com mais alimento do que he coſtume; o que principalmente ſuccede com os polyphagos, ou glotoens, que ſendo dados a muyto comer, ſe os querem reduzir a parſimonia de alimento, não pódem continuar as curas, nem cozem bem o pouco que comem; porque lhe anda fluctuando no eſtomago, de que reſulta mayor dano, que utilidade. Outros ha, que não pódem comer aſſado, & he preciſo que comão cozido; & nem por iſto deyxão de curar-ſe, fazẽdo em tudo o mais quanto conveniente for para concluir bem as curas.*

Beberão quanta quizerem. *Da agua cozida com ſalſa parrilha diz o Author, que bebão os doentes quanta quizerem; mas adverte logo, que não ſeja com tal exceſſo,*

que perturbe os cozimentos, de que naſcem muytas vezes danos irremediaveis, como ſe verá no ſeguinte caſo. Hum homem de habito gracil, de temperamento melancolico aduſto, na idade da conſiſtencia eſtava gallicado na mais alta eſpecie. Eſte curamos nós no tempo da Primavera, dandolhe ſuores, & outros remedios mais, com que ficou livre dos males que padecia; & como a cura levou muyto tempo, veyo a concluila no fim de Junho; & fazendo huma jornada no tempo do regimento, deſcanſou nas horas da ſeſta junto de hum rio, no qual poz a eſfriar a agua que levava para o caminho em huma grande borracha, da que bebeo nove quartilhos, porque a calma, & a ſede eraõ grandes, & a agua eſtava freſca. Mas o que ſe ſeguio de beber tanta agua, foy que déſſe em vomitar quanto comia, & que ſem lhe aproveytar remedio algum, morreſſe atrophico dentro de tres mezes, vomitando atè exhalar a alma, & acabar a vida.

Numero 4.

SE a natureza cada dia naõ acodir. *He muyto neceſſario nos que tomaõ ſuores, que a natureza ſe naõ deſcuyde na evacuaçaõ dos excrementos: porque retendo-ſe, endurecem, de que reſultaõ dores da cabeça, vertigens, vomitos, faſtio, colicas, & muytos mais danos, que com a lubricidade do ventre ſe pódem prepedir. E porque ha naturezas taõ conſtipadas, que naõ obraõ ſem algum remedio, os que naõ uſarem de ajudas, pódem tomar algumas noytes o cozimento de duas duzias de ameyxas ſecas & comer tambem as ameyxas, que aſſim ſe laxaõ, & obraõ melhor, que com ajudas Ou uſem deſta bebida paſſulada, que he excellente remedio para laxar o ventre, & por iſto muyto a propoſito nos hipochondriacos, & melancholicos, & em todos os que andarem adſtrictos de ventre.*

Tomem duas onças de paſſas de uvas limpas dos bagulhos, pizem-ſe muyto bem, & depois fervaõ em dous quartilhos de agua atè gaſtar meyo; entaõ coe-ſe, eſtando a agua fervendo, & nella ſe infunda meya onça de folhas de ſene, huma oytava de cremores de tartaro, ou de ſal de tartaro, & huma duzia de graõs de erva-doce; fique dez, ou doze horas em lugar quente, depois coe-ſe.

Deſta agua ſe tomará meyo quartilho, pouco mais, ou menos, & fará obra, que eſcuſe ajudas. Tambem as ſeguintes paſſas laxaõ bem o ventre, & pódem uſar dellas ao jantar, & cea, no principio da meſa.

Tomem a quantidade que quizerem de paſſas de boa polpa, molhem-nas com cozimento de folha de ſene bem vigorado; lancemlhe aſſucar eſtando molhadas, ſequem-ſe junto do fogo, & tornem-ſe a molhar depois de ſecas, o que ſe repita atéſeis vezes, lançandolhe ſempre aſſucar.

Deſtas paſſas ſe tomem duas, ou tres colheres, no principio do comer, para laxar o ventre. E porque tambem ſe pódem preparar as paſſas em cachos, comeraõ delles a meſma quantidade; & quando com ella ſe naõ laxem, pódem comer mais; porque algumas naturezas neceſſitaõ de mayor porçaõ, outras obrigaõ-ſe com menos. Outros muytos remedios ſemelhantes a eſtes ſe acharaõ na noſſa Medecina Luſitana, na cura da adſtricçaõ do ventre.

Sobrevir camaras. *Se aos que beberem agua, ou xarope de ſalſa ſobrevierem, curſos, logo ſe lhes devem preparar os remedios ſem ſalſa, uſando do páo ſanto, & raiz da China, na qual ha virtude adſtrictoria, & corroborante. E ainda que o Author aconſelha, que bebaõ vinho em que a ſalſa ſe infunda: he melhor naõ o beber; porque a ſalſa lhe communicará a virtude que tem de relaxar o eſtomago, & poderá promover mais curſos. Neſte caſo ſupponhaõ que naõ ha ſalſa no mundo, & ſem ella ſe continue a cura com os mais alexipharmacos.*

Grande

Grande faſtio. *Quando ſobrevem nas curas dos achaques faſtio grande, perturba todo o curſo dellas. Nas peſſoas que entrando a ſuar com boa vontade de comer, ſe acha hum faſtio deſtes: he de crer que os remedios o excitàraõ; & logo ſe devem ſuſpender os ſuores, & agua de ſalſa, tratando de refreſcar o eſtomago com agua fria, & alimentos freſcos, atè que o faſtio ceſſe, para proſeguir a cura, a qual ſeria melhor que ſe fizeſſe com mercurio, porque ſem eſquentar as entranhas, extingue o gallico melhor que todos os mais alexipharmacos delle. E ſe o faſtio for grande, deyxem comer ao doente o que appetecer, ſem reparar em que he bom, ou máo para os achaques que padece; porque ſe não for conveniente para os achaques, ſerà util para o faſtio, que he mayor achaque q̃ os outros; nem os faſtientos tem mais remedio que eſte; porque à força da Arte ninguem appetece o comer. Veja-ſe o que neſte ponto diſſémos na noſſa Medicina Luſitana tratando da cura do faſtio.*

Se o doente ſe deſmayar. *Naõ ſó pela debilidade ſe deſmayaõ os doentes com os ſuores, mas tambem por eſtarem muyto tempo nelles, ou pelos tomarem com muyto fogo; de que reſulta exhalaremſe os eſpiritos, arderem as entranhas, & morrerem os doentes ſuffocados, como ſuccede aos que acabaõ a vida por falta de refrigerio no grande calor do Eſtio, couſa que em regiões quentes experimentaõ algumas peſſoas nas occaſioens das colheytas. Por iſto tanto que os doentes ſe forem affligindo com os ſuores, tirem-nos logo delles, & abraõlhes as janellas, para que as entranhas ſe refrigerem; porque ſe os fizerem eſtar nos ſuores quando os naõ poſſaõ ſofrer, naõ ſó ſe deſmayaraõ nelles, mas acabaràõ a vida na eſtufa; como em Tralos-Montes ſuccedeo a hum doente filho de hum Cirurgiaõ que lhe dava ſuores, o qual clamando ao pay que lhe tiraſſe a eſtufa, porque naõ podia eſtar nella mais tempo, naõ ſe movendo elle às vozes do filho, quando lhe pareceo que era tempo de acabar o ſuor, achou, que o filho, deyxandolhe o corpo na eſtufa, tinha entregue a alma ao Creador do mundo.*

Se o doente naõ ſuar. *Os doentes que naõ puderem ſuar, naõ ſe obriguem com remedios; porque he muy difficil averiguar a cauſa porque naõ ſuaõ; & naõ he facil obrigar a natureza a eſta evacuaçaõ. He muyto melhor deyxar os ſuores, & curar com azougue, ou em unturas, ou tomado pela boca; porque com elle ſe extrahem os humores, & todo o fermento exotico, pela ſalivaçaõ que move; & quando a naõ mova, ſempre extingue o contagio gallico, que he todo o fim a que os ſuores ſe deviaõ dirigir.*

Numero 5.

HUma purga. *O purgar no meyo, & no fim dos ſuores, he couſa que pela neceſſidade de cada hum dos enfermos ſe ha de reſolver; que não póde obſervar ſe como preceyto inviolavel o purgar, ou naõ purgar, quando iſto depende de couſas, que nem ſempre pódem ſubſiſtir. Nos ſugeytos cacochymicos, que abundarem de muytos humores craſſos, & que eſtiverem enfaſtiados, que tiverem amargores de boca: neſtes taes deve purgarſe no meyo dos ſuores; & nos que depois dos ſuores ficarem reluzindo os meſmos ſinaes, ou ficarem com queyxa que neceſſite de purga, tambem ſe uſarà deſte remedio, & fóra deſtes termos, ſó pela razaõ de andar em uſo, naõ ſe deve ſeguir; porque na Medicina naõ ſe ha de fazer o que eſtà poſto em uſo; ha ſe de fazer o que eſtà poſto em razaõ. Nem val o dizer que com a purga dada no meyo dos ſuores ha nos humores dous movimentos contrarios, o do medicamento movendo da circunferencia para o centro do corpo; & o dos ſuores, movendo do centro para a circunferencia, de que ſe ſeguiria grande confuſaõ nos humores. Porque em naõ ſe tomando a purga em dia de ſuor, logo naõ ha fundamento para temer os incommodos, que ſe repreſentaõ no uſo deſtes dous remedios.*

Num. 6.

Numero 6.

NA cama tres dias. *Depois de ſe acabarem os ſuores, diz o Author, que os doentes ſiquem tres dias na cama, & outros tres na caſa em que os tomàraõ. Mas eu me contentàra já com que elles obſervaſſem regimento nos mais preceytos, que quanto em eſtar na cama, & em ficar mais dias na caſa, naõ conſiſte a perfeyçaõ da cura. O que importa, he livrarem-ſe de ventos, & de ar frio principalmente nocturno. E no que toca a ſahir fóra de caſa, achando-ſe com forças, bem o pódem fazer paſſados tres dias depois dos ſuores.*

Numero 7.

PErdiz. *Eſte he o melhor alimento que ha para gallicados, do qual diz Cardano, que para curar eſte contagio, baſta comelo ſempre: porque com o ſangue que delle ſegèra, ſe renova toda a maſſa ſanguinaria. E não ſó para os que padecerem eſte contagio, mas para os ſaõs deve ſer preferida ſempre a perdiz entre todas as aves; porque della ſegèra muyto, & muyto bom ſangue, ſobre ſer a ſua carne de taõ bom goſto, que ſem ella diſſeraõ muytos, que perdiaõ toda a graça, & eſplendor os banquetes.* Perdices (*diz Riverio* 1.) inter alites principatum obtinent; ſine illis ſumptuoſa convivia gratiam, & ſplendorem amittunt. *E com razaõ tiveraõ os Italianos as perdizes em tanto preço, que as eſtimavaõ como huma couſa rara; donde veyo a dizer Marcial:* 2.

1. 1. Riv. 4 inſtit. cap. 10.

2. Mart. 3. epigr. 65.

Ponitur Auſoniis avis hæc rariſſima menſis:
Hanc in lautorum mandere ſæpè ſolent.

DE todo o ſalgado. *Ainda que o Author diz, que os que tomàraõ ſuores ſe guardem de todo o alimento ſalgado, não he para que ſe lhes faça o comer ſem ſal, como ſe tem ordenado a muytos por eſta advertencia de Madeyra, que os Cirurgiões imperitos naõ ſabem entender; & por iſto dizemos que os convalecentes da cura dos ſuores não comaõ couſas que ſejaõ inſignemente ſalgadas, mas que ſe lhes temperem os alimentos com algum ſal, porque ſem elle ficaõ os comeres deſagradaveis; & além diſto mais aptos para ſe corromperem com facilidade, incommodo de que o ſal os preſerva.*

Numero 8.

MAçãs. *Reprova o Author as maçãs, dizendo que fazem muyto dano, & affirmando por doutrina de Averroes, & de Avenzoar, que pódem cauſar huma hectica, & tiſica. Que as maçãs ſe neguem aos gallicados, que tomàraõ ſuores, aſſim como ſe lhes nega toda a mais fruta, ſeja muyto embora; que quem ſe cura, naõ ſe regala; mas que ſe infamem as maçãs de fazerem os homens hecticos, & tiſicos, ſó porque o diſſe Avenzoar, de quem o tomou Averroes, & tranſcreveo Madeyra, iſto naõ conſentiremos facilmente; & mais quando naõ achamos razaõ para o entender aſſim, nem experiencias para o crer. Saõ as maçãs de tal temperamento, que parece que naõ pódem fazer aquelle dano; porque ſegundo o que dellas ſe eſcreve, 3. todas refrigeraõ, & humedecem, & com eſtas qualidades como pódem cauſar huma febre hectica? E ſem embargo de que haja varias differenças de maçãs, & tenhaõ differente temperamento, nenhuma dellas cauſarà os ditos males; porque as acerbas, & auſteras, ſaõ frias; as doces temperadas; daquellas diſſe Galeno* 4. *que ſe uſaſſem nas intemperanças quentes; deſtas affirmou Celſo,* 5. *que davaõ alimento de bom ſucco. O que das maçãs eſcreve Caſtro,* 6. *he que comidas em grande quantidade offendem os nervos. Das que ſaõ inſipidas, & aquoſas, diſſe Avicena,* 7. *que naõ eraõ de utilidade, & que ſubvertiaõ o eſtomago.* Et illa (*ſaõ as ſuas palavras*) quæ ſunt inſipida, ſunt mala, & parvi juvamenti, & non agunt aliquid, &c.

3. Vide Villa Cort. t. 3. tr. de alim. fac. cap. 8.

4. Gal. tr. de alim. fac.

5. Celſ. l. 3. cap. 20.

6. Caſtr. de alim. fac. cap. 8.

7. Avic. 2. can. cap. 569.

Num. 10.

Numero 10.

EXercicio. *O exercicio he muyto util aos gallicados; mas naõ póde tanto, como cuydou Nicolao Maſſa, que teve para ſi, que ſó com elle ſe curava eſte contagio. Nem val a razaõ de que padecem menos os ruſticos, & ſe curaõ com mais facilidade pelo muyto que trabalhaõ. Porque o exercicio a utilidade que faz, he extrahir pela contextura da pelle os ſoros do ſangue, & nelles as ſuperfluidades excrementicias de que ſe havia de offender o corpo; razaõ porque aos achaques aproveyta o ſuor, & o exercicio. E ainda que com as ſeroſidades do ſangue ſayaõ tambem algumas particulas, ou ſeminarios do fermento gallico, naõ ſahe todo, porque na maſſa ſanguinaria fica ſigillado; & ſe naõ faz dano taõ ſenſivel, aos que exercitaõ o corpo, he porque faltaõ os humores que pelo ſuor ſe evacuão; mas naõ he porque os ſeminarios contagioſos ſe extingaõ com elle, como ſuccede com os ſeus alexipharmacos.*

Numero 11.

BAnhos. *Os banhos de agua doce naõ ſervem para curar o gallico, mas daõ-ſe muytas vezes aos gallicados, quando depois das curas com que ſe eſquentaõ, he preciſo acodir a contemperar as entranhas, & a maſſa do ſangue, que fica em alguns muy excandeſcida. Lembra-me, que padecendo hum moço robuſto humas chagas gallicas no nariz, depois de curado dellas com alexipharmacos vegetantes deſte contagio, quando cuydou que eſtava ſem queyxa, ſe lhe inflammou o olho direyto, & ceſſando a inflammação, ſempre o olho ficou vermelho, com algum pruido. Entendeo-ſe que o doente naõ eſtava bem curado de gallico, & que o que padecia no nariz antes da cura, ſe lhe havia paſſado aos olhos; & neſta hypotheſi, ſe lhe ordenou nova cura, para a qual tambem concorremos. Tomou o doente huns dias mercurio pela boca, mas o olho ficou como eſtava. O que viſto, diſcorremos, que a primeyra cura feyta com páo ſanto, ſalva, & raiz da China, havia produzido effeytos de calor no ſangue, ou nas entranhas, de que nacia o rubor, & comichaõ do olho, para cujo remedio tomou ſoros de leyte de cabra, & ultimamente banhos de agua tepida, com que ficou inteyramente curado. Tambem ſaõ convenientes os banhos de agua tepida antes de entrar à cura do azougue, naquellas peſſoas que tiverem a pelle arida, & nos que tranſpirarem pouco por ella, & nos que forem magros, & de temperamento inſignemente calido, & ſeco, porque com os banhos ſe humedecem, & ſe laxaõ os póros de maneyra, que tomando o mercurio, ſe facilita mais a tranſpiração do corpo, & ſe move algum ſuor. Tomaõ-ſe os banhos nos dias em que ſe preparaõ para a cura; & baſtaõ ordinariamente oito, ou dez banhos. Veja-ſe Ettmullero no* tom. 1. fol. 390. col. 2. ad fin.

Das caldas. *Duvida-ſe ſe os banhos de caldas quentes ſervem para os gallicados. No que dizemos, que eſtes banhos ſempre ſaõ convenientes às peſſoas infectas com eſte contagio; porque com elles ſe provocaõ ſuores, & ſe evacuaõ os humores ſeroſos pela regiaõ cutanea; & com os humores tambem ſe extrahem alguns ſeminarios contagioſos, & por iſto melhoraõ os gallicados, quando uſaõ das caldas. E ſe quando uſarem dellas, tomarem xaropes de ſalſa, ou pao ſanto, como fazem os que tomaõ ſuores de eſtufa, & depois tiverem regimento conveniente, ficaráõ curados daquelle gallico que ſe poſſa vencer ſem azougue; o que dizemos, porque ha gallico taõ activo, & taõ radicado, que ſó com o azougue ſe extingue. Em Tralos-Montes deu hum eſtupor na cara a hum homem gallicado; nós o fizemos ir às Caldas de Chaves, ordenando-lhe que antes de entrar no banho, tomaſſe hum xarope de ſalſa, como ſe entraſſe em huma eſtufa; depois dos banhos teve ſeu regimento de ſalſa, com que livrou do eſtupor; & ſendo de antes valetudinario, ficou deſta cura com melhor ſaude.*

CAPITULO XXIV.

De varios modos, porque ſe pòde curar o morbo gallico ſem ſuores, & ſem azougue.

Numero 1.

CONſta entre todos, que a cura regia do morbo gallico he ſuar com alexipharmacos, que temos dito, ou tomar unturas, ou parches, que de azougue ſe fazem, como abayxo diremos. Tres porém ſaõ os caſos, em que nos he forçado ſoccorrer os doentes por outro modo fóra da via regia, a ſaber, quando o doente naõ tem forças para que a ſofra: quando depois della feita ficaõ algumas reliquias, que ſe naõ poderaõ gaſtar, nem convem repetir a meſma cura para a total extirpaçaõ dellas: quando a occupaçaõ dos negocios, ou outro politico impedimento, naõ daõ lugar a que ſe faça.

Varios ſaõ eſtes modos, como já he patente do que aſſima temos dito nos Capitulos do guayacaõ, raiz da China, & ſalſa, nos quaes declaramos que ſem provocar ſuor ſe podiaõ dar eſtes medicamẽtos em xaropes, apozemas, cozimẽtos, pós, talhadas, conſervas, bolos, trociſcos, & pirolas. E cada huma deſtas fórmas feyta, ou de hum ſó dos ditos medicamentos ſimplices, ou compoſta de alguns, ou de todos, podendolhe tambem ajuntar outros varios medicamentos, que reſpeytem a varias indicaçoens, como incidir, abſterger, reſolver, & evacuar os humores, por camara, por vomito, por ourina, ou nas mulheres pela madre, & que reſpeytem a certos membros, como a cabeça, peyto, ventre, figado, baço, & juntas. E poſto que já nos ditos Capitulos, & nos da cura de cada huma das eſpecies do morbo gallico ficaõ alguns exemplos dos ditos remedios, & tornaremos a dar outros nas curas dos affectos gallicos complicados; com tudo tratarey neſte outros, que mais andaõ em uſo, & a experiencia tem approvado, & de que eu tenho uſado, & muyto conforme à razaõ. E ſerá o primeyro o ſeguinte.

Numero 2.

Apozemas de Dom Fernando.

DEſta ſe tem grande experiencia neſta Cidade, & tomou o nome de Dom Fernando de Faro, para quem ſe ordenou depois de ſe ter eſgotado a Medicina ſem proveyto algum, & com ella recuperou ſaude dos affectos gallicos, que padecia. E ſe faz deſta maneyra.

Tomem hùm arratel de ſalſa parrilha fendida, & cortada, & ſe lance de molho vinte, & quatro horas em vinte, & huma canadas de agua, & depois ſe ponha a cozer nas meſmas a fogo brando até ſe gaſtar em quatorze. E logo ajuntem ao cozimento duas onças de ſene, & continue cozendo, até ſe gaſtarem mais quatro canadas, & as tres que ficarem ſe coaráõ, & a ſalſa ſe guardará, para della ſe fazer a agua, que ha de beber de regimento. E as ditas tres canadas tornaráõ ao fogo com tres arrateis de aſſucar de pedra fina, com tanto que naõ ſeja do que neſta Cidade ſe refine, por ſe fazer com cal, *& com elle fervaõ até ficarem ſómente nove quartilhos. Eſtes ſe tomaráõ em nove dias, manhãa, & tarde meyo quartilho de cada vez morno, & neſte tempo comerá paſſas, amendoas, biſcouto, & naõ beberá vinho em dezoito dias, ſenaõ agua cozida com ſalſa que fique huma onça em cinco canadas, que ſe gaſte huma, comendo gallinha aſſada, & continue agua de ſalſa quarenta dias, guardando-ſe de ſuar, & póde fazer a cura de pé.* Advertem os que deſta receyta uſaõ, que

que ſendo o doente eſquentado de figado, ſe naõ lance a ſalſa de molho, & ſe for fraco, ou muyto facil em purgar, ſe lance menos ſene.

E porque eſta apozema ſe corrompe eſtando muytos dias, he mais acertado fazer ametade, que dura quatro dias, & meyo, & logo fazerſe a outra ametade para outros tantos. E ſe os nove dias naõ baſtarem, he neceſſario que ſe faça mais, & póde-ſe tomar dezoyto dias.

Naõ parece eſta apozema ſer feyta *ſecundùm Artem*, pelo muyto que o ſene coze, porém eu tenho della uſado algumas vezes feyta como eſtá dito, com muyto bom ſucceſſo, extirpando o morbo gallico de terceyra, & quarta eſpecie, principalmente ſendo reliquias, que ficàraõ depois da cura dos ſuores, ou unturas.

A meſma, ou mayor efficacia tem o vinho ſanto, de que aſſima fizemos mençaõ no Capitulo dos cozimentos, que em vinho ſe fazem, & delle ſe póde uſar ſeguramente quem quizer arrancar do corpo boubas jà envelhecidas, em eſpecial naõ ſendo o doente de compleyçaõ muyto calida, nem tempo de Caniculares.

Numero 3.

Outra cura de ſalſa em apozemas.

TOmem quatro onças de ſalſa parrilha, & ſe lancem de molho vinte, & quatro horas em quatro canadas de agua, a qual ferva atè ſe gaſtarem tres, & a que ficar beba toda em hum dia, & terà outra feyta do meſmo modo para o ſeguinte, & continue com iſto dez, ou doze dias, & ſarará perfeytamente de quaeſquer boubas por rebeldes que ſejaõ. He eſta cura conforme ao que ordena Monardo, & a louvava muyto Maſſaria, a ſaber, que ſe façaõ cozimentos de ſalſa, & ſe tomem em grande quantidade bebendo cada dia quanta puderem atè dez, ou doze quartilhos, porque deſte modo ſáraõ de qualquer eſpecie de morbo gallico em breve muyto melhor, que pelos outros modos em grande eſpaço de tempo, & conforme a iſto ſe póde tambem fazer aſſim. 14. epiſt. 4. Lib. de morb. gal

Tomem ſalſa parrilha hum arratel, infunda-ſe vinte, & quatro horas em dezoyto canadas de agua, & depois ſe coza na meſma atè ficarem ſómente ſeis que o doente beberà em ſeis dias. O meſmo cozimento ſe póde fazer *com meyo arratel de páo da China, ou com dous arrateis de páo ſanto, ou guayacão, cozendo-ſe na meſma quantidade & gaſtando-ſe a meſma, & tomando-ſe nos meſmos ſeis dias. E não baſtando, tome outro em outros ſeis dias do meſmo modo.*

Numero 4.

Outras apozemas para o morbo gallico.

TOmem quatro onças de ſalſa parrilha, ou dez de páo ſanto, ou duas do páo da China, infundaõ-ſe vinte, & quatro horas em quinze quartilhos de agua, & depois ferva na meſma atè ficarem cinco, & na ultima fervura lancem huma onça de ſene, & tire-ſe de fogo, & depois de frio ſe coe, & ſe lhe ajunte arratel, & meyo de aſſucar, com que torne ao fogo atè levantar ſómente fervura, & ſe torne a coar, & beba eſta apozema em cinco dias, hum quartilho cada dia, meyo pela manhã, meyo à tarde, & no fim delles terà feyto outra do meſmo modo para continuar outros cinco dias. E ſe com eſte ainda naõ ſarar, fará terceyra até quarta, & ſarará perfeytamente de qualquer

qualquer eſpecie de morbo gallico, continuando, depois de acabar as apozemas, quarenta dias com agua de ſalſa, & bom regimento

Numero 5.

Outra apozema freſca para febricitantes, & peſſoas calidas do figado.

TOmarão de ſalſa parrilha tres onças, infundaõ-ſe por huma noyte em quatro canadas de agua, & depois fervaõ na meſma com duas onças de cevada pilada atè ficarem ſeis quartilhos, ajuntando no meyo do cozimento duas duzias de ameyxas, raizes de almeyraõ, & borragem, & lingua de vaca, de cada huma duas onças, folhas das meſmas ervas, de cada huma ſua maõchea, & na ultima fervura accreſcente meya maõchea de ſumaria (que he erva moiarinha) *& conſerva de violas, de borragem, de lingua de vaca, cada huma ſua onça, & huma colher de aſſucar roſado de comer, & duas onças de aſſucar roſado de Alexandria, ſeis oytavas de ſene, & meya onça de pevides de melaõ, & abobora, & depois coe-ſe, & ajunte-ſe arratel, & meyo de bom aſſucar: & tome eſta apozema em cinco, ou ſeis dias manhã, & tarde, meyo quartilho de cada vez, & beba agua do ſegundo cozimento da meſma ſalſa, cozendo-a em cinco canadas, que ſe gaſte huma.*

E ſendo o mal pouco, ou que naõ paſſe da primeyra, & ſegunda eſpecie, póde-ſe fazer ametade deſta apozema para ſe tomar em tres, ou quatro dias. Ou ſe faça eſta: *Tomem de ſalſa parrilha onça, & meya, páo da China meya onça, páo ſanto huma onça: infundaõ-ſe ſeis horas em canada, & meya de agua, & depois fervaõ na meſma com duas colheres de cevada pilada atè ficar ſòmente meya canada, & no meyo do cozimento ajuntem raiz de borragem, & de almeyraõ, & folhas das meſmas ervas, de cada hum meya maõchea, & na ultima fervura lancem de flores cordeaes meya onça, ſene ſeis oytavas, pevides de melaõ, & abobora, de cada hum tres oytavas, & depois ſe coe, & ſe ajunte de aſſucar meyo arratel, com que dè huma fervura.* E tome o doente eſta apozema em tres, ou quatro manhãs. E ſendo neceſſario póde fazer outra como eſta pela meſma receyta, com que vá continuando atè dez, ou doze dias, ou os que parecerem neceſſarios.

Numero 6.

Outra apozema experimentada.

TOmem ſalſa parrilha duas onças, páo da China huma onça, páo ſanto quatro onças, cevada pilada duas onças, polypodio, raiz de borragem, de lingua de vaca, de almeyrão, de eſcorcioneyra, de cada huma huma onça, ameyxas vinte, & quatro, paſſas ſem graõlho duas onças, folhas de borragem, & de fumaria, de cada hũa meya maõchea, conſervas cordeaes huma onça de cada huma, roſas de Toledo duas onças, aſſucar roſado Alexandrino, tres onças, ſementes frias mayores huma onça, carthamo meya onça, caſcas de todos os mirabolanos huma onça, hermodactilos ſeis oytavas, folhas de ſene huma onça, canela huma oytava, ſemente de erva-doce hum eſcropulo, faça-ſe cozimento ſegundo Arte em agua commua, & de borragem partes iguaes, & fiquem tres quartilhos, aos quaes coados ſe ajunte huma libra de aſſucar branco, & faça-ſe apozema. E quem quizer reduzir eſtas a xaropes, por evitar que ſe lhes corrompaõ, o poderá fazer accreſcentandolhe o aſſucar neceſſario, & pondo-as em ponto.

Num. 7.

Numero 10.

Outra cura, que chamaõ de Jarrilhos.

COſtuma-ſe curar morbo gallico dando todos os dias ao enfermo duas canadas de cozimento de ſalſa, às quaes vaõ bebendo a poucos em eſpaço de vinte & quatro horas, antes do comer, com elle, & depois delle, continuando iſto de quatro atè ſete dias, em que ſe faz grande evacuaçaõ por ſuor, & ourina, & fica o corpo limpo de todos os excrementos, & má qualidade gallica, & o enfermo ſaniſſimo, como teſtifica Monardes, & Hidalgo *tambem ſe tiene, &c.* Monardo, fazendo iſto com guayacaõ, aos quaes ſegue Maſſaria. E fazem eſta cura à imitaçaõ da agua das caldas, que em Italia ſe uſa, dando a beber ao enfermo cada dia mais de dez quartilhos della, com que ſe alimpa o corpo de todos os humores noxorios. E por eſta bebida ſe tomar muytas vezes, bebendo muytos pucaros, ou jarros, lhe chamàraõ os Caſtellanos Xarrilhos, ou Jarrilhos.

Part. 2. de aſar. part. del Guayac. y 1. fol. 10. la ant. titi 14. Lib. 5. de morb. gal in med. in tra queratore

O modo de fazer, conforme Hidalgo, & Monardes, he *lançar de molho vinte & quatro horas, quatro onças de ſalſa fendida em quatro canadas de agua, & depois cozella na meſma atè ſe gaſtarem duas, & as outras duas, que ficaõ, ſe haõ de beber todas em hum dia, & logo ſe ha de ter outro ſemelhante cozimento aparelhado para o outro. E aſſim ſe continuarà atè que o doente ſare.* Os dias que ſe iſto ha de uſar naõ determina Hidalgo, mas diz Monardes que os Indios do Guayaquil o continuavaõ quinze, ou vinte. O que naõ he lemite certo, porque ſe deve continuar atè que os ſymptomas ceſſem, que ſegundo entendo ſerá em menos dos vinte dias.

Loc. cit. Lo. cit.

O uſo commum faz o cozimento dos Jarrilhos de outro modo, a ſaber, *lançaõ de molho vinte, & quatro horas as quatro onças de ſalſa fendida em duas canadas de agua em huma panela nova, que leve oyto, ou nove canadas, & depois a cobrem com hum teſto, & cuberta com a dita agua, & ſalſa dentro, a pezaõ em huma balança, & guardaõ o pezo, & depois lançaõ mais na panela tres canadas de agua, que com as duas que eſtavaõ, vem a fazer cinco, logo a tapaõ muyto bem com o dito teſto, barrando, & untando a maſſa com huma clara de ovo, & pondolhe em cima hum pano, que pegue na clara, para que naõ poſſa ſahir baſo algum para fóra. E deſte modo a põem a ferver a fogo muyto manſo, por que ſendo forte, rebenta a panela; ou ſe deſpega o teſto, & continue fervendo atè que ſe gaſtem tres canadas, & ficaõ ſó duas, ou menos*, o que ſe conhece tornando-a a cotejar na balança com o pezo, que ſe tem guardado de quando ſe pezou com as duas canadas. *E depois ſe deyxa eſfriar, & ſe coa, & ſe bebe toda em hum dia* como eſtá dito, tendo aparelhado outra para o dia ſeguinte. E porque as panelas de ordinario quebraõ com a força do fogo, & ſe perde o cozimento, fazem alguns iſto em caldeyraõ de cobre aſſim meſmo tapado como a panela.

O que me parece ſe ha de fazer neſta cura, he, que primeyro de tudo ſe façaõ as evacuações univerſaes da ſangria, & purga, & naõ entre o enfermo nella ſenaõ depois do corpo muyto bem evacuado, aliàs corre o perigo, em que alguns ſe viraõ, ou morreraõ por lhes faltar eſta condiçaõ, ou por ſerem fracos, porque eſta cura ſe naõ deve adminiſtrar ſenaõ a peſſoas robuſtas, pois ſempre o muyto, & repentino movimento (qual eſte he) he perigoſo, ſegundo Hippocrates. E tendo o doente forças baſtantes, & as ditas evacuações feytas, começará de tomar os ditos Jarrilhos, ou por eſte ultimo modo, que he mais efficaz, ou pelo outro aſſima dito de Hidalgo.

2. aph. 5.

E porque he grão moleſtia fazer o cozimento aſſim tapado, bem ſe pòde fa-

zer ſem ſe tapar tanto a panela, como ſe fazem os ordinarios. E ſe o doente enfraquecer, ou ſobrevier algum accidente, que naõ poſſa continuar com elle todos os dias, bem póde interpolar algum tomando os Jarrilhos hum dia entre outro, que he melhor que arriſcarſe por querer fazer a cura mais em breve, & nos dias entremeyos beber agua ſimplez de ſalſa. E ſe for peſſoa que naõ poſſa acabar de beber as duas canadas por razaõ da idade, ou da fraqueza, ou de outro algum impedimento, ainda que beba menos, nem por iſſo deyxará de lhe aproveytar. E continue com eſta cura atè ceſſarem todas as dores, & os tumores ſe reſolverem, & as chagas ſe mundificarem, & ceſſarem totalmente todos os ſymptomas, o que coſtuma acontecer com eſtes ultimos Jarrilhos mais efficazes, que em uſo andaõ dezaſeis atè vinte dias.

O comer neſte tempo ſerá aſſado, *biſcouto*, *paſſas*, *amendoas torradas*; mas os que tiverem baſtantes forças naõ comaõ carne, nem muyto das outras couſas. Paſſados os dias dos Jarrilhos, pode-ſe comer cozido, & guarde-ſe muy grande regimento eſpaço de hum mez, bebendo ſempre agua de ſalſa. Eſta cura ſe coſtuma fazer de pé, & quando vier ſuor aceyte-ſe, porém naõ ſe provoque por arte, porque a principal evacuaçaõ ſe coſtuma fazer por ourina.

Numero 8.

Xarope magiſtral contra o morbo gallico.

TOmem páo ſanto limado doze onças, ſalſa parrilha fendida oyto onças, páo da China feyto em talhadas delgadas tres onças, cevada tres pugillos, ameyxas quarenta em numero, maçãs da nafega doze paſſas de uvas duas onças, polipodio tres onças, hermodactilos huma onça, carthamo machucado tres oytavas, epithimo duas oytavas, caſcas de mirabolanos chebulos cinco oytavas, ſene huma onça, gingivre meya oytava, avenca, agrimonia, douradinha betonica, yva artetica, de cada huma ſua onça. Infundaõ-ſe a ſalſa, & páos em oyto canadas de agua, & com todo o mais ſe faça cozimento ſegundo a Arte, que fiquem duas canadas, & coe-ſe, & ajunte-ſe aſſucar quatro arrateis, & faça-ſe xarope ſegundo a Arte.

Deſte xarope tomará o enfermo tres onças pela manhã, & duas à tarde ſete horas depois de ter jantado, & comerá duas, ou tres horas depois delle, & de cada vez abayxe do ponto com agua de ſalſa ordinaria, & continue atè que ſe acabe. E naõ ficando ſaõ de todo torne a tomar outro do meſmo modo, & beba neſte tempo agua de ſalſa, cozendo meya onça em quatro canadas que ſe gaſte huma, & depois de acabar com o xarope a fique bebendo ainda trinta dias, tendo ſempre bom regimento.

Numero 9.

Outro xarope menos cuſtoſo.

TOmem ſalſa parrilha meyo arratel, polipodio duas onças, infundaõ-ſe em dezoyto quartilhos de agua por huma noyte, & depois ſe coza na meſma atè ficarem ſeis, & na ultima fervura ajuntem onça & meya de ſene, & meya oytava de erva-doce, & depois ſe coe, & ſe ajunte de aſſucar tres arrateis, & ferva atè tomar ponto de xarope, do qual tomará tres onças pela manhã, duas à tarde bayxadas de ponto com agua ſimplez de ſalſa, que ſe fará tornando a cozer a metade da ſobredita em cinco canadas, que ſe gaſte huma. Eſte meſmo xarope ſe póde fazer com quatro onças de páo da China, ou com hum arratel de páo ſanto em lugar de meyo de ſalſa, & beberá o doente quarenta dias agua de regimento. Serve eſte para curar da primeyra inſtancia

inſtancia todo o morbo gallico até a terceyra eſpecie, & às vezes reliquias da quarta, que ficaraõ dos ſuores, ou unturas.

Numero 10.

Outro xarope muyto efficaz.

TOmaraõ de páo ſanto limado hum arratel, de páo da China tres onças, ſalſa parrilha meyo arratel, agua de fumaria duas canadas, agua de borragem, de almeyraõ, & de luparos, de cada huma ſua canada, polipodio duas onças, tudo ſe miſture, & ſe chegue ao fogo atè que levante fervura, & logo ſe tire, & deyxe ficar dous dias, & depois ſe ponha tudo a ferver atè ſe gaſtarem tres canadas, & coe-ſe, & no cozimento coado ſe infundaõ de raiz de elleboro negro tres oytavas, alcaçuz huma onça, caſcas de mirabolanos curinos, chebulos, emblicos, beliricos, & Indos de cada hum meya onça, pizando primeyro os mirabolanos, & eſfregando-os com oleo de amendoas doces, folhas de ſene, epithimo, de cada hum ſua onça, carthamo machucado meya onça, hermodactilos ſeis oytavas, ſemente de erva-doce meya oytava, almecega huma oytava: Depois de eſtarem de infuſaõ huma noyte torne ao fogo, que dè huma fervura, & torne-ſe a coar eſpremendo todo no cozimento, ao qual ajuntaràõ cinco arrateis de aſſucar de pedra fino, & farſeha xarope em ponto ſecundùm Artem.

Tomará o doente duas onças deſte xarope pela manhã, onça & meya à tarde antes de cea, bayxadas de ponto com agua de ſalſa, ou páo. Serve para arrancar de raiz todas as reliquias do morbo gallico antigo, que com as outras curas ſe naõ puderaõ extinguir. E cura efficazmente o de terceyra, & quarta eſpecie, ainda que naõ precedeſſe a cura dos ſuores, ou azougue, continuando-ſe agua de páo, ou ſalſa, & tendo bom regimento outros tantos. Mas advirta-ſe que para peſſoas delicadas, fracas, ou muyto calidas do figado, ſe faça ſem Elleboro, & ſe dobre a quantidade do ſene.

Numero 11.

Xarope magiſtral de ſalſa, que ſe uſa em Sevilha.

PEdro de Torres traz eſte xarope no ſeu Livro de morbo gallico, & diz uſarſe delle em Sevilha, & fazerſe deſte modo: *Tomem de páo ſanto, & ſalſa parrilha, de cada hum quatro onças, de cevada dous pugillos, (que ſaõ quanto tomem com as pontas dos dedos duas vezes) raizes de eſcorcioneyra, & chicoria, de cada huma quatro onças, polipodio, & folhas de ſene, de cada hum tres onças, das quatro flores cordeas dous pugillos, turbit huma oytava, coza-ſe tudo em ſufficiente quantidade de agua ſegundo Arte; & coado lhe accreſcentaràõ aſſucar, que baſtar, & faràõ xarope, de que ſe pódem dar ao doente duas onças pela manhã, & huma à tarde, bayxado de ponto com agua de ſalſa, ou qualquer outra conveniente.*

Numero 12.

Outro xarope do meſmo Author.

TOmem ſalſa parrilha, páo ſanto, de cada hum oyto onças, lancem-ſe de molho vinte & quatro horas em vinte quartilhos de agua, & depois ſe cozaõ na meſma atè ſe gaſtarem duas partes, accreſcentando, ſecundùm Artem, em quanto ſe coze de polipodio quatro onças, de dictamo branco hũa onça, chicoria, borragens luparos, erva molarinha, douradinha, cardo ſanto, & ſalva, de cada huma ſua maõ-chea, ameyxas paſſadas, paſſas de uvas, de cada hum quatro onças, & depois ſe coe, & ſe infundaõ no

meſmo

meſmo cozimento duas onças de ſene, meya de epithimo, meya de turbit, meya de ſemente de erva-doce, huma de canela, ſeis oytavas de flores cordeaes, & torne-ſe a coar, & com aſſucar baſtante ſe faça xarope, ſecundùm Artem, *do qual ſe pódem tomar tres atè quatro onças.* O Author lhe manda lançar dez onças de ſene, & huma de dietymo: porèm he tanta a quantidade deſtes purgativos, que naõ pòdem dar lugar a que elle ſe tome mais de huma onça, a que cabe muy pouco de virtude alexipharmaca, que he a principal contra eſta enfermidade. E por tanto me pareceo acertado naõ lhe lançar mais que as duas onças de ſene, que tenho dito.

Numero 13.

Conſervas para curar morbo gallico.

TOmarà ſalſa parrilha feyta em pó quatro onças, páo da China feyto em pó duas onças, hermodactilos polvorizados meya onça, ſene cinco oytavas, canela, erva-doce, de cada hum meya oytava, yva artetica, betonica, de cada huma ſua oytava, aſſucar o que baſte, faça-ſe conſerva ſecundùm Artem. Serve para todos os affectos gallicos, principalmente de cabeça, & juntas, ha ſe de tomar huma onça pela manhã, meya à tarde antes da cea, & comer dahi a duas, ou tres horas, & continuar doze, ou quinze dias, & beber agua de regimento trinta.

Outra conſerva: *Tomaràõ ſalſa parrilha tres onças, páo da China huma, caſcas de mirabolanos citrinos, chebulos, & Indicos, de cada hum duas oytavas, jalapa meya onça, ſene duas oytavas, xarope de nove infuſoens de roſas Alexandrinas quanto baſte, faça-ſe conſerva ſecundùm Artem.* Tomará o doente meya onça pela manhã, & tres oytavas à tarde.

Outra conſerva: *Tomaràõ de ſalſa parrilha cinco onças, ſene ſeis oytavas, mechoacaõ fino tres oytavas, pó de biſcouto ſeis oytavas, gingivre meya oytava, aſſucar quanto baſte, faça-ſe conſerva ſecundùm Artem.* Tomará o doente ſeis oytavas de cada vez.

Outra conſerva: *Tomaràõ de páo da China tres onças, ſementes frias mayores, de cada huma tres oytavas, pó de biſcouto meya onça, xaropes de almeyraõ quanto baſte; faça-ſe conſerva.* Serve para quem for eſquentado do figado, ou de compleyçaõ muyto cholerica, ſe o morbo gallico naõ for muyto, nem antigo.

Numero 14.

Bocados, ou bolos para curar o morbo gallico.

TOmaràõ confeyçaõ hamec ſimplez duas onças polpa de canafiſtula quatro onças, pós de páo da China huma onça, hermodactilos duas oytavas, xarope roſado commum o que baſte, façaõ bocados, de-ſe meya onça de cada vez.

Outros bocados: *Salſa parrilha, páo da China, páo ſanto, de cada hum duas onças, polpa de canafiſtula tres onças, pós de mirabolanos chebulos, & citrinos, de cada hũ duas oytavas, pós de polipodio tres oytavas xarope de almeyraõ quanto baſte, façaõ-ſe bocados ſecundùm Artem.* Darſehaõ de cada vez ſeis oytavas.

Outros: *Tomaràõ jalapa, ſene carthamo, de cada hum meya onça, ruybarbo duas oytavas, ſpica hum eſcropulo, canela, erva-doce, de cada hum meya oytava, ſalſa parrilha ſeis onças.* De tudo ſe faça pó, & com baſtante aſſucar poſto em ponto ſe façaõ bocados, dos quaes ſe dará ao doente huma onça pela manhã, meya à tarde, & continue doze dias, ou os mais que parecer neceſſario, & depois beba agua de regimento quarenta.

Num. 15.

Numero 15.

Talhadas para curar o morbo gallico.

TOmem pao da China huma onça, salsa parrilha duas onças, sene meya onça, polypodio, hermodactilos, jalapa, de cada hum tres oytavas, polpa de canafistula huma onça, xarope de nove infusoens de rosas Alexandrinas quatro onças, assucar o que baste, façaõ-se talhadas. Tomarà o doente huma onça atè duas de cada vez, & continue atè sarar.

Outras talhadas. *Tomaráõ pós de salsa tres onças, hermodactilos meya, sene huma onça, canela meya oytava, assucar o que baste*, com agua rosada se façaõ talhadas, & darse-ha de cada vez huma onça dellas.

Outras. *Tomaráõ pao santo meya onça, salsa parrilha duas onças, polypodio meya onça, hermodactilos duas oytavas, pós de diarrhodaõ meya oytava, assucar o que baste para talhadas.*

Outras. *Tomaráõ epithimo duas oytavas, sene quatro, salsa parrilha doze, pao da China seis, assucar que baste*, façaõ talhadas com agua de fumaria.

Numero 16.

Pós para curar morbo gallico.

TOmaráõ salsa parrilha, raiz da China, gayacaõ, ou pao santo, de cada hum sua onça, elleboro negro, hermodactilos, folhas de sene, epithimo, jalapa, de cada hum sua oytava, semente de erva doce, canela, de cada huma meya oytava, trociscos de coloquintida meya oytava, pós de diarrhodaõ, de diamargaritaõ, de cada hum sua oytava; de tudo se faça pò, & se misture. De-se cada manhã huma oytava em agua de salsa, & continuem-se atè que se acabem, bebendo a mesma agua de salsa, com que se continuar à depois da cura trinta dias com bom regimento. Servem para morbo gallico antigo muyto rebelde, mas dem-se sómente a pessoas robustas, & se os quizerem dar a outras, tirem-lhe o elleboro, & trociscos de coloquintida, & dobrem-lhe a quantidade do sene, & hermodactilos.

Outros pòs. *Tomaràõ de cascas de salsa parrilha quatro onças, de pao da China huma onça, jalapa meya onça, canela duas oytavas, pòs de mirabolanos chebulos, & de hermodactilos, de cada hum tres oytavas, de tudo se faça pò, & se guarde em vaso tapado.* Edaraõ ao doente oytava & meya pela manhã, & huma oytava à tarde. *E se os acharem muyto ascosos, misturemlhe de pòs de assucar de pedra fino o que quizerem, & pode-os tomar em agua de salsa, ou pao, & se for esquentado do figado, em agua de almeyraõ, ou soro.*

Outros pòs. *Tomaràõ pao santo meya onça, pao da China tres onças, salsa parrilha duas onças, sene seis oytavas, epithimo, polypodio, de cada hum duas oytavas, dous cravos de especie, hum escropulo de semente de funcho, & de tudo se faça pò.* Tomarà o doente oytava & meya pela manhã, & huma oytava à tarde, atè que os acabe, bebendo sempre agua de salsa.

Outros. *Tomaràõ de salsa parrilha cinco onças, sene huma onça, polypodio huma onça, semente de erva doce tres oytavas, de tudo se faça pò.* Tome destes pòs duas oytavas pela manhã, oytava & meya à tarde atè que se acabem.

Numero 17.

Pirolas para curar morbo gallico.

TOmaràõ elleboro negro huma oytava, turbit, carthamo, agarico, ruybarbo, de cada hum oytava & meya, pòs de salsa parrilha, pòs da China, de cada hum hu-

ma onça, eſpica, canela, erva doce, de cada hum, hum eſcropulo; azevre meya onça, xarope de fumaria quanto baſte, faça-ſe maſſa de pirolas, das quaes tomarà o doente cada dia duas oytavas feytas em nove pirolas, & dellas tomarà pelá manhã cinco, & à tarde quatro.

Outras pirolas. *Tomarão ſalſa parrilha huma onça, pao da China duas oytavas, cardo ſanto huma oytava, polypodio, jalapa, de cada hum duas oytavas, diagridio hum eſcropulo, hermodactilos tres oytavas, maſſa de pirolas cochias, de fumaria, aggregativas, de cada huma oytava, & meya.* De tudo ſe façaõ pirolas com xarope de nove infuſoens de roſas, & dem-ſe pela ordem das outras acima ditas.

Outras pirolas. *Tomarão ſeis oytavas de pao da China, quatro de mirabolanos chebulos, duas de hermodactilos, huma de erva artetica, outra de betonica, outra de roſmaninho, meyo eſcropulo de trociſcos coloquintida, a que chamaõ de Alandal, oyto grãos de diagridio, & com mel roſado coado, ou xarope roſado ſe façaõ pirolas, das quaes ſe dará huma oytava atè oytava & meya de cada vez.* E note-ſe que de dous modos ſe fazem os trociſcos de coloquintida, & hum delles leva muyta quantidade della, & menos das outras; pelo contrario levaõ muyta quantidade das outras couſas, & menos da coloquintida; & deſtes uſaremos por mais ſeguros, & aviſaremos aos Boticarios que delles uſem nas receytas que lhes mandarmos.

Numero 18.

Vinho para curar morbo gallico.

TOmem de polypodio duas onças, ſene meya onça, hermodactilos meya onça, caſcas de mirabolanos, chebulos, & Indios, de cada hum tres oytavas, ſalſa parrilha machucada quatro onças, pao ſanto limado duas onças, pao da China feyto em cavaquinhas meya onça, lance-ſe tudo de infuſaõ vinte & quatro horas em canada & meya de vinho fino, & depois chegue-ſe ao fogo que levante fervura, & logo ſe tire, & beba o doente deſte vinho hum quartilho cada dia, meyo pela manhã, & meyo à tarde ſete horas depois de ter jantado, & acabados os ſeis dias tenha feyto outra ſemelhante, com que continue outros ſeis. E naõ baſtando, continue mais; & ſarará de boubas velhas que naõ tenhaõ obedecido a outros medicamentos; & coma neſtes dias biſcouto, & carne aſſada; & faça-ſe outro vinho para beber de ordinario, lançando duas onças de ſalſa machucada em huma canada de vinho ſem ir ao fogo, & aſſim como ſe for gaſtando, irá lançando vinho novo cada dia ſobre a meſma ſalſa. E ſe lhe for neceſſario beber alguma agua, ſerà tambem cozida com ſalſa, ou pao.

Numero 19.

Outro vinho de Pedro de Torres, para curar morbo gallico.

TOmem douradinha, fumaria, eſcabioſa, de cada huma hũa maõcheа, cozaõ em ſeis quartilhos de agua, que gaſte hum quartilho, & coe-ſe, & depois de coado ſe ajunte de caſca de pao ſanto feyta pò, meyo arratel, de vinho branco bom dez quartilhos, & eſteja aſſim vinte & quatro horas; & depois coza a fogo brando atè gaſtar a quarta parte, & coe-ſe. Haõ-ſe de tomar cada manhá quatro, ou ſeis onças, feytas primeyro as evacuações univerſaes, como ſe devem fazer antes de tomar qualquer das medicinas deſte Capitulo.

Outro vinho do meſmo Torres. *Tomem de vinho branco bom trinta quartilhos, caſcas de pao ſanto feytas pò, arratel & meyo, (naõ havendo caſcas de pao ſanto, ſerá a quantidade do pao dobrada) polypodio, folhas de ſene, epithimo, de cada hum*

ſua

ſua onça, agua ardente ſeis onças, eſteja tudo de infuſaõ vinte & quatro horas, & depois ſe terà a fogo brando atè gaſtar a terça parte & coarſeha. E tomarà o doente de cinco atè ſete onças pela manhã em jejum, & podeo-o tomar outra vez à tarde. Lib.1. c.60. Incenſo lhe miſtura tambem o Author, porèm tenho-o por ſuſpeytoſo, conforme Dioſcorides.

Para o meſmo intento de curar morbo gallico ſem ſuores, nem unturas, ſe pòdem accommodar os vinhos que receytamos no Capitulo vinte, dos quaes o que tem titulo de Santo he o de mayor experiencia.

Numero 20.

Vinagre, com que ſuavemente ſe cura o morbo gallico.

TOmem ſalſa parrilha tres onças, pao da China duas, folhas de ſene outras duas, paſſas de uvas quatro onças, canela duas oytavas, lance-ſe tudo dentro de huma canada de forte vinagre, & logo ſe chegue ao fogo, que dè huma fervura, & ſe tire, & deyxe eſtar quatro dias mexendo-o cada dia tres, ou quatro vezes, & no fim deſtes dias ſe lhe aè outra fervura, & tirando ſe do fogo depois de frio ſe coe, & ſe lhe ajuntem duas onças de manà. Deſte vinagre ſe tomarà huma onça ao jantar, outra à cea no principio da meſa, temperando-ſe com elle o caldo de gallinha, ou carneyro, ou huma chicoria, ou alface eſperregadas, ou qualquer outra couſa, que ſe coma, & beberà o doente de ordinario ſua agua ſimplez de ſalſa.

Numero 21.

Advertencia àcerca das quantidades dos alexipharmacos.

E Porque poderà alguem reparar na quantidade da ſalſa, & na dos cozimentos, apozemas, xaropes, conſervas, & outras fórmas medicamentoſas deſte Capitulo, & de toda eſta obra, ſe advirta que fazendo-ſe a cura ſem ſuar, he neceſſario que a quantidade dos ditos alexipharmacos ſeja mayor, para que ſupra a evacuaçaõ, que pelo ſuor ſe houvera de fazer, como por via mais conveniente, ſegundo explicaremos em ſeu lugar. Com tudo, havendo grande exceſſo de calor, ou do natural temperamento, ou do figado, rins, idade, tempo, & conſtituiçaõ do anno, regiaõ, febre, ou qualquer outra cauſa complicada, ou tudo iſto junto, ſe deve diminuir a quantidade dos ditos medicamentos tanto quanto o pedir a contraindicaçaõ deſtes repugnantes: & ſe todos elles faltarem, ſegura, & utilmente ſe pòde admittir toda a quantidade, que em cada receyta tenho ordenado, ſegundo me tem moſtrado a experiencia.

Numero 22.

Outra advertencia àcerca da eleyçaõ de qualquer deſtes remedios.

POſto que os letrados, & de mais experiencia poſſaõ eleger das varias receytas deſte Capitulo o que mais ſe ajuſtar com ſeu intento: com tudo os que o naõ ſaõ, vendo tanta variedade de remedios ſe confundem, & naõ ſabem qual elejaõ, & por tanto lhes advirto que uſem do primeyro, ou daquelle, que particularmente approvo, ou ſe o enfermo for pobre, do que fizer menos cuſto, & a meſma advertencia ſe tenha em todo o diſcurſo deſte livro, quando para huma enfermidade houver varias receytas de remedios. Advirta-ſe finalmente que havendo-ſe de curar o morbo gallico ſem ſuores, nem unturas de Mercurio,

com qualquer dos remedios, que neſte Capitulo receytamos, he neceſſario que primeyro o enfermo ſe prepare com xaropes, ſangria, & purga, como que houvera de entrar em ſuores, aliàs naõ ſuccederà a cura como ſe eſpera.

ANNOTAÇOENS.

Numero 19.

OS vinhos. *Varios remedios propoem o Author para curar o gallico ſem ſuores, nem azougue, & certo que todo eſte fauſto de apozemas, xaropes, conſervas, talhadas, & bolos, ſe eſcuſavaõ com tomar huma panacea mercurial, com que ſuaviſſimamente ſe extingue todo o gallico em poucos dias, & com pouco tempo de regimento depois: porque quando as curas ſe fazem com azougue, ficaõ poucas reliquias do contagio, que hajaõ de gaſtar ſe com o regimento. Entre os vinhos que o Author prepara, ſó do vinho ſanto temos experiencia; & naõ ha duvida, que com razaõ o louva entre os mais, & o encarece. Tambem os vinhos, que quando moſtos ſe fermentão, & cozem com os alexipharmacos deſte contagio, ſaõ convenientes para curar o gallico, & uſaõ-ſe com ſuavidade. O modo da ſua preparaçaõ he o ſeguinte.*

Tomem dez cantaros de moſto de vinho branco, (cada cantaro tem doze canadas) ponha-ſe em barril de pao com ſeis onças de ſalſa parrilha, dez onças de pao ſanto, cinco onças de raiz da China, quatro arrateis de paſſas de uvas, hum cento de camoezas finas. A ſalſa, & raiz cortem-ſe em bocadinhos, o pao lime-ſe, as paſſas machuquem-ſe, & as camoezas façaõ-ſe em quartos, com tudo iſto ferva o moſto, & em parando o ſeu fervor, ou fermentaçaõ, bebaõ os gallicados deſte vinho aos comeres, naõ uſando de outro.

CAPITULO XXV.

Do azougue, & cura, que com elle ſe faz aos gallicados.

Numero 1.

HE o azougue o mais efficaz, & antigo remedio, que na Europa ſe deſcobrio, para curar morbo gallico. Mais efficaz: porque cura todo aquelle, que os outros medicamentos naõ puderaõ, extirpando-o de tal ſorte, que diz André de Alcaçar terem feyto entre ſi pacto de que todas as vezes que ſe applicar o azougue, o gallico ſare. Mais antigo: porque antes que de Indias vieſſe o pao, & ſalſa, com que depois ſe curou, fazendo eſte mal grande eſtrago em todo o Mundo, ſem que ſe lhe achaſſe remedio, obrigados os Medicos, & Cirurgiões da neceſſidade, lhe vieraõ a applicar os unguentos de azougue, que Avicena, Arnaldo de Villa-Nova, Meſue, Guido, Theodorico, Henrico, Petro de Bonato, & outros antigos deyxàraõ em ſeus eſcritos para curar ſarna rebelde; & aſſim fazendo conſequencia analogiſtica, começáraõ tambem de applicar eſte unguento à ſarna gallica, & moſtrando-lhes a experiencia, que naõ ſómente a curava, mas que tambem tirava as dores, reſolvia os tumores, temperava a febre, mundificava as chagas, & emendava todos os mais gallicos ſymptomas, ficáraõ certos em que era admiravel medicina para curar todo o morbo gallico, como realmente ſe curava com tanta facilidade de Medicos, & doentes, que àlem de todos ſararem, os primeyros Inventores deſte remedio acquiriaõ grandes riquezas, entre os quaes, ſegundo Fallopio, hum Jacobo Carpento ajuntou quarenta mil eſcudos de ouro, (fóra a mais moeda de prata) de que teſtou deixando

Lib de morb. gal cap. 19.

Tract 6.ª d. 1. c. 3.

Lib. de morb gal cap. 76.

do ao Duque de Ferrára por herdeyro Acaſo ſe deſcobrio tambem eſte remedio em outras partes, porque em Sevilha no tempo dos Reys Catholicos naõ ſe achando entre os Medicos cura para eſte mal, ſe deo licença aos que o naõ eraõ, para que cada hum o curaſſe como quizeſſe; & certo tecedor começou acaſo de curar com unguento de azougue, com que todos lhe ſaráraõ, & ficou Medico delle nos Hoſpitaes, & em toda a Cidade por muytos annos, & ſe veyo a deſcobrir o remedio, de que tambem os Medicos ſe aproveytáraõ como conta Rui Dias de la Isla.

E poſto que algumas vezes o azougue mova accidentes trabalhoſos, & da applicaçaõ delle aconteçaõ deſaſtres, & por eſſa cauſa o naõ admittaõ Fernelio, & outros Authores; com tudo uſando-ſe com cautela, & toda a devida correcçaõ, he medicamento ſeguriſſimo, & quaſi infallivel na cura deſte mal, como he teſtemunha Nicolao Maſſa, Euſtachio Rudio, & outros graves Medicos, que ſabem a recta adminiſtraçaõ deſte excellente medicamento. Delle pois neſte Capitulo trataremos, a eleyçaõ, as qualidades, virtude, & conveniente uſo. Lib. de morb. ſerp. Lib. de morb. gal tract. 46. Lib. 5 de morb. occult. c. 15.

Numero 2.

Eleyçaõ do azougue.

HA-ſe de notar que ha delle quatro eſpecies, como ſe colhe de Dioſcorides, & de Galeno, Avicena *ex translatione Belunenſis*, *Conciliator differen.* 151. Magiſter de Santes, Andrè de Alcaçar. A primeyra he o que Avicena chama purgado, & ſe acha nas minas: a ſegunda o que das pedras das meſmas minas ſe tira à força de fogo pelo modo que das meſmas ſe aparta o ouro, & prata, & tem eſte cor de cynabrio, porèm diz Avicena que o naõ he, mas que delle ſe faz com certa miſtura de enxofre: a terceyra he outro azougue ficticio, que diz Dioſcorides fazerſe de cynabrio ao fogo em certas caçoulas de ferro, & barro, como elle enſina: a quarta he o ſolimaõ, que ſe faz do meſmo azougue miſturando-lhe ſal, caparroza, & nitro, & tirando-o por ſublimaçaõ, conforme a Arte Chimica. Deſtas quatro eſpecies o purgado de Avicena he o verdadeyro, puro, & legitimo azougue, & que ſe ha de eleger para curar o morbo gallico, principalmente para as unturas, unguentos, & emplaſtos, que para eſte mal ſe fazem. A ſegunda, & terceyra eſpecie naõ ſaõ taõ accommodadas para os ditos medicamentos, ſervem porèm para a cura, que ſe faz com fumos, como abayxo diremos. Finalmente o ſolimaõ, como mais calido, erodente, & venenoſo tem mais perigo, & naõ ſe uſará delle neſta cura, porque ſe viraõ peſſoas, que morreraõ lavando-ſe com ſua agua para ſarna: mas tem ſua utilidade para certos pòs admiraveis, que alguns poſto que poucos Chimicos ſabem, & para curar chagas gallicas ſobre todos os remedios tem eſte o principado. Lib. 5. c. prop. Lib. 9. ſimpl. Lib 2. cõ tract 2. tom. 47. Lib. de venen. Lib. de morb. gal cap. 16.

He o azougue algumas vezes falſificado com eſtanho, & chumbo, que lhes miſturaõ, & para ſe conhecer o lançaráõ na palma da maõ, & nella ſo esfregaráõ fortemente com o dedo, & ſe deyxar a maõ ſuja, he certo ſer adulterado. Tambem o paſſaráõ de huma maõ para a outra, ou de hum para outro vaſo, & ſe naõ correr todo junto, & conglobado, antes fizer rabo, he final de ſer falſo, & muy perigoſo: havendo ſe de preparar para ſe tomar pela boca, por quanto o chumbo he veneno mortifero, conforme o conſelho de Fernelio, & aliàs naõ tem utilidade alguma contra a qualidade gallica. Eſtes finaes tem a experiencia moſtrado, poſto que os Authores o naõ advirtaõ. Lib. de ven. c. 17. Lib. de lue ven. cap. 17.

E para ſe apurar das couſas, que ſe lhe miſturaõ, ſerá acertado fazer o que manda

manda Braſavolo, que he metelo em hum couro, & coalo por elle, porque conforme diz, ſahe purificado. E para melhor ſe purificar louva Ambroſio Parcu coarſe por huma pelle de carneyro E ha de ſer o bom azougue, ſegundo eſte Author, claro, branco, fluido, & delgado, o que naõ tiver eſtes ſinaes ſe terà por adultero.

Lib. de morb. gal in med §. lortepret. Lib. 18. cap. 10.

Numero 3.

Qualidades, & virtudes do azougue.

TEm o azougue partes diverſas, por razaõ das quaes esfria, & aquenta notavelmente. Deſtas diſputaremos largamente na ſegunda Parte deſta obra, & por em tanto dizemos que difficultoſamente ſe actua o azougue applicado ao corpo humano, & por falta deſta actuaçaõ muytas vezes naõ aquenta, antes conhecidamente esfria, porèm quando chega a actuarſe, he tanto o ſeu calor, que vem a ſer adurente. Participa de qualidades venenoſas, que ſe podem emendar com a boa preparaçaõ, que lhe fazem: tem virtude, ou propriedade occulta contra todos os venenos, conforme Serapiaõ, a qual he efficaciſſima contra a qualidade gallica, ſegundo Antonio Muſa, Braſavolo, Ambroſio Pareu, & por tanto a extingue potentemente algumas vezes, ſem que preceda evacuaçaõ manifeſta, como nota Nicolao Maſſa. Tem mais outra virtude tambem occulta com que efficazmente evacua humores pituitoſos, & outros de miſtura pelas gingivas, & mais partes da boca, movendo cuſpo, & baba em grandiſſima copia. Move tambem outras vezes camaras, vomitos, ſuores, & ourina, como neſta Cidade ſe vio em certo Fidalgo, a que ſe applicàraõ as unturas ſem mover outra evacuaçaõ mais que ourinar tanta copia de humores varios que o naõ poſſo encarecer, & ficou ſaniſſimo; o que tambem obſervou Lobera, & por eſtas cauſas alimpa o corpo dos humores craſſos, & rebeldes, gallicos, & naõ gallicos, desfaz os tumores, mitiga as dores, mundifica as chagas, tira as febres, & camaras gallicas, reduz os tabidos gallicos a ſeu habito natural, & cura finalmente todos os generos de enfermidades, quando procedem de cauſa gallica. E ſe algum perguntar ſe com elle tambem ſe podem curar as outras; que naõ ſaõ gallicas, reſpondo que ſim com Angelo Bolognino, naõ ſendo agudas, nem havendo os impedimentos, que diremos. E aſſim diz Andres de Leon, que com azougue ſe curaõ hydropeſias, parleſias, eſtrangurias, fluxos de ſangue, ictericias, gotta, alporcas, lepra, ſarna, fleuma ſalſa, chagas, & outras enfermidades, ainda que naõ procedaõ de qualidade gallica, aſſim applicado por fóra, como tomado pela boca à imitaçaõ dos Arabes, & Perſas. E prova-ſe primeyramente, porque Avicena, Meſue, & outros antigos, que naõ conheceraõ morbo gallico, o applicavaõ à cura da ſarna rebelde. Segundo, porque evacua potentemente os humores pituitoſos, craſſos, & rebeldes, & por conſequencia deve curar os vicios, que delle dependem. E aſſim ſe tem viſto por experiencia curar tinha, dores de ciatica, & de gotta fria, & paraliticos, & mata porſovejos poſtos nas juntas do catre, & os mais bichos que offendem o corpo, & tomado pela boca mata as lombrigas.

Lib. de ſimp. med. c. 385. Lib. de morb. gal Lib. 18. cap. 1. Joaõ Calvo lib 3. cap. 2. Lib. de morb. gal tr. 4. c. 2. Lib. de morb. gal tr. 4. c. 2. Lib. de morb. gal cap. 1. Lib. de ung. c. 6. § quæri dum erit 1. & n. quærit 4 Lib. de morb. gal cap. 8.

Porèm tem alguns inconvenientes, porque uſando mal delle faz tremor de nervos, como ſe vè nos que andaõ nas Minas, que por robuſtos que ſejaõ, em quatro annos ſe fazem tremulos: corroe as entranhas, faz deſinterias, & grandes chagas de boca, fedor de bafo, aballa os dentes, & os faz negros; offende todas as partes ſolidas, cauſa apoplexias, paraliſia, gotta coral, & às vezes delirios, como

vio

vio Rudio, & ſe os doentes náõ ſaraõ com a cura delle, ſe lhes exacerbaõ mais as dores, & todos os ſymptomas gallicos, & às vezes os faz hecticos, tiſicos, maraſmados, & aſthmaticos; & fica dentro do corpo, em tanto que dahi a muytos annos abrindo-lhe os tumores, ſe acha dentro delles, como vio Fallopio, & depois de mortos, & gaſtados da terra ſe lhes acha na cavidade dos oſſos, como diz o meſmo Autior; o que tudo ſe entende, ſe delle ſe uſa mal. Pelo que he neceſſario uſallo com toda a cautela, & tendo-a, nenhum doente ha que perigue, nem fique com leſaõ notavel, occaſionada da cura, como nota Euſtachio; antes todos ficaõ ſaniſſimos, como a quotidiana experiencia eſtà moſtrando. Loc. cit. Loc. cit. Lib. de morb. occult. c. 15.

Numero 4.

Do uſo, & recta adminiſtraçaõ do azougue.

SUppoſto haver já moſtrado a experiencia que o azougue he o remedio do morbo gallico, naõ ſómente pela evacuaçaõ manifeſta, que faz dos humores, mas tambem pela qualidade occulta alexipharmaca, com que extingue a venefica, como largamente provaremos na ſegunda parte; reſta ſó declarar a devida applicaçaõ delle, a ſaber, a quantidade, como, quando, & aonde. E porque ſaõ os modos de ſe applicar varios, pois ou ſe applica às partes de fóra do corpo, ou ſe dá pela boca, & o de fóra ſe applica *em fumos, emplaſtos, ou unguentos*; primeyro trataremos deſtes ultimos, como mais ſeguros, & uſuaes, & de cada hum diremos em particular a quantidade conveniente, o tempo, & o lugar, a que ſe applica, porque naõ póde haver regra geral deſtas tres couſas, que poſſa convir a todos os ditos modos. Quæſt. 3.

Numero 5.

Unguento de azougue para curar morbo gallico.

COmo em toda a compoſiçaõ dos medicamentos ſe ha de conſiderar a baſis, o adjuvante, & o corrigente, advertio Capivaccio, naõ ha duvida que neſtes unguentos a baſis, ou fundamento ſeja o azougue, pois elle he o principal, que cura o morbo gallico, a que ſaõ ordenados: as mais couſas, que lhe miſturaõ, ſervem de adjuvantes, & corrigentes. No que toca aos adjuvantes ſe tem enganado muytos, miſturandolhe para vigorar ſua operaçaõ medicamentos de partes tenues, calidos, inciſivos, & reſolutivos. Porque delles ſe ſegue hum grande inconveniente, como nota Euſtachio Rudio. E he, que como o azougue depois de actuado he taõ calido, que chega a ſer adurente, & como os ditos adjuvantes ſaõ tambem muyto calidos; ſegue-ſe delles intenderſe mais o calor, excitarem-ſe mais vehementes, & perigoſos ſymptomas, a ſaber, deſinterias, febre aguda, grande corroſaõ em toda a boca, grande deſtemperança quente do figado, rins, & mais partes interiores. E como o azougue he de ſi grandemente penetrativo, & inciſivo, naõ tem neceſſidade deſtes medicamentos adjuvantes, & por tanto lhe baſtaõ ſómente aquelles, que ſervem de excipiente, (os quaes adjuvantes ſe reduzem como o meſmo Capivaccio nota) & que de qualquer modo diſpoem os humores, & o corpo para melhor actuaçaõ delle, & os mais que ſervem de correctivos, aſſim a reſpeyto do demaſiado calor, & ſecura, como das qualidades venenoſas. Trat. de ration. comp. in med. Lib. de morb. ven. c. 15.

Pelo que naõ tenho por ſeguro miſturar nos ditos unguentos *euphorbio, caſtoreo, triaga velha, cinza, & outros cattaſſiſmos que ſe coſtumaõ*. E por muy accommodados tenho *os oleos, & enxundias*, com o que he ordinario miſturarſe, & me parece bem

bem (poſto que ſeja novidade) accrecentarlhe *os que propriamente ſaõ correctivos da ſua qualidade venefica*, que traz Dioſcorides, *como oſſua, aypo, ſemente delle, & de perrexil, & de horminio, ouregaõs, hyſſopo, myrrha*, (conforme Avicena) *& ouro para quem naõ recear o cuſto, leyte, & vinho*, porque todos eſtes, diz Dioſcorides, ſaõ remedios contra o dano do azougue. Alèm de que me parece tambem acertado miſturarlhe algumas couſas refrigerantes, & humectantes, para lhe remittir o demaſiado calor, & ſecura; como *unguento roſado refrigerante de Galeno, manteyga crua, oleo roſado, de violas, de golfaõs, & ſemelhantes.*

Lib. 1. c. prop. & c. de lurag. Fen. 64. tr. 1. n. 1. cap. 1.

Dos quaes medicamentos ſe poderáõ lançar mais, ou menos, conforme o humor, que peccar, a compleyçaõ do enfermo, a regiaõ, & o tempo do anno. Porque os colericos, quando o humor dominante he quente, & o tempo de eſtio, pedem medicamentos mais refrigerantes. E pelo contrario os de compleyçaõ, & de humores frios, & tempo de Inverno, pedem unguentos mais quentes. Advirta-ſe porèm àcerca da *cinza*, & *triaga*, que neſtes unguentos miſturaõ os Authores, que podem ter lugar em quanto podem ſer correctivos do *azougue*. *A cinza*, porque conforme Dioſcorides, tem virtude alexipharmaca contra todos os venenos, & como diz Foreſt. he proprio alexipharmaco *do ſolimaõ*, porque com a ſua decoada acudio às offenſas delle. *A triaga* tambem he alexipharmaco commum, & por tanto pòde aproveytar neſtas compoſições. Naõ ſe lance porèm deſtes correctivos tanto, que ſeja mayor o dano de aquentar, que o bem da correcçaõ, que por elles o azougue recebe.

Lib. 6. in proœm. Lib. 10. obſerv. 2.

No que toca à quantidade de azougue, que aos demais ſimplices ſe miſtura, naõ pòde haver regra certa pela variedade que ha dos humores, da antiguidade do mal, da compleyçaõ do enfermo, & do tempo do anno; porque os bilioſos, ſanguineos, meninos, & mulheres, como facilmente ſe alteraõ, menos quantidade de azougue lhes baſta, & aſſim meſmo quando o mal he de pouco tempo, o humor dominante he cholera, ou ſangue, & o tempo, & regiaõ ſaõ quentes. E pelo contrario aos de compleyçaõ melancholicos, fleumaticos, & aos robuſtos, mancebos, & humores craſſos, mal antigo, & tempo de Inverno, he neceſſaria mayor quantidade. E por eſta cauſa os prudentes Medicos ordenàraõ varias receytas deſtes unguentos, accommodando a cada compleyçaõ ſua diverſa: outros, poſto que uſaraõ em todos da meſma, variàraõ a quantidade do azougue conforme a variedade dos humores, & natureza do enfermo.

Porèm ainda neſte particular andàraõ muy varios, porque rarámente ſe achaõ dous, que conformem na quantidade de azougue, que ſe pòde lançar a cada onça de unguento, & em cada botica ha ſua receyta diverſa; das quaes humas tem muyta quantidade de azougue, outras pouco, & como os Medicos, & Cirurgiões naõ vejaõ as ordinarias, por onde ſe compuzeraõ, às cegas uſaõ deſtes unguentos, & aſſim ſuccede a alguns doentes, que com muy poucas unturas, lhes ſobrevem graviſſimos accidentes, v. g. demaſiada copia de camaras, grande inflammaçaõ de garganta, difficuldade de reſpiraçaõ, febre aguda, & às vezes morte; & outros que com muytos dias de unturas lhes naõ rebenta a boca, nem ſe lhes remittem os ſymptomas. E poſto que iſto às vezes poſſa ſuccéder da natureza do doente, ſer mais, ou menos obediente, ou rebelde à evacuaçaõ do azougue, com tudo de ordinario acontece pela differença da mayor, ou menor fortaleza dos unguentos, como muyto bem advertio Oviedo.

Lib. 4. c. prop.

Neſta ambiguidade, me parece que na compoſiçaõ deſtes unguentos *ſe ſirva de ordinario o azougue em tal quantidade, que venha a reſponder a cada onça delles, de hum eſcropulo atè tres oytavas*, porque mais, ſerà taõ forte, que mova graves acci-

accidentes, & menos ficará taõ brando, que, ou totalmente naõ obre, ô obrará fómente em facillimas naturezas, como saõ os muy colericos, meninos, & algumas mulheres; ou será necessario applicarse tantos dias, que a prolixidade da cura venha a enfadar os doentes de modo que a deyxem. E que *hum escropulo seja o menor pezo, que a huma onça de unguento possa convir*, se mostra claramente da receyta do emplasto de Joannes de Vigo, usado em muytas boticas, do qual se pragueja ser fraco em sua operaçaõ, conforme Fragoso, & com tudo em sugeytos faceys, como os sobreditos, he bastante, & neste emplasto brando responde a cada onça cousa de meya oytava de azougue, por onde se vê claro pela dita experiencia ser a menor quantidade, que se lhe póde misturar, hum escropulo, poys de meya oytava se faz o emplasto brando. E que tres oytavas seja a mayor quantidade se vè pela experiencia da efficacia, com que move os humores à boca, & excita graviſſimos symptomas. E desta minha opiniaõ parece ser Ruí Dias de la Isla Cirurgiaõ muy experimentado nesta materia. E a boa experiencia, que se tem dos unguentos, que nas boticas se usaõ, abayxo receytados, confirma o que tenho dito.

Numero 6.

Unguento de azougue para toda a compleyçaõ.

TOmem *unto de porco oyto onças, manteyga crua huma onça, unguento dialter, oleo de endros, de louro, & de macella, de cada hum meya onça, azougue tres onças, encorpore-se tudo em almofariz, segundo a Arte, & se faça unguento.* He de Fragoso tirado de Ruí Dias de la Isla, o qual diz que com este unguento bastará untar *ao cholerico duas, ou tres vezes, ao sanguineo cinco, ou seys, ao fleumatico quatorze, ou quinze*, posto que para este tem por fraco: com tudo naõ deyxará de ter bastante efficacia, conforme a quantidade do azougue.

Outro de Leonardo Botallo, que refere Torres: *Tomem manteyga crua cinco onças, oleo de amendoas amargosas, cera branca, azougue, de cada hum tres onças, faça-se unguento segundo Arte.*

Outro: *Tomem unto de porco seys onças, azeyte rosado, & nardino, de cada hum duas onças, cera branca duas onças, azougue tres onças, faça-se unguento.*

Outro: *Tomem unto de porco tres onças, almecega huma onça, oleo de almecega onça & meya, açafraõ dous escropulos, duas camoezas bem assadas, azougue duas onças, faça-se unguento.* He de Eustachio Rudio, posto que elle naõ dispensa mays que *onça & meya de azougue*, que me parece pouco para untura universal às quatro compleyçoens.

A todas estas receytas me parece acertado accrescentar *os alexipharmacos do azougue assima ditos* por authoridade de Dioscorides, v. g. *pós de ouregãos, de losna, hyssopo, semente de horminio, de todos, ou de qualquer delles, huma onça, & preparar o azougue com saliva*, que conforme provarêmos na segunda Parte, he seu correctivo, ou alexipharmaco contra a sua mà qualidade.

Outro unguento: *Tomem manteyga crua, oleo rosado, de violas, de golfãos, de cada hum onça & meya, unto de porco oyto onças, vinho com quartilho & meyo, losna, hyssopo, ouregãos, de cada hum sua maõ cheа. Coza-se tudo junto atè se gastar o vinho, depoys se coe, & se ajunte azougue tres onças & meya, cera branca o que baste. Extinga-se o azougue com saliva de pessoa que esteja em jejum, & com as mays cousas se faça unguento segundo Arte.*

Ou se faça este: *Tomarão unto de porco, unguento rosado, manteyga crua, de cada*

hum quatro onças, pós de loſna, & ouregãos, de cada hum ſeys outavas, oleo de loſna, & de almecega, de cada hum onça, & meya, azougue morto com ſaliva tres onças, cera a que baſte, faça-ſe unguento.

Deſtes ſe applicarão: *aos cholericos de cada vez meya onça, aos ſanguineos ſeys oytavas, fleumaticos onça & meya, aos malancholicos duas onças, aos temperados huma onça.*

Deve-ſe advertir, que nos unguentos communs, que cada hum ordenar para toda a compleyçaõ, ſerà muy conveniente que *a cada libra de unguento lancem onça & meya de azougue*, que vem a reſponder huma oytava a cada onça, que he a mediocridade, que pòde convir ao temperado, *& della ſe póde uſar em cada compleyçaõ accreſcentando, ou diminuindo a quantidade de unguento.* E como os que eſtaõ feytos na Botica ſaõ para todo o povo, haja grande variedade nas receytas, porque cada Botica o faz por ſua diverſa, com grande confuſaõ dos Medicos, & dano dos doentes: era muy importante que todos convieſſem na quantidade do azougue, que a cada libra ſe lança, (porque nos mays ingredientes pouco importa) para cada Medico ſaber o que applica a ſeu enfermo. E aſſim peço a todos os Boticarios que diſpenſem *a cada libra de unguento doze oytavas de azougue*, que vem a reſponder a cada onça huma oytava, *& no mays ſimplez cada hum lance o que lhe parecer, conforme ſua receyta*, conſtando que deſte modo eſtà ordenado em todas as Boticas, naõ duvide ninguem da quantidade, que em cada untura póde applicar.

Numero 12.

Unguento de azougue para cada particular temperamento.

Para os cholericos, & ſanguineos.

AO que for de temperamento cholerico, ou ſanguineo convem o unguento ſeguinte: *Tomem manteyga crua oyto onças, unguento roſado quatro onças, azougue cinco outavas. Apague-ſe o azougue com leyte, & com as demays couſas ſe faça unguento ſecundùm Artem.* E ſe ſe temer que por razaõ da manteyga crua ſe corrompa, *ajuntemlhe de ſolimaõ doys, ou tres grãos*, que ſaõ baſtantes para perſervativo, & naõ pódem produzir calor, que faça dano: antes como o ſolimaõ tembem ſeja azougue, vigora mays a operaçaõ, & por eſta cauſa neſtas unturas o miſtura ſempre Mercado.

Ou ſe fará deſte modo: *Tomem unto de porco lavado em dez aguas nove onças, unguẽto roſado tres onças, azougue cinco oytavas. Apague-ſe o azougue cõ mãteyga crua, & faça-ſe unguento.* Ou façaõ aſſim: *Tomem unguento refrigerante de Galeno ſeys onças, oleo de violas, & de golfãos de cada hum duas onças, cera branca huma onça, azougue morto com mãteyga crua meya onça, almecega tres oytavas, faça-ſe unguento ſecundùm Artem.* Ou façaõ aſſim: *Tomarão ſoro de leyte de cabras, çumo de chicoria, çumo de ſarralha, çumo de tanchagem, de cada hum tres onças, azeyte roſado oyto onças, vinagre roſado duas onças, vinho branco hũa onça ferva tudo atè ſe gaſtarem os çumos, ſoro, vinho, & vinagre, que fique ſómente o azeyte, & coe-ſe, & ajunte-ſe de pós de roſas, & de ſandalos, de cada hum duas oytavas, almecega fina tres oytavas, unto de porco ſem ſal lavado nove vezes ſeys onças, azougue morto com ſaliva, ou com clara de ovo ſeys oytavas, cera branca o que baſte, faça-ſe unguento ſecundùm Artem.*

Ou ſe faça eſte: *Tomem unto de porco, manteyga crua, unguento roſado, de cada hum tres onças, açafraõ hum eſcropulo, páo de Aguila, beyjoim, almecega de cada hum huma oytava, azougue morto com clara de ovo, quatro oytavas, faça-ſe unguẽto.*

Saõ

Saõ todos muy accommodados, principalmente o ſegundo, & eſte ultimo, para curar os de compleyçaõ cholerica, & ſanguinea, meninos, peſſoas delicadas, & a todas as que facilmente ſe alteraõ, eſpecialmente em regiaõ calida, & tempo de calmas. *Applicarſeha de qualquer delles aos cholericos, & peſſoas mais delicadas de cada vez huma onça, ou menos: aos ſanguineos, & menos delicados, onça & meya.* E quando naõ baſte, accreſcente-ſe a quantidade que parecer.

Numero 8.
Para fleumaticos, & melancholicos.

TOmaràõ unto de porco, banha de flor, de cada hum quatro onças, oleo de loſna, de macella, cera amarella, duas onças de cada hum, azougue quatro onças, apague-ſe o azougue em decoada de cinza, & faça-ſe unguento, ſegundo Arte.

Outro: *Tomem unguento dialter, unto de porco, & banha de flor, azougue morto com vinho de loſna, de cada hum quatro onças, faca-ſe unguento.* He facil, ſeguro, & de muyta efficacia.

Outro: *Tomem pòs de loſna de ouregãos, de almecega, de cada hum duas oytavas, eſtoraque liquido huma onça, oleo de louro, & de minhocas, de cada hum quatro onças, manteyga crua huma onça, cera nova duas onças, azougue morto com ſaliva quatro onças & meya, faça-ſe unguento.* He de muy boa operaçaõ.

Outro: *Tomaràõ caſcas de raizes de engos, bagas de louro, loſna, cabeças de roſmaninho, betonica, ouregãos, de cada hum ſua onça, azeyte velho, oleo de endros, oleo de almecega, de cada hum tres onças, vinho branco generoſo hum quartilho, coza-ſe tudo atè ſe gaſtar o vinho, & depois coe-ſe, & ajunte-ſe ao azeyte, unto ſem ſal quatro onças, cera duas onças, trementina, rezina de pinho, de cada hum ſua onça, faça-ſe unguento.*

Tem eſtes triplicada efficacia a reſpeyto dos que temos ordenado para os cholericos ſanguineos. E por tanto convem uſar delles ſómente em peſſoas fleumaticas, & melancholicas, a que difficultoſamente acode a baba, & aquellas, que ſaõ robuſtas, & ſofrem evacuaçoens mais fortes. E com tudo porque tambem neſtas ha mais, & menos, *applicarſeha aos fleumaticos huma onça, aos melancholicos, & aos mais robuſtos, & difficultoſos onça & meya,* & ſe o quizerem accommodar aos temperados, & aos ſanguineos, *baſtarà meya onça, & menos*; mas para poder chegar a todas as juntas, *ſe devem miſturar com outra meya onça, ou o que parecer neceſſario, de banha de flor, ou de unguento dialter, ou de manteyga crua, ou de unto de porco, ou qualquer outra couſa ſemelhante*; & para os ricos, & mimoſos ſe pòde miſturar *almiſcar, & ambar quanto quizerem.*

Numero 9.
Unguento que de ordinario ſe uſaõ nas boticas.

E Porque póde haver peſſoas, a que naõ parece bem a noſſa opiniaõ àcerca da compoſiçaõ deſtes unguentos, & quereràõ ſeguir a commua, que miſtura nelles *cinza, euphorbio, triaga, & outros medicamentos calidiſſimos* em grande quantidade ſem reſpeytar a varia compleyçaõ dos enfermos, nem ao tempo, ou regiaõ, & ſem fazerem caſo dos alexipharmacos proprios, com que ſe deve emendar a malicia do azougue, tratarey aqui as mais ordinarias receytas, que nas Boticas de Heſpanha, principalmente neſta Cidade, ſe uſaõ.

Receyta de Joannes de Vigo: *Tomem unto de porco doze onças, oleo de macella,*

de endros, de louro, de almecega, de cada hum ſua onça, eſtoraque liquido dez dragmas, raizes de engos, de cada hum quatro oytavas, eſquinanto, roſmaninho, de cada hum ſeu pouco, euphorbio feyto pó meya onça, vinho cheyroſo dezoyto onças. Cozaõ tudo atè ſe gaſtar o vinho, & ajunte-ſe de lithargirio de ouro ſete onças, incenſo, almecega, de cada hum ſeys dragmas, rezina de pinho onça & meya, trementina huma onça & meya, & faça-ſe unguento ſegundo Arte.

Cabe a cada onça de unguento pouco mais que huma oytava de azougue. E póde-ſe applicar *ao temperado huma onça, ao ſanguineo meya, ao cholerico duas, ou tres oytavas, ao fleumatico duas onças.* Para o melancholico he fraco.

Outra de Oviedo: *Tomem unto de porco oyto onças, azougue onça & meya, triaga magna meya onça, unguento agripa dialter, oleo de louro, de cada hum ſua onça, pós de almecega, & de incenſo, de cada hum meya onça, eſtoraque liquido nove onças, cinza de vides meya onça. Mate-ſe o azougue com parte de unto, ou com pouco de oleo de amendoas amargoſas, & faça-ſe unguento ſegundo Arte.* Diz eſte Author, que tinha ſempre na ſua botica eſte unguento, & que fazia muy boa obra, & com muyta ſegurança, conforme via pela experiencia. Cabe a cada onça pouco mais de meya oytava de azougue. *Applicar-ſeha ao ſanguineo huma onça, ao cholerico meya, ao temperado onça & meya, ao fleumatico duas.* Para o melancholico he fraco.

Outro unguento, que ſe uſa em hũa Botica famoſa neſta Cidade: *Tomem unto de porco oyto onças, azougue hũa onça, oleo de louro, oleo de macella, unguento dialter, de cada hum ſua onça, cinza de vides duas onças, eſtoraque liquido meya onça, faça-ſe unguento.* Com eſte ſe cura muyta parte dos enfermos deſta Cidade com muyto bom ſucceſſo. Cabe a cada onça, couſa dous eſcropulos. *Applicar-ſeha ao ſanguineo huma onça, ao cholerico meya, ao temperado onça & meya, ao fleumatico duas.* Para o melancholico he fraco.

Outro de outra Botica: *Tomem azougue huma onça, unto de porco quatro onças, unguento dialter, marciataõ, cinza de vides, eſtoraque liquido, oleo de louro, de cada hum quatro onças, alvayde, lithargirio, de cada hum tres oytavas, faça-ſe unguento ſegundo Arte.* Cabe a cada onça de unguento quaſi de hum eſcropulo. *Baſta deſte para o cholerico huma onça, para o ſanguineo onça & meya, para o temperado duas onças.* Para o fleumatico, & melancholico he fraco. Porèm a eſtes, que ſaõ fracos a reſpeyto de certas naturezas, muytas vezes ſe ſupre eſta falta com ſe applicarem mais dias.

Em outra excellente Botica ſe faz aſſim: *Tomem unto de porco huma libra, unguento marciataõ, & Aragaõ, de cada hum huma onça, triaga magna onça & meya, azougue mortificado com ſaliva oyto onças, unguento dialter, & agripa, de cada hum huma onça, cinza de vides quatro onças, oleo de louro, & de murtinhos, eſtoraque liquido, de cada hum duas onças, incenſo, almecega, de cada hum meya onça, faça-ſe unguento ſegundo Arte.* Cabe a cada onça duas oytavas, & oyto grãos de azougue. E pode-ſe applicar *huma onça delle ao fleumatico, onça & meya ao melancholico, & ao muyto robuſto meya onça, ao temperado, duas oytavas, ao ſanguineo, huma oytava, ao cholerico.* E porque a quantidade de huma, duas, ou quatro oytavas naõ póde chegar a todas as juntas, he neceſſario *miſturar-lhe unguento roſado, ou qualquer outro atè chegar a fazer pezo de huma onça*, que he o que baſta para as juntas todas.

Em outra Botica das mais famoſas ſe faz eſte: *Tomem azougue, alvayade, fezes de ouro, de cada hum ſua libra, cinza de vides libra, & meya, unto de porco quatro libras, incenſo quatro onças, oleo de louro o que baſte, que ſaõ quatro onças para mortificar o azougue, faça-ſe unguento ſecundùm Artem.* Com eſte ſe curaõ os doentes

entes do Hoſpital, & outros muytos da Cidade com feliz ſucceſſo. Cabe *a cada onça, huma oytava de azougue, que ſe pòde applicar ao temperado, mas ao ſanguineo baſtarà meya, ao cholerico duas ou tres oytavas, ao fleumatico, onça & meya, ou duas onças, ao melancholico duas onças & meya, ou atè tres*; porèm para que ſe poſſaõ todas embeber com a fregaçaõ, convem applicallo por toda a perna, & braço, & naõ ſó nas juntas como abayxo diremos.

Numero 10.

A que partes ſe applicaõ os unguentos de azougue?

HOuve alguns Authores, que mandavaõ untar naõ ſómente as pernas, & braços, mas tambem a cabeça, & lombos, peyto, ventre, & finalmẽte todo o corpo. Porèm jà o uſo commum tem averiguado, q̃ naõ ſe devem *untar mais que as juntas das pernas, & braços, & apar dellas*, a ſaber, *munhecas com toda a maõ, cotovelos, hombros, artelhos, com todo o pé, joelhos, & quadris, & vem a ſer doze partes as que ſe untaõ, ſeys nas pernas, & ſeys nos braços.* Aſſim tem Nicolao Maſſa, Rudio, Alcaçar, & outros muytos, poſto que alguns naõ mandaõ untar ſenaõ *dos joelhos, & dos cotovelos para bayxo*, mas o que temos dito ſe coſtuma. Tirou-ſe eſte uſo de Avicena, que manda ſe guardem de untar *ſobre, ou perto dos membros principaes*, porque como o azougue tem ſua qualidade venenoſa, & he muy penetrativo, & ha perigo de com toda ella inteyra chegar aos membros principaes applicando-ſe ſobre elles, & fazer grande dano, como tem acontecido a peſſoas, a que untando incautamente a cabeça ſobrevieraõ apoplexias, epilepſias, & ſonos profundos; & outras untando o peyto ſincopes, tremor de coraçaõ, difficuldade no reſpirar, & finalmente morte. E por tanto encomenda Fracaſtoreo que naõ ſe untem eſtas partes dizendo:

Parce tamen capiti, & præcordia mollia vitæ.

Lib. de morb. gal. Tract. 4. cap. 2. Lib. 5. de morb. ven. cap. 15. Lib. 5. cap. 19. In Siph. 2. can. 47.

Numero 11.

Que quantidade de unguento ſe ha de applicar?

AQuantidade de unguento, que cada vez ſe deve applicar, diz Maſſa, que ſejaõ duas onças, porèm naõ ha de ſer mais que quanta ſe poſſa embeber, & ſumir nas ditas juntas com a forte fregaçaõ, que ſe coſtuma fazer, com tanto que haja aquella quantidade de azougue, que he neceſſario para a cura do mal. E por tanto convem que *de huma atè duas onças, ſe applique*, porque ſe he menos de huma, naõ baſta para untar todas as doze juntas, & ſe paſſa de duas, naõ ſe embebe com a fregaçaõ, ſalvo o eſtender por toda a perna, ou braço, & fica-ſe alimpando à roupa ſem proveyto. Onde ſe note que algumas vezes para acabar de embeber toda a quantidade, *quando he muyta, ſe póde tambem applicar por toda a perna, ou braço*: outras por ſer o unguento forte, he taõ pouco, que naõ póde chegar a todas as doze juntas, & neſte caſo convem *miſturar algum outro unguento, que naõ tenha azougue*, para ſuprir o que ha de menos, *com unguento roſado, manteyga crua, & ſemelhantes*, de que jà acima ficaõ exemplos.

Tract. 1. cap. 1.

Pelo que neſta quantidade de huma atè duas onças de unguento, ſe ha de tratar de meter o azougue, que he neceſſario para extinguir a mà qualidade, & evacuar os humores contagioſos pela boca, ou caminho, que o azougue tomar, & aquella, que permittirem as forças. Eſte he *de hum eſcrupulo atè nove*, como jà acima notàmos, & ordena Ruí Dias de la Isla, a quem neſta materia dou mais

credito, que a nenhum outro, porque como a quantidade, q̃ ſe ha de dar do medicamento evacuante, ſeja conjectural, & naõ ſe ſabe o que de cada hum convem, ſenaõ pela experiencia, conforme Galeno. E como eſte Author a teve mais de quarenta annos, em que curou de morbo gallico continuamente no Hoſpital del-Rey deſta Cidade, & do Salvador de Sevilha, & neſtes dous Povos grandiſſimo numero de enfermos, obſervou perfeytamente a quantidade de azougue, que ſe podia dar a cada natureza, & pelo uſo alcançou outras muytas particularidades deſte negocio, (como ſe vè no ſeu livro intitulado de Morbo Serpentino) que outros inſignes Medicos com ſuas letras naõ tocàraõ.

Cap. 11. Lib. 1. acutor. com. 11.

Numero 12.

Que numero de unturas convem darſe a cada enfermo?

NEſtes noſſos tempos como o doente naõ coſpe, ou naõ ſára com cinco, ſeys, ou ſete unturas, naõ uſaõ de ordinario a continuar mais com ellas, & temendo-as grandemente deyxaõ ao miſeravel ſem remedio. Mandaõ porèm os Authores que ſe continuem atè haver notavel evacuçaõ, principalmente pela boca, ou pelo menos por camara, & ſuores, & ſe remittirem os ſymptomas. Aſſim o determina Maſſa, Fallopio, Alcaçar, Rudio, Botallo, & outros muytos. Porque do numero dellas naõ póde haver regra certa, pois ha enfermo a que baſtaõ duas, tres, ou quatro unturas, & às vezes baſta a primeyra, como notou Fallopio, & eu tenho experimentado; de que logo ſe ſegue taõ notavel evacuaçaõ, que naõ convem tomarſe a untura: & ha outros, a que ſaõ neceſſarias ſete, doze, ou vinte. E ahi eſtà Nicolao Maſſa, que confeſſa dar a certo enfermo trinta & ſete; Pareu que dava algumas vezes quinze, & dezaſete, mas o ordinario he baſtarem de tres atè ſeys unturas.

Loc. cit. Trat. de morb. gal cap. 75. Loc. cit. cap. 17. Lib. 18. cap. 181.

Procede eſta variedade da natnreza do enfermo, & da fortaleza do unguento, porque ſe untarem ao cholerico, & facil com o unguento do melancholico, logo na primeyra untura rebentarà a boca de tal ſorte, que naõ ſeja neceſſario, nem poſſivel repetila; & pelo contrario acontecerà, ſe untarem o melancholico com a untura que convem ao cholerico, paſſará grande numero de dias primeyro que a boca rebente. Pelo que he neceſſario que cada hum ſe unte com ſeu conveniente mẽdicamento, o qual *antes deve peccar por fraco, que por forte*, porque mais ſeguro he fazer a cura de vagar dando muytas unturas, que brevemente com poucas, & com violencia, conforme ao aphoriſmo: *Quod paulatim ſit, tutum eſt. O que pouco a pouco ſe faz, he muy ſeguro.*

Ha-ſe logo de regular o numero das unturas, conforme outros evacuantes, pelo que pede o mal, & permittem as forças, como diz Hippocrates, *per conferentiam, & tolerantiam*, de que he final, ſegundo Nicolao Maſſa, *apparecer manifeſto fluxo de humidades de boca com dor, & inchaçaõ das gingivas, & remittiremſe os accidentes gallicos*, & havendo iſto ſe deve ceſſar com as unturas. Aſſim tambem ſe deve ceſſar com ellas ſobrevindo algum accidente grave, que impida o continualas, como deſmayos de fraqueza, inflammaçaõ de garganta, febre aguda, ancias do coraçaõ, & ſemelhantes; mas paſſando os taes accidentes, ſe o doente ainda tiver neceſſidade, ha-ſe de tornar a ellas, ſegundo os Authores allegados. Coſtumaõ os doẽtes cuſpir de ordinario, oyto, ou dez dias, & algumas vezes atè vinte, como nota Rudio, cuſpindo cada dia oyto, ou dez onças de fleuma.

1. aph. ult. Loc. cit.

Num. 13.

Numero 13.

Se o doente naõ cuſpir, nem houver outra evacuaçaõ com as unturas, que ſe ha de fazer?

ASſim como ha peſſoas, a que com muy pouca quantidade de medicamento purgativo ſuccede grande evacuaçaõ, outras ha que com muyta naõ ſuccede evacuaçaõ alguma conforme Galeno: aſſim tambem ſuccede que com muy pouco azougue coſpem algumas peſſoas notalvelmente, & lhes baſta a primeyra untura, a outras nem com muyta quantidade rebenta a boca. Quando poys com quatro, ſeys, ou ſete unturas, naõ haja evacuaçaõ manifeſta, póde ſer a cauſa o naõ baſtar a quantidade do azougue para aquella natureza, & aſſim convem accrecentala, como ordena Rudio, lançando mays no unguento, ou uſando de outro que tenha mays azougue, ou pondo mayor quantidade de untura, eſtendendo-a por toda a perna, & braço, fazendo ſua fregaçaõ muy boa. E ſe ainda aſſim naõ evacuar, advirta-ſe ſe paſſa o enguento de velho, como notou certo Author moderno, porque com a demaſiada velhice tambem perde a virtude, & ſe o for, faça-ſe, ou buſque-ſe outro mays novo. E advirta-ſe, que naõ deyxa o unguento de obrar tanto pela velhice, como por ſe aſſentar o azougue no fundo do vaſo por ſer muy peſado, & como as partes ſuperiores ficaõ ſem elle, tambem ficaõ ſem a ſua virtude. 1. acut. adtext.1

E ſe naõ for iſto, & com tudo naõ evacuar, diz Fallopio, & ſeu aſſeclar Rudio, que he a cauſa porque naõ penetra o azougue, & por tanto ordenaõ que o corpo ſe prepare de novo. Enganaõ-ſe porèm; porque o azougue penetra ſempre atè o intimo dos oſſos, & naõ deyxa de mover os humores ſenaõ pelas cauſas ſobreditas: & por tanto ſe deve ſeguir o que enſina Nicolao Maſſa, a ſaber, *que as unturas ſe continuem atè ſe remitirem os ſymptomas gallicos, & atè parecer que o doente ſe deſmaya, & enfraquece*; os quaes dous ſinaes moſtraõ ao claro baſtarem as unturas, porque como o azougue naõ ſómente pela evacuaçaõ manifeſta dos humores cura o mórbo gallico, mas tambem, & principalmente pela qualidade alexipharmaca, poſto que naõ mova a evacuaçaõ ſenſivel, inſenſivelmente a move algumas vezes, reſolvendo os humores, como nota Pareu, & com a dita qualidade extingue a venenoſa, de que ſe ſegue que naõ ha geraçaõ nova de humores vicioſos, & que os que havia ſe reſolvèraõ por inſenſivel evaporaçaõ, & depoys q̃ jà eſtaõ por eſte modo evacuados, & a qualidade correcta, naõ ſómente ceſſaõ os ſymptomas, mas ſegue-ſe laſſitudo, fraqueza, & deſmayo, porque naõ achando o azougue jà mays humores noxios, reſolve as humidades boas, & neceſſarias à conſervaçaõ do corpo, & por eſta cauſa ſaõ certos os ſinaes, que Maſſa diz para ſe haver de continuar com ellas atè que pareçaõ, & tanto que appareceremem, ſe deve logo ceſſar. O que confirma com a experiencia de certo enfermo, que por vezes fora untado, & curado por outros Medicos, ſem lhe aproveytar, & por naõ haver evacuaçaõ manifeſta, ceſſavaõ com as unturas: porèm Maſſa continuou untando-o trinta & ſete dias, em que appareceraõ os ſinaes ſobreditos, & ficou ſaniſſimo ſem haver recahida. A qual pratica obſervou tambem Lobera Medico inſigne, & manda que aindaque naõ appareça evacuaçaõ alguma, ſe continue com as unturas atè que o doente melhore, & ſinta certa anxiedade pelo modo, que declarou Maſſa. Advirta-ſe porèm que ſobrevindo alguns ſymptomas, (quando ſem haver evacuaçaõ com as unturas ſe continua) como ancias notaveys de coraçaõ, difficuldade no reſpirar, inquietaçaõ, & deſmayos, logo ſe deve ceſſar, lavar o doente, & acudirlhe como abayxo diremos,

Lib. 18. cap. 22.

L.b de morb. gal. cap. 11.

mos, & paſſados os ditos ſymptomas ordenarlhe a cura por outra via. Porèm naõ ſobrevindo os taes ſymptomas, naõ ſe póde reprovar a continuaçaõ das unturas atè que o enfermo ſáre pelas razoens, que diſſemos; nem tambem eſtranhar o que fez Maſſa dando trinta & ſete unturas, poys a razaõ, & o bom ſucceſſo o confimàraõ.

Numero 14.

De que modo ſe applica o unguento?

Lib. 5. cap. 19. NAõ deve de ſe aquentar ao fogo, porque ſe derrete, & apartaoutra vez o azougue aſſentando-ſe no fundo do vaſo, como adverte Alcaçar, mas com as mãos quentes eſfregaràõ tanto, & taõ fortemente nas juntas, que com a grande fregaçaõ aqueça; couſa, que ſerve tanto para a boa actuaçaõ delle, que mal, ou de nenhum modo ſe actua, ſe lhe falta. E para que eſta obra melhor ſe faça, *haverà humas brazas apar da cama, em que as mãos, & juntamente nellas o unguento ſe aquentem, & comecem de untar os artelhos com todo opé, & logo os joelhos, & quadris, & depoys diſto os hombros, & apos elles os cotovelos, & no fim de tudo as mãos.* E ſe o doente for robuſto que com as ſuas proprias ſe poſſa untar, lhe ſerà de mays proveyto: naõ ſeja porèm taõ forte a fregaçaõ que ao doente faça dores, ou moleſtia conſideravel, eſpecialmente ſendo fraco, ou menino, ou peſſoa muyto dilicada. Depoys da untura ſe coſtumaõ cobrir as partes untadas com eſtopas, & atarlhe panos, porèm acha-ſe por experiencia que naõ he iſto neceſſario, por quanto da mão fica logo o unguento embebido nas partes.

Acabada a untura ſe cobrirá muyto bem o enfermo na cama, deyxandolhe a cabeça de fóra, & ſe vier ſuor, o receba, & ſe naõ ſuar, naõ importa, porque a obra de azougue coſtuma de ordinario ſer outra; a ſaber, a evacuaçaõ da boca, poſto que às vezes move ſuores, ourina, & camaras: & havendo ſuor, que molhe camiſa, coſtumaõ de ordinario mandar ao enfermo que a naõ tire, cuydando que ſe a tirar, ſe impedirà a operaçaõ do azougue. Eu porèm com Leonardo Bo-
Cap. 17. tallo uſo o contrario, & me parece inconveniente enxugarſe a camiſa no corpo, porque eſfriando tapa os póros, & refrigera os nervos, que he couſa danoſa neſte mal, & às vezes renova as dores; pelo q̃ he melhor lançala fóra, & viſtir outra quente, porque nem por iſſo deyxa o azougue de fazer ſua obra, como a experiencia me tem moſtrado; & quando algum tanto ſe remitta, iſſo ſe poderà ſupprir com dar mays untura, que he menor inconveniente, que ficar no corpo a camiſa molhada.

E ao untar eſteja debayxo de pavelhaõ, ou ſemelhante couſa, que defenda ao enfermo da alteraçaõ, que pòde fazer o ar ambiente, tendo tambem por eſta meſma cauſa o brazeyro ſobredito apar da cama, que logo ſe tirará depoys de feyta a untura, porque os vapores do fogo naõ offendaõ a cabeça.

Numero 15.

A que tempo ſe deve applicar o unguento, & qualquer outra medecina de Mercurio?

DO tempo ſe pòde entender a occaſiaõ, o tempo do anno, & a hora do dia. A occaſiaõ, conforme Galeno, he preſença dos indicantes, & auſencia dos
Lib. de opt. ſect. cap. 38 6. aph. 47. prohibentes deſte remedio, dos quaes tratamos em ſeu Capitulo. O tempo do anno ſe ha de entender, a eleger o mays temperado, *que he a Primavera, & Outono*, como ſe colhe de Hippocrates, & de Galeno. A hora elegiaõ os antigos depoys de cea ao recolher do ſono, para que tendo mays força, por razaõ do comer,

comer, reſiſtiſſem mais ao trabalho da cura, & para que pelo ſono da noyte melhor ſe actuaſſe. Porèm como a evacuaçaõ depoys de comer he menos ſegura, conforme Galeno, ordenàraõ os modernos que foſſe *pela manhã em jejum, ſenaõ for que pela fraqueza do enfermo ſeja neceſſario dar lhe antes algumas gemas de ovos ou caldo de gallinha, ou ſemelhantes, lançandolhe primeyro criſtel, ſenaõ acudir a natureza.* Repitaõ tambem alguns a untura *pela tarde antes de cea*, mas em uſo eſtà que naõ ſe dè mais que huma no dia, ſalvo quando as unturas ſaõ muyto brandas, & a boca naõ arrebenta, & o doente he robuſto, porque neſtes caſos convem repetirſe à tarde antes de cea, ſete horas depois de ter jantado. 4. de ſanit. c. 5. 9. met. 6. 4. & 12. alibi.

ANNOTAÇOENS.

Numero 1.

HE o azougue o mais efficaz. *Entre todos os remedios que os Medicos applicaõ para curar os males que o corpo humano padece, nenhum he taõ efficaz nos ſeus uſos, como o azougue em extinguir o gallico, & a quinaquina em curar ſezões intermittentes. Raras vezes deyxa de aproveytar eſte generoſo febrifugo, dando-ſe em ſua occaſiaõ genuina; & raras vezes tambem deyxará o azougue de curar o gallico, ſe ſe der a tempo que a natureza poſſa receber algum beneficio dos remedios. Mas a laſtima he, que occupando muytas vezes o tempo com outras curas, ſe ponhaõ os gallicados em termos de lhes naõ utilizar a do azougue, quando ſó à ſua poderoſiſſima virtude anti-venerea cede o gallico mais activo, & mais inveterado; porque os mais alexipharmacos, ainda que curem os achaques gallicos, naõ extinguem radicalmente o contagio que os excita; aliviaõ, mas naõ curaõ; começaõ a cura, mas naõ a acabaõ; porque ſempre deyxaõ a raiz do mal nos ſeminarios contagioſos, que em alguma parte ficaõ para tornarem a ſuſcitar; o que naõ ſuccede com o azougue, que como he muy penetrativo, naõ ha parte no corpo a que naõ chegue, & em que naõ extinga o fermento exotico, & venero. Ouçamos tudo iſto por boca de Barbeyrac:* 1. Corpore præparato, ad hydragiroſin concurrendum, qua ſola mali radix evellitur; ſudoriferis quidem guajaci, ſalſæ parrillæ, & alijs minuitur quidem affectus, ſed nunquam prorſus aufertur; ea inchoant curationem, ſed non perficiunt; tempore ſiquidem reviviſcit virus, & recurrunt ſymptomata; ideoque tota curationis ſpes in hydargiro ritè adminiſtrato recumbit. *Nòs temos grande uſo do azougue, porque com elle curamos ordinariamente eſte contagio, com tal atrevimento, & confiança, que contra a doutrina de Madeyra, o damos nos caſos em que elle, & a pratica vulgar o prohibe; podendo ter algum deſvanecimento de haver ſido o primeyro Medico, que puzemos empraxe a cura do azougue na preſença dos ſeus prohibentes, como ſe póde ver no Tratado que ſobre iſto eſcrevemos, o qual ſe achará na noſſa Medicina Luſitana. Nem ſabemos para que he outro genero de cura nos achaques gallicos, mais que o mercurio, quando he quaſi infallivel, & quando ſe faz a ſua cura com tal ſuavidade, & tal brandura, que a ſofrem mesmos de mama, mulheres prenhadas, & todas as idades, & naturezas, que por debilitadas naõ eſtejaõ entregãdo a vida nos braços da morte. Uſa-ſe o azougue, ou tomado pela boca, ou applicado em unturas; quando ſe toma pela boca, ſendo bem dulcificado, conclue ſuavemente as curas. O meſmo fazem as unturas, eſtando exactamente preparado o corpo. E ainda que o azougue applicado em unturas ſe faça mais horroroſo, entendaõ que naõ he menos efficaz, & ſeguro que as panacèas mercuriaes, que ſe tomaõ pela boca, nas quaes ſe precipita, & prepara o azougue com ſaes acres, & corroſivos, que com as lavações ſe naõ ſeparaõ bem, nem ſe tem-* 1. Barbeyr. apud Bonet. tom. 3. theſ. medic. pract. lib. 5. de lue ven. cap. 34. fol. mihi 507. §. 61.

perão com ellas de maneyra, que não ſe deva temer que excitem graves danos, que as unturas por eſte principio não pódem cauſar.

Mova accidentes trabalhoſos. *E ſe algumas vezes ſucceder que com o azougue, ou tomado pela boca, ou adminiſtrado em unturas, ſobrevenhão danos graves, que ponhão os doentes em perigo de que não poſſão livrar, nem por iſto ſe ha de fugir da cura: porque em todas acontecem ſuas infelicidades. Muytos tem acabado a vida tomando ſuores; muytos renderão a alma ao ſeu Creador com huma ſangria, com huma purga, & com varios remedios de que cada dia uſamos com utilidade, & não parece juſto que por hum ſucceſſo infauſto ſe neguem aos doentes os remedios com que pódem ter ſaude. Bellamente a eſte propoſito o inſigne Thomàs Rodrigues da Veyga:* 2. Nec omittenda (*diz elle*) ſalus multorum ob noxam unius; alioquin tota Ars eſſet omittenda; nam omne conjecturale aliquando errat; non tamen utitur vir probus periculoſis in morbo levi. *Sendo aſſim que os danos que ſe experimentarem na cura do azougue, hão de ſer nacidos, ou delle não ſer bem preparado; ou de não terem precedido as evacuações neceſſarias, ou de o não ſaberem adminiſtrar rectamente. Nisto nos tem confirmado a experiencia. Achamos muytas vezes doentes, que intentão chegar à cura do azougue com hũa leve preparação; & achamos tambem Medicos, q̃ por lhe fazerem o goſto, os põem a perigo de lhes acabar a vida, com o remedio que lhes dão para ter ſaude. Aſſim ſuccedeo ha pouco tempo neſta Corte a huma mulher illuſtre, padecia ella achaques, a que por confiſſão de ſeu marido ſe entendeo que ſe devia cura mercurial; & ſendo chamado para ſe reſolver ſe havia de uſar della: fomos de parecer, que ſe purgaſſe primeyro exactamente; porque eſta era a fundamental circunſtancia desta cura, ſem a qual podia verſe a doente em algum trabalho grande. Mas ella por mimdroſa, & o Medico que lhe aſſiſtia por complacẽte, aſſentàrão em q̃ baſtava a leve evacuação de huma agua ſolutiva, que tinha tomado; & chegando as unturas de azougue, lhe acudio tanto humor à boca, & garganta, que eſteve ſuffocada; & ſuſpendendo o curſo da cura, foy preciſo acodir aos danos della, de que livrou com grande trabalho. Eys-aqui porque ſuccedem algumas diſgraças com o azougue, porque não ſabem uſar delle; & parece que ha de culparſe mais a inſciencia de quem o miniſtra, do que a fereza do meſmo medicamento de que ſe uſa. O que he neceſſario, Senhores, para ſe fazer ſem tropeço a cura do azougue, he preparar exactiſſimamente o corpo, que logo ſe achará ſuave a cura que ſe teme. O azougue move os humores que acha no corpo, & ſe acha muytos, move muytos; & dando com elles nas glandulas ſalivaes, póde ſuffocar os doentes. Por iſto he preciſo evacuar exactamente os humores antes de chegar ao azougue; principalmente uſando-ſe em unturas; que já quando ſe toma pela boca, póde-ſelhe ajuntar diagridio de Paracelſo, ou outro medicamento ſolutivo, com que ſe vão deturbando pelo ventre os humores que o mercurio for movendo. E quem não puder fazer eſtas tão exactas preparações, ſayba, que não he capaz deſta cura. Tambem ſuccedem deſaſtres com a cura do azougue, por não ſer bem preparado; aſſim vemos cada dia tomar-ſe em pirolas, & logo nas primeyras exhibições arrebentar a boca, inflammarſe a garganta, & ſalivarem os enfermos copioſiſſimamente, cuydando que ficão ſãos, porque babárão muyto, ſendo que não he o babar o que cura o gallico: porque ſe oſſe, uſariamos de outros remedios que promoveſſem hum tialiſmo, ſem os perigos que do azougue ſe temem. O que cura o gallico, he o azougue, & quanto mays benigno, quanto mays doce, & manſo elle for, melhor cura; porque ſe póde tomar em mayor copia, & cura então com mayor certeza ainda que não mova alguma ſalivação. Muytas vezes nos tem ſuccedido dar mercurio com diagridio, quinze dezoyto, & vinte dias, ſem mover ſalivação alguma, & ficarem ſaniſſimos os doentes. Prepare-ſe bem o corpo, dulcifique-ſe bem o mercurio, & adminiſtre-ſe com arte, & com prudencia, logo verão eſ-*

2. Veyga in praxe cap. 16. de phthiſi.

tupendos

tupendos ſucceſſos, ſem que na cura ſobrevenhaõ danos graves.

Numero 2.

QUatro eſpecies. *Ainda que o Author diz, que ha quatro eſpecies de azougue, havemos de entender, que naõ ha mais que duas; a ſaber, azougue nativo, & azougue artificial. O nativo he o que ſe acha nas minas ſem miſtura de algum metal. O artificial he o que a Chimica tira dos metaes perfeytos, & dos mineraes metallicos, ou ſemimetaes, qual he o antimonio. A eſte azougue artificial chamaõ* mercurio dos corpos, *porque ſe tira dos corpos metallicos. Ao nativo chamão virgineo, porque ſe acha puro, purgado ſem a violencia do fogo, como o artificial, & eſte he o melhor azougue, principalmente ſe tiver a ſua minera junto às minas do ouro, ou da prata; razaõ porque Eſcrodero* 3. *prefere a todos, os azougues de Eſpanha, & de Hungria. Deſtas duas eſpecies de azougue ſe tiraõ, & fazem varias preparações, como o ſublimado, que he huma das quatro eſpecies do Author.*

3 Schrod. 3 de mar crecoim. cap. 15. fol. mihi 554.

Numero 3.

TEm o azougue partes diverſas. *Pelos diverſos effeytos que do azougue ſe obſervão, entenderaõ muytos Authores a quem ſegue Madeyra, que havia nelle diverſidade de partes, de que naceſſem taõ differentes productos. Os que attenderaõ a que o azougue offendia os nervos, fazendo tremulos os homens que o tiraõ das minas, & as peſſoas que dão unturas mercuriaes, cuydàraõ que era frio. Os que contemplàraõ em ſer o azougue taõ penetrativo, & erodente, que penetra, & corroe os metaes, & que applicado nas pernas, ſe acha depois nas chagas da cabeça, & em que reſolve os tumores duros, & excita febres: tivèraõ para ſi que era quente. Outros vendo effeytos de calor, & de frio, diſſerão, que havia no azougue partes frias, & partes quentes, como o Author affirma com Unzero, Braſſavolo, Foreſto, Caſtro, Saxonia, & outros; enganando-ſe todos: porque o azougue he hum mineral homogenio, em que naõ ha a diverſidade de partes heterogeneas, das quaes ſejão humas quentes, & outras frias. Moſtra-ſe claramente: porque ainda que a Chimica dè varias formas ao azougue, & pela diverſa miſtura dos ſaes faça delle diverſas preparaçoens, convertendo-o em pó, deſtillando-o em agua, calcinando-o, ſublimando-o, precipitando-o: nunca o azougue perde as ſuas partes, porque torna outra vez a por ſe vivo; & aſſim ſe tem achado nos tumores, & nas cavidades dos oſſos o azougue que ſe tinha applicado em unturas, como diſſémos mais largamente no tratado que eſcrevemos do uſo do azougue nos caſos em que he prohibido, aonde fomos de opiniaõ que o azougue era frio, pelos fundamentos, que no* Capitulo III. *do dito Tratado ſe pódem ver.*

Participa de qualidades venenoſas. *Mathias Unzero proferio grandes encomios do azougue na ſua Anatomia Eſpagirica, affirmando que não havia nelle qualidades venenoſas; ſendo aſſim que os perniciоſos effeytos que cauſa, bem moſtrão que he venenoſo, como diſſémos no Tratado do uſo da azougue,* Capitulo IV. *Mas o ſeu veneno ſe doma, & ſe infringe de maneyra, que ſe toma o azougue pela boca, ſem reſultar nenhum dano, ſendo bem dulcificado; que preparando-ſe mal, & não ſe uſando bem, excita danos, ſobre o que ſe veja o que obſervàmos no dito Tratado,* Capitulo IX. num. 4.

Sem que preceda evacuaçaõ manifeſta. *Muytas vezes temos obſervado curarem-ſe com azougue homens gallicadiſſimos, ſem que do uſo deſte medicamento ſe ſeguiſſe ſalivaçaõ, nem outra alguma evacuaçaõ manifeſta; nem para ſe extinguirem os ſeminarios gallicos he neceſſario evacuação alguma, fazem ſe ellas antes de chegar ao azougue; porque como elle ordinariamente move os humores para as partes altas, parece razão evacualos, porque não mova tantos, que offenda gravemente com elles. Ago-*

ra de preſente eſtamos concluindo a cura de hum gallicado em taõ alta eſpecie, que naõ podia dar hum paſſo, nem comer por ſua maõ; o qual tem tomado em dezaſete dias mercurio branco, ſem cuſpir, nem babar nem ſentir incommodo algum na boca, & garganta, & acha-ſe taõ bom, que bem moſtra eſtar perfeytamente curado.

Reduz os tabidos gallicos. *Taõ efficaz he a virtude do azougue nos achaques gallicos, que cura perfeytamente os hecticos, reduzindo-os a ſeu habito natural, como diz Madeyra, o que nos temos viſto muytas vezes, dando azougue em hecticos, & tiſicos gallicados, que eſtavaõ fóra de toda a eſperança de vida, nem poderiaõ conſervala por meyo de outros remedios; do que ſe vejaõ as Obſervações que expúzemos no Tratado do uſo do azougue,* Capitulo X. *Naõ ha muyto tempo que Dom Miguel da Sylva eſtando hectico gallicado, ſe reduzio à ſaude com azougue que tomou pela boca, como vio toda eſta Corte, depois de lhe naõ haverem aproveytado os varios remedios de que uſou muyto tempo.*

Mata lombrigas. *De todos os remedios que ſe uſaõ para matar as lombrigas, he o azougue o mais generoſo; porque baſta beber a agua em que ſe lave vivo, para livrar dellas. Lançaõ-ſe duas onças de azougue em huma quarta de agua; & em tirando alguma, lança-ſelhe mais, para que eſteja ſempre a quarta bem provida; naõ ſe bebe outra agua, nem he neceſſario outro remedio para ſe preſervar de lombrigas quem a beber. Tambem ſe dà o mercurio doce em pó a toda a peſſoa que padece lombrigas; & atè aos meninos de mama ſe lhes lança pela boca com huma colher de leyte, ou de agua, repetindo-o muytas vezes, o que ſe faz jà por uſo, ſem controverſia, nem conſulta; mas notamos nòs, que naõ ſe duvidando em dar o mercurio aos meninos para os curar de lombrigas, quando ſe podiaõ ſoccorrer com outro remedio, dos muytos que ha: ſe duvide muyto em lhes dar o meſmo mercurio para os curar de gallico, naõ ſó a elles, mas a peſſoas adultas, quando naõ tem outro remedio, que taõ certamente lhes poſſa valer. Deſorte que para lombrigas daõ mercurio ſem reparo; para gallico reparaõ muyto em dar mercurio. Para lombrigas, que ſe pódem matar com çumo de ortelã, ou com outros muytos remedios, naõ ſe teme a fereza do azougue; para os achaques gallicos, que naõ cedem taõ facilmente a outra cura, teme-ſe muyto a violencia deſta. Mas iſto faz quem exercita a Arte com pouca conſideraçaõ. Aos meninos que mamaõ da ſelhes de cada vez tres, ou quatro grãos de mercurio doce, em huma colher de leyte, & repete-ſe cada dia; ou ſe lançaõ vinte grãos de mercurio doce em cinco onças de agua de beldroegas, ou da fonte, & reſolvendo-a bem, da-ſelhes varias vezes no dia humas colheres della, & a eſte reſpeyto ſe póde dar nos adultos.*

Se acha dentro delles. *Tem-ſe achado azougue vivo dentro nos tumores a que muytos annos antes ſe havia applicado em unturas; & nas cavidades dos oſſos de cadaveres conſumidos da terra, donde ſe conhece claramente, que ficando o azougue no corpo, ou ſe tomaſſe pela boca, ou ſe applicaſſe em unturas, torna outra vez a tomar a ſua primeyra fórma, & ſempre conſerva a ſua virtude. E eſta he huma das razões porque ficaõ mais livres de recahida os que ſe curaõ de gallico com azougue, do q̃ os que uſaõ dos outros alexipharmacos; porq̃ a eſtes altera-os a natureza, & detend-ſe muyto tempo no corpo, naõ conſervaõ a ſua fórma, nem virtude alexipharmaca, como ſuccede ao azougue, que ficando com toda a ſua virtude, extingue todas as reliquias do contagio, que reſtàraõ das curas. Mas com tudo iſto, he neceſſario tiralo do corpo, havendo ſinaes de ficar nelle acabada a cura; porque he tal o ſeu orgulho, & inquietaçaõ, que póde cauſar graviſſimos incommodos. De que maneyra ſe ha de lançar fóra, ſe diz no* Capitulo XXVII. num. XIX.

Numero 20.

UNtando incautamente a cabeça. *O azougue he taõ penetrativo, que applicando-se nas partes mais distantes, chega a offender muytas vezes a cabeça, o que com facilidade se communica; & se o azougue se applicar nella, será muyto mayor o dano. Em Mirandella succedeo, que hum moço de boa saude, tendo algumas pistulas na cabeça, que entendeo procedião de criar muytos piolhos, puzesse na cabeça hum pouco de unguento de azougue para matalos; mas dentro de poucas horas se lhe erisipelou a cabeça, & cara, & lhe veyo huma febre ardentissima, com ancias, vomitos, jouços, fastio, & sede; danos com que esteve em grandissimo perigo. Por isto he necessario advertir que se naõ chegue com azougue à cabeça, nem a outra parte principal.*

Numero 12.

UNturas. *O numero das unturas que se haõ de dar naõ he facil de determinar por escrito; senaõ que no uso dellas a ha de resolver o Medico, ou Cirurgiaõ que assiste à cura. Nós tivemos já doentes que tomàraõ dezoyto unturas em dias continuados, porque com menos se lhe naõ promoveo a salivaçaõ. Outros chegàraõ a igual numero sem salivar, nem ter outra evacuaçaõ sensivel; & naõ continuàraõ com mais unturas, porque cessando os danos que padeciaõ, entendemos que estavaõ perfeytamente curados. Com 18 unturas curamos nós hum tisico empiematico, quando naõ havia esperança de que livrasse de mal taõ grande, que no discurso de dous annos tinha desprezado innumeraveis remedios, chegando o doente a huma extremosa emaciaçaõ, lançando grande copia de escarros purulentos, estando inchado das mãos, & pernas disformemente; mas foy Deos servido, que às nove unturas cessasse a tosse, & parassem os escarros, & cõ as mais se curasse a chaga, ou vomica do empiema, de tal modo, que dentro de hum mez estava bem convalecido, & posto na melhor saude, de que gozo sem repetiçaõ do achaque de que ha sete annos se curou. Este caso se achará com mayor individuaçaõ na nossa Medicina Lusitana, no* Capitulo X. *do Tratado que escrevemos do uso do azougue nos casos em que he prohibido.*

O azougue no fundo do vaso. *Huma das causas porque com as unturas se naõ provoca salivaçaõ algũa, he o decer o azougue ao fundo do vaso em que està o unguento; porque ainda que o azougue esteja reduzido a fórma de unguento, chegando-se este ao fogo, dece o azougue ao fundo, & fica o unguento menos vigoroso. E por isto adverte com razaõ Zacuto, 4. que se naõ chegue o unguento ao fogo, quando se houverem de untar os gallicados:* Unguentum (*diz Zacuto*) non calefiat ad ignem; nam argentum vivum ad fundum vasis descendit, & nullius activitatis redditur illinitio. *Ha de applicarse o unguento frio, com as mãos quentes, & ha de aquecer nas fregações fortes com que se applicar.* Zac. 4. prax. hist. c. 1. de morb. gall. fol. 173.

CAPITULO XXVI.

Dos indicantes, & prohibentes da cura do azougue.

Numero 1.

A que affectos gallicos convem a cura do azougue.

COmo seja cousa certa curar o mercurio o morbo gallico, & ser grande remedio delle, consequentemente se segue ser indicado de tal affecto, & ser este o que o indica. E como os affectos gallicos indicantes sejaõ varios, he necessario saber se convem a todos. Ao que respondo, que como a cura do azougue

entre todas he a mais efficaz, tambem he mais accommodada aos affectos gallicos mais fortes, quaes ſaõ os da quarta, & terceyra eſpecie, principalmente ſe naõ tem obedecido a outras curas, conforme àquelle aphoriſmo: *Extremis morbis extrema exquiſitè remedia optima ſunt: às enfermidades extremas convem remedios extremos.* E como os da primeyra, & ſegunda eſpecie, ſejaõ leves, naõ ſe devem curar com azougue, ſalvo naõ houver os outros alexipharmacos, ou o doente for taõ pobre, que naõ os poſſa tomar, ou taõ mimoſo, que os naõ queyra beber, ou tiver algum prohibente que naõ permitta tomarem-ſe, ſegundo adverte Rudio, com o tal calor de figado, ou rins, que naõ ſofraõ hum leve cozimento de ſalſa, como algumas vezes experimentàmos. Nos quaes caſos *uſaremos das unturas na primeyra, & ſegunda eſpecie, dando-as taõ leves, que naõ movaõ accidentes de conſideraçaõ*, o que ſe farà diminuindo a quantidade do azougue, applicando a cada compleyçaõ menos do que lhe convinha ſe o mal fora mayor, à imitaçaõ de Avicena, que pela diminuiçaõ da quantidade faz medicamento brando do forte; pois todo o agente natural para produzir o effeyto, a que póde chegar ſua actividade, ha miſter a quantidade devida, conforme Galeno. E por eſta cauſa diminuindo a quantidade do azougue, naõ ha duvida que ſe poſſa fazer medicamento leve. Irſehaõ logo dando as unturas nos ditos caſos a tento, & de tal ſorte, que como na boca houver qualquer ſombra dos ſinaes coſtumados, logo ſe deſiſta dellas, & deſcãçando algum dia, parecendo que he neceſſario mais medicamento, ſe tornaráõ a repitir, atè que ſe entenda que a mà qualidade eſtà de todo extincta, que ſe conhecerá ſe de todo ceſſarem os ſymptomas.

1. Aph. 6.

Lib. 5 c. 15. cit.

Fen 54. tit. 2. c. 7.

Lib. 3. ſimpl. c. 23.

E tornando aos affectos de terceyra, & quarta eſpecie, tambem ſe ha de conſiderar a vehemencia delles, a radicaçaõ, que tem feyto no vivente, & a reſiſtencia, que pódem ter. E ſendo taes que ſe poſſa eſperar vencelos com os remedios de ſalſa, ou páo, naõ uſarèmos da cura do azougue, como, aconſelhaõ Fallopio, Rudio, & outros graves Authores, pois he regra geral na medicina que a cura ha de ſer a mais ſegura, & ſuave que for poſſivel: *Præſtantiſſimi medici eſt, ut tutò medicetur.* E como a do azougue coſtuma ſer moleſta, & algumas vezes perigoſa, naõ ſe deve fazer, quando a enfermidade ſe puder remediar por outra mais ſegura, & de menos trabalho, qual he a que ſe faz com a ſalſa, & páos para eſſe fim appropriados.

14. met. c. 13. & 12. met. cap. 1.

Numero 2.

Que couſas ſaõ as que pódem impedir a cura de azougue?

TEmos declarado os indicantes, que ſe pódem curar com medicamentos de azougue, & porque he neceſſario que naõ haja prohibentes, conforme Galeno, reſta declarar quaes ſejaõ, para pela auſencia delles acharmos a occaſiaõ, & tempo de ſe applicar o dito remedio.

Loc cit. De opt. ſect. c. 38

A tres generos de couſas pertẽcem os prohibentes, aſſim para applicaçaõ deſte remedio, como de todos os de que uſa a medicina, a ſaber, *as couſas naturaes, naõ naturaes, & preternaturaes.* Porque como todas as couſas naturaes indicaõ que ſe haõ de conſervar, conſequentemente prohibem tudo o que as póde corromper. E pelo contrario as preternaturaes, como indicaõ que ſe haõ de tirar, por conſequencia prohibem tudo o que as póde produzir, ou conſervar. As outras que chamaõ naõ naturaes, por ſi naõ indicaõ, nem prohibem, ſenaõ em quanto ſe haõ por parte de humas, ou de outras, por tanto naõ ſaõ taõ propriamente indicantes, ou prohibentes, como final, ou cauſa delles.

Num. 3.

Numero 3.

Como impedem as cousas naturaes.

AS cousas naturaes, chama Galeno, *indicantes, ou prohibentes*, & entre ellas *he o principal a virtude, ou forças*, porque assim como os fortes, & valentes sofrem toda a cura, por ardua que seja, conforme Galeno: *Ubi vires valentes sunt, omnia contemnunt, & tolerant*: assim tambem os fracos naõ pódem sofrer a violencia do azougue: *Ubi verò infirmæ sunt, vel abs quovis offenduntur*. Pelo que ao enfermo, *em que totalmente as forças estaõ postradas, totalmente se lhe naõ dará a cura do azougue*; porèm àquelle, em que deste modo o naõ estaõ, darselheha naquella moderaçaõ, & quantidade que ellas sofrerem, mas com grande advertencia, segurando sempre por menor quantidade, & vezes. E do mesmo modo por razaõ das forças saõ impedimento para o uso do Mercurio as idades de menino, & velho, porque os decrepitos, & os meninos de mama saõ menos accommodados para esta cura, por faltarem em huns, & outros as forças, que ella requere. Advirta-se porèm que naõ saõ totalmente incapazes, porque taõ branda se pòde ordenar, que se possa fazer a meninos de mama, como experimentàraõ Eustachio Rudio, Nicolao Massa, & Leonardo Botallo, que affirmaõ terem experimentado applicar-se o azougue a crianças, que mamavaõ, & sararem perfeytamente, porèm applicava-selhes taõ pouco unguento de Mercurio, que diz Rudio, que naõ excedia a quantidade de huma lentilha para cada junta. Mas da cura dos meninos fallarèmos mays largo em seu Capitulo. O temperamento do enfermo tambem se póde contar entre os impedimentos quando he muyto cholerico, & delicado, porèm naõ he impedimento, que totalmente a prohiba, mas moderalhe a quantidade assim do pezo do azougue, como das vezes, que se deve applicar. De sorte que ao cholerico convem menos que ao sanguineo, & a este menos que ao fleumatico, & assim nos mays.

11. met. cap. 14. 11. met. cap. 4.

Loc. cit. Lib. de morb. gal. tract. 4 cap. 2. Lib. de lue ven. cap. 27.

Numero 4.

Como impendem as preternaturaes.

ENtre as cousas preternaturaes, q̃ saõ impedimẽto desta cura, conta Rudio a febre, naõ sómente hectica, mas qualquer outra, & magreyra de todo o corpo. Engana-se porèm em cuydar que totalmente a impedem, porque Nicolao Massa, Ruí Dias de la Isla, Pero Lopes de Leaõ, & outros tem por experiencia, curarem-se com unturas de Mercurio as hecticas gallicas, & quaesquer outras magreyras, ou febres que de qualidade gallica dependem, & assim tem o uso, & pratica commua naõ deyxarem de se untar, & dar suores aos febricitantes, & marasmados de morbo gallico, de que succede sararem todos. Mas saõ estas magreyras, & febres, impedimento, que prohibem fazerse a cura com toda a força, & rigor, & permittem sómente que se applique menor quantidade de azougue, & por intervallos, atè o doente cobrar mays forças, como advertirèmos em seu Capitulo, & provarèmos na segunda Parte em sua questaõ particular.

Loc cit.

Loc. cit. Lib. de morb. fer. Lib. de morb. gal.

Quæst. 17. art. 4.

Saõ totalmente impedimento da administraçaõ do azougue todos os estillicidios que decem ao peyto, pelo receyo, que ha de se moverem mays com as unturas, & suffocar de repente ao enfermo, & por tanto *naõ se devem dar nem fortes, nem brandos a tisicos, nem asthmaticos, nem aos que lançaõ sangue do bofe, nem aos que padecem rouquice, nem àquelles q̃ saõ muyto sogeytos a esquinencias*, porq̃ como o mercurio move humores à cabeça, & partes da boca, ha perigo de se precipitar, & fazer

fazer hum catarrho ſuffocante, que em breve eſpaço conclua com o doente.

In obſer. prop. Lib de luc mar. 1. Nem obſta contra iſto huma obſervaçaõ de Tobias Cucudino, onde diz *curar huma rouquidaõ antiga com huma pirola de turbeto mineral*, que naõ he outra couſa, ſegundo ſe collige de Thomàs Jordano, ſenaõ o azougue precipitado, porque eſte caſo, poſto que ſuccedeo bem, naõ he dos que ſe devem imitar, pelo perigo de poder ſucceder o contrario.

Lib. 5. c. 79. 13. met. 6. & 11. Contaõ alguns, como Alcaçar, entre os impedimentos as chagas da boca, & garganta, dando por razaõ que naõ deve de ſe evacuar o humor pela parte affecta, conforme Galeno. A experiencia porèm moſtra que eſtes ſe enganaõ, porque cada dia vemos darem-ſe unturas aos que tem eſtas chagas, & tazerem-ſe outras muytas corroſivas na lingua, & toda a boca, & as que eſtavaõ do morbo gallico, ſararem logo, & no fim da cura ficar tudo ſaõ. E aquelle lugar de Galeno, que allegaõ, entende-ſe do principio das inflammações, como ſe vè das palavras do texto, & naõ do caſo que tratamos.

Lib. de luc. ven. Se o doente for ſugeyto a gotta coral, *tambem ſe lhe naõ fará cura de azougue*, porque elle por ſi a move, conforme Fernelio, nem ſe antes do morbo gallico tiveſſe *parleſia*, *convulſaõ de nervos*, conforme Rudio, ou porque o azougue os enfraquece; porèm pouco tempo ha q̃ eu vi hum, que eſtava tolhido de ambas as pernas, & tinha ido às Caldas ſem lhe aproveytarem, & com o mal naõ ter complicaçaõ com o morbo gallico, lhe aproveytàraõ grandemẽte *os fumos do cynabrio* com que babou muyto, & pode logo mover os pès, & pernas, que atè eſſe tempo eſtavaõ totalmente tolhidas.

Lib. de morb. gal cap. 76. Os vicios dos olhos naõ ſaõ impedimento deſta cura, porq̃ Fallopio vio ſararem chagas delles *com os fumos de cynabrio*: & Euſtachio Rudio vio ſararem com as unturas homens, que viaõ mal, & que totalmente eſtavaõ cegos por obſtrucçaõ dos nervos opticos, naõ lhe tendo aproveytado outros remedios, que dantes ſe lhe tinhaõ feyto.

Em tumores de cabeça, glandulas de peſcoço, & alporcas, receaõ alguns o mercurio: porèm eu lhe naõ acho inconveniente por onde ſe deyxe de applicar, antes extinguindo-ſe a mà qualidade, & evacuando-ſe grande copia de humor craſſo, & viſcoſo, (que he a cauſa dellas) ſe póde eſperar ſaude de affectos aliàs incuraveys.

Havendo gonorrhea purulenta, ou tumor de verilha, ou chaga de parte bayxa, ou qualquer outro contagio de morbo gallico incipiente, que ainda ſe naõ tenha communicado ao figado, ou poſto que ſe tenha communicado, ſe a communicaçaõ for pouca: naõ ſe uſe de cura alguma de azougue, porque como move os humores para cima, farà grande danõ em tranſmutar o contagio para as partes nobres onde o naõ havia, ou accreſcentalo nellas. Pelo q̃ naõ ſe uſarà delle ſenaõ em caſo que o dito tumor, ou gonorrhea, ou chagas ſejaõ antigos, & jà dependentes do morbo gallico do figado, & confirmado. E niſto haja grande advertencia, porque tenho viſto deſaſtres de ſe applicar neſtes caſos intempeſtivamente.

Numero 5.

Como impedem as couſas naõ naturaes.

1. aph. 8. AS couſas naõ naturaes, *que pódem impedir* o uſo deſte medicamento, ſaõ principalmente *o ar, & tempo do anno demaſiadamente calidos*, como em Caniculares; porque ſe conforme Hippocrates, *ſub cane, & ante canem difficiles ſunt medicationes*: quer dizer: *Nos Caniculares, & antes delles naõ ſuccedem bem as pur-*

gas,

gas, que fará applicando o azougue, que move os humores com mayor violencia? Tempo de Inverno tambem he impedimento, em especial se o frio for muyto, porque estaõ os humores coalhados, & mais crassos, & se movem com difficuldade, & se alguns se evacuaõ, muytas vezes naõ saõ os que peccaõ. Havendo porém de se fazer esta cura por alguma urgencia em tempo destemperado, mais querem Ruí Dias, & Botallo, o frio, que o quente & a razaõ o confirma; porque o mal, que o mercurio faz, he principalmente aquentando, corroendo, excitando febres, & outros semelhantes, a que resiste mais o tempo frio, & incita o calido: alèm de que, este resolve as forças que para esta cura saõ muyto necessarias. Porèm se a necessidade apertar, & naõ der lugar a que se espere tempo de cura, em qualquer que seja se deve fazer, moderando o medicamento conforme o respeyto, que ao tempo se deve. Lib. de morb. fer. cap. 11.

O ter o enfermo negocios, & naõ se poder recolher, tambem he impedimento, porèm naõ tanto, que dando-selhe as unturas levemente, totalmente lhe impida o sahir fóra, mas pòde assim untando em todas as partes requisitas (excepto as mãos, que de força haõ de andar à vista) sahir de casa, & acudir aos negocios precisos. Mas a este *diminuir-se-ha a quantidade de azougue, & applicar-se-ha mais a tento*, para que naõ lhe rebente tanto a boca, que lhe impida a conversaçaõ da gente.

No que toca à repleçaõ, & evacuaçaõ, naõ se darà untura ao que estiver cheyo de sangue, & de outros humores, sem primeyro o evacuar, porque dando-se com a dita carga, acode tanto humor à boca, & partes superiores, que causa inflammaçaõ da garganta, suffocaçaõ, difficuldade de respirar, & outros graves symptomas.

Nem tambem se untarà a mulher a que os mezes estejaõ proximos, ou jà presentes, ou tiverem de proximo passado, porque como o azougue move para as partes superiores, fará neste caso grande dano, & por tanto se sobrevierem os mezes estando na cura, logo cessem com as unturas atè elles cessarem, & passarem oyto dias depois disso.

Havendo camaras tomaõ alguns as unturas do mercurio, porque tambem evacua por ellas, o que naõ he seguro, conforme aquelle texto que a Avicena se atribue: *Solvere ventrem supra ventris solutionem maximè timorosum est.* Quer dizer: *He cousa de grande temor dar purga sobre camaras*; o que tambem tinha reprovado Galeno. Eu vi porém daremse unturas a gallicados, que tinhaõ camaras, & sararem logo dellas, porque estas procedem de qualidade gallica, & o mercurio a extingue: alèm de que movendo os humores à boca revelle os que abayxo decem, ainda que *per accidens* algumas vezes tambem mova camaras, que logo com a cura cessaõ, & por tanto nestes casos se use do azougue mais a tento, & com grão cautela. 1. ad Glau. c. 13.

ANNOTAÇOENS.

Numero 1.

OS da primeyra, & segunda especie. *Naõ quer Madeyra que os gallicados da primeyra, & segunda especie se curem com azougue, ainda que reconhece que elle he o melhor alexipharmaco de todos aquelles com q̃ se oppugna este cõtagio. Isto sem duvida nasceo de naõ estar no seu tẽpo tanto em uso a cura do azougue, como hoje; & bem se vè, por q̃ fallando neste Capitulo na dita cura, só das unturas faz mençaõ: sendo que pudèra lembrar-se de q̃ havia panacéas mercuriaes, ou varias preparações do mercurio, de*

que adiante falla, taõ benignas, & taõ ſuaves, que ſe tomaõ pela boca com toda a ſegurança, & curaõ com toda a efficacia. E ainda que diga o Author, que os affectos gallicos deſtas duas eſpecies ſaõ leves, & que por iſto não devem curarſe com o azougue: muyto melhor nos parece, que ſó com elle ſe faça a cura, porque o contagio em todas as eſpecies he o meſmo, & ſempre ſe deve tratar com o antidoto mais poderoſo, em qualquer grão que eſteja; & ſe os achaques que cauſa ſaõ leves, façaõ ſe tambem leves as curas mercuriaes. Se baſtar em poucos dias de mercurio, naõ ſe repita em muytos; ſe com poucas unturas brandas ſe vencerem os achaques, não ſe uſem muytas unturas, nem ſejaõ fortes; que aſſim ſe fazem tambem as curas leves, mas ſempre com mercurio, porque he o alexipharmaco, que mais certamente extingue todo o fermento do contagio gallico.

Tal calor. *Nòs que pelo grande calor das entranhas, ou da maſſa ſanguinaria, ou dos rins, ſe temer a cura dos alexipharmacos vegetantes, que todos ſaõ quentes, juſtamente ſe deve recorrer ao azougue; porque ſem aumentar as intemperanças, extingue os ſeminarios gallicos, & remedea os ſeus productos; & para iſto baſtarà tomallo pela boca, & quando não baſte, chegar ao uſo das unturas, que ainda que ſejaõ mais violentas, tambem he certo, que ſaõ mais efficazes.*

Os remedios de faiſa, ou páo. *Não ceſſa o Author em preferir no uſo para os gallicados os alexipharmacos vegetaveis, ainda que confeſſa que o azougue os excede na virtude de curar eſte contagio. A nòs parecenos melhor uſar logo delle, adminiſtrando-o comprudencia, & não martyrizar os doentes muyto tempo com remedios ingratos, & menos activos, quando podemos curallos brevemente com outros de mais facil exhibição, & de mayor virtude, ſem que reſulte delles algum dano; pois ſabemos que com toda a ſegurança ſe eſtà uſando do azougue, ou tomado pela boca, ou applicado em unturas.*

Numero 2.

PRohibentes. *Ainda que o azougue ſeja o mais potente alexiterio do veneno gallico: conſideràraõ os Authores, que ſe devia uſar delle na preſença dos ſeus prohibentes; porque na Medicina Racional, não baſta que hum remedio eſteja indicado, para logo ſer exercido ſenão que he neceſſario que não haja contra indicãtes taõ forçoſos, que o excluaõ. E temèraõ tanto a cura do azougue os primeyros Eſcritores do morbo gallico, que, ſegundo a ſua doutrina, apenas ſe acharà hum gallicado, a que ſe poſſa ſoccorrer com azougue; porque raro ſerà aquelle em que não haja algum dos ſeus prohibentes, pelo grande numero que delles fizeraõ. Mas pode alcançar a noſſa bem fundada ouſadia, que na preſença dos taes prohibentes ſe uſavão ſem dano as curas mercuriaes, como mais largamente moſtramos no Tratado que diſto eſcrevemos, o qual anda appenſo à noſſa Medicina Luſitana; & nelle ſe acharaõ caſos admiravelmente bem ſuccedidos, aos quaes puderamos ajuntar outros muytos, que depois de ſahir a publico o Tratado, obſervamos neſta Corte, à viſta de alguns Profeſſores da Arte Medica, & Chirurgica, que movidas das noſſas experiencias, jà alguns ſe reſolvem a uſar do azougue na preſença dos ſeus contra-indicantes. E porque no dito Tratado fallàmos prolixamente neſta materia, agora o faremos com menos regras.*

Numero 3.

AS forças. *Eſte he o primeyro contra-indicante do azougue debilidade de forças com que ſe não póde ſofrer a violencia da cura. E ſe ellas eſtaõ de todo proſtradas, de nenhuns remedios eſtà capaz o doente. Porém não ſendo a debilidade extrema,*

bem

bem ſe pòde uſar confiadamente do azougue, adminiſtrando-o com brandura, & prudencia, ou tomando pela boca o mercurio doce em pouca quantidade, & ainda em dias alternados: ou applicando-o em unturas leves, ainda que muytas vezes repetidas.

As idades de menino, & velho. *Os meninos, & velhos reputaõ-ſe por fracos: aquelles por tenros, eſtes por decrepitos. Mas ſõ por razaõ da idade, naõ ſe lhes deve negar a cura do azougue; porque ha, no ſentir de Celſo, meninos com firmeza, & velhos com robuſteẓ para mayores violencias, que as de hum pouco de mercurio doce, que para matar as lombrigas ſe lhes cõcede ſem duvida cada dia; & para ſofrer humas unturas leviſſimas, de que temos uſado em todas as idades com fauſtiſſimos ſucceſſos.*

Numero 4.

HEcticas gallicas. *Aos hecticos, & tabidos gallicados temos ſoccorrido muytas vezes com azougue tomado pela boca, & applicado por fóra, & brevemente ſe curàraõ da febre, & dos ſymptomas com q̃ em alguns ſe acompanhava. Naõ ha muyto tempo que vimos huma mulher caſada, que havia muytos mezes eſtava com febre continua, com toſſe, com faſtio, & com curſos muy precipitados; & com huma goma no hombro direyto, & veyo a ſuppurar-ſe, excitando dores cruelliſſimas, danos todos com que a pobre doente hia dando ligeyros paſſos para a ſepultura. A eſta curamos com azougue tomado pela boca, na companhia do Cirurgiaõ Manoel de Souſa, que lhes aſſiſtia; o qual vio muyto bem, que a poucos dias de azougue ceſſou a febre, & foraõ parando os curſos, moderando-ſe as dores, reſtituindo-ſe a vontade de comer, & dormindo a ſuas horas, de tal modo, que em poucos dias ſe venceraõ aquelles males de tantos mezes; & ſuppurando a goma, là ficou o Cirurgiaõ tratando della, atè concluir felizmente a cura. A receyta do mercurio era deſta maneyra:*

Tomem oyto grãos de mercurio branco precipitado, ſeis grãos de aſſucar de chumbo, dous grãos de diagridio ſulphurado, façaõ-ſe pirolas com alquitira, & dourem-ſe.

Depois de haver tomado oyto dias eſtas pirolas, continuou-as mais alguns ſem diagridio, com que ſe moveo alguma ſalivaçaõ.

Todos os eſtillicidos que decem ao peyto. *Eſte he o mayor de todos os prohibentes, pelo perigo de ſe moverem os humores ao peyto, & ſuffocarem o doente. Eſte temor tem ſido cauſa de paſſar em muytos tiſicos na barca de Acheronte; por q̃ naõ havẽdo reſoluçaõ para os curar com azougue, & naõ ſe vencendo o contagio com outros alexipharmacos, naõ ha mais que morrer tiſico quem teve eſtillicidos gallicos ao peyto, depois de haver uſado muyto tempo de leyte de burra, & de vaca; depois de haver tomado muytos mezes xaropes de frangãos recheados cõ couſas frias, & hũa pouca de ſalſa, & páo ſanto; remedios todos a que naõ cede o gallico muy activo, & muy radicado, q̃ ſó com azougue ſe extingue. E por iſto temos curado cõ elle innumeraveis peſſoas infectas com eſte contagio, que tendo toſſe, lançando ſangue do peyto, & padecendo dor nelle, hiaõ caminhando para o outro mundo. E jà hoje nenhum temor nos faz o entrar à cura do azougue na preſença de toſſes, eſtillicidios, & dor de peyto, ſe temos a probabilidade de eſtar gallicado o doente; porque ſem offenſa da cura, temos remediado muytos que ſe hiaõ fazendo tiſicos, & outros que jà eſtavaõ feytos, do que ſe pòdem ver alguns caſos no Tratado que eſcrevemos do uſo do azougue; tendo entendido que ſe aos tiſicos, ainda que naõ ſejaõ gallicados, pòde a Arte dar remedio, ha de ſer com azougue: porque ſó elle pòde penetrar aonde eſtà a chaga do boſe, ou a vomica do empiema, & ſecala, & cicatrizala como ſuccedeo em Manoel Eſcudeyro Ferreyra, que eſtando tiſico, ſem ter gallico, o curàmos com unturas de azougue, cujo caſo ſe acharà na obſervaçaõ terceyra do Capitulo X. do dito Tratado.*

Nos que padecem achaques de peyto, para que os humores ſe não encaminhem a elle, coſtumamos dar mercurio com diagridio; porque aſſim ſe vaõ evacuando pelo ventre os humores que o azougue move, & quando começa a ſalivaçaõ, por ir jà havendo baſtante mercurio no corpo, entaõ ſe pàra com elle, & ou de todo ſe deyxa, ou ſe torna a continuar, ſegundo a ſalivação que move, & a neceſſidade que ſe reconhece, couſas que dependem do engenho, & prudencia de quem dirige a cura.

Chagas da boca. *Eſtas chagas, & as da garganta temos curado innumeraveis vezes com mercurio, & o Author obſervou o meſmo. Mas he neceſſario que o mercurio que tomarem os que padecerem eſtas chagas, & o que nellas ſe applicar, ſeja em dulcificado, & livre dos acidos corroſivos com que ſe preparaſſe: que naõ ſendo aſſim, ajudarà o acido venero, & como eſte he tambem corroſivo, faràõ os taes acidos mayor dano nas chagas.*

Gotta coral. *Haverà tres annos, que tivemos occaſiaõ de curar hum moço cheyo de gomas, & talpartas, o qual padecia cada mez accidentes epilepticos, ou de gotta coral. Não duvidàmos em curallo com azougue, ainda que era a primeyra vez que o uſavamos em peſſoa ſugeyta a eſte mal; porque o haviamos feyto em parleſias, & convulſoens com bom ſucceſſo; & atè agora temos obſervado, que curando-ſe eſte mal com muyto bem dos affectos gallicos com unturas mercuriaes, ſó no principio da cura teve hum accidente, & depois de azougue atè hoje nenhum mais teve, & logra boa ſaude. Depois deſte caſo, nos ſuccedeo o ſeguinte: O Deſembargador Pedro Nunes Guedelha, Vereador do Senado deſta Cidade, homem de ſeſſenta annos, havia tres, que padecia accidentes de gotta coral. Curava-ſe com dous Medicos, cujos nomes callamos, por poder com-noſco mais a moleſtia, que o eſcandalo. Foy às Caldas da Rainha dous annos. Tomou banhos de agua tepida em tina; & finalmente pelo quente, & pelo frio, no diſcurſo de tanto tempo, buſcou por conſelho, & direcçaõ dos ditos Medicos, remedio para os accidentes, mas nunca encontrou com elle, & ſempre ſe achou peyor; chegando a eſtar dementado, & convulſo do braço, & perna eſquerda, cõ tremores, & movimẽtos cõvulſivos em varias partes; com doris de juntas; com faſtio; com vigilias continuadas; magro, & entrevado na cama, ſem eſperança de ſe tirar della. Neſte taõ laſtimoſo eſtado o achamos; & ſem aſſiſtencia, nem voto aos ditos Medicos, que eſtomagados de recorrer o doẽte a outros, naõ quizeraõ cõcorrer com-noſco, & ſendo chamados cõ inſtãcia, ſempre ſe negàraõ cõ cõtumacia: nòs curàmos com azougue, q̃ tomou pela boca, dẽtro de dezaſeis dias, em q̃ uſou delle em pirolas; & depois lhe mandàmos dar hũas fregações de unguento de azougue na perna, & braço, que haviaõ eſtado convulſos; & deſte modo ſe veceraõ em taõ pouco tempo os accidentes, & os mais danos, que com deſprezo das mais curas ingraveciaõ ao uſo dellas. No quinto dia de mercurio ſe virão livres as partes convulſas, & forão ceſſando as mais queyxas, atè que inteyramente ſe veceraõ; & brevemente ſe reſtituhio o doente à ſua antiga ſaude, & entrou a ſervir o ſeu lugar no Senado. E paſſando iſto ha mais de dous annos, ainda não teve repetiçaõ de accidente. Perguntando por gallico a eſte homem, dizia, que ſendo eſtudante o contrahira nas partes bayxas, & depois nunca mais o tivera, nem ſentira dano que delle procedeſſe; com q̃ eſtava gallicado, era de mais de quarenta annos. Mas ou foſſe, ou não foſſe gallicado, pareceo-nos, que ſó o mercurio podia ter virtude para dulcificar o acidio vicioſo do ſangue, & para curar tantos, & taõ grandes danos. Aqui nos eſtà lembrando o caſo que refere Ettmullero, 1. de hum homem que ſendo gallicado havia cincoenta annos, & padecendo accidentes de gotta coral; com azougue ſe curou inteyramente de hum, & outro dano:* Epilepticus (*diz eſte Author*) perquinquaginta annos lue venerea infectus, mediante ſalivatione, ab utroque malo curatus fuit; non ſecùs ac arthritis contumax evanuit, poſtquam æger lue venerea inquinatus, ſalivationem

1. Ettmull. tom. 1. fol. mihi 387.

nem mercurialem paſſus fuerit. *O certo he, que para o acido venereo, principalmente implantado em humores viſcidos, excede o mercurio a todos os mais remedios, & por iſto faz taõ eſtupendas curas. E não ſó para o acido venereo, & para os effeytos delle, tem o mercurio potentiſſima virtude; mas tambem para os mais acidos viciosos do ſangue, & das mais partes do corpo, que todos adulcifica, & emenda, purificando juntamente a maſſa ſanguinaria, & o corpo todo, por meyo da ſalivaçaõ que move, & curando os contumaciſſimos danos, que outras curas não puderaõ vencer. E conſtando iſto aſſim por repetidos ſucceſſos, ainda ha Medicos taõ cerviçoſos, que por teyma, & opiniaõ ſua privaõ os ſeus doentes de taõ grande remedio. Mas a eſtes là ſe lhes pedirà conta abnde não poſſaõ diſculpar a malicia.*

Vicios dos olhos. *Nenhum impedimento fazem as queyxas dos olhos para a cura do azougue; & já Zacuto curou huma opthalmia rebelde com unturas mercuriaes, como ſe pòde ver na* Obſervaçaõ LVIII. *do livro 1. da ſua Praxe admiranda.*

Tumores da cabeça. *Neſtes tumores, & nas glandulas do peſcoço, coſtuma aproveytar muyto o azougue; porque extinguindo o fermento gallico, & infringindo o acido venereo, diſſolve, & deſcoalha a lympha craſſa, & viſciaa, de que os ditos danos procedem, do que temos algumas experiencias. E ainda que não ſeja em peſſoa gallicada, bem ſe pòde uſar do azougue para curar os tumores, & glanaulas do peſcoço, & cabeça, & de qualquer outra parte: porque além da virtude anti-venerea, com que extingue eſte contagio, tem de mais o ſer inſigne alcalico, & abſorvante dos acidos, & por iſto egregio diſſolvente, & diſcoagulante de materias craſſas, & viſcoſas.*

Gonorrhea purulenta. *Na gonorrhea purulenta, nos tumores das verilhas, a que chamaõ encordios, ou mulas, & nas chagas das partes pudẽdas, he prohibido o azougue, quando o gallico ſe naõ tem cõmunicado à maſſa ſanguinaria, com o fundamento de que movendo o azougue os humores para as partes altas, & ſalivaes, com elles fará ſubir o contagio, que occupa as partes bayxas; & por iſto ſó quando o contagio ſe tem communicado ao ſangue, de cujo vicio dependaõ já os ditos danos, admittem o uſo do azougue para remedio delles. O que nos parece he, que todas as vezes que o gallico ſe introduzio no corpo, ſeja nas partes que for, neceſſita de alexipharmaco que o extinga; & por iſto coſtumamos uſar do mercurio por injecções, ou ſiringaduras, nas gonorrheas, a fim de extinguir os ſeminarios contagioſos, antes que ſe communiquem às partes intimas, & à maſſa do ſangue, que por meyo da ſua circulaçaõ, recebe com facilidade os ditos ſeminarios. E por iſto damos tambem alguns dias mercurio doce, ou branco precipitado, ou qualquer outra panacéa, pela boca, aſſim nas gonorrheas, como nos tumores, & mais affectos gallicos das partes obſcenas, a fim de extinguir todo o fermento exotico, venereo; & deſte modo curamos felizmente eſtes achaques, ſem que o azougue chegue a mover alguma ſalivação. Sobre o que ſe veja o que diſſémos nas Annotações ao* Capitulo XI. *& ao* Capitulo XII.

Numero 5.

O Tempo do anno. *Elege-ſe o tempo mais accommodado para curar achaques, quando não ha preciſa neceſſidade de os curar em qualquer tempo que ſeja. Que puder curar-ſe na Primavera, naõ o faça no Inverno, nem no Eſtio; mas quem no Inverno tiver achaques que o moleſtem muyto tempo, trate logo delles; porque os males na duraçaõ fazem-ſe rebeldes, & he depois a cura mais difficil. Os achaques que tem dependencia de contagio gallico, em qualquer tempo ſe pòdem curar; porque a ſua cura não ſe ha de fazer com banhos de rio, que ſó em tempo quente ſe uſaõ; & para tomar huma panacéa mercurial, ou para uſar dos mais remedios deſte contagio, todo o tempo he conveniente.*

Camaras. *Tomem muytos a cura do azougue nos camarentos; porque muytas vezes move os humores pelo ventre; mas ſe elles eſtaõ gallicados, & as camaras naõ ceſſaõ com remedios convenientes, bem ſe pòde uſar do azougue, ou pela boca, ou em unturas; porque brevemente ſe ſuſpenderão os curſos, ao que temos innumeraveis experiencias.*

O ter negocios. *Os gallicados que preciſamente hajaõ de ſahir de caſa no tempo em que ſe curaõ por força dos ſeus negocios, pòdem tomar mercurio pela boca, & ſahir fóra, no que ha menos riſco, que nas unturas; ainda que o melhor he eſtar em caſa no tempo da ſalivaçaõ, aſſim porque eſta ſe pòde ſuſpender como ar frio, como porque com o mercurio tranſpira melhor o corpo, & não he conveniente expor ao ar, porque naõ ſucceda impedir ſe aquella tranſpiraçaõ, de que reſultaria à mayor dano, que utilidade.*

CAPITULO XXVII.

Como ſe acode aos ſymptomas, que o mercurio excita.

Numero 1.

COſtumaõ ſobrevir algumas vezes notaveis ſymptomas aos que do mercurio uſaõ, ou applicado por fóra, ou por dentro. Eſtes ſaõ eſquinancia, tumor taõ grande de lingua, que às vezes naõ cabe na boca, dor intentiſiſſima, tumor do roſto, chagas muy grandes, que corroem a lingua, gingivas, & mais partes vizinhas, vigilias immodicas, tanta fluxaõ de cuſpo, & baba, que poem o doente em grande fraqueza, deſmayos, difficuldade de reſpirar, graviſſimas ancias, & anguſtias de coraçaõ, demaſiado fluxo de ventre com ſangue, & ſem elle graviſſimas dores, & corroçaõ de eſtomago, & tripas, tolher-ſe totalmente a camara, cuſpir ſangue, ficar o azougue dentro do corpo, & outros.

A cauſa interna deſtes ſymptomas naõ he outra ſenaõ o fluxo impetuoſo dos humores, que correm àquellas partes. *As externas*, dizem Botallo, & ſeu aſſeclar Pedro de Torres, que quaſi em tudo o traslada, *ſaõ a fortaleza dos unguentos* applicados mais vezes do que convem, *ou apertar muyto em provocar ſuores*, abafando-ſe o doente, eſfregando-ſe, & chegando-ſe ao fogo, com que demaſiadamente ſe actua, & deſenfrea o medicamento; às quaes devemos accreſcentar *o naõ eſtar o corpo bem evacuado antes de entrar neſta cura*, porque quando o naõ eſtà, acode tanta quantidade de humor à boca que faz todos os accidentes ſobreditos. E os unguentos, diz elle, ſe fazem mais fortes, ou porque levaõ muyta quantidade de azougue, ou porque tem muyta miſtura de couſas calidiſſimas, *como euphorbio, caſtoreo, oleo de zimbro, & ſemelhantes*, ſegundo tambem notou Rudio; ou por ſerem muyto tenazes, & eſtarem muy pegados, & inviſcados no corpo. Ao que ſe pòde accreſcentar ſerem feytos de freſco, & naõ eſtarem ainda fermentados, nem a malicia do azougue correcta. O que tudo às vezes acontece pela pouca advertencia do Medico, que naõ examinou bem os unguentos, com que curava, ou ſe deſcuydou em viſitar o enfermo, deyxando ao arbitrio dos miniſtros o modo de applicar as unturas, & o numero dellas, ſendo que *naõ ha caſo, em que mais neceſſario ſeja viſitarem-ſe a miudo* que neſte, para prevenir q̃ os ditos ſymptomas naõ ſuccedaõ, os quaes, conforme Alexandre Trajano, & Petronio, *facilmente ſe perſervaõ, ſe quando começa de rebentar a boca ſe intermitte hum, ou dous dias*, & ſe nem aſſim ſe prohibem, totalmente ſe pàra com as unturas.

Cap. 22. Cap. 23.

Cap. 15.

Lib. de morb. gal. cap. 10.

Numero 2.

Como ſe acode à inflammaçaõ da garganta, lingua, & mais partes da boca, ou do roſto.

SE eſtes ſymptomas naõ ſobrevierem com febre, façaõ-ſe fregações de pernas, & appliquem-lhes ventoſas ſecas atè o meyo das coſtas, & façaõ-ſe gargarejos de agua de cevada com aſſucar roſado, ou de agua de tanchagem com miva de marmelos, ou arrobe de amoras. Mas ſe iſto naõ baſtar, ou tambem houver febre, he neceſſario, que logo o doente ſe ſangre, como encomendaõ Nicolao Maſſa, Fallopio, Rudio, Botallo, Torres, & outros. E va-ſe continuando com os ditos gargarejos, ou com agua de Ciſterna, ou com vinagre deſtemperado com agua, quatro partes della, huma de vinagre. E ſe logo naõ aliviar o doente, *ponha-ſe em roupa limpa*, & ſe nem iſſo baſtar, *lavar-ſeha com a decoada de cinza, conforme enſina* Botallo, & com o lavatorio commum, que abayxo diremos, o que *ſerà regra geral para curar todos os ditos ſymptomas, quando ſaõ em muyto urgentes, pòr o doente em limpo, & lavar-ſe.* E ſe nem com as ſangrias, diz Botallo, *que ſe dè huma purga leve*, mas que evacue bem, porque naõ ſendo aſſim moverà os humores ſem os evacuar, & ſerà occaſiaõ de correrẽ cõ mais impeto à parte affecta. E para eſte effeyto manda que ſe dem *quatro onças de xarope de roſas Alexandrinas em caldo de frangão, ou agua de chicoria, cozendo primeyro nelles duas, ou tres oytavas de ſene*; a qual pratica me parece boa, por ſe fundar na doutrina de Galeno: *In omnibus; quæ circa caput accidunt, purgatio in contrario avertit.* Quer dizer: *Em todos os affectos da cabeça aproveyta o purgar revellindo para a parte contraria*; o que ſe confirma com a hiſtoria do velho, que tinha a lingua de tal modo tumida, que eſcaſſamente lhe cabia na boca, a que Galeno remediou com lhe dar as pirolas cochias. E aſſim diz o meſmo Botallo, que nunca purgava nenhum dos que os ditos affectos (poſto que graviſſimos) padeciaõ, que logo naõ ſaraſſe, ou ao menos naõ livraſſe do perigo da morte. Advirta-ſe porém que ſe com eſtes affectos houver febre aguda, ſe naõ dè purga; porque nas doenças agudas, conforme Galeno, he perigoſa, antes ſe continue com as ſangrias, & depois dellas ſe appliquem às eſpadoas ventoſas ſarjadas, & ſangria na lingua, ſe for neceſſaria, recorrendo neſte particular ao que enſinaõ os Authores para curar a eſquenancia.

Lib. 5. cap 4. Tract. de morb. gal. Cap. 76 Lib. 5 cap 15. & 22. Cap. 16. Loc. cit.

14. met. cap. 11.

14. met. cap. 8.

1. acut. com 11. & 1 aph. 24.

Numero 3.

Como ſe deve acodir às dores da boca.

SEndo moderadas baſta lavar *com agua de cevada*; mas ſendo graviſſimas, como às vezes acontece, *deve o doente fazer lavatorio com leyte morno qualquer que ſeja*, ſegundo Fallopio: poſto que Nicolao Maſſa elege *o das ovelhas, & vacas*, & naõ baſtando, *manda que traga o doente na boca manteyga crua*, que mitiga eſtas dores admiravelmente, *& unte por fóra com oleo roſado, ou violado.* E ſe iſto naõ baſtar, *que ſe lancem ventoſas nas nadegas, & eſpadoas*; & ſe com tudo ſe naõ mitigarem, diz que o doente *ſe ſangre, & o naõ deyxem chegar a que as queyxadas, & partes viſinhas ſe mortifiquem*, como vira em certo enfermo, a que hum empirico applicàra muyto mais azougue do que convinha. E ſe os ditos remedios naõ baſtarem, & continuar a vehemencia das dores, he neceſſario continuar com o mais efficaz que Galeno para iſſo achou, quando ſaõ fortiſſimas, *que he a ſangria do braço na vea de todo o corpo.*

Cap 77. Tract. 4. cap. 4.

1. aph.

Numero 4.

Como ſe remedeaõ as chagas da lingua, & gingivas.

RAro he o doente, que cuſpindo com as unturas de Mercurio, naõ tenha chagas em toda a boca, a cauſa das quaes he a acrimonia dos vapores do azougue, & dos muytos humores, que por aquellas partes ſe evacuaõ: *Se eſtas chagas não forem demaſiadamẽte corroſivas, naõ tem neceſſidade de remedio*, mas ſendo, *lavar-ſe hão com a agua de cevada, & xarope roſado, ou com ſoro, & aſſucar.* E para todos eſtes achaques da boca, louvaõ Fallopio, Rudio, & outros Authores, *trazer nella hum anel, ou qualquer peça de ouro, & como nelle eſtiver embebido o azougue*, (que ſe conhece na cor) *ſe lance no fogo, para que ſe lhe tire, & o tornem a meter na boca.* E para os meſmos, diz Alcaçar, ter experimentado *receber pela boca fumo de penas de perdizes, & da goma de zimbro.* E ſe com tudo as chagas ſe fizerẽ de muyto peyor qualidade, & houver perigo de aprodecerẽ, ou de ſe mortificarem, convem que o doente depois de poſto em limpo, & lavado ſe ſangre, & ainda, ſe for neceſſario, ſe purgue, conforme Botallo, & Torres, *& ſe lave com unguento egyciaco deſfeyto em cozimento de cevada, lentilhas, & tanchagem*, & eu já experimentey com bom ſucceſſo *tocalas com agua de pedra lipis às vezes pura, às vezes deſtemperada com agua de cevada, ou tanchagem.* E no de mais proceda-ſe como nas outras chagas corroſivas. E ſendo neceſſario medicamentos que as cicatrizem, póde-ſe fazer *hum cozimento de roſas, folhas de oliveyra, gomos de ſylva, ſumagre, tanchagem, de cada hum ſua maõchea, ferva tudo em huma canada de agua da pia dos ferreyros, que ſe gaſte mais de ametade, & coe-ſe, & ajunte-ſe xarope roſado, arrobe de amoras, de cada hum duas onças, pedra hume queymada meya onça, & com iſto morno ſe lave a boca.* Porém naõ ſe façaõ eſtes lavatorios em quanto for neceſſaria a evacuaçaõ do cuſpo, porque a pódem impedir.

Cap. 19.

Loc. cit.

Numero 5.

Como ſe acode à evacuaçaõ do cuſpo, ſendo immodica.

ALgumas vezes he tanto o cuſpo, & baba, que enfraquece o doente de modo, que lhe daõ deſmayos, & chega a perigo de vida; outras vezes dura tanto tempo, que cauſa mayor moleſtia, que o meſmo morbo gallico antecedente. Neſtes caſos ſe deve acodir a moderar, ou tirar eſta fluxaõ, naõ com adſtringentes logo no principio, porque como adverte Trajano, ou embeberàõ mais o humor na boca, & partes vezinhas, de que ſe ſeguiràõ mayores chagas, tumores, inflammações, ou ſe repercutirá para membro principal em que faça mayor offenſa; impedirſeha logo eſte fluxo fazendo revoluçaõ, & evacuaçaõ do humor com algum medicamento purgativo, conforme o meſmo Trajano, *como canafiſtula, xarope roſado, & violado de nove infuſoens, cozimento, ou infuſaõ de ſene: ou com manà, ou ſemelhante medicamento leve; ou ſe tome cada noyte huma pirola cochia*, como ordena Nicolao Maſſa, o qual diz que ſe achava muy bem quando applicava unturas, com dar de quando em quando ao doente *algum medicamento purgativo*, para que naõ correſſe todo o humor com tanto impeto à boca. E pòde-ſe dar *meya oytava de ſene em pó no caldo de hum frangaõ, ou huma oytava delle infundida em agua de almeyrão*, iſto naõ todos os dias, ſenaõ de dous em dous, ou de tres em tres, ſe o humor, que correr à boca, for demaſiado, que a naõ o ſer, melhor he naõ dar medicamento purgativo, que impida o movimento, que faz o azougue, nem moleſtar a natureza com dous movimentos contrarios

Lib. 6. c. 16. in princ.

Tract. 4. cap. 4.

contrarios no meſmo tempo. *Ou ſe dè em lugar do ſene huma onça de vinagre purgativo*, que ſe uſa em algumas boticas, de que logo darèmos a receyta.

Depois de feyta revulſaõ, & evacuaçaõ do humor que vem à boca ſe o doente eſtà jà de todo ſaõ do morbo gallico, & a evacuaçaõ do cuſpo dura mais de mez, & meyo, ou for demaſiada na quantidade, *convem fazer lavatorios adſtringentes de roſas, murta, maçãs de acipreſte, balauſtias, caſcas de romãs, murta, agalhas, & vinho, ou agua ferrada, & miſturarlhe arrobe de amoras, ou mel roſado*, & com iſto lavar a boca muytas vezes. Advertindo ſempre, ſe procede eſta demaſiada evacuaçaõ de azougue, que ficaſſe dentro no corpo; ſe a cauſa for eſta, he neceſſario tornar a lavar o doente *com decoada de cinza, & outras couſas apropriadas, & darlhe os alexipharmacos, que acodem a ſeu dano, como pães de ouro, vinho de loſna, leyte*, & outros de que trata Dioſcorides, & dirèmos abayxo em ſeu lugar. Lib. 5. cap. Prop.

Numero 6.

Vinagre purgativo.

TOmem de vinagre tres quartilhos, folhas de ſene tres onças, paſſas de Alicante, ou quaeſquer outras boas, quatro onças, canela tres oytavas, eſteja tudo de infuſaõ vinte & quatro horas, & depois de huma fervura, & ſe coe, & ſe ajunte de manà bom, huma onça, & torne-ſe a coar. Da-ſe huma onça delle miſturado no caldo, ou em qualquer couſa, que ſe come, & ſe tempera com vinagre, como alface, ou chicorias eſparragadas, ou feytas em cellada, para doentes, a que naõ faça dano.

Numero 7.

Como ſe ha de acudir ao dano dos dentes.

DOus ſymptomas acontecem de ordinario aos dentes por occaſiaõ do azougue. O primeyro, abalarem ſe de tal modo, que às vezes caem, ou ficaõ deſcompoſtos, & cavalgados huns ſobre os outros. O ſegundo he, fazerem-ſe negros, & às vezes apodrecerem.

Acodem alguns idiotas, como nota Trajano, ao primeyro logo nos principios na força do cuſpo, & baba, com medicamentos adſtringentes, com que naõ ſómente naõ aproveytaõ couſa alguma, mas apertaõ mais nelles, & nas gingivas os humores, que os abalaõ, & corroem. Pelo que ſe neſte tempo naõ eſtiverem taõ abalados, que haja perigo de cahirem, naõ ſe deve applicar medicamento algum, como nota o meſmo Trajano; porém havendo manifeſtamente o tal perigo, applicar-ſcha medicina, que moderadamente aperte, ou robore com alguma mundificaçaõ, *como hum quartilho de agua de tanchagèm com tres onças de mel, ou xarope roſado*, conforme Nicolao Maſſa; ou ſe farà *hum cozimento de cevada, favas, tanchagem, murta, roſas, de cada hum ſeu pouco em vinho branco, & a cada libra delle, ajuntaràõ duas onças de mel, ou xarope, tambem roſados*, com que o enfermo lavrà a boca. Lib 5. cap. 12. Loc cit. Tract 4. cap. 4.

E depois que o fluxo della for parando, ſe os dentes eſtiverem çujos, ou negros, alimparſehaõ *com oleo de enxofre*, conforme Fallopio, *ou puro, ou miſturado com agua de tanchagem.* Ou ſe faràõ *huns pós de ſal queymado, pedra-hume queymada, caſcas de oſtras queymadas, coral preparado, & miſture-ſe tudo, & com iſto ſe eſfreguem os dentes.* Ou ſe façaõ outros *de carvão de raiz de alecrim, almecega eſſica, aſſucar preto, pedra-hume, partes iguaes de cada hum.* Tract. de morb. gal. c. 77.

E depois de mundificados ſe tratará de medicamentos mais adſtringentes,

que fortemente os poſſaõ corroborar, como eſte: *Tomem ſumagre, caſcas de romãs, maçãs de acipreſte, eſcorta de ferro preparada, de cada couſa ſua onça, folhas de azamoujo, de tanchagem, pós de roſas, as meſmas roſas ſecas, de cada hum ſua maocheа, coza-ſe tudo em vinho branco, & agua da pia dos ferreyros, de cada hum huma canada, & ſervão que fique em tres quartilhos*, com que ſe pódem lavar os dentes. E ſe estregaraõ com eſtes pós: *Tomem almecega fina duas oytavas, ſangue de Dragaõ, ſolda, de cada hum ſua oytava, goma Arabia oytava, & meya, de tudo ſe faça pò muy ſutil.* Ou ſe faça eſte cozimento de Fallopio: *Tomem folhas de tanchagem, de oliveyra, de ſalva, de cada hum ſeu pouco, cozaõ-ſe em vinho vermelho caſquento, com que a boca ſe lave.* He efficaciſſimo, porque conforme aõ meſmo Author ſegura que os dentes não cayaõ.

Loc cit.

Tract 6. diſt. 1., c. 3.

Mas note-ſe, que em quanto durar a cura, ſe tenha cuydado de ver ſe os dentes ſe deſcompõem; & ſendo aſſim, ſe reduzaõ levemente com os dedos a ſeu lugar, antes que a natureza, ou a força dos medicamentos os arreygue, porque depois diſto ſe naõ pódem reduzir, & ficaõ perpetuamente tortos, & feyos. E para todo o dano delles, diz Henrico *apud Guidonem*, que ſe lavem *com cozimento de mentraſtos, endros, & macella.*

Numero 8.

Como ſe acode ao fedor da boca.

Lib. 1. de morb. gal cap. 11. in fin.

ESe ficar fedendo o bafo, ordena Mercado eſte lavatorio: *Tomem hum pão quente em ſe tirando do forno, & faça-ſe todo em buracos, & lance-ſe de molho em dous quartilhos de vinho cheyroſo com flores de louro, & alecrim, de cada hum tres pugillos, mel de enxame novo ſeis onças, myrrha huma onça, tudo ſe miſture, & ponha em alambique, & ſe deſtille, & com eſta agua deſtillada ſe lave a boca.* Tambem he bom *lavarſe com vinagre eſquilitico ſó por ſi*, ou miſturado *com agua de ſalva, mel roſado, ou com oximel ſimplez, miſturado com cozimento de curegãos, incenſo, & almecega.* Ou ſe façaõ eſtes trociſcos de Michael Angelo Blondo: *Tomem cravos de eſpecie, páo de Aguila, caſcas de nòz noſcada, canela fina, de cada hum ſua oytava, almiſcar cinco eſcropulos, ou menos delles, azevre ſete onças, & com agua roſada ſe façaõ trociſcos, que peze cada hum huma onça, & tomarà o doente hum, quando ſe deitar à dormir.* E ſe por razaõ do amargor o naõ poder tomar, forme pirolas delles.

Lib. de morb. gal cap. 12.

Numero 9.

Como ſe emendarà a cor do roſto.

SE do azougue ficar a cor do roſto livida (como algumas vezes acontece, & ſe vè nas mulheres que muyto uſaõ do ſolimaõ) diz Angelo Bolognino que ſe faça *unguento de goma Arabia, unto de Urſo, oleo roſado, de cada hum partes iguaes, & ſe lhe ajuntem hũas gotas de balſamo, & com eſte unguento ſe unte o roſto, & mãos, ſe tambem ficarem com mà cor.* Em lugar do unto de Urſo, póde ſupprir o de cavallo, ou de porco, em lugar do legitimo balſamo ſervirá o do Braſil, ou o oleo de copaîba.

Lib. de ung. c. 6.

Numero 10.

Como ſe remedearàõ as vigilias demaſiadas.

SE a cauſa de naõ dormir forem as muytas dores, remediarſeha mitigando-as; mas ſe forem vapores acres, & mordazes, que o azougue mova à cabeça, he neceſſa-

neceſſario, *que ſe revillaõ com fregações, & ventoſas ſecas nas pernas, & lavatorios a ellas de cozimentos de violas, malvas, roſas, & coentros, ou com agua ſimplez morna.* E darſehaõ pela boca as couſas, que conciliaõ ſono, temperando a acrimonia dos humores, *como amendoadas das pevides de melaõ, & abobora, & algumas amendoas, lançando nellas em lugar de açucar huma, ou duas onças de lambedor de dormideyras, ou hũa colher das meſmas (& ſejão as brancas) pizadas, & desfeytas em agua.* E ſe juntamente houver calor, & ſecura, *dem-ſe tiſanas de cevada, & na agua della ſe façaõ as ditas amendoadas ſem amendoas*, & por fóra ſe appliquem à cabeça medicamentos, que temperem, & repercutaõ aquelles vapores que impedem o ſono, *como leyte de peyto, & agua roſada, chapejando na moleyra, que eſtarà rapada para que melhor penetre a virtude do medicamento*, conforme Galeno. Ou ſe applique *qualquer leyte, ou coalhada*, conforme aconſelha Trajano. E dem-ſe ao doente a cheyrar *coentros verdes, & coma confeytos de coentros, ou tome os pós delles preparados, & unte as fontes, & moleyra com unguento populeão, ou com oleo de dormideyras*, & quando tudo não baſte, & ſeja neceſſario recorrer ao *opio*, não ſe faça ſem preſença de grande Medico, porque da maõ deſte, carece de todo o perigo, & dà remedio a muytos, que por outras vias o naõ tinhaõ: & darſeha hum grão, & quando não baſte, va-ſe accrecentando pouco a pouco: & ſe for peſſoa fraca, & muyto delicada, às vezes baſta meyo grão.

13. met. 22. Lib. 5. cap. 15.

Numero 11.

Como ſe acode ao que lança eſcarros de ſangue.

SE eſtes eſcarros ſe lançaõ com toſſe vehemente, ſahem do peyto; ſe com tuſſicula, ou eſcarrando ſómente, da aſpera arteria; ſe ſimplezmente cuſpindo ſem toſſe, nem eſcarro, ſahem das gingivas, & mais partes da boca, conforme enſina Galeno. De qualquer parte que venhaõ ſaõ máos, conforme Hippocrates, mas ſe vierem do peyto, ſaõ periculoſiſſimos, porque dahi ſe ſegue logo tiſica irremediavel, como conſta de Galeno. Pelo que em vendo que ha eſte ſangue, ou ſinaes de poder vir, (que ſaõ toſſe vehemente, difficuldade de reſpiraçaõ, carga nas eſcapulas, & regiaõ do peyto, como diz Trajano) logo immediatamente ſe ponha o doente em roupa limpa, & ſe lave, & alimpe muyto bem dos unguentos, & ſe ſangre no braço, na vea d'arca, as vezes que parecerem neceſſarias, & depois nos pès, que neſte caſo, conforme Trajano, faz mais firme revulſaõ; & dem-ſe a beber medicinas adſtringentes v. g. *Xarope de murtinhos, & de roſas ſecas, com agua de tanchagem, de beldroegas, & de pós de roſas, bolo armenico, terra ſigillada, lapis hæmatitis preparado, trociſcos de charabe.* E pòde-ſe receytar aſſim: Receyta: *Pós de lapis hæmatitis preparado, & trociſcos de charabe, de cada hum huma oytava, xarope de murtinhos huma onça, agua de beldroegas tres onças, miſturem-ſe para ſe beber de huma vez.* Ou ſe faça huma bebida para tomar muytas vezes, a poucos, deſte modo: Receyta: *Agua de beldroegas, & de tanchagem, de cada huma huma libra, xarope de dormideyras, & de roſas ſecas, de cada hum huma onça, pòs de bolo armenico, & de coral preparado, de cada hum huma oytava; miſturem-ſe.*

Lib. de loc. affect. cap. 5. 4 aph. 25. 5. met. 13. & ſeqq. Lib. 5. cap. 7. Lib. 7. c. 5. tit. eutatio.

E ſe logo no primeyro dia o ſangue naõ vedar, de-ſe ao enfermo, *meya oytava de Filonio Romano, ou dous eſcropulos do Perſico*, que ſaõ remedio infallivel; & ſe naõ baſtar eſta quantidade, accrecente-ſe atè ſe dar *huma oytava de Romano, ou oytava & meya de Perſico*, porque neſtes caſos como diz Galeno, he fóra de toda a razão começar pelos remedios menores, & gaſtar nelles o tempo, ſendo

Cap. 5. met. 15.

que de hum dia para outro ſe fazem tiſicos, & hũa vez que chegaõ a iſſo, naõ tem remedio algum, como diz o meſmo Galeno: *Vot mortendum ægro prorſus eſt,* (diz elle) *ſipthoe, ſeu phthiſi, ſemel exceptus ſit, alieniſſimum à ratione à minoribus inchoaſſe. Nam ſicut reliquia omnia ab Hippocrate tradita, ita illa quoque ſententia recta eſt dicta, nempe, Ad ultimos morbos ultima prorſus remedia maximè valere.* Porèm para ſe uſar deſtes medicamentos, como levaõ *opio*, he neceſſario conſultarſe Medico douto, como jà acima advertimos, porque naõ he tacha, conforme Galeno, repetir muytas vezes o que he neceſſario.

Lib. c. 15.

Coma o doente *açucar roſado*, & ſe o mal for adiante, *abrãoſelhe fontes com tempo*, como aconſelha Trajano, & façaõ-ſe as mais couſas que convem aos que coſpem ſangue, & ſe fazem tiſicos, que eſte lugar naõ he para tratar eſtas materias por extenſo.

Numero 12.

Como ſe acode aos agaſtamentos, & ancias de coração.

HE muy ordinario ſobrevirem anguſtias notaveis de coração a eſtes doentes, muytas vezes com febre, & algumas ſem ella. A alguns que vi deſtes mandaõ os Medicos ſangrar, & de cada vez que o ſangravaõ ſe lhe dobravão as anguſtias, & creciaõ de ſorte, que naõ havia mais que morrer. Contra parecer de alguns lhes dey huma purguinha de tres onças *de xarope de roſas Alexandrinas, huma de nove infuſoens de violas, com cozimento feyto de cevada, flores, ſementes frias, tamarindos, & ſene*, com que evacuàraõ por camara baſtantemente, & aliviáraõ de modo, que parecia milagre, & ſe de todo ſe lhe não tirava, tornavalhe a repetir o meſmo medicamento purgativo, com que ficavão livres, & depois continuava a cura das unturas o tempo, que era neceſſario. E ſe por algum impedimento ſe puderem purgar, de-ſe-lhe ſangria no pè, porque eſta revellindo os livra dos agaſtamentos, & ancias, o que naõ coſtuma fazer a do braço, que lhos accrecenta, como a experiencia me tem moſtrado.

Muytas vezes he cauſa deſte accidente, humor que corre à boca do eſtomago, & naõ ſahe por vomito, nem por camara, & com as ſangrias ſe retrahe para dentro das veas, & faz mayores ancias, & com eſtes lenitivos ſe evacua, & lança fóra, & alivia logo o doente; & he, conforme a doutrina de Galeno, o qual manda que primeyro, que ſe trate da febre, aindaque haja grande enchimento, ſe dè remedio ao eſtomago, havendo os ditos humores nelle, evacuando-os, & confortando-o, porque deſte modo ſe entende a palavra roborar, como ſe colhe do meſmo Capitulo, & explica doutamente Santa Cruz, & ſe colheo do meſmo Galeno.

1. Ad Claſſ. c. 14.

Lib. de imp. mag. rem. cap. ult. 4 de ſanit. c. 3. & 5. & 6. met. cap. 44. & ſæpè alibi.

Alèm deſta evacuação ſe póde dar ao enfermo *huma oytava de triaga de eſmeraldas, ou confeyçaõ de jacintos, ou de alchermes, ou de triaga magna, ou de coral preparado, ou doze grãos de ouro moido, qualquer couſa deſtas deſfeyta em agua de borragem, & de azedas; ou ſe lhe dem os alexipharmacos proprios do azougue*, que logo apontaremos, & façaõ-ſe fregações de pernas, & lancem-ſe nellas ventoſas ſecas.

Numero 13.

Como ſe acode aos deſmayos, & à fraqueza, & tremores de coração.

SE procederem de muyta evacuação, porſeha logo o doente em limpo, & trataràõ de lhe dar de comer couſas de bom mantimento, que facilmente ſe digiraõ, como gemas de ovos freſcos paſſadas por agua quente roſada, ou com-

commua, caldos que chamão esforçados, destillados de carne de galinha, ou capaõ, ou çumo de galinha mais de meya assada, & espremida na prensa, o qual depois se tempera ao fogo com seu sal, & com o mais que se costuma, com o caldo da mesma. Ou se lhe dè caldo de perdiz, que esforça muyto, & algum vinho bom puro, ou se tiver febre, aguado, & fatias de pão de lò molhadas nelle. E chegarlhe aos narizes cousas aromaticas, senão for mulher, a que se temaõ accidentes da madre.

Mas se os desmayos procederem da malicia do azougue, que corrompe os espiritos, (& se conhece, porque naõ he a evacuação tanta, que a ella se possaõ attribuir, & juntamente se complica com palpitação, ou tremor do coraçaõ, & desigualdades no pulso) com mayor pressa se porà o doente em roupa limpa, & se lavarà exquisitamente *com decoada de cinza, & massa, ou miolo de pão alvo, ou de rala, & se lhe acodirà com os alexipharmacos do azougue*, quaes saõ (conforme jà dissémos de Dioscorides) *vinho de losna, ou de ouregaõ, ou de hyssopo, ou semente de hormino, ou cozimento de aypo, ou semente delle, ou de salsa das hortas*. E para melhor, *se darà neste vinho ouro em pò quantidade de doze grãos*, & se repita por vezes, ou se dem *pães de ouro em quantidade, que responda ao dito peso*. Convem tambem *leyte qualquer*, bebendo muyto delle, & vomitando, & se for pessoa que não possa vomitar, tambem lhe farà proveyto. Ou se dè *myrrha* a beber, como manda Avicena, *ou decoada de cinza de vides com azeyte*, que Foresto a tem experimentado, & Dioscorides approva para todos os venenos. Póde-se tambem dar *triaga de esmeraldas, triaga magna, confeyção de jacintos, de alchermes, huma oytava de qualquer destas desfeyta em vinho bom*, que tambem he alexipharmaco do azougue. E servem *pòs de diamargaritaõ, pedra bazar, triasandalos, talhada de manus Christi, & outros semelhantes cordeaes*; o que tudo tambem se applicarà havendo tremor, & palpitaçaõ do coraçaõ, a que particularmente applica o Conciliador, *diamusco amargoso, & os pòs de diamargaritaõ*, que dissemos.

E appliquem-se sobre o coraçaõ *epithimas*, que se pódem fazer *de agua de flor, rosada, de escorcioneyra, de borragem, de cada huma quatro onças, pós de sandalos, & de diamargaritão, de cada hum duas oytavas, tudo misturado, molhando nisto mormo huma meada carmesim, ou esponja, ou panos, que se ponhão sobre o coraçaõ*. Ou se unte sobre elle *com oleo de Mathiolo, ou se applique unguento, que se farà com pós de diamargaritão duas oytavas, triaga de esmeraldas hũa oytava, almiscar, ambar, de cada hum dous grãos, banha de flor huma onça, tudo se misture, & se esfregue bem com a palma da mão sobre o peyto esquerdo*, para que penetre.

E se os desmayos procederem de fraqueza de estomago, que se conhecerà, porque logo o enfermo sente hum desfalecimento nelle, ou vomita o comer, ou sente grande espaço sem receber cozimento, confortar-seha *com carne assada, ou fatia torrada borrifada com vinho, ou qualquer outro corroborante, posto por fóra*, de que jà acima fallamos no Capitulo do regimento dos que tomaõ suores; & dem-se pela boca *talhadas de diarrhodaõ, ou de aromatico rosado, bebendo sobre ellas algum vinho cheyroso*. E no tempo do desmayo, de qualquer causa que proceda, se dè a cheyrar vinho, & se applique aos narizes qualquer cousa aromatica, porque pelo cheyro se restaurão as forças com mais brevidade, conforme Hippocrates. E juntamente para livrar o enfermo de desmayo, lhe puxaràõ levemente pelos dedos dos pès, & mãos.

E se a causa da fraqueza forem humores, que molestem a boca do estomago, que se conheceràõ pela mordicação, que nelle fazem, ou pelo perigo, ou en-

gulhos de vomitar, o que tudo acontece às vezes com anſias, & difficuldade na reſpiração, provocar-ſeha vomito, ou camara com qualquer medicamento lenitivo; como *xarope de roſas, & de violas, canafiſtula, & outros ſemelhantes*, como jà notamos, fallando das anguſtias do coraçaõ.

E ſe o enfermo padecer tremores de coraçaõ, curar-ſehão do meſmo modo, que os deſmayos procedidos da malicia do azougue, como jà advertimos.

Numero 14.

Como ſe acode à difficuldade da reſpiração.

A Difficuldade da reſpiração, conforme Galeno, humas vezes procede do uſo adaucto, a ſaber, do demaſiado calor do coraçaõ, outras de fraqueza da faculdade, que move os muſculos do peyto, outras da leſaõ dos inſtrumentos, que a ella ſervem. Eſta que ſobrevem aos untados do azougue, procede de ordinario deſta ultima cauſa, a ſaber de obſtrucçaõ das arterias aſperas do bofe, que ſe faz da muyta copia do humor, que o azougue move à cabeça, & della corre às partes do peyto. He ſymptoma trabalhoſo, por tanto ſe lhe deve acodir com muyta preſteza *lavando logo o doente, & pondo-o em roupa limpa, & ſe lhe devem dar cozimentos peytoraes, & lambedores accommodados, que facilitem a materia para ſe evacuar por eſcarro*, pois náo tem outro caminho, & para iſto ſervem *lambedor de avença, de alcaçuz, mel roſado coado, xarope de hyſſopo, & de marroyos*; & ſe as materias forem muyto vilcoſas, miſture-ſe a eſtes *oximel ſimplez*, & ſe forem mais difficultoſas, *eſquilitico*. E deſtes ſe và dando ao doente às colheres muytas vezes a miudo temperadamente quentes.

Faça-ſe tambem cozimento peytoral ordinario, & miſture-ſe *a cada libra delle huma onça de mel roſado, outra de oximel, duas de lambedor de avença, & deſta miſtura quente và tomando a tragos*. E ſerà bom miſturar neſtes cozimentos os alexipharmacos do azougue, principalmente os que tambem ſaõ peytoraes, *como hyſſopo, ouregãos, & aypo*, & póde-ſe fazer hum cozimento deſte modo: *Tomem paſſas de uvas limpas dos pès, & graùlhos duas onças, maçãs da anafega numero doze, figos paſſados mais pingues numero nove, ameyxas paſſadas numero dezoyto, ſemente de erva-doce, & de ſalſa das hortas, de cada huma meya oytava, hyſſopo, ouregãos, aypo, de cada hum meya onça, de tudo ſe faça cozimento ſecundùm artem, que fiquem tres quartilhos, & ajunte-ſe mel, alfenim, & açucar, de cada hum tres onças, com que ferva hum pouco, & ſe eſcume, & deſte cozimento và bebendo de dia, & de noyte, a poucos, & a miudo*. Porèm note-ſe que ſe houver complicada febre, ſerà neceſſario diminuir as couſas quentes, & accrecentar algumas frias tambem peytoraes, *como cevada com a caſca, ameyxas, ſementes frias mayores, & flores cordeaes, em eſpecial violas, & conſerva dellas*.

He tambem neceſſario tratar de revellir o humor fluente, que ſe farà com ajudas acres, fregações de pernas, ventoſas ſecas nellas, & que cheguem atè a cintura, naõ paſſando dahi para cima. E pelos narizes ſe provocarà tambem o humor para que ſe derive do peyto, & para iſſo *tomem tabaco, ou çumo de acelgas bravas, ou de raizes, ou pòs de elleboro branco*. E ſobre tudo para acodir ao ſymptoma, & cauſa, he efficaz, & preſentaneo remedio *tabaco de fumo*, como tenho por C. prop. experiencia, & diz Monardes.

Numero 15.

Como ſe acoae à febre aguda.

HE couſa, que tambem algumas vezes tenho viſto ſobrevir aos untados do mercurio. Acode-ſe a eſta, ſangrando as vezes que parecerem neceſſarias, & dandolhe cordeaes *de aguas de eſtilladas, de almeyraõ, de azedas, de borragem, de lingua de vaca, & de chicoria, com pós de diamargaritaõ frio, confeyção de jacintos, triaga de eſmeraldas, miſturandolhe xarope roſado, de romã, de azedo de cidra, de limaõ, & acetoſo*, & pode-ſe formar huma bebida deſta maneyra: *Tomem agua de almeyrão, & de borragem, de cada huma ſua libra, xarope de romã, & roſado, de cada hum ſua onça, pós de diamargaritaõ frio huma oytava, miſture-ſe tudo*, de que o doente và bebendo muytas vezes a cada hora, que quizer, & ajunte-ſe èm tod s *ouro*, por alexipharmaco do azougue.

Dar ſehaõ a beber, *agua de cevada, & tiſanas della, ou amendoadas de pevides de melão, & de abobora, & dormideyras*, ſe forem neceſſarias para o ſono; & lançarlhehaõ ajudas refrigerantes, que chamaõ *de ameyjoada, feytas de cozimento de cevada, ameyxas paſſadas, malvas, & violas, temperando-as com azeyte roſado, ou violado, & aſſucar*, accreſcentando algumas vezes *meya onça de polpa de canafiſtula*, ſendo tambem neceſſario, para provocar camara: & continuando a febre, deſe ao enfermo *ſoro de leyte de cabras*, porque além de temperar o calor, emenda os danos do azougue, & remitte a mà qualidade delle.

Na materia da ſangria ſe advirta, que algumas vezes ſuccedem agaſtarem-ſe os doentes com ellas, & ſobrevirem lhe grandes anguſtias de coraçaõ, cuja cauſa naõ he outra, ſenaõ porque a elle ſe retrahe a venenoſidade do mercurio, ou chamando-a da circunferencia para o centro, ou das partes inferiores para as ſuperiores. No qual caſo me tem moſtrado a experiencia ſerem proveytoſas as ſangrias dos pés, porque além de remediarem a febre, revellem, & deſviaõ a materia venenoſa do coraçaõ, & das partes principaes. E he a razaõ, além de outras, porque às vezes aproveytaõ em febres malignas.

Numero 16.

Como ſe remedea a dor de eſtomago, & tripas.

HE eſte hum dos ſymptomas, que aos untados ſuccede, & naõ he de eſpantar, porque conforme Dioſcorides, faz o azougue os meſmos ſymptomas que o lithargirio, entre os quaes o principal, conforme o meſmo Dioſcorides, he o preſente de que tratamos. Remedea-ſe bebendo muyto leyte, & vomitando. E porque nos untados he a principal cauſa deſtas dores humor acre, & mordaz, que o azougue move àquellas partes, eſtando a dor mais no eſtomago, convem mais vomitar, dando para iſſo *agua morna com aſſucar, ou quatro onças de lambedor violado, ou de xarope acetoſo*; eſtando nas tripas convem ajudas, que evacuem, & temperem, as quaes ſe faràõ *de caldo de galinha com azeyte roſado, ou violado, meya onça de polpa de canafiſtula, duas onças de xarope de nove infuſoens de roſas Perſicas, tudo miſturado.*

E por fóra ſe fomente *com oleo roſado, & de amendoas doces, partes iguaes*; ou ſe faça fomentaçaõ *de cozimento de malvas, & violas, feyto em vinho, & agua, & metido em huma bexiga.* E ſe tudo naõ baſtar, faça-ſe evacuaçaõ deſtas partes com algum linitivo, dos que jà diſſémos neſte Capitulo; & ſe com tudo as dores perſeverarem, he certo conſervalos a fluxaõ dos humores, que de todo o corpo ſe

movem

movem para aquellas partes, & aſſim he neceſſario que o doente ſe ſangre nos braços, & tambem nos pés, ſe as dores inclinarem abayxo, conforme a doutrina de Galeno.

Lib. de ſang. mit. cap. 18. & læp. 4. alibi.

Numero 17.

Como ſe acode às camaras demaſiadas, & dyſenterias.

MUytas vezes move o mercurio a evacuaçaõ dos humores por camara, as quaes ſe naõ devem impedir ſenaõ quando forem tantas, que ponhaõ o doente em perigo, ou quando forem de ſangue, & com dores intoleraveis. Sendo pois de qualquer deſtes modos, acodirſena com ajudas lavativas, que poſſaõ obtundir a acrimonia do humor, temperar o demaſiado calor delle, & defender as tripas que ſe naõ alterem. E para iſſo ſe faràõ *de agua de cevada, & aſſucar em pó, ou roſado, & hum ovo batido com clara, & gema.* Ou ſe lancem ajudas *de leyte ferrado, miſturandolhe hum pequeno de aſſucar, ou de caldo de galinha com aſſucar roſado, & ovo, ou miſturando o caldo com agua de cevada.* E ſendo camaras de ſangue com dores, que moſtrem haver chagas nas tripas, miſture-ſe neſtas ajudas, *ſevo de cabrito, ou de bode lavado cinco, ou ſeis vezes em agua roſada, ou ſevo de veado, & çumo de tanchagem*; ou lhe miſture *muyta quantidade de banha de porco*, como aconſelha Pareu, porque obtunde a acrimonia do azougue.

Lib. 18. cap. 1.

E ſe com tudo ſe naõ moderarem, & o ſangue, & dores forem demaſiadas, ponha-ſe logo o doente em roupa limpa; & ſe ainda forem tantas que ameacem perigo, lave-ſe; & ſe nem com iſſo aquietarem, he neceſſario recorrer aos remedios mayores, *& ſe deve ſangrar o enfermo, & tomar os pós dos mirabolanos torrados, atè ſerem negros como carvaõ*, (porque naõ ſendo aſſim movem mais camaras) *& depois lavados em agua de tanchagem, & delles aſſim preparados ſe dè ao doente huma, ou duas oytavas, com huma onça de xarope de roſas ſecas, ou de murtinhos, miſturados com duas, ou tres onças de agua de tanchagem, ou de pés de roſas, ou de beldroegas*: o que ſe tomarà tudo de huma vez pela manhã, & ſe naõ baſtar, repita-ſe mais vezes. E depois continuem alguns dias *com oytava, & meya de trociſcos de charabe cada manhã, miſturados com duas, ou tres onças das ditas aguas, & huma onça dos meſmos xaropes*; ou ſe lhe dè *triaga nova desfeyta em leyte*, como enſina Pareu. E ſe com tudo naõ aplacarem as camaras, & dores, & puzerem o doente em perigo, deve-ſelhe dar *meya oytava de Filonio Perſico*, & naõ baſtando, accreſcente-ſe atè chegar a huma oytava & meya.

Loc. cit.

E naõ aliviando o doente he final que eſtà o azougue dentro do corpo, & que move as camaras, & he neceſſario dar os alexipharmacos, que neſte caſo pódem ſer, *leyte ferrado com ouro, dado a beber, & lançado por ajudas, & dar ao enfermo pós de ouro limado, dez, ou doze grãos de cada vez, ou miſturemlhe pães de ouro no que come, & bebe.* A agua que beber *ſeja ferrada com ouro, ou pelo menos com ferro*, & por fóra tambem ſe lhe faça fomentaçaõ *com oleo de marmellos, roſado, omphacino, de loſna, ou de almecega*, lançando com os oleos *pós de çumagre, ou de murtinhos, ou de roſas, & coral.* E finalmente far-ſeha tudo o que convem às curas das diarrheas, & dyſenterias,

E para que alguem ſe naõ engane lendo Pedro de Torres, advirto que eſte Author jà por opiniaõ de Botallo, manda que havendo camaras, ſe dè huma boa purga, que evacue tudo junto, a qual pratica he muy perigoſa, & prejudicial, como ſe colhe de Galeno, jà acima allegado, & daquelle proverbio que ſe attribue a Avicena, que tambem allegàmos: *Solvere ventrem ſupra ventris ſolutionem maximè, &c.* E poſto que alguns modernos tivèraõ eſta opiniaõ de

1. ad Glac. c. 14.

purgar

purgar em camaras: o contrario eſtà hoje em pratica, confirmada com a razaõ, & experiencia.

Numero 18.

Como ſe acudirà à ſuppreſſaõ da camara, & ourina.

SE o uſo do azougue conſtipar o ventre, convem provocar camara com ajudas commuas, ou dar ao enfermo qualquer mollificante, *como ameyxas paſſadas, malvas ou borragens cozidas*, & outros deſta natureza.

E ſupprimindo-ſe a ourina, diz o Conciliador que ſe meta o enfermo *em banhos de agua quente, & depois de ſahir ſe lhe ponha ſobre a bexiga huma eſponja, ou pano dobrado, embebidos em cozimento de zimbro, & de ſemente de aypo*, applicando-ſe muytas vezes, & ſe dè a beber *vinho bom puro, em que tenha fervido raiz de junça*, & ſe unte a bexiga, & mais partes bayxas *com oleo de ruda, & de zimbro*, & ſe dè a beber *cõſto*, que conforme diz, he o verdadeyro *bezoartico do azougue*. Lib.6. do vent.c.5.

Tambem ſerá conveniente, *uſar de ajudas feytas de alfavaca de cobra, ortigas mortas, & cabeça, ou carne de carneyro gordo*, & applicar-ſe ſobre a bexiga *alfavaca de cobra, frita com unto de porco, & azeyte, & hum ovo batido*, que fique a modo de huma filhò; & ſe iſto naõ baſtar, *unte-ſe com oleo de alacraes.*

E ſe houver mais outro algum ſymptoma fóra dos que aqui referimos, ſe remediarà conforme ſua natureza, porque ſe naõ pòde tratar de todos por extenſo. E jà vou ſendo proluxo neſtes, mas poſſo ter deſculpa por ſerem ordinarios, & andar a cura do morbo gallico em mãos de muytos, que naõ ſaõ Medicos, & de outros menos experimentados, que podem duvidar do que ſe devé fazer: & advirta-ſe, que a qualquer ſymptoma a que ſe acuda, ſerà acertado miſturar os alexipharmacos proprios do azougue, de que tenho feyto mençaõ neſte Capitulo.

Numero 19.

Como ſe ha de fazer ficando o azougue no corpo.

COuſa he que às vezes ſuccede, como nota Petronio, poſto que naõ dà os ſinaes por onde ſe conheça. Porèm o que me parece he, que naõ ceſſarà a evacuaçaõ do cuſpo, creſceràõ as chagas da boca, ou pelo menos naõ ſararáõ as que havia, & com iſto haverá ancias de coraçaõ, dores de eſtomago, & tripas, camaras de ſangue, ou ſem elle, & algumas vezes ha febre, & magreyra; porque, conforme Nicolao Maſſa, he eſte hum dos danos que o azougue faz. E haverá outros ſemelhantes ſymptomas; porèm naõ he neceſſario que os haja todos. Lib.6. de morb.gal cap.17. Tract.4.

Conſtando pois pelos ditos ſinaes ficar no corpo o azougue, trataremos de o lançar fóra, & de extinguir a ſua mà qualidade. E primeyramente, *ſe lavarà o doente muyto bem com decoada de cinza, & miolo de paõ, como jà acima fica dito, & darſe-haõ meya duzia de ſuores de ſalſa, ou pao*, para ver ſe he poſſivel expellillo a natureza pelos caminhos, por onde entrou, & para iſſo ſe applicarà muita ventoſa ſeca por todo o corpo. E tãbem para eſte effeito ſaõ efficazes os banhos das caldas, conforme diz Zacuto Luſitano, & quãdo ſe naõ poſſa expurgar pelo ambito delle, darſcha algum medicamento purgativo, miſturandolhe folhas de ouro, ou o meſmo ouro moido, porque he attractivo do azougue, como denota Daniel Senerto; & tambem ſe pòde dar ſó por ſi. E convem applicar todos os mais alexipharmacos do azougue, a ſaber, o leyte còſto, & os mais que referimos neſte Capitulo, em eſpecial quando fallamos dos deſmayos, àlem dos quaes ſe applica- Lib. 8. hiſt.c.1. Lib.6 de luc.ven.

ràõ os alexipharmacos *do luthargirio*, ordenandó-o aſſim Dioſcorides, quaes ſaõ
Lib.6. c. 27.& 28. *myrrha, ſemente de perrexil, pimenta, flor de liguſtro, qualquer deſtes bebidos com vinho, & o eſterco ſeco das pombas ſylveſtres bebido tambem em vinho juntamente com o Nardo.*

E diz Zacuto, que ficando a certo Principe de humas unturas, que tomàra, o azougue dentro do corpo, cauſando-lhe graves accidentes, & conſultando-ſe o remedio delles, depois de varios votos, ſahio por ultimo conſelho da junta, que
In prax adm. obſ. 117. ſe fizeſſe *huma pirola de pò de ouro moido, & ſe deſſe ao enfermo, & que cobriſſem todo o corpo de folhas de ouro triplicadas, tendo-o primeyro untado com tragacanto, ou goma Arabia para pegarem*; com que logo melhorou, & nas folhas de ouro ſe via manifeſtamente o azougue, que ellas a ſi attrahiraõ. Accrecenta o Author, que he excellente remedio meter o enfermo debayxo de hum pavelhaõ, & defumalo com certa palha, que ha no Perù, a que vulgarmente chamaõ *Jobo*, a qual he taõ efficaz, que o fogo della derrete com facilidade os metaes, quando os alimpaõ do azougue, couſa que naõ pòde fazer outro mayor fogo de outra lenha, como tambem o refere de Plinio, & aſſim tem o fumo della grande efficacia em tirar o azougue do corpo. Porèm Plinio naõ diz que ſe derrete com eſta eſpecie de palha, ſenaõ abſolutamente com palha, de que ſe deve entender a ordinaria, & por ventura, que tambem eſta ſirva para extrahir do corpo azougue, porque do fogo della, diz Galeno, que he accommodado para ajuntar o ouro, por onde me parece, que tambem ſervirà o fumo della para extrahir do corpo o azougue, aſſim como eſta do Perù.

Obſ. 18.

Lib. 33. cap. 3.

Adreſ. lic. c. 5.

He tambem remedio para o lançar fóra, fazer muyto exercicio, como diz Petronio, continuando com elle muytos dias com tanta vehemencia, que chegue a ſuar, porque deſte modo o lançaõ fóra os douradores, & outros artifices, que delle uſaõ, como a experiencia moſtra, & teſtifica o meſmo Author, o qual tambem encomenda que naõ ſe chegue o doente ao fogo, & deve ſer a cauſa, porque com o calor delle ſe poderà actuar mais o do azougue, dividirſe, & penetrar mais pelas partes ſolidas.

ANNOTAÇOENS.

Numero 1.

NAõ eſtar o corpo bem evacuado. *Na cura do azougue ſobrevem muytas vezes taõ graves danos, que poem os doentes em mayor perigo, do que tinhaõ nos ſeus achaques, no que ſe naõ ha de culpar o azougue, ſenaõ o modo com que ſe prepara, & a arte com que ſe uſa. Bem ſe ſabe que o azougue das panaceas de que ſe uſa, he hum veneno domado, & que ſe naõ ſe doma bem, ſe naõ dulcifica bem, ſe naõ he bem correcto, primeyro que os doentes reconheçaõ os emolumentos, que eſperaõ da ſua virtude alexipharmaca, experimentaõ os perniciоſos effeytos da ſua qualidade venefica; o que ſuccede tambem quando o corpo ſe naõ prepara exactamente antes de chegar ao uſo do azougue; & eſta he a cauſa mais ordinaria das infelicidades que com elle acontecem; porque o azougue naõ deyxa parte a que naõ penetre; inquieta os humores, & move-os aos vaſos ſalivaes, & a outras varias partes; & ſe os humores ſaõ muytos, depois de movidos, & inquietos com o orgulho do azougue, excitaõ os danos graviſſimos, que ſe pódem evitar preparando exactiſſimamente o corpo com repetidas evacuações; principalmente ſe ſe houverem de tomar unturas; que jà quando ſe toma o mercurio pela boca, como he medicamento ſolutivo, cada dia ſe vaõ purgando pelo ventre os humores, deſorte*

deſorte que quando vay jà ſendo muyto o azougue nas exhibições repetidas, apenas move huma leve ſalivaçaõ, & aſſim com admiravel ſuavidade ſe faz eſta efficaciſſima cura ſem ſuſto de quem a adminiſtra, & ſem dano de quem a celebra. Por iſto, Senhores, o que importa na cura do azougue, he que ſe prepare exactamente o corpo, & que ſe uſe com prudencia do azougue bem domado.

Ao arbitrio dos miniſtros. *Eſta he outra cauſa das diſgraças, que ſuccedem na cura do azougue: deyxar à diſcriçaõ das peſſoas que daõ unturas, a eleyçaõ dos unguentos, o modo de applicallos, & finalmente toda a direcçaõ da cura; ſendo que quem dà eſtas unturas, ou ſaõ humas mulheres ignorantes, ou huns homens taõ doutos como ellas, q̃ a gente do vulgo tem arrogado a ſi eſta cura, aſſim como a da tinha da eſpinhella, & do quebranto, achaques em que jà os Medicos, & Cirurgiões ſe naõ conſultaõ. E em quanto à cura do azougue, culpamos muyto aos Medicos, ou Cirurgiões, que feytas as preparações neceſſarias, entregaõ os ſeus doentes ao arbitrio de quem lhes ha de dar as unturas; para que elle buſque o unguento que quizer, da botica que lhe parecer; para que faça as fregações, ou unturas, na hora que for ſervido; para que reſolva ſe haõ de ſer brandas, ſe fortes as unturas; & para que as continue, ou ſuſpenda pela ſua determinaçaõ; ſendo que às vezes por huma untura mais, póde ſucceder huma infelicidade, que ſe naõ ſayba remediar. Iſto naõ ha de ſer aſſim: hade receytar o unguento quem manda tomar as unturas; ha de limitar a quantidade delle; ha de aſſinar as horas em que deve applicar-ſe; & ha de ver todos os dias o doente, para reſolver ſe ſe haõ de continuar, ou ſuſpender as unturas, & para acodir promptamente a algum dano que ſobrevenha; que deſta maneyra rariſſimas vezes ſuccederà diſgraça alguma na adminiſtraçaõ das unturas. Mas nem ſempre devem culparſe os Medicos, & Cirurgiões; porque a meſma gente do vulgo ſe entrega às barbaras applicações dos embuſteyros, que ſe intrometem a reger as curas, & avariar de remedios no curſo dellas, de que reſultaõ mil infortunios. Diga-o aquelle loſtimoſo caſo, que referimos no fim d Tratado que eſcrevemos do uſo do azougue; & digaõ-no os miſeraveis enfermos, que de fiarem a ſua ſaude deſtes impoſtores, colhem ſómente o fruto do arrependimento.*

Numero 2.

SE ſangre. *Nas inflammações da garganta que obrigaõ a ſangria, ha de fazerſe no braço; & logo ſe ha de lavar o doente, & porſe em roupa limpa; porque em queyxas de garganta, naõ ha que deſcuydar, pelo perigo de ſuffocaçaõ.*

Purga. *O purgar neſtas inflammações he jà caſo mais duvidoſo, principalmente havendo febre aguda, que às vezes as acompanha. Muyto melhor ſerà dar os antidotos do azougue, & uſar de ajudas purgativas; & quando iſto naõ baſte, ſe a febre, & inflammaçaõ com as ſangrias eſtiverem mais remiſſas, entaõ ſe póde uſar de medicamento purgante, como o Author aconſelha.*

Numero 5.

MEdicamento purgativo. *Naõ louvamos a praxe de purgar quando o tialiſmo, ou ſalivaçaõ he copioſa: porque tememos que perturbado o movimento do azougue, & dos humores que elle inquieta, & encaminha pelos vaſos ſalivaes, cayaõ os taes humores no peyto, & ſuffoquem o doente, como huma vez obſervamos, por ſe uſar de medicamento ſolutivo, quando o azougue tinha movido, & eſtava actualmente movendo a ſua ſalivaçaõ. Parecenos melhor inſiſtir com os antidotos do azougue, para lhe retundir a malicia, & lhe infringir o orgulho com que inquieta os hu-*

mores; dando para iſto a beber muyto leyte, com que promptamente temos acodido algumas vezes em ſalivações mercuriaes muy proluxas, & em tialiſmos de outras cauſas.

Numero 7.

ABalarem-ſe. *Naõ nos lembra, que curando a alguem com azougue ſe lhe abalaſſem, & deſcompuzeſſem os dentes; o que dizemos, porque póde chegar eſte livro às mãos de algum gallicado, que neceſſite deſta cura, & a naõ admitta com o temor de perder os dentes. Naõ duvidamos que adminiſtrando-ſe mal o azougue, ou dando-ſe mal preparado, faça naõ ſó o dano de abalar os dentes, mas outros incommodos mais graves; porèm untando-ſe com boa preparaçaõ, & com prudencia, ſem reluzir offenſa ſe celebra a cura.*

Numero 10.

MEdicinas adſtringentes. *Os que lançarem eſcarros de ſangue curando-ſe com azougue, logo, logo ſe devem limpar delle, ſe o tiverem uſado em unturas; & tratar de beber leyte de cabra, com criſtal preparado, & com ouro, que ſaõ bons remedios para retundir a malicia do azougue, & para acodir ao dano do ſangue. Para eſte vedar, póde ſer bom remedio o ſeguinte:*

Tomem tres onças de çumo de tanchagem, huma oytava de pós ſutiliſſimos de pedra hematites, quatro grãos de alcanfor; miſture-ſe, & beba-ſe tudo de huma vez.

Ou ſe uſe deſte remedio:

Tomem de pòs de bolo armenio, & de pedra hematites, de cada couſa huma oytava, de çumo de ortigas ſeis onças, de laudano opiado tres grãos; miſture-ſe, & beba-ſe de duas vezes.

Ou ſe faça eſte:

Tomem huma libra de agua de beldroegas, duas oytavas de criſtal preparado, huma oytava de pò ſutiliſſimo de pedra hematites; miſture-ſe. De cada vez tomaràõ tres onças, bem revolto tudo primeyro.

Numero 12.

ANguſtias de coraçaõ. *Succede muytas vezes que os humores que o azougue move, ſe encaminhe ao eſtomago, & façaõ ancias, & afflições, com que ſe naõ póde continuar a cura; o que principalmente acontece quando naõ tem havido exactas evacuações antees de chegar ao azouge. Neſte caſo he conveniente tomar logo hum vomitorio, ou purgar com medicamento alviduco: porque evacuando-ſe os humores do eſtomago, ceſſaõ as ancias, & proſegue-ſe a cura. E por nenhum modo nos parece conveniente o ſangrar neſte caſo, como o Author aconſelha, quando por algum obſtaculo ſe naõ poſſa dar medicamento purgante, porque além de que a ſangria naõ he bom ſubſtituto da purga, ou ſeja do pè, ou do braço, neſte caſo póde fazer a ſangria mayor dano, retrahindo para dentro das veas os humores que occupaõ o eſtomago, como o meſmo Author adverte.*

Numero 13.

DEſtillado de carne. *Para acodir aos deſmayos daquelles que por debilitados os padecem, aconſelha o Author caldos deſtillados de carne de galinha, & capaõ, cuydando, que eſtas deſtilaçoens tem virtude reſtaurativa, & mais alimenticia, do que os caldos das meſmas carnes; no que ſem duvida ſe engana: porque nas deſtillações das carnes, o que he ſubtil, & volatil, gaſta-o o fogo; o que he fixo, & ſolido, em que conſiſte a virtude reſtaurante, fica nas meſmas carnes, o que paſſa, & dellas ſe deſtilla, he huma humidade aquoſa, pouco alimenticia; & por iſto alguns Authores de boa nota reprovaõ grandemente eſtas deſtillaçoens; hum dos quaes he Mundella, 1. que fallando neſte negocio, reprehende aſperamente aquelles Medicos, que daõ aos ſeus doen-*

1. Mund. epiſt 32.

tes

tes aguas deſtiladas de carnes, em que não conſidera a virtude que lhe ſirva de utilidade. Eſtas as ſuas palavras: Reprehendendos & illos pariter eſſe non leviter exiſtimo, qui ægrotantibus magno in vitæ diſcrimine exiſtentibus aquam carnium deſtillatarum exhibent. *O meſmo eſcreve Garcia Lopes 2 ſeguindo a Cardano, entendendo, que o fogo nas deſtillações diſſipa as partes ſuccolentas, & ſubſtanciaes das carnes que ſe deſtillaõ*: Quod tamen (*diz elle*) ad aquam carnis attinet, quæ igne per alambicum exprimitur, & deſtilatur, quâ vulgares utuntur Medici, & Cardano etiam reprodatur: ego illam etiam minimè laudo; quòd ſubtilis, & ſucculenta carnis pars, quam ſubſtantialem dicunt, igne exhauſta eſt; reditaque deterior quàm ſit ipſa caro, ſi contundatur. *Os caldos bem reſtaurantes, ſaõ os que ſe fazem de gallinha, perdiz, capaõ, & vitella; cozendo eſtas carnes bem, & eſpremendo-as, & lançando no caldo humas gemas de ovos, & humas colheres de vinho.*

2. Garc. Lop. com. de var. rei med. lect. cap. 20.

Numero 14.

MUyto viſcoſas. *Se os humores que occupaõ as oſperas arterias do boſe, & difficultaõ a reſpiraçaõ, forem viſcidos, & craſſos, dar-ſe-ha nos lambedores eſperma ceti, & eſpirito de ferrugem, ou eſpirito de ſal armoniaco, ou licor de ponta de Veado ſuccinado; porque eſtas couſas tem grande virtude para diſſolver, & deſcoagular as materias craſſas, & viſcidas; póde-ſe receytar deſta maneyra:*

Tomem de oxymel ſimplez ſeis onças, de eſperma ceti meya oytava, de licor de ponta de veado ſuccinado hum eſcropulo; miſturem-ſe. Toma-ſe às colheres.

A tintura do cerefolio, & das flores chamadas perpetuas, tambem tem grande virtude para volatizar, & diſſolver os humores de textura craſſa, & viſcoſa; & neſtas tinturas ſe pódem tomar os ditos eſpiritos, & licores diſſolventes deſte modo:

Tomem de tintura de cerefolio ſeis onças, de eſperma ceti hum eſcropulo, de eſpirito de ferrugem huma oytava, miſturem-ſe. Toma-ſe de cada vez huma onça, & repete-ſe cada quatro horas.

Numero 15.

COrdeaes. *Nas febres agudas, que ſobrevem na cura do azougue, ſe uſa de cordeaes com que o incendio febril ſe tempere, & a inquietaçaõ do azougue ſe modifique; naõ ſerà porèm na fórma que o Author os receyta, miſturando pós de diamargaritaõ com azedos de cidra, & romã, porque os acidos com os alcalicos naõ fazem ceſſar o fervor da febre; mas antes excitaõ entre ſi novas fermentações, & vem a ficar inuteis pela miſtura, aquelles remedios, que ſeparados puderaõ ſer proficuos. E por iſto ſe naõ devem miſturar pós de coral, de aljofar, de olhos de caranguejos, de criſtal, nem de qualquer outra couſa, que ſeja taõ poroſa, & tenha fórma, & virtude alcalica, & abſorvente, com oleo de vitriolo, de enxofre, ou com qualquer outro azedo: porque os acidos ſe metem pelos póros dos alcalicos, & huns & outros ficaõ ſem virtude medicinal.*

Numero 16.

LEyte. *O leyte he inſigne remedio de todas as dores que procedem de acidos pungentes, & irritantes; porque com as partes untuoſas que tem, retunde, & quebra aquelles eſpiculos, ou particulas acres que excitaõ as dores. E nas que ſobrevem aos gallicados no eſtomago, & ventre, ou ſejaõ cauſadas do azougue, ou do acido venereo dos humores infectos com o gallico que para aquellas partes ſe moveraõ: ſempre o leyte he grande remedio dellas; mas ha de ſer leyte de cabra, que tem mais partes butyroſas, & anodinas, que o leyte de burra.*

Vomitando. *Antes de dar leyte para remedio deſtas dores, ſerà muyto melhor, que o doente tome ſeis, ou oyto grãos de tartaro emetico, ou qualquer outro vomitorio*

antimonial, para que promptamente vomite alguma porçaõ dos humores, que offendem o eſtomago; o que ſe naõ faz taõ bem com agua morna, nem com vomitorios deſte genero.

Ajudas. *As melhores ajudas para eſtas dores ſaõ as de leyte de vaca com gema de ovo, & açucar branco. Naõ havendo leyte de vaca, que preferimos aos outros, por razaõ de ter mais manteyga, lancem-ſe de leyte de cabras, & faltando eſte, do que eſtiver mais prompto. Porque ſe a cauſa das dores do ventre he a meſma que a das dores do eſtomago; parece que ſe neſta parte ſe remedeaõ com muyto leyte tomado pela boca, como diz o Author, que tambem no ventre ſe haõ de remediar com muyto leyte tomado por ajudas, nas quaes ſe pódem lançar quatro, ou ſeis grãos de laudeno opiado.*

Se fomente *Naõ aconſelhamos que neſtas dores ſe faça as fomentaçoes com cozimentos preparados em vinho, ſenaõ que ſe uſe de panos molhados em leyte morno; & ſe o leyte tiver fervido com flores de ſabugo, & macella, ſemẽte de meymendro, & cabeças de dormideyras brãcas, ſerà muyto melhor; tratando finalmẽte eſtas dores como hũa colica convulſiva, de que eſcrevemos largamente na noſſa Medicina Luſitana; advertindo, que na fereza da dor, naõ aproveytando outros remedios, he preciſo valer dos narcoticos, dando dous grãos de laudano opiado, bem deſfeyto em huma amendoada de pevides de melaõ, & melancia, ou oyto pingas de laudano liquido.*

Numero 17.

POr camara. *Succede muytas vezes que tomando unturas de azougue, ſobrevenhaõ diarrheas profuſiſſimas, & que paſſem a dyſenterias: porque a corroſividade dos humores exulcera os inteſtinos, & chegaõ os doentes a perder a vida, ſe eſtes danos ſe naõ remedeaõ. Neſta Corte, em que pela atrevida ignorancia de Cirurgiões idiotas, & pela ſimplez barbaridade da gente plebea, acontecem cada dia eſtupendiſſimos caſos; ſuccedeo naõ ha muytos annos, q̃ hum Cirurgiaõ deſta categoria intentaſſe curar hum gallicado com azougue, concertando-ſe em certa porçaõ, que logo de entrada recebeo. Nas primeiras exhibições do mercurio, que tomava pela boca, ſoltou ſe o ventre com taõ profuſos, & precipitados curſos, que o enfermo entrou em ancias de morte. Neſtes termos fomos ver eſte homem, que por inſtantes eſtava ſincopizando; porque aquella evacuaçaõ taõ arrebatada, lhe tinha deſſipado os eſpiritos, & as forças, que não podia reſarcir com o alimento, porque tudo quanto comia, & bebia, lançava pelo ventre antes de haver cozimento. O caſo foy, que o Cirurgiaõ lhe havia dado azougue preparado por ſuas mãos; & ou por muyto, ou por mal correcto, logo no ſegundo dia cauſou os referidos incommodos, de que dentro de dous mezes livrou por induſtria noſſa, tomando muyto ouro em pò, em pirolas, & em folhas, não ſó pela boca, mas por ajudas, preparando ſe eſtas de leyte, com gema, & clara de ovo, pós de coral, de criſtal, & de ouro; no que não havia deſficuldade, por eſtar taõ patente a via eſcrementicia, que ſe lhe lançavaõ as ajudas ſem violẽcia. Quando o eſtomago foy retendo algum alimento, démoslhe muytos dias leyte de vaca com ouro, & pó de criſtal preparado, com que pode evadir de tamanho perigo. O que quizemos referir, para que lendo eſte caſo os Cirurgiões pouco exercitados, ſejaõ menos atrevidos em dar azougue, por naõ excitar ſemelhantes danos.*

Os curſos que ſobrevem na cura do azougue, ou procedem de ſer eſte mal preparado, ou de ſe haver tomado muyto; ou tem por cauſa a multidão, ou prava qualidade dos humores, que o azougue move. Conhece ſe que o azougue he mal cicurado, porque logo nos primeyros dias moſtra os effeytos da ſua braveza, nos danos q̃ cauſa. Conhece-ſe que ſe tem tomado muyto, ou pelas muytas vezes que ſe repetio, ou pela quãtidade que em

cada

cada vez se tomou. Se os humores por acres, & corrosivos saõ causa dos cursos, conhece-se, porque os cursos saõ pequenos, fazem dor aguda, & puxos. Se por muytos excitar em este dano, conhecer-se-ha porque serão as dejecções copiosas, & terà havido poucas evacuaçoes antes do azougue. Quando este por muyto, ou por mal domado foi causa das diarrheas, ou dysenterias, usar-se-haõ os seus antidotos, dos quaes saõ os mais genuinos o ouro, o crystal, & o leyte. Se a acrimonia dos humores excitar estes males, acodir-se-ha com leyte de cabra ferrado, tomando-o com meya oytava de pòs de crystal, olhos de caranguejos, & coral vermelho, tudo bem preparado; & com ajudas de leyte de vaca com ovo, & assucar. E se os humores por muytos forem causa da diarrhea, he preciso tomar logo hum vomitorio, para diminuir a causa antecedente dos cursos, evacuando-a com movimento revulsivo, com que muytas vezes se curaõ brevemente as diarrheas, & dysenterias; sobre o que se veja o que dissemos na nossa Medicina Lusitana, na cura destes males.

Triaga nova. *Huma das razões porque nestas camaras se applica a triaga nova, he por estar em seu vigor o opio que entra na sua composiçaõ, a cuja virtude narcotica se suspendem os cursos. Mas para isto he muyto melhor usar do laudano opiado, ou solido, ou liquido, aquelle na quantidade de dous grãos; este na quantidade de sete, ou oyto pingas, tomando-o em alguma amendoada, ou em qualquer licor que se receyte para os cursos, huma, ou duas vezes no dia. Reparamos em que o Author naõ aconselha laudano opiado, naõ só neste caso, mas em outros muytos em que podia ter lugar; valendo-se do Philonio Persico, sendo que he muyto melhor qualquer dos ditos dous laudanos, que qualquer outro remedio antigo, em cuja composiçaõ o opio entre.*

Ferrada com outro. *A agua ferrada com ouro vemos usar cada dia para remedio de muytas enfermidades, sendo que o ouro nenhuma virtude larga na agua quando se ferra; porque naõ he metal de que com facilidade se tire alguma virtude medicinal das muytas que em si contèm; sobre o que se veja o que escrevemos na nossa Medicina Lusitana, na cura das diarrheas de causa quente; aonde dissemos a razaõ porque pòde ser util aos camarentos a agua ferrada com ouro.*

Purga. *Estranha muyto o Author a doutrina de Pedro de Torres quando diz, que se purguem os que tiverem camaras, temendo esta evacuaçaõ sobre a dos cursos, que se pódem precipitar com ella de maneyra, que nunca se cheguem a suspender. Mas isto parece mais puerilidade de hum principiante, que documento de hum Mestre douto, & de hum Medico provecto. Que novidade faz o purgar em camaras, ou de diarrhea, ou de dysenteria? Isto aconselhaõ commummente os Praticos, preferindo huns os vomitorios, pela razaõ de revelirem por vomito parte dos humores, que se haviaõ de encaminhar ao ventre; outros usando de purgas alvidueas, & adstringentes, preparadas de ruybarbo, & mirabolanos, para purgar corroborando. E he mais para estranhar no Author a novidade do remedio, do que em quem o usa a deliberaçaõ com que o applica.*

Numero 18.

SE isto naõ bastar. *Propoem o Author varios remedios para facilitar o exito da ourina por causa do azougue suppressa; & diz, que naõ bastando elles, se use de oleo de alacraes. O remedio seguinte he de mayor efficacia:*

Tomem duas oytavas de pao nephritico feyto em bocadinhos, lance-se em tres quartilhos de agua, ferva atè gastar hum quartilho, entaõ ajuntemlhe duas duzias de frutos de alquequenges, huma duzia de baga de zimbro machucada; ferva atè gastar meyo quartilho; tire-se do lume, & coe-se.

Deste cozimento tomaràõ cinco onças, & repetindo-o cada seis horas, he de esperar, que

que promova a evacuaçaõ da ourina; quando aſſim naõ ſucceda, ſaçaõ-ſe outros remedios dos muytos que os Authores trazem, de que nòs fizemos huma copioſa ſylva na noſſa Medicina Luſitana tratando da ſuppreſſaõ da ourina, aonde ſe pòde ver.

Numero 19.

ALexipharmacos do azougue. *Entre os alexipharmacos do azougue tem o primeyro lugar o ouro, porque o attrahe a ſi de maneyra, que fica da ſua meſma cor; & para o tirar do corpo depois da cura, naõ ha remedio como tomar muytos pães de ouro varias vezes no dia; porque attrahindo a ſi o azougue, vay ſahindo pelo ventre nas meſmas folhas do ouro. Tambem o cryſtal he potente alexipharmaco do azougue, ſegundo eſcreve Jacob Conſtant de Rebecque, Author Francez, no ſeu* Apothichaire Caritable fol.35. *aonde affirma que o cryſtal remedea em hum momento os danos que o azougue cauſa. Eſtas as ſuas palavras:* Il (*falla do criſtal*) querit en un moment ceux qui ont avalè du mercure. *E por iſto ſe pòde tomar hum quartilho de leyte com huma oytava de criſtal montano preparado, de manhã, & de tarde.*

CAPITULO XXVIII.

Emplaſtos, & cerotos de azougue para curar morbo gallico.

Numero 1.

APplica-ſe tambem o azougue em *cerotos*, ou emplaſtos, que naõ differem mais huns dos outros, que em ſerem os emplaſtos mais ſolidos. Eſte modo de cura he mais limpo, & pòde-ſe fazer com menos reſguardo do ar, & por tanto convem mais a peſſoas occupadas, a que os negocios naõ daõ lugar a ſe recolherem. Fazem os emplaſtos os meſmos effeytos, que as unturas, movendo os humores, principalmente à boca, & às vezes tambem por camara, & ourina. Pelo que ſe deve conſiderar na applicaçaõ delles os indicantes, & prohibentes, de que tratamos, & ſe deve acodir aos ſymptomas, conforme tambem eſtà dito, & deve o enfermo entrar neſta cura tendo o corpo bem evacuado, aſſim nem mais, nem menos, como ſe houvera de preparar para as unturas; & terà o mais regimento dellas, excepto que naõ he neceſſario eſtar taõ recolhido, como jà diſſemos, ſalvo ſendo a evacuaçaõ muyta, ou excitando-ſe ſymptomas taõ grandes, que o obriguem a eſtar de cama.

Os lugares a que ſe applicaõ, ſaõ as doze juntas ditas nas unturas, tirando as dos quadris, a que por naõ ſe poderem atar commodamente, ſe naõ podem bem applicar, ſalvo os emplaſtos forem de qualidade que tenazmente peguem. Os que ſe applicarem *às munhecas, cotovelos, & artelhos ſeraõ quatro dedos de largura, mais, ou menos, conforme a porporçaõ do corpo do enfermo. E os dos joelhos, & hombros cinco, os dos quadris ſeis. E de comprimento tanto, que baſte para cingir a parte,* excepto a do quadril, que naõ ſe cinge, & deve ſer redondo, ou quaſi.

Quando ſe applicarem, eſfregarſe-ha primeyro muyto bem a parte com a palma da maõ, para que com aquelle calor melhor ſe actue o medicamento, & ſe naõ houver comichaõ, ou ſemelhante ſymptoma, que obrigue a que ſe tire, ſe deyxaràõ eſtar atè que a boca rebente, o que acontece em cinco, ou ſeis dias às naturezas temperadas, ſendo mediocre a quantidade do azougue dos emplaſtos: em mais dias às naturezas fleumaticas, & melancholicas, ou ſendo menor a dita quantidade: em menos às ſanguineas, & cholericas, ou ſendo o azougue mais.

Reben-

Rebentando a boca, ſe importar ao doente ſahir de caſa, tirem-ſe logo os emplaſtos, porque naõ deſenfreea fluxaõ, & cauſe taes ſymptomas, que impida ſahir a ſeus negocios. E proceden lo a evacuaçaõ baſtantemente, naõ ſe lhe tornem a applicar; & naõ ſendo baſtante, ſe lhe applicaràõ outras vezes atè parecer que tem evacuado todo o que he neceſſario, & que a mà qualidade gallica eſtà de todo exſtincta, que ſe conhecerà, por ſe extinguirem todos os ſymptomas gallicos. Porèm ſe naõ importar ſahir o doente, naõ ſe tiraràõ os emplaſtos atè que rebente muyto a boca, & gingivas, & haja notavel evacuaçaõ de cuſpo, & baba, & como houver tudo iſto, ſe tirem, & ſendo neceſſario ſe tornaràõ a applicar tantas vezes atè que o doente eſteja ſaõ.

E ſe applicados os emplaſtos ſe naõ ſeguir a evacuaçaõ da boca, nem outra, das que o azougue coſtuma mover, poderá ſer a cauſa ſer o azougue pouco, ou o emplaſto demaſiadamente velho, no qual caſo convem accreſcentar a quantidade do azougue, ou tirar os emplaſtos, & nos lugares delles dar humas unturas do meſmo mercurio, & tornalos a pôr ſobre ellas, como aconſelha Antonio Chalmeteu Vegeſſaco. Lib. de morb. gal. cap. 6.

E ſobrevindo comichaõ, que obrigue a tiralos, convem fomentar os lugares *com vinho branco cozido com roſas, malvas, & erva molarinha, labaças, & ſemelhantes.* E ſobrevindo tumores, ou taes dores (como às vezes acontece) que naõ ſe poſſaõ ſofrer os emplaſtos, ſe tiraràõ, & faràõ outros mais brandos de medicamentos menos quentes, & que naõ ſejaõ attractivos, & ſe applicaràõ depois de paſſados os accidentes dos tumores, & dores, que os primeyros cauſàraõ.

O primeyro que deſtes emplaſtos uſou, ſegundo me parece, foy Joannes de Vigo, que ordenou aquelle famoſo *de rans*, com q̃ diz, curava grandemẽte o morbo gallico. Porèm acha-ſe que he de fraca operaçaõ, como nota Fragoſo, cuja cauſa he levar pouco azougue, porque naõ cabe a cada onça mais que meya oytava delle, pouco mais, ou menos, & por eſta razaõ ordinariamente lhe mandaõ os Medicos dobrar a quantidade, & ainda aſſim naõ fica muyto efficaz, mas ſerve para os cholericos, & ſanguineos, & tambem poderá ſervir para os temperados, & peſſoas que facilmente ſe alteraõ. Porque na compoſiçaõ deſtes emplaſtos, como ſaõ de ſubſtancia ſolida, & ſe actua o azougue mais de vagar, & penetra menos, he neceſſario que a quantidade ſeja tanto mayor, quanto a dureza do emplaſto excede a do unguento. Entre os que ha nos Authores me parecem bem os ſeguintes. In antid. c. prop.

Numero 2.

Emplaſto de rans de Joannes de Vigo.

TOmem oleo de macella, de endros, de eſpecie de cebola ceſſem, de cada hum quatro onças, azeyte de açafraõ duas onças, unto de porco duas libras, ſevo de vitela hũa libra, euphorbio dez dragmas, incenſo vinte dragmas, oleo de louro tres onças, rans vivas, (das que chamaõ *Rubetas*, que andaõ no mato, como quer Ovied.) *num.* 12. *enxundia de vibora cinco onças, minhocas lavadas em vinho ſeté onças, çumo de raizes de engos, çumo de raiz de enula, de cada hum quatro onças, eſquinanto, reſmaninho, matricaria, de cada hum duas maõcheas, vinho cheyroſo quatro libras. Coza ſe tudo junto atè ſe gaſtar o vinho, & depois ſe coe, & ſe ajuntem fezes de ouro duas libras, trementina clara quatro onças, com baſtante cera branca ao fogo ſe faça ceroto à maneyra de eſperadrapo, accreſcentando no fim do cozimento eſtoraque liquido tres onças, tirando-o do fogo, & eſtando já morno ſe accreſcente azougue morto com*

cuſpo oyto onças, & mexa-ſe atè ſe encorporar, & miſture-ſe muyto bem. Mas porque eſte azougue he pouco, ſerà melhor *lançar lhe duas libras delle.*

Numero 3.

Emplaſtos de Nicolao Maſſa.

TOmem unto de porco preparado, & azougue, de cada hum libra & meya, ſera-pino, ammoniaco, de cada hum oyto onças, rezina, trementina, de cada hum dez onças. Encorpore-ſe o azougue com o unto, & pós dittos, & as gomas ſe deſatem ao fogo em agua ardente, com a qual ſe farão tão ſolidas, que tirando huma gota, & eſfriando-ſe ſe poſſa quebrar, & tudo ſe miſture, & eſtando bem encorporados ſe ajunte cera branca quatro onças, & no fim de tudo ſe ajuntem pós de fezes de ouro ſeis onças, & ſe faça emplaſto ſecundùm Artem. Cabem a cada onça deſte, quaſi duas oytavas de azougue, & ſe poderà applicar aos temperados, & ſanguineos. Eſte meſmo trasladou Trajano, aſſim como tambem o de Joannes de Vigo, ſem nomear os Authores, de que os tirou, mas traz mais o ſeguinte, que tambem me parece accommodado.

Lib 6. de morb. gal cap. 22.

Numero 4.

Emplaſtos de Alexandre Trajano Petronio.

TOmem unto de porco coado huma libra, azougue oyto onças, eſtoraque, triaga, de cada hum huma onça, cera enrezinada de pinho, de cada huma quanto baſte, faça-ſe ceroto. Serve para cholericos, & meninos, que os mais he fraco.

Outros do meſmo Author: *Tomem azougue quatro onças, enxundia de pato ſeis onças, goma Arabia, almecega, colotonia, de cada hum duas oytavas, canfora huma oytava, mucilagens de zaragota huma onça, oleo roſado omphacino, cera, rezina, de cada hum quanto baſte, faça-ſe ceroto,* o qual convem às meſmas naturezas em tempo quente. E ſe quizerem que convenha a fleumaticos, & melancholicos, duplique-ſe ou triplique-ſe a quantidade *do azougue.*

Outros do meſmo: *Tomem emplaſto de pelle arientina quatro onças, emplaſto triapharmaco cozido ao fogo, diaquilaõ mayor, de cada hum duas onças, rezina de pinho duas onças, derreta-ſe tudo ao fogo, & quando começarem de eſfriar, ajunte-ſe de azougue morto cinco onças, cinabrio duas, ſolimão tres; faça-ſe ceroto.* He eſte muyto forte, & ſerve para natuzas robuſtas, melancholicas, humores frios, em tempo de Inverno. E me parece excellente para reſolver alporcas, ſobre-canas, & quaeſquer outras durezas, para curar ciatica.

Numero 5.

Outros emplaſtos de noſſa compoſiçaõ.

ALém do que advirtimos, que na compoſiçaõ dos emplaſtos he neceſſario diſpenſar mayor quantidade de azougue, que nos unguentos ſe deve mais notar, que naõ he conveniente miſturarlhe medicamentos muyto quentes, & attractivos: primeyro, porque fazem notavel comichaõ, & naõ os pòde ſofrer o enfermo todo o tempo neceſſario para a operaçaõ do azougue: ſegundo, porque em compleyções calidas dominando humores quentes, & tempo de Eſtio, attrahem humor à parte: terceyro, porque às vezes accreſcentaõ as dores (ſe no lugar as havia) de tal modo que os naõ pòde ſofrer o doente, & os lança fóra, porque ainda que evacuando a materia, & extinguindo a mà qualidade as

miti-

mitiguem, com tudo entretanto as fazem crueis, em eſpecial ſe o humor he calido.

Mas ſó em tres caſos ſe poderá permittir a miſtura dos ditos medicamentos. O primeyro, quando os humores que dominaõ, a compleyçaõ do enfermo, & o tempo do anno ſaõ frios. O ſegundo, quando ſe applicaõ ſobre tumores ſcyrrhoſos para os reſolver, & mollificar, em que he neceſſario inciſaõ, & penetraçaõ. O terceyro, quando a dor eſtiver em parte profunda, como no quadril, ſegundo Galeno. E conforme a iſto comporá cada hum os emplaſtos accommodados à natureza do enfermo, & aos humores peccantes, accreſcentando mais, ou menos, aſſim do azougue, como dos outros medicamentos calidos, ſegundo as ditas circunſtancias o permittirem, pedirem, ou impedirem.

Numero 6.

Emplaſtos para naturezas calidas.

TOmem de azeyte roſado oyto onças, de manteyga crua quatro, de lithargirio oyto, de cera branca duas, de azougue quatro, faça-ſe emplaſto ſecundùm Artem.

Outro: *Tomem de lithargirio quatro onças, de oleo de violas ſeis onças, de cera branca onça & meya, azougue duas onças, faça-ſe emplaſto.*

Outro: *Tomem unguento roſado nove onças, lithargirio ſeis onças, azougue tres onças & meya, cera a que baſte, faça-ſe emplaſto.*

Outro: *Tomem pós de incenſo, & de lithargirio, de cada hum quatro onças, tremẽtina lavada oyto onças, oleo de golfãos ſeis onças, azougue morto com ſaliva quatro onças, cera que baſte, faça-ſe emplaſto.* De todos eſtes ſe póde eleger o primeyro.

Numero 7.

Emplaſtos para naturezas frias.

TOmem emplaſtos de Joannes de Vigo doze onças, azougue tres onças; miſturem-ſe ſecundùm Artem.

Outro: *Tomem emplaſto Oxicrocio, & diaquilaõ mayor, de cada hum ſeis onças, azougue morto com trementina quatro onças; miſture-ſe, & faça-ſe emplaſto, ſecundùm Artem.*

Outro: *Tomem unguento dialter, & de agripa, de cada hum cinco onças, azougue tres onças, cera o que baſte, faça-ſe emplaſto.*

Ou façaõ eſte: *Tomem bdelio, ammoniaco, de cada hum onça & meya, trementina fina tres onças, pós de incenſo, & de lithargirio, de cada hum tres onças, oleo de minhocas, & cera, de cada hum quanto baſte, azougue tanto, que venhaõ a reſponder tres oytavas a cada onça de emplaſto depois de feyto.* Eſte he mais efficaz para reſolver durezas, applicando-ſe ſobre ellas.

Ou façaõ eſte: *Tomem emplaſto filij Zachariæ, & diaquilaõ commum, de cada hum ſeis onças, cera huma onça, azougue quatro onças; faça-ſe emplaſto.*

Pódem-ſe mais fazer de todos aquelles unguentos, que acima receytámos, accreſcentandolhes a quantidade de azougue, & reduzindo-os a fórma de emplaſto como o lithargirio, & a cera que baſte. Ou ſe faça eſte de Ambroſio Pareu. Receyta: *Emploſto de meliloto, & Oxicrocio, de cada hum meya libra, azougue ſeis onças, mate-ſe o azougue com oleo de louro, & de eſpica, & faça-ſe emplaſto.* Serve para naturezas frias, & humores craſſos. Lib. 18. cap. 13.

ANNOTAÇOENS.

Numero 1.

EMplaſtos. *He o azougue taõ penetrativo, que baſta trazelo adherente ao corpo em cerotos, & emplaſtos, para ſe introduzir dentro, & para mover a ſalivaçaõ, & extinguir o fermento gallico. Nos curàmos hum gallicado com ſuores de ſalſa, depois dos quaes lhe mandamos pôr ſobre hum tumor gomoſo da perna direyta hum emplaſto de azougue da primeyra receyta, que adiante ſe achará no* num. 6. *deſte Capitulo; & depois de o trazer quatro dias, deo em ſalivar, como ſe houvera tomado unturas, deſorte, que foy preciſo tirar o emplaſto; mas o tumor em poucos dias ſe deſfez. Outro vimos, que tendo-ſe curado com apozemas, & aguas feytas com ſalſa, & páo ſanto, ficou com huma dor no joelho eſquerdo, & com huma dureza entre o cotovelo, & hombro do braço direyto; & pondo neſtas partes emplaſtos da dita compoſiçaõ, começou a ſalivar ao quinto dia; tiràraõ-ſe os emplaſtos, porque a ſalivaçaõ continuava, & em pouco tempo ſe livrou deſtes danos. Eſta cura por emplaſtos, & cerotos propoem Rondelecio para os que ſe querem curar em ſegredo, & para as peſſoas, que por occupadas em negocios, naõ pódem deyxar de ſahir de caſa; mas para eſtes, he muyto melhor tomar mercurio pela boca, com que pódem andar por fóra, recolhendo-ſe ſómente nos dias da ſalivaçaõ; couſa que ſe ha de obſervar em toda a cura do azougue, ou tomado pela boca, ou adminiſtrado por fóra; porque naõ ſucceda, que com o frio do ar, ou com qualquer outra couſa externa ſe perturbe a operaçaõ do mercurio, & ſe ſuſpenda a ſalivaçaõ que for movendo, do que ſe pódem ſeguir danos graviſſimos, encaminhando-ſe à parte nobre, ou mais ſenſivel, os humores que haviaõ de ſahir pelos vaſos ſalivaes.*

CAPITULO XXIX.

Dos fumos do Cinabrio, & cura que com elle ſe faz.

Numero 1.

EM quanto ſe naõ ſoube a verdadeyra cura do morbo gallico, empiricamente ſe tentàraõ muytos remedios, entre os quaes foy quererem lhe dar cura com varios fumos de ervas, rezinas, & outras couſas aromaticas, com que intentavaõ abrir os poros do ambito do corpo, & provocar ſuores. Porèm a experiencia lhes moſtrou que nenhuns outros aproveytavaõ, ſenaõ aquelles, em que entrava *Cinabrio*, porque eſtes pela virtude, que em ſi tem do azougue, curavaõ maravilhoſamente o dito morbo, provocando grande evacuaçaõ de cuſpo, & baba, ou ſuores, ou camaras, ou ourina, ou tudo iſto junto, extinguindo totalmente a mà qualidade com mais efficacia que os outros medicamentos do meſmo azougue.

He o Cinabrio que hoje ſe uſa, aſſim para curar morbo gallico, como para outras couſas, hum certo mineral muy differente do que eſcreveo Dioſcorides, & naõ differe nada, do que vulgarmente ſe chama *vermelhaõ*, como nota Laguna, & ha delle duas eſpecies, huma he verdadeyro mineral, a ſaber, huma pedra vermelha muy peſada, que ſe acha nas minas do azougue, & tem muytas veas delle, & me parece a ſegunda eſpecie do azougue, que refere Avicena. Outra ſe faz por artificio *de azougue cozido, & encorporado com enxofre*; hũa, & outra tem virtude de curar potentemẽte o morbo gallico por razaõ do dito azougue, de que ſe compõem, como jà diſſémos, em eſpecial adminiſtrando-ſe em fórma de fumos, ou vapores, os quaes, conforme Tomitano, abrem todos os póros, & veas

Lib. 5. cap. 68. ſupr. Dioſc. cit. Lib. 1. con cap. prop. Lib 1. de morb. gal cap. 12.

do

do corpo, abrindo penetraõ, penetrando alteraõ alterando extinguem o contagio, alimpaõ as entranhas, communicando ſua qualidade ao cerebro, & eſpinal medulla pelos nervos, ao coraçaõ, & bofe pelas arterias, ao figado pelas veas: algumas vezes provocaõ camaras, & ourina, outras ſuores, & mais dellas muyta baba, & cuſpo, com que excellentemente ſáraõ todos os enfermos, poſto que o mal pareça incuravel.

A quantidade que ſe póde dar em cada fumo he pouco mais, ou menos de duas atè quatro oytavas, como ſe colhe de Botallo, Torres, Fragoſo inaut. & outros. Porèm varea-ſe conforme as naturezas, *porque aos cholericos baſtarà hũa oytava, aos ſanguineos duas, aos fleumaticos quatro, aos melancholicos cinco: variando mais, & menos conforme o exceſſo de cada temperamento.* Eſta quantidade ſe entende ſómente do *cinabrio*, fóra os correctivos, & mais ingredientes da compoſiçaõ, que ſe coſtuma fazer. Gap. 14. Cap. 18.

He eſta cura dos fumos mais efficaz, & violenta, que todas as outras, que ha de azougue, que adminiſtradas por fóra ſe fazem. Por ſer mais efficaz, ſe deve ſómente applicar aos affectos gallicos mais graves, em eſpecial àquelles que às unturas, & emplaſtos naõ obedecèraõ, conforme àquelle aphoriſmo, *Extremis morbis, &c.* Porq̃ ſe o remedio ha de ſer proporcional à enfermidade, he claro que os mayores às mayores ſe devem. Por ſer mais violenta convem applicar-ſe com mayor cautela, & que com grão juizo ſe eſtimem as forças do enfermo, & todos os mais impedimentos, de que acima largamente tratàmos, que contraindicaõ a adminiſtraçaõ de azougue; em particular os eſtillicidios, que ao peyto deſſem, porque os ditos impedimentos ſaõ mayores, & mais efficazes em contraindicar a cura dos fumos, que a dos unguentos, & emplaſtos. E tanto he iſto aſſim, que pareceo a muytos Authores, que totalmente ſe naõ havia de uſar deſtes fumos pelos ſymptomas, & graves perigos, que viaõ acontecer. A experiencia porèm tem moſtrado, que applicando-ſe, naõ empiricamente, mas por arte, & com toda a cautela fundada na conſideraçaõ dos ditos indicantes, & prohibentes, que cura o morbo gallico, aliàs incuravel, com milagroſos ſucceſſos, & ſem perigo algum. Pelo que nos affectos muyto rebeldes, & graves, tendo a cautela de vida, devemos adminiſtrar a dita cura, & naõ deyxar ao doente ſem remedio.

E poſto que o *cinabrio* ſeja a baſis, ou fundamento da cura dos fumos, naõ coſtumaõ porèm os Authores uſar ſimplezmente delle, ſenaõ miſturado com outras varias couſas, das quaes humas ſaõ venenoſas, *como ouro pimenta, ſandaraca dos Arabes, pòs de Joannes de Vigo, & às vezes ſolimaõ*, como ſe vè de Fallopio, Chalmeteu, Tomitano, Trajano, Lobera, & outros, fundados por ventura em que o *cinabrio*, por venenoſo aproveyta, & para ajudar a venenoſidade lhe miſturaõ as outras couſas venenoſas, com que lhes parece ſerá mais efficaz o medicamento. Outras ſaõ aromaticas, *eſtoraque, almeſega, myrrha, incenſo, ſandalos, & ſemelhantes*, as quaes parece miſturarem por correctivos das venenoſas, porque infringindo a mà qualidade dellas, & corroborando os membros principaes, ſe poderá evitar ſeu dano. Lib. de morb. gal cap. 75. Cap. 9. Lib. de morb. gal cap. 12. Lib 6. cap. 18. Lib. de morb. gal cap. 15.

He porèm uſo no que toca à miſtura das couſas venenoſas, porque poſto que o *cinabrio* o ſeja, naõ cura o morbo gallico pela qualidade venefica, ſenaõ pela alexipharmaca, com que o azougue, de que ſe compõem, extingue a gallica, & pela notavel evacuaçaõ, com que expelle os humores noxios por cuſpo, camaras, ſuores, & ourina. E cõmo os ſobreditos medicamentos venenoſos naõ tenhaõ a dita qualidade alexipharmaca, nem tambem expurguem os ditos humo-

res,(*excepto o ſolimaõ,& pós de Joannes,porq̃ tambem ſaõ azougue*) mas aliàs demaſiadamente nocivos, & por iſto incõpetentes, naõ ſaõ de proveyto algum; antes ſazem grãde dano, o qual por ventura ſerá a cauſa dos máos ſucceſſos, q̃ da cura dos fumos algumas vezes ſe ſeguem. Por onde convem, que por nenhum modo entrem na compoſiçaõ dos medicamentos deſta cura, como doutamente notàraõ Euſthachio Rudio, & Daniel Senerto, & devia entender Leonardo Botallo, porque em todas as receytas que para os fumos ordenou, naõ fallou em couſa venenoſa, a quem tambem ſeguio Torres, & primeyro de todos, Joannes de Vigo em todas as ſuas receytas naõ diſpende couſa deleteria.

Lib 5. de morb. occult. c. 25. Lib. 6. de luc p. 4. c. 11. cap. 14.

As outras couſas aromaticas mais racionalmente ſe miſturaõ pelas razoens apontadas, que ſe confirmaõ com o antigo uſo já de Galeno, de as miſturar com os medicamentos purgativos violentos para lhes moderar alguma porçaõ, que tem de mà qualidade. Pareceme porèm que além dellas ſe miſturem os proprios alexipharmacos do azougue, de que já fizemos mençaõ, porque com eſtes, & com aquellas ficará o cinabrio mais correcto, & ſe adminiſtrará com mais ſegurança. Comporſehaõ logo os taes medicamentos neſta fórma.

Lib. de morb. gal cap. 28. In comp. lib 5. 11. acut. 11. & 12. & ſxp. alib.

Numero 2.

Receytas, que alguns Authores ordenaõ de cinabrio para os fumos.

TOmem de cinabrio tres onças, myrrha, incenſo, almecega, de cada hum ſua ença, azevre, eſtoraque ſeco, beijoim, de cada hum tres oytavas, ſemente de aypo duas oytavas, herva-doce huma oytava, de tudo ſe faça pò, & ſe miſture. He eſta cura muy racional, *& pódem-ſe dar para cada fumo quatro, ou cinco oytavas a naturezas temperadas, menos às cholericas, & ſanguineas, mais às fleumaticas, & melancholicas pela regra acima dita.*

Outra: *Tomem de cinabrio tres onças, pão de Aguila, laudano, ammoniaco, myrrha, incenſo, de cada hum ſua onça, faça-ſe tudo em pò groſſo, & com trementina ſe façaõ pirolas, & gaſte-ſe meya onça em cada fumo.*

Outra: *Tomem de cinabrio tres onças, incenſo, azevre, almecega, myrrha, beijoim, eſtoraque ſeco, laudano, ammoniaco, de cada hum meya onça; de tudo ſe faça pò, & ſe miſture meya onça para cada fumo.* Saõ eſtas tres compoſiçõeſ, diz Fallopio (mas tireylhe as couſas venenoſas, que elle lhe miſturava) & convem mais para gente mimoſa, & rica, & cada qual dellas he muyto boa.

Loc.cit.

As tres que ſe ſeguem ſaõ de Leonardo Botallo: *Tomem almecega, incenſo, de cada hum ſua oytava, eſtoraque liquido huma onça, cinabrio onça & meya, moaõ-ſe as couſas, que ſe pódem moer, & ſe façaõ em pó groſſo, & ſe miſturem com eſtoraque, & dem-ſe quatro oytavas.*

Loc.cit.

Outra: *Tomem eſtoraque ſeco, que chamaõ calamita, tres oytavas, almecega, bagas de zimbro, myrrha, de cada hum duas oytavas, cinabrio duas onças; moa-ſe tudo craſſo modo, & ſe miſture, dem-ſe tres oytavas.*

Outra: *Tomem eſtoraque calamita, bagas de zimbro, laudano, de cada hum duas dragmas, cinabrio duas onças & meya, dem-ſe quatro oytavas, accreſcentando ou diminuindo conforme a natureza.*

As duas ſeguintes ſaõ de Torres: *Tomem de cinabrio duas onças & meya, incenſo, & eſtoraque liquido, de cada hum oytava & meya, miſturem-ſe, & façaõ-ſe nove pirolas, ou bolinhos, dem-ſe duas, ou tres oytavas.*

Loc.cit.

Outra menos forte: *Tomem cinabrio huma onça, eſtoraque, & beijoim, de cada hum meya onça, reparta-ſe em quatro vezes para quatro dias.* Eſta ſegunda receyta traz

traz tambem Fragoſo, & diz, *que para cada ſuor he neceſſaria meya onça deſtes pós, accreſcentando, ou diminuindo, conforme a neceſſidade.* Traz mais Fragoſo as duas receytas ſeguintes: *Tomem cinabrio moido meya onça, incenſo duas dragmas, miſturem-ſe.* He eſta muyto facil, & efficaz, & muy accommodada para gente pobre, & baſtaõ para cada fumo duas oytavas, & meya, mais, ou menos, conforme a natureza. In antid.

Outra: *Tomem cinabrio tres onças, myrrha, incenſo, ſandalos vermelhos, de cada hum duas oytavas & meya, façaõ-ſe pós, dos quaes ſe lancem para cada ſuor quatro oytavas.* Eſta emendey tirandolhe *ouro pimenta*, que Fragoſo lhe miſtura. Saõ todas eſtas receytas ſeguras, & efficazes, & muyto boas; póde cada hum uſar de qualquer dellas.

Saõ as ſeguintes de Pedro Lopes de Leaõ: *Tomem cinabrio duas onças, laudanos duas oytavas, caſcas de cidra ſeca meya onça, incenſo, almecega, eſtoraque calamita, dictamo, de cada hum oytava & meya, cõ baſtante triaga ſe façaõ trociſcos, que pezem tres oytavas para cada ſuor.* E mendey nesta o *ſolimão* pela muyta venenoſidade. Lib de morb.gal cap. 4.

Outra: *Tomem cinabrio duas onças & meya, incenſo meya onça, eſtoraque liquido huma onça, azougue duas onças, de tudo ſecundùm Artem ſe façaõ nove paſtilhas, & enxutas ſe guardem, gaſtando em cada ſuor huma.*

Outra: *Tomem Gallia muſcata duas oytavas, incenſo huma onça, cinabrio duas onças, faça-ſe tudo pò, dem-ſe em cada ſuor tres oytavas.*

Outra, que Leaõ tirou de Lobera: *Tomem azougue morto ſecundùm Artem onça & meya, liguſtro huma onça, azeyte commum, çumo de limaõ, incenſo, myrrha, de cada hum meya onça, de tudo ſe formem paſtilhas, das quaes enxutas tomarà tres ſuores em tres dias, & em quanto o doente tomar eſtes ſuores,* (diz o meſmo Leaõ) *tenha hum pouco de azeyte na boca, & ſue tudo o que puder.* Lib.de morb.gal cap.15.

Numero 3.

Receytas de noſſa compoſiçaõ para os fumos, com que ſe cura o morbo gallico.

JA advertimos ſer muy accomodado miſturar os proprios alexipharmacos do azougue na compoſiçaõ dos medicamentos do *cinabrio*: além do que tambem ſe advirta que ſem elle ſe poderàõ do meſmo azougue formar os taes medicamentos, pois ſó eſte he o que tem virtude de extinguir a mà qualidade, & provocar as evacuações que dos fumos ſe ſeguem, & por razaõ delle os move tambem o cinabrio. Saõ alèm diſſo neceſſarios ſimplices accommodados, para que nelles com facilidade obre o fogo, & lancem fumo, como ſaõ as couſas pingues, & oleaginoſas, v.g. *trementina, incenſo, myrrha, & ſemelhantes.* Iſto poſto, nos parece mais accommodado compor os ditos medicamentos pelas ſeguintes formas.

Tomem cinabrio tres onças, borrifem ſe, & amaſſem-ſe com vinho aromatico em que houveſſe fervido loſna, & logo ſe ponha ao fogo, ou ao Sol, atè que ſe ſeque, & depois ajuntem myrrha, incenſo de cada hum huma onça, pimenta, ouregãos, de cada hum ſua oytava, almecega, tres oytavas, eſtoraque liquido quanto baſte para encorporar tudo; faça ſe a modo de paſtilhas Para cada ſuor em naturezas temperadas baſtaõ quatro oytavas; para fleumaticos, ou melancholicos ſaõ neceſſarias cinco, ou ſeys: para cholericos, & ſanguineos baſtaràõ duas.

Outra: *Tomem myrrha duas onças, ſemente de perrexil, & erva-doce, & pimenta, de cada hum huma oytava, incenſo cinco oytavas, cinabrio tres onças, miſture-ſe tudo, & dar ſe ha em cada ſuor a meſma quantidade.*

Outra:

Outra: *Tomem eſterco ſeco de pombas bravas meya onça, a ma ſſeſcaom vinho aromatico, que primeyro ferveſſe com ouregãos, & depois ſe ſeque, & ſe ajunte mais com huma onça de eſtoraque calamita, meya de beijoim, meya de almecega, duas onças & meya de cinabrio, & de tudo ſe faça pò.* He eſta compoſiçaõ muyto boa, & darſeha della a meſma quantidade que das de cima.

Outra para naturezas mais fortes: *Tomem gallia muſcata duas oytavas, incenſo ſeis oytavas, dictamo, ouregãos, de cada hum ſua oytava, cinabrio tres onças, tudo ſe miſture.* Darſehaõ ſete, ou oyto oytavas aos robuſtos, & aos fleumaticos, & melancholicos; porèm aos cholericos, & ſanguineos baſtaõ de tres oytavas atè cinco.

Outra: *Tomem azougue morto com trementina huma onça, myrrha, incenſo, de cada hum duas oytavas, almecega meya onça, tudo ſe miſture, & com eſtoraque liquido ſe formem oyto paſtilhas, duas para cada ſuor*; & ſendo naturezas fracas baſtará huma, ou meya, & ſendo robuſtas accreſcente-ſe o que parecer.

Numero 4.

De que modo ſe devem dar os fumos.

Primeyro modo.

HA dous modos de adminiſtrar os fumos do cinabrio. O primeyro he de Fallopio, Rudio, Botallo, Trajano, & commummente dos outros Authores, a ſaber: *Sentarſeha o enfermo totalmente nû em huma trepeça furada, dentro de hum pavelhão muyto fechado, com mais alguma roupa por cima do meſmo pavelhaõ, que de tal modo o tape, que naõ evapore couſa alguma, & debayxo lhe poràõ hum teſto de brazas de carvaõ de ſobro, ou em falta delle, de oliveyra, ou de carvalho, ou de outra lenha, que dè bom fogo, ſem offender a cabeça, como faz o carvão ordinario, nas quaes lançaràõ os pòs de cinabrio, & logo taparàõ a porta do pavelhaõ muyto bem, que naõ exhale couſa alguma, & aſſim o deyxaràõ eſtar, eſpaço de meyo, ou de hum quarto de hora, & nunca chegue a meya,* (poſto que Fallopio ſe eſtende a huma) ſenaõ for algum muyto robuſto, & que em menos tempo naõ ſue. *E tenha o doente os olhos cerrados*, como adverte Chalmeteu, porque o vapor do cinabrio lhos naõ offenda. Será o pavelhaõ eſtreyto, & naõ terá mais altura que a de hum homem, conforme nota Joannes de Vigo, porque ſendo mais alto, & largo, ſe derrama o fumo, & obra com menor efficacia. E ſe o doente for robuſto, que poſſa tomar os fumos em pé, ſerà melhor, como diz o meſmo Vigo, & naõ tendo forças para iſſo, tome-os ſentado na dita trepeça, como dito he.

Cap. 72. Cap. 9. In comp. Chirurg. lib. 5. poſt. prine.

E porque o doente às vezes ſe deſmaya, ſe diſponhaõ as brazas de modo que cahindo ſe naõ queyme nellas. E para que naõ ſucceda deſmayar-ſe de todo, ou deſaſtre algum, diz Fallopio, que lhe fallem amiudo, porque ſe naõ reſponder, ou for a voz fraca, ſe lhe acuda logo, antes que deſmaye, tirando-o, & lançando-o na cama, & acodindolhe com alguma gota de vinho, & borrifando-o com elle, & dandolhe gemas de ovos, & com todo mais que acima diſſémos para os deſmayos.

Cap. 72.

E ſendo o enfermo fraco, que pareça que naõ poderá ſofrer eſtar tanto tempo com o pavelhaõ tapado, diz Leornardo Botallo, que deyxem hum buraco, que ſe poſſa abrir, & cerrar, para que vendo-ſe em preſſa reſpire por elle; ou tenha huma cana, como manda Follopio, que ſaya fóra de pavelhaõ, por onde poſſa reſpirar, ſentindo-ſe afflicto. Naõ a tenha porém ſempre na boca, porq̃ importa

Cap. 24. Loc. cit.

porta receber os fumos por ella, & pelos narizes, para que obrem com efficacia.

Em lugar do pavelhaõ de pano ſe faz tambem hum de taboas bem fechadas, como diz Botallo, ou pedra, & cal a modo de fornalha com ſua porta bem tapada, para que naõ evapore fumo algum para fóra, & naõ ſerá mayor q̃ quanto hum homem cayba em pè, como do pavelhaõ diſſémos, nem tambem muyto largo, porque ſendo a capacidade grande, naõ terá o fumo tanta força. E antes de meter o enfermo dentro delle, o teràõ muyto bem quente com hum fogareyro ſem fumo, o qual tiraràõ quando houver de entrar o doente. E ſendo o pavelhaõ de pano, poràõ por dentro humas varas, taboas, ou arcos, que o ſoſtenhaõ, para que ſe naõ chegue demaſiadamente ao corpo. E por cima do pavelhaõ lançaràõ cobertores, ou outros panos, como jà eſtà dito, que retenhaõ os vapores, & calor dos fumos.

E tanto que tirarem ao enfermo, o lancem em huma cama pequena, que eſtará perto, muyto bem quente, para que nella poſſa continuar o ſuor eſpaço de huma, ou duas horas, como diz Fallopio, ou o tempo, que as forças permittirem. E depois de ſuar lhe veſtiràõ ſua camiſa quente, & lhe daráõ de comer dahi a huma hora, & ſe guardará o mais que ſe diſſe daquelles, a que ſe daõ ſuores, ou unturas.

Numero 5.

Segundo modo de adminiſtrar os fumos.

O Segundo modo he dos modernos, quaes ſaõ Fragoſo, Pedro Lopes de Leaõ, Torres Hidalgo, *que mandaõ ſe dem eſtando o enfermo nù deytado na cama, pondolhe entre os pès huma cayxa, em que eſtejaõ as brazas, & pòs de cinabrio, & cuberto de maneyra que naõ ſaya vapor algum, & a cabeça eſtarà fóra da roupa, para que os fumos a naõ offendaõ.* E deſte modo ſe deyxe eſtar eſpaço de huma hora, ou quaſi. Accreſcenta Hidalgo, que para melhor applicaçaõ do fumo ſe ponhaõ dentro da cama dous, ou tres arcos, que ſuſtentem a roupa em vão; couſa que melhor ſe fará metendo o enfermo em huma eſtufa ordinaria, porèm ſerá melhor ſendo pequena. E depois de ſuar bem, ſe alimpe, viſta camiſa, & ſe paſſe a outra cama, & ſe nella tornar a ſuar, ſe lhe ponha outra roupa enxuta, porque às vezes he o ſuor tanto que traſpaſſa os colchoens atè o chaõ.

In antid. Loc. cit. Cap. 28. In antid. In antid.

Eſpecifica Pedro Lopes, que para que melhor ſe faça: *Tomem huma panela com baſtantes brazas, & ſe ponha deytada ſobre hum teſto, ou vaſo de cinza, & ſe ſitue de modo que fique com a boca de fronte dos pés do enfermo. E ſentindo demaſiado calor os encolha, ou ſe afaſte mais a panela, & depois que eſtiver tanto eſpaço que a quente a cama, & que jà o doente eſteja quaſi ſuando, ſe levante a roupa, & ſoprando as brazas, ſe lancem os pós de cinabrio, & logo ſe torne a cubrir de maneyra, que naõ fique por onde o fumo evapore.* E para que a panela, & teſto naõ queymem a cama, ſe podem pòr ſobre huma taboa, ou ſobre outro teſto mayor.

He melhor eſte modo para enfermos fracos, & para gente pobre, a que he mais difficultoſo artificio de pavelhaõ, poſto que anda mais em uſo, & tenho por mais efficaz, porque pela boca ſe recebem os fumos, que he couſa que temem os que os daõ na cama, & deve ſer a cauſa por irem em mayor quantidade, & mais unidos, & por eſta fazerem grande offenſa ao coraçaõ, & membros principaes. Eſtará porèm a cabeça de por ſi bem cuberta com barretes, & toalhas, para que a naõ offenda o ar.

Numero 6.

Que numero de fumos ſe devem dar a cada enfermo.

ENcomenda Pedro Lopes de Leaõ que nunca ſe dem mais que tres fumos, ou atè quatro, quando muyto, ſendo peſſoa robuſta, como marinheyro, ou ſemelhante exercitado. Porèm eſte Author ordenava os ſeus muyto fortes, lançãdo muyta quantidade de *cinabrio*, & eſſe pouco correcto, como ſe vè de ſuas receytas, & por tanto ſe naõ podiaõ premittir em mayor numero. Fallopio diz, *que ſe dem primeyramente tres continuos, & depois ſe tornem a dar tres, & outros tres*, ſe naõ houver impedimento) que ſaõ nove. Naõ pòde porèm haver regra certa, mas deve-ſe iſto governar pela evacuaçaõ, que ſe move, pela grandeza do mal, pelas forças do enfermo, & pelos ſymptomas, que ſobrevem, conforme ſe diſſe das unturas. Porque naõ ſobrevindo impedimento, & tendo o enfermo forças, devem-ſe continuar atè que bem rebente a boca, & ſe ſiga evacuaçaõ notavel de cuſpo, & baba, ou ſuores, ou camaras, ou tudo junto. E ſe depois de ceſſarem as evacuações, o morbo gallico naõ ficar eradicado, (que ſe conhecerá pelos ſymptomas, que ficaõ) tornar-ſehaõ a repetir alguns fumos, atè que ſe extinga de todo.

Lib. 7. de morb gal cap. 4. Loc cit.

E dando-ſe cauſa, que ſe naõ ſiga evacuaçaõ alguma, nem por iſſo deyxem de ſe continuar os fumos tantos dias, (ſenaõ ſobrevierem ſymptomas, que o impidaõ) atè que totalmente deſappareçaõ os ſymptomas gallicos, & o doente ſe ſinta que enfraquece, conforme notamos nas unturas, por authoridade de Nicolao Maſſa, & de Lobera; porque às vezes ſuccede, que pela qualidade alexipharmaca, & pela inſenſivel reſoluçaõ ſe gaſta toda a qualidade, & excremento gallico ſem que haja evacuaçaõ manifeſta; o que ſe conhece pela auſencia dos ſymptomas, como eſtà dito, & por huma laſſitudo, que o enfermo ſente, pela qual ſe moſtra que naõ ha jà humor, que gaſtar, & que obra o medicamento nos que à natureza ſaõ neceſſarios, como nota o meſmo Maſſa. Porèm ordinario hè baſtarem nove, ou dez fumos, & algumas vezes ſuccede rebentar tanto a boca com o primeyro, que naõ ha lugar de ſegundo.

Numero 7.

Se ſe darà hum, ou dous fumos cada dia.

TAmbem ha niſto variedade entre os Authores, porque huns mandaõ que ſe dem manhã, & tarde: outros naõ querem mais, que hum cada dia. Mas deve-ſe iſto limitar pelas forças do doente, porque ſe as tiver baſtantes, darſeha hum pela manhã, outro à tarde, como neſta Cidade ſe coſtuma em huma caſa, em que ſe daõ com bom ſucceſſo; mas ſendo poucas, deve-ſe dar hum ſó no dia, ou em dias interpelados, conforme a permiſſaõ, ou prohibiçaõ dellas, porque tudo ſe deve governar pelo bom juizo, & prudencia do Medico, ou de quem cura. Aſſim o ordenou Leonardo Botallo, Chalmeteu, Fallopio, Senerto, & outros muytos.

Loc. cit.

Numero 8.

Regimento dos que tomaõ os fumos.

COnſidere-ſe o regimento antecedente, concomitante, & ſubſequente. O antecedente he o que jà temos advertido, a ſaber, que o doente ſe prepare fazendo as evacuações univerſaes, como que ſe houvera de entrar na curadas

unturas do azougue. O concomitante he tambem o meſmo que nellas ſe guarda; ſómente ſe advirta, *que huma hora antes de entrar no fumo tome o doente alguma couſa de facil digeſtaõ*, v. g. *humas gemas de ovos paſſados por agua, ou huma fatia de pão de ló molhado em vinho, ou caldo de gallinha, ou couſa ſemelhante*, como encomenda Botallo, Chalmeteu, Fallopio, & outros; porque como eſta cura he mais violenta, he neceſſario tratar mais das forças, para que o enfermo ſe naõ deſmaye, & poſſa aturar o trabalho della. E havendo ſymptomas graves, (que coſtumaõ ſer mayores que os das unturas) acodirſelhes-ha como atraz temos largamente declarado. Cap. 11. Cap. 19. Cap. 17.

O ſubſequente, he guardar bom regimento mez & meyo, ou dous mezes, & o mais tempo que for poſſivel, porque como eſte remedio convem mais a males da quarta eſpecie, he neceſſario que o regimento ſeja mais exacto, & dure mais tempo, para ſegurar que naõ haja recahida, & em todo elle ſerá bom *beber agua de ſalſa parrilha, ou pão guayacaõ, ou pelo menos cozida com ſemente de funcho, ou de erva-doce*, ou ſe ficar algum dano do azougue, *com ſemente de aypo, ou de ſalſa das hortas*, que ſaõ ſeus alexipharmacos, conforme Dioſcorides, & o Conciliador. Mas para ſegurança da cura beba ſempre agua de ſalſa parrilha, ou guayacaõ, como diz Senerto. Loc. cit. Lib. de luc. par. cap. 11.

Numero 9.

Outros modos menos convenientes de tomar os fumos.

TRaz Alexandre Trajano outros modos de tomar os fumos, porèm menos convenientes. O primeyro he, *pondo hum canudo na boca, largo em bayxo a modo de funil, que eſteja ſobre as brazas onde ſe lançaõ os pòs, & por elle ſorver o fumo, como quem toma o de tabaco.* He porèm modo temerario, & que naõ convem fazerſe. O ſegundo he, *metendo-ſe o enfermo em hum camarote muyto apertado, como o do pavelhaõ acima dito, & dentro delle com a boca aberta ſorver todo o fumo que puder dos pòs, que ſe lançaõ nas brazas.* Porèm he tambem muyto violento, & arriſcado. O terceyro he, *fazendo huma candea de cinabrio, & de cera, & acendendo-a, receber pela boca o vapor, que della exhala, & com a meſma candea defumar as chagas, & tumores gallicos, onde quer que eſtiverem.* Eſte modo quanto às chagas, & tumores depois do corpo bem evacuado, pódelhes fazer proveyto; quanto o que pela boca entra, naõ parece de muyta efficacia, mas ſe alguem quizer delle uſar, ſe fariaõ as candeas neſta fórma, ſegundo Trajano. Receyta: *Cinabrio natural o, to onças, eſtoraque liquido, myrrha, incenſo, de cada hum duas onças & meya, laudano onça & meya, cera quanto baſte, façaõ-ſe nove candeas para nove fumos.* Miſturaõlhe alguns tambem *ſolimaõ, ou pòs de Joannes de Vigo*; porèm he couſa temeraria, que ninguem deve imitar. Lib. 6. cap. 29.

ANNOTAÇOENS.

Numero 1.

CInabrio. *Eſte mineral, pelas partes mercuriaes que tem, cura o morbo gallico com o ſeu fumo, no que ha tantas experiencias, que he eſcuſado referir algumas. Naõ ſe uſa porèm ſó o cinabrio, ſenaõ que ſe lhe miſturaõ algumas couſas que façaõ o fumo menos ingrato, & que ajudem a provocar ſuores. Para iſto ſerve o eſtoraque, o beijoim, myrrha, incenſo, pão de Aguila, & trementina; & nunca ſe miſturem couſas*

venenoſas, nem adſtringentes, aquellas porque pódem offender com as ſuas qualidades deleterias; eſtas, porque pódem impedir o ſuor conſtipando a contextura da pelle. Pódem receytar-ſe deſte modo:

Tomem huma onça de cinabrio, de eſtoraque calamita, de nòz noſcada, de cada couſa quatro oytavas & meya; de beijoim meya onça, com trementina façaõ-ſe trociſcos. Servem para tres vezes.

Com trementina. *Sempre nos pareceo bem ajuntar trementina neſtas receytas de cinabrio; aſſim porque muytos gallicados tem dores, para as quaes tem preſtimo a trementina; como porque eſta conduz para que haja mais fumo: para o que ſerve tambem o incenſo, a myrrha, & almecega.*

Numero 9.

OUtros modos. *Entre os varios modos que ficaõ expoſtos para tomar os fumos de cinabrio, ſe pòde admittir outro de Rondelecio. Diz eſte Author, que fóra da caſa do pavelhão em que eſtiver o enfermo, ſe lance o cinabrio em huma panella em que haja lume, & que ſe cubra bem, com tal artificio, que do operculo, ou cobertura da panella, ſe communique o fumo por huma cana ao lugar em que eſtà o doente; o qual naõ podendo ſofrer o fumo, tirarà a cabeça fóra do pavelhão de tal modo, que naõ ſaya algum fumo fóra.*

CAPITULO XXX.

Da adminiſtraçaõ do azougue pela boca.

Numero 1.

Lib. de morb gal cap. 10. Lib. de morb. gal cap. 7. In enchi. Chirurg. Lib. 9. c. 22. p. 2. medicinæ novæ, & vet dial. 7. c. prop. Lib. 12. part 3. Lib. de morb. gal. cap. 2. Lib. 5. ad princ. Lib de hydrarg. cap. 6. Lib. de morb gal. num. 6 Lib de morb. gal. cap. 15. Lib 6. de morb. gal. cap. 23. Loc. cit.

DE dous modos ſe pòde dar pela boca o azougue, conforme ſe acha nos Authores: o primeyro he dando-o morto com ſaliva, ou com qualquer outra couſa, & miſturado com outros medicamentos, & com elles feyto em pirolas, & deſte modo o adminiſtra Michael Angelo Blondo, & Vergeſſaco, & Petro Bayro, Hercules de Saxonia, Joaõ Guintero, Andrenaco, Petro Severino, Dano, Bartholomeu Perdulce, Pedro Lopes de Leaõ, & outros.

O ſegundo modo he, fazendo-o em pò por calcinaçaõ com fogo actual, ou potencial, o qual modo chamaõ *azougue precipitado*, & delle uſaõ, Joannes de Vigo, Julio Palmario, Mathiolo, Tomitano Trajano, Leaõ, & outros graves Authores.

E poſto que alguns deteſtem grandemente o uſo do azougue pela boca, trazendo muytas razoens, & exemplos de máos ſucceſſos, com tudo havemos de entender que eſtes, ou uſáraõ mal delle, ou lhes faltou a experiencia, que outros muytos tivèraõ de ſeus milagroſos effeytos. E por tanto tratarey aqui as compoſiçoens, & preparações mais provadas, com que ſe pòdem expellir os affectos gallicos envelhecidos, & rebeldes, que a nenhuns outros remedios obedecèraõ. Advertindo porèm, que ſó a eſtes ſe devem applicar, & por Medico douto, ou Cirurgiaõ grave, & de grande experiencia, fóra de cujas máos ſómente haverá os perigos, que os ſobreditos Authores temem, como nota Leaõ, Joaõ Guintero; Andrenaco o dava miſturandolhe ſómente *folhas de ouro*, a ſaber, *huma oytava delle a huma onça de azougue*, ſem mais preparaçaõ alguma. Porèm melhor he dallo em pirolas pelo ſeguinte modo.

Num. 2.

Numero 2.

Pirolas do mercurio contra o morbo gallico.

SAõ muy provadas as pirolas de Michael Angelo Blondo, cuja receyta he a ſeguinte. Receyta: *Azougue vinte & cinco oytavas, ruybarbo dez oytavas, almiſcar tres oytavas, eſcamonea tres oytavas, çumo de limaõ quanto baſte, faça-ſe maſſa de pirolas.* A meſma receyta trazem Petro Bayro Taurinenſe, Hercules, de Saxonia, & Chalmeteu, ſó differem em que eſte lhe lança menos *tres oytavas de azougue, & duas de almiſcar*, em lugar das quaes accreſcenta *duas oytavas de farinha de triaga*, & em lugar do *çumo de limaõ*, diz que ſe póde fazer *com o xarope delle*, o que me parece melhor, por ſer mais accomodado para ſe fazer maſſa de pirolas, que o çumo; & Bayro lhe lança *tres oytavas de almiſcar*, & em lugar *da eſcamonea* lança *diagridio*, que he mais ſeguro. De Chalmeteu a traſladou Pedro Lopes de Leaõ, que diz ter curado com eſtas pirolas mais de cem doentes de morbo gallico, entre os quaes dous delles ſe faziaõ jà leproſos; & aſſim perſuade a todos a que uſem nos caſos, em que as outras curas naõ aproveytaõ, cuja receyta, que eu mais approvo, he a ſeguinte. Receyta: *Ruybarbo dez oytavas, diagridio* (que he mais ſeguro, que eſmonea) *tres oytavas, azougue vinte & duas, oytavas, farinha de trigo duas oytavas, almiſcar huma oytava, xarope de limaõ quanto baſte: mate-ſe o azougue com o xarope de limaõ, & miſturando-ſe as mais couſas, ſe faça maſſa de pirolas.* E de cada oytava ſe formaráõ cinco, & darſcha huma ſó pirola ſeys horas antes do comer. E deve-ſe o enfermo tomar trinta dias, & em cada ſemana tomará duas vezes a bebida ſeguinte. Receyta: *Agua de funcho huma onça, agua ardente meya onça, miſturem-ſe.*

Loc. cit. Inenchirid. lib 9. cap. 12. cap. 7. Lib. 7. cap. 3.

E durante o tempo dos trinta dias naõ uſará o enfermo *de untura, nem de topico, nem de medicamento cathartico, nem de outro algum.* Porèm advirta-ſe com o meſmo Leaõ, que naõ ſe dem eſtas pirolas ſenaõ paſſados tres mezes depois de ſeytas, porque dando-ſe freſcas fazem muytos danos, mas depois de eſtarem fermentadas o dito tempo, fazem milagroſos effeytos, & me parece muy acertado uſar dellas, eſpecialmẽte em affectos gallicos rebeldes, que a outras curas naõ tem obedecido. E advirto que ſe o enfermo for cholerico, ou fraco, que baſte menor quantidade *da quinta parte de huma oytava, ou que as tome hum dia entre outro*; mas ſendo melancholico, reſiſtente, & robuſto, em que a pirola naõ faça baſtante operaçaõ, tambem a quantidade ſe lhe póde accreſcentar. Movem eſtas pirolas baba, cuſpo, camaras, & ourina, & por eſtas evacuçoens arrancaõ quaeſquer boubas por envelhecidas que ſejaõ.

Outras pirolas ſe pòdem fazer deſte modo. Receyta: *Maſſa de pirolas de agarico, de hermodactilos, fumarias, & cochias de cada huma ſua onça, azougue ſeis oytavas, purifique-ſe o azougue coando-o por hum couro de carneyro*, conforme enſina Braſavalo, & Ambroſio Pareu, *& depois mate-ſe com o çumo de aypo, & ſe miſture com a maſſa das pirolas, que deve ſer freſca, & tudo ſe amaſſe, & ſe deyxe fermentar tres mezes, & no fim delles de-ſe cada dia ao enfermo meya oytava feyta em tres pirolas, & continue tantos dias atè que depois de ter evacuado baſtantemente por cuſpo deſappareçaõ os ſymptomas gallicos.* E quando quizerem que movaõ camaras, agucem-ſe *com hum grão de diagridio*, & ſe evacuarem mais do que poſſa ſofrer o enfermo, *de-ſelhe ſómente hum eſcropulo, ou meyo, conforme a evacuaçaõ, & forças.* Saõ eſtas pirolas mais ſeguras que as ſobreditas de Michael Angelo, & para males de cabeça, & juntas ſaõ maravilhoſas.

Lib. de morb gal Lib 18. cap 10.

Outras menos violentas para peſſoas fracas, & faceis na evacuaçaõ. Receyta:

Ruybarbo, agarico, de cada hum ſua onça azevre, turbit, carthamo, polypodio, jalapa, caſcas de mirabolanos chebulos, Indos, citrinos, hermodatilos, de cada hum duas oytavas, ſemente de aypo, ou de ſalſa das ortas tres oytavas, azougue morto com decoada de cinza devides meya onça, xarope de nove infuſoens de roſas Perſicas quanto baſte, faça-ſe maſſa de pirolas, & ſe a evacuaçaõ da boca, ou de camaras for muyta, de-ſe menos quantidade, & ſe for pouca, de-ſe mais, & continue-ſe atè ceſſarem todos os ſymptomas.

E ſendo peſſoas muyto delicadas, ſerlhe-haõ mais convenientes as pirolas ſeguintes intituladas, Barbaroxa, conforme diz Rondelecio, & refere Foreſto. Receyta: *Ruybarbo, & agarico, de cada hum duas oytavas, azevre huma onça, azougue morto com çumo de roſas tres oytavas, canela fina, ambar, de cada hum ſeu eſcropulo, myrrha, almecega, de cada hum huma oytava, façaõ-ſe pirolas com trementina fina, & tome o enfermo da primeyra vez hum eſcropulo, & depois ſe irà accrecentando, ſe for neceſſario*, & querendo *ſe pódem aguçar com diagridio*, poſto que Rondelecio com pouca razaõ o reprova.

Lib. de morb. Ita fol 858. Lib. de luc ven. obſer. 19.

E para peſſoas ruſticas, & robuſtas, ſendo o mal muyto rebelde, as melhores de todas ſaõ as ſeguintes. Receyta: *Hermodactilos, azevre, de cada hum huma onça, caſcas de mirabolanos chebulos, citrinos, & Indos, de cada hum tres oytavas, agarico meya onça, ruybarbo duas oytavas, cinamòmo, cariophilos, eſpica, almecega, de cada hũ duas oytavas, açafraõ meya oytava, ſemẽte de erva-doce, iva artetica, betonica, artemiſia, caſca de nòz noſcada, de cada hum huma oytava, elleboro negro quatro oytavas, xarope de ſtbecade quanto baſte, faça-ſe maſſa de pirolas, & deyxe-ſe fermentar tres mezes, cada oytava deſta maſſa ſe farà em ſeis pirolas, & dourem-ſe, & de-ſe ao enfermo cada manhã huma ſó pirola.* E ſe naõ fizer baſtante evacuaçaõ, dem-ſelhe duas, & continue-as vinte & cinco, ou mais dias atè ſe extinguir todo o contagio, & depois tenha regimento ſeſſenta, bebendo agua de ſalſa, ou páo. Servem eſtas pirolas para gomas, glandulas, alporcas, talparias, dores antigas de pernas, braços, & cabeça, fiſtulas, & oſſos corruptos, procedido tudo de qualidade gallica, poſto que tambem póde aproveytar, ſe della naõ procederem.

Mas lembro, que havendo de dar azougue pela boca, eſteja o enfermo preparado com as evacuações univerſaes, como quando ſe applica por fóra, ſegundo nota Rondelecio, porque naõ ſendo iſto, ha perigos de correr demaſiado humor às partes da boca, & cauſar ſymptomas graves.

Lib. de morb. Ita fol. 857.

Se alguem quizer compor outras varias pirolas a ſeu modo, o poderá fazer, advertindo, que na quantidade ordinaria de cada dia, que ſe der ao enfermo, *naõ entrem mais que de quatro atè oytogrãos de azougue.*

Advirta-ſe porèm que o azougue, que ſe houver de dar pela boca, ou ſeja feyto em pirolas, como temos ordenado, ou dando-ſe precipitado, como logo dirèmos, deve-ſe eſcolher hum que ſeja muy legitimo, & limpo de toda a eſcoria, & mixtaõ, que poſſa ter de outra couſa, porque ſe a tiver de chumbo, eſtanho, ou ſemelhante, poderá fazer mayor dano, que proveyto, & por tanto, para ſegurar o negocio, ſe deve primeyro coar por hũa pelle de carneyro, & depois cozelo, como encommenda Pareu, *com vinagre, alecrim, himo, macella, coroa de Rey, & ſemelhantes ervas, & aromaticas, & ainda tornando-o a coar pelo meſmo couro*, & deſte modo purificado ſe uſará delle, fazendo as pirolas, & outras compoſiçoens como eſtá dito, ou precipitando-o, como logo dirèmos.

Lib. 18. cap. 20.

Numero 3.

Pós de azougue precipitado para curar morbo gallico.

ANtes de haver morbo gallico naõ acho que fallaſſem os Authores em azougue precipitado, porque o primeyro, que delle eſcreveo, foy Joannes de Vigo, que de azougue enſinou a fazer aquelles ſeus celebres pós, & depois delle, Nicolao Maſſa, que diz os ſabia fazer primeyro que Joannes de Vigo os eſcreveſſe. E logo Ruí Dias de la Isla, Cirurgiaõ famoſo do Hoſpital d'El-Rey em Lisboa, cõtemporaneo deſtes dous Authores, do qual ſe póde cuydar que delles os aprendeſſe, porque os faz por diverſo modo. Pedro André Mathiolo os foy ſeguindo, aonde traz outra preparaçaõ diverſa. Aſſim o fizeraõ tambem outros graves Authores, que enſinaõ a fazer o azougue em pó, a que chamaõ precipitado.

Lib. de morb. gal tract. 6. cap 6. Lib. de morb. fet.

Conformaõ todos elles *em que ſe lance o azougue em agua forte de que uſaõ os prateyros, & douradores, & com ella ſe chegue ao fogo atè que ſe aparte, ou ſe conſuma, & o azougue, que fica no fundo do vaſo, ſe faça vermelho, & depois ſe faça em pó, que he o dito precipitado.* Differem em duas couſas; a primeyra na quantidade da agua, que ſe ha de lançar; a ſegunda no modo com que ſe ha de apartar, porque huns a fazem deſtillar em outro vaſo, outros a deyxaõ evaporar, & conſumir. Joannes de Vigo *lança libra & meya de agua forte a meya libra de azougue*: Mathiolo *lança a libra & meya delle, quatro libras da dita agua, & cada hum a poem a deſtillar em alambique de vidro*, deſorte que apartando-ſe a agua pela deſtillaçaõ, fica o azougue no fundo do vaſo, em que ſe meteo, calcinado, & vermelho, como ſe vè nos pós do dito Joannes de Vigo.

Lib. 8. 4. 13.

Nicolao Maſſa *lança huma libra de azougue com outra de agua forte em huma redoma de vidro, o qual poem dentro de huma caçoula de cinza, porque naõ arrebente com a força do calor, & logo a caçoula ſobre o fogo ao principio brando, & depois forte, & a deyxa eſtar atè toda a agua ſe gaſtar, que ſe conhece, porque naõ evapora couſa alguma, & depois ſe quebra o vidro, & ſe acha o azougue precipitado, & vermelho*, & ſe fica ainda alguma couſa delle vivo, ſe torra ao fogo em vaſo de metal, ou de ferro, atè que totalmente ſe conſume, & fica ſó o vermelho. Do meſmo modo o precipita Ruí Dias de la Isla, *mas lança duas libras de agua forte a huma de azougue*. Aſſim o faz tambem Juliano Palmario, porèm naõ lança mais *que duas onças & meya de agua forte a ſeis onças de azougue*: Leonardo Botallo, *lança partes iguaes*, & faz a ſublimaçaõ como Vigo, mas ſublima duas vezes. Outros Authores fazem outras preparações varias, convindo todos em que ſe ponha o azougue com agua forte ao fogo. A de Joannes de Vigo, he a mais celebre, & a que ſe uſa em todo o mundo: porèm a de Nicolao Maſſa me parece melhor de todas, porque alèm de facilidade, leva menos agua forte, que he a que faz os pós mais agudos, & violentos, & por tanto os deſta preparaçaõ ſaõ menos moleſtos, & de menos perigo. E poſto que Palmario lança menos quantidade della, com tudo naõ approvo eſta preparaçaõ, porque naõ parece baſtante para precipitar o azougue.

Lib. de morb. gal tract. 6. cap. 6. Lib. de morb. gal cap. 11. Lib. de hydrarg. cap 6. Lib. de morb. gal cap. ult.

O primeyro uſo do precipitado foy em ordem a mundificar as chagas, gaſtarlhe a carne má, & ſuperflua, atalharlhe a corroçaõ, & rectificarlhe toda a malicia, como ſe vè dos Inventores delle. Porèm depois ſe eſtẽdeo a dar-ſe pela boca algumas vezes com trabalhoſos, outras, & as mais com felices ſucceſſos. O primeyro Eſcritor, que a tal ſe atreveo, foy Joannes de Vigo, onde manda, *que ſe dem tres, ou quatro grãos do precipitado contra peſte, miſturando-os com meya oytava*

In chirur. comp. L. b. 5. jux. pri. cap.

de

de triaga, meya onça de xarope de azedas, & duas oytavas de conſerva de lingua de vaca. E póde-ſe crer que ſerá remedio della, naõ ſómente pór evacuar a materia venenoſa, ſe naõ por qualidade alexipharmaca, pois conſta de Serapiaõ, que o azougue a tem contra todos os venenos; & de Avicena, que mata animaes venenoſos, & he experiencia de Laguna, que o ſolimaõ (que he o meſmo azougue ſublimado) preſerva de peſte trazido no ſovaco, como eu tambem experimentey em febres malignas, em que notavelmente lhes remittia os ſymptomas. Antes de Joannes de Vigo, naõ ſe acha Author, que déſſe azougue pela boca; porque Paulo, poſto que refere alguns Medicos, que para colicas o deraõ queymado, & feyto em cinza, & miſturado com certas eſpecies, naõ manda que ſe dê, nem diz, que elles o eſcrevèraõ. Mas depois de Vigo, uſáraõ do meſmo precipitado, dando-o pela boca outros muytos Authores, como Mathiolo, o quál diz curar com elle morbo gallico em breves dias, peſte, melancholias, colicas, & finalmente quartãs, *dando cinco, ou ſete grãos em triaga, ou aſſucar de lingua de vaca, ou qualquer outra couſa, huma hora antes da ceſaõ*; eſtando porèm a materia jà algum tanto digeſta, porque por vomito, & camara evacua copioſamente fleuma, & melancholia.

Lib. de ſimp. med. cap. 184. 2. can. c. 47. Lib. 6. ſup. Dioſc. in præf. Lib. 7. cap. prop. Loc. cit.

Numero 4.

Ordinatas do precipitado contra morbo gallico.

ORdena Mathiolo, que ſe tome deſte modo: *Tomem de azougue precipitado duas onças, infundaõ ſe por eſpaço de huma noyte em duas onças de agua de tanchagem, & azedas, & depois ſe coe a agua, lancem no meſmo precipitado outra nova, & ſe chegue ao fogo, mexendo-o ſempre com huma eſpatula atè que a agua ſe conſuma, & ſe faça em pós ſecos, dos quaes ſe faràõ humas pirolas deſte modo.* Receyta: *Dos ditos pós cinco grãos, margaritas, jacintos, de cada hum outros cinco grãos, diamuſco, diamargaritaõ, electuario do Conciliador, de cada hum meyo eſcropulo, miſture-ſe tudo, & ſe façaõ cinco pirolas, que o enfermo tomarà huma hora ante manhã, & deyxar-ſe ſhaficar na cama cinco horas.* E diz que em breve tira as dores gallicas, evacuando a fleuma, & melancholia por camaras, & vomitos. Em lugar das couſas ſobreditas, baſta miſturalos com triaga de eſmeraldas, ou confeyçaõ de jacintos.

Lib de morb. tit.

Mercado ordena aſſim. Receyta: *Pós precipitados (que primeyro eſtiveſſem dous dias de infuſaõ em aguas cordeaes) hum eſcropulo, pós de triaſandalos meya onça, ruybarbo fino huma oytava, mithridato, conſerva de flor de lingua de vaca, de cada hum meyo eſcropulo. De tudo ſe farà maſſa de pirolas com mucilagens de tragacanto extrahida em agua roſada, & diz que ſe dè hum eſcropulo feyto em tres pirolas, tendo primeyro tomado hum caldo gordo de vitela, ou de frangão cozido com azedas, & beldroegas.* He eſta receyta de Juliano Palmar.o, & delle a tirou Mercado, aſſim como outras muytas couſas.

Lib de morb. gal cap. 13.

He tambem conveniente o celebre bocado de Alderete, que ſe faz pelo modo ſeguinte, conforme o Doutor Gil, no ſeu tratado manuſcrito. Receyta: *Pós de Joannes de Vigo, cinco grãos, infundaõ-ſe doze horas em agua roſada, & depois ſe coem, & ſe miſtur em com huma onça de aſſucar roſado Alexandrino, & hum eſcropulo de pós de diarrhodaõ.* E depois que o doente os tomar, paſſadas quatro horas, *beba cozimento de ſemente de rabaõ com oximel morno*, & dahi a duas horas torne a beber o meſmo cozimento, para que ajude os vomitos; & para roborar o eſtomago depois de ter evacuado, *tome pão molhado em vinho, ou laranja, ou pera cuberta, ou raiz de eſcorcioneyra, ou de lingua de vaca, de aſſucar, &*

Lib de hydrarg. c. 6. §. pul. De morb. gal

beba

beba algum pequeno de bom vinho. Adverte mais Gil, que com os vomitos ſe naõ miſture medicamento purgativo, porque enfraquecem muyto dous movimentos contrarios juntamente.

Pedro Lopes de Leaõ os receyta neſta fórma. Receyta: *Pòs de Joannes de Vigo hum eſcropulo; lancem-ſe duas vezes em agua roſada, & com duas gotas de mel roſado ſe formem duas pirolas, hum pouco duras*, & tome-as o enfermo duas horas antes da manhã, *& dahi a duas horas beba hum quartilho de vinho aguado com pouca agua, o qual beberà todo de huma, ou duas vezes, & com elle provocarà vomito com huma penna, & de pouco em pouco ſe lhe irà dando hũa tigella de vinho aguado, de maneyra que ha de ir bebendo atè duas canadas, & aſſim como o for bebendo irà vomitando*, porque he tanto o que lança pela boca, que das meſmas juntas ſe arranca o humor, & as dores ſe tiraõ. E às onze do dia lhe daràõ ſeu caldo de gallinha, & dahi a meya hora comerá da carne, & dahi por diante, *beba ſua agua de ſalſa, ou de agua mel*, & paſſados quinze dias, *lhe tornem a dar quinze grãos dos meſmos pòs pela meſma ordem.* E coſtumaõ babar muytos dias, & com a dieta, & bom regimento ſarou (ſegundo diz) hum milhaõ de enfermos com eſte modo de cura naquelle Hoſpital, em que eſte Author curava. E accreſcenta, que ſendo o ſugeyto forte, & o mal rebelde, *dava de huma vez dous eſcropulos dos meſmos pós*; & porque ſe naõ eſpantem de tal quantidade, diz, que a cauſa de naõ haver perigo, he porque tornaõ a ſahir com o vomito, & que com ſua força deyxaõ os humores revoltos, & os evacuaõ pela boca, & aſſim ficaõ os enfermos babando dez, ou doze dias como ſe tivèraõ tomado unturas, & com iſto ſáraõ as chagas velhas canceroſas, & contumazes, & todo o genero de dores, cauſadas de humores groſſos, & ventoſos, as gomas ſe desfazem, & com a força dos vomitos ſe rompem os apoſtemas internos, ſe eſtaõ ſuppurados, & finalmẽte ſáraõ todos os achaques procedidos de morbo gallico. Iſto teſtifica Leaõ, que he Author a que ſe deve muyto credito, porque eſteve vinte & tres annos no Hoſpital de Cartagena de Indias, curando cada anno de morbo gallico quinhentos enfermos, pouco mais, ou menos, conforme diz no principio do livro deſte mal. Lib. de morb. gal cap. 13.

Os meſmos pòs dà eſte Author miſturados *com o miolo da ſemente da Cataputia menor* (que vulgarmente chamaõ *Tartaros*) a ſaber, hum eſcropulo della a peſſoas delicadas, & dous às robuſtas com quatro grãos dos ditos pòs de Joannes de Vigo, fazendo de tudo pirolas com mel roſado coado, as quaes em breve eſpaço fazem lançar pela hoca & camarás, todas as boubas ſem cauſarem vaſcas, nem moleſtia de conſideraçaõ. Porèm na adminiſtraçaõ do precipitado haverá as advertencias ſeguintes.

Numero 5.

Advertencia à cerca aos pòs precipitados.

PRimeyra. Confeſſaõ todos os Authores, que he perigoſa a cura, que com eſtes pòs ſe faz, & por eſta cauſa alguns delles, como Fallopio, Tomitano, Rudio, & outros julgaõ que totalmente ſe naõ devem dar pela boca; outros porèm os aconſelhaõ, mas com receyo, & grão cautela. E por tanto naõ ſe devem atrever a adminiſtralos, ſenaõ grandes Medicos, & Cirurgiões de grande experiencia, como encomenda Pedro Lopes de Leaõ, & em ſugeytos muyto robuſtos; & ſendo o mal taõ rebelde, que naõ poſſa ceder aos outros remedios. Loc. cit.

Segunda. Antes de ſe uſar deſtes pòs ſe devem preparar melhor do que os Authores coſtumaõ, porque de ordinario ſe contentaõ com huma, ou duas la-

vagens, que lhes daõ em qualquer agua refrigerante. Mas como a violencia delles he muyta, mayor lavagem lhe he neceſſaria. E por tanto aconſelho, *que ſe lavem vinte, ou trinta vezes*, ou como aconſelha Rudio, *cincoenta vezes, ou tanto atè que percaõ a malicia, lançando a cada onça de pòs hum quartilho de agua, & mexendo-os, ou miſturando-os bem com ella, & mudandolha cada doze horas, ou pelo menos depois que eſtiverem aſſentados no fundo do vaſo.* E para iſto baſta ſer a agua da fonte, fazendo ſómente a ultima lavagem *com agua roſada, ou de azedas, ou de tanchagem.* E depois de lhe eſcoarem eſta ultima, *lhes miſturem quatro onças de agua roſada*, & com ella os cheguem ao fogo, atè que a agua ſe gaſte, & ſe enxuguem, & deſte modo preparados os guardem para ſe darem pela boca feytos em pirolas, ou por qualquer dos modos ſobreditos, porq̃ ſendo aſſim naõ fazem tantas vaſcas, nem movem accidentes de tanta conſideraçaõ, ſenaõ he arrebentar a boca, & provocarem muyta copia de cuſpo depois que ſe continuaõ, com que os enfermos ſaraõ com mais ſuavidade. E querendo uſar delles aſſim lavados para mundificar as chagas, & extinguir a malicia dellas, fazem ſua obra com menos dor, & moleſtia.

Lib de morb oc. cap. 15.

Terceyra. Lavados os pès pelo modo ſobredito naõ movem aquella copia de vomitos, & camaras taõ exceſſiva, & aſſim quanto mais ſeguros, (conforme Galeno diſſe de outros medicamentos) menos efficacia tem de arrancar humores das partes ſolidas, & por tanto ſe devem dar ao enfermo mais vezes, para que o numero dellas ſupra o que falta da efficacia, & ſe venha adequar o remedio à enfermidade. A qual cura poſto que dure mais tempo, por mais ſegura ſe deve eleger, conforme aquelle texto de Galeno: *Quos ſanè ſpatio longiore curatos eſſe ſatius fuiſſet, quàm brevi viriliter mori. Porque he melhor ſararem os enfermos em tempo mais comprido, que morrer em breve varonilmente.*

2. met. 1.

12. met. 1

Quarta. Começar-ſeha ſempre pela menor quantidade, que deſtes pòs ſe coſtumaõ lar, conforme aconſelha Antonio Gallo, & depois delle Mercado, & ſe naõ baſtar, ir-ſeha accreſcentando a poucos: porque ſe logo ſe der muyta, & por tanta fizer dano, naõ eſtá em noſſa mão deyxar de ſe ter dado toda: inconveniente que Galeno acha em todos os medicamentos, que pela boca ſe tomaõ. E pela meſma razaõ ſe começará pelos mais lavados, porque ſe o ſucceſſo moſtrar que naõ baſtàraõ para domar a rebeliaõ do mal, & que as forças o permittem, pódem-ſe repetir outros mais fortes de menos lavagens, & aſſim mais efficazes, & reſpondentes à reſiſtencia do affecto. E he doutrina de Galeno, quando diz: *Non enim ſtatim à principio efficaciſſima remedia adhibere convenit, ſed à debilioribus auſpicari. Naõ convem que a principio ſe appliquem logo os remedios efficaciſſimos, mas que ſe comece pelos brandos.*

De lign. ſanct c 2. Lib. 5. de morb. gal cap. 13. Lib. de ſang. miſ. cap. 12.

2 local. c. 2. infin.

Quinta. Dando-ſe os pòs precipitados com toda ſua força, ou com poucas lavagens, ſegundo a ordem dos Authores ſobreditos, he neceſſario que o enfermo tenha comido alguma couſa, como aconſelha Joannes de Vigo. Primeyramente para que a violencia delles ſó, & ſincera naõ offenda a boca do eſtomago que he muy nervoſa, & ſenſitiva, conforme Galeno, & ſe colhe de Hippocrates que manda tomar logo immediatamente huma tiſana ſobre o medicamento violento, para que lhe obtunda a acrimonia. Segundariamente, porque como eſte medicamento provoque com violencia vomito, he mais facil tendo comido. Aſſim que ſerá acertado ter bebido *huma tigela de caldo gordo, ou de caldo de frangão cozido com azedas, & beldroegas*, como ordena Palmario, & Mercado jà referidos.

In comp. chirurg. lib. 5. cit. 2 acut. 11. ibid. text. 12.

Sexta. Compondo-ſe medicamentos do precipitado, devem-ſelhe miſturar duas

duas eſpecies de correctivos, a ſaber, *os alexipharmacos do azougue, & os da agua forte. Os do azougue ſaõ ouro, ſemente de orminio, de ſalſa, aypo, ouregãos, myrrha, còſto, & outros*, que jà referimos por authoridade de Dioſcorides, & do Conciliador, & de Avicena. Agua forte, nem das couſas, de que ella ſe faz, naõ tem os Authores eſcritos proprios antidotos, porèm devem-ſelhe applicar os communs, com que ſe acode aos venenos erodentes, que tem faculdade purgativa, de que faz menção Rodio, *como triaga de eſmeraldas, confeyçaõ de jacintos, margaritas preparadas, coral preparado, diamargaritaõ frio, bolo Armenico preparado, & ſemelhantes.* E aſſim me parece que a mais accommodada de todas he a noſſa receyta ſeguinte. Receyta: *Pòs de Joanes de Vigo, lavados em ſete aguas; & depois dellas ultimamente em agua roſada ſeſſenta grãos eſcamonea preparada quinze grãos, pòs de mirabolanos chebulos, azevre, myrrha, coral preparado, margaritas preparadas, ſemente de aypo, de cada couſa dous eſcropulos, ouro feyto em pò ſutil, ambar gris, de cada hum dez grãos, com xarope de nove infuſoens de roſas Perſicas, ſe faça maſſa de pirolas, & della ſe façaõ trinta, que o enfermo deve tomar em trinta dias, cada dia huma, bebendo nelles, & em outros trinta, agua de ſalſa, ou pão, & ficarà ſaniſſimo.*

Lib. 5. c. prop. &c. De lithar Lib. de ven. cap. prop. Lib. 5. de mor. ven. cap. 11.

Septima. Coſtuma eſte precipitado commum mover mais graves ſymptomas, que qualquer outra adminiſtraçaõ do azougue, aos quaes ſe deve acodir, conforme eſtá dito acima em ſeu lugar. Cap. 27.

Oytava. Haja grão cuydado de que os pós precipitados ſejaõ legitimos, porque ſe coſtumaõ falſificar os de Joannes de Vigo com azarcaõ, que he muy venenoſo, & póde fazer muyto dano. Conhecer-ſe-ha o adulterio delles; porque tendo eſta miſtura ſe pegaõ ao papel em que ſe embrulhaõ. E accreſcenta Oviedo que de duas maneyras ſe conhecem, huma he lançando-os no fogo, porque os pòs de Joannes ſe desfazem em fumo, & o que ha eſtranho fica inteyro. Outra lançando-os em agua forte, na qual ſe desfazem os pòs de Joannes, & fica inteyro o que ha de miſtura.

Lib 4. de ung. rob.

Nona. Póde-ſe duvidar ſe os pòs do azougue precipitado, & ſublimado, ſaõ calcinados. E para iſto ſe entender, ſe note, que precipitar ſignifica lançar de cabeça abayxo, & calcinar, fazer a couſa em cal. E porque o azougue, que de antes era vivo, depois de feyto em pò perde aquella viveza, & movimento, parece que por eſta razaõ lhe chamàraõ os Authores precipitado, que vem a ſignificar lançado de ſua viveza. E como iſto ſe faz com força de fogo aſſim actual, como potencial, (pois a agua forte he calida no quarto grào, & potencialmente fogo) & depois diſto fica feyto em cinza a modo de cal, bem ſe póde dizer que he calcinado. E no que ſe ſublima tambem cabe a meſma razaõ, porque com a força do fogo perde a viveza, & ſe converte em pedra como cal, & nella ſe reſervaõ aquellas reliquias igneas, que na cal, ou cinza experimentamos. Porèm iſto he queſtaõ de nome, & ſó para que a couſa ſe entenda bem, & a proponha, advertindo que ſe uſe do vocabulo dos Chimicos, que nunca chamaõ ao azougue feyto em pò calcinado, ſenaõ precipitado, ou ſublimado, ſegundo ſua operaçaõ.

Decima. Dando-ſe os pòs precipitados, conforme ordenaõ ſeus Authores, ſómente com huma, ou duas lavagens, naõ he neceſſario que preceda purga, porque he tanto o que movem, & evacuaõ por vomito, & camara, que eſcuſa preceder outra evacuaçaõ, ſenaõ for a da ſangria em ſugeyto a que convenha.

Undecima. Para ſe fazer a cura perfeyta, he neceſſario, que o mercurio ſe dè em quantidade que naõ mova muytas camaras, para ſe poder dar tantas vezes,

6. de lue ven. part. 4. c. 21. Bi fin.

que baſte para extinguir a qualidade gallica, como nota Daniel Senerto; mas ſe o corpo naõ eſtiver de antes baſtantemente evacuado, póde-ſe dar da primeyra vez grande quantidade, que baſte para a evacuaçaõ univerſal, & depois ir dando menos, & menos, atè que naõ mova camaras, ou vomitos de conſideraçaõ, para que podendo-ſe repetir muytas vezes, eradique o mal com ſua qualidade alexipharmaca.

Numero 6.

Nova, & ſegu iſſima preparaçaõ do azougue, que chamaõ precipitado branco, com que ſe cura o morbo gallico.

ALèm dos ſobreditos modos, com que os Authores preparaõ, & precipitaõ, ou fazem o azougue em pó, tenho por experiencia ſer muyto melhor, & mais ſeguro outro diverſo, que naõ anda eſcrito, & ſe faz neſta fórma. Receyta: *Agua forte, & azougue, de cada hum huma onça, ou huma libra, ou o que quizerem, como venha a ſer tanto de hum como de outro, lancem-ſe em hum vaſo de vidro, & tanto que ſe miſturarem, ſe verà que muyta parte do azougue ſe converte em huma ſubſtancia branca, que faz a agua a modo de leyte, & em menos de vinte & quatro horas ſe faz todo o azougue em pó, & ſe aſſenta no fundo do vaſo, deyxando a agua clara. E como eſtiver neſte ponto, eſcoe-ſe manſamente a agua, & no azougue, que ficar no vaſo, lancem huma maõcheа de ſal, & logo ſobre elle tanta agua da fonte, que reſponda a cada onça do azougue, que ſe tinha lançado, hũ quartilho de agua. E paſſadas vinte & quatro horas ſe eſcoe, & lancem outra tanta agua ſobre o meſmo azougue, que cada doze horas ſe irà mudando por ſete dias continuos, com tanto que as duas ultimas aguas ſejaõ roſada, ou de azedas ou de tanchagem;* & ultimamẽte ſe eſcoe muyto a tento naõ ſe lance o azougue a perder, *& depois ſe enxugue ao Sol, ou ao fogo,* & ficaràõ huns pòs que às vezes ſaõ de cor de cinza, outras tiraõ para cor de enxofre, *& tocados na lingua, que he o final por onde ſe conhece eſtarem bem lavados,* & mereceràõ o nome de mercurio doce, que por outro modo ſe prepara.

Saõ eſtes pòs admiraveis em curar toda a eſpecie de morbo gallico, ſem darem moleſtia alguma ao enfermo, mais que moverem muyta copia de cuſpo, & fazerem arrebentar a boca. Naõ cauſaõ nauſeas, nem vomitos, nem ancias de coraçaõ. Nos primeyros dias provocaõ quatro, ou cinco camaras, mas depois nem eſtas movem, & por tanto naõ he neceſſario que o enfermo, que os tomar, ſe recolha, mas de pè ſe pòde ir curando, ſe os tomar a tento que ſe lhe naõ ulcere demaſiadamente a boca. Daõ-ſe cada manhã de quatro atè oyto grãos, que ſe pódem tomar ſecos, miſturados com aſſucar, ou vinho, ou em agua, ou no que cada hum quizer. Se o mal naõ for muyto rebelde, tanto que a boca começar de arrebentar, ceſſem cõ elles: & ſe a evacuaçaõ naõ for por diãte, tornem-ſe a tomar, & aſſim os iràõ tomando a poucos atè ſe extinguirem todos os ſymptomas. Porèm ſe o mal for rebelde, deve-os o enfermo continuar atè cuſpir em grande quantidade, & a boca ſe ulcerar manifeſtamente. Baſta de ordinario tomalos oyto, ou nove dias, mas algumas vezes he neceſſario continuar quinze, vinte, ou trinta, porque naõ póde haver numero certo, & ſe quizerem uſar deſtes pós para matar as lombrigas aos meninos, pódem-ſelhes dar com mais ſegurança que o azougue vivo, (de que uſaõ algumas peſſoas) dando-lhes delle hum, ou dous grãos.

Tres cauſas ha para que eſtes pòs ſejaõ benignos, & mais ſeguros que os do precipitado ordinario. A primeyra, porque como pela ordinaria preparaçaõ ſe ponha o azougue com agua forte ao fogo, & ſe deyxe eſtar atè que ſe lhe deſtille,

tille, ou conſuma, tomaõ os pòs muyto da ſua acrimonia, corroſaõ, & fortaleza, por iſſo ficaõ corroſivos, adurentes, provocativos de vomitos, purgativos, violentos, & venenoſos, que ſaõ effeytos das couſas, de que ſe faz a agua forte, a ſaber, *capparroſa*, *pedra hume*, *& nitro*, ſegundo Nicolao Maſſa, & Joannes de Vigo, como ſe vè nos Capitulos de cada hum dos ditos ſimplices em Dioſcorides; & como pela noſſa preparaçaõ falta o cozer-ſe o azougue com agua forte, toma muyto menos della, acabando de ſe apurar pelas lavagens, & pela primeyra miſtura do ſal, & aſſim fica muyto mais brando. A ſegunda he a aduſtaõ, que o azougue recebe na precipitaçaõ ordinaria, porque conforme Galeno, por ella ſe fazem os medicamentos, que aliàs naõ eraõ agudos, mais calidos, & adurentes. E no que ſe prepara pelo noſſo modo, naõ ſe lhe imprime aquella parte ignea, que em todas as couſas aduſtas imprime o fogo, conforme Galeno. A terceyra he a infuſaõ, ou lavagem, que nas muytas aguas ſe lhe dá, com que totalmente ſe lhe ſeparaõ as partes igneas agudas, acres, mordazes, & venenoſas, que da agua forte lhe podiaõ ficar, ou de ſua natureza tiveſſem, conforme a doutrina de Galeno. Pelas quaes razoens, & pelo que a experiencia me tem moſtrado, ſe devem uſar ſem temor algum para curar os affectos gallicos.

Lib. de morb. gal. Tract. 6. cap. 6. Lib. 8. c. 1. Lib. 5. 9. ſimp. cap. 1.

Loc. cit.

Pódem-ſe tambem miſturar eſtes pòs com outros medicamentos, que tenhaõ reſpeyto aos affectos gallicos particulares, v. g. *ſe padecer a cabeça, com pirolas cochias, ſe as juntas, com as de hermodactilos, ſe a madre, com as elephangmas, ſe o eſtomago, com as de hyera, ou maſtichinas, miſturando para cada dia os grãos, que parecerem*, conforme a celeridade, ou vagar, que o affecto pedir, & as forças permittirem. Exemplo. Receyta: *Maſſa de pirolas cochias, & de hermodactilos, de cada huma duas oytavas, dos noſſos pòs precipitados brancos hum eſcropulo, formem-ſe vinte & quatro pirolas com xarope roſado, & dourem-ſe, de que o doente tomarà tres cada noyte quando ſe recolher a dormir*, & ſendo neceſſario, *agucem-ſe eſtas pirolas cõ quatro grãos de diagridio*, & ſarará o enfermo, ſe lhe acodir muyto humor à boca por razaõ da evacuaçaõ, que as pirolas movem. E naõ baſtando aquelles oyto dias dellas, irà continuando mais atè vinte, ou trinta, ou atè que os ſymptomas gallicos ſe extingaõ. Pódem-ſe tambem miſturar *com pòs de ſene, ou de outro medicamento purgativo*, para impedir a moleſtia da evacuaçaõ do cuſpo, & miſturarem-ſe *com pòs de ſalſa*; para fazer melhor cura, ou ordenar eſtes pòs que ſaõ excellentes. Receyta: *Pòs de noſſo azougue precipitado branco cincoenta grãos, pòs de ſene quatro oytavas, pòs de hermodactilos duas oytavas, pòs de caſcas de mirabolanos chebulos, & citrinos, de cada hum duas oytavas, pòs de ſalſa parrilha dez oytavas, tudo ſe miſture, & deſtes pòs tome o enfermo huma oytava pela manhã, & meya à tarde antes de cea, em agua de ſalſa, & continue atè que ſare*, porque ſaõ muyto bom remedio de todos os affectos gallicos, & principalmente da cabeça, & juntas. Mas antes de os começar, terá feytas as evacuações univerſaes de ſangria, & purga, como outras vezes eſtà advertido.

Tambem por certa ſublimaçaõ ſe prepara, & precipita de tal ſorte o azougue, que nenhuma acrimonia, venenoſidade, ou violencia lhe fica. E com ficar deſte modo cura morbo gallico radicalmente ſem moleſtia alguma, ſegundo o tenho por experiencia de muytos doentes, que com elle tenho curado. Naõ move nauſeas, nem vomitos, nem faz anxiedades, nem parece a quem o toma que no eſtomago tenha couſa de medicina. Nos primeyros dias move quatro, ou cinco camaras, paſſados elles, nem eſſas move, porque a ſua obra principal he com ſua qualidade elexipharmaca extinguir a gallica, que ha no corpo, & mover alguma evacuaçaõ por ſaliva. Chamaõ-ſe eſtes pòs *mercurio doce*, & pe-

las grandes virtudes que tem, lhe chamàraõ tambem alguns *Panacéa*, vocabulo Grego, que ſignifica *Sàra tudo*, à imitaçaõ de huma erva deſte nome de que faz menção Virgilio naquelle verſo:

Ambroſios ſuccos, & odoriferam Panaceam.

Eſta preparaçaõ porèm naõ ſe pòde communicar ao vulgo por certos particulares della, & porque ſe ſe naõ faz muyto bem feyta, he perigoſa,

Numero 7.

Outra preparaçaõ do azougue precipitado.

PAra inteyra noticia de tudo o que atè agora ſe tem inventado na cura do azougue, tratey certa preparaçaõ, que manda fazer Antonio Gallo, que he deſta maneyra. Receyta: *Seis onças de azougue ſublimado, (que he o ſolimão) & moa-ſe em gral de pedra, que fique em pò ſutil, & logo ſe lhe miſture boa quantidade de farinha de trigo, & ſe amaſſe tudo com agua, & faràõ eſta maſſa em bolinhos, miſturandolhe manteyga crua. Depois diſto ſe ponha a dita maſſa em alambique, & ſe tire por deſtillaçaõ toda a agua que puder ſahir, & deſta agua tomaràõ ſeis partes, de ouro feyto em pò huma parte, meſturem-ſe, & encorporem-ſe ambos, à qual miſtura chama o dito Author Amalgama, & lance-ſe em hum vidro de boca larga, & depois ſe ponha o vidro em huma tigella de cinza, enterrado nella atè o meyo, & ponha-ſe a tigella ſobre brazas de fogo brando, advertindo que naõ ſeja nunca muyto forte, & logo ſe veràõ humas codeas, ou correas, que pouco a pouco tiràõ com huma colher apartando para outro ſemelhante vaſo de vidro, o qual poràõ tambem com eſtas codeas na cinza ſobre o fogo, & o deyxaràõ eſtar atè que ellas ſe façaõ vermelhas, ou citrinas, & mexendo-as ſe faràõ em pòs, a que chamaõ aureos precipitados.* Eſtes ſe tornaràõ a preparar neſta fórma: *Lançalos haõ em hum vaſo de barro, & ſobre elles tanta agua ardente que paſſe hum dedo por cima, & com ella ſe chegaràõ ao fogo atè que a agua ſe conſuma, & iſto lhe faràõ tres vezes, & depois lhe tornaràõ a fazer a meſma prepareçaõ com agua de almeyraõ, ou de lingua de vaca.* Delles ſe daràõ ao enfermo de cinco atè nove grãos, com que ſe evacua por camaras, & vomitos grão copia de humores gallicos, com que em nove dias, conforme diz, fica o doente ſaõ. Miſturaõ-ſe tambem eſtes pòs *com azougue, myrrha, almecega*, & com outras couſas, com que ſe fazem mais correctos, v. g. Receyta: *Azevre meyo eſcropulo, almecega quatro grãos, deſtes pòs precipitados cinco grãos, façaõ-ſe duas, ou tres pirolas com mel roſado, & dourem-ſe.*

Lib. de ling. fãct. non permiſ. c. 2.

Deſta preparaçaõ de azougue naõ tenho feyto experiencia, mas por cauſa do ſolimaõ me parece perigoſa, como tambem pareceo a Fallopio, ſem embargo que a qualidade alexipharmaca do ouro lhe deve remittir a venenoſa. Com tudo ſe alguem quizer uſar della na fé de ſeu Author, o poderá fazer, com tanto que depois dos ditos pòs jà preparados pela ordem ſobredita, ſe tornem a preparar lavando-os em quinze aguas.

Cap 79.

Numero 8.

Outros modos de curar com azougue.

TAmbem alguns Authores mandaõ curar morbo gallico fazendo fomentaçoes nas pernas, & braços com agua de ſolimaõ, atè que rebente a boca: porèm he cura perigoſa, & de que ſe naõ deve uſar.

Outros mandaõ fazer cintos, & manilhas cheas do meſmo azougue, & cingidos

dos ao longo da carne, de que ſe communica a virtude por todo o corpo, & faz babar, & outras evacuações. E para iſſo matão o azougue com cuſpo, & clara de ovo, & o miſturaõ com algodaõ, & o cozem dentro do couro, ou pano a modo de cintos, & manilhas, que atão nas pernas, & braços ſegundo enſina Daniel Senerto.

ANNOTAÇOENS.

Numero 1.

DEteſtaõ grandemente o uſo do azougue. *Severamente merecem ſer reprehendidos alguns Medicos, & Cirurgiões, que reprovaõ a cura do azougue, ou tomado pela boca, ou applicado por fóra; ſendo a mais aggravante circunſtancia de ſeu delito, o naõ terem experiencia propria do meſmo remedio que reprovaõ. Iſto eſtamos encontrando cada dia. Vemos reprovar muytas vezes o azougue, em caſos que pudera ſer util, & bem apurado o Profeſſor que o reprova, confeſſa, que nunca uſou delle em ſemelhante caſo. Naõ ha delirio mais digno de helleboro. Que no caſo de huma conſulta naõ proponha a cura do azougue quem naõ tem experiencia della naquelle caſo: muyto embora; porq̃ he huma cura, que ſe faz formidavel a quem a naõ tem uſado. Mas que a reprove nervoſamente quem naõ chegou a uſala, contra o conſelho de quem a inculca com experiencias proprias no meſmo caſo: he indocilidade, he imprudencia, he eſtro, he furor de contradizir, principalmente quando ſe naõ acha outro remedio, que naquelle caſo poſſa utilizar. Iſto nos moveo a penna para eſcrever o Tratado do uſo do azougue nos caſos em que he prohibido pela pratica vulgar. Achavamos doentes que neceſſitavaõ de azougue; & achavamos tambem contradições ao ſeu uſo em Medicos, que naquelles caſos o naõ tinhaõ experimentado; & foy preciſo propalar algumas obſervações proprias, para tirar o horror ao azougue nos ditos caſos; couſa que ſe naõ receberaõ bem todos, naõ ha duvida que tem aproveytado a muytos. A cura do azougue pela boca, he ſegura, & efficaz para todo o gallico, ainda que ou por activo, ou por inveterado ſe faça rebelde. Mas em duas couſas conſiſte a ſegurança, & efficacia deſta cura; huma em que o corpo ſe prepare exactamente; outra, em que o azougue ſeja bem dulcificado. Se o corpo ſe prepara com exactas evacuações, faz-ſe depois a cura com toda a ſuavidade; o que naõ ſuccede tomando-ſe o mercurio ſem ellas; porque como eſte move os humores, ſe achar muytos, ha de mover muytos, & póde acontecer que vão para a garganta, ou para o peyto, ou para outra parte em que façaõ graviſſimo perigo. Se o mercurio naõ he bem dulciſicado, logo nas primeyras exhibições ſobrevem effeytos de braveza, arrebentando a boca, & inflammando-ſe a garganta, deſorte, que he preciſo ſuſpendelo; & o caſo he, que como vão babando os doentes, pela malicia do azougue mal curado, entendem que ficaõ bem curados, & enganaõ-ſe, porque tem tomado pouco azougue, que he o que cura o gallico; & paſſado algum tempo ſe reconhece aſſim, ou pela duraçaõ dos achaques, ou pela repetição delles. Por iſto qu m quizer curar bem os gallicados com mercurio tomado pela boca, prepare-os exactamente, & delhes mercurio bem domado, miſturandolhe huns grãos de diagridio ſulphurado, para que ſe vão evacuando pelo ventre os humores que o azougue for movendo; que deſta ſorte, dentro de dez, doze, ou quinze dias terà concluida a cura com feliz ſucceſſo,*

Só a eſtes ſe deve applicar. *Sómente nos achaques de gallico os mais envelhecidos, & rebeldes, quer o Author, que ſe uſe do mercurio tomado pela boca, depois de naõ terem aproveytado os mais alexipharmacos deſte contagio; no que lhe não achamos razaõ: porque para que he eſtar experimentando muytos remedios menos efficazes, quando ha hum que cura certamente? Sé o gallico he leve, ſe ſe entende que naõ ſerà rebelde, menos*

nos terà o mercurio que vencer, & baſtaràõ poucos dias para concluir a cura; & ſe na duraçaõ dos ſymptomas ſe for moſtrando repugnante eſte contagio; continu-ſe com o mercurio ate que comece a ſalivaçaõ, que deſte modo naõ haverà gallico, que ſe naõ extinga, nem producto ſeu, que ſe naõ vença.

Numero 2.

O Enfermo preparado. *He muy preciſo, como muytas vezes temos dito, que os que houverem de curar-ſe com mercurio, ſe preparem exactamente; porque o mercurio achando os corpos cheos, pòde cauſar lethaes incommodos, movendo os humores para o peyto, para a garganta, ou para outras varias partes, de cuja leſaõ ſe ſiga a morte. Naõ falta quem deſtemidamente uſe de panacéas mercuriaes, ſem preparaçaõ alguma; mas tambem naõ tem faltado infortunios naſcidos deſta temeridade, que ainda que foſſe bem ſuccedida, nunca devia ſer imitada.*

Varias pirolas. *Com mercurio, & outros medicamentos ſe faziaõ varias preparações de pirolas para curar o gallico; as quaes eſtaõ poſtas em eſquecimento, porque o uſo, & experiencia tem achado, que baſta dar mercurio com diagridio de Paracelſo, deyxando todo o mais fauſto de ingredientes, de cuja miſtura ſe naõ colhia mayor utilidade. Oyto, ou dez grãos de mercurio branco precipitado, com quatro, ou cinco grãos de diagridio, he o que baſta para fazer eſta cura dentro de dez atè quinze dias, reduzindo os ditos medicamentos em pirolas com alquitira, porque ſe tomaõ aſſim mais facilmente. O que ſe conſegue tambem com algumas panacéas bem preparadas; que ſem a miſtura do diagridio, na quantidade de doze, & quinze grãos, purgaõ ſuavemente pelo ventre atè chegarem a promover a ſalivaçaõ.*

Numero 3.

PReſerva da peſte. *Do azougue, ou do ſolimaõ, que he azougue ſublimado, eſcreveràõ muytos Authores, que trazido debayxo do braço eſquerdo, junto do coraçaõ, preſervava da peſte, o que huns entenderaõ, q̃ procedia de afugentar todos os venenos; outros de os attrahir às partes externas, pela intima familiaridade, que com elles tinha; & outros finalmente de ſe offender menos com as qualidades venenoſas o coraçaõ coſtumado ao veneno do ſolimaõ. E como quer que ſeja, attribuiraõ alguns tanto a eſte preſervativo da peſtilencia, que lhe contàraõ grandes encomios, dizendo, que fora remedio feyto por Deos para auxilio de mortaes. E para preſervar de febres malignas diz Laguna, que tem tanta virtude o ſolimaõ, trazendo-o no dito lugar, que ſe preſervou dellas no Hoſpital de Roma 24. annos hum Medico Portuguez Zacuto Luſitano, pondo em queſtaõ eſte negocio, & referindo as opiniões de muytos Authores, q̃ allega, veyo a reſolver, que naõ podia o ſolimaõ nem outros venenos trazidos ſobre o coração preſervar de febres malignas, & peſtilenciaes; em confirmaçaõ do que diz, que na peſte que no anno de 1600. houve em Portugal, vira muytas peſſoas mortas brevemente com ella, as quaes tinhaõ livida aquella parte ſobre que traziaõ o ſolimaõ. Veja-ſe por curioſidade Zacuto no* livro 2. das hiſtorias, queſtaõ 48. fol. 339.

Quartans. *Com mercurio tomado pela boca curàmos humas quartans de cauſa taõ rebelde, que obedecendo varias vezes à virtude dos remedios anti-febris, logo dentro de pouco tempo repetiaõ. Veyo a ſer o caſo, que Lourenço Gomes de Araujo, Secretario da Junta do tabaco, homem de temperamento melancholico, teve humas quartans de que ſe curou com algumas evacuções, & finalmente com quinaquina; mas ainda naõ era paſſado hum mez, quando, ſem haver erro no regimento, lhe retornàraõ. Curou-ſe ſegunda vez com o meſmo febrifugo, & ficou ſem ceſoens; porém dentro de trinta dias lhe repetiraõ. Niſto andàraõ muytos mezes, atè que conſiderando nòs, que obſtrucções,*

&

& intemperanç as ſeriaõ cauſa de tantas recidivas, lhe fizemos tomar ſoros deleyte de cabra, com remedios deobſtruentes; mas no meyo da cura lhe repetiraõ as ceſoens. Ellas logo cediaõ aos anti-febris; mas a cauſa eſtava taõ fixa, que brevemente retornavaõ; atè que reſolvendonos a dar lhe huma panacéa mercurial, dentro de dez dias faltàraõ as ceſoens atè o dia de hoje. O noſſo diſcurſo foy, entender que eſte doente, que algum dia tivèra ſuas gonorrheas, poderia ainda conſervar algum fermento gallico, de que procedeſſe a repetiçaõ das ceſoens; & que quando o naõ tiveſſe, ſempre haveria algum fermento febril guardado em algum humor craſſo viſcido, & tenaz, que ſó a generoſa virtude do mercurio poderia penetrar, volatilizar, & diſſolver. E ou foſſe eſta, ou aquella cauſa: com o mercurio ſe venceo, tomando pirolas de oytograõs delle, com cinco de diagridio de Paracelſo, com que fazia alguns curſos, atè que ſe promoveo a ſalivaçaõ, & ſe ſuſpendeo o mercurio. Bem diſſe logo Crolio, 1. quando diſſe, que as raizes fixas dos males rebeldes, pediaõ medicamentos mercuriaes com que ſe evelliſſem: Morborum fixæ radices (*diz elle*) purgationes mercuriales requirunt. *E jà Thomàs Uvillis uſou da cura ſalivatoria em humas quartans rebeldes.* 2.

1. Crol. Baſil. Chimic. fol mihi 37.

2. Uvillis de febr. cap. 7. §. quæ propter, &c.

Numero 4.

COm o vomito. *Os vomitos nos gallicados, & nos que padecem alguns achaques cronicos, & rebeldes, fazem muytas vezes tanta utilidade, que ſó com vomitorios antimoniaes repetidos, vimos melhorar algumas peſſoas de maneyra, que pareciaõ ſans; & por iſto para preparar os gallicados, que houveſſem de uſar de mercurio, ſempre preferimos os vomitorios de antimonio; porque por huma, & outra via alimpaõ muyto bem o corpo dos humores, fazendo ſahir alguns taõ viſcidos, & tenazes, que com nenhum outro medicamento ſe poderiaõ evacuar; & aſſim vem a ficar depois a cura do mercurio mais facil, mais ſuave, & mais ſegura. Os vomitorios de que ordinariamente uſamos, ſaõ os noſſos emeticos na quantidade de hum eſcropulo; o tartaro emetico de ſeis atè oyto graõs, o vinho emetico, na quantidade de duas onças, a agua benedicta de Rulando, bem turva, na quantidade de tres onças; os pòs de Quintilio na quantidade de vinte graõs; ou a infuſaõ de hum eſcropulo delles, feyta em duas onças de vinho branco puro. Algumas peſſoas temos curado de gallico, dandolhes nos primeyros dias o mercurio com os vomitorios, & curàraõ-ſe felicíſſimamente. A receyta era eſta:*

Tomem de pòs de quintilio doze graõs, de mercurio branco precipitado cinco graõs; miſturem-ſe tomem-ſe em vinho.

Depois de tomarem eſtes remedios, tres ou quatro dias, continuava o mercurio na quantidade de oyto graõs com cinco de diagridio, atè ſe mover a ſalivaçaõ.

Numero 5.

COrrectivos. *Manda o Author ajuntar com o mercurio os ſeus correctivos, quando elle naõ eſtà bem dulcificado. Porèm eſta diligencia he inutil; porque ſe o mercurio naõ eſtà bem domado de antes, no dia em que ſe toma naõ póde domar-ſe logo na companhia dos ſeus correctivos; & nenhum delles lhe poderà impedir os perniciоſos effeytos de ſua indomita braveza. O que importa he dulcificalo, & domalo bem, antes de chegar a uſo, ſenaõ quizerem experimentar alguma infelicidade.*

Numero 6.

MElhor, & mais ſeguro. *Depois de tantas preparações de mercurio, propoem o Author eſta, feyta por melhor, & mais ſeguro modo, preferindo-a com razão a todas as outras; porque o azougue precipitado, & preparado por eſte modo, he eſſi-*

caſſimo remedio deſte contagio he benigniſſimo, & ſeguriſſimo, porque ſem fazer ancias, nem mais incommodo que o de huma ſalivaçaõ, ſem grande moleſtia remedea as quevxas para que ſe applica; ſendo tal a ſuavidade com que obra, que muytos doentes deſconfiaõ da ſua brandura, parecendolhes, que naõ poderà vencer a gravidade, & rebeldia dos ſeus achaques, hum remedio que ſe uſa ſem reconhecerem nelle alguma violencia. Eſta he a preparaçaõ do azougue precipitado branco, de que nòs uſamos, com a qual teremos curado mais de mil enfermos, chegando a dallo nos caſos em que a pratica vulgar o prohibe; ſem nunca acharmos nelle ſucceſſo que culpaſſe a cura; porque ſendo bem preparado, & uſando-ſe com prudencia, obra ſem moleſtia, remedea ſem dano, & ordinariamente cura ſem auvida; & por iſto eſcolhemos eſta compoſiçaõ do mercurio entre as muytas preparações, & panacéas que eſte, & outros Authores inculcaõ, nem queremos outra, mais que eſta; porque nella achamos a efficacia que ſe deſeja em extinguir eſte contagio, a promptidaõ em acudir aos ſeus productos, & a ſegurança de aproveytar ſem offença. Nem ſe canſem os Profeſſores da Arte com mais azougue, que eſte, cuja preparaçaõ he facilliſſima, couſa que naõ conduz pouco para ſe achar ſempre bem feyto, & bem domado. Quando ouvimos inculcar, & encarecer varias panacéas mercuriaes, que ſe buſcaõ por novidade, naõ as reprovamos, por que poderaõ ſer muyto boas; mas cà nos ficamos ſempre com o noſſo precipitado branco em cujo uſo temos achado taõ admiraveis effeytos, que fizeramos eſcrupulo de repudiar eſte remedio, para entrar de novo nas experiencias de outro, de que naõ podemos eſperar melhores ſucceſſos. Uſem muyto embora os que quizerem, as panacéas de Cirurgioens, Chimicos, & Boticarios eſtrangeyros, que nòs naõ queremos mais, que eſta do precipitado branco; do qual coſtumamos dar oyto, ou dez grãos com quatro, ou cinco de diagridio de Paracelſo, fazendo pirolas com alquitira. Algumas vezes chegàmos a dar doze, & quinze grãos, ſem diagridio, & continuando atè oyto, dez, & doze dias, começa a ſalivação, & ſuſpende-ſe o mercurio; & ſe a ſalivação he pouca, torna a repetir-ſe mais alguns dias. Da-ſe ſeguramente eſte mercurio nos meninos de mama, nas mulheres prenhadas, em todas as idades, & em qualquer eſtaçaõ, & tempo do anno; a cada qual na quantidade, que lhe for devida.

De pé ſe póde ir curando. *Muytos gallicados naõ pódem eſtar commodamente em caſa em todo o tempo da cura; porque huns pelos negocios de que tratãõ, outros pela impaciencia da clauſura, ſahem pela porta fóra; mas nem por iſto deyxaõ de curar-ſe perfeytamente com eſte mercurio branco, com o qual curavamos em Tralos-Montes aquelles ruſticos, que rebuçados nas ſuas capas, andavaõ babando pelas ruas. Neſta Corte temos curado muytas peſſoas, ſahindo fóra em todo o tempo da cura. Tal he a efficacia deſte remedio, & tanta a ſuavidade com que obra, que nem por ſahir fóra ſe fruſtra a ſua virtude, nem he neceſſario eſtar recolhido, por cauſa da ſua violencia. Mas naõ ha duvida, que ſerà muyto melhor naõ ſahir de caſa em quanto ſe uſar do azougue; porque naõ ſucceda, que com o frio do ar ſe conſtipe o corpo, que algumas vezes tranſpira mais ſenſivelmente com eſta cura; ou que ſe ſuſpenda a ſalivaçaõ, que ella move.*

Com outros medicamentos. *Mandaõ os Authores miſturar o mercurio com varios medicamentos, que reſpeytem as partes offendidas; nòs confeſſamos que nunca tal fizemos. Damos o mercurio com diagridio, & ſem mais fauſto de remedios ſe vencem todos os achaques gallicos porque o mercurio he taõ penetrativo, que naõ lhe fica no corpo parte a que naõ chegue, ſem que ſeja neceſſaria a miſtura, & companhia de outros medicamentos.*

Mercurio doce. *Deſte temos uſado innumeraveis vezes, aſſim nos gallicados, como nos meninos para matar as lombrigas. Nos meninos da-ſe cada dia duas vezes,*

quatro,

quatro ou cinco grãos de cada vez. Nos adultos da-se de doze atè quinze, & vinte grãos; & continue-se às vezes vinte, & mais dias, sem mover salivação; o que succede por ser muy dulcificado; & sem fazer evacuação sensivel, cura muyto bem este contagio. Em meninos de mama gallicados, & em mulheres prenhadas, que necessitão curar se de gallico, he excellente remedio este mercurio pela brandura, & suavidade com que obra. Em França, em Alemanha, & em outros Reynos usão do mercurio doce no primeyro dia em quantidade de hum escropulo no segundo dão meya oytava; no terceyro huma oytava, & assim fazem salivar os doentes em quatro, ou cinco dias; mas muyto melhor nos parece dar menos quantidade de mercurio, ainda que se continue mais dias que por este modo não será menos util a cura, & vay-se nella com mais segurança.

Numero 7.

PAnacéa. *Chamão Panacéa ao azougue, pelos muytos danos que remedea; deduzindo o vocabulo de hũa erva chamada* Panacéa, *de que fallou Virgilio no lugar allegado pelo Author, & Lucano, 3. quando disse:*

Et panacéa potens, & Thessala Centaurea.

3 Luc. in lib. 9.

Porque della escrevèrão, que tinha virtude para curar todas as enfermidades: Panacéa (*diz Joseh Laurencio na sua Amalthea Onomastica*) herba umbilifera, omnes sanans morbos. *E como o azougue he efficacissimo remedio de muytos males, por isto vierão a chamarlhe Panacéa; o que podião tambem chamar ao antimonio, ao aço, & ao opio; por serem medicamentos polycrestos, a cuja generosa virtude cedem muyto, & muy cervizosos danos; a outros remedios insuperaveis, como notou Ettmullero 4. Mas pela mayor frequencia, & generalidade com que se usa do azougue, & pelo efficacia com que aproveyta, vierão a darlhe o nome de Panacéa; o que prevaliceo de modo, que em se dizendo Panacéa, já se entende da Panacéa mercurial, de que muytos usão, como de remedio universal, que he o que merece o nome de Panacéa; de cuja existencia se duvida; sobre o que Ettmullero no tom. 2. pag. 1290. §.* Quæritur: an verum sit quod dari possit Panacéa?

4 Ettmll. tom. 2. fol. mihi 280.

Entre as Panacéas que se usão nesta Cidade he geralmente bem recebida a que se prepara na Botica de Sañ Vicente de Fóra, pela suavidade com que obra, & pela efficacia com que remedea, & esta he só a do nosso uso, de que são innumeraveis as boas experiencias que dellas temos.

Numero 8.

FAzendo fomentaçoens. *Com cozimentos, & aguas preparadas com solimão se cura tambem este cantagio, segundo o que disséraõ os Escritores delle. Nòs nunca usamos destes generos de remedios. Algumas vezes nos succedeo curar sarnas em pessoas, em que se presumia alguma infecçaõ gallica, com o seguinte remedio.*

Tomem huma onça de solimaõ duas libras de agua rosada, tres onças de vinho branco; fervaõ levemente, & guardem-se.

Lavando-se com esta agua, vimos que se curou a sarna; & que alguns enfermos cuspiaõ como se tomàraõ azougue.

CAPITULO XXXI.

De outros medicamentos, com que alguns Authores curão o morbo gallico.

Numero 1.

OS medicamentos celebres, com que em toda a parte se cura morbo gallico, *saõ azougue, guayacão páo santo, salsa parrilha, & raiz da China*, de que

atè agora diffuſamente tratamos. Mas porque alèm delles ha outros que os Authores apontaõ, com que ſe diz curar morbo gallico, he neceſſario tratarmos delles. Saõ eſtes *ſaſſifraz*, *legacaõ*, *ſaponaria*, *buxo*, *pinho*, *cidra*, *junipro*, que em Portugal ſe diz *zimbro*, *tamargueyra*, *alecrim*, *loſna*, *faya*, *acipreſte*, *acer*, *ceda*, *macella*, *carqueja*, *pào de gueſta*, *& outros*. Alèm dos quaes ha certas opiatas, & aguas, & humas compoſiçõcs de viboras, com que alguns Authores pertendem curar morbo gallico, dando-os por legitimos alexipharmacos delle.

Numero 2.
Legacaõ.

POſto que o *legacaõ*, chamado dos Latinos *ſmilace aſpera*, ſeja ſemelhante à ſalſa parrilha, com tudo he planta de eſpecie differente, como jà acima notàmos por authoridade de Pena, & ſe vè claramente, porque as raizes da ſalſa ſaõ lizas ſem nòs, ou joelhos, que ha nas do *legacaõ*. Porèm ou ſeja, ou naõ ſeja eſpecie de ſalſa, diz Laguna, que tem virtude de curar morbo gallico, da qual opiniaõ he Mathiolo, & Fallipio, que dizem terem com elle curado a muytos enfermos de boubas, os quaes naõ curou com outra couſa Fallopio, por eſpaço de dous annos com feliz ſucceſſo, ſenaõ com *legacaõ*, que colhia no monte de S. Juliaõ de Piſa. As raizes ſaõ as que tem eſta virtude, mas aviſa o meſmo Fallopio, que naõ ſe uſe dellas ſenaõ depois de ſecas, porque ſendo verdes tem certa humidade crua, & aquea, com que offendem o eſtamago. Ajunte-ſe a iſto, que as ervas atenuantes ſendo ſecas, ſaõ mais efficazes, conforme Galeno. A quantidade, & ordem de ſe cozer, & de ſe dar aos enfermos, he como a da ſalſa parrilha. Alèm das virtudes, que o *legacão* tem contra o morbo gallico, dizem Dioſcorides, & Plinio ſerem as ſuas folhas, & fruto excellente alexipharmaco contra qualquer veneno, dadas a beber antes, & depois delle, & que dando-ſe a hum menino quando nace, ficarà preſervado para que nenhum veneno o poſſa offender em ſua vida.

Cap. prop. ſupra Dioſcor. cap. prop Supra Dioſcor. cap. prop Lib. de morb. gal. cap. 53. Lio. de arteu. diet. cap. 1. Lib. 4. c. prop. Lib. 14. cap. 10.

Numero 3.
Saponaria.

DA *ſaponaria* trata Laguna, & a Hiſtoria plantarum de Rovilio; dizem chamar-ſe aſſim, porque eſfregada entre as mãos com agua, levanta eſcuma, como ſabaõ, & com ella ſe lavaõ os panos. He de natureza quente, & ſeca; & diz Euſtachio Rudio, que para curar morbo gallico eſpecialmente rebelde, & q̃ a outros remedios naõ obedeceo, tem grande efficacia. E que a que vem de Apulia he quente, & ſeca no terceyro, mas a que nace nas noſſas partes naõ excede o ſegundo. E que pela grande efficacia, que elle, & outros muytos nella tem experimentado em curar eſte morbo, julga ter contra elle qualidade alexipharmaca. Della ſe fazem cozimentos, com que ſe provoca ſuor, lançando tres pugillos de infuſaõ em oyto quartilhos de agoa eſpaço de huma noyte, & cozendo-a na meſma atè ſe gaſtar ametade, do qual cozimento ſe darà ao enfermo meyo quartilho de cada vez que houver de ſuar. E farſe-ha ſegundo cozimento da meſma jà cozida em quatro canadas, que ſe gaſte huma para beber de ordinario. E ſendo peſſoa calida do figado, miſture-ſe ao cozer cevada, ou ſe faça cozimento em agua de almeyraõ, ou ſemelhante. Pode-ſe tambem dar em pò, ou ſó por ſi em quantidade de hum eſcropulo, ou miſturada com outros medicamentos, cujo exemplo ſaõ os pòs ſeguintes. Receyta: *Iva arteuca duas on-*

Lib. 2. ſup. Dioſc. cap. 152. Lib. 7. cap. 15. Lib de morb. ven. c. 16. & 18.

ças,

ças, dictamo branco onça & meya, zedoaria seis oytavas, raize sde saponaria tres oytavas, margaritas preparadas meya oytava, de tudo se faça pò muyto sutil, & se meſture, & reparta em dez partes para dez vezes.

Numero 4.
Saſſifras.

EM males de boubas, diz Monardes, poſto que do contrario parecer he Rudio, faz eſte pão os meſmos effeytos, *que guayacaõ, raiz da China, & ſalſa parrilha*, dando-ſe em ſuores, & cozendo para iſſo meya onça delle em tres canadas, que ſe gaſtem duas, & para beber de regimento ſe torne a cozer nas meſma tres, que ſe gaſte meya. He a melhor parte do páo a raiz, & logo as ramas, & ultimamente o tronco; ſua compleyçaõ he quente, & ſeca no ſegundo grão, porèm a da caſca chega ao terceyro, & por tanto he mais efficaz. Cura tambem opilações, febres cronicas, parleſias, gotta, & finalmente todas as enfermidades de humores frios. Conforta o eſtomago, & todos os membros interiores; he cordeal por ſer aromatico, & ſe tem por accommodado contra a peſte. 2. P. cap. 1. Lib 5. de morb. ven. cap. 6.

Numero 5.
Buxo, junipero, & outros páos, & ervas.

DE qualquer deſtes ſe aproveytaõ tambem alguns Authores, como Scaligero, Lobero, Amato Luſitano, para provocar ſuor aos gallicados, & devem-ſe fazer os cozimentos, aſſim como ſe diſſe do *gayacão*, como ſe colhe de Trajano; advertindo que do *junipero* (que he o que chamamos zimbro) naõ beba o doente por deſaſtre alguma cavaquinha; porque as raſpaduras delle ſaõ venenoſas, conforme Dioſcorides; os outros ſimplices ſudoriferos, *como carqueja, alecrim, loſna, macella, milho, & huma eſpecie de violas de varia cor chamada flos Trinitatis*, de que faz menção Camerario, & ſemelhantes, ſe devem cozer atè ſe gaſtar a terça parte da agua, & quantidade ſerá que reſponda huma maõchea a cada quartilho de cozimento, que houver de ficar. Exerc. 181. n. 19. In obſerv. ſtirp. pag. 61. Cent. 3. curat. 4. Lib. 9. de morb. gal. cap. 114 Lib. 1 c. prop. 83.

Numero 6.
Parecer ſobre os dittos medicamentos.

COmo a virtude alexipharmaca ſe conheça ſómente pela experiencia, conforme Galeno, & Euſtachio Rudio a tenha conhecido na ſaponaria, Fallopio, & outros no *legacão* para curar morbo gallico, naõ tenho por duvida que com eſtes dous medicamentos ſe poſſa curar como por legitimos alexipharmacos. Porèm do *ſaſſifras* naõ acho experiencias taõ claras, porque Monardes, poſto que o eſcreve, naõ diz que o experimentou, nem das outras medecinas ſe acha tal experiencia. E aſſim conforme Fallopio, naõ ſaõ verdadeyros alexipharmacos deſte morbo. Bem he verdade que os ditos medicamentos, & quaeſquer outros ſudoriferos pódem aproveytar ao morbo gallico em quanto evacuaõ os humores vicioſos por ſuor, porque por elle ſe deſcarrega todo o ambito do corpo, conforme ſe colhe de Galeno. Porém dahi naõ ſe colhe que tem virtude alexipharmaca. Primeyro, porque naõ ficaõ os enfermos ſãos perfeytamente, & logo lhes torna o mal peor que d'antes. Segundo, porque naõ fazem proveyto algum, dados ſem provocar ſuor, como fazem a ſalſa, & guayacaõ, que Lib. 14. met. c. 6 & 6. fim. de abrot. Lib. de morb. gal cap. cap 37. 4 de ſani cap. 4.

dados de qualquer modo aproveytaõ, & de algumas vezes perfeytamente ſáraõ ainda que com elles ſe naõ provoquem ſuores. Por onde ſou de parecer, que ſómente o legáçaõ, & ſaponaria ſe pòdem numerar entre os verdadeyros alexipharmacos do morbo gallico.

Numero 7.

Outros remedios que alguns Authores experimentàraõ contra o morbo gallico.

Fra. 904. col. 1. DIz Aliſio, citado por Schenchio, ſararem os enfermos de morbo gallico bebendo vinho, em que eſtiveſſem de infuſaõ os juncos chamados maraſcos, que ſaõ os ordinarios, cujo miolo ſerve para trocidas de candeas, conforme Laguna.

Lib. 4. ſup. Diole. cap. 53. Cluſio affirma, que o cozimento Hippogloſo Aulentino, chamado vulgarmente dos Narbonenſes, erva terrivel, ſára os enfermos da ſarna gallica com excellente ſucceſſo.

Lib. 11. cap. 4. Louva Teveto huma arvore chamada *Hivo urabi*, a qual feyta em pedacinhos, & cozida em agua atè tomar cor de vinho vermelho, & bebida eſpaço de quinze, ou vinte dias, guardando bom regimento cura morbo gallico com tanta efficacia como o *guayacaõ*: naõ conhecemos porèm cá eſta planta.

Lib. ſing. cap. 50.

Nicolao Maſſa diz que o *enxofre* tem virtude de curar o morbo gallico, &

Tract. 4. de morb. gal. c. 6. que hum ſeu amigo o tomàra por muytos mezes duas vezes no dia, tres, ou quatro oytavas de cada vez, feyto em pò, & que ſaràra perfeytamente de chagas, & gomas gallicas antigas. Diz mais, que ſaràraõ outros bebendo cozimento de *azevre*, feyto por eſte modo. Receyta: *Azevre meya onça, mel ſeis onças, fervaõ em cinco quartilhos de agua a fogo brando, eſcumando-o ſempre atè ſe gaſtar a quarta parte. E tomem-ſe cada manhã ſeis oytavas quentes tres vezes cada ſemana.* Diz mais, que conheceo outros que ſaràraõ bebendo muytos mezes agua de loſna.

Lib de morb. gal. in med. Outros que tivèraõ ſaude bebendo oleo de trementina. E do que toca à agua de azevre, he tambem experiencia de Rondelecio, que diz curara com ella perfeytamente hum pobre, que padecia eſte mal.

Lib. de morb. gal. cap. 41. Pedro Haſcardo Inſulano uſou do páo de *gueſta*, em lugar do ſanto, com que provocou ſuores aos gallicados, com bom ſucceſſo.

Lib. de abd. mor. cauſ. Lib. 3. cap. 4. ſup. Diole. Antonio Benivenio Florentino diz, que alguns ſaràraõ, bebendo hum medicamento de *lacre lavado* (entende do verdadeyro naõ do compoſto, com que ſe fechaõ as cartas) *azevre*, *cozimento de murta*.

Diz Laguna, que a *Ariſtoloquia*, principalmente redonda, tem mais virtude que a *ſalſa parrilha*, *& raiz da China*, & que miſturada com o *páo ſanto*, o faz muyto mais efficaz, de ſorte que naõ ha morbo gallico, por rebelde que ſeja, que naõ arranque. E eu falley com certo mancebo, que me diſſe que melhoràra notavelmente de dores de boubas, com tomar o cozimento da *Ariſtoloquia redonda*, alguns dias.

Numero 8.

Opiatas, & agua de Fernelio.

ENtendeo Fernelio, que naõ era poſſivel curar-ſe morbo gallico com *azougue*, nem que a *ſalſa*, *guaycaõ*, *& China* o podiaõ extirpar perfeytamente, & por tanto intentou certas compoſiçoens de ervas, & aguas feytas de varias couſas contra veneno; & ſudoriferas, com que ſe perſuadio curar radicalmente eſta enfermidade, como ſe vè no ſeu livro, *De lue venerea*. Enganou-ſe porèm

Fer-

Fernelio, como nota Daniel Senerto, porque a experiencia naõ ſómente de Medicos graviſſimos, mas ainda de quaesquer empiricos tem larguiſſimamente moſtrado, que com *azougue, ſalſa & pão* ſe cura eſte morbo com toda a perfeyçaõ. E aſſim meſmo pela experiencia conſta, que as ſuas conſervas, & aguas naõ tem efficacia alguma, porque ainda que ſejaõ compoſtas de varios medicamentos alexipharmacos de outros venenos, com tudo naõ tem virtude contra a venenoſidade deſte morbo. E ſe Fernelio curava ſeus doentes com ellas, & elles ſaravaõ, era porque juntamente lhe dava a beber os cozimentos fortes do guayacaõ, como elle meſmo enſina, naõ porque a ſua *opiata* tiveſſe tal virtude. E aſſim nem Juliano Palmario ſeu diſcipulo teve razaõ em o ſeguir neſte particular, nem Mercado de o imitar, ordenando opiatas, & aguas de grande cuſto, ſendo que ſe nellas naõ miſturàra o guayacaõ, (que he o proprio alexipharmaco deſte mal) naõ puderaõ aproveytar couſa alguma. Porèm jà Mercado ſe temia de naõ aproveytarem, & por iſſo lho miſturava. E o meſmo parecer ſe ha de guardar na *agua philoſophica, nas viboras, & compoſições dellas, & em outros ſemelhantes medicamentos*, que outros Authores quizeraõ inventar, para com os ditos alexipharmacos curarem eſta enfermidade, porque a experiencia moſtrou naõ aproveytarem.

Ad fin. Lib. 6. med. pract. p. 4. cap. Cap. 13. & ſeq.

Lib. 2. de lue ven. cap. 7. Lib. de morb. gal cap. ult.

Numero 9.

Advertencias ſobre os medicamentos do morbo gallico.

DUas couſas ſe haõ de notar à cerca dos medicamentos, que os Authores trazem para curar eſte mal. A primeyra, que ſempre uſemos daquelles, em que a mayor, & melhor parte dos Authores concordaõ, & andaõ mais em uſo, & a experiencia tem moſtrado, & dos outros naõ uſemos ſenaõ em falta deſtes, v. g. *ſe faltaſſe a ſalſa, guayacaõ, & azougue*, ou ſe o enfermo foſſe taõ pobre, & miſeravel que os naõ pudeſſe alcançar, conforme aquelle conſelho de Arnaldo de Villa-Nova, que ſempre lancemos mão das couſas certas, & determinadas, porque he de animo inconſtante variar por muytas. A ſegunda he, que dos medicamentos menos uſados elejamos ſempre aquelles, em que mais pareça haver propriedade occulta contra a qualidade gallica, porque como a melhor cura ſe faz com o legitimo contrario, conforme Hippocrates, & eſta qualidade, ou propriedade o ſeja, ſempre ſe ha de preferir o medicamento, em que mais evidente pelo effeyto ſe moſtrar.

2. aph. 22.

E para ſe conhecer que medicamentos a tenhaõ, ſerá regra geral o que dá Galeno, a ſaber, ſe aproveytar a todos os gallicados, & a todos os affectos gallicos, ou pelo menos à maxima parte delles, & a todo o tempo. Jà ſe o medicamento for calido, & aproveytar aos affectos calidos, & iſto ſem fazer evacuações manifeſtas, naõ póde haver duvida que haja propriedade occulta, com que obre. E do meſmo modo aproveytando em affectos frios, a que outros medicamentos calidos de igual, ou mais intenſo gráo naõ puderaõ aproveytar, he conſequencia infallivel obrar pela dita propriedade. Fóra deſte principio tomado da experiencia naõ ha outro por onde a qualidade occulta ſe poſſa conhecer, como diz o meſmo Galeno.

2. med. loc c. 8. P. G. & 2. med. oc. c. 2 fol. 128. D.

11 met. c 6 & lib 6 ſimpt. 40. E.

ANNO-

ANNOTAÇOENS.

Numero 1.

VIboras. *Nas viboras, & cobras conſideràraõ alguns Authores virtude alexipharmaca para curar o gallico; queſtaõ que trata Madeyra na ſegunda parte; & iſto meſmo teve para ſi a gente do vulgo, vendo que muytas peſſoas que eſtavaõ tolhidas, & entrevadas por cauſa deſte contagio, melhorarão com os caldos de cobras, remedio que algum dia andou muy introduzido, & com elle curamos alguns doentes. Não cuydamos que as viboras, & cobras tem virtude alexipharmaca para extinguir o gallico, aſſim como a tem o azougue; mas ſabemos, que ſem extinguir o contagio, remedeaõ muytas vezes os ſeus productos; porque eſtes tem por cauſa material os humores, que as viboras, & cobras, ou os ſeus cozimentos adelgaçaõ, volatilizão, & diſſolvem, expulſando-os juntamente pela contextura cutanea. E aſſim temos viſto curar em-ſe com os caldos de cobras alguns gallicados, que padeciaõ dores de juntas, & achaques de nervos, ciaticas, & inchaçoens cacheticas. Em Tralos-Montes curàmos com eſtes caldos hum homem de cincoenta annos, que depois de padecer grandes dores de pernas, & braços, ficou impedido das juntas, em quanto, ao movimento dellas, com os joelhos inchados, & entre o cotovelo, & maõ direyta huma dureza, que promettia huma goma. Tinha eſte homem ſido diſſoluto em quanto moço, & neſtas queyxas havia tomado muytas ſangrias; com que pela tirania dos males, & pela fereza de quem lhe ordenou a cura, eſtava eſgotado de ſangue, falto de eſpiritos, & deſtruido de forças para tolerar os remedios, com que ſe houveſſem de vencer os ſeus danos. Nòs lhe demos quinze dias caldos de cobras, preparados com alguns alexipharmacos, com os quaes ſuava baſtantemente, ſem mais diligencia que a de eſtar cuberto na cama; & com eſte remedio ſe deſimpediraõ as juntas, deſimchàraõ as partes intumeſcidas; & o doente ſe nutrio, & convaleceo de maneyra, que parecia ſaõ; mas paſſados ſeis mezes, lhe fizemos tomar mercurio pela boca, com o qual ſe desfez a dureza, que atè entaõ ſe conſervava no braço direyto, & ficou de todo livre deſte contagio. Os caldos preparaõ-ſe deſte modo:*

Tomem huma cobra grande, cortemlhe a cabeça com parte do peſcoço, & o rabo pela via; tirem-lhe a pelle, & tripas; façaõ-na em poſtas delgadas; lavem-nas muyto bem com vinagre forte, & com ſal, & depois duas, ou tres vezes com agua commua; entaõ cozaõ-ſe com hum capaõ (póde ſer frangão, ou gallinha) em doze quartilhos de agua, com huma onça de ſalſa parrilha, duas onças de páo ſanto; ferva duas horas eſtando a panella barrada; coe-ſe o caldo, & guarde-ſe em vaſo de vidro, ou vidrado. Toma-ſe hum quartilho quente pelas manhãs.

Servem eſtes caldos naõ ſó para os gallicados, mas para os leproſos, nos quaes primeyro ſe uſàraõ ſem os alexipharmacos deſte contagio, & para os males cutaneos, como ſaõ a ſarna, prurigens, & comichões, puſtulas, & bertoejas, que coſtumaõ às vezes durar longo tempo; males em que as cobras, & viboras fazem grande utilidade, pelo muyto ſal volatil de que ſaõ dotadas; por cuja cauſa aproveytaõ tambem nos eſtupores, parleſias, na gotta arthetica, & nas alporcas; ſobre o que ſe veja o que por liçaõ de muytos Authores diſſémos na noſſa Medecina Luſitana, part. 2. cap. 2. *Zacuto Luſitano* 1. *teve para ſi, que neſtes animaes havia virtude eſpecifica para curar os males cutaneos, pela grande efficacia com que os remedeaõ. Veja-ſe o que com erudita penna, & liçaõ vaſta eſcreve eſte Author na* hiſtoria 84. do livro 1.

1. Zacut. 1. hiſt. 84. fol. 149.

Numero 3.

SAponaria. *Desta planta usou Septalio* 2. *felizmente nos gallicados; ou fosse porque tenha especial virtude para este contagio; ou porque movendo suores, lhe aproveytasse. Nós nunca usamos della; porque temos os mais alexipharmacos, de cuja efficacia em vencer os males, que o gallico excita, já não ha duvida. Borello diz que he remedio da epilepsia, por razão da sinatura; porque fervendo em agua faz escuma como a dos epilepticos quando estão em accidente. Veja-se o que escreve este Author na* Observação 18. da centuria 1.

2. Septal. in cau.. & animadvers. fol. 287.

Numero 4.

E *Ste páo numera igualmente Ettmullero* 3. *entre os mais alexipharmacos vegetantes do contagio gallico*: In cura luis gallicæ (*diz elle*) ingreditur similiter ac lignum guajacum, & alia decocta sudorifera, sicut etiam viribus conspirat cum ligno guajaco diaphoreticis, & sudoriferis, lui venereæ curandæ dicatis. *Nós, ainda que muytas vezes fazemos beber agua cozida com elle aos gallicados, nunca os curamos com este páo; porque sabemos, que se curão bem com os outros antidotos, de que ha mais experiencias. Para os catarros, & vicios da lympha acida, & acre tem elle boa virtude; & por isto Brunero lhe chamou* Panacéa, & Alexipharmaco dos catarros. *Adriano a Mynsicht* 4. *exalta a tintura do saxifrás para todas as fluxões catarraes, & lhe chama* Nectar dos catarros. *Para o estomago em que ha crues acidas, & viscidas, tem excellente virtude, pela muita oleosidade de que he dotado, com que corrige a acrimonia dos acidos.*

3. Ettmull. Colleg. pharm. in Schrod. fol. mihi 655.

4. Adrian. à Mynsi. in Armamentar. Chym.

Numero 5.

NÃo só na salsa, páo santo, & raiz da China consideraraõ alguns *Authores virtude alexipharmaca para o gallico, mas tambem nos mais vegetantes, que provocaõ suor; & assim diz Carlos Musitano,* 5. *que o buxo, o cedro, o acipreste, o visco quercino, & raiz da cana, tem melhor virtude em curar este contagio, que os antidotos referidos; o que não cremos; porque daquelles só Musitano o affirma; & destes nenhum Author o nega. Michael Ettmullero* 6. *diz, que ha no buxo virtude alexipharmaca, & que delle se póde usar, faltando o páo santo; como tambem da raiz da bardana, em lugar de salsa parrilha, & raiz da China; & do zimbro em lugar do saxifràs. No que o buxo excede ao páo santo, he em huma virtude anodina, & paregorica que tem, por razão da qual o oleo que delle se tira he grande remedio nas dores de dentes; & na sua flor, considerando alguns Authores tal virtude em purificar o sangue, que dizem, que tomando huma oytava della feyta em pó, com agua de papoulas, tirando-se o sangue das veas passada huma hora, se achará florido, & purificado, como escreve Riverio* no Capitulo do pleuriz. *Silvio Deleboe tambem achou no páo de carvalho, & de zimbro insigne virtude anti-venerea; a deste experimentou Platero em huns pobres, que curou felizmente.*

5. Musit de lue ven. 1. 6. Ettmull. in Coll. pharm. in Schrod. fol. mihi 529.

COMEÇA-SE A TRATAR DOS PARTICULARES affectos do morbo gallico confirmado, & das enfermidades, que com elle ſe complicaõ.

CAPITULO XXXII.

Ordem geral, que ſe ha de ter na cura do morbo gallico complicado com outras enfermidades, & com certas couſas naturaes.

Numero 1.

DEclarado fica no principio deſta obra, que a eſſencia do morbo gallico conſiſtia em hũa qualidade venenoſa, que offende principalmente o figado. Fica tambem dito que alèm da leſaõ que eſta por ſi faz, pòde ſer (& muytas vezes he) cauſa de todos os generos de enfermidades, aſſim cronicas, como agudas. Advirta-ſe alèm diſto que algumas vezes ſuccede haver no corpo varias enfermidades, complicadas com a qualidade gallica, de que elle naõ he a primeyra cauſa, mas, ou as havia jà no corpo antes della, (v.g. ſe hum homem tiveſſe hum tumor ſcirrhoſo, aſthma, ou parleſia, & depois lhe ſuccedeſſe contrahir o contagio) ou ſobrevieraõ ao depois por alguma cauſa externa, v.g. calma, frio, golpe, cahida, muyto comer; ou interna, que do gallico naõ dependia, como deſtemperança calida, ou fria de eſtomago, cerebro, & outras partes, ou humores vicioſos. Succede tambem que eſtas enfermidades, que da qualidade gallica naõ tivèraõ ſua primeyra origem, venhaõ depois a ter dependencia della pelas fomentar, & conſervar, mas póde acontecer que algumas vezes naõ haja tal dependencia, nem ella as fomente, ou conſerve. O que tudo he neceſſario advertir-ſe para ſe ſaber como ſe ha de curar o morbo gallico complicado com outras enfermidades.

Lib. de luc ven. cap. 13.

Torne-ſe depois diſto a advertir com Fernelio que a cura, que ſe deve à enfermidade complicada, humas vezes ſe compadece com a cura do gallico, outras lhe repugna, & cada huma dellas, ou em todo, ou em parte.

Numero 2.

Das enfermidades complicadas, cuja cura ſe compadece com a do morbo gallico.

SAõ eſtas quaſi todas as enfermidades frias, & humidas, que de humores frios, fleumaticos, & melancholicos dependem, como deſtemperança fria do eſtomago, figado, ou qualquer outra parte, cachexia, parleſia, hydropeſia, convulſaõ, obſtrucçõcs, tumores aquoſos, ventoſos, ſcirrhoſos, & ſemelhantes: porque como a cura do morbo gallico ſe faz com medicamentos calidos, & ſecos, & que tenhão virtude de attenuar, & reſolver, ou ſenſivelmente evacuar os ditos humores, não repugna, antes cõforme em tudo com a cura das ditas enfermidades. E quando iſto acontecer, pòde-ſe curar o morbo gallico juntamente com ellas, advertindo ſómente que ſe devem tambem applicar os remedios particulares, que a cada huma ſe devem, ou por razaõ da parte, ou do humor, ou de qualquer outra cauſa, de que ſeràõ bons exemplos as curas, que abayxo dirèmos das gomas, aſceſſos, tumores ſcirrhoſos, talparias, carnoſidades, obſtrucções, & outros affectos, que de morbo gallico procedem, ou com elle ſe complicáo.

Note-ſe porèm que poſto que a cura do gallico conforme com a das outras enfer-

enfermidades por conformarem nas cauſas, com tudo ſuccede algumas vezes por razaõ da parte, naõ ſe permittir a adminiſtraçaõ de alguns remedios: *exempli gratia*, os eſtilicidios que ao peyto, & garganta decem, os quaes poſto que lhes convem evacuar os humores pituitoſos, com tudo naõ permittem fazer-ſe eſta evacuaçaõ com azougue, por razaõ da parte, p rque póde mover tanta copia de humores a ella, que ſuffoquem o enfermo, como em ſeu Capitulo dirèmos, & jà acima advertimos.

Numero 3.

Das enfermidades complicadas, cuja cura repugna à do morbo gallico.

TOdas as deſtemperanças calidas, & ſeccas, & enfermidades, que de humores calidos dependem, repugnaõ à cura da qualidade gallica, porque como os alexipharmacos ſaõ da meſma natureza, de neceſſidade os haõ de accrecentar. Onde ſe ha de advertir que em alguns he tanta a repugnancia, que naõ admittem ſe faça remedio algum contra a dita qualidade, ou humor, que della depende: *Eſtas ſaõ as enfermidades agudas, como pleuriz, freneſis, eſquinancia, febres ardentes*, & quaeſquer outras, que aindaque depois ſe convertaõ em cronicas, com tudo guardaõ notavel agudeza nos principios, & totalmente impedem a cura do gallico. E por tanto encomenda Fernelio, que totalmente ſe deyxem em quanto durar a agudeza. Porque poſto que algumas vezes ſucceda ſer a qualidade gallica a primeyra origem, de que aquellas enfermidades procedem, & actualmente as fomente, *he com tudo taõ vehemente a indicaçaõ da agudeza, que arrebata a ſi toda a cura, & deſorte, que poderà matar o enfermo ſe ſe houver de ter algum reſpeyto à dita qualidade*, cujo fomento, poſto que o haja, naõ he taõ efficaz, que conſerve a agudeza, que dentro de quatorze dias acaba, ſegundo Hippocrates, ſegund. aph. vinte & tres: *Acuti morbi quatuor decim diebus terminantur. As enfermidades agudas terminaõ-ſe em quatorze dias.*

Exceptuar-ſeha porèm a compleyçaõ do morbo gallico incipiente a reſpeyto das ſangrias, porque ſe devem dar na vea que menos poſſa retrahir o contagio ao figado, ſe a agudeza da enfermidade complicada o permittir, v g. no pé, eſtando o contagio nas partes bayxas, conforme temos determinado na noſſa apologia, & diſputarèmos na ſegunda parte. Mas depois da agudeza paſſada ſe poderà ter reſpeyto à mà qualidade conforme o permittir (em caſo que o permitta) a reliquia da doença, que ficar, governando-ſe o Medico pelas regras geraes da urgencia da cauſa principal, & da cauſa *ſine qua non*, executando a indicaçaõ mais digna, ou mais vehemente, tendo, ou naõ tendo reſpeyto às outras, conforme a dignidade, ou a vehemencia de cada huma, ſegundo enſina Galeno. Quæſt 19 7 met. c. 12 & 10 met. c. 2.

Outras enfermidades ha, que aindaque em ſua cura tem repugnancia com o morbo gallico, com tudo permittem que ſe lhes faça algum remedio. Eſtas ſaõ v.g. ſarna, impigens, fleuma, ſalſa, febres cronicas, deſtemperança calida do figado, & rins, & outras ſemelhantes, nas quaes ſe deve tambem advertir *a urgencia, & cauſa principal, & a cauſa ſine qua non.* Porque ſe o morbo gallico for cauſa dellas, ou os ſymptomas delles urgentes, a principal cura ſe ha de dirigir ao gallico, tendo ſómente a ellas hum pequeno reſpeyto; & pelo contrario ſe ellas forem mais urgentes, & do gallico naõ dependerem, ou tambem ſe houver alguma, que totalmente ſeja impedimento da cura do gallico, porque em taes caſos ſe devem curar primeyro, tendo ſempre o reſpeyto, que ellas permitirem

tirem, à mà qualidade. Tudo iſto ficarà mais claro pela doutrina das enfermidades de que adiante tratarèmos em ſeus Capitulos.

E quando ſobrevier o gallico depois de haver as ditas enfermidades, conhecer-ſeha que as fomenta, & que jà tem dependencia delle, porque depois do contagio crecèraõ, ou ſe exacerbaraõ, & foraõ guardando alguns ſimptomas do gallico coſtumados, como crecerem mais de noyte, & outros improporcionaes a cada huma dellas. E ſe com a applicaçaõ dos remedios gallicos ſe naõ exacerbarem, antes ſe diminuirem, he certiſſimo indicio terem jà dependencia do morbo gallico, ſegundo tambem o notou Mercado, conforme a doutrina de Galeno, & de Hippocrates.

Lib. 2. de morb. gal cap. 1. Lib. 5. de loc. affect. 14. 2. aph. 17

Numero 4.

Da complicaçaõ do morbo gallico com certas couſas naturaes.

A Conſideraçaõ das couſas naturaes faz grande variedade na cura de qualquer doença, conforme Galeno; porque como ellas indicaõ q̃ ſe haõ de conſervar, muytas vezes naõ permittem que ſe applique o remedio que a enfermidade pede, por lhe ſer contrario, & aſſim ſuccede variarſe a cura do morbo gallico pelo temperamento, pela idade, pela emprenhidaõ das mulheres, porque eſtas tres couſas naõ permittem algumas vezes que ſe appliquem os remedios com toda aquella efficacia, & modo que ao mal ſe deve.

7. met. 12 & 13. & 2. ad Glau cap. 2 & paſſim.

Pelo que ſe o enfermo de morbo gallico for de natureza calida, & ſeca, como eſta facilmẽte póde cahir nas enfermidades proporcionaes, ſe uſar de couſa do meſmo temperamento, claro he q̃ lhe ſaõ perigoſos os remedios que aos gallicados ſe applicaõ. Por onde convem que os cozimentos de *pão*, *& ſalſa*, ſe façaõ com menos quantidade, & fervão menos, & ſe temperem com alguns refrigerantes: & tambem os mantimentos ſejaõ ſecos, & menos ſe uſe de aſſado, & de biſcouto, como muy bem advertio Fernelio. Naõ ſofrem tambem os meninos, nem mulheres prenhes todo o rigor da cura, que ſe faz a outros ſujeytos, como ſe colhe de Nicolao Maſſa, Julio Palmario, & Mercado, & nòs traremos em ſeus Capitulos particulares. E poſto que ſe ha de ter grande conſideraçaõ de todas as couſas naturaes, deſtas tres eſpecialmente convem ter grande advertencia. Comecemos logo de tratar de cada particular affecto, que ou do gallico depende, ou com elle ſe complica.

Lib. de luc ven. cap. 15. Lib. de morb. gal tract. 4. c. 1. & 2. Lib. de luc ven. c. p. 19. Lib. 2. de morb gal cap. 3.

ANNOTAÇOENS.

Numero 2.

OS eſtillicidios. *Veja-ſe o que diſſémos nas Annotações ao* Capitulo XXVI. num. 4. §. Todos os eſtillicidos, &c.

Numero 3.

A Reſpeyto das ſangrias. *Quando o gallico incipiente ſe complicar com doenças agudas, que ſe hajaõ de curar com ſangrias, far-ſehaõ eſtas na parte que mais conveniente for para vencer a doença, ou ſeja no pé, ou no braço; porque a ſangria, de qualquer parte que ſe faça, naõ avoca para as partes altas o contagio gallico, que occupa as pudendas, o qual com facilidade ſe lhe communica, mediante a circulaçaõ do ſangue; ſobre o que ſe veja, por evitar repetições, o que diſſémos nas Annotações ao* num. 1. do Capitulo VII. *ao* num. 5. do Capitulo VIII. *ao* num. 2. do Capitulo XI. *& ao* num. 2. do Capitulo. XIII.

Num. 4.

Numero 4.

DE natureza calida. *Nos gallicados, que forem de natureza quente, & seca, he mais conveniente a cura do azougue; porque sendo sempre mais efficaz para extinguir o contagio, naõ esquenta, nem excita os danos, que se temem do calor dos alexipharmacos vegetantes, como jà temos dito nestas Annotações muytas vezes.*

CAPITULO XXXIII.

Das febres gallicas podres.

COmo temos resoluto que todas as enfermidades se pòdem gerar de qualidade gallica, consequentemente se ha de entender que ella possa ser a causa de todas as differenças de febres, hecticas, diarias, & podres, sanguineas, biliosas, & melancholicas. Das hecticas dirèmos abayxo; das diarias pela brevidade, com que passaõ, ou se convertem em outras, & pela tardança, que a dita qualidade em se curar requere, naõ ha para que tratarmos.

Das podres, em quanto saõ geradas de qualidade gallica, se ha de considerar se saõ agudas, ou cronicas: as agudas tratar-sehaõ como as outras enfermidades, que tem agudeza, sem que ao gallico se tenha *pro illo interim*, respeyto, como jà està dito. As cronicas humas vezes começaõ taes, outras ficaõ das agudas *per decidentiam* ou *per conversionem*, como diz Galeno, & a dita qualidade as fica conservando. E assim tenho visto muytas vezes adoecer hum gallicado de febre aguda, & curando-se como convem, remittir-se dentro dos termos da agudeza, & depois continuar a febre com dependencia da mà qualidade, & curarse com os alexipharmacos della. 1. prog. com. 2.

Pódem estas ser biliosas, pituitosas, & melancholicas, mas estas ultimas poucas vezes se vem que repitaõ em circuitos quaternarios, nem tambem ha de ordinario legitimas quotidianas, que do morbo gallico dependaõ. As mais frequentes de todas saõ terçãs dobles muyto espurias, porque como esta qualidade deprava a sanguificação, he mais ordinario predominar o humor cholerico, crasso por adustaõ, & muyto vergente jà a atrabilioso, o qual misturado com muyta porçaõ de fleuma (que tambem he copiosa nos gallicados) causa as ditas febriculas lentas, & importunas, que pertencem à quarta especie de morbo gallico, & raramente chegaõ a total intermittencia, & começão a exacerbar pelas tres horas da tarde, & duraõ até depois da meya noyte, como excellentemente observou Rui Dias de la Isla, & cada dia nos mostra a experiencia. Lib. de morb. fet

Conhecer-seha procederem desta mà qualidade primeyramente pelos sinais do contagio, que precedèraõ, a saber, conversaçaõ suspeytosa, gonorrheas purulentas, encordios, chagas de partes bayxas, & semelhantes, especialmente se com medicamentos se reprecutissem, ou com sangrias do braço se retrahissem às partes superiores. Demais disto de ordinario ha outros symptomas gallicos, como dores, & tumores de cabeça, & mais lugares costumados, & a febre vay continuando de ordinario remissamente, mas pelas tardes, & de noyte se exacerba, & naõ obedece aos remedios costumados, sendo que algumas vezes ha perfeyto cozimento nas aguas à imitaçaõ de outras febres malignas, conforme aquelle texto de Hippocrates, segundo porr. text. vinte & quatro *& urinæ coctamala*, das quaes havendo estes cozimẽtos, & naõ sendo aos remedios *secundùm rationem* applicado, he final evidente depẽderem de mà qualidade, conforme Galeno. Pelo que tambem he certo haver dependencia da gallica, quando 3. epid. sect. 3. com. 3.

havendo cozimento de humor naõ melhorem eſtas febretas conhecidamente podres com os remedios ordinarios bem applicados, ſegundo muytas vezes tenho viſto.

Pronoſtica-ſe ſararem todas eſtas com *applicaçaõ do páo ſalſa, & azougue*, em quanto naõ chegaõ a ſer tabidas, mas depois que a tal chegaõ, poſto que as vezes ſáraõ, tem muyta difficuldade.

A cura deſtas febres he xaropár, & purgar o enfermo, poſto que nas aguas naõ appareça cozimento, porque aindaque algumas vezes cheguem a cozer-ſe, muytas naõ chegaõ a iſſo em quanto a mà qualidade ſe naõ remitte. E naõ he contra nòs o aphoriſmo de Hippocrates, que diz: *Concocta medicari, atque movere, non cruda, neque in principijs.* Haõ-ſe de purgar, & mover os humores cozidos, naõ os crus, nem os principios das enfermidades. Porque eſte aphoriſmo ſe entende das enfermidades ordinarias, em que os humores pódem receber cozimento, & ha lugar de ſe eſperar por elle, naõ de aquellas que dependem de qualidade venenoſa, eſpecialmente gallica, que Hippocrates naõ conheceo, como largamente moſtrarèmos em ſeu lugar.

1. aph.

2. partiq. 9.

Ha-ſe porèm de advertir que os medicamentos ſejaõ menos calidos, que nos outros affectos, em que naõ ha febre, porque aindaque a principal indicaçaõ he a da cauſa pela regra geral, com tudo neſte caſo ſe ha tambem de reſpeytar o effeyto, conforme outra doutrina de Galeno, que para curar as febres manda eſcolher os deobſtruentes, & purgantes menos calidos, & pódem-ſe ordenar eſtes xaropes. Receyta: *Xarope de fumaria, & de almeyraõ, de cada hum ſua onça, agua de borragem tres onças, miſturem-ſe.* Ou eſte. Receyta: *Xarope de avenca, & de violas, de cada hum ſua onça, agua de lingua de vaca tres.* E a purga ſerà eſta. Receyta: *Polpa de canafiſtula, diacatholicaõ, confeyçaõ hamech ſimplez de cada hum tres oytavas, xarope de nove infuſoens de roſas Alexandrinas, & de violas, de cada hum onça & meya, cozimento de cevada, flores, & ſementes frias, & ſene quanto baſte, faça-ſe bebida breve.* E ſe os humores forem mais craſſos, faça-ſe eſta. Receyta: *Agarico trociſcado, & ruybarbo, de cada hum dous eſcropulos, infundaõ-ſe no cozimento dito, & ajunte-ſe à infuſaõ tres onças de xarope regio para huma bebida.*

Lib. art. med. c. 89 & 10. met. c. 1. 1. met. c. 10.

Naõ ficando o doente bem evacuado ſe lhe daràõ eſtas apozemas. Receyta: *Salſa parrilha huma onça, cevada pilada outra onça, raiz de borragem, de almeyraõ, de lingua de vaca, de cada huma onça & meya, folhas das meſmas ervas, de cada hũa ſua mão cheа, ſementes frias mayores, de cada huma tres oytavas, flores cordeaes, de cada huma duas oytavas, folhas de ſene ſeys oytavas;* ou ſe o enfermo for difficultoſo em purgar, *huma onça; faça-ſe cozimento ſecundùm artem, que fique em quartilho & meyo, adoce-ſe com aſſucar, ſe faça apozema, a qual lhe daràõ em tres manhãs*; & ſe for neceſſario, repita-ſe mais vezes fazendo-a de novo.

Lib. de lue ven. curat. cap. 14.

Depois do enfermo aſſim preparado, naõ haja duvida pelo medo das febres, ſegundo nota Fernelio, de lhe dar ſuores, principalmente de ſalſa, ou unturas de azougue, como ordena Ruí Dias de la Isla, & outros Authores graves, & a quotidiana experiencia nos tem moſtrado; porque metemos eſtes doentes em ſuores, & unturas, & ſáraõ perfeytamente ſem que ſuceeda deſaſtre. Advirta-ſe porèm, que havendo-ſe os ſuores de dar, antes ſe uſe de ſalſa, porque, ou he fria, conforme tem Rudio, ou naõ excede o primeyro grão de calor, como tem Mercado, & a experiencia moſtra. E pòdem-ſe dar duas vezes no dia, ſem que para iſſo ſeja impedimento a ceſaõ da tarde, ſómente ſe houver frio conhecido lho deyxaràõ paſſar, & todo o augmento, & eſtado, & ſe eſperarà que decline,

Lib. de morb. ſer. Lib. 5. de morb. ven cap. 16. col. 204 in fin. Lib. 1. de morb. gal. cap. 10.

que

que he a hora em que Hippocrates, & Galeno mandão dar de beber, & fazer beneficio. Advirta-ſe porèm que ſe a ceſaõ for taõ comprida que naõ comece a declinar ſenaõ pela meya noyte, nem por iſſo deyxe de ſe dar o ſuor no eſtado da febre, porque a experiencia me tem muytas vezes moſtrado, que logo depois delle declina, & a ceſaõ ſe abrevia, & ſárão os enfermos melhor, & com mais brevidade, que dando-ſe hum ſó ſuor no dia pelo medo da ceſaõ. E he a cauſa, porque com o ſuor ſe move o humor do centro para a circunferencia, ſegundo a natureza entaõ o move; mas eſte ponto diſputarèmos na ſegunda parte deſta obra.

Depois da cura feyta, tenha o doente regimento quatro meſes, porque como o mal eſtà taõ entrado, he facil a recahida, como notou Ruì Dias, que alcançou por experiencia, que ſe dentro dos quatro meſes ſe deſmandavaõ, principalmente no uſo venereo, tornavaõ logo a recahir, ſenaõ era com a meſma febre, com os outros ſymptomas gallicos. Quæſt. 27. art. 5.

ANNOTAÇOENS.

COntinuar a febre. *Muytas vezes temos viſto adoecerem com febres agudas alguns gallicados, nos quaes depois de vencido o perigo da agudeza, ſe ficou continuando a febre com algumas exacerbações, outras vezes ſem ellas; para cujo remedio foy precioſo uſar dos alexipharmacos anti-venereos. E naõ ſó por razaõ do contagio ſe experimenta rebeldia na febre, ſenaõ que ſe reconhecem outros muytos danos, depois de ſe curar inteyramente aquella; como he apoſtemar huma jaugria, & abrir-ſe na ciſura huma chaga, que ſó com os antidotos do gallico chega a cicatrizar. Hum doente curàmos de huma febre maligna, que ſe ſarjou nas eſpadoas; & bem convalecido jà da doença, nunca ſe lhe fechàraõ as ſarjaduras em mais de tres meſes; com deſprezo de muytos remedios que ſe lhe applicàraõ, atè que lhe fizemos tomar ſete dias humas pirolas de oyto grãos de mercurio branco precipitado, dez grãos de aſſucar de chumbo, & quatro de diagridio ſulphurado; com as quaes ſem haver ſalivaçaõ alguma, ſe curàraõ os golpes, & ſarjaduras das ventoſas. Outro vimos, que ſuppurandolhe huma parotida, em mais de ſeis meſes depois de livrar de huma febre maligna a trouxe aberta, até que lhe demos as meſmas pirolas, que continuou onze dias, depois de purgado duas vezes com huma oytava de pos de Cornachino; para o que tomamos fundamento da rebeldia do dano, em peſſoa que tinha padecido algumas gonorrheas, das quaes tratou pela praxe ordinaria, que as manda conſervar muyto tempo, purgando boas materias; de que reſulta commumicarſe ao ſangue no ſeu circulo o contagio que as excita, como jà diſſémos nas Annotações ao* Capitulo XI.

Circuitos quaternarios. *Pouco tempo ha vimos hum moço, que depois de ter dous encordios muy rebeldes, adoeceo com humas ceſoens terçãs. Chamou Medico, que o mandou ſangrar dez vezes, de que reſultou inchar por todo o corpo brevemente, com huma hidropeſia anaſarca, ſendo grande a intumeſcencia do ventre, & incompeſcivel a ſede; danos que ſem duvida procedèraõ de ſe debilitar a maſſa ſanguinaria, acabando de perder o ſeu balſamo, & os eſpiritos nas evacuações de ſangue jà conſpurcado com o veneno gallico. Nós curàmos eſte homem com o ſeguinte methodo. Primeyramente negamoslhe a agua, concedendolhe ſómente meyo quartilho cada dia, cozida com páo ſanto. E logo lhe fizemos tomar em tres dias continuos eſta agua ſolutiva, com que purgou baſtantemente.*

Tomem de folhas de ſene dez oytavas, de ſal de tartaro oytava, & meya, de ſal polycreſto huma onça, de erva-doce meyo eſcropulo; ferva tudo em tres libras de agua, &

coe-ſe.

coe-ſe Tomaõ-ſe ſeis onças de manhã, & outras ſeis de trade, ſe ſe quer alimpar o corpo mais brevemente.

Purga eſta agua com ſuavidade, & repetindo-ſe muytos dias, vence às vezes queyxas muy rebeldes, que dependem da regtão primeyra. Quem quizer fazella mais ſolutiva, ajunte em cada exhibiçaõ onça & meya de xarope aureo, ao de Rey, ou Perſico, ou de manà bom.

Quando o doente tomava eſta agua, lhe ſobrevieraõ as ceſoens terçãs; mas naõ fizeraõ ſuſpender o curſo da cura, que continuamos com o ſeguinte remedio:

Tomem de ſalſa parrilha machucada ſeis onças, de páo ſanto limado, & caſcas delle, feytas empò, de cada couſa cinco onças & meya, de raiz da China tres onças, de páo de ſaxifrás quatro onças, de folha de ſene ſeis onças, de erva-doce huma onça, de coentro preparado cinco onças, de ruybarbo eſcolhido meya onça. Tudo ſe lança em doze canadas de vinho branco generoſo, ponha ſe em cinzas quentes vinte & quatro horas, & depois dellas ſe comece a beber, ſem ſe coar.

Eſte vinho cura o gallico mais radicado, que com os alexipharmacos vegetantes ſe póde vencer; mais deve applicar-ſe em achaques frios, & em naturezas fleumaticas; cura cachexias, hydropeſias, achaques de nervos, & de juntas, cuja cauſa tenha dependencia deſte contagio. Tomaõ ſe de manhã em jejum ſeis onças de tarde outras tantas, cinco horas depois de jantar. Aos comeres tambem ſe bebe delle & finalmente em quanto dura, naõ ſe bebe outra couſa ſõmẽte nas peſſoas, que por razaõ de ſeu temperamento, & coſtume naõ puderem paſſar ſem agua, ſe lhe diſpenſa ao jantar, & cea hum pucaro de agua cozida com ſaxifrás, ou páo ſanto.

Com eſte vinho continuava o doente quando no quarto dia delle lhe faltou a ceſaõ; & proſeguindo a cura, deſinchou perfeytamente. Mas para extinguir todo o fermento gallico, que houveſſe no corpo, paſſados oyto dias depois de acabar o vinho lhe fizemos tomar em outros tantos as ſeguintes pirolas depois das quaes ficou o doente com perfeyta ſaude.

Tomem de mercurio branco precipitado dez grãos, de diagridio ſulphurado quatro grãos, de aſſucar de chumbo ſeis grãos; façaõ ſe pirolas com alquitira, & dourem-ſe para tomar de huma vez.

Pelas tardes, & de noyte ſe exacerba. *Ordinariamente nas horas de veſpora ſe exacerbaõ as febres; com que ſó por eſte ſinal naõ ſe póde entender que ſaõ gallicas; he neceſſario inveſtigar mais algum fundamento para ſe tratarem por taes eſtas febres. Nós vimos hum moço de dezoyto annos, que depois de ter huma gonorrhea tres meſes, padeceo huma febre continua, com crecimentos de tarde, que duravaõ toda a noyte. Curou-ſe com ſangrias, & purgas, & outros varios remedios, que o Medico que chamou lhe applicàra. Entendeo que eſtava ſaõ, mas todas as noytes ſe achava mais quente que de dia; & huma ſarna com que adoecèra, ainda a tinha, porque com nenhuns remedios a pode curar. Chegava ſe a iſto, que havendo mais de hum mes que eſtava, a ſeu parecer, livre de febre, & comendo com vontade, naõ ſe nutria, nem medrava, com que vendo-ſe obrigado a buſcar Medico, dentro de quinze dias teve ſaude; porque purgando-o duas vezes, lhe demos treze dias continuos mercurio branco com diagridio; & quando começava a ſalivar, o ſuſpendeo, ficando ſaõ da ſarna, ſem applicaçaõ de remedios externos; porque do vicio gallico do ſangue ſe fomentava a ſarna, & poriſſo a nenhuns remedios cedia. Entendemos que os males deſte moço tinhaõ dependencia do contagio do ſangue, por haver tido tres meſes huma gonorrhea, cujo contagio em taõ longo tempo, naõ podia deyxar de ſe ter communicado ao ſangue, quando menos tempo, baſtava para eſte ſe viciar por meyo do ſeu circulo.*

Suores. *Eſta doutrina do Author no preſente Capitulo he ſolida, & verdadeyra;*

& no que toca a dar ſuores neſtas febres, temos nòs obſervado muytas vezes a ſua utilidade; haverà dous meſes a vimos em huma mulher, que padecia huma febre continua com crecimento cada dia, que entrava com frio. A doente era gallicada; a febre a nenhuns remedios cedia; & canſada jà da doença, & das curas, fez huma conſulta de Medicos, que julgàraõ que a febre era gallica, & que devia curarſe com ſuores. Aſſim foy; porque tomando-os de ſalſa, & páo ſanto, logo aos quatro reconheceo melhoria, & com 25. teve ſaude. E quando jà anaava de pè, lhe aconſelhamos, que tomaſſe ſete, ou oyto dias mercurio branco precipitado; porque temos dado no dictame de que ſó o azougue extingue bem os ſeminarios do gallico; dos mais alexipharmacos, entendemos que ſe naõ aproveytaõ por ſudorificos, como cuydou Muſitano, ainda que tenhaõ grande virtude para o gallico, raras vezes o extinguem de todo, & por iſſo ſempre queremos curar com azougue, ou ao menos folgamos de coroar com elle quaeſquer outras curas feytas com os mais alexipharmacos deſte contagio, por naõ deyxar no corpo ſeminarios para novas reproducções.

Regimento quatro meſes. *He neceſſaria grande paciencia nos enfermos para obſervancia de quatro meſes de regimento. Se o gallico fica bem curado, trinta, ou quarenta dias baſtaõ de regimẽto. Senaõ fica bem curado, naõ baſta toda a vida; porque eſte contagio naõ ſe cura ſenaõ com os ſeus alexipharmacos; & importa pouco que os doentes comaõ hum anno os alimentos de que uſaõ os gallicados, ſe ainda conſervaõ alguns ſeminarios do contagio; nem a agua de ſalſa póde tanto que os extinga. O que faz iſto bem, he o azougue, cuja cura neceſſita de menos tempo de regimento, que as que ſe fazem com os mais alexipharmacos; porque o azougue cura taõ efficazmente, que deyxa poucas reliquias, que com o regimento ſe hajaõ de acabar.*

CAPITULO XXXIV.

Da hectica gallica.

SUccede tambem aos gallicados emmagrecerem de modo que parẽcem hecticos da terceyra eſpecie, as mais vezes com febre, mas algumas ſem ella. A cauſa he a meſma qualidade gallica, que naõ ſómente eſtà no figado, mas em todas as partes ſolidas, & produzindo nellas calor, & ſecura, he cauſa daquella magreyra. Accrecenta-ſe a iſto ſer vicioſo o mantimento, que do figado vay, & debilitar-ſe a faculdade nutritiva das partes. Por onde ſe moſtra concorrerem neſte caſo duas das tres cauſas da magreyra, que Galeno aſſima, a ſaber, debilidade da virtude, & vicio do mantimento, porque a falta delle naõ ha neſte caſo. E ſe perguntarem ſe algumas vezes poderà eſta febre ſer verdadeyra hectica; reſpondo que ſim, porque naõ ha inconveniente, que impida introduzirſe o calor *in facto eſſe* nas partes ſolidas; porèm o mais ordinario he naõ ſer hectica legitima, como enſina Thomàs Rodrigues da Veyga. Lib. 3. de ſimp. cauſ cap. 1. Lib. 1. de dif. febr. ſect 4. ſup text gen. igit in fin

Os ſinaes ſaõ os ordinarios, a ſaber, contagio que houve, tumores, dores, & outros ſymptomas ſemelhantes, que ou acompanhaõ a febre, ou precedèraõ, & de ordinario procede outra febre podre gallica, das que temos dito, que repetem como terçã doble, & ſobre tudo naõ enfraquecem eſtes enfermos tanto como os que padecẽ verdadeyra hectica, que por ſer cauſada de calor habitual, radicado na ſubſtancia ſolida, enfraquece muyto, conforme Galeno; & o calor das hecticas gallicas ordinarias naõ eſtà em habito nas ditas partes, poſto que eſteja nos excrementos dellas, & nos humores das veas. Diſſe (ordinarias) porque algumas vezes (mas raras) tambem ſuccede haver hecticas gallicas legitimas, Lib. 3. de prog. expull. c. 2. & 3.

& neſtas eſtà o calor inhabito na ſubſtancia ſolida do vivente.

Supra Loc. cit. Lib. de lue ven. cap. 15. *Julga ſe deſtas febres ſerem difficillimas de curar, porèm algumas vezes ſuccede bem*, como nota Thomàs Rodrigues da Veyga, & experimentàraõ Fernelio, & outros Authores.

A cura de neceſſidade ſe ha de fazer com os meſmos alexipharmacos com que ſe curaõ os mais affectos boubaticos, de diverſo modo, porèm adminiſtrados, & com grão cautela, porque as forças naõ permittem violencia alguma. Duas indicações ſaõ as que neſte particular havemos de obſervar. A primeyra, he a extirpaçaõ da mà qualidade, & humores que a conſervaõ. A ſegunda, refazer a ſubſtancia das partes jà conſumidas. E porque eſtas indicações ambas ſaõ vehementiſſimas, a primeyra em razaõ da cauſa principal, & da cauſa *ſine qua non*, a ſegunda em razaõ da urgencia, porque totalmente ſe vay acabando a vida ſenaõ ſe acode à reſtauraçaõ da ſubſtancia, naõ póde eſperar huma que ſe cumpra com a cura da outra, & aſſim he neceſſario acodir a huma, & outra juntamente.

Lib. 2 de morb. gal cap. 2. Lib. de alim. Lib. de lue ven. cap. 15. Lib. de lue ven. cap. 15. Lib. 2 de lue ven. cap. 1. Lib. 7. in madum. 214. Lib. 4. cap. 1. Lib. de morb. gal Lib. de mor ſerp Prudentemente lhe acode Mercado miſturando os alexipharmacos no mantimento, & o mantimento nelles, conforme ao dito Hippocrates: *In alimento medicina optimum. Excellente he a medicina no mantimento, porque deſte modo ſe extingue a mà qualidade, & os humores noxios juntamente ſe reſolvem, & a ſubſtancia perdida ſe reſtaura, à imitaçaõ de Fernelio, & de Juliano Palmario, que por ſemelhante modo curàraõ certos enfermos com feliz ſucceſſo.* E por tanto ſe ordene ao enfermo, *que beba agua de guayacaõ*, como ordena Fernelio, *ou de ſalſa parrilha, que he mais accommodada a eſte caſo pela razaõ, que acima diſſémos*, como tambem notou Ludov. Sept. *O paõ que houver de comer ſe amaſſe com agua de ſalſa, a carne ſe coza nella, ou lhe miſture ſalſa ao cozer, & em tudo o que houver de comer, ou beber entre ſalſa.* Sobremeza, *coma biſcouto feyto de pó ſubtil de ſalſa, ou guayacaõ, com farinha, gemas de ovos, & aſſucar, & na entrada paſſas de uvas lançadas primeyro de molho, ou cozidas na agua da dita ſalſa, ou páo.*

Da-ſe a eſtes enfermos algum pequeno de vinho a beber, como dizem Maſſa, Pedro Lopes de Leão, & primeyro que elle Ruî Dias de la Isla, por razaõ da muyta fraqueza, & para vehiculo do mantimento, por quanto ha alguma difficuldade na diſtribuiçaõ, por eſtarem os póros coartados da magreyra, & obſtruidos dos excrementos gallicos da tercyra digeſtão. *Porèm he neceſſario que ſeja medicado eſte vinho com a meſma ſalſa, ou páo. Eu lanço de infuſaõ duas onças della em huma canada de vinho ſem que ſe chegue ao fogo, & aſſim como ſe vay goſtando, ſe vay renovando com vinho de novo, lançado ſobre a meſma ſalſa, ou páo.* E ſe lhe teme calor, ague-ſe com agua cozida dos meſmos alexipharmacos.

Ordenada eſta regra de comer, & beber, ſe o enfermo naõ tiver camaras, darſelha eſte xarope purgativo, & reſumptivo. Receyta: *Hum frangão limpo da pena, & meſtinos, huma oytava de pòs de páo ſanto, ou guayacaõ, outra de ſalſa parrilha, cevada pilada hum pugilho, que he quanto tomem com as pontas dos dedos, aſſucar roſado de Alexandria huma onça, aſſucar roſado commum huma colher, folhas de ſene huma oytava, polypodio duas oytavas, ſemente de carthamo meya oytava, ſemente de erva-doce, ou para melhor de funcho, ſeis grãos, & humas folhas de borragens. E de tudo ſe faça cozimento na meſma manhã, em que o houver de tomar, em tres quartilhos de agua que naõ fique mais de meyo quartilho, que o enfermo beberà tres horas antes de jantar, & ſe purgar pouco, reputaõ lhe no dia ſeguinte outro, feyto na meſma fórma; ſe purgar mediocremente, naõ ſe lhe repita ſenaõ cada ſeis, ou cada oyto dias, conforme as forças; & a neceſſidade. E nos dias entre-meyos tome eſte xarope*

feyto

feyto ſem a miſtura dos medicamentos purgativos, que ſaõ aſſucar de Alexandria, polypodio, carthamo, & ſene.

Ou ſe lhe dem huns xaropes alterantes, & reſumptivos neſta fórma: *Tomem duas oytavas de ſalſa parrilha, meya de páo da China, huma de páo ſanto, & tudo junto ſe infunda em huma canada de agua huma noyte, & ao outro dia metaõ na meſma panela meya gallinha gorda, & dous pugillos de cevada pilada, & meya onça de pevides de melaõ, ou cavaça, & humas folhas de borragem, outras de almeyraõ, & meya onça de cada huma das conſervas cordeaes, & huma colher de aſſucar roſado. E tudo ſe coza, que naõ fique mais que huma tigela de caldo, que o enfermo beberà tres, ou quatro horas antes de jantar.* E à tarde depois de feyta a digeſtaõ tres horas antes de cea ſe lhe dè outro caldo feyto da meſma maneyra, & continue com iſto trinta dias, ou os que parecerem neceſſarios, tomando o xarope purgativo entreſachadamente, conforme temos dito. Os meſmos caldos ſe pódem fazer na agua de ſalſa pela ordem que acima deſſémos, fallando dos cozimentos, que com carne ſe fazem. Póde-ſe fazer tambem *com meyo arratel de carne de vitela, ou para ſer mais freſco, miſturem hum frangão com hum quarto de gallinha, ſe naõ houver camaras*, porque havendo-as he o frangão menos conveniente pela virtude, que tem laxativa, conforme Galeno; & aſſim tambem naõ ſe miſture outra couſa purgativa havendo as ditas camaras, que neſtas febres ſaõ ordinarias, mas acuda-ſe como abayxo dirèmos no Capitulo do fluxo do ventre gal.

Aos pobres ſe póde fazer eſta cura com carneyro, ou com outra carne; que lhes cuſte pouco, & ſem conſervas, & com páo ſanto, ou guayacaõ, que cuſtão menos, neſta fórma: *Tomem guayacão feyto em pò huma onça, cevada pilada duas colheres, meyo arratel de carneyro picado, humas folhas de borragens, outras de chicoria, ou de almeyraõ, & hũas pevides de melaõ, ou abobora, ou pepino, ou cogombro. E tudo junto ſe coza em hũa canada de agua que fique ſómente hũa tigela de caldo, q̃ beberà, & póde comer a carne, & ſe o quizer doce, lancelhe aſſucar*, & ſe nem aſſucar pela muyta pobreza tiver, *tempere-o com ſal baſtante para lhe dar goſto*, & tome iſto manhã, & tarde. E beba agua ordinaria de páo, *cozendo huma onça em quatro canadas, que ſe gaſte huma & meya. E beba o vinho em que o meſmo páo jà cozido ſe infunda.* E deſte modo ſararà a pouco cuſto.

Os meſmos xaropes ſe pódem fazer com carne de perdiz, laparos, pombos, rolas, paſſarinhos do monte, & ſemelhantes. E para outras peſſoas mais mimoſas ſe pódem ordenar aguas deſtilladas neſta fórma. Receyta: *Carne de quatro frangãos, & dous arrateis de carne de vitela, & duas perdizes, tudo picado, & tres onças de cevada pilada, & huma mãochea de folhas de barragem, outra de almeyraõ, outra de chicorias, & huma quarta depaſſas de uvas limpas dos pès, & graùlhos, & huma onça de alcaçùz, & de raizes de eſcorcioneyra duas onças, aſſucar roſado de comer huma quarta, infundaõ-ſe a ſalſa, & páos em vinte quartilhos de agua eſpaço de vinte & quatro horas, & depois fervaõ na meſma com as mais couſas ſecundùm artem, que fiquem ſeis quartilhos, & depois ſe pizem, & ſe amaſſem todas as carnes, ervas, conſervas, ſalſa, & páo, & mais couſas, & ſe miſturem com o cozimento, & ſe metão em alambique, ſe puder ſer, de vidro, & ſe deſtillem, & ſe naõ couber tudo em hum alambique, parta-ſe em dous. E ao deſtillar ſe advirta naõ cheguem a eſturrarſe, nem a ſecarſe demaſiadamente. E deſta agua dem ao enfermo quatro onças pela manhã, outras quatro à tarde. Miſturaõ alguns Authores neſtes cozimentos, cardo ſanto, pimpinella, avenca, betonica, pentaphilo, erva-doce, canela, & outros medicamentos calidos, porèm como nelles naõ ha qualidade alexipharmaca contra a gallica, os*

tenho por ſuſpeytoſos por razaõ da febre. E ſe diſſerem que ſervem para reſolver os excrementos aos gallicos, reſpondo que iſſo fazem baſtantemente o guayacaõ, páo da China, & ſalſa, & aſſim naõ he neceſſario accrecentar mais calor. Tambem ſe tem por experiencia curarem-ſe eſtes enfermos com vinho medicado com os alexipharmacos, qual he o ſanto de que acima fica a receyta, & de que eu tenho grande experiencia em curar hecticos de morbo gallico, & todos os mais affectos rebeldes que delle procedem. E Solenandro curou hum hectico gallico por eſte modo. Receyta: *Agua de luparos, de betonica, de cevada, de cada huma quatro libras, vinho excellente cinco libras, páo ſanto, caſcas do meſmo, de cada hum oyto onças, xarope de dormideyras meya libra. Eſteja iſto de infuſaõ doze horas, & depois ſe coza atè ſe gaſtarem duas partes, & ſe coe, & guarde em lugar frio onde ſe naõ corrompa*, & dem-ſe ao enfermo cada manhã cinco onças, & outro tanto à noyte, ſete horas depois de ter jantado, & duas antes de cea.

Depois que o enfermo tiver mais alguma força, ordenaõ Fernelio, & ſeu diſcipulo Juliano Palmario, que comece de ſe meter em ſuores, dandolhe hum ſó no dia, ou hum dia entre outro alternativamente. E pódemſe-lhe provocar com os meſmos caldos da carne, & ſalſa, ou páo, como temos dito, ou tambem fazendo cozimentos ordinarios, mas ſempre he melhor miſturarlhe carne, & couſas alimentoſas, pela grande neceſſidade que ha de nutrir.

Em lugar dos ſuores manda Nicolao Maſſa dar a eſtes maraſmados unturas de mercurio, & na verdade ſe devem dar, quando houver ſymptomas complicados, que apertem, a que ſeja neceſſario acodir mais em breve, & com remedio mais efficaz, ſem que precedaõ os ditos xaropes nutrientes, como fazia Maſſa, porque a detença neſte caſo he grande dano. Naõ ſe lhe devem porèm applicar com toda a força, que aos outros gallicados, mas temperar-ſehaõ de modo que a quantidade de azougue, que ſe havia de applicar de huma vez, ſe reparta em tres, ou em quatro, alèm de que meteràõ dias em meyo, em que a natureza ſe refaça, & os unguentos ſeràõ feytos de couſas menos calidas, como aquelles, que temos ordenado em ſeu Capitulo para as naturezas colericas, & ſe os naõ houver feytos, uſar-ſeha dos ordinarios, miſturandolhes *unguento roſado, ou manteyga crua*, & finalmente ſe trataràõ como a meninos, porque naõ permittem as forças mayores violencias. Nicolao Maſſa diz, que dava unturas (entende das temperadas) quatro dias a reyo, & logo os deyxava deſcanſar huma ſemana, & depois os tornava a untar quatro, ou cinco dias, conforme as forças que lhes achava, & depois deſcançava outra ſemana, & aſſim hia procedendo atè que de todo ſaravaõ. E póde-ſe imitar eſte Author, fazendo daquelle modo, ou untando o doente em dias alternados, como fazia Ambroſio Pareu, ſenaõ houver evacuaçaõ notavel de ſuor, ou de camaras que o enfraqueçaõ. E ſeja regra geral, & infallivel, que tanto que a boca começar a arrebentar, ou houver ſuor, ou qualquer outra evacuaçaõ copioſa, ſe pare totalmente atè que a boca ſáre, & as forças ſe refaçaõ, & eſtando ſaõ, & naõ continuando as ditas evacuações, ſe torne outra vez a untar ſendo neceſſario.

Lib. de morb. gal tract. 4. cap. 2.

Lib. 18. cap. 28.

E advirta-ſe que ſe com a primeyra, ſegunda, ou qualquer untura ſe mover evacuaçaõ taõ copioſa que exceda o ſofrimento das forças, que ſaõ poucas neſtes enfermos, ſe acuda logo a tirarlhe a roupa, & a lavallo, para que a evacuaçaõ ſe modere, & o doente naõ morra: & naõ haja deſcuydo niſto; porque doenças taõ perigoſas naõ ſofrem, nem hum pequeno erro, conforme Galeno: *Exitiales enim affectus ne leviſſimum quidem errorem tolerant.* E depois das forças refeytas, ſe torne à meſma cura, ſe for neceſſario. E em todo eſte tempo, aſſim no

7. de met. cap. 13.

das

das unturas, como fóra dellas, nos dias em que descança, será de muyto proveyto dar ao enfermo os xaropes universaes, *de salsa, páo, & carne*, como está dito. E adverte Massa, que entre o jantar, & a cea, lhe dem sua tigela de caldo, & o naõ deyxem enfraquecer.

O unguento, que de cada vez se deve applicar, póde ser o seguinte. Receyta: *Unguento de Mercurio feyto para os cholericos, tres oytavas, unguento rosado, ou em falta delle, manteyga crua cinco oytavas, misturem-se. E se naõ houver feyta mais que o unguento de Mercurio ordinario, naõ misturem delle mais que oytava & meya, ou duas oytavas*, o que se poderá accrecentar, ou diminuir, conforme a natureza, & forças do enfermo. Outro unguento ordena Mercado para hecticos, & meninos, de que diz ter larga experiencia, mas pelas muytas cousas quentes, que nelle entraõ, me pareceo menos conveniente.

Note-se mais que para untar estes tabidos, ou para lhes dar suores, naõ he necessario, que primeyro se purguem, nem façaõ outra evacuaçaõ, como notàraõ muy bem, & com larga experiencia provàraõ Pedro Lopez de Leaõ, & primeyro que elle, Ruí Dias de la Isla. Loc. cit.

E advertem estes dous Authores, que succedem algumas vezes a estes tabidos com qualquer movimento mais forte do costumado, quebrarlhes hum braço pelo osso do hombro, ou canas, ou huma perna pela canela, ou tirar-se de seu lugar, cuja causa he estarem consumidas as humidades segundas, de que se faz a uniaõ no osso, & fica como que se fora torrado. A estes se devem reduzir os ossos, conforme a cura que se costuma, & depois de direytos, & postos em seu lugar, logo torne o enfermo às unturas, ou suores, porque se com elles se naõ emenda o mal boubatico, he impossivel unirem-se.

ANNOTAÇOENS.

DUas indicações. *Para curar os hecticos gallicados tira o Author duas indicações, urgentes ambas; huma, extinguir o contagio; outra, nutrir o corpo, & restaurar a jà perdida substancia, sem a qual se naõ póde conservar a vida. E porque estas duas indicações saõ igualmente vehementes, & os hecticos estaõ vizinhos da morte, intenta satisfazelas ambas com os mesmos remedios, antes que pela dilaçaõ de qualquer dellas se acabe a vida. Para satisfaçaõ de indicações taõ urgentes, aconselha os xaropes alterantes, & resumptivos, feytos de gallinha, frangãos, & vitela, com salsa, páo santo, & raiz da China; porque assim extinguindo o contagio, ao mesmo tempo se và nutrindo o corpo. Porèm estes remedios ordinariamente ficaõ frustrados; porque os hecticos naõ pódem esperar dous, ou tres meses para receber alguma utilidade delles, & necessitaõ de remedio mais prompto, qual he o azougue; quando naõ seja para nutrir, será para infringir a actividade do contagio, & para curar a febre; que depois disto, logo se nutriràõ os doentes com os alimentos, sem que necessitem de remedios resumptivos, & se lhos derem, entaõ lhe aproveytaràõ mais certamente. Nós assim temos curado muytos hecticos gallicados, quando jà naõ tinhaõ esperança de melhoria, do que se pódem ver algumas observações no Tratado que escrevemos do uso do azougue nos casos prohibidos. Nem se cuyde que os xaropes de frangãos recheados com salsa, & páo santo pódem tanto que curem estes hecticos: porque estes alexipharmacos naõ tem virtude taõ generosa, que possaõ acodir brevemente a tanto dano, que o azougue remedea muytas vezes em poucos dias.*

Unturas de mercurio. *O modo de dar azougue a estes gallicados, ou ha de ser pela boca, ou em unturas. Se se der pela boca, será, como deve ser sempre, o mercurio bem*

dulcificado, & dar-ſeha em dias alternados menos quantidade, do que ſe havia de dar havendo mais força. Se ſe uſar de unturas, que ſaõ neſtes caſos mais convenientes, façaõ-ſe brandas, ainda que ſe repitaõ vinte dias, como temos feyto algumas vezes, curando perfeytamente hecticos deplorados, ſem que experimentaſſem grande trabalho na cura. Dizemos que ſaõ mais convenientes as unturas neſtes caſos: porque naõ fazem taõ certamente evacuaçaõ alguma pelo ventre, como o mercurio tomado pela boca, que ordinariamente move alguns curſos, com que os hectic ſe offendem muyto. E para dar unturas a eſtes gallicados, ſe prepare o unguento deſta maneyra.

Tomem oyto onças de manteyga de porco lavada em oyto, ou nove aguas; quatro onças de unguento roſado, & cinco oytavas de azougue extinto com leyte; de tudo ſe faça unguento.

CAPITULO XXXV.

Dos tumores gallicos.

Numero 1.

TOdo o genero de tumores póde ter dependencia de morbo gallico, conforme a regra geral, q̃ conſtituimos, a ſaber que elle póde ſer cauſa de todas as enfermidades. Aſſim que conforme eſte fundamento, todos os quatro generos de apoſtemas, fleumaõ, eryſipela, edema, & ſcirrho, aſſim legitimos, como eſpurios, pòdem proceder deſta cauſa.

Os apoſtemas quentes naõ tem cura diverſa da que ſe applica aos que naõ ſaõ gallicos, mais que em tres couſas. A primeyra, que ſe lhes devem applicar repercuſſivos pela regra dos apoſtemas de materia venenoſa, conforme Guido, & a doutrina de Galeno, ſalvo for tanta a copia de humor, que correo, ou a materia taõ calida, que ſe tema mortificaçaõ, porq̃ neſte caſo como he mayor o perigo della, que o do retroceſſo deſte veneno, (o qual he mais brando, & vagaroſo, que muytos outros) devem-ſe applicar repercuſſivos brandos, como jà advertimos, fallando da hernia humoral gallica. A ſegunda, que havendo ſangria ſe faça na vea, que menos poſſa levar o contagio ao figado, v. g. no pé, ſe eſtiver nas partes ao meſmo figado inferiores, como advertimos, fallando da dita hernia, & temos largamente diſputado na noſſa apologia àcerca deſte negocio. A terceyra, que paſſada a agudeza do mal ſe trate de eradicar a qualidade gallica que póde ſer conſervativa das reliquias, que ficaõ do tumor, & gerar outros novos, ou novos ſymptomas gallicos: ha de paſſar porèm a agudeza, como digo, porque ella he mais vehemente impedimento dos remedios deſte mal, a ſaber, *páo, ſalſa & azougue*, os quaes aquentando o corpo, pòdem accrecentar a agudeza do mal, de modo que mate o doente, como em ſeu lugar dirèmos.

Trat. 2. de apoſt. cap. 11. 14. met. 10. & 3. local c. 2. & lib. de rem. par. facil. c. 8.

Os tumores frios ſaõ, *ſcirrhos, & edemas*, ou os que a elles ſe reduzem, como *nòs, glandulas, alporcas, apoſtemas, aquoſos, & ventoſos*. Os ſcirrhoſos porèm ſaõ os que mais de ordinario aos gallicados ſuccedem, ſegundo Mercado, & nacem pela mayor parte nas canelas das pernas, & braços, na teſta, & por toda a cabeça: mas tambem ſe achaõ nas coxas, no oſſo entre o hombro, & o cotovelo, na furculla, ou claviculas, nas coſtelas, & dedos, ſegundo vemos por experiencia, & nota Juliano Palmario; & naõ ſómente nas partes de fóra, mas tambem nas internas nacem eſtes tumores, a ſaber, da banda de dentro do craneo entre elle & a dura mater, dentro das coſtas verdadeyras, & mendoſas, reſpõdendo ao vão do peyto, & ventre, & entre huma, & outra canela, partes em que nem pela viſta, nem pelo tacto, ſe póde conhecer, como notàraõ o meſmo Juliano, & Mercado.

Lib. 2. cap. 6.

Lib. 2. de lue ven. cap. 7.

Loc. cit. Lib. 2. de morb. gal cap. 6.

E dos

E dos que nacem dentro do craneo he certo argumento a materia, que depois de crueliſſimas dores ſahe pelos narizes, boca, & ouvidos, as quaes poſto que algum tanto ſe mitiguem, ainda ficaõ depois, atè que com as unturas, ou ſuores de ſalſa, ou páo ſe extinguem, ou finalmente concluem a vida; o que naõ tem as outras dores, que naõ ſaõ gallicas, que ſáraõ ſahindo a tal materia, conforme ao aphoriſmo de Hippocrates: *Caput dolenti, aut circũdolenti ſi pus, vel ſanguis, vel aqua per os, aut nares, aut aures exierint, ſolvitur morbus.* Que traduzido diz: *Aquelle que tem dores de cabeça, ſahindo materia, ou ſangue, ou agua pela boca, narizes ou orelhas, ſára*, o que naõ ha ſendo de tumor gallico, que dentro ſe rompeſſe. Confirma-ſe pela experiencia, que muytas vezes tem moſtrado abrindo-ſe a cabeça no lugar das dores, ſem que precedeſſe tumor, nem tacto de materia, & legrando o craneo atè a parte interior, achar-ſe corrupto com muyta copia de materia ſobre as tunicas do cerebro. E para ſe conhecer, que da parte de dentro da cabeça, ou peyto, & entre as canelas, ha tumor gallico ſcirrhoſo, diz Palmario, ſe advirta ſe ha aquellas crueis dores, que de noyte ſe exacerbaõ, ſem pela parte de fóra parecer tumor, nem leſaõ alguma, nem quererem ceder aos remedios ordinarios mitigativos de dor: & ſendo iſto, ſe julgará haver dentro os ditos tumores, principalmente ſe precedeo gonorrhea purulenta, bubaõ, chaga bayxa, ou qualquer outro affecto gallico, que com remedios fucados ſe reprimiſſe, ou ſe o enfermo ſe tiveſſe jà curado com mercurio. E naõ haverà com os ditos ſinaes febre, & ſe a houver, naõ ſerà aguda.

5. aph. 18

Lib 2. cap. 7.

Os tumores edematoſos gallicos ſe fazem principalmente nas pernas dos gallicados, que ſe vaõ fazendo cacheticos, por ſe lhes enfraquecer o figado, & algumas vezes tambem nos joelhos, & cotovelos, como tenho viſto por experiencia: outras vezes lhes toma todo o ventre, & o corpo todo, & ſe fazem hydropicos anazarcos. Os aquoſos, & ventoſos ſuccedem aos gallicados na bolſa dos teſticulos, & algumas vezes tambem nas juntas, & o ventre incha todo, fazendo-ſe aſciticos, & tympaniticos, que ſaõ as outras duas eſpecies de hydropeſia.

Os abſceſſos gallicos ſaõ varios, mas principalmente ſaõ aquellas tres eſpecies de que Galeno, & Paulo fazem mençaõ: a febre *Atheroma*, que he hum tumor da meſma cor do couro, & largo com alguma dureza, & contèm dentro de ſi hum humor ſemelhante a papas: *Meliceris*, que he outro apoſtema algum tanto brando, que contèm dentro certo humor como mel: *Stheatoma*, que he outro tumor mais duro, & mais arreygado que os dous, que eſtà cheyo de humor como ſevo. E todos elles tem huma tunica, como bexiga, em que eſtaõ envoltos, & a eſtes ſe reduzem os que os Medicos chamaõ *talparias*, de que abayxo fallarèmos.

14. met. 11. lib 6. cap. 38.

Numero 2.
Gomas gallicas.

OS mais ordinarios tumores gallicos *ſaõ os ſcirrhoſos*, que nacem ſobre os oſſos das pernas, & braços, & cabeça, & por ſerem de ordinario gerados de humores viſcoſos, como nota Palmario, a modo de rezina, lhes chamâraõ os Medicos *gomas*, ſegundo diz Fallopio. Sinal de ſerem gallicos, alèm de preceder o contagio, he fazerem dores intoleraveis, couſa improporcional aos daquelle genero, porèm mais de noyte, ou pela tarde, & nacerem principalmente no meyo dos oſſos entre junta, & junta, das pernas, braços, & furculas, coſtelas, teſta, & mais partes da cabeça, & ſuccedem mais frequentemẽte nas recahidas

Lib. 2. cap 7.

Lib de morbgal. cap. 95.

hidas do morbo gallico, & ao que he antigo, & de quarta eſpecie.

As cauſas ſaõ principalmente os excrementos da terceyra digeſtaõ das partes ſolidas, em eſpecial dos oſſos, que por ſerem mais craſſos, & a concoctiva das partes (por terem menos de calor natural) mais debil, naõ ſe pòdem baſtantemente reſolver, nem expeller pelos póros, & ſe ajuntaõ entre o oſſo, & o perioſtio, & eſtendendo-o com violencia, cauſaõ aquellas dores intenſiſſimas, & ſe ſe naõ remedeaõ a tempo, acquirem acrimonia *per malam qualitatem, & putredinem*, & corrompem os oſſos, & partes vizinhas, fiſtulas incuraveis. Outras vezes ſaõ cauſa deſtes tumores, humores fleumaticos, & melancholicos, que pela officina do ſangue eſtar viciada ſe gèraõ, & vaõ juntamente com o mantimento àquellas partes, & ſe ajuntaõ ſobre os paniculos dos oſſos, ou entre elles.

A cura differe da dos outros *ſcirrhoſos*, em que he neceſſario primeyro que tudo, extinguir a qualidade gallica com as unturas de mercurio, ou ſuores do páo, ou ſalſa, a qual, conforme Palmario, desfaz eſtes tumores melhor que o páo, & niſto he a Rainha, conforme diz Fallopio. E de ordinario ſuccede desfazerem-ſe eſtes tumores com os ſuores della, ſem que ſeja neceſſario applicar-ſelhe remedio local.

Lib. de morb. gal cap. 95.

Porèm ſaõ algumas vezes taõ rebeldes, que he forçado buſcarlhe muytos, & varios remedios locaes, que os desfaçaõ. E em ordem a iſto lhe ordenaõ os Authores todos os emollientes dos ſcirrhoſos, huns mais fortes outros mais brandos, ſegundo a natureza do tumor, os quaes Mercado reduz a tres generos. Os primeyros ſaõ huns emollientes efficazes, com q̃ os tumores menos reſiſtentes ſe desfazem: os ſegundos ſaõ os meſmos emollientes, ajuntandolhes porèm azougue, que com ſua tenuidade os traſpaſſe, & desfaça, ſendo juntamente vehiculo dos outros medicamentos. Aos terceyros ſe ajunta ſolimaõ, & outros medicamentos calidos no quarto gràu, que potentemente poſſaõ diſcutir o humor, ou por inſenſivel evaporaçaõ, ou levantando empolas na parte, pelas quaes rompendo-ſe ſe evacue todo o humor.

Exemplo dos primeyros pòde ſer eſte emplaſto de Andrè de Alcaçar, que elle intitula de gomas. Receyta: *Amoniaco, galbano, opoponaco, ſerapino, de cada hum huma onça, deſatem-ſe em oximel, & vinagre eſquilitico, & faça-ſe emplaſto ſecundùm artem.*

Lib. 5. de morb gal cap. 27.

Ou eſte do meſmo Author. Receyta: *Cal viva apagada em oleo de gergelim, & qualquer goma das ſobreditas, de cada hum huma onça, deſate-ſe a goma em vinagre deſtillado, & faça-ſe emplaſto.* E porque tenhaõ melhor effeyto, antes de ſe applicar qualquer deſtes emplaſtos, receba o enfermo na parte affecta *fumos de vinagre deſtillado, ou de agua ardente deſtillada das borras do vinagre, lançando-a na pedra pentes aceſa*, ou em lugar delle *em ladrilho velho, ou ſeyxo de moinho.* E pòdem-ſe applicar os emplaſtos, & unguentos emollientes, que andaõ em uſo, a ſaber, *de diaquilão mayor, & menor, & de gomas, emplaſto Filij Zachariæ, unguento dialter, de agripa, marciatão, aragão, & os oleos de baga de louro, de gergelim, de linhaça, de amendoas doces, & amargas, de cebola ceſſém, de macella, & as enxundias, untos, & tutanos ordinarios*, & a eſtes ſe pòdem ajuntar para inſcindir com mais efficacia, *Euphorbio, caſtoreo, raiz de lirio, ariſtoloquia, pimenta, cariofilos, & ſemelhantes.* Exemplo. Receyta: *Diaquilaõ gomado, emplaſto Filij Zachariæ, de cada hum onça & meya, Euphorbio, tres oytavas, malaxe-ſe tudo*, & he efficaciſſimo.

Advertindo ſempre o que manda Galeno na cura dos ſcirrhoſos, que ſe vaõ entreſachando medicamentos mollificantes entre os digerentes, para que o ſcirrho ſe naõ endureça mais, reſolvendo-ſe as partes tenues, & ficando as outras mais

14. mee. 4.

mais craſſas. E para eſte effeyto, *fomentar ſeha a parte com cozimento de raizes de malvaiſco, figos ſecos, & pes, & cabeça de carneyro.* Ou ſe lancem de molho *raizes de malvaiſco em agua ardente, & fomente-ſe com ella*, & ponhaõ-ſe as meſmas machucadas a modo de emplaſto, couſa que muyto louva Fallopio, Rudio. Cap. 95. Lib. de mor. ven. E naõ ſendo o tumor muyto duro, agua ardente por ſi baſta, ou ſe applique ſó por ſi *o diachilaõ*, ou emplaſto *de Zacharias*, ou algumas das *enxundias, tutanos, & untos ſobreditos*. cap. 20. E procedendo aſſim algũs dias, torne-ſe aos reſolutivos mais efficazes, entre os quaes he tambem de grande effeyto, *applicar decoada de calfeyta em vinagre forte, ou fazer cinza de louro, de figueyra, de alecrim, de ſobro, ou carvalho, & de vides, & fazer decoada de todas eſtas cinzas*, & com ella fomentar a parte, & logo enxugala, & applicar qualquer emplaſto, ou unguento dos ſobreditos.

Diz Fallopio, que uſava deſte emplaſto com feliz ſucceſſo. Receyta: *Oleo de louro, de almecega, de macella, de cada hum huma onça, amoniaco, galbano, bdelio, de cada hum oytava & meya, myrrha huma oytava, trementina duas oytavas, cera quanto baſte para emplaſto.* E tambem louva untar *com oleo de alacraes miſturado com o de amendoas amargoſas.* E o emplaſto de queijo velho de Galeno, de que faz grão caſo Rudio, que ſe faz miſturando *queijo muyto velho com caldo gordo de carne de porco rançoſa, & ſalgada*, & ſe ponha iſto a modo de emplaſto, que Fallopio experimentou neſtes caſos, & Galeno na gotta nodoſa, & tofacea. Outros recorrem ao *oleo de viboras, & ao do enxofre*, mas appliquem-ſe a tento, porque fazem chaga na parte. 10. ſimp. cap. 5 top. fol. 7. 8.

Deſtillaõ tambem alguns páo ſanto, & delle extrabem oleo, que tem efficacia neſte caſo (ſegundo Mercado nota, & primeyro que elle Alcaçar) ſó por ſi applicado, ou miſturado com os outros emollientes, & póde-ſe fazer deſte modo, conforme diz Mercado. Receyta: *Limaduras de coraçaõ do guayacaõ meya libra, raiz da China feyta em pò duas onças, norça enula campana, pepinos de Saõ Gregorio, erva molarinha, macella, de cada hum dous pugillos, oleo de endros quatro libras, vinho branco tres libras, eſteja tudo miſturado ſete dias, depois ferva atè ſe gaſtar o vinho, & coe-ſe & ſe ponha ao Sol do Eſtio em vaſo de vidro trinta dias.* Loc. cit.

Exemplo do ſegundo genero de remedios para tumores mais rebeldes, ſaõ todos os que eſtaõ apontados, miſturandolhes *azougue*; & ſendo emplaſtos, ſe miſturem ſeis oytavas atè hũa onça por cada libra, & ſendo unguento, baſta menos, ſegundo Mercado, poſto que a mim me parece pouco o que aos emplaſtos ſe lança, & que ſe deve lançar a cada onça de emplaſto, oytava & meya, ou duas de *azougue*, & a cada onça de unguento huma oytava, ou oytava & meya, conforme a dureza do tumor, & a natureza do enfermo: v.g. Recip. *Diachilaõ mayor duas onças, euphorbio huma oytava, azougue morto com agua ardente tres oytavas, miſture-ſe ao tomar.* Lib. 18. cap. 27. Ambroſio Pareu miſtura a cada onça de emplaſto meya de azougue, como ſe vè de huma compoſiçaõ, que ordena, & deſte modo he muyto efficaz, & ſe pòde ordenar aſſim para tumores em eſtremos rebeldes, & naturezas robuſtas. Receyta: *Diachilão gomado duas onças, azougue huma onça, miſturem-ſe, & faça-ſe emplaſto, que ſe eſtenda em pano.* O emplaſto de rans de Joannes de Vigo, he recebido de todos, mas convem algumas vezes miſturarlhe mais *azougue*, & ajuntarlhe *euphorbio*, que conforme Mercado, preſerva eſtes tumores de materia, & corrupçaõ tambem conveniẽtes todos os emplaſtos, & unguentos, que deyxaõ ordenados para evacuar cuſpo, & baba, os quaes utilmente ſe coſtumaõ applicar ao tumor no tempo, que ſe daõ os ſuores de ſalſa, ou páo, na entrada do ſuor, poſto que a mim me parece melhor depois de ſahi- Loc. cit.

rem, porque ficando os pòros abertos penetra a virtude do unguento, ou emplaſto com mais facilidade.

Exemplo do terceyro genero de remedios para curar os tumores tofaceos empedernidos, & que naõ pòdem ceder a outros, *he miſturar ſolimão a qualquer emplaſto, ou unguento dos ſobreditos, miſturando a cada tres grãos*, para ſe applicar a partes brandas, & peſſoas delicadas, conforme Mercado; mas para partes duras, como a cabeça onde nace cabello, & para peſſoas de corpos duros, *he neceſſario que ajuntem cinco, ou ſeis grãos.* E ſendo unguento o que ſe applica, como penetra, & ſe actua com mais facilidade, menos baſta, v. g. Receyta: *Diachilão qualquer, huma onça, ſolimão tres grãos, ou para a cabeça cinco grãos, miſturem-ſe.* Ou aſſim. Receyta: *Unguento dialter, & agripa, de cada hum huma onça, ſolimão dous grãos, & para a cabeça tres, miſturem-ſe.* E tambem ſe póde ajuntar azougue, & juntamente o ſolimão, & ſerà de mais efficacia, v. g. Receyta *Emplaſto Filij Zachariæ huma onça, azougue morto com ſaliva huma oytava, ſolimão quatro grãos, miſturem-ſe.* Ou aſſim. Receyta: *Emplaſto de rans huma onça, ſolimão tres grãos, miſturem-ſe.* E qualquer deſtes que ſe applique, ſe acharem que naõ levanta bexigas, accrecentemlhe mais *ſolimão, & euphorbio*, atè que as levante.

Em lugar deſtes uſa Mercado deſte emplaſto. Receyta: *Formento do pão huma onça, eſtenda-ſe em hum pano do tamanho do tumor, & borrife-ſe com vinagre forte, & logo ſe polvorize com pòs de cantaridas muyto moidas, & applique-ſe ao tumor. E depois que levantar empolas abraõ-ſe para que ſe vaſe aquella aguadilha, & applique-ſe folha de couve untada com manteyga crua, ou de diachilão, & continue-ſe atè o tumor ſe desfazer.* E ſe as chagas ſararem, & o tumor ſe naõ desfizer, torne-ſe applicar o meſmo veſicatorio, & torne-ſe a pôr a couve, ou emplaſto, & iſto tantas vezes atè que de todo ſe desfaça. A qual cura enſinou primeyro Leonardo Botallo.

Lib. de morb. gal cap. 15. met. prin.

E ſe depois de continuar eſta cura hum mez, o tumor ſe naõ desfizer, & as dores ſe tirarem, entenderemos eſtar o tumor na meſma ſubſtancia do oſſo, & ſer de natureza de pedra, como a que nace nos dentes, & por tanto naõ terà outro remedio ſenaõ abrilo, legralo, & cauterizalo, como diz Mercado, ou deyxar o doente à natureza, porque naõ tendo dores poderà viver com eſſe achaque, como diz Palmario.

Loc. cit.

E porque algumas vezes ſuccede converterem-ſe as gomas em abſceſſos de materia craſſa, acre, & mordaz, que chega a corromper os oſſos; em tal caſo ſe devem abrir, & deſcobrir, legrar, & cauterizar, conforme as regras de Cirurgia. Porèm antes da obra manual ſe daràõ os ſuores *de pào, ou ſalſa, ou as unturas de mercurio*; & porque às vezes ſuccede reſolverem-ſe naõ ſómente as materias, (couſa que parece impoſſivel) mas tambem os oſſos corruptos, como a experiencia tem moſtrado, & notou Pedro Lopes de Leaõ, & tambem abayxo dirèmos na cura das talparias.

Lib. 2. cap. 7.

Lib. de morb. gal tit. de la 3. eſpec.

Numero 3.

Abſceſſos gallicos.

NAõ fallarèmos aqui dos que propriamente ſe chamão *abſceſſos*, ſegundo Paulo, que ſaõ os apoſtemas calidos convertidos em materia; mas daquellas tres eſpecies delles, de que acima fallàmos, & Galeno faz menção, *Atheroma, Steatoma, & Meliceris*, & dos que a elles ſe reduzem: ſuccedem eſtes aos gallicados, conforme Juliano Palmario, & Fallopio, nacendolhe na cabeça, &

Lib. 6. cap. 33. 14. met. cap 12

outras

outras partes, posto que estes dous Authores os confundem com as gomas gallicas, mas com pouca razaõ, porque os tumores gomosos, que nas canelas das pernas, & braços principalmente nacem, & algumas vezes tambem na cabeça, saõ differentes de outros que mais de ordinario nella se achaõ metidos em folhelhos, como em bolsa, & por isso se chamaõ àbsceſſos, & saõ daquellas tres especies acima ditas, aos quaes convem acodir com presteza, antes que corrompáo os ossos. Lib. 2. de luc ven. cap. 7. Lib. de morb gal cap. 95.

A causa conjunta de todos elles, conforme Galeno, saõ varias substancias, algumas vezes solidas, como unhas, cabellos, ossos, cascas, pedras, que dentro delles se achaõ; mas às vezes sao humores crassos, como lodo, & borras de vinho, ou de azeyte, & às vezes outras cousas muy fetidas. Porèm o mais ordinario he de tres generos, de que se constituem as tres differenças de tumores sobreditos, a saber, hum humor como papas, ou como sevo, ou como mel, & por tanto o primeyro se chama *Atheroma*, o segundo *Steatoma*, & o terceyro *Meliceris*. E posto que sem morbo gallico se achaõ com tudo nestes nossos tempos se vem mais vezes nos gallicados. 14. meth. 12.

A cura, depois de avacuado o corpo do humor, & extincta a mà qualidade com suores, ou unturas, se deve fazer por huma de tres maneyras, que Galeno ensina, & tresladaõ os Authores chirurgicos, a saber, ou resolvendo-os, ou cortando-os, ou apodrentando-os. Loc. cit.

Os *Meliceris* por qualquer destes modos se pódem curar, por serem de humor mais tenue, a saber, de fleuma naõ muyto seca com alguma mistura de cholera, como nota Fallopio, por tanto se pòdem resolver, & madurar. Os *Atheromas*, diz Galeno, que por serem de humor muyto crasso, & seco, naõ pòdem receber resoluçaõ, mas que se pòdem curar madurando-os, ou arrancando-os. Os *Steatomas*, nem de resoluçaõ, nem de maturaçaõ saõ capazes, por ser a materia delles mais dura, & como de sevo, & assim diz o mesmo Galeno, que sómente por obra de mão se poderaõ curar. Naõ obstante porèm a opiniaõ de Galeno, havemonos de accommodar à experiencia, que nos mostra que os tumores gallicos, naõ sómente estes *Steatomas*, & *atheromas*, senaõ tambem outros tofaceos durissimos, com os suores, principalmente da salsa, & com as unturas do mercurio, se desfazem. E no tempo de Galeno se se naõ resolvião, era porque se naõ costumavaõ, nem se tinhaõ descubertos estes medicamentos, que provocando suores tem efficaz virtude de resolver, & evacuar quaesquer durezas, como cada dia vemos nos gallicados. Confirma-se ser isto assim, porque logo no mesmo Capitulo diz Galeno, que sendo estes apostemas internos, se pòdem resolver tomando os medicamentos que potentemente tem virtude resolutiva, como saõ triaga velha, athanasia, Ambrosia composiçaõ de calaminta, & outros aromaticos, de que elle usava, ainda para humores crassos, & lapidosos do bofe. Logo se Galeno conhecèra estes nossos medicamentos, naõ duvidàra de com elles poder curar os ditos apostemas por via de resoluçaõ. Cap. 95. tit.

Vindo pois aos tres modos de cura, que Galeno manda fazer aos taes abſceſſos; no que toca a resoluçaõ deve-se tratar della, applicando os mesmos medicamentos, que para as gomas temos ordenado, advertindo, que aos *Steatomas*, & *atheromas* se tenha mais cuydado de applicar os mollificantes, naõ insistindo sempre nos resolventes, porque como saõ de materia mais crassa, pòdem-se com mayor facilidade endurecer, & de tal sorte, que totalmente venhaõ a ficar incuraveis.

A extracçaõ por obra de mãos, veja-se se se pòde escusar, por ser trabalhosa,

eſpecialmente ſe eſtiverem em partes nervoſas, ou entre arterias, & veas, porèm naõ eſtando nellas, como ſuccede aos de cabeça, nem ſe podendo reſolver com os ſuores, & unturas, *ſe devem abrir em cruz ſubtilmente, que ſe naõ corte a tunica, ou folhelho, em que o humor eſtà metido, & logo atraveſſar o tumor com hũa agulha, & enfiarlhe huma agulha forte, & tendo-o conſtante com a linha o deſcarnaràõ de redor, de tal modo que ſe arranque inteyro ſem ficar pedaço de tunica*, porque ſe fica, della ſe torna a gerar outro de novo, E ſe acaſo naõ puder ſahir toda, gaſtar-ſcha a que ficar com os pòs de Joannes, ou ſemelhante medicamento corroſivo. Eſta obra de arrancar ſe pòde tambem fazer ſem ferro, gaſtando todo o tumor *com fogo potencial, ou applicado o cauſtico ſobre elle, ou fazendo hum buraquinho com a lanceta, ou cauterio delgado de fogo, & meterlhe dentro hum grão de ſolimão, ou ſemelhante medicamento, & porlhe em cima folha de couve com manteyga crua*, porque aos tres dias ſahe a modo de huma tubara, que rebenta da terra.

3.Simp 9. A maturaçaõ ſe póde fazer com os maturativos ordinarios de que falla Galeno, mas he neceſſario que ſe appliquem outros efficaciſſimos de partes tenues inſcindentes, & calefacientes, com alguma humidade, & vem eſtes a ſer quaſi da natureza dos emollientes porque como o humor he taõ craſſo, & frio de natureza, he neceſſario couſa que o atenue, & aquente para ſe poder cozer. *Deſte genero ſaõ as gomas ordmarias, bdelio, ſerapino, opoponaco, amoniaco, raizes de norça, de pepinos de Saõ Gregorio, figos ſecos pingues, & com iſto miſturarlhe tambem as raizes de malvaiſco, de malvas, manteyga crua, unto de porco, enxundia, caracois, formento, & açafraõ*: & Fallopio diz, ter por experiencia o diachilaõ mayor de Meſue, miſturandolhe algumas das ditas gomas, ou enxundia velha de gallinha, & pòde-ſe ordenar aſſim. Receyta: *Diachilão mayor huma onça, enxundia de gallinha, & amoniaco deſfeyto em vinagre, de cada hum meya onça, miſturem-ſe, & faça-ſe emplaſto.*

O mais que neſtes caſos importa madurar he o folliculo, ou folhelho, em que o humor eſtà envolto, como diz Fallopio, porque de outro modo abrindoſe ſem eſtar macerado, ou atenuado, naõ ha podello depois gaſtar. E conhecer-ſeha que eſtá jà brando, porque conforme diz o meſmo Author, em quanto o naõ eſtà, puxando pelo couro o podemos mover para huma, & outra parte, ficando o tumor em ſua conſiſtencia, & forma; mas eſtando jà o folhelho atenuado, & corrupto vay-ſe tambem o tumor com o couro para onde o puxaõ, & naõ ficarà conſtante, nem tambem o couro he taõ craſſo. E como chegar a eſte eſtado (o que ſe faz com ditos maturativos em tres, ou quatro dias) ſe abrirà (naõ ſendo no roſto por razaõ da cicatriz) com o cauſtico. o qual naõ ſómente abre, mas acaba de apodrentar o folliculo, & ſe delle ficar alguma reliquia, acabe de ſe gaſtar *com os pòs de Joannes, ou trociſcos de minio*, no ſemelhante.

Outro modo de madurar eſtes abſceſſos ha excellente, muy provado pela experiencia, a ſaber: *Tomaràõ hum pedaço de raizes de norça, & nelle faràõ huma cavidade da medida, & tamanho do tumor, & por-ſeha a aſſar no borralho como quem aſſa tubaras; ou cebollas; & como eſtiver meya aſſada, a poràõ no tumor de modo que fique elle recolhido dentro da dita cavidade*, advertindo, que naõ và taõ quente que queyme, & dahi a duas horas poraõ outro pedaço *de norça* novo do meſmo modo aſſada, & com ſua cavidade aſſim a iràõ renovando de duas em duas horas, ou o eſpaço, q̃ parecer que ſe eſfria a que eſtà poſta, porq̃ ſe o tumor naõ he muyto duro, em duas, ou tres horas o madura, & ſe he mais duro, em mais horas, & logo neſſe meſmo tempo por ſi ſe abre, & ſahe aquella materia, como

mo papas, ou mel, ou ſevo, ſegundo ella he. E na cavidade, que fica, ſe meterà *eſcabioſa piſada* para mundificar, ou qualquer outro mundificativo. E he eſte remedio provadiſſimo, naõ ſó para curar eſtes tumores pequenos, mas tambem para os grandes, que como hum melaõ nacem nas coſtas, & nadegas, mas neſtes põem-ſe a porça feyta em talhadas, para ſe poder cobrir todo o tumor, aſſando as, & mudando-as ſempre quentes cada duas, ou tres horas, porque em tres, ou quatro dias os madura, & faz arrebentar, & depois ſe acabe de gaſtar aquella carniça *com hum grão de ſolimão miſturado em meya onça de emplaſto capucho*, & ſe mundifique com a eſcabioſa, ou com qualquer outro mundificativo. E ſerve tambem eſta cura para alporcas, & para outros tumores deſte genero.

Numero 4.
Declara-ſe huma duvida.

NOte-ſe neſte modo de cura, quando Galeno diſſe, que eſtes ſe haviaõ de madurar, fallou pela palavra, *Putreſcere*, ou *Putre reddere*, que ſignifica em boa linguagem, apodrecer. E parecendo a Fragoſo, que iſto ſe havia de fazer com medicamentos *putre facientes*, & que era grãde inconveniente procurar podridaõ na parte, diſſe q̃ pela palavra *Putreſcere* ſe havia de entender queymar cõ medicamẽtos cauſticos. Enganou-ſe porèm Fragoſo, porq̃ ſe tal fora, naõ diſſéra Galeno, que os *Steatomas* naõ podiaõ receber cura por podridaõ, pois naõ ha tumor taõ duro, que naõ poſſa romper o cauſtico, pois he fogo potencial, & aſſim de força ha de poder queymar o *Steatoma*, que naõ he taõ duro como os legitimos ſcirrhos, pois ſe faz de materia como ſevo. Dirà alguem: ha logo quarto genero de cura, que ficou a Galeno por dizer, o gaſtar eſtes tumores com cauſticos, porque nem he reſolver, nem cortar, nem madurar, que nòs entendemos pela palavra *Putre reddere*. Nega-ſe a ſequela, porque eſte ſe reduz ao arrancar, ou cortar, pois Galeno fallou pela palavra *excidere*, que he cortar, extrahindo, & lançando fora, que ſignifica o *ex* E iſto ſe póde fazer, ſegundo o meſmo Galeno declara, ou com ferro, ou com fogo actual, ou com fogo potencial, qual he o cauſtico, pois hum, & outro corta, & divide o continuo naõ menos que o ferro, poſto que o fogo potencial o faz com menos preſteza. Lib. 2. cap. 15. Lib. 5. de medicam perg. c. 14. fol. 155. lit. D.

Ha-ſe logo de entender pela palavra de Galeno *apodrecer*, madurar, & converter em materia, como temos declarado, pois aſſim o entendeo Hippocrates quando diſſe: *Omne ulcus contuſum neceſſe eſt putrefieri, & in ſaniem converti. Toda a ferida contuſa de neceſſidade apodrece, & ſe converte em materia* como interpreta Galeno, porque ainda a maturaçaõ he huma cocçaõ, & obra da natureza, conforme Galeno, naõ he taõ perfeyto, que acabe de vencer toda a materia, como elle meſmo diz, porque alèm de ſer o ſugeyto, em que o calor natural obra, rebelde, & mal accommodado para ſer de todo vencido, obra tambem nella o calor preternatural, conforme nota o meſmo Galeno. E por tanto ha na maturaçaõ parte da putrefaçaõ, & neſtes apoſtemas, raro he ſer taõ perfeyta, que haja materia louvada, antes ſe faz outra como borra de pipa, & com certa virulencia, a que mais propriamente convem o nome de putrefacçaõ, que de maturaçaõ, & aſſim uſou Galeno do vocabulo mais conveniente, como tambem o fez em outra parte, onde claramente enſina os gràos, que ha de podridaõ, & cozimento nas materias dos abſeſſos. Lib. de ulcer. & lib. 1. de morb. Lib. 4. met. c. 5. & 5 ſimp. 9 Lib. cit. cap. 6. 2. aph. cap. 7. Lib. 1. de differ. feb. c. 6.

Os nòs, glandulas, & alporcas gallicas, ſe reduzem aos ditos tres generos de abſceſſos, como elles ſe devem curar.

Os apoſtemas edematoſos, aquoſos, & ventoſos, que procedem de morbo gallico, naõ tem couſa particular digna de annotaçaõ diverſa daquelles que naõ ſaõ gallicos, excepto o reſpeyto, que ſe deve ter à mà qualidade, applicando ao enfermo os alexipharmacos, azougue, páo, & ſalſa, por tanto naõ farey delles particular menção.

ANNOTAÇOENS.

Numero 1.

SAngria. *Quando for preciſo ſangrar nos tumores gallicos, naõ ſe deve ſeguir o que o Author aconſelha ſobre o lugar da ſangria, ſenaõ que ſe hade fazar na parte que mais conveniente ſe julgar para remedio do dano que com ella ſe intenta vencer; ſem o temor de que a ſangria haja de levar o contagio à maſſa ſanguinaria; porque como jà temos dito muytas vezes, de ſangrar no pè, ou no braço, naõ ſe ſegue eſte incommodo; ſobre o que ſe veja o que diſſémos nas Annotações ao* num. 1. do Capitulo VII. *ao* num. 5. do Capitulo VIII. *ao* num. 2. do Capitulo XI. *&* *ao* num. 2. do Capitulo XIII.

Enfraquecer o figado. *Diz o Author que os gallicados ſe fazem cacheticos, por ſe enfraquecer o figado, eſtando no êrro de que eſta parte era officina da ſanguificaçaõ, de cuja debilidade ſe ſeguia o gerar ſangue aquoſo, mal elaborado, de que procedem as cachexias, & hydropeſias univerſaes do corpo. Mas eſtes danos quando ſuccedem nos gallicados, he porque o contagio vicia o ſangue, deſtruindolhe o ſeu acido benigno, & ſuave, introduzindolhe hum acido victoſo, de que provem as muytas coagulações, que em varias partes experimentaõ os enfermos nos tumores, & abſceſſos que padecem; perdendo-ſe as partes balſamicas, & eſpirituoſas do ſangue, de que reſultaõ os danos cacheticos, que o Author com os Antigos erradamente impõem ao figado, como muytas vezes temos notado neſta obra ſobre o que ſe veja o que diſſémos nas Annotações ao* Capitulo II.

Numero 2.

CAuſas. *As gomas, & os mais tumores ſcirrhoſos, que ſe achaõ nos gallicados, tem por cauſa os acidos vicioſos venereos de tal actividade, que fazem varias coagulações no periоſtio dos oſſos, & em outras mais partes em que apparecem; & por iſto ſó com o mercurio ſe desfazem bem eſtes tumores; que por ſer o melhor alexipharmaco deſte contagio, he generoſiſſimo abſorvente dos acidos, a que immediatamente ſe communica; porque como temos dito muytas vezes, he o mercurio taõ penetrativo, que entrando no corpo, naõ ha parte nelle a que naõ chegue, & que naõ regiſte.*

Extinguir a qualidade gallica. *Eſte deve ſer o principal eſcopo na cura das gomas; porque empenhar em remedios topicos. em quanto ſe naõ extingue o contagio, he trabalhar de balde, & póde ſer nocivo, como neſta terra vimos em hum homem, que tendo huma goma na perna direyta, que com hum pouco de azougue ſe podia curar em oyto dias, teve a infelicidade de dar com Cirurgiaõ, que naõ conhecendo a goma, a tratou muyto tempo com remedios reſolventes, de que ſe ſeguio, que o tumor ſuppuraſſe, & que o perigo, & oſſo da perna ſe corrompeſſe, fazendo cruelliſſimas dores, com febre continua; & abrindo o Cirurgiaõ a goma, a cura ſe concluhio de maneyra, que ſe gangrenou toda a perna, & cortandolha por cima do joelho, foy jà em termos, que poucos dias depois acabou a vida. A cura das gomas naõ ſe deve fazer com remedios locais; & eſtes ſómente ſe haõ de applicar quando ellas ſe conſervaõ depois de extinto o contagio com os ſeus alexipharmacos, entre os quaes he o azougue o mais generoſo, no que*

ha

ha tantas experiencias, que he escusado referir algumas; & ordinariamente naõ he necessario outro genero de remedios, depois de usar do azougue; porque só com elle se desfazem as gomas; & quando assim naõ succeda, então tem lugar os remedios externos, de que logo fallaremos.

Remedios locaes. *Estes haõ de applicar-se nas gomas, quando depois de feyta a cura alexipharmaca, ainda conservaõ alguma dureza; & serão os remedios preparado com mercurio, & com cousas que tambem tenhaõ virtude discoagulante desta maneyra:*

Tomem de emplasto de rans huma onça, de azougue vivo extinto com agua ardente meya onça, de pòs de euforbio meya oytava; misturem-se, & faça-se emplasto.

Este he efficacissimo:

Tomem de emplasto de esperma ceti meya onça, de azougue morto com agua ardente tres oytavas; misturem-se.

Naõ tem menos virtude o emplasto magistral de Tenque, de que fizemos mençaõ nas Annotações ao num. 3. do Capitulo XII.

Se com os remedios topicos se naõ acabarem de desfazer as gomas, tenhão entendido, que naõ está extinto o contagio gallico, que as conserva; & que he necessario repetir a cura, sendo sempre mercurial; que muytas vezes he taõ activo o gallico, que resiste às primeyras curas, & vem a extinguir-se repetindo-as.

Numero 3.

A Theroma, &c. *A cura destes abscessos, he a que convem aos tumores gomosos, & duros; & quando he naõ aproveyte, naõ ha mais que abrilos com ferro, & tiralos fóra com os seus folhelhos, operaçaõ, que os Cirurgiões fazem com muyta facilidade.*

CAPITULO XXXVI.

Das pustulas gallicas, & sinaes, que dellas ficaõ.

Numero 1.

HUM dos symptomas ordinarios do morbo gallico, saõ as pustulas, que em todo o corpo nacem, porèm as mais frequentes, & de mayor molestia saõ as do rosto, em razaõ da fealdade, & as do ceo da boca pelo impedimento, que fazem ao comer, & outras, que nacem no canal de entre nadegas, porque impedem o assentar, & andar a cavallo. Saõ as pustulas gallicas de dous generos, conforme Fallopio, que melhor que todos observou, & curou os symptomas gallicos: humas tem bostela, costra, ou escama, outras naõ tem cousa alguma destas, & se levantaõ hum pouco mais que bertoeja grossa, & saõ algumas vezes redondas, outras compridas, & no meyo de cor branca, mas de redor vermelha, como carne de prezunto magra, & desta cor saõ as do ceo da boca, rosto, & partes bayxas. As quaes costras saõ pela mayor parte redondas, & debayxo da costra ha algumas vezes materia, outras naõ tem humidade alguma, & a materia he viscosa, humas vezes branca, outras como mel, outras declinante a negra, & às vezes he a costra inteyra, outras chea de gretas, & todas ellas de ordinario doem pouco, posto que as cocem, & debolem. Lib. de morb. gal cap. 93.

E diz o dito Fallopio, que as pustulas saõ mais certo final de morbo gallico, porque aindaque possaõ proceder de calor de figado naõ gallicado, com tudo se conhecem facilmente, naõ sendo gallicas, porque esfregando as, & debolando-as, dahi a tres dias (sem neste meyo tempo lhes tocarem) ou de todo saõ,

raõ,

raõ, ou crecem notavelmente; mas ſe ficarem conſtantes no meſmo eſtado que eraõ, he certiſſimo que de contagio procedem. E haverà os outros ſinaes que do morbo gallico diſſémos.

De ordinario naõ tem neceſſidade de cura particular, porque feytas as evacuações univerſaes, & tomados os alexipharmacos gallicos, logo deſapparecem. Mas porque algumas vezes ſuccede ſerem taõ rebeldes, que naõ cedem aos ditos remedios, ſe lhes devem alguns particulares applicar, advertindo com Rudio que naõ ſe lhes appliquem repellentes, porque naõ retroceda o contagio para dentro do corpo, ſalvo às da boca pela grande moleſtia que daõ nella, & temor de ſe corromper o oſſo do pádar. Lavarſehaõ logo as deſta parte *com agua de tanchagem, em que ſe tenha cozido o guayacaõ*, & ſe a inflammaçaõ for muyta, miſturem-lhe *leyte*, ou ſe faça cozimento *de cevada, folhas de ſylvas, & roſas ſecas.* As das partes bayxas ſe lavem com cozimento do guayacaõ, ou ſemelhante, que deſeque, & reſolva, *como de fumaria, labaça, macella, parietaria, & farelos de trigo feyto em vinho branco.* E ſe eſtes medicamentos brandos naõ baſtarem, toquem-ſe *com agua alumminoſa magiſtral* de Fallopio, ou com outra agua *de ſolimaõ*, ou ſe miſturem *pòs de Joannes de Vigo com manteyga, ou unguento roſado*, tendo coſtra, *ou com unguento de tutia, ou de chumbo, ou branco, de Rhaſis*, (depois della cahida, ou naõ a tendo) miſturando *a cada onça de unguento duas oytavas de pòs*, ou tanto delles, como de unguento nas puſtulas muyto rebeldes. E ſe cauſar dor, ou inflammaçaõ, ſe appliquem os meſmos unguentos lavados em agua roſada ſem os pós, ou ſe ponha a meſma agua por ſi ſó, ou a de tanchagem, ſe a inflammaçaõ for muyta.

Lib. de luc. ven. cap. 21.

Advirta-ſe que ſe a malicia das puſtulas naõ for exceſſiva, ſe deſtempere a dita agua de Fallopio, & ſe comece ſempre com a mais deſtemperada, & depois ſe irà pondo de cada vez mais forte conforme a neceſſidade o pedir; ou ſe tente primeyro ſe baſta *agua de pedra lipis, ou a de Lanfranco*, ou ſe unte *com ſabaõ molle*, que he remedio, que de ordinario baſta. Tambem me parece muy accommodada eſta agua. Receyta: *Elleboro branco, & negro, de cada hum duas mãoscheas, labaça verde duas libras, pepinos de Saõ Gregorio quatro oytavas, carne de meloens com ſuas pevides tres libras, carne, & çumo de limaõ quatro libras, tudo ſe miſture, & paſſados tres dias ſe deſtille em alambique de vidro.* Tira todas as puſtulas, manchas, & aſperezas, & he de Dominico Leono Lunenſe. E ſe naõ baſtaõ eſtas couſas, faça-ſe hum linimento *de enxundia velha de gallinha, & ſevo de bode, & oleo de alacraes, tanto de huma couſa, como de outra, tudo miſturado.* E ſobre todos os remedios he o mais efficaz *oleo de viboras*, ſegundo Fallopio, que ſe ordena *fazendo duas viboras em pedaços, & lançando-as em hum quartilho de azeyte cõmum, & pondo tudo em hum vidro ao Sol dos Caniculares*, & fica feyto hum oleo de cheyro acerrimo, & de grandes virtudes para eſtas puſtulas, defluvio de cabellos, & outros muytos ſymptomas; & ſe ainda as puſtulas naõ obedecerem, torneſe a applicar a agua *de Fallopio pura, & o dito oleo alternadamente* Ou ſe miſture *ſolimaõ, & manteyga crua, tanto de hum, como de outro*, & ſe applique, porque he mais efficaz que tudo, & dentro de meya hora traſpaſſa toda a puſtula; & ſendo corpo tenro, & delicado, menos tempo baſta, & aſſim ſe advirta naõ ſe deyxe eſtar muyto, porque farà grande chaga.

In meth. curand. feb. & rum. prax.

Fragoſo tem grande experiencia deſte unguento que tambem me parece muyto efficaz. Receyta: *Azougue morto com azeyte roſado, alvayade, fezes de ouro, de cada hum ſua onça, pòs de Joannes de Vigo hũa quarta, miſture-ſe tudo*, & pòdem-ſe applicar os mais remedios, que diſſémos para as puſtulas do gallico incipiente.

In ant. 2. part.

Numero 2.

Sinaes que ficão das puſtulas gallicas.

ORdinariamente ficaõ deſtas puſtulas, huns ſinaes vermelhos, ou negros pela cara, de grande aborrecimento. Eſtes ſe tiraõ *com as raizes da celidonia verdes pizadas com enxofre*, & applicadas, *ou com caſcas de ovos torradas feytas em pò, & miſturadas com agraço; ou çumo de limão.* Ou ſe applique hum linimento de Fragoſo, que ſe faz aſſim. Receyta: *Raizes de helenio, & de lirio, de cada hum ſua onça, & ſe miſture com clara de ovo, & com hum pouco de vermelhão, & untem-ſe à noyte, & pela manhã ſe lavem com agua de fumaria.* He muyto efficaz eſta agua de Dominico Leono Lunenſe. Receyta: *Cebola albarrãa, amegos de limões, de cada hum partes iguaes, pizem-ſe, & miſturem-ſe, & deſtillem-ſe em alambique, ou ſe extraya delles oleo.* Ou ſe applique eſte, que tambem he muyto bom, conforme o meſmo Author. Receyta: *Sal nitro huma oytava, oleo de amendoas amargoſas huma onça, miſturem-ſe.*

Loc. cit.

Cap. de tum præt. nat. ad fin.

E ſe os ſinaes forem vermelhos, applique-ſe o leyte virginal de Guido, que ſe pòde fazer deſte modo, conforme Trajano. Receyta: *Vinagre branco forte huma libra, fezes de prata meya libra, ferva hum pouco; & fóra do fogo ſe deyxe aſſentar, ſe coe por panno baſto de lã, & ſe ajunte agua roſada quatro onças, ſalgema huma onça, boràs* (que he o que chamaõ *atincar*) *meya onça, canfora quatro eſcropulos, torne a ferver, & torne-ſe a coar, & ficará hum licor como leyte*, que tira muyto bem os ſinaes, & principalmente ſerve para os que tem deſtemperança calida.

Tract. 7. cap. 2. & nat. 6. c. 2. Lib. 7. cap. ult.

E para todos elles ſendo muyto rebeldes, *ſe frijão dous lagartos vivos em azeyte atè ſe gaſtar a terça parte, & lançando fóra os lagartos ſe faça unguento com cera.* Ou ſe applique *o rabaõ galizo pizado à modo de emplaſtro.* Ou ſe faça eſte unguento. Receyta: *Farinha de tremoços, pedra-hume, fel de cabra çumo de limaõ, de cada couſa partes iguaes, miſturem-ſe.* E quando não obedeçaõ a medicamento algum, ſe faça à agua ſeguinte que he efficaciſſima.

Receyta: *Agua roſada, çumo de almeyrão, de cada hum oyto onças, ſolimão duas oytavas; & quatro claras de ovos batidas, & tudo ſe miſture, & ſe troga ao Sol oyto dias*; porque tira eſtes ſinaes, & os das bexigas, & quaeſquer outros admiravelmente.

ANNOTAÇOENS.

Numero 1.

OS ſeguintes remedios ſaõ de grande utilidade neſtas, & em quaeſquer outras puſtulas, que procedaõ de ſangue ſalſuginoſo, acre, mordaz, & corroſivo.

Tomem meya onça de fezes de ouro, meya oytava de aſſucar de chumbo, quinze grãos de ſolimaõ; miſturem-ſe.

Tomem duas oytavas de alvayade, huma oytava de myrrha, oytava & meya de fezes de ouro, hum eſcropulo de mercurio doce, huma onça de unguento de chumbo; miſturem-ſe.

Tomem huma onça de ſevo de cabrito, derretido quatro vezes, & lançado outras tantas em agua roſada; duas oytavas de manteyga de Saturno; hum eſcropulo de pedra-hume, meya oytava de mercurio doce; miſturem-ſe.

Tomem duas oytavas de pòs de pedra medicamentoſa de Crolio, huma oytava de mercurio doce; miſturem-ſe, & encorporem-ſe com quanto baſte de unguento de chumbo, ou de fezes de ouro.

A pedra medicamentoſa de Crolio prepara-ſe na fórma que diſſemos nas Annota-

çoens ao Capitulo VII. *aonde ſe acharão muytos mais remedios convenientes para eſtas puſtulas.*

Numero 2.

A eſtes remedios ſe pòdem ajuntar os ſeguintes.

Tomem meya onça de alvayade, outra meya de fezes de ouro, duas libras de vinagre branco; ponhão-ſe quatro horas em fogo lento, depois fervão, & tirando-ſe do lume, ajuntem-lhe duas oytavas de aſſucar de chumbo. He excellente para todos os ſinaes, ou de puſtulas, ou de qualquer outra cauſa; & para as nodoas dos que padecem melancholia.

1. Etmull tom. 2. fol mihi 570. in fine col. 1. 2. Crato lib. 4 conſ. 8. Sen. tom. 3. fol mihi 193.

Tomem meya onça de pòs de moſtarda, lancem-nos em quatro onças de vinagre branco, & com elle ſe lavem os ſinaes das puſtulas, & quaeſquer outros, que os tirará de repente, ſe he certo o que diz Etmullero 1.

Tomem meya onça de fezes de ouro, quatro onças de vinagre; ferva atè gaſtar a terça parte. Em outro vaſo ferva meya libra de agua roſada com meya oytava de ſal, & outra meya de pedra-hume, & hum eſcropulo de incenſo. Miſturem-ſe todas eſtas couſas, depois de coadas; & com o licor, ou leyte que ficar, ſe lavem os ſinaes. Eſte remedio louva Cratão, 2. & Senerto.

Leyte virginal de Lotichio.

O leyte virginal de Lotichio he remedio que não merece o ultimo lugar; prepara-ſe deſte modo.

3. Lotich. obſ. 1. lib. 6. 4. Pharm. Luſitan. fol. 52.

Tomem meya onça de fezes de ouro, meya oytava de pedra-hume, oytava & meya de boràs, duas oytavas de alvayade, hũa onça de vinagre, onça & meya de agua roſada, outro tanto de agua de tanchagem; fervão a fogo lento, atè gaſtar a terça parte; coe-ſe, & junte-ſe duas oytavas de çumo de limão azedo. Acha-ſe em Lotichio. 3. Quem quizer mais remedios para tirar ſinaes, veja a Pharmacopea Luſitana 4. aonde acharà muytos leytes virginaes de boa efficacia.

CAPITULO XXXVII.

Da ſarna, impigens, & fleuma ſalſa do morbo gallico.

Numero 1.

QUando a ſarna gallica ſe naõ tira com os ſuores, & unturas de mercurio, he neceſſario applicarlhe alguns remedios locaes. E pòdeſelhe fazer eſte unguento. Receyta: *Enxofre quatro onças, alvayade, fezes de ouro, de cada hum huma onça, çumo de limão huma onça, pedra-hume queymada tres oytavas, ſolimão huma oytava, manteyga crua huma onça, oleo roſado quanto baſte, faça-ſe linimento em almoſariz de chumbo, & unte-ſe o enfermo manhãa, & noyte atè que ſare* Advertindo que ſe for menino, ou peſſoa delicada, que naõ ſe lhe miſture *o ſolimão*, ou lhe miſturem hum eſcropulo ſómente. E algumas vezes baſta untar *com enxofre, & azeyte miſturados.*

He tambem muyto efficaz o unguento de Alderete, que ſe faz deſte modo, conforme Oviedo. Receyta: *Trementina duas onças, manteyga crua quatro onças,* cap. prop. *alvayade tres onças, pedra-hume queimada duas oitavas, ſolimão cinco eſcropulos, duas gemas de ovos, çumo de limoens tres onças; lave-ſe a trementina, & embeba-ſe o çumo de limão no unguento; eſendo Inverno ajuntelhe unguento roſado, para que o unguento eſteja brando.* E ſendo peſſoa delicada naõ ſe lhe lance mais que ametade do ſolimão; & ſendo menino eſcropulo & meyo baſta.

O unguento ſeguinte he de grande efficacia. Receyta: *Enxofre quatro on-*

ças,

ças, unto de porco tres onças, oleo de louro duas onças, vinagre, & agua roſada, de cada hum duas onças, ſolimaõ meya oytava, cera nova huma onça. Ferva o ſolimaõ com o vinagre, & agua roſada, & dando duas fervuras ſe tire do fogo, & ſe deyxe aſſentar no fundo do vaſo, & depois coe-ſe por panno de lã muyto baſto, & ſe miſturem os licores com as mais couſas, & ſe fará unguento; ou cozendo as couſas untuoſas, & oleo atè ſe gaſtarem o vinagre, & agua, (que ſerà melhor) trazendo-os em almofariz de chumbo.

Para meninos ſe fará eſta. Receyta: *Azeyte commum, & trementina lavada, de cada hum tres onças, ſal commum moído tres oytavas, miſture-ſe tudo.* E ſe não baſtar, *ajuntelhe meya oytava de verdete, duas de pedra hume queymada*; ou ſe faça para meninos mais novos. Receyta: *Cumo de labaças, & de herva molarinha, manteyga crua, & unto de porco, de cada hum partes iguaes, fervaõ atè ſe gaſtarem os çumos*; ou ſe ordene eſte de Benivenio. Receyta: *Nitro doze partes, enxofre quatorze partes, miſturem-ſe com muyta rezina*, & faça-ſe unguento. De abdi. cap. 2.

A homens do campo, & corpos robuſtos, ſe mande untar *com çumo de raizes de troviſco, ou de canafrecha.* Ou ſe faça eſte unguento, que faz purgar pela ourina toda a materia da ſarna, pondo-o ſómente nas palmas das mãos, & ſolas dos pès. Receyta: *Enxundia de gallinha cinco onças, oleo de louro, azougue, cera, incenſo, almecega, de cada hum duas onças, ſal commum huma onça, çumo de tanchagem, & de fumaria, de cada hum tres onças, fervaõ os çumos, enxundia, & oleo atè ſe os çumos gaſtarem, & depois ſe ajuntem as outras couſas preparadas como convem. Applique-ſe a cada palma da maõ, & ſola do pè tanto como huma avelã, & eſfregue-ſe fortemente atè que ſe ſuma.* He de Euſtachio Rudio. E todos eſtes unguentos ſe pòdem applicar a qualquer eſpecie de ſarna, poſto que não ſeja gallica. Part. 2. de ext. affect. l. 1. c. 9.

Numero 2.

Impigens, & fleuma ſalſa do morbo gallico.

A Eſtes affectos, alèm da applicação *da ſalſa, pao, & azougue*, que ſempre he neceſſaria a tudo o que de gallico procede, ſe lhe applicaràõ os meſmos remedios da ſarna, porèm haõ de ſer os mais fortes, em que entre *ſolimaõ, & azougue*, & ainda ſe devem vigorar mais. E Monardes diz, que ſe lavem *com agua de ſolimaõ deſtemperada com agua roſada, & logo ſe lhe applique emplaſtro de Guilhem Servem*, ou *diapalma, eſtendido em panno de linho delgado, ou tafetà*, fazendo iſto huma, ou duas vezes cada dia, porque em quinze dias os mundifica, encarna, e encoura. Fragoſo uſa deſte, que ſegundo dizhe muyto provado, & a mim me parece muy bem. Receyta: *Unto de porco, & oleo de louro, de cada hum meya onça, unguento roſado tres oytavas, ouro pimenta duas oytavas, ſolimaõ meya oytava, fezes de ouro, alvayade, azougue morto com ſaliva, de cada hum cinco oytavas, verdete oytava & meya, faça ſe unguento em gral de pedra.* 1. part. de la ſal. In abtid.

Advirta-ſe porèm ſe o enfermo antes de cahir no gallico tinha jà eſte mal, porque ſendo iſto, he neceſſario ir mais attento com os remedios, por quanto procede eſta enfermidade de calor de figado, & de humor quente. Por onde os taes devem tomar *o pao, & ſalſa deſtemperados*, a ſaber, *menor quantidade, menos tempo de infuſaõ, & menor cozimento, & ajuntarlhe cevada, raizes de almeyraõ, & outras couſas refrigerantes.* E o melhor de tudo he curar eſtes com os unguentos de Mercurio, como aconſelha Rudio, poſto que não parece bem a Mercado, porque cuyda que o mercurio repercute eſtes humores às entranhas, razaõ frivola, como em outra parte moſtraremos. Lib. 5. de mor. ven. cap. 15. fol. 199. Lib. 2. de morb. gallic. cap. 1. 2. part. 4 quæſt. 37

ANNOTAÇOENS.

Numero 1.

SE naõ tira com ſuores, & unturas. *Muytas vezes temos encontrado com ſarnas gallicas, que deſprezàraõ ſuores de jalſa, & pao ſanto; mas nunca achàmos alguma tão rebelde, que não cedeſſe ao azougue, principalmente ſendo applicado em unturas. Com mercurio tomado pela boca temos curado muytas peſſoas, que padeciaõ eſtas ſarnas, & em algumas não forão neceſſarios remedios locaes; porque ſó com o mercurio ſe curàraõ; em outras foy preciſo uſar de unguentos para acabar com o fermento eſcabioſo, que havia na pelle; porèm os que tomàraõ unturas de azougue, livràraõ da ſarna com ellas facilmente, & jà antes de haver gallico, uſavaõ os Medicos de unguentos de azougue para curar as ſarnas rebeldes; & foy o modo com que ſe reconheceo, que o azougue tinha virtude para eſte contagio, vendo que os eſcabioſos naõ ſó ficavão curados da ſarna com unguento de azougue, mas tambem ficavão livres de todos os ſymptomas gallicos. Por iſto aconſelhamos, que os que tiverem ſarnas gallicas, ſe curem com mercurio, & ſe untem com unguentos mercuriaes.*

1. Lem. in pharm. univerſ. cap. 11. de aquis Agua mercurial de Lemeri.

Nicolao Lemeri 1. *inculca para ſarnas rebeldes, & comichoens do corpo huma agua mercuriada, que ſerve tambem para os tinhoſos, & para as chagas que ficão depois de curados os encordios.*

A ſua preparação he eſta:

Tomem duas onças de alvayade, onça & meya de pedra hume, hũa onça de ſolimão, outra de fezes de ouro; duas oytavas de ſalitre, outras duas de ammoniaco, oytava & meya de gingibre, hũa libra de vinagre; de agua de centinodia, de herva moura, de tanchagem, & de roſas; de cada couſa deſtas tres onças; miſturem-ſe, & fervão levemente.

A ſeguinte agua ſabemos nòs que he excellente para curar qualquer ſarna, ou ſeja, ou naõ ſeja gallica.

Agua de ſolimaõ de Fragoſo para curar ſarna.

Tomem oyto onças de agua de tanchagem, duas onças de agua roſada, outras duas de agua de flor de laranja; ponhão-ſe em vaſo vidrado com meya onça de ſolimão; fervão a fogo lento hum quarto de hora. He de Fragoſo, no ſeu Antidotario, fol. 487. *Com eſta agua fria ſe lavaràõ as partes em que houver ſarna, que em tres, ou quatro vezes a coſtuma ſecar.*

Para meninos. *Os meninos que tiverem ſarna, haõ de curar-ſe com remedios brandos, porque com os fortes ſe offendem às vezes tanto, que lhe daõ febres, & eriſipelas. Para elles, & para quaeſquer peſſoas, que tiverem ſarnas ordinarias, he excellente remedio eſte:*

Tomem meya onça de eſtoraque liquido, huma onça de azeyte commum; miſturem-ſe ao fogo, mexendo-os muyto bem; & untem-ſe às noytes, que em tres, ou quatro unturas eſtaràõ curados. He remedio, que ſobre ſer efficaz, não tem cheyro tão ingrato como o do enxofre, & de outras couſas com que commummente ſe cura a ſarna.

CAPITULO XXXVIII.

Do defluvio de cabellos, que ſuccede aos gallicados.

Numero 1.

AOs da primeyra eſpecie do morbo gallico, não acõpanhaõ outros ſymptomas mais que pelaremſelhes os cabellos, como jà em ſeu lugar diſſemos. Porèm algumas vezes ſuccede complicar-ſe eſte accidente com as outras eſpecies,

cies, & não ſe remediar com a cura ordinaria ſem particular providencia.

Ha pois duas indicaçoens na cura deſte affecto, huma he preſervar que não cayaõ os cabellos, que ainda eſtaõ arreygados; outra que ſe regenerem os que tem cahido. E como a cauſa de cahirem ſaõ humores, & vapores acres, & mordazes gallicos, que lhes roem as raizes, porque neſte caſo não ha as outras cauſas que Galeno aponta, a primeyra intenção que occorre, he conſumir, & gaſtar os taes vapores, que eſtão na parte affecta, com medicamento, que efficazmente os reſolva, & conſuma. E logo a ſegunda adſtringir, & apertar os pòros, para que ſe conſervem os cabellos que ainda não cahirão. E a terceyra avocar o alimento à parte, para que ſe regenerem os que faltaõ. As quaes ſe haõ de executar depois de feytas as evacuaçoens univerſaes, & do uſo dos medicamentos contra o gallico, pao, ſalſa, azougue, como eſtà dito em ſeus lugares.

Em comprimento deſtas intençoens ſe mandarà ao enfermo que pelas manhãs em jejum, & à tarde hora & meya, ou duas antes de cea, faça maſticatorios que evacuem da cabeça. E pòdemlhe mandar que maſtiguem *almecega, ou pimenta, cravos de eſpecie, ou eſtafiſagria*; & ſobre tudo he melhor *piretro*, trazendo iſto na boca bom eſpaço, com que cuſpirà muytas fleumas; ou traga na boca *folha de tabaco*, que as evacua grandemente, ou para melhor tome o fumo delle. l.d. 2. comp. ſecund. loc. cap. 1.

A cabeça mandaràõ rapar à navalha, & quando o enfermo o não admitta, aſſim com o cabello lha lavaràõ; & a barba (ſe tambem ſe pelar) com o cozimento ſeguinte: *Tomem loſna, betonica, alecrim, roſmaninho, mentraſtos, poejos, de cada hum huma maõcheа, maçãs de acipreſte meya duzia, roſas ſecas, murta, de cada hum meya maõcheа, troviſco duas mãoscheas, tudo ſe coza em quatro canadas de decoada de cinza de vides, ou de carvalho, ou para melhor, de figueyra, que ſe gaſte ametade, & coe-ſe, & com iſto quente ſe lave, & eſfregue muyto bem a cabeça, & ſe enſaboe com ſabaõ molle, ou Francez, duas vezes no dia, manhã, & tarde depois de ter feyto os maſticatorios.* Acabada a lavagem ſe unte com unguento, que ſe farà *de cortiça queymada, & almecega, tanto de huma couſa, como de outra, tudo miſturado com borras de azeyte velho, ou com mel.*

He tambem provado por experiencia de Fallopio, *cozer raizes de rabãos em vinagre, & lavar com elle o lugar dos cabellos, & acabada a lavagem ſe enxugue a cabeça; & ſe applique, para deter que não cayaõ, laudano miſturado com oleo roſado onſancino*, ou ſe applique *o unguento da Condeſſa bayxo de ponto, com oleo de minhocas.* E melhor de tudo he o medicamento ſeguinte, que tem virtude de reſolver os humores acres da parte, & juntamente de reter os cabellos. Receyta: *Gingibre, pimenta longa, ou commua, cominhos, de cada hum huma oytava, goma Arabia, incenſo, de cada hum duas oytavas, acacia, laudano, de cada hum meya oytava; moaõ ſe as couſas que ſe pòdem moer, & borrifem-ſe com agua ardente, & deyxem-ſe ſecar*, & iſto tres, ou quatro vezes, & depois com as mais couſas, & com o que baſtar *de oleo de baga de louro, & cera amarella nova, ſe faça unguento.* E ſe com tudo os cabellos forem cahindo de todo, (couſa que he de grande fealdade, & ha homem que antes padecerà tormentos de dores, que chegar a ſer pelado) neſte caſo aconſelha Fallopio, que ſe dem *fumos de cinabrio, naõ ao corpo: ſenaõ à cabeça, ou barba ſòmente.* Os pòs para os fumos ſe faraõ aſſim. Receyta, *Pòs de todos os ſandalos, incenſo, pao de Aguila, de cada hum meya onça, myrrha, cinabrio ouro, pimẽta, de cada hum hũa onça, miſturem-ſe, & lancem-ſe pouco a pouco ſobre as brazas, & receba o enfermo o fumo por toda a cabeça, & barba.* E ſe parecerem que não baſtão, façaõ-ſe eſtoutros mais fortes. Receyta: *Azevre, incenſo, beijoim, canfora, de cada hum tres oytavas, cinabrio, ouro, pimenta, marchaſita aurea,*

de cada hum huma onça, miſturem ſe. Tambem ſe pòde uſar dos pòs, que acima receytamos para os tumos univerſaes, & alèm dos que ſe daõ à parte, ſe com tudo o mal não obedecer, dem-ſe em todo o corpo, & ſe dem as unturas de azougue, & ſe torne aos ſuores do pao, ou ſalſa, porque muytas vezes ſuccede não ſe querer eſte mal emendar ſem repetir a cura duas, ou tres vezes.

E para regenerar os cabellos, que eſtiverem cahidos, ſe a natureza o não fizer, & houver conſideravel falta, ſe lavarà a cabeça *com cozimento de poejos, mentraſtos, abrotano, avenca, & centaurea menor, que o vulgo chama fel da terra.* Ou ſe lave *com mel deſtillado em alambique, ou com ourina deſtillada.* Ou ſe faça eſta agua, que he mais efficaz. Receyta: *Vinho de malvazia, ou outro, que ſeja excellente, ourina de meninos, leyte de vacas, de cada hum huma libra, mel commum cru meya libra, miſture-ſe, & deſtille-ſe em alambique, & lave-ſe a cabeça*, que em breve faz naſcer os cabellos, & depois de lavada unte-ſe com oleo feyto deſte modo.

Receyta: *Euphorbio duas oytavas, tapſia* (em lugar della pòde ſervir *a raiz de canafrecha*) *meya onça, turbith huma oytava, cariofilos tres oytavas, oleo de amendoas doces libra & meya, pize-ſe, & moa-ſe tudo, & ſe miſture com oleo, & ſe meta em hum ourinol groſſo, ou ſemelhante vidro, o qual ſe ponha dentro de hum caldeyraõ de agua a ferver eſpaço de oyto horas, & depois ſe tire do fogo, & ſerva outras tantas horas em cada hum aos tres dias ſeguintes, depois ſe deyxe eſtar quieto quatro, ou cinco atè que as fezes ſe aſſentem, & ſe tire o oleo limpo, & ſe guarde.* Dizem del-
Lib. 5. de morb. ven. c. 11. le Fallopio, & Rudio, que às vezes faz naſcer os cabellos dentro de vinte & quatro horas. Advertem porèm que he muyto calido, & adurente, & aſſim he neceſſario que delle ſe applique pouco, & com cautela, porque ſe a não houver, farà herpe miliar, ou eryſipela; & ſe ſucceder delle ardor, mandaõ ſe unte *com oleo roſado, ou violado*, ou para melhor, appliquem-ſe *pannos de leyte, ou de malvas, ou de agua roſada*, ſe for o ardor muyto, porque os oleos ſaõ ſuſpeytoſos nas inflammações; & para mayor ſegurança não ſe applique o ſobredito oleo cada dia, ſenão em dias alternados, como aviſa o meſmo Author.

Lib. 2. de pud c. 6. Lib. 7. cap. 7. pag. 176. Diz Angerio Ferrerio, que ſe lave a cabeça *com agua deſtillada de triaga magna, vinagre, & agua ardente, tudo metido em alambique, & deſtillado.* E para gente pobre, ordena Alexandre Trajano, que ſe lave a cabeça *com ourina de meninos, & ſe enxugue, & ſe unte com unguento, que ſe farà de cal virgem duas partes, oleo roſado onfancino huma*, como agora, *cal huma libra, oleo roſado huma libra, & cada quatro, ou cinco horas ſe mude*, porque em quatro, ou cinco dias os faz naſcer, mas applique-ſe attento, porque he a cal aduſtiva. Ou ſe faça eſte remedio, que he facil, & excellente. Receyta: *Sanguiſugas, veſpas, abelhas, moſcas, caracoes limpos das caſcas, tudo ſe pize, & ſe miſture, & ſe meta em hum vaſo de vidro, que tenha hum buraco no fundo, & ponha-ſe ſobre outro vaſo, & com o que delle correr ſe untem as partes onde faltaõ os cabellos.* Tambem os meſmos animaes fritos em azeyte, & mel fazem o meſmo effeyto. E quem quizer mais remedios, recorra aos Authores, que tratãõ do defluvio de cabellos, & acharà muytos.

ANNOTAÇOENS.

NOs defluvios de cabellos, que procedem de vicio contagioſo gallico, toda a cura depende de extinguir inteyramente o contagio com os ſeus alexipharmacos; que feyto iſto, ceſſarà o defluvio; & nas partes em que faltar cabello, quando não và naſcendo, ſe uſaràõ os remedios ſeguintes.

Primeyramente ſe raparà à navalha a parte depilada, & ſe eſfregarà varias vezes com

com hum panno molhado em agua ardente morna, da mais fina que houver; & depois se untarà com unto de homem que acabaſſe a vida em morte violenta; que eſte he hum dos melhores remedios que pòdem uſar-ſe para renacer o cabello.

Tambem eſte não he pouco efficaz:

Tomem huma pouca de carne de vaca limpa da gordura, coza-ſe em agua, & quando ferver, tire-ſelhe a eſcuma, guarde-ſe, & depois de convertida em agua, ſe và lavando com ella a parte em que houver de renacer o cabello.

Ou ſe uſe deſte unguento:

Tomem pòs de ratos domeſticos torrados no forno, pòs de avenca, de cinza de raiz de cana, de cinza de pelos de cabra, de cada couſa deſtas partes iguaes; miſture-ſe tudo com unto de Urſo, ou de homem morto com violencia, quanto baſte para fazer linimento. Quem quizer mais remedios para que naça o cabello, veja a noſſa Medicina Luſitana, no Capitulo IV. do livro 2. da 2. parte.

CAPITULO XXXIX.

Das talparias.

Numero 1.

ENtre os Antigos naõ acho que outro fizeſſe menção das *talparias* ſenaõ Hippocrates, & delle atè Lanfranco naõ acho que outrem nellas fallaſſe. Depois deſte huma vez as vio Guido de Cauliaco, & Pedro de Largelata, os quaes allegaõ tambem Rogerio, poſto que naõ acho lugar aonde o diga, ſalvo quando falla do apoſtema, que naſce da banda de dentro do craneo; donde ſe vè claramente que antes de haver morbo gallico eraõ taõ raros, como depois delle frequentes. Tract. 1. doct. 2. c. 3. Tract. 2. doct. 2. c. 1. Lib. 1. tract. 1. c. 2.

He pois *talparia* hum abſceſſo pituitoſo da eſpecie dos *atheromas*, como diz Amato Luſitano, que ſobre o pericraneo naſce, ou entre elle, & o craneo, & às vezes o corrompe em parte, ou em todo como vio Fallopio. Chama-ſe *Talparia*, ou *Tapinaria*, conforme Lanfranco, pela concavidade que dentro faz, aſſim como a *toupeyra* na terra; & pela ſemelhança, que tem com o *cágado*, que eſtà entre duas conchas, ſe chama tambem *teſtudo*, ſegundo o meſmo Author. Tract. 1. cap. 1. Cent. 1. crac. 77. Lib. de morb. gallic. c. 96. Loc. cit.

As cauſas ſaõ humores groſſos, pituitoſos, corroſivos, como conſta da corroſaõ, que fazem no paniculo, & oſſo vizinho. Eſtes de ordinario procedem de morbo gallico da quarta eſpecie, principalmente havendo recahidas, & humas vezes naſcem logo a modo de abſceſſos, com brandura, & tacto como de materia, outras ſuccedem aos tumores ſcirrhoſos gallicos da cabeça, em que pelo tempo ſe vay ajuntando, & apartando o humor, & convertendo-ſe em materia de mà qualidade. E por ſer frequente eſta geraçaõ das *talparias*, naſceo o abuſo de chamarem aſſim a todos os tumores gallicos da cabeça, ſendo que muytos o naõ ſaõ, nem lhe convem tal nome, ſenaõ depois que ſe convertem em abſceſſos. Lib. de morb. gallic. c. 7.

E não ſómente ſobre o craneo, mas da banda de dentro delle, naſcem algumas vezes eſtes tumores, conforme no capitulo delles notamos, com Juliano Palmario. Lib. 2. tract. 2. cap. 2.

Conhece-ſe a *talparia*, conforme Pedro de Largelata, porque he hum tumor grande não accumulado, mas largo, hum pouco molle, & com dores. Jà ſe o enfermo tem ſinaes de morbo gallico, ou delle foy curado, ou precedeo tumor ſcirrhoſo na cabeça com graviſſimas dores, que ſe foraõ remittindo mais, &

veyo acquirir brandura com algum tacto, poſto que eſcuro, de materia, não ha duvida que haja abſceſſo gallico ſobre o craneo, que he a *talparia*, & ſe eſtiver da banda de dẽtro delle, não ſe póde conhecer pela viſta, nem pelo tacto, mas alcançar-ſeha, porque ſaõ as dores graviſſimas com alguma parte determinada da cabeça, & não aplacão com as evacuações, nem com os remedios topicos methodicamente applicados, conforme diz Palmario, & exacerbaõ ſe de noyte, ou pela tarde, & eſtão preſentes, ou precedèraõ os ſinaes do contagio gallico. Mas porque todos eſtes pódem ſucceder ſem haver abſceſſo interior, conhecer-ſeha havello, ſe com elles houver o que diz Rogerio dos apoſtemas, que naſcem dentro do craneo ſobre a duramater, a ſaber, dor pulſatoria, aguda, & permanẽte, como huma couſa, que eſtà ſaltando, ou como que eſtiveſſem batendo com hum martello na cabeça, o que acontece por ſe comprimirem as arterias dos panículos, & fazerem mayor pulſaçaõ. E communicar-ſehà a dor às raizes dos olhos pela communicaçaõ das tunicas, & nervos opticos, conforme Galeno. E por tanto certo enfermo, que eſte mal padecia, via diante dos olhos moſquitos, & teas de aranhas, & depois veyo a cegar, como conta Leonardo Botallo; & algumas vezes lhe vem accidentes epilepticos, como obſervou V.do Vido Junior; & jà tambẽ acontecco haver os ditos ſinaes, & naõ eſtar o craneo corrupto, mas legrando-ſe achar-ſe hum bicho como gorgulho de trigo, ſobre a duramater, ſegundo notou Foreſto.

Loc. cit.

Trad. 1. cap. 1.

Lib. 3. locis c. 9. & 10. de uſ. part.

Lib. de morb gallic. c 16.

Lib. 1. cur. morbo c. 28.

Prognoſtica Guido, com Lanfranco, & Rogerio ſer eſte mal incurável, & aconſelha que não fação remedio algum ao enfermo, & o deyxem ſem lhe tocar, como fez a hum q̃ ſómente vio em ſua vida. Hippocrates porèm diz, que não he doença de morte; o que ſe ha de entender, que não he mortal de neceſſidade, principalmente a que eſtà da banda de fóra do craneo, porque da interior he muyto mayor o perigo. A ſentença de Hippocrates confirma a larga experiencia dos modernos, que ordinariamente curão eſte mal com feliz ſucceſſo, como ſe vê de Joannes de Vigo, Amato Luſitano, Botallo, Alcaçar, Fallopio, Maſſa, & outros, & nòs cada dia experimentamos.

Lib. 9. obſ. 2. in Ichol.

Lib. 2. de morb. cit.

Lib. 2. tr. 3. cap. 1.

Cent. 1. cit.

Lib. 2. de morb. gallic c. 16.

Bot. lib de morb. cap. 16.

Note-ſe que na cabeça dos meninos naſcem huns abſceſſos da eſpecie deſtes, que Largelata chama *Topinarias*: que nem chegão ao oſſo, nem ſaõ gallico, & facilmente ſe curão, de que não tratamos neſte livro.

Lib. 3. cap. 11. C. 99.

Lib. de morb gallic.

Numero 2.

Cura das talparias.

EM ſe conhecendo as *talparias*, ordenão os Authores que eſcreveraõ atè o preſente, que logo ſem tardança, depois de feytas as evacuações univerſaes, ſe abraõ deſcobrindo o oſſo corrupto, & fazendo as mais obras manuaes, que lhes parece; porque imaginão que não he poſſivel que as materias ſe reſolvão, nem a corrupçaõ dos oſſos ſe retifique. Moſtra porèm o contrario a experiencia, porque inſignes Cirurgioens deſta Cidade tem obſervado curarem-ſe eſtas *talpartas* cerradas, poſto que haja oſſos corruptos, & materia ſobre as tunicas, dando ſuores, & unturas de mercurio aos enfermos. O que tambem obſervou Pedro Lopes de Leaõ: *Que la tercer eſpecie*, &c. que vio abſceſſos de materias, & corrupçaõ de oſſos, com as ditas unturas, & ſuores reſolverem-ſe, & ſararem. O que tambem algumas vezes tem ſuccedido a peſſoas, que não podendo ſarar com os ſuores, & unturas, tomàraõ o vinho ſanto acima dito, & tiveraõ perfeyta ſaude de *talparias* abertas com oſſos corruptos.

7 de mot. cit.

Poſta

Posta a dita experiencia (que se não pòde negar) naõ se devem logo abrir as *talparias*, mas ordenar-lhaõ as evacuaçoens universaes, & depois dellas suores de salsa, ou pao, ou para melhor as unturas de mercurio, ou fumos de cinabrio, & tentaremos se com este modo de cura se resolvem, segundo muytas vezes acontece. E quando não succeda, então fica já o corpo evacuado, & preparado para seguramente se fazer obra manual, & della se esperar melhor successo.

Nas *talparias* porèm que já estiverem abertas, não ha tanto lugar de se poder esperar que se resolvaõ, nem consequentemente se ordenaràõ as unturas, & suores logo, mas farse-haõ as evacuaçoens universaes, darse-haõ algumas apozemas de salsa, ou pao, & depois de bem evacuado o corpo, se abra logo o lugar da *talparia*, conforme diz Lanfranco, & Largelata por authoridade de Bruno, em figura de Cruz, ou de triangulo, & logo se aparte do osso o pericraneo, que se acharà meyo, ou de todo corrupto, & se puder ser, se descubra todo o que ha corrupto do osso, como ensina Joannes de Vigo, & logo se forme a ferida com lechinos de clara de ovo, assim como se faz nas fracturas deste lugar, como diz Francisco Arzedel Frexenal, & logo na segunda cura se legre o casco, & o que delle ficar danado, se toque levemente com agua forte, como ensina Alcaçar, ou com oleo de vitriolo, como diz Fallopio, mas muyto attento, não corra alguma gota para dentro do cerebro, & por tanto he melhor applicarse molhando na dita agua, ou oleo, hum papelinho, pondo-o sobre o casco. E para mais segurança se cobriràõ primeyro as tunicas, se estiverem descubertas, com huns fios secos, como adverte Fallopio, & nos labios da ferida se applique digestivo de trementina lavada, & gema de ovo com pouco oleo rosado, guardando-se dos outros mais humidos, porque accrescentaõ a corrupção da chaga, & depois se applicaràõ os mundificativos, & se farà a mais cura, que se costuma nos ossos corruptos. Em lugar da agua forte, se pòde usar da de solimaõ, & da de Lanfranco, as quaes posto que saõ brandas, depois do osso legrado bastaõ para emendar as reliquias, que ficaõ, em especial sendo este osso, como he, menos duro, que os das outras partes. Applica Fallopio em lugar dellas a sua luminosa magistral, de que trouxemos a receyta no Capitulo das chagas das partes bayxas, & tem por experiencia ser de grande proveyto, assim como tambem o dito oleo de caparrosa, & não serà de menor efficacia o de enxofre. Mas estes oleos, diz elle, causaõ dor, o que a dita agua não causa. Ou se use dos pòs de Joannes de Vigo, misturados com qualquer unguento, applicados sobre o osso, os quaes elle não teme applicar puros à carne roim, que nestas chagas nasce. E para acabarem de despedir se appliquem os pòs de aristoloquia, & myrrha, como Fallopio manda.

Lib. 2. tra. 3 c. 12. Lib. 2. cap. 8. Loc cit. Lib. de morb. gal. c. 96. Loc cit.

Alguns Authores, como Amato Lusitano, & Fragoso, & Joaõ Calvo, tem para si, que basta descobrir o osso, legralo, & formar logo a chaga com fios secos sobre elle, & digestivo nos labios. Desta opiniaõ parece tambem Hippocrates, que neste caso manda sómente legrar, sem que falle em fogo actual, nem potencial; & assim o sente Botallo, que manda legrar, & applicar medicamento desecante ao osso sem fogo, nem causticо. A qual cura pòde algumas vezes bastar, dando depois as unturas de mercurio, ou suores; porèm mais seguro he applicarlhe agua forte, ou semelhantes causticos, como està dito.

Cent. 1. tit. 2. p. glodelos abse. Lib. 3. de morb. gal. c. 24. Lib. 2. de morb. gal. caries sive tere de Lib 5. de morb. gal. Tract de morb. gal.

Outros depois do casco legrado mandaõ cauterizar com fogo actual, como Antonio Massa, & Joannes de Vigo; & o experimentou com feliz successo Vido Vido, posto que este Author não diz, que primeyro de queymar o casco, o legrasse. He porèm cura arriscada, conforme Fallopio, porque como diz Alcaçar,

Lib.2. tr. 3. cap. 1. Lib.2. de morb. gal.c. 96. Lib.1. de morb. gal.c. 12. Fern.4.1. c.2. in fin Lib 5 de loc. affect ad fin.

caçar, pòde-ſe coalhar o cerebro com a força do fogo, que tambem pò de danar muyto as tunicas, conforme Leonardo Botallo, & antes delle Avicena, & sobrevirem freneſis, como diz Galeno. E por iſſo diſſe Celſo, ſer couſa inutil queymar o oſſo da cabeça, do peyto, & coſtelas, porèm ſe alguma vez ſe fizer, advirta-ſe com o meſmo Alcaçar, que havendo de ſer forte a cauterizaçaõ, detendo o cauterio ſobre o oſſo, ſe naõ legre o caſco, mas legrando-ſe, decce o fogo muy levemente, & de qualquer ſorte que ſe faça, ſe guarneçaõ primeyro as partes circunvizinhas, aſſim exteriores, como interiores, com pannos molhados em agua roſada, applicada quente, em eſpecial ſobre as teas, porque alèm de o frio ſer nocivo às chagas, conforme Hippocrates: *Ulceribus frigidum mordax, &c.* he inimigo do cerebro, ſegundo Hippocrates.

E àquelles enfermos, a que ſe naõ tentou a cura de ſuores, nem unturas por terem a *talparia* aberta, depois da obra manual paſſados quatorze dias, que he o termo da inflammaçaõ, ſe trate logo de os meter nelles, & o melhor de tudo he daremlhes as unturas de mercurio, como fez Amato, com bom ſucceſſo, àquelle enfermo, que da *talparia* curou, porque deſte modo ſe acabarà de expellir tudo o que do oſſo reſtar corrupto, & ſe preſervarà o enfermo da recahida.

E porque eſtas chagas ſe cicatrizaõ com difficuldade, ordena Fallopio, que depois de encarnadas *ſe lavem com agua luminoſa, feyta de agua roſada, & de betonica, & pedra hume*, ou com vinho cozido com couſas eſtipticas, & ſe uſe do *unguento de chumbo*, de que neſte particular tem grande experiencia.

Eſtando a *talparia* dentro no craneo, que ſe conhece pelos ſinaes ſobreditos, poſto que he caſo quaſi deſeſperado, ſe dados os ſuores, & unturas naõ melhorar o enfermo, naõ deyxe de ſe tentar a cura abrindo o lugar da dor, deſcobrindo o oſſo, & legrando-o atè dentro, couſa que algumas vezes ſe tem feyto com bom ſucceſſo. E ſe a corrupçaõ chega à ſuperficie de fóra, logo na cor do oſſo ſe vè; & ſe chega à lamina do meyo, acha-ſe quando vaõ legrando, em lugar de ſangue, materia, ou virulencia. E ſe não paſſa da lamina interior, tambem na cor ſe nota logo, quãdo com a lepra lhe chegaõ. Depois de feyta a obra deyxaràõ expurgar a materia pelo orificio, & applicar-ſehaõ os mundificativos com a brandura, que a parte permitte. E ſendo neceſſario para ſegurança da cura, tornem-ſe a repetir as unturas, ou ſuores.

Cent. 1. curat. 4. Lib 2 de morb. gal.c 7. pag. 124.

Note-ſe neſte lugar, que algumas vezes ſuccede corromperſe o oſſo ſem que proceda tumor de dentro, nem de fóra do craneo, como naquelle caſo que conta Amato Luſitano. E quando tal ſucceder, ſe as unturas, & ſuores naõ baſtarem, convem tambem abrir, & legrar atè onde chegar a corrupçaõ, conforme eſtà dito, ſegundo o fez o meſmo Amato, & Palmario. E conheceremos haver a dita leſaõ, porque faltando o tumor pela parte de fóra, & naõ ſe conhecendo dano algum na cabeça pela viſta, ou tacto, & faltando tambem a dor pulſatoria, que chega às raizes dos olhos, ſymptoma do tumor interno, & ſendo as dores graviſſimas, & que a nenhum genero de remedio feyto conforme a razaõ, nem ainda aos ſuores, & unturas cedaõ, naõ ha outra couſa, de que poſſaõ naſcer, ſenaõ da leſaõ do meſmo craneo, que ao paniculo ſe communica. O qual affecto, poſto que naõ ſeja legitima *talparia*, a ella ſe pòde reduzir.

Qual ſeja a razaõ, porque eſtas materias cahindo ſobre o cerebro, o naõ offendem tanto, como as das feridas penetrantes, & porque havendo oſſos corruptos ſárem os enfermos ſem que elles deſpidaõ? Reſponde Fragoſo ſer a couſa, porque nas *talparias* ſe faz a materia pouco a pouco, & pelo coſtume ſe offende menos a natureza, o que naõ acontece nas feridas penetrantes. Accreſcenta

2. part. gol. de los abſceſſ.

outra

outra razaõ, & he, que nas feridas cahe o ſangue, & materia ſobre as tunicas do cerebro, & nas *talparias* fica embebida no oſſo por ſer muy ſemelhante à ſua compleyçaõ. Porèm eſta ſegunda naõ val couſa alguma, porque tambem a materia das *talparias* cahe ſobre as tunicas, como ſe vè por experiencia, & com tudo naõ faz aquella offenſa taõ grande como a das feridas; por onde a primeyra razaõ parece mais certa.

ANNOTAÇOENS.

Numero 2.

UNturas de mercurio. *Naõ ſó em talparias, mas em gomos com corrupçaõ de oſſo, temos viſto aproveytarem de tal modo as unturas do azougue, que naõ foy neceſſario outro algum remedio. E naõ ha dous meſes, que padecendo huma mulher grandes, & continuas dores no hombro direyto, em que tinha huma goma, ſupurando eſta ſe achou o oſſo corrupto, & com mercurio tomado pela boca ſe curou inteyramente de todos eſtes danos, adminiſtrando-ſe os remedios locaes por Cirurgiaõ perito.*

CAPITULO XXXX.

Do oſſo do pádar, & outros oſſos corruptos.

Numero 1.

DAs chagas que nacem no ceo da boca, ſe corrompe algumas vezes o oſſo deſte lugar. Eſte ſe curarà como outros, evacuando o corpo, extinguindo a mà qualidade com Mercurio, ſalſa, ou páo, cauterizando o oſſo com fogo actual, ou potencial, & applicando à chaga ſeus medicamentos convenientes, conforme ſe diſſe nas da boca. He porèm algumas vezes grande a quantidade, que delle ſe perde, que naõ póde o enfermo depois nem beber, & torna a agua, ou vinho pelos narizes. Eſte mal remedea Fallopio, enchendo a cavidade com algodaõ, ou cera, ou com huma forma de ouro, ou de prata, que encayxe bem naquelle lugar, a qual ſe deve tirar, & alimpar cada dia, accommodando-a outra vez, & para q̃ melhor aperte, a mãda guarnecer ao redor com algodaõ. E ſendo a cavidade taõ devaſſa, que ſe naõ poſſa ter a forma, ſe deve fazer, o que elle fez a certo doente, a que todo o oſſo ſe corrompera, a ſaber, atar eſta marca com humas cadeas de ouro aos narizes, metendo-as pelos buracos delles, & para que os naõ cortaſſem, poz debayxo das cadeas humas laminaſinhas de ouro; ou ſe guarneça a dita fórma com huma eſponja, ſegundo enſina Ambroſio Pareu, porque fazendo-ſe tumida com a humidade aperta, & ſegura melhor. Lib. 22. cap. 3.

E adverte o meſmo Fallopio, para que eſta chaga naõ deyxe caverna taõ devaſſa, que a naõ deyxem cicatrizar depreſſa, detendo a cicatriz atè ſe encher bem de carne. Eſta detença ſe faz tanto que a cicatriz parece, molhando ſutilmente os labios da chaga *com oleo de caparroſa, ou de enxofre*; & baſta applicarlho cada quatro dias, & no entretanto uſar de medicamento efficaz encarnativo, quaes ſaõ os dous ſeguintes de que tinha grande experiencia. O primeyro he, *cozimento de guayacaõ com myrrha, & incenſo nelle desfeyto*, com que manda lavar a chaga a miudo. O ſegundo he eſte unguento. Receyta: *Gumielemi, alambre, de cada hum meya onça, rezina de pinho coada huma onça, cera branca huma onça, almecega, incenſo, de cada hum oytava & meya, azeyte commum quanto baſte, faça-*

ſe unguento duro, do qual ſe formarà hum cravo do tamanho do buraco da chaga, que ſe lhe applique, mas cada quatro dias vendo que a chaga ſe cicatriza, impida-ſe com os oleos ditos, atè que ſe encha bem de carne. Outras vezes, diz o meſmo Author, que mandava lavar a chaga *com agua das caldas*, & lhe lançava *pòs de raiz de lirio*, & que aſſim lhe ſuccedia felizmente. Advirta-ſe, que he neceſſario ter grande cuydado nas chagas do ceo da boca, porque jà acconteceo chegar a corrupçaõ a tanto, que naõ ſómente apodreceo o oſſo, mas tambem o cerebro, demodo que o enfermo o lançava com materia juntamente por eſcarros, como obſervou George Gaynerio.

Iñ obſer. prop. A corrupçaõ dos oſſos das mais partes do corpo ſe deve curar, conforme enſina a Cirurgia. Advertindo ſómente que naõ eſtando abſceſſo aberto ſe tente primeyro a cura dos ſuores, & unturas, a ver ſe oſſos corruptos, & materias ſe reſolvem, corforme temos dito das *talpartas*, ſegundo experimentou Pedro Lopes de Leaõ. Lib. de morb gal

Numero 2.

Chagas gallicas.

ALèm das chagas das partes bayxas do morbo gallico incipiente, nacem outras pelo corpo do confirmado, as quaes podem ſer de qualquer genero de chagas, & ſe devem curar, conforme ſua natureza, advertindo ſómente duas couſas; a primeyra, que ſe devem dar ao enfermo os alexipharmacos gallicos, ſalſa, páo, & azougue, fazendo primeyro as evacuações univerſaes; a ſegunda (que he proprio nellas para ſe haverem de mundificar, & extinguir a malicia) o azougue, & medicamentos, que delle ſe fazem, como ſolimaõ, pòs de Joannes de Vigo, cinabrio, & ſemelhantes, como nota Fallopio, & Palmario. E diz Fallopio ter boa experiencia da ſua agua *aluminoſa magiſtral*, cuja receyta deyxamos eſcrita na cura do terceyro genero de chagas das partes bayxas, deſtemperando-a (ſe for neceſſario) com muyta agua roſada, & applicando ſobre a chaga o medicamento ſeguinte. Receyta: *Unto de porco, trementina lavada, de cada hum duas onças, manteyga crua, oleo de cebolla ceſſem, de cada huma, huma onça, azougue morto com ſaliva meya onça, cera o que baſte para unguento.* Ou *o unguento roſado de Meſue, com miſtura dos pòs de Joannes, lavados primeyro tres, ou quatro vezes em agua roſada, ou de tanchagem.* E finalmente appliquem-ſe todos os medicamentos que deyxamos ordenados para as chagas do morbo gallico incipiente, ſegundo a malicia de cada huma.

Lib 2. de morb gal cap. 9. Lib. 2. de luè ven. cap. prop.

ANNOTAÇOENS.

Numero 2.

CHagas. *As chagas gallicas ordinariamente ſe curaõ com azougue, ou tomado pela boca, ou applicado em unturas; & poucas vezes he neceſſario uſar dos remedios topicos; mas quando ſe hajaõ de valer delles, ſe lavem as chagas com agua cozida com páo ſanto, na qual lancem alguns pòs de pedra medicamentoſa de Crollio, cuja compoſiçaõ ſe acharà nas Annotações ao* num. 2. do Capitulo VII.

Tomem huma libra de agua cozida com páo ſanto, oytava & meya de pós de pedra medicamentoſa, huma oytava de ſolimaõ; miſturem ſe, & com eſta agua ſe lavem as chagas, que brevemente cicatrizaràõ.

Nas Annotações que fizemos ao dito Capitulo VII. *ſe acharaõ muytos mais remedios, que tem boa efficacia para eſtas chagas.*

GA-

CAPITULO XXXXI.

Dos eſtillicidios gallicos.

HE couſa muy frequente, como nota Rudio, na quarta eſpecie de morbo gallico haver eſtillicidios, que humas vezes decem às partes da garganta, & boca, & nellas cauſaõ chagas; outras ao eſtomago, & cauſaõ cruezas, vomitos, & fluxos; outras ao peyto, onde fazem toſſe aſthma, eſcarros purulentos, empiema, & tiſica. A cauſa de todos elles he a mà qualidade gallica, que offende o figado, o qual he a parte mandante primaria, que communica ao cerebro muyta copia de humores, & vapores varios, mas *à prædominio* pituitoſos, & com elles ſe enfraquecem as partes da cabeça, acquirindo deſtemperança humida, com que ſe relaxaõ, & naõ os podendo reſolver, nem evacuar pelas vias ordinarias, decem ſymptomaticamente às ditas partes, & fazem aquellas leſoens que temos dito. 5. de mor. vell

A cura, como em todos os mais ſymptomas gallicos, he tirarlhe a cauſa, a ſaber, a mà qualidade, & humor, que della ſe gèra, & para eſſe intento convem primeyro que tudo dar ao enfermo, *xarope de fumaria, & roſado, de cada hum ſua onça, com tres onças de agua de betonica, ou ſalva*, ſe o humor naõ tiver conſideravel acrimonia, mas ſe a tiver, ſeja em lugar *das aguas, cozimento de cevada, & ameyxas, roſas ſecas*, para juntamente corroborar as partes. E purgue-ſe o enfermo *com pirolas cochias, fumarias, & de hyera, de cada huma meya oytava*, aguçando-as, ſe for difficultoſo em purgar, com tres grãos *de diagridio*, & ſe o humor for mais quente, *purgue-ſe com tres oytavas de confeyçaõ hamec ſimplez, huma de electuario roſado de Meſue, tres onças de xarope Regio, com ſeu cozimento commum*. E naõ ficando bem evacuado, dem-ſelhe ſuas apozemas accommodadas. E no meyo dos xaropes ſe lhe dem hum par de ſangrias, ou as que parecerem neceſſarias, porque nos corpos cacochimicos em que a cacochimia eſtà miſturada com o ſangue, & neſtes eſtillicidios as manda Galeno dar por intervallos, & attento: *Quicumque partum ſanguinis, &c.*

Evacuado o corpo ſe meta o enfermo em ſuores de páo da China, & guayacaõ, porque eſtes tem algumas partes adſtringentes, & convem mais que a ſalſa onde ha fluxões (como nota Rudio) que naõ tem parte corroborante, com tudo ſe a fluxaõ tiver deſconhecida acrimonia, miſture-ſe a mayor parte da ſalſa, porque he menos calida, & alguma cevada, & ſempre no cozimento ſe miſturem hũas roſas ſecas para corroboraçaõ das partes por onde o eſtillicidio dece; & ſe cahir no peyto, ajuntemlhe couſas peytoraes, *como paſſas, maçãs da nafega, alcaçuz, ameyxas, violas*. E ſe no eſtomago, *loſna, almecega, & ſemelhantes*. 1. meta cap. 14. Lib. cit. cap. 16.

Azougue naõ convem neſtes caſos, principalmente ſe o eſtillicidio dece ao peyto, como advertiraõ Rudio, Mercado, porque pòde correr tanto junto, que ſuffoque o doente, ou accrecentar as chagas do bofe, ſe as houver, porque ainda que lhe pòde tirar a cauſa, com tudo em quanto de todo a naõ tira, accrecenta tanto o effeyto, que depois fica enfermidade por ſi, & eſta incuravel. O que naõ tem, ſendo o effeyto do eſtillicidio ſómente chagas da boca, porque ainda que no *interim* algum tanto creçaõ, naõ he iſto perigo, porque depois ſára tudo junto. Nem tambem corre tanto riſco no eſtillicidio que dece ao eſtomago, porque poſto que alguma cauſa ſe accrecentaõ as cruezas, & vomitos, com tudo naõ he mal que fique incuravel, pois ceſſando a mà qualidade, & a fluxaõ da cabeça, pòde ſarar logo o mais. Porèm a chaga do bofe, como de ſi he mal incu- Cit. c. 15; Lib. 2. de morb. gal cap. 1.

ravel, qualquer couſa que creça, o ficarà muyto mais, & aſſim tambem a obſtrucçaõ, de que ſe gèra a toſſe, & aſthma, porque de crecerem ſe pòde ſuffocar o enfermo em eſpaço de meya hora, & por tanto neſtes caſos he couſa de grande riſco a cura do azougue, aſſim como pelo contrario a dos ſuores, em que tenho achado notavel proveyto.

Lib. 2. de morb. gal cap. 1. Demais diſto aos tiſicos, & aſthmaticos por qualidade gallica ſe acuda logo a fazerlhes fontes, como aconſelha Mercado, nos braços, & pernas, em eſpecial na perna direyta para revellir o humor, que do figado ſobe, & no braço eſquerdo, para derivar o que ao peyto dece. E naõ tendo o enfermo forças para duas, ſe lhe faça antes a do braço, pela mayor neceſſidade, que ha de dirivar o que da cabeça dece, de que ſe toma indicaçaõ mais vehemente.

E ſendo os eſcarros purulentos, ou eſtillicidio mais calido, *dem ſe ao enfermo talhadas de diapapaver, ou de diatragacanto, feytas com igual quãtidade de pòs de ſalſa parrilha.* E a melhor hora de ſe lhe darẽ he de noyte duas, ou tres talhadas de cada vez. E façaõlhe *xarope de frangão, cozẽdo com elle hũa oytava de ſalſa, & meya de pão da China, & huma colher de cevada, outra de aſſucar roſado, que ferva tudo, atè que a cevada rebente, & fique ſomente huma tigella de caldo*, para ſe lhe dar pela manhã, fazendo-o na meſma, porque naõ he bom ficar feyto da noyte; & requentar-ſe. E continue com eſtas talhadas, & caldo trinta, ou quarenta dias, bebendo ſempre agua de ſalſa.

E para os tiſicos gallicados convem particularmente eſtes pós. Receyta: *Semente de dormideyras brancas cinco oytavas, goma Arabia, tragacanto, amido, de cada hum oytava & meya, ſemente de beldroegas, de malvaiſco, de malvas, de cada hũa duas oytavas, as quatro ſementes frias mayores, de cada huma oytava & meya, pevides de marmelos limpas duas oytavas, eſpodio, çumo de alcaçuz, de cada hum oytava & meya, bofe de raposa, pòs de caranguejos queymados, de cada hum duas oytavas, ſalſa parrilha, páo da China, de cada hum onça & meya, páo ſanto meya onça, de tudo ſe façaõ pòs ſutis, & ajuntemlhe de alfenim tanto como tudo o mais.* Da-ſe cada manhã oytava & meya, à tarde huma oytava, & beba-ſe agua cozida com ſalſa parrilha, & páo da China, miſturandolhe cevada, porque às vezes iſto baſta para
Colop 47 ſararem, como experimentou Horta, que diz curar hum tiſico gallicado com lhe dar a beber agua de cevada, & páo da China, tanto de hum, como de outro, mas com pouco cozimento, porque o naõ eſquentaſſe, & que aſſim o fizeraõ muytos à ſua imitaçaõ com bom ſucceſſo.

Eſtes pós ſeguintes dey a huma mulher que eſtava tiſica de morbo gallico, & jà taõ extenuada, que me naõ atrevi a purgala, & com elles ſarou miraculoſamente: *Tomem farinha de páo, que ſe coſtuma comer no Braſil, quatro onças, goma de trigo, dormideyras brancas, de cada hum ſua onça, ſalſa parrilha ſeis onças, aſſucar cande quatro onças, tudo ſe faça em pó ſutil, & ſe miſture. Tomarà huma colher deſtes pòs à noyte quando ſe recolher a dormir, outra pela manhã em jejum, comendo-os aſſim ſecos, & naõ bebendo agua ſobre elles*, porque deſte modo embebem em ſi as humidades, & naõ lhe daõ lugar a deſtillarem; & niſto tem a farinha de páo grande efficacia; & tendo bom regimento, & bebendo agua de ſalſa, foy ſarando, & engordando, ſeja Deos ſempre louvado.

Aſthma gallica curey jà a hum mancebo nobre, deſte modo. Xaropey, & purguey o enfermo com medicamentos apropriados, & lhe dey tambem as ſangrias, que me parecèraõ, porque teve ao principio febre com enchimento, & depois lhe ordeney eſta apozema. Receyta: *ſalſa parrilha duas onças, páo da China huma onça, cevada com a caſca*, (porque tinha deſtemperança calida do figado)

figado) *duas onças, ameyxas vinte & quatro, maçãs da nafega doze, alcaçuz meya onça, conserva de violas huma onça, avenca, betonica, de cada huma meya maõcheа, sene seis oytavas, carthamo pizado duas oytavas, semente de herva doce hum escropulo. Lançando a salsa; & pao de molho huma noyte em nove quartilhos de agua, se faça cozimento secundùm artem com as mais cousas na mesma, atè se gastarem seis, & ficarem tres, & com assucar se faça apozema.* Esta tomava o doente duas vezes cada dia pela manhã em jejum, & à tarde depois da digestaõ do jantar, meyo quartilho de cada vez, & continuou mais de quinze dias, com que aliviou de huma *Ortopnea*, que pelas onze horas da noyte lhe repetia com grande pigarro na garganta, & dentro do peyto, o apertava de tal sorte que naõ podia estar senaõ direyto, faltandolhe pouco para se suffocar, & com tudo aliviou notavelmente. Mas porque lhe ficàraõ reliquias do mal, o meti em suores de salsa, & raiz da China, com que ficou saniſſimo, seja Deos louvado. Tambem lhe ordeney tomasse tabaco de pò, & de fumo, que he muy accommodado para mal de peyto.

Convem neste caso usar de herrhinhos, & mastigatorios, que purguem pelos narizes, & boca, & lavar a cabeça com dessecantes, & corroborantes, que se pòdem fazer deste modo. Receyta: *Guayacaõ limado quatro onças, cascas de romans, maçãs de acipreste, murtinhos, de cada hum duas onças, rosas secas duas mãoscheas, lance se tudo de molho em cinco canadas de decoada de cinza de vides, ou de carvalho, & depois ferva na mesma com as cousas seguintes, salva, betonica, macella, coroa de Rey, rosmaninho, alecrim, nevada, serpaõ, segurelha, poejos, mentrastos, ouregãos, de cada hum sua maõcheа, faça-se cozimento secundùm artem*, que se gastem duas partes, & com elle temperadamente quente faraõ emborcaçaõ à cabeça pela manhã em jejum, & logo a enxuguem, & lhe appliquem à moleyra o oleo *de Copaiva, ou emplastro de betonica, & de centaurea, de cada hum meya onça, emplastro de Guilhem Servem duas oytavas, unguento da Condessa huma oytava, tudo se misture, & se estenda hum pedaço delle em panno do tamanho de quatro dedos para que à moleyra se applique.* Ou o emplasto que traz Fragoso no antidotario para a commissura coronal; ou se mande fazer este de Montagnana, que he muyto efficaz. Receyta: *Laudano, gumielemi, graxa, incenso, estoraque calamita, estoraque liquido, de cada hum duas oytavas, rezina quanto baste, faça-se emplasto.* Atalhaõ estes grandemente os estillicidios, que naõ cayaõ da cabeça no peyto, desecando as fleumas, corroborando o cerebro, porèm naõ aproveytaràõ aos gallicados sem administraçaõ do pao, ou salsa. In antid.

Advirta-se que havendo destemperança calida na cabeça, ou sendo o estillicidio quente, se não use destes lavatorios, & emplastros, porque em tal caso seraõ danosos, conforme nota Galeno, Trajano, & outros Authores graves. Mais se note, que tambem se naõ appliquem naõ estando o corpo bem evacuado com as purgas, apozemas, & suores; porque aliàs serà mais o humor que attrahiràõ à parte, do que aquelle que pòdem resolver, conforme a doutrina de Galeno. 7. de sanè tuend c. 9. & 13. met. c. ult. & 2. loco c. 2. & 3. Lib 7 c. 1. post med. Lib. 2 med. tr. 95. & c. epid. 3. & 3. c. 76.

ANNOTAÇOENS.

QUe offende o figado. *Continùa o Author no erro de cuydar, que o contagio gallico se sigilla no figado; & diz que da offensa desta parte procedem os estillicidios; sendo assim que a parte em que o gallico se sigilla, & se implanta, he a massa sangumaria, de cujo vicio provèm os estillicidios do sangue, ou do seu soro, & da lympha, que do sangue traz a sua origem; & estando a massa sangumaria viciada com*

com o contagio gallico, não ſe curaõ eſtillicidios, ſem que primeyro ſe extingua o contagio com os ſeus alexipharmacos.

Azougue naõ convem. *Nos eſtillicidios ao peyto prohibe o Author nervoſamente o uſo do azougue, temendo que os humores ſe movaõ para o peyto em tal copia, que o doente ſe ſuffoque; ſobre o que ſe veja o que diſſemos nas Annotaçoens ao* num. 4. do Capitulo XXVI. *Agora dizemos brevemẽte, que ſe eſtes eſtillicidios ſe pudeſſem curar com os alexipharmacos vegetantes do gallico, ſeria bom eſcuſar o azougue; mas porque ordinariamente ficaõ fruſtrados aquelles alexipharmacos, parecenos, que logo ſe recorra ao mercurio, ou tomando-o pela boca, ou adminiſtrando-o em unturas; porque ſem dano do peyto o temos uſado muytas vezes na preſença dos ſeus males; & para curar toſſes, & eſtillicidios importunos o applicamos atrevidamente, pelos bons ſucceſſos, que nelles temos achado; como jà diſſemos no Tratado do uſo do azougue nos caſos prohibidos, que anda appenſo à noſſa Medicina Luſitana.*

A chaga do bofe. *Nas chagas do bofe, por ſerem incuraveis, reprova o Author a cura do azougue, alèm das razoens com que a prohibe nos males do peyto. E na verdade que entendemos nòs, que ſe as chagas ao bofe pòdem ter remedio, he ſó com o azougue, ainda que naõ haja gallico; porque ſó o mercurio pòde chegar immediatamente ao lugar da chaga, & ſó elle pòde deſecala, & cicatrizala; & obſervamos nòs jà algumas vezes curarem-ſe com azougue tiſicos, que ſe julgavaõ irremediaveis, cujos caſos ſe acharàõ no dito Tratado que eſcrevemos do uſo do azougue que nos caſos prohibidos,* Capitulo X. *Nem os tiſicos jà feytos, & confirmados, tem outro remedio, ou ſejaõ, ou naõ ſejaõ gallicados, mais que o do azougue, de que ſe deve uſar com toda a reſoluçaõ, ou tomando-o pela boca, ou uſando-o em unturas; que de qualquer modo que ſe introduza no corpo, chegarà immediatamente à chaga do bofe, a que não chega outro algum remedio, que naõ ſeja o ar, & o fumo. Veja-ſe o que diſſemos nas Annotaçoens ao* numero 4. do Capitulo XXVI.

CAPITULO XXXXII.

Das obſtrucçoens complicadas com morbo gallico.

CAda dia nos acontece querermos curar enfermos de morbo gallico, & acharmos que tem notaveis obſtrucçõẽs do figado, baço, veas miſeraicas, & as mulheres da madre, & havendo-as nunca ſuccede bem a cura, como tenho alcançado por larga experiencia, ſe com particulares remedios das obſtrucçoens lhes não acodimos. He final dellas, ter o enfermo grande difficuldade de reſpiraçaõ ao andar, principalmente ao ſubir, & fazendo algum exercicio violento. E com iſto tem de ordinario o eſtomago, & hypocondrios tumidos, & ſendo mulher, que tambem tenha obſtructas as veas da madre, faltaõ-lhe, ou ſaõ diminutos os mezes. E quando he mayor a do figado, ſente-ſe dureza, ou tumor na banda direyta, & do baco na eſquerda, & ſe das veas miſeraicas, à regiaõ do eſtomago, atè o embigo. E de ordinario todas eſtas partes juntamente ſe opilaõ, & com iſto ha ſymptomas gallicos, chagas, dores de cabeça, de pernas, & braços & outras ſemelhantes.

Lib. de cur. lue ven. c. 8. & de mor occult. c. 22. poſt med.

Neſta complicaçaõ aviſa Fernelio, & Rudio, que primeyro que tudo ſe curaõ as opilaçoens, porque não ſe curando impedem o tranſito, & obtundem a virtude dos remedios, & aſſim tenho viſto alguns, que depois de tomarem ſuores, & unturas ficàraõ taõ enfermos como de antes. Cuja cauſa me parece, alèm do que Fernelio dà, conſervar-ſe a mà qualidade nos meſmos humores, que nos lugares opilados ficàraõ impactos.

Pelo

Pelo que a cura ha de começar tirando as obſtrucções como cauſa *ſine qua non*, que he o que Galeno enſina naquellas palavras: *Que curari ante alia poſſunt, & quæ non poſſunt.* E aſſim deve o enfermo ſer primeyro xaropado, & purgado, & ſe for neceſſario, ſangrado, & tomar algumas apozemas, miſturando ſempre em tudo agua de ſalſa, ou páo, & bebendo a agua delles, & logo darlhe o aço, ou as pirolas que delle ſe fazem, porque eſtes remedios ſaõ os de mais efficacia, que para a cura das opilações ſe tem deſcuberto. Do aço ſe pòde dar huma oytava pela manhã, meya à tarde em vinho branco, ou em agua do páo da China, ou da ſalſa, ou de avenca, ou de agrimonia, ou de grama, fazendo o enfermo huma hora, ou meya, exercicio. E das pirolas ſe daràõ pela manhã cinco, à tarde quatro. E ſendo peſſoa fraca, ou menino, he melhor darlhe a meſma quantidade de eſcoria do ferro preparada, ou ſe lhe dem as pirolas, ou aço, huma vez ſó no dia, & em menor quantidede; & lembro que ſendo a peſſoa de figado, ou de compleyçaõ calida, ou tempo de Eſtio, naõ faça mais exercicio, que hum quarto de hora, ou naõ faça exercicio algum, porque tambem ſem elle ſáraõ maravilhoſamente, como a experiencia muytas vezes tem moſtrado; & he engano cuydar que ſe naõ fazem exercicio, que naõ aproveyta o aço, nem os outros remedios de obſtruentes, por dizerẽ que ſe aſſentaõ no eſtomago, & que naõ paſſaõ, porque o contrario tem a experiencia moſtrado. 7 met. 18

Mas porque algumas vezes os ſymptomas gallicos apertaõ de modo, que naõ daõ lugar a que as opilaçẽes ſe curem, he neceſſario pela regra da urgencia acodirlhe primeyro a moderalos com algumas apozemas, pòs, ou conſervas de ſalſa, ou páo, & como ſe forem moderando, tornar à cura das opilições, & depois acabar de curar o gallico, & o mais certo he, fazer tudo junto com medicamentos, que reſpeytem hum, & outro affecto.

Alguns miſturaõ nos cozimentos com que daõ os ſuores, raizes de ſalſa, & de aypo, & as outras diureticas, & as ervas aperientes. Porèm de ordinario naõ aproveytaõ ſenaõ he em alguma opilaçaõ muyto leve. E aſſim convem que ſe miſturem outras mais efficazes, como aço, ferro, ou eſcoria delles, todos preparados, fazendo delles xaropes, apozemas, & conſervas, como eu coſtumo com feliz ſucceſſo, & pòdemſe receytar as ſeguintes. Receyta: *Aço preparado, eſcoria de ferro preparada, de cada hum duas onças, ſalſa parrilha, páo da China, de cada hum onça & meya, guayacaõ tres onças, polypodio onça & meya, raizes de borragem, de almeyraõ, de eſcorcioneyra, de funcho, de ſalſa, de grama, de cada hum onça & meya, agrimonia, avenca, eſcolopendria, de cada hum huma maõ-chea,* (& ſe ha calor do figado, *miſture cevada, folhas de almeyraõ, & de chicoria*; & ſe he mulher a que faltem os mezes, *neveda, ou monta, ou betonica*) *conſervas cordeaes, de cada huma huma onça, ſementes frias mayores, de cada huma duas oytavas, carthamo piſado duas oytavas, hermodactilos ſeis oytavas, folhas de ſene ſeis oytavas. Infundaõ-ſe os páos, & ſalſa, eſcoria, & aço, em quatro canadas de agua quente por vinte & quatro horas, & depois nella meſma com as mais couſas ſe faça cozimento ſecundùm artem*, que fique em cinco quartilhos, os quaes ſe ponhaõ em ponto com tres arrateis de bom aſſucar, & dem-ſe ao enfermo pela manhã tres onças, à tarde, depois de feyta digeſtaõ, duas, bayxadas de ponto, com o cozimento do páo da China, ou ſalſa parrilha, & grama. E continue com iſto dezoyto, ou vinte dias, fazendo para iſſo ſegundo xarope pela meſma receyta, depois de ſe acabar o primeyro, & beba ſempre agua de ſalſa, ou páo, & grama. E ſe ainda ficarem opilações, ou achaques do gallico, tome eſtes xaropes mais dias. E ſe o tempo for frio, eſcuſarà de ſe pôr em ponto de xaropes, mas pòde ficar em

apozema com menos aſſucar, & he remedio provado.

Mais efficaz cura, ſegundo tenho por experiencia, he a dos pós, ou conſervas ſeguintes. Receyta: *Salſa parrilha, páo da China ſe to cada hum delles em pós, eſcoria de ferro preparada, de cada hum dez oytavas, hermodactilos, carthamo, jalapa, folhas de ſene, de cada hum cinco oytavas, eſpica, cinamomo, de cada hum huma oytava, tudo feyto em pò ſe miſture*; & naõ querendo fazer tanta quantidade, façaõ ametade, ou o que parecer. Deſtes pòs tomarà o enfermo cada manhã duas oytavas, à tarde depois de feyta a digeſtaõ huma em agua de páo, ou ſalſa, & continue quinze, ou vinte dias bebendo ſempre agua de ſalſa, ou páo, porque ſararà da opilaçaõ, & juntamente do morbo gallico admiravelmente.

Dos meſmos pòs ſe faz tambem conſerva, *fazendo hum cozimento de meya onça de páo, & huma de ſalſa, que ſe infunda em canada & meya de agua, vinte & quatro horas, & depois ſe faça cozimento na meſma ſecundùm artem, com mais huma maõcheа de grama, & agrimonia, avenca, douradinha, de cada huma meya maõchea, conſervas cordeaes, de cada huma ſua onça, faça-ſe cozimento, que fique em meya canada, & ponha-ſe em ponto groſſo com aſſucar.* E no que baſtar deſte xarope com os pòs acima ditos ſe faça conſerva, naõ muyto alta de ponto, porque o aço, & eſcoria à ſecaõ, & fazem mais dura do que convèm. Tome o enfermo cada manhã huma onça, & à tarde meya, & beba ſobre ella agua de ſalſa, ou páo, & acharà os meſmos effeytos, que dos pòs ſobreditos.

Outra cura faço muyto efficaz, que he dar ao enfermo às cinco horas da manhã quatro, ou cinco onças do cozimento do páo, ou ſalſa, feyto pela ordem, que ſe coſtuma para ſuar, porèm ſem o meter em ſuores, & logo pelas ſete lhe dou cinco pirolas das que ſe fazem de aço, ou eſcoria, & com ellas mando fazer algum exercicio, & pelas dez lhe mando que lhe dem de jantar, & às cinco da tarde lhe ordeno, que tome quatro onças do meſmo cozimento, & depois das ſeis, quatro das meſmas pirolas, & depois das nove horas ordeno, que lhe dem de cear, & que de ordinario beba a agua de ſalſa, ou páo, & continuaõ doze, ou quinte dias, & ſaraõ deſte modo maravilhoſamente. E ſendo peſſoa fraca, baſta que huma ſó vez no dia tome iſto, mas he neceſſario continuar mais tempo. E quẽ o tomar duas, ſenaõ puder eſtar tãtas horas ſem comer, pòde entre dia tomar hum doce, ou qualquer couſa, & beber huma pequena de agua de ſalſa, ou páo. Tambem ſe pòde fazer eſta cura *tomando aço, ou eſcoria do ferro, ou o medicamento, que delles ſe faz, & bebendo ſobre elles o cozimento forte do pão, ou ſalſa*, que aſſim o ordena Euſtachio Rudio. E quando for tomando eſtes medicamentos, ſe parecer que he neceſſario alguma evacuaçaõ, pódeſelhe dar hum pequeno *de xarope de Rey, ou cozimento de folhas de ſene.*

Depois de continuar com eſta cura, ſe parecer que as opilações ſe acabàraõ, & que fica ainda morbo gallico, deyxar-ſeha a cura delle, & meteràõ o enfermo em ſuores, ou unturas, ou acabaràõ de curar o gallico com apozemas, ou com outros medicamentos leves, ſe for pouco; & pelo contrario ſe o gallico ſe extinguir, & algumas opilações ficarem, ceſſando com a cura delle, ſe curem ellas.

ANNOTAÇOENS.

TIrando as obſtruções. *Quando o gallico ſe complica com obſtrucções, ſe eſtas ſe intentaõ curar primeyro, naõ vem a conſeguir-ſe, porque o gallico fruſtra a virtude dos remedios mais efficazes. Se ſe quer extinguir o contagio antes de contender com as obſtrucções, tambem ſe naõ conſegue facilmente, porque nellas ficaõ latentes alguns*

guns seminarios contagiosos; principalmente se a cura se faz com apozemas, ou com suores, ou quaesquer remedios preparados de salsa, páo santo, & raiz da China; porque estas cousas não tem virtude tão penetrativa, que entre pelas partes obstruidas, a extinguir as particulas contagiosas, que nellas se occultão. E por isto nos parece melhor fazer cura alexipharmaca, & deobstruente, com que ao mesmo tempo se vá extinguindo o contagio, & se vão reserando as obstrucções. Tudo isto se vem a conseguir bellamente com o mercurio; porque sobre ser o melhor antidoto deste contagio, he tão generoso deobstruente, que penetra pelas obstrucções mais duras, & chega a communicar-se aos lugares mais intimos, extinguindo nelles as particulas contagiosas, que aos outros alexipharmacos se occultão. Tratarèmos pois de pôr em effeyto a cura pelo seguinte methodo. Primeyramente evacuando as primeyras vias com hum vomitorio, ou com medicamento alviduco, preferindo aquelle. Depois sangrando segundo se julgar necessario; então purgando repetidas vezes com as seguintes pirolas.

Tomem de azevre lavado com agua rosada, de goma ammoniaco, de cada cousa destas duas oytavas; de mercurio calomelanos oytava & meya, de sal de losna meya oytava, de diagridio de Paracelso huma oytava. Misture-se tudo, & façaõ-se pirolas com xarope de avenca, & dourem-se. Toma-se de cada vez oytava & meya, atè duas oytavos.

Depois de purgar as vezes que parecerem necessarias, ou se use logo do mercurio branco precipitado, tomando oyto grãos delle com quatro, ou cinco de diagridio sulphurado, continuando-o atè salivar; ou se parecer que he necessario deobstruir mais, tomem primeyro alguns dias aço com mercurio, desta maneyra:

Tomem de limadura de aço hum escropulo, de mercurio doce meyo escropulo, de sal de losna seis grãos, de diagridio sulphurado oyto grãos; misturem-se, & façaõ-se pirolas para huma vez, & repitaõ-se os dias que parecerem necessarios. Mercurio deobstruente.

Naõ só nos que estaõ gallicados, mas nos que padecem obstrucções, a fim de reseralas, se pódem usar as ditas pirolas; porque saõ de admiravel efficacia. A agua que beberem os que usarem desta cura, será cosida com páo de saxifràs, & com raiz de grama. Este genero de cura escusa as apozemas, & deobstruentes ordinarios, que sobre se tomarem com grande enjoo, saõ menos efficazes.

As pirolas mercuriaes deobstruentes, que Joaõ Constant de Rebecque traz no seu Medecin Charitable escrito na lingua Franceza, saõ excellentes para as obstrucções dos gallicados; a sua descripçaõ he esta:

Tomem de azevre, de goma ammoniaco, desfeyta em vinagre, passada por sedaço, & depois seca, de cada cousa destas meya onça; de mercurio doce duas oytavas; de diagridio hũa oytava; com oximel cillitico faça-se massa de pirolas, da qual se tome de cada vez de meya oytava atè huma oytava, duas horas antes de comer. Pirolas mercuriaes deobstruentes de Rebecque.

As pirolas mesentericas de Moysés Charràz, misturadas com mercurio, saõ excellentes para os gallicados obstruidos, porque ellas deobstruem muyto bem, & o mercurio extingue o contagio. Póde tomar-se hum escropulo das pirolas com oyto grãos de mercurio branco, ou de qualquer panacéa benigna, & segura, & continuar-se muytos dias. Quem naõ tiver as obras de Charràz, póde ver a receyta destas pirolas na Pharmacopea Lusitana, escrita por D. Caetano de Santo Antonio, Conego Regular de Santo Agostinho, & Boticario no Real Convento de Saõ Vicente de fóra em Lisboa.

CAPITULO XXXXIII.

Do fluxo do ventre gallico.

SUccede algumas vezes fluxo de ventre aos gallicados por cauſa de humores gallicos, varios excrementicios, que no figado ſe gêraõ, principalmente *à prædominio* bilioſos, & aduſtos, & por tanto ſaõ eſtes fluxos mais frequentemente de diarrheas bilioſas, poſto que algumas vezes ſe complicaõ outros do mantimento mal digeſto, porque a acrimonia do humor naõ dà lugar a que ſe coza, & excita a expulſiva, a que ante tempo a lance; ou tambem porque o eſtomago enfraquece do muyto curſo de humores gallicos, de que o figado nelle ſe deſcarrega, & aſſim dece tudo junto. Tambem aos gallicados ſuccedem dyſenterias, porque com a continua fluxaõ dos ditos humores acres, & mordazes ſe ulcêraõ as tripas, mas acontece iſto menos vezes, & o mais frequente he a *diarrhea bilioſa*, que ſobrevem pela mayor parte aos de quarta eſpecie, & aos que ſe vaõ fazendo tabidos.

Conhece-ſe ſer gallico o fluxo do ventre pela complicaçaõ que ha de outros affectos da mà qualidade, pelo contagio que precedeo, & porque elle em ſi moleſta mais da veſpora por diante, & com beber páo, ou ſalſa, ſe vay moderando.

A cura he tirarlhe a cauſa, a ſaber, a qualidade gallica, de que aquelle fluxo he ſymptoma. E ſe as camaras forem muytas, que naõ dem lugar a ſe fazer a cura do gallico com o vagar que requere, deve-ſelhe primeyro acodir pela regra da urgencia, porque naõ ponhaõ o enfermo em perigo, & ſe lhe devem dar *duas oytavas, ou oytava & meya de pós de mirabolanos citrinos queymados atè ſerem negros, & lavados em agua de tanchagem, & ajuntarlhehaõ huma onça de xarope de roſas ſecas, & tres de agua de pòs de roſas, ou de tanchagem, fazendo de tudo iſto bebida para huma vez.* E comece logo o doente de beber agua ferrada, & cozida com páo da China, ou com ſalſa parrilha, *feyto o cozimento de duas oytavas de ſalſa, ou huma de páo em tres canadas de agua ferrada que ſe goſte meya*, & dem-lhe manhã, & tarde caldos de amido, feytos na dita agua de ſalſa, & juntamente ferrada.

E tanto que ſe tiver acodido à urgencia das camaras, & as forças o permittirem, logo metaõ o enfermo em ſuores, que alèm de curarem a raiz do mal, revellem o humor dos inteſtinos para o ambito do corpo. E ſe eſtiver fraco, & naõ puder tomar dous no dia, tome hum ſómente, com tanto, que na hora em que o houver de tomar, beba o xarope de ſalſa, que houvera de beber ſe ſuára, & faça-ſe tambem eſte cozimento dos *ſuores em agua ferrada, ou de tanchagem, & beldroegas, ou azedas.* E ſe com tudo as camaras apertarem, demlhe no xarope que tomar para ſuar, *huma oytava de trociſcos de carabe, ou de terra ſigillada.* E defume-ſe a panela em que lançarem eſtes cozimentos com almecega.

E ſe o fluxo for muyto importuno, convem applicar por fóra corroborantes, *como unguento da Condeſſa, oleo de marmelos, de murtinhos, de loſna, pòs de coral, de roſas ſecas, de almecega, & ſemelhantes*, & lançar ajudas lavativas de cozimento *de cevada, & aſſucar roſado, ou commum com ovo, clara, & gema* E havendo venenoſidades, miſture-ſelhe caldo de gallinha ſem ſal. E havêdo camaras de ſangue, lancem-ſe as meſmas ajudas, ajuntemlhe *çumo de tanchagem, ou de erva moura, & agua roſada, & hum pequeno de ſevo de cabrito ou de bode lavado primeyro em agua roſada, ou de tanchagem.* E em todas ellas miſturem huma pequena *de agua de ſalſa, ou páo.*

Naõ

Naõ convem purgar eſtes enfermos para os meter na cura dos ſuores pelos perigos, que ha de purga em camaras; nem a neceſſidade neſte caſo he muyta, porque as camaras, poſto que ſejaõ ſymptomaticas, tem depoſto muyta parte da carga. Com tudo ſe precedendo os ſuores, as camaras ceſſarem de todo & houver finaes de muyta carga de humor, que ſe conhecerà pelas dores, & outros ſymptomas, em tal caſo convem parar com os ſuores, purgar o enfermo, mas attento com medicamentos leves, & roborantes, porque naõ torne o ſymptoma das camaras.

E ſe o enfermo por ſua fraqueza naõ admittir ſuores, póde-ſelhe fazer a conſerva ſeguinte. Receyta: *Pòs de mirabolanos citrinos queymados atè ſerem negros, & lavados em agua de tanchagem, huma onça, ſalſa parrilha polvorizada onça & meya, páo da China feyto em pò meya onça, coral preparado, bolo armenio preparado, de cada hum duas oytavas, marfim preparado huma oytava, almecega fina meya oytava, faça-ſe primeyro hum cozimento de ſalſa, & páo da China, como o que ſe faz para ſuar, & ajuntemlhe ao cozer huma onça de roſas ſecas, & meya de murtinhos, & ponha-ſe em põto de xarope groſſo cõ aſſucar, & como q̃ baſtar delle ſe encorporẽ os pòs das ſobreditas couſas, & ſe faça conſerva ſecundùm artem.* Demlhe huma onça pela manhã, meya à tarde antes de cea, & ſe a naõ puder comer, nem engulir feyta em bocados com aſſucar, pòdemlha dar deſfeyta em agua de ſalſa, ou de páo.

Ou ſe faça eſta conſerva mais facil. Receyta: *Pòs dos ditos mirabolanos queymados & lavados como eſtà dito, & trociſcos de carabe, pòs de ſalſa, ou páo da China, de cada hum huma onça, faça-ſe conſerva com xarope de roſas ſecas.* E tome pela manhã meya onça, à tarde duas oytavas, & beba ſobre ella hum copo do cozimento de ſalſa, & páo, que ſe dá para ſuar. E porque dos trociſcos de carabe huns ſe fazem com opio, outros ſem elle, com os do opio ſe fará a conſerva quando as camaras forem taõ deſenfreadas, que ſeja neceſſario vedalas mais em breve, & com os outros quando forem mais moderadas.

E naõ podendo o doente tomar conſervas, ſe lhe faça hum xarope pela maneyra ſeguinte. Receyta: *Páo ſanto duas onças, páo da China huma onça, ſalſa parrilha tres onças, infundaõ-ſe eſpaço de vinte & quatro horas em quinze quartilhos de agua ferrada, & depois fervaõ na meſma lançando as couſas ſeguintes ſecundùm artem; que fiquem ſómente cinco quartilhos: Roſas ſecas, tanchagem, de cada hum huma mãochea, cevada torrada duas onças, murtinhos duas onças, ſandalos citrinos, & vermelhos, de cada hum tres oytavas, coral preparado, bolo armenio preparado, de cada hum oytava & meya, caſcas de mirabolanos citrinos meya onça, de mirrabolanos chebulos, & Indos, de cada hũ duas oytavas, infundaõ-ſe os mirabolanos eſpaço de hũa noyte em agua, & ſe lance a agua fóra, & depois ſe cozaõ cõ as mais couſas, como eſtà dito.* E coe-ſe o cozimento, depois de coado ſe ponha em ponto com tres arrateis de aſſucar. E dem-ſe ao enfermo tres onças deſte xarepe pela manhã, & duas à tarde deſfeytas em *agua de tanchagem, ou beldroegas*, & ſararà das camaras, & do morbo gallico, em poucos dias.

Advirto, que a ſalſa he hum pouco laxativa, & ainda que faz bem à cura da qualidade gallica, he danoſa às camaras, & ao eſtomago; por tanto naõ ſe dè neſte caſo por ſi ſó, ſenaõ miſturada com páo da China, ou guayacaõ, ou ſanto. Nem tambem he taõ conveniente a cura do azougue, porque às vezes ſuccede mover camaras, poſto que ſe ſe naõ movem os humores por eſte caminho, em mais breve tempo as cura. Com tudo ſe o mal naõ obedecer aos ditos remedios, ou houver tal contraindicaçaõ, que ſe naõ poſſa fazer, admitta-ſe a cura do azougue, porque poſto que mova mais algumas camaras, com tudo como lhes

tira a cauſa em poucos dias, tambem as curas, aſſim eſſas, que de novo move, como as que havia.

O comer ſerà gallinha aſſada, perdiz, coelho, biſcouto; o beber como eſtà dito, ſerà agua ferrada, & juntamente cozida com páo ou taliſa. E ſe por razão do fatio naõ puder comer aſſado, nem biſcouto, coma cozido, & pão ordinario.

ANNOTAÇOENS.

NO figado ſe gèraõ. *Engana-ſe o Author quando cuyda que os fluxos de ventre nos gallicados procedem de vicio do figado; porque como jà muytas vezes diſſemos, o figado naõ ſanguifica, nem gèra humores, para haver de excitar eſte dano. A cauſa deſtas camaras, ou eſtà nas primeyras vias, reſultando varios excrementos da fermentaçaõ do alimento que nellas ſe celebra, ou vem das veas, precipitando-ſe ao ventre os ſoros biliozos do ſangue viciado com a infecçaõ gallica; & como quer que ſeja, he neceſſario extinguir o contagio para ſuſpender os curſos.*

Agua ferrada, & cozida. *Manda o Author cozer agua com ſalſa para beberem eſtes camarentos, naõ lhe eſquecendo que a ſalſa relaxa o eſtomago, & que pòde fazer mayor dano, que utilidade; por cuja cauſa diz que ſe coza tambem com raiz da China, o que approvamos; mas com ſalſa, de nenhum modo ſe coza, pela relaxaçaõ que póde cauſar no eſtomago.*

Naõ convem purgar. *Para fazer cura alexipharmaca a eſtes fluxos teme o Author o uſo de medicamentos purgantes, parecendolhe que com elles ſe precipitaràõ mais os curſos. No que dizemos, que ſe os curſos forem antigos, & houver debilidade nas forças, & ſe ſe entender, que a cauſa material he pouca, neſtes termos ſe naõ cuyde em medicamentos purgantes, & ſe applique toda a intençaõ curativa em extinguir o contagio com os ſeus alexipharmacos. Porèm ſe a materia for muyta, & ſe eſtiverem conſtantes as forças: he preciſo para melhor ſe curarem, naõ ſó eſtes curſos, mas qualquer outro fluxo de ventre, o purgar, antes de paſſar ao uſo de outros remedios; & ſe iſto ſe fizer com vomitorios, ſerà muyto melhor, pela revulſaõ com que obraõ, contraria ao movimento do humor, que pelo ventre ſe deturba; que ſó com repetidos vomitorios temos nòs curado muytas diarrheas, que naõ eraõ gallicas, depois de haverem deſprezado muytos remedios doutamente applicados; & ainda que neſtas naõ poſſaõ concluir a cura, por depender da oppugnaçaõ do contagio, com tudo, havendo de entrar ao uſo dos ſeus alexipharmacos, parece-nos muyto bem que primeyro ſe purgue com vomitorios, que pódem ſer de ſeis grãos de tartaro emetico, ou de tres onças de agua benedicta de Rulando vigorada; ou de meya oytava de ſal de vitriolo, ou da infuſaõ de vinte grãos de pós de Quintilio, feyta em duas onças de vinho branco; ou de huma oytava de pòs de raiz de cipó, que alem de ſer vomitiva, tem virtude adſtringente com que corrobora o eſtomago, & por iſto he de muyta utilidade nas diarrheas, & de muyta mais nas dyſenterias: & naõ querendo uſar de vomitorios, ſe purgue com a infuſaõ de duas oytavas de ruybarbo feyta em cozimento, ou tintura de ſene, & caſcas de mirabolanos citrinos, juntandolhe huma onça de xarope Perſico; que eſtes medicamentos obraõ corroborando, & naõ ha o perigo de ſe deſpenharem os humores pelo ventre com mayor precipicio, como o Author teme; ſobre o que ſe veja o que diſſemos na noſſa Medicina Luſitana, na cura da diarrhea, & dyſenteria.*

A cura do azougue. *Com nenhum remedio ſe curaõ mais prompta, & ſeguramente as camaras dos gallicados, que com azougue, ou ſeja tomado pela boca, ou applicado em unturas, do que temos innumeraveis, experiencias, & o meſmo Madeyra vio curarem-ſe com azougue muytos camarentos gallicados, ſegundo diz* no Capitulo 26.

num.

num. 5. §. Havendo camaras, &c. *& pouco tempo ha curàmos huma doente, que havia mezes padecia febre continua com curso; & porque estava gallicada, lhe demos mercurio branco precipitado, com que brevemente se vio livre da febre, & dos cursos, sendo assim que nos primeyros dias tomou o mercurio com dous grãos de diagridio, porque naõ começasse a salivar logo; o que seria bom para remediar os cursos, mas naõ era taõ conveniente para extinguir a contagio, que era causa delles: porque movendo-se logo a salivaçaõ, cessava o uso do mercurio, & sendo pouco naõ extinguia o contagio. Depois de tomar seis dias o mercurio com diagridio, tomou-o outros tantos dias sem elle, & sempre com seis grãos de assucar de Saturno, que tambem he generoso dulcificante, & pelas partes mercuriaes que tem, naõ he màõ companheyro do azougue para vencer o gallico.*

CAPITULO XXXXIV.

Das carnosidades, & callos, que nacem dentro do cano da ourina.

Numero 1.

ANtigo he haver callos, & carnosidades no cano da ourina, porque jà Galeno as conta entre as causas, que a supprimem. Foy porèm taõ raro naquelles tempos, (pois dellas naõ ficou escrito cousa consideravel) como frequentemente neites nossos, depois que houve morbo gallico, causa ordinaria dellas, segundo nos testificaõ as quotidianas queyxas dos que as padecem, & os varios modernos, que dellas escrevèraõ, como Alfonso Ferreo, Juliano Palmario, Laguna, Amato Lusitano, Alexandre Trajano, Foresto, Mercado, Fragoso, Pedro Lopes de Leaõ, Francisco Dias. Lib. 2. de luc ven. cap. 10. Tract. pro. Cent 4. curat. 19. Lib. 7. cap. 13. Lib. 16. observ. 1.

Tres differenças ha de carnosidades, porque humas vezes estaõ como huma carne molle espongiosa, como aquella, que nas chagas fistulosas costuma nacer: outras saõ humas verrugas, que nacem dentro no cano, como as que de fóra nacem: outras saõ huma dureza, ou callosidade, ou para melhor dizer tumor calloso, que nace dentro no cano.

Humas, & outras differenças impedem o curso da ourina, & o da geraçaõ, ou de todo, se de todo obstrue o cano, ou em parte, se parte delle. Do lugar em que a carnosidade està, se tomaõ tambem outras differenças, porque ou està na ponta, ou no meyo do cano, ou no collo da bexiga, onde se chama a reygada, ou occupa todo o canal do principio atè o fim, alèm de que, ou he huma só carnosidade, ou saõ muytas, que occupaõ varias partes. Lib. 2. de morb. gal cap. 10. part. 2. Lib. 6. cap. ult. affect. ur.

Numero 2.
Causas.

SAõ causa das carnosidades, como nota Leaõ, humores fleumaticos, crassos, & viscosos, que destemperando as chagas do cano da ourina impedem a natureza que naõ possa produzir carne boa, nem cicatriz sobre ella, & assim fica produzindo aquella roim callosa, & esponjosa. E quando os humores saõ mais crassos, & melancholicos, em lugar de carne se géra hum callo, ou cicatriz tumida, & callosa, qual de ordinario acontece às chagas gallicas, velhas, em que se naõ tem extincta a màa qualidade. Saõ tambem algumas vezes causa deste mal humores delgados, biliosos, acres, & mordazes, que com a ourina clara, & pellucida se evacuaõ, segundo nota Palmario, em quanto ulcèraõ a via, & daõ occasiaõ à chaga, carne superflua, & callo. Sem ulceraçaõ na via nacem às vezes verrugas, Lib. 6. cap. ult. Loc. cit.

rugas, & outros tumores deſte genero, por ajuntamento dos ſobreditos humores viſcoſos, & craſſos.

E poſto que algumas vezes poſſa eſte mal ſucceder ſem morbo gallico, porque jà no tempo de Galeno, poſto que raras vezes, havia caruncullas, & callos no cano da ourina, com tudo a cauſa frequentiſſima he a gonorrhea purulenta, principalmente quando he antiga, em tãto, que diz Juliano Palmario, que poſto q̃ ſáre, dahi a vinte annos nacẽ às vezes carnoſidades nos lugares do cano, onde a materia fazendo mayor impreſſaõ abrio chaga. Começa eſte mal às vezes por hum leve principio, & como ſe naõ faça caſo delle, ſe vem a fazer cruciſſimo.

Lib 1. de lec. cap. 3. Lib. 2. de lue ven. cap. 10 §. crudele ad modũ.

As cauſas externas ſaõ mantimentos vicioſos, & tudo aquillo, que pòde gerar humores craſſos, fleumaticos, & melancholicos, ao que naõ ajuda pouco a deſtemperança calida dos rins, que he a cauſa de os attrahir, & mandar às partes inferiores, & à debilidade das partes bayxas, que com facilidade os recebem. E por tanto vemos muytas vezes que aquelles que padecem eſte mal, lançaõ pelas ourinas muyta copia de viſcoſidades fleumaticas, & purulentas, que ſe pegaõ aos ourinoes. O tempo frio, & humido, & o Inverno rigoroſo acreſcentaõ muyto eſta doença, como nota Palmario, aſſim porq̃ o frio he inimigo das partes nervoſas, & membranoſas, ſegũdo Hippocrates: *Frigidum inimicum eſt nervis, &c.* como tambem porque aquellas carnes eſponjoſas ſe enchem mais de humidade, & fazendo-ſe mais tumidas cauſaõ mayor dano. Acreſcenta-ſe a iſto crecerem neſte tempo os humores pituitoſos.

Loc. cit. 5. aph 18

Saõ tambem cauſa primitiva deſte mal, ferida, pancada, ou contuſaõ, que algumas vezes ſe recebe naquellas partes. Ao que naõ ajuda pouco o demaſiado uſo venereo, com que os rins, & todas as partes inferiores ſe aquentaõ, & attrahem muyta copia de humores acres, mordazes, ſalgados, & vicioſos, como nota Ferreo, que fazem excoriaçaõ, & chaga no cano, & conſequentemente carnoſidade, ou callo.

Lib. prop. cap. 3.

Tambem he cauſa deſte mal, a evacuaçaõ critica de febres ardentes, quando a natureza lança os humores pelos meatos urinarios, & por ſua mordacidade, & acrimonia ulcèraõ a paſſagem. Outras vezes he a cauſa abſceſſo da bexiga, ou collo della, ou dos rins, ou de outra parte ſuperior, que pela ourina ſe expurga. Ou do meſmo cano da ourina que ſuppurando-ſe, & rompendo-ſe faz chaga, conforme ao que diſſe Hippocrates: *Quibus in urinario fiſtula naſcuntur, iis ſuppuratione facta, & eruptione, ſolutio.* Aquelles a que nacem empolas no cano da ourina, ſuppurando-ſe, & abrindo ſe ſaraõ. Succede tambem do muyto curſo de areas, lodo, pedras, & fleumas, que da bexiga, & rins ſe lançaõ, & fazem excoriaçaõ na via, ou ſe inviſcaõ, & pegaõ nas paredes della, eſpecialmente no collo, aonde he tortuoſa. E por *juxtapoſitionem* ſe vay augmentando huma calloſidade, aſſim como ſuccede dos limos aos canos da agua. O que tudo notou Alfonſo Ferreo.

3. aph. 82 & 7. aph. 57.

Nomero 3.

Sinaes.

ANtes de tudo ſe pergũtarà primeyro ao enfermo as occaſiões que teve para poder ter chagas no cano, a que pudeſſem ſobrevir carnoſidades, como ſe teve gonorrhea purulenta, pedra, ou ſemelhantes. E depois de boa informaçaõ ſe trate logo de eſpecular os ſinaes ſeguintes.

Padece o doente grande difficuldade de ourina, & a lança delgada como em fio torto para huma banda, para a direyta, ſe a carnoſidade eſtà encoſtada à parte

te do cano eſquerda, & para a eſquerda, ſe à direyta, ou partida em duas, ou de borrifo, ſe de ambas as bandas ha carnoſidade. E com iſto ourina o enfermo gota, & gota com grande trabalho, dores, & ardores, eſpremendo-ſe muyto, & as vezes tanto, que lhe vem puxos de camaras. E naõ pòde lançar a ourina, ſem apertar fortemente a reygada, & algumas vezes ſe lhe ſupprime de todo, & depois de acabar de ourinar lhe fica mayor trabalho cauſado das gotas da ourina, que entre as carnoſidades ficàraõ, & naõ podendo paſſar, o obrigaõ a eſpremerſe com terriveis dores, & ardores. E tambem ſente impedimento ao expeller da ſemente, que he cauſa de naõ terem filhos.

Mas porque aquelles, que padecem pedra de bexiga, tambem tem eſtes ſinaes, diſtinguir-ſeha pelos ſeguintes. Porque a pedra ſe conhece primeyramente pelo tacto metendo a candea, ou algalia, que empeça em huma couſa dura, & ſe a pedra naõ eſtà jà atraveſſada no cano, entra livremente atè dentro da bexiga, & deſviando a pedra ſahe a ourina em chorro. Mas havendo carnoſidades primeyro empeça nellas, & nunca o doente acaba de ourinar, ficando ſempre com vontade. Segundariamente ſe conhece porque levantando o doẽte pernas arriba, & ſacudindo-o, ſe a cauſa q̃ impede a ourina he pedra, ſe deſvia logo do collo da bexiga, como nota Galeno, & ſahe a ourina livre com ſeu curſo cheyo, o que naõ ſuccede ſendo carnoſidade, ou callo. Terceyro ſinal he acharſe metendo o dedo do meyo pelo feſſo, ſegundo notaõ todos os Authores. Quarto, porque havendo pedra ſenteſe grande ruido na reygada. Quinto, porque nunca ſuccede ſem fazer grandes puxos, & vontades de camara. Sexto, porque ſente o enfermo, havendo pedra, huma couſa que no feſſo lhe faz hum ſentimento a modo de pejo. Septimo, porque apalpando o cano por fóra muytas vezes, ſe conhece pelo tacto a calloſidade que eſtà dentro. E ultimamente quando ha carnoſidade, ou callos, nunca a ourina ſahe de todo livre, ſenaõ, ou delgada, torta, ou de borrifo, ou a gotas ou de todos eſtes modos. E quando ha pedra, como naõ ha outro impedimento mais que ella, impede ſómente a ourina quando chega ao collo da bexiga, & porque nem ſempre lhe chega, ſegue-ſe que muytas vezes ſahe totalmente livre; o que nunca acontece havendo carnoſidades. Ajunta Amato, que havendo pedra debilita mais as forças, tira a viveza das cores, & faz aborrecimento mayor da vida, o que naõ acontece tanto ao mal de carnoſidade.

Lib. 1. de loc affect. cap. 1.

Cent. 4. curat. 19. ad fin. ſchol.

E porque he algumas vezes a cauſa de ſuppreſſaõ total, ou parcial da ourina grande copia de humores groſſos, & viſcoſos, ou grumos de ſangue, & materia, que obſtruem o collo, & cano, & tambem quando ha iſto, faltaõ os ditos ſinaes da pedra: he neceſſario que digamos alguns com que eſtas cauſas ſe diſtingaõ das carnoſidades. Amato Luſitano, & Laguna, & os mais Authores, naõ daõ outro, ſenaõ que quando ſuccede a dita ſuppreſſaõ por copia de humores obſtruentes, he muyto mayor, & totalmente, ou nada ſahe da bexiga. He porèm eſte final incerto, aſſim porque nem ſempre fazem obſtrucçaõ total, como porque tambem as carnoſidades, & callos algumas vezes de todo obſtruem, & totalmente impedem o curſo da ourina, como os meſmos Authores confeſſaõ. Diſtinguir-ſeha logo hum affecto de outro, porque metendo a candea, ou algalia, ſendo viſcoſos os que obſtruem, fazem menos reſiſtencia, & uniformemẽte vay entrãdo atè dẽtro da bexiga, mas ſendo callo, ou carnoſidade, he a reſiſtẽcia mayor, & paſſa a candea de ſalto, & ſendo muytas as carnoſidades dà muytos ſaltos, & poucos ſendo poucas, ou hũ ſómẽte ſe a carnoſidade he ſó hũa. E quãdo as viſcoſidades ſaõ cauſa da ſuppreſſaõ, algũas vezes ſahem pegadas na candea, co-

Cent. 4. curat. 19. T. 1 prop. fol. 18. uſ. §. jam. veu. 10.

mo diz Franciſco Dias, que tirou huma ſleuma revolta nella de comprimento de mais de duas varas; & o meſmo diz ter acontecido a outros, mas adverte o meſmo Author, que ſeja o artifice deſta obra experimentado, porque ſuccede algũas vezes ſer a carnoſidade taõ branda, que faz muy pouca reſiſtencia, & cuyda o artifice que ou naõ he nada, ou he ſómente viſcoſidade, que he occaſiaõ de ficar o enfermo ſem remedio.

Ajuntar ſeha mais huma conjectura, porque ſe precedeo gonorrhea purulenta, he probabiliſſimo proceder a obſtrucçaõ de carne eſponjoſa, ou calloſidade, & ſe precedeo fluxo de ſangue, ou de materia, ou rotura de algum abſceſſo ſuperior, que pela ourina ſe pudeſſe expurgar, he couſa muy racional ſerem o impedimento grumos da tal materia, ou ſangue. E ſobre tudo metendo a candea de tal ſorte, que paſſe as carnoſidades, ou callos, depois que ſe tira, ſe veràõ nella impreſſos os ſinaes onde as carnoſidades eſtaõ, porque como a cera dà de ſi ficaõ nella tantas covas, quantos eraõ os corpuſculos, que dentro do cano a apertavaõ. O que naõ haverà ſe a cauſa obſtruente forem humores, ou grumos de ſangue, ou materia.

E por quanto ſuccede algumas vezes complicar ſe a carnoſidade com chaga, outras vezes ſuccede ſem ella, conhece-ſe haver chaga, pelas dores, & ſahe pelo cano materia que ſe pega à camiſa muyta, ou pouca, conforme a grandeza della, & naõ havendo chaga, naõ ſahe materia, & algumas vezes ha ſómente o impedimento da ourina ſem dores.

E quando ſuccederem complicarem-ſe todos os ditos affectos, a ſaber, carnoſidades, pedra, copia de humores viſcoſos, gonorrhea purulenta, & chaga no cano, que he couſa que algumas vezes acontece, (caſo terrivel, & deſeſperado) conhecer-ſeha, porque haverà todos os ſinaes ſobreditos.

E como algumas vezes ſuccede haver ſuppreſſaõ de ourina por cauſa de alguma hernia inteſtinal, ou zirbal, que he o que chamaõ quebradura, outras por ventoſidade. Conhece-ſe o primeyro pela preſença da hernia, & que recolhendo as tripas, ourina o enfermo logo livremente. Conhece ſe o ſegundo, porque metendo a candea ſahem as ventoſidades com o ſom miſturado, como vio Franciſco Dias.

Lib. 3. cap. 1.

Outras vezes he cauſa da ſuppreſſaõ o grande ardor, com que ſahe a ourina, & naõ ouſa o enfermo a lançala, mas neſte caſo quando lança, ſahe em chorro, & livremente, ſe tambem naõ eſtà junto o impedimento da carnoſidade.

Numero 4.
Prognoſticos.

Lib. 2. de luc ven. cap. 10.

CRuel, & miſeravel he eſte genero de mal, como diz Palmario, porque ſe naõ ſe remedea, taes dores, & tormentos cauſa, que antes hum homem quer morrer, que ſofrelo. Cura-ſe difficultoſamente, por eſtar em partes muyto doloroſa, a que de ordinario ſuccedem terriveis dores, ardores, mayores puxos do ourinar, eſtrangurias, total ſuppreſſaõ de ourina, & fluxo de ſangue. Ao que ſe ajunta a difficuldade de ſe applicarem os remedios convenientes ao dito lugar, como nota Ferreo. Sobrevem tambem algumas vezes àquellas partes, inflammações notaveis, com febre aguda, que algumas vezes ſe mortificaõ, & mataõ, outras ſe rompem, & furaõ o cano da ourina, deyxando fiſtulas perpetuas naquelle lugar, & chagas cavernoſas no collo da bexiga, de que pelo tempo vay manando pelo cano materia em grande quantidade. Algumas vezes tambem

Lib. prop cap. 9.

tambem ſe communica a fluxaõ dos humores aos teſticulos, & faz nelles varios tumores, de que ficaõ fiſtulaſinhas em partes varias.

E ſendo a carnoſidade branda, pouca, nova, & naõ eſtando muyto no fim do cano, cura-ſe com menos difficuldade; & pelo contrario ſendo dura, calloſa, velha, muyta, em muytas partes, & muyto interior, & quando a deyxaõ envelhecer, ſe vem a fazer taõ dura como ſola de çapato. E com razaõ reprova Palmario a opiniaõ de Ferreo, em quanto diz, que ſe cura melhor a dura, & calloſa, por quanto com a violencia dos inſtrumentos ſe póde romper, & da rotura ſahir muyto ſangue, com que a parte ſe deſcarregue; porque poſto que o ſangrar ſe ſeja util a qualquer chaga, conforme Hippocrates, & Galeno, com tudo neſte caſo he perigoſiſſimo fazer violencia, eſcandalizar, & incitar dor, como notaraõ Laguna, Trajano, Palmario, Mercado, & os mais Authores citados, & a quotidiana experiencia à cuſta dos miſeraveis enfermos tem moſtrado. Lib. de ulcer. Lib. 4. met. c. 6.

He tal eſta enfermidade, que a naõ póde curar a natureza, nem ainda os ſuores, & unturas, com que coſtumaõ ſarar chagas difficilimas, & tumores ſcirrhoſos de outras partes, como nota Juliano Palmario, cuja cauſa naõ he a acrimonia da ourina, ſegundo eſte Author cuyda, mas a debilidade da parte, que he nembranoſa, & de pouco ſangue, & pela qualidade gallica, & diviſaõ do continuo, fica muyto mais debil. E como a natureza he a principal medica, conforme Hipprocrates, naõ he muyto, que por mais que o corpo ſe alimpe dos humores, naõ poſſa gaſtar o vicio da parte ſem particular beneficio do Medico. Loc. cit. 6. Epid. ſect. 3. c. 1.

Pronoſtica-ſe mais que ſe depois das carnoſidades gaſtadas, a chaga naõ fica bem cicatrizada, ou fica raiz do morbo gallico, que tornaõ como de antes.

Numero 5.

Cura das carnoſidades, & callos do cano da ourina.

PAra que eſte mal ſe cure perfeytamente, ſeis intenções ſe devem executar, como ſe colhe dos Authores allegados. A primeyra he tirar a cauſa antecedente, indicaçaõ commua em todas as enfermidades que a tem, ſegundo Galeno: *Prius unamquamque cauſam abſcindere oportet.* Primeyro ſe ha de tirar toda a cauſa. A ſegunda ſendo a carnoſidade dura, ou calloſa, mollificalla, & preparalla para que o cauſtico a gaſte com mais facilidade. A terceyra roer, & conſumir toda a carnoſidade, ou callo. A quarta mundificar a chaga ſe ficar çuja. A quinta cicatrizalla. A ſexta emendar os accidentes, ſe ſobrevierem. Porèm antes de ſe tratar de cada huma dellas ſe advirta, que eſta cura ſe deve fazer na mais temperada parte do anno, que he a Primavera, Março, Abril, & Mayo, ou no Outono, Septembro, Outubro, Novembro; porque os meſes muyto calidos, ou os muyto frios, ſaõ arriſcados, como tem Juliano Palmario, Laguna, & outros. Mas entende-ſe iſto naõ apertando à neceſſidade, porque ſe a houver tal, que ſe naõ poſſa eſperar, em qualquer tempo ſe deve fazer. Lib. art. med. c. 8. & ſap. alibi. 2. de morb. gal. c. 10. lib. prop.

Numero 6.

Primeyra intençaõ.

QUanto à primeyra intençaõ, deve o doente xaropar-ſe neſta fórma. Receyta: *Xarope de borragem huma onça, de fumaria, de violas, de cada hum meya onça; agua de lingua de vaca tres onças, miſture-ſe.* E ſe as fleumas forem muytas,

tas, & a terra fria, & naõ houver muyto calor de rins, nem muyta acrimonia de ourina, dar-ſeha *huma onça de mel roſado coado, outra de xarope de borragem, & tres de agua da meſma*: Na materia da purga ſe guardarà o que diz Palmario, que naõ ſe dem medicamentos muyto fortes, porque movem muyto, aquentaõ os rins, & fazem muyta fluxaõ de humores aos caminhos da ourina, & póde-ſe dar eſta. Receyta: *Confeyçaõ hamec ſimplez tres oytavas, xarope de Rey tres onças, diaphenicaõ huma oytava, cozimento de couſas freſcas quanto baſte, faça-ſe bebida breve.* Ou ſe purgue o doente *com huma oytava de agarico trociſcado, & duas onças de xarope regio desfeyto tudo no meſmo cozimento.* E ſe naõ ficar bem purgado, faça-ſelhe apozema neſta fórma.

Tomem polypodio huma onça, ameyxas vinte & quatro, maçãs da nafega doze, folhas de borragem, de almeyraõ, de chicoria, & de malvas, de cada huma ſua mãocheа, alcaçuz duas oytavas, conſervas cordeaes, de cada huma ſua onça, ſomentes frias mayores de cada hum oytava & meya, folhas de ſene ſeis oytavas, faça-ſe cozimento ſecundùm artem, que fique em quartilho & meyo, & adoce-ſe com aſſucar, & de-ſe ao enfermo meyo quartilho cada manhã.

A' cerca dos medicamentos purgativos ſe note, que em males, em que ha acrimonia de ourina, ſaõ menos ſeguros, & de ordinario accreſcentaõ os ardores, & puxos, & cauſaõ mayor moleſtia pela vizinhança dos lugares, & porque tambem movem humor pelo caminho da ourina, couſa menos conveniente neſtes caſos; como diz Galeno, & por tanto ſe devem dar os menos que for poſſivel, & ſerà mais conveniente fazer evacuaçaõ por vomito com os pòs de Quintilio, ou ſemelhante.

13 met. cap. 6.

Antes da purga ſe ſangre o doente duas, quatro, ou ſeis vezes, conforme o enchimento, & forças, porque alèm da ſangria ſer utiliſſima aos achaques da ourina, conforme Hippocrates ibid: *Difficultatem urinæ vena ſecta juvat, &c.* diſpõem muyto o corpo para a cura ſubſequente, porque ſendo o ſangue menos ha perigo de ſe acender, apodrecer, & correr à parte affecta, & fica o enfermo mais preſervado de lhe ſobrevir inflammaçaõ, & o corpo mais evacuado, que he o que muyto importa para que haja bom ſucceſſo.

E porque naõ baſta ſómente evacuar os humores, mas he neceſſario impedir que naõ ſe gèrem outros, antes de ir com a cura por diante, ſe deve tirar toda a cauſa, que os póde gerar, & mandar àquellas partes, & por tanto aconſelha Alfonſo Ferreo, que primeyro ſe dem ſuores de páo ſanto; mas ſe o calor for muyto, & a acrimonia da ourina demaſiada, antes ſe devem dar de ſalſa, que he mais temperada, ajuntandolhe ao cozer cevada, ou fazendo-ſe o cozimento em agua de almeyraõ. Ou totalmente ſe naõ meta o doente em ſuores; porque ſempre aquentaõ, & por tanto ſaõ menos convenientes quando o calor do figado, & rins he muyto, & muyta a acrimonia da ourina; mas em lugar delles tenho por mais ſeguro, & mais efficaz remedio o das unturas de azougue, com que naõ ſómente ſe extingue a qualidade gallica, mas ainda o corpo ſe acaba de evacuar de todos os excrementos pituitoſos, & melancholicos, que ſaõ immediata cauſa material da carnoſidade, & callo, & aſſim naõ ſómente convem quando o mal procede de morbo gallico, mas a todo o que de outra qualquer cauſa procede.

Cap. 6.

E note-ſe que por iſſo muytos naõ ſáraõ das carnoſidades, ou tem mão ſucceſſo na cura, ou finalmente recahem, porque naõ acabaõ perfeytamente de extinguir a qualidade gallica, & de evacuar os humores vicioſos que ficaõ no corpo, & ſaõ cauſa de nova fluxaõ, & de novo mal. E por tanto convem naõ tentar a cura dos cauſticos atè naõ precederem as ditas unturas, ou ſuores, ou pelo menos

nos

nos depois da carnoſidade gaſtada, ao tempo do cicatrizar ſe devem dar os ditos ſuores, ou unturas, como alguns hoje praticaõ com feliz ſucceſſo.

E naõ ſómente havemos de fazer as ditas evacuações, mas ainda depois dellas convem temperar o demaſiado calor do figado, & rins, para que naõ cauſem nova fluxaõ à parte affecta. E para que a acrimonia da ourina ſe modere, porque ſendo muyta, he couſa trabalhoſiſſima, & rigoroſa ſofrella, & juntamente a dos medicamentos, & inſtrumentos que à parte ſe applicaõ. E aſſim convem que o enfermo tome pela manhã *quartilho, ou quartilho & meyo de ſoro ſerenado com duas, ou tres onças de lambedor de violas, ou de almeyraõ*: ou tome *quatro, ou ſeis onças de agua de malvas, ou de beldroegas, ou de almeyraõ, ou de chicoria, ou de cevada feyta ſecundùm artem*, miſturando a qualquer delles os meſmos xaropes, ou aſſucar fino, ou ſe faça cozimento de folhas, & raizes de malvas, & ſe tome na meſma quantidade com os meſmos xaropes, ou aſſucar.

Por fóra ſe applique *unguento roſado, ou refrigerante de Galeno ao figado, & rins, ou lamina de chumbo furada; ou epithimas de çumo de almeyraõ, & ſerralhas, ou chicorias, ou de leyte, ou de agua roſada, ou qualquer outra que refrigère.* E de meijoada ſe lancem ajudas refrigerantes feytas de cozimento de cevada, ameyxas paſſadas, malvas, & violas, temperadas com duas onças de azeyte roſado, ou violado, ou de golfãos, & aſſucar, & com meya onça de polpa de canafiſtula, ou ſem ella; & ſe a deſtemperança for tanta, que com eſtes remedios ſe naõ poſſa emendar, dar-ſehaõ banhos de agua doce.

Compete à primeyra intençaõ o regimento das ſeis couſas naõ naturaes. E por tanto deve o enfermo guardar-ſe de roins mantimentos, & comer pouco, principalmente no tempo em que ſe lhe applicar o cauſtico, no qual, ſe for poſſivel, naõ coma carne, uſando ſómente de couſas leves, como borragem, chicoria, maçãs aſſadas, caldos de miolo de pão, ameyxas cozidas, & ſendo peſſoa fraca, demlhe frangão, ou franga, ou ovos brandos. E em todo o diſcurſo da cura, & hum mez depois, guarde bom regimento, & fuja do uſo venereo como do Diabo, porque naõ ha couſa que mais dano faça, ſegundo notaõ os Authores citados.

Numero 7.
Segunda intençaõ.

DEpois do corpo evacuado, & temperado na fórma que eſtà dito na primeyra intençaõ, ſegue-ſe a ſegunda, que he mollificar, & diſpor a carnoſidade, ou callo para ſe lhe poder applicar o cauſtico. Porèm iſto naõ he neceſſario em todas, ſenaõ naquellas, que forem rebeldes, o que ſe ha de conhecer, conforme Laguna, metendo pelo cano hum talo de malva, ou de perrexil, ou de aypo, ou ſemelhante, untando com oleo de amendoas doces, ou com manteyga crua, & ſe paſſar com facilidade atè a bexiga, he final que he a carnoſidade branda. & naõ ha miſter mollificantes; mas ſe houver conſideravel reſiſtencia, he neceſſario que ſe abrande; & porque eſtes talos pôdem quebrar dentro do cano, mais ſeguro he tentar com candea de cera, accommodada como abayxo diremos.

A mollificaçaõ ſe farà com fomentos, unguentos, & emplaſtos emollientes. O fomento de que uſava Felippe, que com grande fama curava eſtas carnoſidades, conforme Laguna, & Amato, ſe farà aſſim: *Tomem folhas de malvas huma maõchea, raizes de malvaiſco, de aypo, de funcho, de cada hum tres onças, raizes de gulbarbeyra, de eſparragos, de cada huma ſua onça, branca urſina*, que por outro no- Lib. prop. Cent. 4. cur. 19.

me chamaõ *erva gigante*, *huma maõchea*, (mas advirta-ſe que naõ he eſta a erva gigante nova, que as vezes plantaõ nos jardins, & lança humas haſtes muyto compridas) *linhoça galega*, *alforvas*, *ſemente de malvas*, *& de marmelos*, *de cada huma ſua onça*, *flor de macella*, *de roſmaninho*, *de coroa de Rey*, *de poejos*, *de ouregãos*, *de cada huma dois pugillos*, *figos ſecos onça & meya. Coza-ſe tudo em agua baſtante atè que as alforvas*, *& linhaça ſe deſfaçaõ*, *& lance-ſe tudo em huma bacia em que o doente ſe aſſente eſpaço de meya hora.* Em lugar deſte cozimento ſe pòde tambem fazer outro *de cabeça*, *& tripas*, *& pès de carneyro gordo*, ajũtandolhe tambem alguns materiaes dos ſobreditos, & ſe aſſentarà o enfermo nelle meya hora, como eſtà dito, & depois ſe enxugue, & ſe applique o unguento.

Tomem unguento dialter, *de agripa*, *hyſſopo humido*, *manteyga crua*, *de cada hum ſua onça*, *oleo de amendoas doces*, *de cebola ceſſém*, *de macella*, *de cada hum duas onças*, *ammoniaco onça & meya*, *çumo de aypo*, *& de engos*, *de cada hum tres onças*, *mucilagens de malvaiſco*, *& de alforvas*, *de cada hum duas onças*, ferva tudo atè ſe gaſtarem os çumos, & coado iſto ſe ajunte hũa pequena de cera, & ſe faça unguento, com que ſe untarà o interfemineo, & ſobre tudo o cano, & ſe applicaràõ gadelhas de lã ludroſa, que he a que ainda naõ foy lavada. Ou ſe farà eſte unguento pela emenda, que anda acoſtada ao dito Laguna: *Tomem enxundia de gallinha*, *de àdem*, *de pato*, *manteyga crua*, *de cada couſa tres onças*, *mucilagens*, *de raizes de malvaiſco*, *de linhaça*, *de ſemẽte de malvas*, *de lirio branco*, *ou cebolla ceſſém*, *& de malvaiſco*, *de cada couſa ſeis onças*, *ferva tudo atè ſe gaſtarem as viſcoſidades*, *& ajunte-ſe o que baſtar de cera branca para ſe fazer unguento.*

E ſe com iſto naõ abrandarem, faça-ſe hum emplaſto mollificativo de Joannes de Vigo, que approva Pedro Lopes de Leaõ, que ſe faz deſta maneyra:
Lib. 8. cap 8. Lib. 6. cit. Receyta: *Oleo de endros*, *de cebolla ceſſém*, *de linhaça*, *de cada hum onça & meya*, *enxundia de gallinha*, *de àdem*, *& de pato*, *de cada hum duas onças*, *oleo de rapoſo ſeis oytavas*, *unto de texugo*, *tutanos de vaca*, *unto de Urſo*, *unguento de agripa*, *dialter*, *de cada hum huma onça*, *diachilaõ branco*, *goma*, *do ſevo de bode capado*, *de cada hum tres onças & meya*, *tudo junto ferva eſpaço de hũa hora mexendo-o ſempre com eſpatula*, *& lhe ajuntaràõ trementina*, *fina*; *hyſſopo humido*, *ceroto de Galeno*, *de cada hum duas onças*, & lhe miſturaràõ mais o ſeguinte. Receyta: *Raizes de malvaiſco huma libra*, *ſigillo de Salamaõ*, *raiz de cebolla ceſſém*, *de cada hum tres onças*, *raiz de lirio huma onça*, *tudo ſe coza em agua*, & depois ſe pize, & paſſe por peneyra, & ſe miſture com o ſobredito para ſe acabar de fazer o emplaſto, o qual he o mais efficaz, que pòde haver para abrandar eſtas durezas.

Porèm he algumas vezes eſte callo taõ duro, que a nenhum dos ditos remedios cede, no qual caſo convem darlhe huns fumos de vinagre, que Galeno enſina, & traz Pedro Lopes de Leaõ, accommodando-os a eſte caſo neſta fórma:
2. ad Glauc. 5. Loco tib. Lib. 8. c. 22. *Tomem hum ladrilho velho aceſo no fogo*, *ou hum pedaço da mò com que ſe moe o trigo* (que ſe uſe em lugar *de pedra pirite dos antigos*, como diz Pareu) *& meta-ſe em hum ſervidor limpo*, *& ſobre elle lancem hum pouco de vinagre muyto forte*, *& aſſente-ſe o enfermo*, *& receba aquelle baſo*, ou o tome por hum funil, que de meyo a meyo chegue à parte affecta. E naõ lancem logo tanto vinagre junto que ſe apague o ladrilho, mas pouco, & pouco ſe irà lançando, renovando outros, ladrilhos aceſos ſe for neceſſario de modo que ſe gaſte meya hora, ou mais. E depois que ſe tirar, ſe alimpe, & unte com algum dos unguentos. ſobreditos. Miſtura Ambroſio Pareu para eſtes fumos, *agua ardente com vinagre*, tanto de huma couſa, como de outra.
Lib. 8. c. 22.

E naõ ſómente com os medicamentos exteriores ſe deve mollificar a carnoſi-

dade

dade, mas tambem ſe devem applicar lançandolhos dentro por ſiringa, v. g. *Oleo de amendoas doces, cozimento de ſemente de malvas, malvaiſco, figos ſecos, alforvas, paſſas pingues, ſem graùlhos, malvas, violas, & ſemelhantes.* E com qualquer deſtes mollificativos continuarà o doente oyto, ou dez dias, em que baſtantemente ſe deve preparar a dita carnoſidade, ou callo para receber o cauſtico, como logo dirèmos.

Numero 8.

Terceyra intençaõ.

DEpois das carnoſidades, ou callos eſtarem diſpoſtos com os ditos mollificantes, ſegue-ſe a terceyra intençaõ, que na dignidade he a primeyra, & he a principal, porque primeyro occorre ao entendimento, a ſaber, gaſtar a carnoſidade, ou callo. Iſto ſe póde fazer de dous modos, o primeyro de que faz mençaõ Galeno, he rompela com a ponta da algalia: mas aſſim como eſte modo he faciliſſimo, he igualmente perigoſo pelos terriveis ſymptomas, que delles ſe ſeguem, como nota Palmario, dores intoleraveis, fluxo de ſangue, ſuppreſſaõ de ourina, puxos de ourinar, inflammaçaõ da parte, & ſemelhantes. Pelas quaes razões inventàraõ os modernos outro ſegundo modo mais ſeguro, que he gaſtar a carnoſidade, ou callo com medicamento corroſivo, & cauſtico. E porque eſte tambem tem ſeus perigos, porque ſendo mais forte do que he razaõ, faz notaveis dores, & outros ſymptomas, que agora diſſémos, encomenda Juliano Palmario, ſe uſe dos mais brandos, & temperados, aindaque a cura ſe faça mais devagar, porque val mais que ſer breve, & com perigo, conforme Galeno, & poſto que ſaõ varias as receytas, que ha delles, trarey neſte lugar as mais provadas pela experiencia, & Authores. Advertindo com Ferreo, que ſeja o cauſtico de ſubſtancia ſolida, porque ſendo fluida, ha perigo de correr, & ulcerar as partes ſãs fóra da carnoſidade, poſto que eſte inconveniente naõ poderà ſucceder quando o cauſtico for muyto brando, como nota Palmario.

1. ad loc. cap. 1. Lib. de morb gal cap. 10.

Loc. cit.

11. met. cap. 1. Cap. 9. Cap. 10. fin.

Mais ſe advirta que naõ ſerve o meſmo cauſtico para curar todos, porque as naturezas molles, & delicadas, & as carnoſidades brandas, baſtalhes o cauſtico brando, & às mediocres, mediocre. E aſſim he neceſſario que haja tres generos de cauſticos, a ſaber, forte, mediocre, & brando, para applicar a cada natureza, & mal o ſeu conveniente. E torne-ſe a advertir que do meſmo cauſtico forte ſe fazem os mediocres, & brandos miſturandolhes outros medicamentos leves, como adverte Galeno quando diz: *Quin etiam & ipſa pharmaca mitigatoriorum admixtione lenta moderata fiunt.* Mas ainda os meſmos medicamentos fortes ſe tornaõ moderados com a miſtura dos brandos. O que facilmente ſe torna a notar, que para ſe fazer eſta obra de gaſtar as carnoſidades, com nenhumas, ou poucas dores, ſe miſture opio no cauſtico forte, como enſina, & provou com ſua grande experiencia Franciſco Dias. E pòdem-ſe miſturar oyto grãos a cada onça, mais, ou menos, conforme a fortaleza delle, & delicadeza do enfermo.

1 ſecund. loc. cap. 2 fol. 139. G.

Lib. 3. cap. prop.

O primeyro, & mais celebre de todos, he o de Felippe Cirurgiaõ Portuguez, que em Roma, & por toda Italia delle uſou com tanta fama, que os inſignes Medicos daquelle tempo, como Laguna, fizeraõ tratados particulares do dito cauſtico, & mais ordem, que o tal Felippe tinha neſta cura, attribuindo-o a invençaõ ſua. Queyxa-ſe porem Amato Luſitano, de Felippe naõ confeſſar, que o meſmo Amato lho enſinàra em certa occaſiaõ, em que neſta Cidade de Lisboa com elle curàra certo enfermo em companhia do meſmo Felippe, & de outros graves Medicos com feliz ſucceſſo. E diz mais o meſmo Amato, que lhe enſi-

Cent. 2. cur. 19.

nàra

nàra ſeu meſtre Alderete, inſigne, & celebre Medico, Cirurgiaõ, & Cathedratico da Univerſidade de Salamanca. Porèm nem Alderete o inventou, porque primeyro que elle, o eſcreveo Alfonſo Ferreo, no ſeu livro de carnoſidades, & primeyro Eſcritor da cura dellas, que Amato naõ devia ler, & diz telo tirado de Alexandre Grego. Aſſim que eſte Alexandre foy o primeyro Inventor deſte famoſo cauſtico, & delle o recebeo Ferreo, & de Ferreo, Alderete, & delle Amato, & de Amato Fellippe, & deſte Laguna, & Fragoſo, & o mundo todo.

Cap 9. in fin. Li. 1. cap. 151.

Numero 9.
Cauſtico forte de Felippe.

HE pois o cauſtico ſeguinte. Receyta: *Caparroſa, que chamaõ vitriolo Romano, ouro pimenta, pedra hume que chamaõ de rocha, verdete, de cada huma duas onças, faça-ſe tudo em pó, & ſe borriſe cõ vinagre forte, & ſe moa na pedra porfiria, de que uſaõ os Pintores, eſpaço de huma hora, & ſe deyxe ſecar ao Sol em tempo de Eſtio, principalmente nos meſes de Mayo, & Junho, & iſto ſe farà dez vezes. E eſtando aſſim bem preparado, o deyxem enxugar, & ſe guarde em lugar ſeco,* & depois faràõ o ſeguinte. Receyta: *Oleo roſado oyto onças, lithargirio quatro onças, ponha-ſe a ferver ao fogo, atè que tome ponto duro de emplaſto, & logo ſe tiraràõ do fogo, & quando jà for eſfriando ajuntemlhe quatro onças dos ditos pòs preparados, & ſe mexaõ com a eſpatula atè eſfriar de todo, & ſe faça em magdaleoens,* & ſe guarde para ſe applicar quando for neceſſario. E para que ſeja mais ſuave, lhe ajuntem ao fazer tres oytavas de opio, ſegundo a ordem de Franciſco Dias.

E porque naõ convem applicar univerſalmente a todos medicamento igualmente forte como jà advertimos, porque às carnoſidades mais brandas, & naturezas mais delicadas convem medicamento menos forte; dos meſmos pòs ordena Laguna tres generos de emplaſtos, hum mais forte, outro mais brando, outro mediocre. O mais forte ſe faz na proporçaõ que eſtà dito, lançando igual quantidade de lithargirio; & dos pòs cauſticos o mais brando lançando huma parte deſtes, & do lithargirio duas; ou mediocres, lançando quatro partes deſte, & tres do cauſtico. Porèm quando a quantidade dos pòs for menor, ſerà neceſſario que torne a ferver ao fogo, para tomar taõ duro o ponto como convem.

Numero 10.
Outros cauſticos experimentados.

Cauſticos fortes.

REceyta: *Pedra hume, caparroſa, de cada hum meya onça, ouro pimenta tres onças, verdete huma onça. De tudo ſe façaõ pòs ſutiliſſimos, & ao moer na pedra ſe eſteja borrifando com vinagre. E logo ſe lhe ajũte ſolimão, & azougue preparados em agua roſada, ou claras de ovos, huma onça de ſolimão, & meya de azougue, tudo preparada huma onça, torne-ſe tudo a miſturar com claras de ovos, & ſe ſeque, & ſe façaõ pòs & logo ajuntem azeyte raſado quatro onças, trementina duas onças, cera a que baſte, faça-ſe unguento.* Tambem ſe pódem applicar os pòs ſem ſe fazer unguento pegando-os à candea. E para ſer eſte cauſtico mais ſeguro ſe lhe miſturarà meya onça de opio, a ultima vez, quando ſe lhe miſtura o azeyte roſado. He eſte cauſtico de Franciſco Dias, de que diz ter muytas vezes uſado, & que ſempre ſahira com ſeu intento. Se o quizerem fazer brando, miſturem-lhe

de

de *tutia preparada duas partes*, mais do que saõ os outros pòs. E se o quizerem mediocre seja igual à quãtidade, & sempre lhe misturem o opio que os abranda muyto. A preparaçaõ do solimaõ, & azougue deste caustico se faz assim. Receyta: *Solimaõ huma onça, azougue meya onça, moa-se tudo em almofariz, & lancem-lhe claras de ovos, & traga-se nove dias mudandolhe cada dia as claras, assim como quando as mulheres o preparaõ para o rosto*, & isto se ha de fazer atè que todo se faça branco, & como o estiver se ha de misturar com as outras cousas.

Neste caustico seguinte tem Francisco Dias grande fé. Receyta: *Resalgar huma onça, azougue meya onça, misture-se muyto bem, & depois se lave oyto dias de reyo com agua de cevada, lançando cada dia agua nova, & depois se enxugue à sombra, & se moa sutilmente, & se torne a lavar outros oyto dias com cozimento de dormideyras, mandragora, & malvas, & naõ havendo mandragora, seja opio, & torne-se a secar, & moer, & ajuntem tutia preparada, & pòs de dormideyras, de cada hum meya onça, cera branca quatro onças.* E disto se faràõ candeas, as quaes gastaõ as carnosidades, sem fazer dor, nem roer a parte sã. E haõ-se de applicar huma vez cada dia, & em hum faz este caustico mais obra, que outros em dous.

Numero 11.
Caustícos mediocres.

REceyta: *Sabina seca à sombra, & moida sutilmente oytava & meya, diachilaõ meya onça, misturem-se.* He este em lasto de Alfonso Ferreo, & o louva Palmario, os quaes dizem, que pouco, & pouco, & sem dor gasta toda a carnosidade. E advirta-se que em pessoas robustas, & callosidade mais dura, se pòde accrescentar a quãtidade de sabina, assim como tambẽ diminuir-se nas contrarias.

Outro caustico mediocre de grande experiencia de Francisco Dias. Receyta: *Alvayade huma onça, canfora huma oytava, tutia preparada duas oytavas, litharguio meya oytava, colirio de Rhasis, com opio meya oytava, antimonio oytava & meya, almecega, incenso, azevre de cada hum meyo escropulo, verdete huma oytava, pedra hume meya onça, oleo rosado, & cera, de cada hum quatro baste, faça-se unguento brando.* Unte-se com elle huma tira de olanda envolta na candea, & ponha-se espaço de oyto horas. Faz sua obra sem dor, & se fizer ardor, remedeese com este unguento. Receyta: *Alvayade canfora, tutia preparada, chumbo moido, unguento refrigerante de Galeno, de cada hum partes iguaes, cera quanto baste, faça-se unguento.*

Numero 12.
Caustícos brandos.

HE este de Fernelio, & Palmario. Receyta: *Azougue bom duas oytavas; murrha aristoloquia, de cada huma oytava & meya, tutia preparada meya oytava, faça-se de tudo pò sutil, & com estoraque liquido se faça massa, que tenha a dureza do emplasto.* He bom para carnosidades muyto brandas, & naturezas delicadas, porèm naõ sendo estas convem fortificar-se com pòs de pedra hume, ou de Joannes de Vigo, misturando à dita quantidade hum escropulo, ou menos, conforme a necessidade, lavando primeyro os pòs duas, ou tres vezes em agua rosada, ou de tanchagem, ou da fonte.

Outros de Palmario. Receyta: *Alvayade veneziano quatro onças, tutia escolhida, preparada, & lavada em agua rosada meya onça, fezes de ouro preparadas seis oytavas, antimonio escolhido feyto em pò muyto sutil, & passado por peneyra muyto*

to fina onça & meya, canfora meya onça, almecega, olibano, azevre. hepatico, de cada hum dous eſcropulos. As couſas que ſe haõ de moer ſe moaõ, & tragaõ na pedra porfiria diligentemente, & ſe ſequem ao Sol, & depois ſe tragaõ em almofariz de chumbo muyto tempo, cam o que baſtar de oleo roſado, & ſe faça unguento, com o qual ſe formarà a candea, que ſe ha de applicar às carnoſidades, & as gaſtarà ſem dor, nem moleſtia alguma.

Outros de Pedro Lopes de Leaõ. Receyta: *Incenſo ſeis oytavas, antimonio tres oytavas; trociſcos de Phaſis com canfora huma oytava, caſcas de romans, pedra hume queymada, de cada huma oytava & meya, eſponja queymada dous eſcropulos, faça-ſe pòs ſutis, & logo ajuntem unguento de tutia, & branco de Rhaſis, de cada hum duas onças tudo ſe miſture, & traga em almofariz de chumbo, & unte-ſe com iſto huma tira de olanda, & com a candea, ou fio de prata ſe meta pelo cano,* & tirando a candea ſe deyxe ficar ſobre a carnoſidade tres horas pela manhã, & tres à tarde, que em nove dias a gaſta como o meſmo Author nota, & naõ pòde fazer dor de conſideraçaõ.

Outro que o meſmo eſcreve por grão ſecreto. Receyta: *O ſangue de hum pombo ſeco, & moído, unguento de Apoſtolorum huma onça, lithargirio doze oytavas, caparroſa queymada quatro oytavas, ſemente ſantonico pedra lipis, de cada hum tres oytavas, myrrha, coral vermelho preparado, criſtal, tutia preparada, chumbo moído, bolo armenio preparado, de cada hum quatro oytavas, lance-ſe em hum tacho meya onça de oleo de amendoas doces, que ferva, & nelle iraõ lançando cada couſa deſtas de per ſi, mexendo muyto, & acabado de lançar tudo ſe tire do fogo, & ſe lance o unguento em vaſo de vidro, havendo primeyrò moído na pedra porfiria dos Pintores.* E quando quizerem uſar delles lançaràõ hum pouco em huma gota de oleo de amendoas doces que ſe miſturem, & com iſto quente untaràõ huma corda groſſa de viola, & fria, & untada outra vez com oleo das amendoas doces a meteràõ pelo cano tres horas pela manhã, & tres à tarde, & he ſegundo diz, ſecreto maravilhoſo, & admiravel, que naõ cauſa dor.

Louva tambem Franciſco Dias, *unguento Egypciaco miſturado com alvayade, & poſto em tira de olanda.* E finalmente todas aquellas couſas, que tem virtude de gaſtar a carne com pouca dor, ſerve para cauſticos brandos.

Numero 13.

Inſtrumentos, de que ſe deve uſar para applicar o cauſtico.

DE tres couſas ſervem os inſtrumentos na cura das carnoſidades, a primeyra para conhecer; porque pelo toque alcança o artifice deſtro, ſe he carnoſidade, ou outra ſubſtancia, a que no cano impede a ourina; a ſegunda alargar a via para que a ourina paſſe, & o cauſtico ſe applique; a terceyra para applicar o cauſtico, & os mais medicamentos neceſſarios.

Saõ pois varios os inſtrumentos que os Authores apontaõ, & a neceſſidade inventou; os primeyros foraõ talos de ervas, como de malvas, de perrexil, de couve, ou hum junco. Porèm eſtes tem dous inconvenientes, a ſaber, naõ poderem paſſar, ſe a carnoſidade tiver qualquer reſiſtencia, & naõ ſe conhecer bem por elles o toque, & aſſim naõ ſe deve uſar delles, como nota Franciſco Dias. Os ſegundos ſaõ humas candeas de cera, de que logo dirèmos. Os terceyros ſaõ humas tentas de chumbo, ou de prata, ou de outro, que ſervem para tocar, & conhecer o que dentro eſtà. & para alargar a via, & fazer caminho aos medicamentos. Os quartos ſaõ algalias a modo de tentas canuſadas, que ſervem quando os outros inſtrumentos naõ baſtaõ.

Delles

Delles todos he a melhor invençaõ a das candeas, porque naõ quebraõ tanto, nem saõ taõ molles como os tallos das ervas, nem taõ duras, como as tentas de chumbo,& metaes, & naõ sómente servem para conhecer, & alegrar a via da ourina, mas tambem para applicar nellas o caustico,que he a principal obra que se faz, & de todos o mais perigoso instrumento he a algalia, por ser mais duro, & violento, em tanto que diz Francisco Dias, que em vinte & oyto annos, que exercitou o officio de tirar carnosidades, naõ usaria della seis vezes.

E porque a candea naõ quebre, se farà de fio muyto forte delgado, & serà melhor preto, & misturaràõ com a cera trementina, & alquitira nesta forma. Receyta: *Cera branca huma libra, trementina onça & meya, alquitira huma onça, misturem-se, & disto se faça candea.* Outros fazem o pavio da candea de esparto, enrolando nelle huma linha muyto forte, & sobre isto põem a cera. Porém he deste modo mais dura, & molesta; & por tanto naõ se usarà senaõ para passar a carnosidade, quando for dura, & quando o for tanto como a sola do çapato, que a naõ possaõ passar as candeas, nem tentas, usa Francisco Dias,hum instrumento canulado, como algalia, aberto pela ponta, & por dentro delle entra outro que tem hum bico agudo, & sahe fóra tanto como grossura de huma pataça, com que a poucos se rompe o callo. Porèm este tem seu perigo, & naõ se usarà delle senaõ quando não houver outro remedio, porque se puder ser, he melhor ir gastando o callo a poucos com o caustico applicado na ponta da candea, como abayxo dirèmos.

A medida das candeas, & mais instrumentos para chegarem dentro à bexiga, ha de ser, segundo Laguna, & Amato Lusitano, hum palmo, & tres polegadas, medidas pela mão do enfermo. E assim dizem estes Autores, que o mayor instrumeno para os machos, saõ quinze polegadas, & o menor nove, & para as femeas, que tambem saõ sugeytas a este mal, he o mayor nove, & o menor seis. Adverte porèm Francisco Dias, que sejaõ mayores do que entra dentro no cano quatro polegadas, para se lhe poder pegar pela ponta,ou dobrar a candea, & atala, como he necessario com sua atadura. A grossura dos ditos instrumentos, tambem naõ he a mesma em todos, porque deve ser confórme a capacidade do cano.

Numero 14.

Ordem, & modo de applicar o caustico.

PRimeyro que tudo se deve abrir o caminho, para que o caustico passa chegar à carnosidade, ou callos. E posto que os instrumentos com que isto se faz, saõ varios, com tudo o da candea he o melhor de todos, como temos advertido.Della se usarà,untando-a com oleo de amendoas doces,ou com enxundia de gallinha, começando com a mais delgada, & metendo-a pouco,& pouco, muyto attento, que naõ escandalize, ganhando cada dia mais terra muyto pouco, & pouco, porque querendo fazer isto depressa, succedem mil desastres, fluxos de sangue de veas grandes, que ha neste lugar, dores terriveis, ardores de ourina, suppressaõ della, & outros de que nos havemos de guardar, como do diabo. E para isso he seguro ir attento, & não apressar, pela pressa que o enfermo, ou os assistentes daõ com grande dano da cura. E quando parecer se irà usando de candea mais grossa: atè que entre de todo na bexiga, & a via se alargue bastantemente para se applicar o caustico. Costuma entrar atè dentro em espaço de nove, ou dez dias, conforme a relaçaõ da cura que Felippe fez ao Almirante de Napoles. E huma vez que a candea passa as carnosidades todas, diz Laguna,

que ſe pòde entender, que he feyta meya cura, conforme ao Poeta

Dimidium facti, qui bene cæpit, habet.

Mea obra feyta tem quem bem começa.

E ſe o cano eſtiver taõ apertado com as carnoſidades, ou callos, que a candea dobre, & naõ poſſa entrar, aconſelha o meſmo Laguna, que ſe uſe de verga de chumbo muyto burnida, & ſe nem eſta baſtar, ſe faça outra de prata, ou de ouro com que pouco, & pouco ſe và a carnoſidade paſſando. E quando nenhuma baſte, entaõ he couſa urgente uſar do inſtrumento inciſorio, ou algalia, que eſtà dita.

Conhecer-ſeha ter a candea paſſado pelos ſaltos que faz na paſſagem, que ſaõ tantos, como as carnoſidades, & quando chega dentro da bexiga ſe conhece, porque entra quantidade de hum palmo, & tres pollegadas mais do enfermo, que he a medida que temos dito: porque os palmos, & pollegadas ſaõ diverſos, a ſaber, os de humas peſſoas mayores, que de outras, por tanto deve ter o Cirurgiaõ muytas, & varias candeas, algalias, & vergas de chumbo, & prata preparadas, para applicar a cada peſſoa a que mais lhe convier. E ſempre quando uſar dellas, as deve untar com oleo de amendoas doces, ou manteyga crua, ou enxundia de gallinha, ou unguento roſado, ou ſemelhante couſa.

E melhor, & com mais ſegurança ſe pòde tambem abrir o cano com huma corda de viola, untada como eſtà dito, porque eſta naõ quebra, & depois de eſtar dentro incha, & alarga muyto bem a via, & pòde-ſe começar por huma delgada, & depois de a deyxarem eſtar bom eſpaço, atè que eſteja bem tumida, a devem tirar, & meter outra mais groſſa, porque deyxa o buraco mais largo, & capaz, & aſſim ſe iràõ pondo outras mais groſſas de cada vez atè eſtar baſtantemente dilatado, & capaz da candea.

Depois da candea, corda, ou verga de chumbo metida, deyxarlhehaõ de fóra hum fio atado na ponta por onde a tirem, ſe acaſo entrar toda, & a porçaõ que crecer dobraràõ ſobre a verga, & ſeguraràõ com a atadura, para q̃ ſe não tire, & ſe algũa vez ſe for ſahindo, o meſmo enfermo cõ ſua mão a torne a recolher. E conforme a relaçaõ da cura do Almirante de Napoles, eſtarà todo o dia aſſentado com ella, & nem para ourinar a tire, mas aſſim com ella poſta ourine, & ſerà grande licença conſentir que lha tirem ſinco, ou ſeis horas, para dormir com deſcanço, atè a cura da manhã. Alguns porèm mandaõ, que ſe tire para o doente poder ourinar, porque às vezes não pòde de outra maneyra, mas ponha-ſe logo outra vez, porque ſe naõ torne a tapar o buraco.

Depois da candea ter paſſado atè a bexiga, nella meſma ſe verà quantas ſaõ as carnoſidades, & o lugar em que eſtaõ, porque trarà humas covinhas, que no tempo que com ellas eſteve apertada, ſe lhe imprimiraõ. E neſtas meſmas covas, ou amolgaduras, fazendo-as mayores, & capazes, meteràõ o emplaſto do cauſtico, de modo que fique raſo com as mais partes da candea, para que naõ empeſſe na paſſagem, & deſte modo o applicaràõ tornando a meter a candea de ſorte que cada parte do cauſtico ſe appliqne perfeytamente à ſua carnoſidade, para que a poſſa gaſtar ſem offender a parte ſã. E para que melhor ſe applique à candea o mollificaràõ ao fogo.

E em caſo que pela reſiſtencia dos callos, a candea naõ pudeſſe paſſar aconſelha Leaõ, & outros Authores, que ſe applique o cauſtico na ponta della, & ſe meta atè que empece no callo, & ahi ſe deyxe eſtar atè que faça ſua obra, porque pouco, & pouco o irà gaſtando ganhando terra, atè que de todo paſſe dentro à bexiga.

O

O tempo que ſe ha de deyxar applicado o cauſtico, dizem Laguna, & Amato citados, que ſempre o doente o tenha, & que ſó tire a candea, quando houver de ourinar, & accrecenta a dita relaçaõ da cura do Almirante, a qual tambem traslada Fragoſo, que nem para ourinar ſe tire; porque ourinando com ella ſe alimpa a materia, & ſe fica fazendo melhor obra. E quando iſto poſſa ſer, aſſim o aconſelho, & poſta deſte modo coſtuma gaſtar as carnoſidades, ſendo o cauſtico de Felippe, dentro de finco, ou ſeis dias como diz Laguna, poſto que a do Almirante tardou, em ſe gaſtar treze, como conſta da hiſtoria, & deve-ſe applicar cauſtico novo duas vezes no dia. Fol. 28. Fol. 33.

Contenta-ſe porèm Leaõ, com o ter applicado tres horas pela manhã, & tres à tarde, & no mais tempo deyxa o enfermo ſem a oppreſſaõ do cauſtico, nem candea.

E por eſcuſar a meſma moleſtia enſina eſte Author curar as carnoſidades com pòs; os quaes manda meter em hum canudinho como algalia muyto ſutil de latão, ou de prata, aberto na ponta com dous buraquinhos nas ilhargas, & levando os pòs dentro o metaõ pelo cano, & chegando à carnoſidade mandaràõ a huma peſſoa que lhe ſopre, & logo ſe tirarà o canudo, deyxando os pòs na parte afiecta. Os que para iſto ordenaõ ſaõ os ſeguintes. Receyta: *Sabina ſeca à ſombra duas oytavas, antimonio, tutia preparada, de cada hum meya oytava, façaõ-ſe pòs ſutiliſſimos, & ſerà acertado trazelos na pedra porfiria com agua roſada, deyxando-os ſecar ao Sol oyto, ou dez dias.* E diz que ſe appliquem dous dias a reyo, & depois para mitigar a inflammaçaõ ſe ſiringue com o ſeguinte. Receyta: *Cumo de beldroegas, de erva moura, de tanchagem, de ſempre viva, de cada hum meya onça, huma clara de ovo, traga-ſe tudo em almofariz de chumbo*, & nas partes viſinhas ſe ponhaõ panos molhados em algum repellente para defenſivo. A' imitaçaõ daquelles pós, poderà cada hum ordenar outros mais brandos, ou mais fortes, conforme a neceſſidade o pedir.

Se neſte tempo em que os cauſticos ſe applicaõ ſobrevierem graves dores, ſuppreſſaõ de ourina, ou ſemelhante ſymptoma, ſe pararà logo com elles, & ſe lhe acudirà ao accidente, como abayxo diremos. E do meſmo modo ſe o cano ſe tornar a tapar, & impedir a applicaçaõ dos cauſticos, tambem com elle ſe pare, & ſe torne a abrir do modo que eſtà dito.

Conhecer-ſeha que as carnoſidades, & callos ſe gaſtaõ pela meteria, que ſe vay criando, de que a candea vem molhada, & que eſtaõ totalmente gaſtadas, porque entra a candea ſem empeçar em couſa alguma, atè a bexiga, & a ourina ſahe direyta, livremente em chorro groſſo, como no tempo da ſaude, & o cauſtico, porque chega jà ao vivo faz mayor dor. E havendo eſtes ſinaes ſe pare logo com elle, & ſe trate de mundificar, & cicatrizar, que ſaõ a quarta, & quinta intenções que ſe ſeguem.

Numero 15.

Quarta intençaõ.

DEpois das carnoſidades gaſtadas de ordinario ficaõ as chagas limpas, ou ſe alimpaõ logo por ſi, porque o meſmo cauſtico conſume toda a ſordicia o que ſe conhece, porque ſahe a materia branca, liſa, igual, & ſem mào cheyro, que ſaõ os ſinaes, que Hippocrates requere: porèm ſe algumas vezes ficar ſordicia, entra a quarta intençaõ, que he mundificala com medicamentos abſterſivos. Eſtes lançava Felippe por ſiringa, couſa que Amato lhe reprova, porque diz ficarem reliquias das carunculas, & pedaços de coſtras do cauſtico, & que a Progn. ult.

ſiringa as lançã dentro da bexiga. E poſto que com a ourina ſe pòdem tornar a expurgar, com tudo naõ he ſeguro lançarlhas dentro. E aſſim me parece mais conveniente que os medicamentos, que ſe applicarem depois do cauſtico, ou ſejaõ abſtergentes, ou cicatrizantes, ſe appliquem antes na candea, & tira de olanda, & depois das chagas jà bem limpas das reliquias, que o cauſtico deyxou queymado, & de qualquer ſordicia que haja, que ſempre duraõ oyto dias, ſe poderà uſar da ſiringa. E por tanto mundificaremos com mel roſado, ou ſe houver deſtemperança calida, com xarope roſado, molhando nelles huma tira de olanda velha, ou de tafetà, & metendo-a com a candea, ou corda de viola, ou fio de prata, ou de chumbo, de modo que tirando a candea, ou fio fique a tira dentro, ou ſe faça medicamento mais ſolido que ſe applique na candea, aſſim como ſe diſſe do cauſtico, & pòde-ſe applicar unguento Apoſtolorum por ſi ſó, ſe a ſordicia for muyta, ou ſe for pouca, miſturado com igual quantidade de *diapalma*, ou de emplaſto *Geminis*, & ſe parecer que ficaõ algumas porciunculas das carnoſidades por gaſtar, ou que a ſordicia he demaſiada, uſar-ſeha do meſmo cauſtico, mas temperando-o, & diminuindolhe a fortaleza com miſtura de qualquer outro emplaſto, ou unguento, como diapalma, emplaſto *Geminis*, unguento branco de tutia, ou de chumbo, tres partes de qualquer deſtes, ou ſe faça hum muyto brando v. g. Receyta: *Lithargirio ſete onças, oleo roſado oyto onças, fervaõ atè tomar ponto de emplaſto*, ao qual ajuntem dos pòs preparados do emplaſto de Fellipe huma onça, & ſe o quizerem mais efficaz, lancemlhe mais pós, & ſe mais brando, menos, v.g. meya onça, ou duas oytavas.

Paſſados oyto dias, ſe ainda houver neceſſidade de mundificar, jà entaõ he ſeguro lançar o abſterſivo por ſiringa, & ſe pòde fazer o de que uſava Felippe. Receyta: *Centaurea menor, aypo, cauda, equina, de cada huma meya mãochea, cevada machucada com ſua caſca, huma onça, coza-ſe tudo em duas libras de agua que ſe goſte ametade, & coe-ſe, & ajunte-ſe de mel roſado, ou de mel de centaurea duas onças.* O uſe ſiringue com agua deſtillada de caracoes, ou de favas verdes, que neſte caſo louva Laguna citado. E ſe for muyta a ſordicia, manda Amato, ſiringar com *agua de Lanfranco*, a qual ſe pòde temperar *com miſtura de agua de cevada, tres partes deſta, huma da outra*, ou ainda mais da agua de cevada, ſe houver muyto calor, ou acrimouia da ourina. Ou ſe desfaça, *em agua de cevada, mel roſado, & unguento Apoſtolorum, ou egypciaco, ſe a neceſſidade o pedir.* Advertindo ſempre que o menos que for poſſivel; ſe uſe dos medicamentos agudos, acres, & mordazes, como encomendão Ferreo, & Palmario.

Cap. 9. Cap. 10. cit. E porque algumas vezes ficaõ ardores notaveis por razaõ da deſtemperança calida, que deyxou o cauſtico, miſturar-ſehaõ com os mundificativos medicamentos àtemperantes, & pòde-ſe uſar de leyte de peyto, ou de cabras, ou qualquer outro, miſturandolhe aſſucar roſado, ou commum. E ſendo unguento o mundificante que ſe applica, miſture-ſelhe o roſado, ou manteyga crua. E ſendo o cozimento muyto, miſture-ſe populeaõ, ou algum grão de opio, & nos licores com que ſe ſiringa ſe pòde miſturar cozimento de malvas, & de violas, & de meymendro, & dormideyras. E pode-ſe fazer hum mundificativo atemperante deſte modo. Receyta. *Cozimento de cevada huma libra, çumo de meymendro huma onça, xarope de dormideyras huma onça, roſado duas onças, miſture-ſe.* Ou eſte. Receyta: *Semente de dormideyras brancas huma onça, pevides de melaõ, & abobora, de cada hum huma onça, pizem-ſe, & desfaçaõ-ſe em agua de cevada, & coem-ſe, & ajunte-ſe aſſucar branco tres onças*, & ſiringue-ſe com iſto.

Num. 16.

Numero. 16.

Quinta intençaõ.

TAnto que eſtas chagas chegaõ a mundificar-ſe, logo tambem ficaõ encarnadas, & aſſim nao he neceſſaria particular providencia deſta intençaõ: por tanto ſe ſegue logo a quinta que diziamos, que he cicatrizalas, por falta da qual tornaõ as carnoſidades a nacer, & ſuccedem de ordinario recahidas. Em comprimento della ordena Felippe, certo collirio de ſeyxos moîdos, & outros pòs lapidoſos, que tem virtude de ſecar potentemente, como neſte caſo ſe requere, & o lança por ſiringa: diz porèm Amato Luſitano, ter viſto delle màos ſucceſſos, & dà por rezaõ entrarem aquelles pòs na bexiga, & fazerem grave dano. Pelo que me parece mais acertado ſiringar com outros medicamentos que naõ tenhaõ pòs, ou applicados tambem nas candeas. E pòde-ſe fazer eſta de Amato, com que curou certo enfermo. Receyta: *Alvayade; pedra hume, fezes de ouro, de cada hum duas oytavas, faça-ſe cozimento em duas libras de agua de cauda equina, ou de pós de roſa, ou de tanchagem, que ſe gaſte ametade, & coe-ſe por feltro, ou pano muyto boſto, que naõ paſſe pò algum, & lance-ſe por ſiringa.* Ou ſe faça o meſmo de Felippe, mas muyto bem coado que he eſte. Receyta: *Agua de tanchagem, & roſada, de cada huma, huma libra, ſoro de leyte de cabras meya libra, alvayade ſeis oytavas, pedra hume, ſeyxo branco, eſpodio criſtal, tudo feyto em pó, de cada hum oytava & meya, canfora hum eſcropulo, tudo ſe miſture, & ferva que fique ſómente em dez onças*, que vem a ſer as que Felippe ordena ſem ferver, & coe-ſe por pano muyto baſto, & com iſto ſe ſiringue.

E note-ſe que ſe juntamente houver ardor, ou deſtemperança callida ſe miſturem com os cicatrizantes alguns medicamentos que a temperem, & mitiguem, *como leyte agua de cevada, & outros deſta ſorte*, & ſendo neceſſario ſe chegue aos eſtupefacientes leves, como dormideyras brancas, o lembedor dellas, cozimentos de meymendro, &c.

Em comprimento da meſma intençaõ, diz Pedro Lopes, *que tomem azougue, & o matem muyto bem com o cuſpo, & depois untem com elle huma tira de olanda velha, & a metaõ pelo cano* porq̃ deſſecarà as chagas, & dilatarà a via ſem cauſar dor alguma. E que tambem continuem com huma verga de chumbo muyto bornida, & azougada, ſegundo manda Ambroſio Pareu, & jà tem acontecido algumas vezes, baſtar a verga de chumbo para comprir com todas as intenções, porque applicada depois do corpo evacuado, & depois do uſo do páo, ou ſalſa, applicando-ſe de modo que paſſe as carnoſidades, & deyxando-a ficar, & dormindo com ella, ſuccede muytas vezes que as reſolve, & gaſta admiravelmente ſem ſer neceſſario cauſtico, nem outro remedio. Nem iſto he eſpantar, pois o chumbo tem eſtas virtudes, & azougado ainda mayores, como a experiencia tem moſtrado, & nota Guido. Ou ſe façaõ eſtes pòs. Receyta: *Pedra calaminar lavada, caſcas de ovos queymadas, coral vermelho preparado, caſcas de romãs, de tudo ſe façaõ pòs muyto ſutis, & miſturem com unguento de minio, & ſe appliquem na candea, ou tira.* Ou façaõ *pòs de alvayade, & fezes de ouro preparados com agua roſada na pedra profiria.* Ou *pós de minio, & de chumbo queymado partes iguaes.* E qualquer delles ſe peguem à candea, & ſe appliquem.

Lib. 18. cap. 23. in fin.

Ou ſe ſeringue com a agua ſeguinte. Receyta. *Agua em que os ferreyros apagaõ os ferros duas libras, maçãs de cypreſte, agalhas, caſcas de romãs, de cada hum oytava & meya, pedra hume meya oytava, ferva tudo que fique ſómente meya libra*, & coe-ſe porque deſſecarà as chagas excellentemente. He tambem de grande efficacia

eſta.

eſta. Receyta: *Murtinhos, capelos de bolotas, caſcas de romãs, ſumagre, de cada hum duas onças, & doze maçãs de cypreſte, tudo ſe coza em tres quartilhos de agua da pia dos ferreyros, que ſe gaſtem dous, & ajuntem lhe pedra hume crua meya onça.* E mais que todos he efficaz eſte emplaſto. Receyta: *Eſcoria de ferro preparada, & tornada apreparar na pedra porfiria com agua roſada, & ſeca ao Sol, quatro oytavas, ſumagre peneyrado duas oytavas, miſture-ſe tudo com unguento de chumbo,* ou de tutia de modo que fique duro, & appliquè-ſe na candea.

Conhecer-ſeha que eſtà a chaga cicatrizada, porque naõ haverà materia, nem veſtigio de dor, & entaõ ſe entenderà que eſtà o enfermo perfeytamente ſaõ. Mas torno a advertir, que qualquer eſcozimento, que na ourina ſe ſinta, he final certo naõ eſtar a chaga bem encourada, & he neceſſario que ſe tenha ainda grande conta com ella, aliàs haverà recahida. E para preſervar que as carnoſidades naõ tornem, aconſelha Felippe, que ſe meta a candea huma vez, ou duas cada mez.

E ſobre tudo he conſelho meu, que ſe naõ eſtiver muyto bem curado do morbo gallico, que ſe torne a curar delle, tomando ſuores, ou unturas com que ſe acabe de extinguir a mà qualidade, que he a com que pòde fazer q̃ as carnoſidades tornem. Aſſim que duas ſaõ as couſas muy ordinarias de recahida, a primeyra naõ ficar o corpo limpo, nem a mà qualidade extincta, a ſegunda, naõ ficar a chaga bem encourada, porque tanto que as carnoſidades ſe gaſtaõ, & vem que o enfermo ourina livre, logo o deyxaõ, naõ advertindo, que falta o couro, por cuja falta ſe çuja outra vez a chaga, & as carnoſidades tornaõ, ou logo, ou dahi a hum anno, ou depois, como nota Franciſco Dias, pelo que neſtas duas couſas de recahida, ſe deve ter grandiſſima providencia. E por tanto ſe depois de julgar o enfermo por ſaõ, dahi a tempos tornar a ter alguma purgaçaõ de materia, he final que tornou a abrir a chaga, & ſe deve ourra vez uſar dos cicatrizantes, & antes delles abſtergentes, ſe forem neceſſarios, advertindo primeyro, naõ ſeja alguma gonorrhea purulenta de algum novo contagio, que o enfermo alcança ſe.

Numero 17.

Sexta intençaõ.

POſto que a intençaõ de emendar os accidentes ſe ponha em ultimo lugar, com tudo ha-ſe de executar a qualquer tempo que ſobrevenha, porque como he indicaçaõ da urgencia, a qualquer tempo que aconteça ſempre ſe lhe ha de ſatisfazer primeyro, conforme Galeno. Os accidentes que coſtumaõ ſobrevir ſaõ fluxo de ſangue, dor graviſſima, inflammaçaõ, ſuppreſſaõ de ouriua, aos quaes ſe deve acodir logo, parando com toda a mais cura, & depois delles paſſados ſe torne a continuar, ſendo neceſſario.

7. met. c. 12 & ſeqq. alibi.

Ao fluxo de ſangue acode Laguna, ſiringando com agua roſada, & de tanchagem, & clara de ovo, tudo batido, & applicando por fóra cataplaſma feyta de *aguas, ou çumos de tanchagem, & de roſas, de cada hum quatro onças, vinagre roſado duas onças, duas claras de ovos, bolo armenio, ſangue de Drago, coral, roſas, murta, caſcas de romãs, tudo feyto em pò, de cada hum duas oytavas, faça-ſe cataplaſma.* Ou ſe appliquem panos molhados em vinagre deſtemperado com agua, ou o defenſivo de bolo armenio, ou mais cauſas, que convem ao fluxo de ſangue.

As dores, ardores, inflammaçaõ, tudo coſtuma vir junto, por razaõ de humores que correm às partes. Succedendo algum, ou todos eſtes accidentes, ſangrar-ſeha

grar-ſeha logo o enfermo no braço, vea d'arca, & tiraràõ o ſangue, que a neceſſidade pedir, & as forças permittirem, conforme as regras geraes da ſangria, & ſiringaràõ com *leyte de peyto, ou qualquer outro, ou com oleo violado, ou roſado, ou de golfãos, ou com mucillagem de zaragatoa, & de pevides de marmellos, ou cozimento de malvas, & de violas, deſfazendo nelles pevides de melão, & abobora.* Lib. de ſang. ſup. totum & 4. met. c. 6. & ſæp. alibi.

Por fóra applicaràõ unguentos refrigerantes, & repellentes, como o roſado, refrigerante de Galeno, populeaõ, & panos molhados em leyte, ou em agua roſada, de tanchagem, de beldroegas. E ſe as dores ſe naõ mitigarem, miſture-ſe hum, ou dous grãos de opio a duas onças dos licores, com que ſe ſiringue, & ſe miſturem tambem dous, ou tres grãos a duas onças dos unguentos, que por fóra ſe applicão, porque conforme Palmario, mitiga as dores a modo de milagre; & por tanto perſuade, que ſe naõ uſe de outro remedio, quando a urgencia for grande. E ſe for tanta que naõ baſtem os remedios topicos, he neceſſario, que pela boca ſe dem alguns eſtupefacientes, ſegundo aconſelha Franciſco Dias & póde-ſe dar *meya oytava de Filonio Romano*, para as dores, ou *Perſico*, para o fluxo de ſangue, ou dous *grãos de opio*, qualquer deſtes em hum pequeno de vinho, qualquer que ſeja. E indo a inflammaçaõ por diante acodir-ſeha com os remedios, com que as inflammações ſe curaõ. Lib. de ſang. c. 18 & 10. local. c. 2.

Sobrevindo ſuppreſſaõ de ourina com febre, ou com inflammaçaõ, acuda-ſe logo com ſangria, primeyro no braço, & depois no pè, como ſe colhe de Galeno. Naõ havendo febre, nem inflammaçaõ, uſe-ſe de *ajudas commuas, ou de cabeça de carneyro, ou de cozimento de malvas, violas, alfavaca de cobra, linhaça, macella, farellos de trigo com ſeu azeyte, aſſucar, ou mel, & ſal, & façaõ-ſe fomentações do meſmo cozimento*, ou ſe applique *alfavaca de cobra frita com unto de porco, ou com manteyga crua, & azeyte, & hum ovo, tudo feyto a modo de filhò.* E unte-ſe ſobre a bexiga, & reygada, *com oleo de amendoas doces.* E ſe iſto naõ baſtar *com oleo de alacráos.* E ſe com tudo o enfermo naõ ourinar, meta-ſe em hum banho atè a cintura, ou (o que melhor he) todo o corpo, & o banho ſerà *de agua morna, ou de azeyte.* E ſe com tudo naõ ourinar, uſe da candea, & finalmente da algalia.

Numero 18.

Cura palcativa das carnoſidades, & callos.

PEla difficuldade que ha na cura propria das carnoſidades, & callos a naõ querem algumas vezes os enfermos admittir, nem os Cirurgiões accommetter, ou tambem porque o rigor do tempo do Eſtio, ou Inverno o naõ permitte. Nos quaes caſos, convem uſar da cura palcativa, com que o enfermo và paſſando com a menor moleſtia que for proſſivel.

Primeyramente farlhehaõ as evacuaçoens univerſaes, ſangrando-o no braço, vea d'arca, ou no pè da banda de dentro, conforme ao aphoriſmo de Hippocrates: *Difficultatem urinæ vene ſectio juvat, ſecare vero interiores.* Quer dizer: *A difficuldade da ourina faz bem à ſangria que ſe deve dar nas veas de dentro.* E havendo muyta carga, ſangre-ſe em ambas as partes, primeyro no braço, depois nos pès, conforme Galeno. Lib. de rer. affect. c. 4. & lib de ſang. miſ. c 18 & 10. local c. 2.

Na materia da purga ſe advirta, que neſte caſo move de ordinario mayores dores, & ardores, porque como faz ſua evacuaçaõ por partes taõ vizinhas, & move tambem alguns humores pelos caminhos da ourina, ſempre eſcandaliza eſtas partes. E como os medicamentos purgativos tambem participem de calor, deſtemperaõ mais os rins, & ſaõ cauſa de mayores ardores, ſegundo jà temos

advertido na cura da gonorrhea purulenta. Devem-ſe logo eſcuſar o mais que for poſſivel, & fazer antes evacuaçaõ por vomito duas, ou tres vezes na ſomana, & ſe for peſſoa facil, baſtalhe *agua, vinagre, & aſſucar, tudo fervido, ou agua vinagre, & mel*, ſendo tempo frio, & peſſoa pituitoſa, *tomando hum quartilho de huma deſtas miſturas, ou quatro onças de xarope aceroſo, & cozimento de rabaõ, ou huma oytava de agarico trociſcado, com o meſmo xarope, ou com oximel no caldo de hum frangaõ ſem ſal.*

Sendo peſſoa que naõ poſſa bem vomitar, he couſa abſurda obrigado a vomito, conforme Galeno: *Cogere eum, qui vomere non poteſt, abſurdum eſt.* E aſſim naõ ha para que inſiſtir em evacuar os humores por vomito contra a natureza, conforme o meſmo Galeno. Haõ-ſe logo de eleger alguns medicamentos purgantes, que menos aquentem, como *xarope de nove infuſoens, de violas, & das noſſas roſas*, & porque eſtes ſaõ fracos em purgar, miſturem-lhe tambem de *Alexandria, & poucas vezes algumas folhas de ſene.* A polpa de canafiſtula provoca algum tanto a ourina, mas pòde-ſe ſofrer por ter pouco calor, & ſer lenitiva, & mitigativa de dores, & ardores; com tanto, que naõ lhe miſturem alcaçùz, nem outra couſa, que mais provoque a ourina, como de ordinario fazem os Praticos, pois he regra certa indicarem os males pela revulſaõ, & derivaçaõ, & naõ evacuaçaõ pela meſma parte, com que mais ſe irritaõ, ſegundo ſe colhe da doutrina de Galeno. Em lugar deſtes medicamentos pòde-ſe uſar *de diaprunis ſimplez, & comer o doente ameyxas cozidas, & o caldo dellas huma hora antes de jantar*, & ſendo tempo de Inverno, & peſſoa de compleyçaõ menos calida, pòde-ſelhe dar *meya onça de trementina fina, lavada em agua de malvas.* E totalmente ſe evitem os medicamentos mais validos, ſenaõ forem preciſa neceſſidade de preparar o corpo para remedios mayores, como para ſuadouros, unturas, banhos, fontes, ou finalmente para fazer a cura propria ſobredita, em que ſe naõ eſcuſa preceder grande evacuaçaõ.

11. met.

Loc. cit. in princ.

Uſarà tambem o enfermo de ajudas, naõ das validas, porque neſſas ha os inconvenientes da purga, mas outras de couſas emollientes, linitivas, & refrigerantes como *cozimento de malvas, violas, ameyxas, cevada, malvaiſco, erva gigante, & frangaõ*, & ſe for enfermo ſugeyto a ventoſidades, miſturandolhe hum pedaço de *gallinha, ou carneyro gordo, ou tripas, pès, & cabeça do meſmo*, fazendo cozimento de algumas deſtas couſas, miſturando a meyo quartilho delle *manteyga crua, oleo roſado, violado, de golfaõs, & ſemelhantes*, & pòdeſelhe ajuntar *de quatro atè oyto oytavas de polpa de canafiſtula freſca, ou xarope de nove infuſoens de roſas perſicas, ou diaprunis ſimplez, & algũas vezes meya onça de diacatholicaõ.* Ou ſe lancem ajudas de azeyte ſem ſal, ou lavado, & quando os ardores forem muytos, lance-ſe por ajuda meyo quartilho de oleo roſado, ou violado, & com eſta brandura ſe irà procedendo: & ſe nem com iſto ſe moderar a violencia das dores, he remedio provado miſturar na ajuda meya oytava, ou huma oytava de Filonio Romano, ou dous graõs opio.

Mitigaõ-ſe grandemente os ſymptomas deſte mal com banhos de agua doce, que o enfermo deve tomar, principalmente no Eſtio, ou a todo o tempo ſe a urgencia for muyta. E appliquem-ſe por fóra aos rins os unguentos, & oleos refrigerantes, ou paſta de chumbo furada, & o mais que temos dito neſte Capitulo, & na cura da gonorrhea purulenta para mitigar os ardores, & haja ſempre bom regimento, nunca uſe de peſcado, nem de couſas acres como eſpecies, nem ſalgado, nem de azedo, porque tudo iſto faz acrimonia na ourina, que he o que ſempre accreſcenta os ſymptomas neſte caſo. E ſobre tudo faça fontes nas

pernas,

pernas, em eſpecial na direyta da banda de dentro, que neſte caſo vi aproveytarem maravilhoſamente.

E quando algumas vezes as dores, & acrimonia apertarem tanto, que ponhaõ o enfermo em perigo, *dem-ſelhe os trociſcos de alchechengi em agua de malvas, ou ſe lhe dem dous grãos de opio em vinho, ou huma pirola de cynogloſa.*

E de ordinario tome pelas manhãs a agua de malvas com aſſucar candil, ou commum, ou agua de beldroegas, ou duas onças de xarope de mucillagens de Matheos de Grade, miſturado com outra tãta das meſmas aguas, ou hũas gemas de ovos paſſadas por agua fervendo com aſſucar, & finalmente faça-ſe tudo o que os Authores ordenaõ para os que padecem ardor de ourina, & deſte modo ſe irà paleando para poder paſſar a vida com menos tormento.

ANNOTAÇOENS.

Numero 2.

CAuſa frequentiſſima he a gonorrhea. *Conhecendo o Author que a cauſa mais frequente das carnoſidades he a purgaçaõ das gonorrheas purulentas, naõ ſabemos como ſe eſqueceo diſto eſcrevendo a ſua cura no* Capitulo XI. *aonde aconſelha, que as gonorrheas ſe deyxem purgar muytos dias, & meſes; ſendo que quanto mais tempo duraõ, mais certamente ſe fabricaõ as carnoſidades na via por onde as materias virulentas ſe expurgaõ; & por iſſo ſe deve logo fazer diligencia por curalas, na fórma que diſſemos nas Annotações ao dito* Capitulo XI.

Numero 6.

POr vomito: *Teme o Author os medicamentos purgantes nas peſſoas que padecem achaques de ourina; & por iſſo aconſelha, que ſe uſem pouco na cura das carnoſidades. Porèm ſe eſtas ſe achaõ em ſugeytos gallicados, preciſamente ſe haõ de repetir os purgantes, para haver de chegar ao uſo dos alexipharmacos do gallico; depois dos quaes ſe applicaõ os remedios para gaſtar as carnoſidades. E entre os purgantes, tem melhor uſo os vomitorios, pela revulſaõ com que obraõ.*

Unturas de azougue. *Para curar bem as carnoſidades, antes de applicar os remedios com que ſe gaſtaõ, deve fazer-ſe cura regular a extinguir o contagio gallico, para o que preferimos a cura do azougue a todas as mais, que ſe pòdem celebrar com os alexipharmacos antivenereos; porque ſó o mercurio extingue bem todos os ſeminarios deſte contagio, de que naõ depende pouco a cura das carnoſidades.*

Temperar o demaſiado calor. *Quando houver neceſſidade de attemperar o calor das entranhas ou da maſſa ſanguinaria, & dos rins, entre os remedios internos, que a eſte fim ſe uſarem, tem o primeyro lugar o leyte de burra: porque alèm de refrigerar, & de temperar o ſangue, he de grande utilidade para as dores, & ardores de ourina, que ordinariamente padecem as peſſoas que tem carnoſidades.*

Banhos de agua doce. *Temem muyto alguns Praticos, que os gallicados ſe cheguem a meter na agua, cuydando que logo nella ſe tolhem; & ainda que iſto tenha ſuccedido em alguns, naõ he para que todos hajaõ de fugir da agua, principalmente ſe forem de temperamento quente, & ſe as entranhas, ou a maſſa ſanguinaria ſe acharem excandeſcidas, ou com o calor dos remedios, como acõtece em algũas peſſoas depois de tomarem ſuores, ou com intemperanças que padeçaõ; nos quaes he conveniente tomar banhos, ainda no meſmo tempo em que uſarem de cura alexipharmaca, como muytas vezes temos feyto, metendo o doente em hum banho entre os dias em que ſe prepara com outros remedios para tomar o mercurio, ou quaeſquer outros alexipharmacos, & de-*

pois defeyta a cura, ſe fica com calor eſtuante, que obrigue a temperar-ſe com banhos.

Numero. 16.

BAſtar a verga de chumbo. *Sabemos de algumas peſſoas, que tendo carnoſidades, ſe curaraõ dellas ſó com trazer huma verga de chumbo, humas vezes azougada, outras vezes ſem azougue, metida na via da ourina, de noyte, & de dia, andando com ella ſempre; porque o chumbo, & o azougue pòdem reſolver, & gaſtar as carnoſidades, refreſcando juntamente, & temperando a via da ourina, que com os cauſticos ſe inflamma naõ poucas vezes.*

Numero 18.

POr vomito. *Os vomitorios repetidos ſaõ de grande utilidade nos males da ourina, pela revulſaõ que fazem dos humores, que podiaõ encaminhar-ſe com ella às partes offendidas; & já Aecio entendeo que para preſervar de queyxas nephriticas, naõ havia meyo, como o de tomar varias vezes alguns vomitorios. Mas os que naõ puaerem uſar delles, purguem-ſe com medicamentos brandos, que pódem receytar-ſe deſte modo.*

Tomem oytava & meya de folha de ſene, meya oytava de ſal de tartaro, ſeis grãos de erva doce; ferváõ em tres onças & meya de agua de chicoria, atè tirar a tintura do ſene; entaõ coe-ſe, & ajunte-ſe onça & meya de xarope aureo.

Ou ſe uſe do medicamento ſeguinte, naõ havendo ardores nas vias da ourina:

Tomem ſeis oytavas de ſal cathartico amaro, desfaçaõ-ſe em quatro onças de tintura de oytava & meya de folhas de ſene, em que ſe deſate huma onça, ou onça & meya de manà, coe-ſe.

Ou tomem duas onças da opiata laxativa de Riverio (cuja receyta ſe acharà no Capitulo da adſtricçaõ do ventre) *desfeyta em quanto baſte de cozimento de folhas de ſene; que com qualquer deſtes medicamentos, repetindo-os, iràõ purgando brandamente, ſem ſe offenderem com elles. Ou ſe purguem com os Calomelanos de Turqueto, tomando hum eſcropulo, com meyo de diagridio de Paracelſo; que ſempre os purgantes mercuriaes devem preferir nos gallicados aos mais remedios ſalutivos.*

CAPITULO XXXXV.

Das chagas gallicas de dentro do cano da ourina, & outros ſymptomas della, que procedem da qualidade gallica.

Numero 1.

POſto que eſtas chagas precedaõ como cauſa às carnoſidades, dilatey com tudo a doutrina dellas para eſte lugar, porque pelo que das carnoſidades eſtà dito, fica muyto mais clara, & facil.

Ha deſtas chagas varias differenças, aſſim como das que nacem nas partes de fóra: porèm as mais ordinarias ſaõ virulentas, & corroſivas, principalmente as que nacem no collo da bexiga, & hũas tem muyta malicia outras menos, conforme acima diſſémos, fallando do morbo gallico incipiente, das q̃ por fóra nacem, de cuja cura a deſtas naõ differe em mais que no modo de applicar os remedios, porque por eſtarem dentro do cano, he neceſſario applicarem-ſe com ſiringa, ou candea, & por tanto todos os remedios, que para a cura das ſobreditas diſſémos, ſe pódem applicar a eſtas, guardando as advertencias, que neſte Capitulo faremos.

As cauſas das chagas do cano da ourina pòdem ſer todas aquellas, aſſim inter-

nas,

nas, como externas, que diſſémos das carnoſidades, das quaes aſſim como a mais ordinaria he o contagio gallico, & a gonorrhea purulenta, aſſim tambem o he deſtas chagas.

Dous ſaõ os ſinaes, que juntos ambos ſaõ patognomonicos dellas, a ſaber, dor, & materia. O que importa muyto advertir, como diz Palmario, porque ſuccede muytas vezes ſahir materia pelo cano ſem haver dor, & outras haver dor ſem materia, & quando iſſo aſſim acontecer, he certo naõ haver no cano chaga, aſſim como tambem he certo havela, havendo-os tambem juntos. Quando pois ha materia ſem dor, emana de algũa chaga, ou abſceſſo, que haja nas partes ſuperiores, ou ſem haver abſceſſo, nem chaga (como de ordinario acontece) da fluxaõ da gonorrhea purulẽta, que dos teſticulos, & paraſtatas deſtilla, & às vezes dura muytos annos ſem fazer dano, antes proveyto à ſaude, deſcarregando-ſe o corpo, como por fonte dos humores noxios por aquelle lugar. E poſto que nos principios rariſſimamente, ou nunca ha gonorrhea purulẽta, ſem haver chaga no cano, com tudo muytas vezes ſuccede ſarar de todo a chaga, & ficar a gonorrhea deſtillando, o que ſe conhece, porque totalmente ceſſa a dor, & aſſim naõ havemos de cuydar que todas as vezes que ſahe do cano materia haja neceſſariamente chaga, ſe com a materia, porèm houver dor, infallivel, final he havella. Nem tambem a dor ſem materia póde ſer baſtante final, porque a expurgaçaõ de humores acres, & mordazes, & pedras que por aquelle caminho ſe fazem, & a pedra da bexiga cauſaõ dores crueliſſimas, ſem que haja chaga na via. He logo certo, que cada hum deſtes ſymptomas por ſi ſó, naõ he final certo de chaga no cano, mas havendo-os ambos juntos, fazem hum final infallivel.

E porque poderà alguem dar por objecçaõ a materia, que pela ourina ſe evacua das partes ſuperiores, as fleumas purulentas, que por eſte caminho ſe lançaõ, as quaes todas fazem dor no cano, ſem nelle haver chaga, & que aſſim naõ fica ſendo a compleyçaõ dos ditos dous ſymptomas final patognomonico? Reſpondo que eſſa materia ſahe juntamente miſturada com a ourina, ou depois della, obrando a bexiga; ou muſculos o acto de ourinar, porèm a da chaga, & gonorrhea, naõ vem ſó miſturadas com a ourina, mas ſem acto de ourinar eſtaõ perpetuamente manando, & pegando-ſe à camiſa, aſſim como o fluxo involuntario de ſemente. Pelo que a materia, que deſte modo vier, havendo juntamente dor no cano no acto de ourinar, ou fóra delle, em eſpecial diſtendendo-ſe, ou apertando a parte, ſaõ infalliveis os ſinaes de chaga. Nem obſta que às vezes acontece na gonorrhea purulenta haver antes da chaga eſte modo de evacuaçaõ da materia com dores graviſſimas, porque neſte tempo já ha excoriaçaõ, & principio della.

Daqui ſe vè claro quam errada ſeja a opiniaõ de alguns, que confundem a gonorrhea purulenta com a chaga do cano, ſendo couſas taõ diſtinctas, porque poſto que nos principios haja huma couſa, & outra, com tudo depois ſe vem muytas vezes ſeparadas, porque algumas vezes ſára a gonorrhea, & fica a chaga, outras ſára a chaga, & permanece a gonorrhea, ou tudo junto.

As cauſas das chagas do cano pòdem ſer todas aquellas que diſſémos das carnoſidades, porèm a mais ordinaria he a gonorrhea purulenta que com ſua acrimonia o ulcèra, ou o contagio gallico, que immediatamente ſe imprime naquella parte, & cauſa nella corroçaõ.

Os prognoſticos ſaõ, que com difficuldade ſe curaõ, aſſim por ſer lugar a que difficultoſamente ſe applico os remedios, como pelo curſo da ourina, & da gonorrhea, & outras materias, que paſſaõ, & as irritaõ, & naõ daõ lugar que ſá-

rem. E durando muyto às vezes corroem atè fóra, fazendo fiſtulas no cano, & collo da bexiga, por onde ſahe a ourina, confórme nota Palmario citado. Outras vezes cauſaõ carnoſidades, & callos, do modo que no Capitulo antecedente diſſémos.

Numero 2.

Cura das chagas de dentro do cano da ourina.

PAra que methodicamente ſe curem, he neceſſario diſtinguir ſe ſaõ eſtas chagas gallicas, ou naõ. Sendo gallicas, he neceſſario outra vez conſiderar ſe ha gallico incipiente, ou confirmado. E ſe for incipiente, v. g. pegadas de freſco, ou nacidas da gonorrhea, naõ ſe deve o enfermo ſangrar, nem purgar, nem fazer couſa com que o contagio ſe retraha para as partes internas, ſalvo a urgencia das dores, ou de outro ſymptoma obrigar a iſſo, & neſte caſo dar-ſeha a ſangria no pè, & eſcuze-ſe a purga ſe for poſſivel, & guardem-ſe os mais preceytos que diſſémos da gonorrhea purulenta, & do morbo gallico incipiente. E eſtando complicadas com a gonorrhea, trate-ſe della (pois he cauſa conſervante) como ſe diſſe em ſeu Capitulo. E ſendo muyto dolorificas, ſe mitigue a dor, ſiringando com leyte, ou com huma emulſaõ de pevides de melaõ, & de abobora. E naõ ſendo a malicia muyta, tempere-ſe a virulencia da chaga, ſiringando com agua de cevada, & aſſucar roſado, ou commum, miſturandolhe xarope roſado.

Mas ſendo notavelmente corroſiva, & naõ ſe emendando com os remedios brandos, he neceſſario uſar daquelles que tem virtude de conſumir o contagio, & todo o humor acre, & mordaz, que como cauſa conjunta corroe a parte, & ſiringar-ſeha *com agua aluminoſa quatro onças, agua de Lanfranco, & lipis, de cada huma ſua onça, miſturadas todas.* Tambem ſe póde fazer eſta. Receyta: *Pedra hume crua, duas onças, claras de ovos quinze em numero, çumo de beldroegas, de tanchagem, de erva moura, de ſempre viva, de erva ſanta de que ſe faz o tabaco, agua roſada, de cada huma quatro onças, tutia preparada, chumbo preparado, de cada hum meya onça, azevre ſeis oytavas, ſeja tudo muyto batido, & deſtille-ſe em alambique*, & ſe naõ houver ordem para ſe deſtillar, *ferva tudo junto em huma fervura, & coe-ſe por pano boſto, & com iſto ſiringuem as chagas.* E ſe a malicia for demaſiada, uſem da agua de Lanfranco, ou lipis, puras.

Se a chaga for ſordida, ſiringue-ſe *com unguento apoſtolorum, ou egypciaco desfeytos em agua de cevada* (quando naõ tenhaõ baſtado o xarope, ou mel roſado) ou com agua deſtillada de favas verdes. Ou ſe faça eſte remedio. Receyta: *Tramoços, cevada, lentilhas, hervilhaca, de cada hum duas onças, roſas ſecas meya onça, tanchagem huma mãochea, loſna meya mãochea, tabaco ſeco huma onça, ou huma boa mãochea do verde, faça-ſe cozimento ſecundùm artem, que fique em dous quartilhos, & ajuntem xarope roſado tres onças, mel roſado huma onça, & meta-ſe tudo ſem ſer coado em alambique, & ſe deſtille, & ſe naõ houver lugar de ſe deſtillar, coe-ſe, & lance-ſe por ſiringa.*

Tambem ſe pòde applicar em candea unguento que mundifique, & gaſte o humor corrodente, & pòde-ſe fazer aſſim. Receyta: *Pòs de Joannes de Vigo huma oytava, diapalma meya onça, miſturem-ſe, & applique-ſe na candea* Ou ſe applique algum dos cauſticos ditos nas carnoſidades, fazendo-os mais brandos, ſe for neceſſario, do que para ellas ſe applicaõ. Ou ſe fará eſte unguento, que louva muyto Palmario. Receyta: *Tutia preparada, pedra calminar preparada, alvayade Veneziano, de cada hum huma oytava, pò de chumbo crù muyto ſutil* (ſegundo

gundo o enſina Fernelio, & Oviedo) *canfora, de cada hum meya oytava, çumo de tabaco cozido atè tomar ponto, de mel duas oytavas, oleo extrahido de myrrha o que baſte; faça-ſe unguento, trazendo tudo primeyro na pedra porfiria, & depois em almofariz de chumbo*, porque conforme diz, alimpa, & ſeca eſtas chagas ſem acrimonia alguma. Lib. 15. met. c. 6. Lib 4. tit. ung. de plomo.

Depois de mundificadas, & gaſtado o humor erodente ſegue-ſe cicatrizalas, porque logo por ſi ficaõ encarnadas. E podem-ſe applicar os lavatorios, & unguentos, que diſſémos para cicatrizar as que ficaõ depois de gaſtar as carnoſidades. Ou ſe farà eſte da Palmario. Receyta: *Caſcas de romans, agalhas, chumbo, tudo iſto queymado, tutia preparada, da cada hum meya oytava, molhem-ſe com agua roſada, & paſſadas doze horas ſe ſequem ao Sol, & tragaõ-ſe na pedra com oleo de murtinhos que fica como unguento, ajuntando de canfora meya oytava.*

Porèm ſe o gallico for jà confirmado, & as chagas antigas, he neceſſario que o enfermo ſe purgue, & ſue, ou tome unturas, & naõ podendo fazer eſtes remedios cure-ſe com os mais que o ſuprem, como apozemas de ſalſa, ou páo, conſervas, pòs, ou quaeſquer outros medicamentos, que delle ſe fazem, de que acima fica largamente tratado. E ſe a cauſa deſtas chagas naõ for morbo gallico, cure-ſe conforme ſua natureza, lembrando que ſempre as evacuações univerſaes, & os ſuores ſeràõ de proveyto, & neceſſarios.

E porque he muyta moleſtia a applicaçaõ dos remedios locaes pelo cano, ſe as chagas forem de qualidade, que ſem elles poſſaõ ſarar tendo o enfermo o regimento neceſſario, & fazendo as evacuações univerſaes, & extinguindo a mà qualidade do figado, ſerà muyto melhor eſcuſarem-ſe.

Numero 3.

Advertencias àcerca de outros ſymptomas da ourina gallicos.

TEm a experiencia moſtrado ſer a qualidade gallica muytas vezes cauſa de todos quantos ſymptomas ſuccedem na ourina, como diabetes, iſchuria, diſuria, eſtranguria, & outros. A eſtes ſe deve acudir em primeyro lugar com os remedios do morbo gallico, & juntamente com os mais particulares, que cada hum daquelles ſymptomas pede. Entre os do gallico, o que mais efficacia tem para emendar eſtes affectos, he o azougue, com o qual ſe vio neſta Cidade duas vezes ſarar diabete, ſendo affecto aliàs incuravel, conforme Galeno. Porque alèm de ſer o azougue alexipharmaco, & evacuar os humores, faz notavel revulſaõ a reſpeyto deſtas partes, levando-os à boca. E tambem como a cauſa material dos ſymptomas da ourina he frequentemente fleuma ſalgada, & o azougue evacua grande quantidade della, fica ſendo mais accommodado para eſte intento.

Eſtranguria gallica he ſymptoma muy ordinario, o qual principalmente ſe complica com gonorrhea purulenta, & neſta complicaçaõ naõ differe da cura da gonorrhea. Porèm ſe ſem ella ſe achar, emendar-ſeha a mà qualidade com os remedios proprios della, dando ao enfermo ſuores, ou unturas, & no demais applicar-ſehaõ os remedios, que diſſémos para os principios da gonorrhea purulenta, & para curar paleativamente as carnoſidades, porque todos eſtes ſervem para o ardor de ourina, & Eſtranguria.

ANNOTAÇOENS.

Numero. 2.

A Cura deſtas chagas he a meſma que a das gonorrheas virulentas, de que largamente fallamos no ſeu Capitulo. Se as chagas ſaõ de gallico de pouco tempo contrahido, baſtarà tratalas como as gonorrheas nos ſeus principios. Se ſaõ antigas, tratar-ſehaõ como gonorrheas antigas, fazendo cura alexipharmaca com azougue, que he com que melhor ſe extingue eſte contagio; ou com os mais antidotos delle, naõ ſe podendo uſar de azougue. E ainda que as chagas naõ ſejaõ antigas, ſempre nos parece bem uſar de mercurio para extinguir o contagio, como diffuſamente diſſémos nas Annotações ao Capitulo VII. *& ao* Capitulo XI. *cuja doutrina tem lugar neſte caſo. Advertindo, que ſempre que houver gallico, ainda contraido de freſco, logo, logo he neceſſario uſar de alexipharmaco, que o extinga, antes que ſe communique às partes mais intimas, de cuja offenſa ſeſeguirà mayor dano, & haverà na expugnaçaõ do gallico mayor difficuldade.*

Numero 3.

NOs achaques da ourina em peſſoas gallicadas, naõ ha remedio taõ excellente, como o azougue, no que nos tem confirmado muytas experiencias; por que ſobre ſer o azougue o alexipharmaco, que em menos tempo extingue todos os ſeminarios deſte contagio, tomado pela boca, dulcifica generoſamente os acidos, que pungem as partes da ourina, cauſando os ardores que nas diſurias, & eſtrangurias ſe experimentaõ.

CAPITULO XXXXVI.

Das dores gallicas.

O Mais cruel ſymptoma, que aos gallicados atormenta, ſaõ as dores, principalmente da cabeça, pernas, & braços entre junta, & junta, humas vezes com tumores, outras ſem elles. Exacerbaõ-ſe mais de noyte, cuja cauſa principal, dizem os Authores, he procederem de humores melancholicos, fleumaticos, que pela auſencia do Sol dominaõ mais neſte tẽpo. Porèm ha por objecçaõ, que as dores que procedem de humor cholerico gallico, tambem ſe exacerbaõ às meſmas horas, como a experiencia moſtra em dores de dentes cauſaõ taõ calida, que com nenhuma outra couſa aliviaõ ſenaõ com agua fria, & com outros remedios refrigerantes, ſendo tambem o tempo calido, & a idade juvenil, & todas as mais circunſtancias atteſtantes de cholera, & com tudo de noyte ſempre ſaõ mayores, & jà as vi deſte humor, que deſappareciaõ em todo o dia, & pelas onze horas da noyte intoleravelmente repetiaõ. Inflammações de olhos gallicas de humor taõ cholerico, que as lagrimas excoriavaõ a face, vi jà exacerbarem-ſe cruelmente de noyte, & de dia ſerem menores. Aſſim tambem gotta gallica, poſto que ſeja *à prædominio* calidas faz de noyte mayores dores. As chagas coroſivas deſte mal tambem de noyte ſe ſentem mais. E finalmente qualquer outro gallico affecto, poſto que ſeja de humores quentes, ſempre de noyte ſe exacerba, & o que he de humores frios tem aquella infallibilidade, de ſe exacerbar ſempre de noyte, com muyto mais conſtancia, & aſpereza, do que ha nos outros affectos ſe ſua eſpecie, que naõ ſaõ gallicos. Por onde parece ſer iſto proprio da qualidade occulta, & naõ da manifeſta, nem dos humores.

Conhecer-ſehaõ ſerem eſtas dores de cauſa gallica, primeyramente, porque precedeo o contagio, & porque naõ ha com ellas complicaçaõ de enfermidade

de manifeſta, a que ſe poſſaõ attribuir, & porque ſe exacerbaõ muyto mais à tarde, & de noyte, & com a mudança do tempo, & ſendo de ordinario de cauſa fria, ſaõ taõ fortes, & agudas, que parecem de cauſa calida, & que a parte ſe eſtà queymando, & roendo, como nota Zacuto, & porque ſe fazem nos lugares onde as coſtuma haver de morbo gallico, principalmente as dos braços, & pernas, que ſe fazem entre junta, & junta, & raras vezes ſuccede havellas nas juntas, ſendo gallicas: & ſe ha complicaçaõ de tumores, eſtes ſaõ ſcirrhoſos, & por quanto naõ cauſaõ aquella vehemencia de dores os que naõ ſaõ gallicos, lhe ficaõ improporcionaes. E finalmente ſe conhecem porque com a cura do gallico ſe remedeaõ. Diſtinguem-ſe das dores de gotta, porque ſe fazem fóra das juntas. Porêm porque algumas vezes tambem nellas ſuccedem, diſtinguir-ſchaõ da gotta ordinaria pelos ſinaes, que dirèmos no Capitulo ſeguinte da gotta gallica. Lib. 9. proxis hiſt. c. 1.

Com nenhum genero de remedio coſtumaõ aplacar eſtas dores, mais que com a exhibiçaõ dos alexipharmacos, azougue, páo, & ſalſa. Porèm algũas vezes ſaõ taes, que naõ daõ lugar a que com elles ſe acabe a cura, porque começando os enfermos de ſuar, às vezes ſe exacerbaõ mais atè os doze, ou quinze dias de ſuores, como notaõ Fallopio, Rudio, & os mais Authores, & poſto que depois aplacaõ, & ſe tiraõ de todo, ſaõ algumas vezes os enfermos impacientes, ou ellas taes, que naõ daõ lugar a que a cura regularmente ſe aperfeyçoe, para que ellas ceſſem, outras vezes tambem depois de feyta, ficaõ reliquias dellas, como notou Trajano, & he neceſſario ao Medico, que particularmente trate deſte ſymptoma.

Importa primeyramente conſolar o enfermo, porque naõ cuyde que lhe erraõ a cura, affirmandolhe que aos doze, ou quinze dias de ſuores ceſſaraõ as dores. E ſe a fortaleza dellas naõ der lugar a que ſe eſpere, fomente-ſe a parte onde eſtaõ *com oleo de amendoas doces, de minhocas, de macella, de cebolla ceſsèm, de ruda, de enxundia de gallinha, unto de porco, ou ſemelhantes, com qualquer delles, ou miſturados. E o oleo de viboras que acima receytàmos*, he efficaciſſimo, conforme Fallopio: *Ou pizem humas ortigas, & ſe afoguem em azeyte, & ſe appliquem quentes ao lugar da dor.* O meſmo ſe faz *com alfavaca de cobra, ruda, ſaquinhos de farellos, ou de milho, ou de ſal, bem quentes.* Ou ſe faça eſte fomento: *Tomem macella, poejos mentraſtos, ſalva, alecrim, roſmaninho, coza-ſe tudo com vinagre, & metão-ſe eſtas ervas em hum ſaco, & ponhão-ſe quentes, ou ſe molhe hum ſaquinho de farellos neſte cozimento bem quente, & ſe lhe applique.*

E ſe algumas vezes as dores tiverem por cauſa humor mais calido, do que he de ordinario, appliquem-ſe, como diz Rudio, os proprios anodinos, que ſaõ quentes, & humidos temperadamente, *como emplaſto de malvaiſco, & malvas, violas, linhaça, & alforvas, com gema de ovo, manteyga crua, oleo de amendoas doces*; ou ſe faça emplaſto *de miolo de pão em leyte, feveras de açafraõ, & ſemelhantes couſas.* Ou ſe applique à parte *hum redendo de carneyro.* Lib. 5. de mor. veu. cap. 23.

E ſe com tudo naõ cederem, com os ſuores, dem-ſe eſtes pós, que trazem Fallopio, & Rudio por couſa de grande experiencia. Receyta: *Hermodactilos, turbit de cada hum tres oytavas, diagridio duas oytavas, gingivre huma oytava, almecega meya oytava, aſſucar candil, ou branco ſeis oytavas, de tudo ſe faça pó, & ſe miſture.* Da-ſe huma oytava delles aos robuſtos, meya aos fracos em caldo, ou em vinho. He medicamento forte, mas tira as dores, & póde-ſe repetir cada ſemana, ou quando parecer. E aos que jà tem tomado ſuores, ou unturas pódem-ſelhe ordenar os meſmos pós, miſturando *com huma oytava de ſalſa a quan-*

tidade que delles houver de tomar, continualos oyto, dez, ou quinze dias atè que as dores ſe tirem. Mas como eſtes os devem tomar cada dia baſtarà que lhe dem hum ſó eſcropulo miſturandolho com a dita oytava, ou oytava & meya de ſalſa.

E ſe as dores não obedecerem aos remedios ditos, & chegarem o enfermo a deſeſperaçaõ, & perigo, diz Rudio, que ſe lhe dè alguma das medicinas opiatas, v. g. *Huma oytava de triaga nova, ou de methridates, ou meya oytava de Filonio Romano, ou ſemelhante.* Porèm à parte affecta ſe não applique *narcotico* porque como eſtas dores nacem de materia craſſa, & rebelde, fazemlhe muyto dano eſtes medicamentos, conforme Galeno, quando diz: *Ubi verò craſſi, glutinoſique humores exuperant, averſiſſima ſunt quæ torporem inducunt cavendumque magnopere in hujuſmodi affectus eorum uſus eſt.* Que traduzido he: *Mas onde houver humores craſſos, & glutinoſos, ſaõ muy contrarios os medicamentos, que tiraõ o ſentimento à parte, & nos taes affectos nos havemos de guardar muyto do uſo delles.*

2. met. 8.

Aconſelha tambem o meſmo Rudio, que para mitigar as dores mais de preſſa, ſe acreſcente nos cozimentos, que o enfermo bebe, mayor quantidade de páo, ou ſalſa, & que lhe ajuntem humas *raizes de malvaiſco, ou de malvas*, ou ſemelhante medicamento, que tenha virtude de aplacar a acrimõnia do humor, & por tanto ſe lhe põde miſturar *xarope violado, ou de mucillagens.* E ſobre tudo ſe note que para mitigar eſtas dores, he excellente remedio *o vinho ſanto*, de que acima temos tratado, eſpecialmente ſe o enfermo jà tem paſſado pela cura dos ſuores, ou unturas. E ultimamente acabaõ de gaſtar as reliquias dellas os banhos das caldas, como cada dia experimentamos.

Loc. cit.

ANNOTAÇOENS.

SEnaõ com agua fria. *He muytas vezes tal a vehemencia das dores nos gallicados, principalmente de noyte, que ſobre os moleſtar extremoſamente, com nenhum remedio ſe remitte; mas tambem ſuccede em algumas dores, que deſprezando muytas applicações da Arte, ſó com agua bem fria ſe moderem. Aſſim o obſervàmos em hum moço de habito gracil, de natureza quente, muyto entregue ao ſerviço de Venus, de que tinha tirado hum refinadiſſimo gallico. Deytava-ſe eſte homem à noyte na cama, & em todo hum Inverno acordava do primeyro ſono com dores cruelliſſimas em huma perna, que duravaõ atè amanhecer, ſem que lhe aproveytaſſem os remedios que fazia; & ſó metendo a perna em agua frigidiſſima, temperava as dores de maneyra, que tornava a pegar no ſono, & dormia o reſtante da noyte. A agua muyto fria faz a parte eſtupida, & como ſe fora hum medicamento narcotico, aſſim lhe tira o ſentimento para naõ ſentir a dor.*

Se as dores naõ obedecerem. *Neſtas dores he preciſo recorrer logo aos alexipharmacos deſte contagio, ou ao melhor alexipharmaco delle, que he o azougue, applicando-o em unturas, que naõ aproveyta aſſim menos, ou tomando-o pela boca; & quando com eſta cura bem dirigida naõ melhorar o doente; ſe os humores forem craſſos, convem ir logo aos banhos de caldas ſulphureas, quaes ſaõ entre nòs as da Rainha, as de Saõ Pedro do Sul, & as de Chaves, & em Caſtella as de Ledeſma. E ſendo os humores quentes, ou ſalinos, acres, & mordazes, he conveniente tomar leyte de burra, conſiderando que àlem do contagio gallico, que havia de extinguir o mercurio, ſe conſervaõ as dores, ou por ſerem craſſos, & viſcidos os humores, ou por terem hum vicio ſalino, & acrimonial que neceſſita das mulcebres qualidades do leyte, para ſe corrigir, & dulcificar.*

Narcotico. *Ainda que o Author adverte que ſe naõ uſem narcoticos neſtas dores, quando procedem de cauſa fria, authorizando com Galeno a ſua doutrina: dizemos,*

que

que ſe as dores forem agudiſſimas, ou naçaõ de cauſa fria, ou de cauſa quente: ſempre ſe deve uſar de medicamentos narcoticos, & opiados, naõ ſó externos, mas internos, para moderar a fereza da dor, do que ſenaõ póde ſeguir incommodo algum na parte que padece as dores; porque o que teme Madeyra, & Galeno, ſegundo ſe colhe das ſuas palavras, hé que applicando-ſe os narcoticos nas dores procedidas de materias craſſas, ſe façaõ eſtas mais tenazes, & mais rebeldes, entendendo que os narcoticos, & opiados, por ſerem frios, encraſſaràõ mais as ditas materias, & ſeràõ de mayor duraçaõ as dores; rezaõ a que ſe naõ deve attender; porque os opiados naõ ſaõ frios, como cuydàraõ os Antigos; mas antes hé o opio taõ quente, que tem muytas partes ſulphureas, oleoſas, & inflammaveis, & muyto ſal volatil, acre, & oleoſo, como jà notàmos na noſſa Pleuricologia, *como Cornelio Bontekoe, do que ſe póde ver Uvedelio na ſua* Opiologia, *& Eſtmullero no* Collegio pharmaceutico de Eſchrodero, fol. 709.

Para mitigar as dores. *Em quanto ſe vaõ fazendo as curas alexipharmacas, com q̃ eſtas dores ſe extinguem, hé neceſſario moderarlhe a agudeza com que moleſtaõ, deſorte que as poſſaõ tolerar os doentes; para o que tem pouca efficacia os remedios que o Author inculca; porque primeyro o azougue, ou a ſalſa venceràõ o gallico, & extinguiràõ as dores, do que as raizes de malvaiſco, ou de malvas, ou ſemelhantes medicamentos, como elle diz, temperem a acrimonia do humor pungente. Os remedios com que ſe ha de acodir neſtes caſos, ſaõ os opiados; porque promptamente modificaõ as dores mais lancinantes, & vaõ paſſando os enfermos com menos moleſtia, atè que com os alexipharmacos ſe acaba de vencer o contagio, & finalmente ſe chegaõ a extinguir cabalmente as dores. Dar-ſehaõ logo dous grãos de laudano opiado com meya onça de lambedor de papoulas brancas, quando quizermos moderar as dores, ou ſuſpendelas por algum tempo, ou ſe tomem humas pirolas de dous grãos de laudano opiado, & ſeis grãos de aſſucar de chumbo, feytas com alquitira, ou ſe tome amendoada de pevides de melaõ, & belancia, com meya onça de lambedor de papoulas brancas, & oyto pingas de laudano liquido*

CAPITULO XXXXVII.

Da gotta artetica gallica.

ALèm dos tumores, & dores, que no eſpaço de entre junta, & junta affligem as pernas, & braços dos gallicados, como no Capitulo antecedente diſſemos, ha tambem outras (poſto que menos vezes) nas meſmas juntas, de que ſe faz gotta em fórma taõ ſemelhante à ordinaria, que difficultoſamente ſe diſtingue della. A cauſa he a fluxaõ de qualquer, ou de todos os quatro humores infectos da mà qualidade que occupão o lugar da junta, aſſim como acontece na outra gotta, que naõ he gallica.

E para ſe conhecer ſe a gotta he deſta mà qualidade, diz Mercado, que ſendo eſta rara s vezes, ou nunca ſuccede com tumor, & ſe o faz he em huma ſó junta, ou naõ em todas, nem como a ordinaria, em muytas. Alèm diſto naõ ſuccede de repente como a ordinaria, mas a poucos ſe vay fazendo. Alèm de que a gallica, cauſa dor no intimo da junta no perioſtio, & a ordinaria mais na ſuperficie. A gallica vem com dores de cabeça, & a outra, ou com poucas, ou ſem ellas. Saõ eſtes ſinaes muyto baſtantes quando os houver. Mas porque jà vi gotta gallica com tumor em muytas juntas, & vir de repente, & he difficil conhecerſe ſe faz no perioſtio, ou fóra delle: alèm de que tambem a naõ gallica affligе nas partes intimas das juntas, & começa às vezes com pouco, ou nenhũ tumor, & tambem ſuccede haver eſta gotta gallica com poucas, ou ſem dores de cabe-

Lib 3. de inſt mor. cur. c. 18.

ça: he neceſſario inveſtigar outros ſinaes, por onde mais perfeytamente ſe conheça quando he gallica.

Diſtinguir-ſeha logo eſta da gotta ordinaria pelos proprios ſinaes do morho gallico, porque eſtà preſente, ou precedeo o contagio; & as dores, poſto que *à prædominio* ſejaõ de humor quente, & tragaõ conſigo agudeza (que he couſa que às vezes ſuccede) pela tarde, & de noyte ſe exacerbaõ: mas porque de ordinario procedem de humores frios, a que deſtes procede faz dores mais intoleraveis, que a gotta dos meſmos que naõ he gallica. E poſto que a dor principal eſteja na junta, coſtuma eſtender-ſe atè o meyo das canas, onde as gallicas ſaõ ordinarias. E ſobre tudo (que he o que acaba de certificar que o ſaõ) com os remedios do morbo gallico ſe mitigaõ, & ſe juntamente houver outros ſymptomas gallicos, naõ fica duvida alguma.

Prognoſtica-ſe deſta enfermidade ſer mais facil de curar que a gotta ordinaria, porque como lhe tiraõ a cauſa com os remedios gallicos, ſàra facilmente, & naõ repete: ſenaõ he em peſſoas que jà antes do gallico eraõ gottoſas.

A cura ſe farà, vindo com muyto calor, & agudeza, como o da gotta ordinaria, naõ applicando nos principios os remedios gallicos, atè que a agudeza do mal (que ſe póde accreſcentar com elle) ſe naõ remita, o que ſuccede em ſete, ou quatorze dias, conforme ao aphoriſmo 2. *aph.* 23. *Acuti morbi quatuordecim diebus terminatur. As doenças agudas dentro de vinte & quatro dias ſe terminaõ*, & nelles ſe tratarà ſómente dos mitigativos ordinarios da outra gotta, *como panos de ovo batido com oleo roſado, leyte de peyto, ou qualquer outro, papas de miolo de pão alvo feytas nelle*, & ſe por urgencia do impeto do fluxo, ou do calor parecer neceſſario, miſture-ſe nos ditos remedios *agua roſada, & de tanchagem, ou ſe applique algum repercuſſivo brando, como çumo, ou agua de beldroegas, ou de ferralhas, clara de ovo, & ſemelhantes.* E ſendo neceſſario ſangre-ſe o doente algumas vezes.

Paſſada a agudeza do mal, ou ſendo gotta gallica ſem agudeza, & que procede de humores *à prædominio* frios, preparar-ſeha o enfermo com os xaropes ſeguintes. Receyta: *Xarope de fumaria, & roſado, de cada hum ſua onça, agua de borragem tres onças, miſturem-ſe.* E ſendo o tempo, a regiaõ, & a natureza do doente frios, ou o humor muy pituitoſo, *em lugar de xarope roſado ſe lançarà mel roſado, & em lugar de agua de borragem ſe lançarà a agua, ou cozimento de iva artetica, ou de betonica, ou de roſmaninho, ou de ſalva.*

Depois de cinco, ou ſeis xaropes, & alguma ſangria, ſe parecer conveniente, ſe deve purgar o enfermo, *com pirolas de fumaria, & de hermodactilos, huma oytava, de cada huma, aguçadas com dous, ou tres grãos de diagridio.* E ſe naõ quizer pirolas, tome eſta purga: *Em tres onças de cozimento commum ſe infundaõ, & dem huma fervura, hermodactilos, mirabolanos chebulos, & Indos, de cada hum ſua oytava, & coe-ſe o cozimento, & nelle ſe deſfaça huma oytava de agarico trociſcado, & duas oytavas de confeyçaõ hamec compoſta* (ou tres de ſimplez ſe o enfermo for delicado) *& duas onças de xarope Regio, & faça-ſe bebida.* E ſe for pobre deſelhe eſte. Receyta: *Confeyçaõ hamec ſimplez, & compoſta, de cada huma duas oytavas, diaphenicaõ huma oytava, xarope Perſico duas onças, cozimento commum com duas oytavas de mirabolanos chebulos, quanto baſte, faça-ſe bebida.*

Evacuado o corpo, póde haver duvida ſe convem darlhe ſuores, ou unturas, & cada couſa deſtas tem ſeu inconveniente, porque as medicinas ſudorificas lançaõ para as partes externas, abrem as vias, & accreſcentaõ a fluxaõ, que ſe faz às juntas, & as unturas do azougue as enfraquecem, & a fregaçaõ que ſe coſtuma

fazer

fazer póde attraerlhe mais humores, & ſer de mayor dano.

Por razaõ deſtes dous inconvenientes uſey algumas vezes de apozemas neſte caſo com feliciſſimo ſucceſſo. Devem-ſe eſtas fazer com os alexipharmacos gallicos, & juntamente com medicamentos purgativos, que tenhaõ virtude de attraher os humores das juntas, quaes ſaõ os mirabolanos, & hermodactilos conforme dizem Avicena, & Meſſue, ajuntando tambem algumas ervas, que às juntas, & partes nervoſas tenhaõ reſpeyto, como betonica, iva artetica, ſalva, & roſmaninho. Seja exemplo eſta ſeguinte. Receyta: *ſalſa parrilha duas onças, páo da China hũa onça, páo ſanto tres onças, infũdaõ-ſe em dezoyto quartilhos de agua, & depois ſe faça cozimento na meſma com as couſas ſeguintes. Roſas ſecas meya onça, betonica, ſalva, roſmaninho, iva artetica, de cada couſa huma mãochea, flores cordeaes, de cada hũa tres oytavas, caſcas de mirabolanos citrinos, chebulos, & Indos, de cada hũ meya onça, hermodactilos meya onça, folhas de ſene ſeis oytavas, carthamo duas oytavas, gingivre, canela fina, de cada hum hũa oytava.* E ſe for peſſoa calida, ou tempo calido, *ajuntemlhe cevada duas onças, folhas de borragem, & de almeyraõ, de cada hũ huma maõchea, faça-ſe cozimento ſecundùm artem, que fique em cinco quartilhos, & ajunte-ſe aſſucar o que baſte para ſer doce, & baſtaõ delle vinte onças, faça-ſe apozema,* a qual tomarà em cinco dias manhã, & tarde, meyo quartilho de cada vez. E ſe naõ ficar ſaõ, faça-ſe outra pela meſma receyta para outros cinco. E ſe a gotta gallica for puramente de cauſa fria helhe convenientiſſimo o vinho ſanto, o qual tambem lhe aproveyta aindaque participe de humores quentes. Lib. 2. tom. 1. c. 4 fol. 96. lit. C. c. prop.

E beberà agua cozida com os meſmos páos, & ſalſa, com que ſe faz a apozema, enxugando-os primeyro hum pouco para que ſe lhe tire o ſabor das ervas, com que ſe cozeraõ, & partiloshaõ em tres partes, & com cada parte ſe farà *hum cozimento em cinco canadas de agua que ſe gaſte huma para beber de ordinario. E ſe for peſſoa mimoſa, naõ ſe lhe faça agua ordinaria com os que ſerviraõ na apozema, porque ſempre lhe fica o mào ſabor dos outros materiaes, mas cozaõſe duas oytavas de ſalſa, ou hũa de páo da China, em tres canadas, que ſe gaſte meya.* E ſerà bẽ que a agua, em que ſe fizer o cozimẽto, ſeja ferrada; & coma biſcouto, & aſſado, & depois da cura continue mez & meyo o bom regimẽto com ſua agua cozida, como eſtà dito.

Mas porque algũas vezes naõ baſta a cura das apozemas ſe o enfermo ainda ficar com dores, cõ mais ſegurãça ſe pòde meter em ſuores depois dellas, como eu jà vi com bom ſucceſſo. Ou ſe lhe dem as unturas, eſfregando levemente nas meſmas juntas, & com mais força fóra dellas; de que tambem jà vi bom ſucceſſo neſte caſo. Porèm em quanto o corpo naõ eſtiver muyto evacuado, nem a fluxaõ da gotta parada, naõ ſe dem ſuores, nem unturas, porque ſe precipitarà a fluxaõ, & farà mais dano a quantidade que correr, do que he o bem de ſe lhe tirar a mà qualidade, porque ſuccede ſer neceſſario parar com a cura, & dilatala para outro tempo.

E ſe depois de feytas as evacuações tendo a fluxaõ do humor parado, ficar nas juntas alguma porçaõ mais rebelde, convem applicarlhe locaes, que o reſolvaõ com algũa mollificaçaõ, porque ſe naõ endureçaõ. E póde ſe applicar *o emplaſto de Alexandre, apud Mercatum, feyto de couves cozidas, & piſadas com fezes de vinagre, & duas gemas de ovos, & humas gotas de azeyte roſado.* Ou ſe façaõ *as papas das farinhas em oximel com enxundias de gallinha, & oleo de minhocas, ou papas de miolo de pão de rala, ou centeyo, feytas em xarope acetoſo com hum pequeno de ſevo de carneyro.* Ou ſe unte a parte *com oleo de amendoas doces, de minhocas, & de macella miſturados.* E he tambem de proveyto *o oleo de Copaiva* principalmente dominando muyto os humores frios, & tambem he convenientiſſimo *o unguento* Lib. 4. de int affect cap. 12.

Cap. prop. in aut.

guento dos engos que traz Laguna ſobre Dioſcorides, & repete Fragoſo, & ſe faz aſſim. Receyta: *Cumo de raizes dos engos, & das folhas, de cada hum duas onças, oleo de macella ſeis onças, ferva tudo até ſe goſtarem os çumos, & depois coe-ſe, & ſe coalhe com meya onça de cera, & ſe lave com vinagre roſado.* E ſe a gotta for nodoſa, & tofacea, appliquem-ſe os remedios que acima diſſémos para reſolver gomas gallicas. E ultimamente ſe os remedios naõ aproveytaõ convem os banhos das caldas, que na gotta gallica ſaõ mais proprios, que em qualquer outra.

ANNOTAÇOENS.

SUores, ou unturas. *Duvida o Author em uſar deſtes remedios na gotta arthetica gallica, pelos inconvenientes que conſidéra; ſendo que nenhum delles he taõ poderoſo, que haja de impedilos. Porque o que diz de que as medicinas ſudorificas lançaõ os humores às partes externas, abrindo as vias, & accreſcentando a fluxaõ; he de nenhum vigor. Porque primeyramente para chegar aos ſuores, ha de preparar-ſe exactamente o corpo com evacuações que diminuaõ os humores, deſorte que naõ fiquem tantos; que haja deſfluxos. E no que toca a dizer que os medicamentos ſudorificos abrem as vias, & lançaõ os humores às partes externas: por eſtas meſmas razões faràõ grande utilidade, franqueando a contextura cutanea, & extraindo por ella os humores que ſe haviaõ de precipitar às juntas. E o que diz de que as unturas enfraquecem as juntas, & que com as fregações do unguento póde haver mayor attracçaõ de humores, & crecer o dano: tambem naõ he fundamento para naõ uſar das unturas. Porque precedendo exactas evacuações à cura do azougue, naõ ha o perigo de que com a fregaçaõ dos unguentos ſe attrahaõ tantos humores, que offendaõ mais as juntas; principalmente quando ſe ſabe por repetidas experiencias, que com unturas mercuriaes ſe reſolvem muyto bem os humores que occupaõ as juntas, & os tumores duros a que ſe applicaõ; & aſſim com mayor probabilidade ſe póde eſperar das unturas que reſolvaõ os humores impactos nas juntas, do que ſe deve temer que as intumeçaõ mais. E no que toca a enfraquecer as juntas: cuydamos nós que nada as enfraquece tanto, como as dores agudas, que com as unturas ſe remedeaõ, ſem o perigo da debilidade que o Author conſidéra; ſendo que quem quizer acodir a eſtas dores ſem as unturas, póde uſar do mercurio tomado pela boca, em cujo uſo naõ tem lugar o temor de que ſe enfraqueçaõ as juntas como com as unturas que a ellas ſe applicaõ. No anno de 1706 curàmos hum homem de quarenta & tres annos, que padecendo varios inſultos de gotta nos pés, & nas mãos, paſſava alguns meſes na cama, com ſeviſſimas dores, & ainda que uſava de leytes, & vivia com regimento medicinal, pouca utilidade colhia diſto, porq̃ a gotta ſe obſtinava a tudo, & de noyte era mayor a fereza das dores, circunſtãcia que nos fez cõſiderar, que a gotta ſeria gallica. Chegando com o doente a exame, achàmos que tinha ſido diſſoluto ſem reparo, & que ſe juntàra muytas vezes com mulheres conhecidamente infectas com eſte contagio, mas que nunca ſentira dano algum, nem tivèra gonorrheas, nem outro achaque de gallico incipiente, por onde commummente a propagaçaõ delle, ſe manifeſta. Mas entendendo que ſem haver gallico incipiente nas partes obſcenas, o podia ter na maſſa ſanguinaria, puzemos em conſulta o negocio de ſe curar com os alexipharmacos deſte contagio. Queriamos nós curalo com unturas de azougue, a que ſe contrariaraõ alguns votos, pelos incommodos de debilitar as juntas, & viemos finalmente a concluir, que tomaſſe mercurio pela boca, com que ſe curou da gotta perfeytamente. Chegou a tomar onze dios mercurio branco com diagridio de Paracelſo, com que ſalivou baſtantemente. Paſſados tres meſes, foy às caldas da Rainha, para corrobo-*

rar

rar as juntas; & havendo ſete annos que ſe fez eſta cura, naõ teve atè agora repetiçaõ de gotta. Nas dores, & gottas gallicas coſtumamos nós dar oyto, ou dez ſuores de jalſa, & depois humas unturas de azougue, & aſſim ſe vencem muyto bem eſtes danos.

CAPITULO XXXXVIII.

Das rhagadias, & callos, que naſcem nos pès, & mãos, dos gallicados.

DEſtes dous affectos trata juntamente Fallopio por ſerem ambos muyto rebeldes, & ſe curarem com os meſmos medicamentos. Saõ as *rhagadias*, humas gretas que naſcem nas palmas das mãos, & ſolas dos pès dos gallicados, & conhecem-ſe procederem do contagio, alèm dos ſinaes ordinarios, porque ſe o enfermo comer alhos, & cebollas quatro dias, logo ſe duplicaõ, conforme o meſmo Author. Porèm para mais certeza conſiderem-ſe os outros ſinaes do morbo gallico, que em ſeu Capitulo diſſémos, & muytas vezes temos repetido. A cauſa he fleuma ſalſa, & humor melancholico aduſto.

Curaõ-ſe depois de feytas as evacuações univerſaes, & uſo das medicinas gallicas, primeyramente com mollificantes como eſte. Receyta: *Raizes de malvaiſco, folhas de malvas, & de violas, raiz de labaça, de cada hum duas mãoscheas, & huma cabeça de capado, & tudo junto ſe coza em baſtante agua atè ſe cozer bem a cabeça.* E deſte cozimento ſe dem banhos aos pès, & mãos, manhã, & tarde, & enxugando-os ſe lhe applique eſte unguento. Receyta: *Oleo de amendoas doces, oleo roſado, unto de porco, de cada hum huma onça; alvayade, azougue morto, de cada hum meya onça, cera branca huma onça, faça-ſe unguento.* Ou ſe applique eſte. Receyta: *Diachilaõ, emplaſto Filij Zachariæ, unguento de mercurio, de cada hum huma onça, miſture-ſe.* E com iſto ſáraõ as gretas, & callos. Se porèm eſtes não ſararem, mollifiquem-ſe detendo-os bem eſpaço no dito cozimento, & cortem-ſe, & depois ſe eſfreguem com pano aſpero atè ſahir ſangue, & ſe molhem *com agua magiſtral aluminoſa de Falopio, ou com agua de ſolimaõ.* E ſe iſto naõ baſtar, tornem-ſe a mollificar, & eſfregar com o dito, & tornem-ſe a molhar com a meſma agua, & como ſe ſecar, appliquem-ſe *os trociſcos Andronis deſatados em xarope de romans; ou acetoſo, que fiquem unguento mais baſto, que mel.* E appliquem-ſe duas ou tres vezes no dia.

Saõ com tudo às vezes taõ rebeldes, que nada diſto baſta, em tal caſo torne-ſe a alimpar o corpo, ao uſo dos medicamentos do morbo gallico, & appliquem eſte unguento mais forte. Receyta: *Oleo roſado, manteyga crua, de cada hum huma onça, alvayade duas oytavas, trementina lavada huma onça, ſolimão moído na pedra dos Pintores, & lavado em çumo de limaõ dous eſcropulos, miſturem-ſe em almofariz, que ſerà melhor de chumbo.* E ſe o doente tiver neceſſidade de ſahir, ſe póde applicar eſte emplaſto. Receyta: *Ammoniaco preparado, galbano de cada hum huma oytava; incenſo, almecega, azevre, alvayade, de cada hum meya oytava, unto de porco, de Urſo, de texugo, de cada hum huma onça, oleo roſado duas onças, ouro pimenta, caparroſa, pedra hume, de cada hum duas oytavas & meya, azougue morto huma onça, cera quanto baſte, faça-ſe emplaſto, que ſe eſtenda em pano, que tome toda a ſola do pè, ſe toda tiver gretas, ou callos*, porque a huns, & outros he eſta cura commua.

E porque às vezes ſaõ hum, & outro achaque taõ rebeldes, que a nada diſto obedecem, ordena Fallopio os ſuffumigios, ou fumos ſeguintes, naõ para o corpo todo, mas ſómente para aquella parte onde eſtaõ as gretas, ou callos. Receyta:

ta: *Cynabrio, ouro pimenta, ſandaraca dos Gregos, de cada hum huma onça, pòs de Joannes meya onça. páo de Aguila, goma de zimbro; eſtoraque ſeco, beijoim, myrrha, incenſo, de cada hum duas oytavas, pize-ſe tudo craſſo modo, & miſture-ſe.* Ajuntaõlhe alguns hum tamanino *de ſolimão*, mas de ordinario baſtaõ ſem elle. E lancem-ſe eſtes pòs ſobre as brazas, em que ſe defumem os pès, ou mãos do achacado. E ſe nem aſſim melhorarem, dem-ſe os fumos univerſaes ao corpo todo, ou as unturas do mercurio: advertindo porèm ſe os fumos ſe derem, que naõ entre na compoſição *ouro pimenta, nem ſolimão, nem outro medicamento venenoſo*, como em ſeu Capitulo advertimos.

ANNOTAÇOENS.

NAõ ſó nas mãos, & nos pès dos gallicados ſe fazem eſtas rimas, & callos, mas tambem no inteſtino recto, & no utero. A ſua cura conſiſte em extinguir o contagio com os ſeus alexipharmacos; que depois diſto, com remedios locaes ſe vencem; & quando aſſim não ſucceda, untem-ſe alguns dias com unguento de azougue, que póde receytar-ſe neſta fórma:

Tomem huma onça de unguento de chumbo, outra de unguento de alvayade, meya onça de azougue morto, outra meya de unto de porco ſem ſal, de cera quanto baſte, faça-ſe unguento.

CAPITULO XXXXIX.

Como ſe ha de curar a mulher prenhe gallicada.

QUando a mulher prenhe padece morbo gallico, ſe os ſymptomas delle forem ſofriveis, naõ ſe lhe deve applicar a cura atè que payra, & paſſe o tempo de purgaçaõ do parto pelos inconvenientes que ſe ſeguem à applicaçaõ dos remedios nos ditos tempos. Aperta porèm algumas vezes a vehemencia dos ſymptomas, de tal ſorte, que nos obriga a que de algum modo os remediemos, v. g. quando ha dores terriveis, chagas muyto corroſivas de garganta, & partes bayxas, camaras continuas, que em mulher prenhada ameaçaõ aborto, conforme Hippocrates, febre gallica, que a conſume, de que tambem perigaõ, ſegundo a ſentença do meſmo velho.

Aph. 45. Cit. 55.

Succedendo algum deſtes, ou ſemelhante caſo, tratarèmos de curar o morbo gallico neſta fórma. Primeyramente naõ ſe lhe darà purga pelos perigos, que della ſe ſeguem, conforme Hippocrates, & Galeno, *ibidem*, os quaes naõ querem que a mulher prenhe ſe purgue, ſalvo do quarto atè o ſetimo mez, ſendo a materia turgente, & poſto que alguns Authores, fóra da turgencia admittem medicamentos purgativos dos benignos de noſſos tempos, que os antigos naõ conhecèrão, com tudo ainda eſſes tem muyto perigo, como elles meſmos confeſſaõ, Mercado, Caſtro, & outros. E por tanto todas as vezes que a mulher prenhe ſe puder remedear ſem elles, ſe devem eſcuſar. E pela experiencia, que tenho, pòde-ſe moderar a vehemencia do morbo gallico nas mulheres prenhes, para que ſem purga poſſaõ paſſar atè parirem.

4. aph. & 5. aph. 19

3. de mor. mul. c. 22 2. part. de mor. mul lib. 4. ſect. 1. c. 18. 13. met. cap. 35.

Segundariamente ſe houver enchimento, ou for a mulher robuſta, deveſe-lhe dar alguma ſangria moderada, para que a natureza poſſa melhor vencer a ſarcina dos humores, como ſe colhe de Galeno, & muytas vezes ſuccede, que pela deſcarga do ſangue ſe emenda a cacochymia das veas, como ſe colhe do meſmo Galeno, o qual evacua o ſangue podre craſſo vicioſo como limos, negro, melan-

melancholico, pituitoſo, & totalmente cacochimico, poſto que naõ haja enchimento delle, para que a cacochimia ſe acabe de emendar. E aſſim fica a ſangria ſendo vicaria da purga. E por tanto havendo forças, ſerà de muyto proveyto, conforme Averroes, quando diz: *Phebetonia cum adeſt repletio, qua embrio non indiget, non eſt mala, ſed pharmacum non credo ad bonũ prevenire finem.* Que traduzido ſignifica: *Quando ha enchimento de que o fecto não tem neceſſidade, não faz a ſangria mal, mas a purga entẽdo, q̃ não póde ter bom ſucceſſo.* Porèm naõ havẽdo muy baſtãtes forças, naõ ſe tire ſangue algũ pelo perigo q̃ da ſangria ſe ſegue em mulher pejada, ſegundo Hippocrates, mas ſem ella, & ſem purga ſe farà o ſeguinte.

5. met. c. 14. Lib. de ſang. miſ. cap. 12. 6. ep. ſect. 5. ad ext. 29. 1. rad Glauc. c. de cur. quart. 8 n et. c. 4. & lib. 5. met. c. 14. 7. col. c. 4. aph. 215.

Ordenar-ſelheha que tenha bom regimento, conforme eſtà dito na cura dos gallicados, & que naõ beba outra agua ſenão *a de ſalſa couſa de duas oytavas, em tres çanadas, que ſe gaſte meya. E far-ſeha cozimento da ſalſa, aſſim como ſe coſtuma para ſuar, lançãdo de molho duas onças em tres canadas, & que fervão na meſma atè ſe gaſtarem duas que fique huma.* E deſte cozimento tomarà, andando de pè, meyo quartilho pela manhã em jejum, outro meyo à tarde depois de feyta a digeſtaõ do eſtomago, & ceará dahi a duas horas, & farà ſegundo cozimento em ſinco canadas, que ſe gaſte huma para beber de ordinario. E tendo febre, ou ſendo eſquentada do figado, ou tempo muyto quente, faça-ſe o cozimento ſómente com onça & meya de ſalſa, & ajuntelhe cevada. E continue vinte & ſinco, ou trinta dias, porque deſte modo tenho curado muytas, que ou ſararão de todo, & parirão as crianças ſãs, ou ſe lhe moderàrão os ſymptomas de modo que pudèraõ baſtantemente paſſar atè chegar tempo conveniente de ſe lhe fazer cura em fórma. A que ordeno de ſalſa ſe póde tambem fazer *com o pào ſanto, ou guayacão na fórma que eſtà dito em ſeus Capitulos.* Ou ſe faça aſſim: *Tomem ſalſa parrilha quatro onças, infunda-ſe por huma noyte em quatro canadas de agua, & depois ſe coza na meſma que mingue ametade. E deſta agua beba ſem tocar outra atè que a gaſte.* E logo faça outra de novo do meſmo modo, que continue doze, ou quinze dias. Ou tome *cada manhã duas oytavas de ſalſa feytas em pò, & à tarde huma oytava, tomando-a na meſma agua acima dita, que ha de beber de regimento.*

Unturas de azougue não convem tanto neſte caſo, ſalvo for mulher taõ calida do figado (como algumas) que por nenhum modo ſofra beber agua de ſalſa, ou o mal tanto, que naõ poſſa ceder a ella. E ſendo iſto ſe pòde untar com o unguento de Mercurio tão brando, que lhe naõ poſſa fazer moleſtia ſenſivel, *o que ſe farà repartindo em quatro vezes o que ſe houvera de applicar em huma*, v. g. *Se para ſe curar em fórma ſe havia de applicar de cada vez huma onça de unguento, applicar-ſehaõ duas oytavas, miſturandolhe ſeis de unguento roſado, ou de manteyga crua, & applicando-o às partes coſtumadas, que ſaõ as doze juntas.* E ſe por ſer eſta quantidade pouca naõ fizer obra, duplique-ſe. E advirta-ſe que tanto que a boca começar a arrebentar, ſe pare logo com o unguento, & ſe naõ torne a applicar atè melhorar della, & aſſim ſe farà pouco a pouco eſta cura, untando a enferma vinte, ou trinta vezes, com eſtes unguentos leves, de ſorte que venhaõ a ſuprir as tres, ou quatro unturas que ſe lhes haviaõ de dar fortes, ſe naõ obſtàra o impedimento da emprenhidaõ. E ande todo eſte tempo de pè, bem enroupada, porèm, & com reſguardo do ar.

E quando o mal for taõ rebelde que naõ ceda a eſte modo de cura, faça-ſe outro mais efficaz, dando à enferma xaropes accommodados, advertindo, que naõ ſe lhe dè o defumaria, nem outra couſa muyto amargoſa. E de-ſelhe purga que evacue roborando, v. g. *Confeyção hamec ſimplez meya onça, ruybarbo feyto em pó dous eſcropulos: mirabolanos chebulos feytos em pò, hum eſcropulo, açucar o*

que baſte para bocados, & ſe os naõ puder engulir, tomeos desfeytos em caldo de gallinha. E depois de evacuado o corpo, lhe dèm as unturas hum pouco mais fortes que as que agora diſſémos (attento porèm) de modo que cuſpa moderadamente, porque naõ ſe haõ de temer tanto, como os medicamentos purgantes, viſto naõ moverem taõ repentinamente os humores, nem por regiaõ taõ proxima à madre, & aſſim experimentou Maſſa ſerem proveytoſas às mulheres prenhes, ou ſe lhe dèm ſuores de falſa, ou páo.

ANNOTAÇOENS.

NAõ ſe lhe darà purga. *As mulheres prenhadas, que puderem paſſar toda a geſtação para ſe curarem, depois do parto faràõ a ſua cura ſem o ſuſto de perderem o ventre, & ficaràõ mais bem curadas, porque ſe uſaràõ os remedios convenientes, ſem o obſtaculo da prenhez. Porèm as que eſtiverem com queyxa que naõ permitta dilação, he preciſo tratarem logo de ſeu remedio. E ſe ſe entender que o gallico eſtà em graduação que poſſaõ modificar-ſe os ſeus danos com medicamentos leves, baſtarà que uſem de cozimentos de ſalſa pào ſanto, & raiz da China, repetindo-os muytos dias; ou que tomem a agua de Paulo Milio, cuja deſcripção fica no* Capitulo XIV. *deſta obra; ou que ſe valhaõ de outro medicamento ſemelhante, dos muytos que ſe acharaõ no dito Capitulo. Mas ſe as doentes eſtiverem taõ altamente gallicadas, & ſe padecerem taes queyxas, que naõ hajão de ceder a remedios deſta claſſe, bem podemos entrar a curalas com unturas de azougue, que nòs o temos feyto algumas vezes com felicíſſimos ſucceſſos, preparando-as primeyro com medicamentos purgantes, ſem embargo de dizer o Author, que ſe naõ purguem as mulheres pejadas, pelo perigo de perderem os ventres, razaõ porque Hippocrates, & Galeno prohibiraõ as purgas nas geſtantes, concedendo-as ſómente do quarto atè o ſetimo mez em caſo de turgencia; porque cada dia ſe eſtaõ purgando ſem precipicio da prole; & ſe Galleno, & Hippocrates negàraõ as purgas às prenhadas, foy por naõ haver no ſeu tempo medicamentos benignos com que ſe purgaſſem, como hoje ha. Pódem logo purgarſe com xarope aureo, com mercurio Calomelanos, com manà com os pòs de Cornachino, com os trociſcos de Fioravanto, ou com quaeſquer outros medicamentos benignos dos muytos que a Pharmaceutica miniſtra.*

Sangria. *Tambem as prenhadas ſe pòdem preparar com ſangrias para a cura do azougue; porque ellas ordinariamente as ſofrem ſem dano do ventre, & entendemos nòs que rariſſimas vezes ſuccederà que as mulheres prenhadas percaõ os ventres por falta de ſangue, dictame em que nos tem confirmado as muytas experiencias que temos viſto de mulheres pejadas, que tomando em varios meſes da geſtaçaõ repetidas ſangrias nos pès, & nos braços, conſervàraõ os fectos, atè os excluirem felizmente no tempo do parto natural.*

Unturas de azougue naõ convem. *Engana-ſe o Author em cuydar que naõ convem unturas de azougue nas prenhadas, porque nòs as temos uſado nellas com fauſtiſſimos ſucceſſos. Haõ de fazer-ſe brandas as unturas, ainda que ſe repitaõ mais vezes. E naõ ſó as unturas, mas o mercurio tomado pela boca temos dado a mulheres prenhes, que eſtavaõ a perigo de perder os ventres com os ſymptomas gallicos que padecião, com que ſe curarão ſem leſaõ da prole. Veja-ſe a* Obſervaçaõ XV. & XVI. do Tratado *que eſcrevemos do uſo do azougue nos caſos prohibidos. Naõ ha remedio que ſe naõ poſſa uſar nas prenhadas, adminiſtrando-ſe com prudencia. Nas prenhadas ſe prohibem as purgas; & ellas as eſtão tomando cada dia ſem leſaõ da prole. Nas prenhadas ſe prohibem as ſangrias de pès, que nellas ſe eſtão fazendo ſem injuria do ventre. Pro-*

hibem-ſe

hibem-ſe os vomitorios nas prenhadas, & nòs lhos temos dado muytas vezes ſem dano dos fectos. Aſſim tambem na cura do azougue, que nas geſtantes he prohibida, fazendo-ſe com cautela, & com prudencia, curão-ſe os achaques para que ſe applica, ſem ſe reconhecer incommodo grave do ſeu uſo, do que puderamos referir muytas experiencias.

CAPITULO L.

Como ſe curarà o menino que padece morbo gallico.

Numero 1.

CONtra-heſe o morbo gallico dos meninos, ou dos principios da geraçaõ no ventre de ſuas mãys, ou das amas, que os criaõ, ou de tratarem com peſſoas infectas. E huns ſaõ de mama, outros naõ uſaõ jà della, & a cada hum delles convem diverſo modo de cura.

Numero 2.

Cura dos meninos de mama.

AOs meninos de mama ſe ha de ordenar a cura, principalmente no leyte; porque como naõ ſaõ capazes de tomar pela boca medicamento ſufficiente, he neceſſario que no leyte, que mamarem, và a virtude delle, como jà fazia Hippocrates 6. epid. ſect. 5. text. 35. quando para os purgar dava hum medicamento purgante à ama, & deſte modo ſuccedia purgar tambem a criança. E por tanto deve a ama beber agua de ſalſa parrilha, & ſe eſtiver gallicada buſque-ſe outra que o naõ eſteja, como o encomenda Mercado, & quando naõ poſſa ſer (porque muytas vezes as crianças naõ querem tomar o peyto de outra) he neceſſario que ſe ſangre, & tome xaropes accommodados, & ſe purgue, & depois diſſo tome ſuores da meſma ſalſa, ou páo, & quando os naõ poſſa tomar, dem-lhe apozemas de ſalſa, conſervas, ou talhadas della, de cujas receytas temos dado muytos exemplos em ſeus Capitulos particulares. E ſe a ama ainda não tiver gallico confirmado, & for mulher ſã (como ſe deve eleger) tratar-ſe-ha grandemente de a preſervar, para que da criança ſe lhe naõ pegue. E para iſſo antes de lhe dar de mamar quinze dias, ou vinte, ou pelo menos dez, *beberà agua de ſalſa, ou páo, & tomarà xarope dos meſmos*, ſegundo ordena Alfonſo Ferreo, cozendo-os pela ordem em que ſe fazem para ſuar, tomando-os de pè ſem ſe meter em ſuores, como agora, *ſalſa parrilha duas onças, ou onça & meya, lance-ſe de molho hũa noyte em tres canadas, & depois ferva na meſma, atè que ſe gaſtem as duas, & và tomando manhã, & tarde mais de meyo quartilho de cada vez, & faça-ſe ſegundo cozimento da meſma, em ſinco canadas, que ſe gaſte huma, que beba de ordinario.* Os meſmos cozimentos ſe pódem tambem fazer *de guayacão, páo ſanto, ou da China*, conforme ſe diz em ſeus Capitulos. E paſſados dez, ou vinte dias ficarà baſtantemente prevenida para poder criar o menino ſem ſe lhe pegar o contagio, pois he certo que os alexipharmacos tomados na ſaude preſervaõ da offenſa, que póde fazer qualquer veneno, cujo exemplo he o celebre de Mithridates das hiſtorias, que a ſi meſmo ſe naõ póde matar com veneno, por ſe ter preſervado com os alexipharmacos.

Depois que começar a criar, para que o contagio ſe naõ pegue ao peyto, antes de o dar à criança, o lave com medicamento adſtringente que o corrobore, & aperte os póros, ſegundo manda Mercado, & o traslada de Palmario, *como*

agua de tanchagem, roſada, de pès de roſas, de murta, ou cozimento das meſmas couſas, ou vinho de ſua natureza ſtyptico, ou feyto por arte, cozendo-o com roſas, murta, maçãs de cypreſte balauſtias, caſcas de romãs, ſumagre, & ſemelhantes, & acabado de dar de mamar o lave com algum licor abſterſivo, que tenha virtude de alimpar o contagio, *como agua mel, agua açucarada, decoada de cinza*, que he mais efficaz que tudo, & ſe houver alguma deſtemperança quente lave com cozimento *de cevada, ou de favas, & açucar commum, ou roſado desfeyto nelle, & qualquer deſtes ſe applicarà morno*. A qual preſervaçaõ he neceſſaria principalmente ſe a criança tiver chagas na boca, de q̃ he mais facil contrahirſe o contagio, & por tanto ſe tenha tambem cura dellas, lavandolhas com algum abſtergente: & deſſecante, em que naõ haja perigo, como encomenda Juliano. E em todos os cozimentos, com que ſe ha de lavar o peyto da ama, & a boca da criança, ſe miſture *pão, ou ſalſa, ou ambos*.

E continue a ama com os ſobreditos xaropes, & agua de ſalſa, ou páo, & tome por intervallos huma vez, ou duas na ſemana, conforme a neceſſidade, & forças do menino, algum medicamento purgativo leve, *como quatro onças de xarope de Rey desfeytas em huma pouca de agua de ſalſa para beber de huma vez, ou lance duas oytavas de ſene em dous quartilhos da dita agua da ſalſa, que beba de ordinario, que fique nella huma noyte, & ao outro dia a và bebendo quando houver ſede*, por todo o dia ao comer, & fóra delle, porque aſſim lhe provocarà alguns curſos, & à criança.

Alèm do que o menino mama no leyte, tambem pela boca ſe lhe daràõ os alexipharmacos, que puder levar, como agora fazendolhe papas na agua da ſalſa, ſegũdo ordena Mercado, ora na ordinaria de que a ama bebe, ora no xarope forte, & depois que o menino beber não lhe dem outra agua mais que a dita da ama. E ſendo neceſſario fazerlhe algũa evacuaçaõ, demlhe hũas colherſinhas de xarope Rey, principalmente ſe o menino jà paſſar de anno, ou de xarope de nove infuſoens de violas, & roſas Alexandrinas miſturadas, que jà dey a meninos naſcidos de quinze dias com feliz ſucceſſo, dandolhe a poucos colherſinhas delles, de modo que viria a ſer cada dia a terça, ou quarta parte de huma onça, com que os livrey de gotta coral, & de outros males perigoſos: *Ou lancem açucar roſado de Alexandria, & conſerva de violas, ou os xaropes dos meſmos em agua da fonte, & della lhe vão dando a beber*, como em ſemelhante caſo fez Amato Luſitano. Porèm na exhibiçaõ dos medicamentos purgativos ſe và muyto attento com os meninos, & ſe eſcuſem o mais que for poſſivel os catharticos, & ſe fuja dos violentos. E ſe naõ baſtar o que eſtà dito, recorrer-ſeha ao azougue, como abayxo dirèmos.

Numero 3.

Cura dos meninos que jà não mamão.

TRabalhoſamente ſe pódem curar eſtes meninos, porque não querem admittir medicamentos pela boca, & com difficuldade ſe enganaõ, pelo que convem ordenarlhos muyto ſuaves, & aſſim ſe devem purgar, lançandolhe na agua que beberem ſem que o ſaybão *açucar roſado de Alexandria, ou xarope do meſmo, & de nove infuſoens de violas*. E ſendo menino de quatro, ou ſinco annos para cima, lancem-lhe na agua *folhas de ſene, ou xarope de Rey*. E iſto ſe lhe dè por intervallos huma, ou duas vezes na ſemana, ou o que parecer neceſſario, conforme a neceſſidade, & forças. E primeyro que o purguem lhe dem alguma ſangria, ſe as forças o permittirem; & naõ tratem de o enfaſtiar com

xaropes

xaropes preparantes, mas ſem elles ſe lhe dem os ditos medicamentos purgativos, *ou ſe lhe dem em lugar de xaropes limas, ou laranjas doces, ou colheres de calda de açucar roſado, ou de conſerva de ginjas, ou de ſemelhante couſa, que com facilidade tome.* E depois de feita alguma evacuaçaõ, ou ainda que a não haja, lhe dem *agua cozida com ſalſa, huma oytava della, ou meya de páo da China* (porque o ſanto, & guayacão he muy aſcoſo para os meninos) *em duas canadas que ſe gaſte meya, & ſe for amigo de doces, miſturem ao cozer alcaçùz,* & lha adocem com açucar, ou mel, ſe for pituitoſo, & tempo frio. E ſe admittir algum cozimento mais forte, cozaõ huma onça em ſeis quartilhos, que ſe gaſtem quatro, & adocemlho com aſſucar, ou mel, como eſtà dito. E para que eſtes cozimentos ſejaõ menos aſcoſos, ſe façaõ em vaſo dobrado, a que chamaõ *Balneo Mariæ*, de que jà tratàmos em ſeu lugar, ſegundo adverte Alfonſo Ferreo, & Mercado, & ao cozer da gallinha, ou qualquer outra carne, que haja de comer, *miſturem ſalſa, ou páo da China*, de modo que em tudo o que comer, & beber, entre a virtude deſtes alexipharmacos. Lib. 2. de morb. gal. cap. 6 Lib. 1. de morb. gal. cap. 10. & 13.

Ordenemlhe tambem humas aguas deſtilladas neſta fórma. *Tomem onça; & meya de ſalſa parrilha, meya onça de páo da China, huma onça de cevada, duas onças de paſſas de uvas, meya onça de alcaçùz, huma duzia de maçãs da nafega, tres onças de açucar roſado de comer, quatro onças de açucar roſado de Alexandria, duas onças de conſerva de violas, duas de conſerva de flor de borragens, & duas de conſerva de flor de lingua de vaca, meya onça de caſcas de mirabolanos citrinos, meya onça de chebulos; tres oytavas de hermodactilos, duas oytavas de carthamo, huma oytava de canella, meya de eſpica, hum frangão depenado, & limpo de tudo ſe faça cozimento ſecundùm artem em tres canadas, que fique huma, & depois ſe meta com todos os materiaes ſem ſe coarem em alambique de vidro, & ſe deſtille em outro. E deſta agua ſe và dando ao menino manhã, & tarde, ſendo de dous annos huma onça de cada vez, & ſendo de mais idade, duas, ou tres, conforme ella o permittir.* E querendo-a mais doce, ſe lhe lance aſſucar naquella quantidade, que lhe houverem de dar.

Tambem o ſobredito cozimento ſe poderà coar, & fazer delle xarope, pondo-o em ponto com tres arrates de açucar, & dar ao menino mea, ou huma onça, ou duas delle, ou às colheres, ou delido com a meſma agua de ſalſa, ou lançando-lhe na agua que houver de beber, ſe o naõ quizer tomar de outro modo, para que a poucos o tome. A' imitação deſta agua deſtillada, & xarope poderà cada hum ordenar outros, conforme lhe parecer, advertindo ſempre que ſeja ſuave de tomar, & que os medicamentos purgativos ſejaõ benignos. E ſe for menino jà de idade de oyto annos acima, póde-ſelhe ordenar alguns ſuoreſinhos leves, ſegundo Juliano Palmario. Loc. cit.

E porque muytas vezes naõ ha traça, nem engano para que o menino tome medicamento algum pela boca, he neceſſario que recorramos à cura do azougue, que por fóra ſe applica, o qual poſto que de ſi he medicamento violento, com tudo em taõ pouca quantidade ſe pòde applicar, que ſem violencia alguma, poſto que em tempo mais comprido, faça a cura perfeyta, porque os medicamentos applicados em menos quantidade naõ produzem todos os graos, que ſua faculdade póde, pois nem o meſmo fogo, ſe a quantidade he muy pequena (como a centeſſima parte de huma faiſca) queyma, como diz Galeno. Lib. 3. ſimpl. 21.

E por tanto Nicolao Maſſa, Leonardo Botallo, Euſtachio Rudio, Mercado, Ambroſio Parcu, Fabio Pacio, & outros graves Authores naõ temem untar os meninos gallicados com ounguento de Mercurio. A qual cura acaſo ſe deſcobrio, porque curando-ſe certa mulher de morbo gallico com o dito unguento, Lib. de morb. gal. trat. 4. c. 1. in fin.

Lib. de morb. gal. c. 20 & 5. de morb. ven. c 5. & 1. de mor. gal. c. 1. n. 11. n. fed inter omnes L. 18. c. 20 L. prop. Loc. cit. & compadecendo-ſe do menino que criava o untou tambem com elle, ſem licença do Medico, & vendo depois ao menino ſaõ, ficando eſpantados, deſcobrio ella o attrevimento, que commettera, & ſervio de exemplo, que dahi por diante ſe applica-ſe a outros, poſto que foſſem de mama, com feliz ſucceſſo, porque deſſa idade curou Rudio a hum filho do Principe de Ovia, untando-o duas vezes. E ſe Juliano Palmario, & outros entenderaõ eſte modo de cura, não deyxàraõ morrer muytos que naõ quizeraõ admittir do páo, & da ſalſa.

A quantidade, que ſe lhe ha de dar, diz Euſtachio Rudio, que ſeja em cada junta tamanho como huma lentilha. Porèm naõ pòde haver quantidade certa, porque ſe deve variar conforme a idade, & compleyção do menino, a quantidade de azougue, que entra no unguento. Porque ſendo de mama, menos que a quantidade de huma lentilha baſta, para cada junta do unguento que ſe ordena aos cholericos, paſſando de dous annos ſerà mayor a quantidade, & ſendo de ſeis, ou ſete, jà ſerà mayor hum pouco, v. g. huma oytava que ſe repartirà em doze partes para as doze juntas. E aſſim ſe irà ordenando, conforme aos annos, peccando antes por pouco, que por muyto, advertindo ſempre que qualquer veſtigio, que ſe conheça de chagar a boca, ſe pare logo com a untura, como encomenda Botallo, & Pareu, & ſe naõ torne a applicar atè que naõ ſare, porque offendendo-ſe a boca, naõ querem os meninos mamar, nem comer, & poderàõ morrer de fraqueza. E por tanto he neceſſario que eſta cura ſe faça com grão cautella. Alèm de que eſta idade por ſer muy calida, & humida ſe reſolve grandemente conforme Galeno, & facilmente recebe a operaçaõ dos medicamentos, & aſſim fica mais ſugeyta à noxia do azougue. Porèm fazendo eſta cura com a devida cautella, he o ſucceſſo, como de milagre.

Lib. de morb. gal. c. 20. loc. cit.

9. me. ult.

Em lugar dos unguentos de azougue ſe pòdem applicar os fumos do Cynabrio, de que acima tratamos em ſeu Capitulo, não defumando o menino nelles, porque ſaõ deſte modo muy violentos, mas defumando com Cynabrio os panos, em que o menino ſe envolve, ſegundo enſina Pareu, & com muyta ſuavidade ſe lhe pòdem dar os pòs de azougue precipitado branco, dando aos de dous annos pezo de huma grão cada dia, aos de tres, ou quatro de dous, ou de tres, & dahi para cima accrecentado a quantidade dos pòs, conforme a idade, & forças, & he eſta cura muy boa, como jà moſtrou a experiencia em hum menino de tres annos, ao qual naõ querendo tomar couſa alguma purgativa, ſe deo a oytava parte de huma oytava de jalapa miſturada com pòs de aſſucar, com que purgou muyto bem, & dandolhe depois dous grãos dos ditos pòs, & repetindolhos finco, ou ſeis dias, ſarou perfeytamente.

Lib. 18. c. 30.

E adverte Mercado que naõ nos contentemos com qualquer melhoria que nos meninos haja, mas que ſe và com a cura por diante atè ſegurar da recahida, & aſſim ordena Palmario que ſe continue tres, ou quatro mezes, entende fazendo-ſe com o páo, ou ſalſa, porque com azougue breve tempo baſta.

Note-ſe finalmente que alguns meninos naſcem ao parecer ſaõs de pays gallicados, & depois em certa idade vem a morrer muytas vezes de affectos conhecidamente gallicos, em outros naõ he taõ patente, mas com tudo procedem de mà qualidade. He pois neceſſario, que eſtes ſe preſervem, quando virmos que os irmãos morrèraõ deſte mal, curando-os com os meſmos medicamentos, que neſte Capitulo eſtão ditos, purgando-os, & dandolhe a ſalſa, páo, ou azougue, que ſaõ os alexipharmacos deſta enfermidade.

ANNO-

ANNOTAÇOENS.

Numero 3.

AZougue que por fóra ſe applica. *Parecerà cura muy violenta a das unturas nos meninos, a quem não tiver uſo della; mas nòs lhe ſeguramos, que fazendo-ſe com prudencia, como o Author inſinua, que a acharão, ſobre efficaciſſima, ſuave. Nòs temos curado alguns meninos lactantes com unturas, cujos caſos puderamos referir, ſe entendeſſemos, que a narração delles perſuadiria mais do que as noſſas aſſeverações. Já no Tratado que eſcrevemos do uſo do azougue propalamos o caſo de hum menino de nove mezes curado com unturas; agora accreſcentàmos, que depois de ſahir a luz aquelle Tratado, curàmos hum menino de ſinco mezes, outro de onze, & outro de anno & meyo, todos com unturas; & ſe ſe nos offereceſſem de menos idade, não teriamos duvida em lhe adminiſtrar a meſma cura: porque nem os meninos ſaõ capazes de outra, que haja de curalos, pela difficuldade com que tomão os remedios: nem eſta deyxa de ſe fazer felizmente, ſabendo applicala com arte, & com brandura.*

Azougue precipitado branco. *Do meſmo modo uſamos nos meninos de mercurio tomado pela boca, dandolho em humas colheres do leyte que mamaõ, aſſim como ſe lhe dà para matar as lombrigas; & jà no Tratado que acima allegamos ſe acharà o caſo de huma menina de tres mezes curada de gallico em dez dias com mercurio doce, que tomou na quantidade de tres grãos cada dia. E de qualquer deſtes modos ſe curaõ muyto bem os meninos gallicados, nos quaes nunca uſamos dos fumos de cinabrio, que o Author aconſelha, porque achamos no azougue mais ſuave, & efficaz remedio.*

Que eſtes ſe preſervem. *Os meninos que forem filhos de pays gallicados, neceſſitaõ de remedios logo que naſcem, para ſe preſervarem dos danos que lhe póde cauſar o contagio; para o que ſe lhe daràõ em trinta dias continuos duas colheres do xarope ſeguinte:*

Tomem meya onça de raiz de ſalſa parrilha, tres oytavas de raiz da China; cozaõ-ſe em tres quartilhos de agua, atè gaſtar hum; entaõ coe-ſe, & ajuntemlhe ſinco onças de çumo de roſas, & de mel quanto baſte, para que dando mais hũa fervura, fique na conſiſtencia como de mel roſado.

FIM.



DISSERTAÇAÕ UNICA

DOS HUMORES NATURAES DO CORPO HUMANO.

Escrita pelo Doutor

FRANCISCO DA FONSECA HENRIQUES
Natural de Mirandella,
MEDICO DO SERENISSIMO REY DE PORTUGAL

DOM JOAÕ V.

ANTELOQUIO.

INcomprehensiveis saõ as obras de Deos; poderá indagalas o entendimento humano, mas nunca cabalmente comprehendelas. Sabemos que no breve termo de huma semana creou a Omnipotencia Divina a grande maquina do Universo; mas naõ chegamos a alcançar a essencia das cousas de que se compoem fabrica taõ suprema. Sabemos que ha Ceos, & duvidamos do seu numero, & natureza. Sabemos, que ha terra, & naõ chegamos a investigar as qualidades das suas producçoens. Vemos que ha agua, & ignoramos a causa dos seus movimentos. E até em nós mesmos, nem sabemos bem as partes de que nos compomos, nem os humores de que nos nutrimos. Ninguem duvida, que ha humores no corpo humano; mas quantos, quaes sejaõ, & para que usos sirvaõ, ainda ninguem o soube sem controversia. Este he todo o objecto da presente Dissertaçaõ: mostrar quantos humores ha no corpo humano; dizer qual seja a sua natureza; & insinuar ultimamente os usos para que servem. Vamos ao intento.

CAPITUO UNICO.

Do numero dos Humores que ha no corpo humano, quaes sejaõ, & para que usos sirvaõ.

ARTICULO I.

Que cousa seja Humor?

1. HUmor em seu generico significado, toma-se por toda a cousa humida, & fluida, em cujo sentido chamou Virgilio 1. humor ao vinho, quando disse: 1. Georg.

Aut dulcis musti, Vulcano decoquit humorem.

Chama-se humor tudo o que he liquido, deduzindo o nome da palavra *humus*, que quer dizer terra, pelas aguas, & humores que nella se achaõ: *Humor ab humus fit, quia aquæ terris inclusæ sunt*, diz Calepino. Porém o uso tem feito,

que ſó por humores ſe entendaõ os humores do corpo, & que as mais couſas fluidas, & humidas ſe chamem licores. Nós na preſente Diſſertaçaõ trataremos ſómente dos humores naturaes, que ſe achaõ no corpo humano, dos quaes depende a ſua boa nutriçaõ, & ſymmetria.

2. Avicena, 2. & com elle toda a Antiguidade, definio o humor, dizendo, que era hum corpo humido, fluido, em que o chylo ſe convertia: *Humor eſt corpus humidum, fluidum, in quod in primis nutriens convertitur.* Eſta definiçaõ teve varias contradiçoens; porque a cholera, & melancholia ſaõ humores à prædominios ſecos, & parece, que ſe naõ devem chamar corpos humidos; razaõ porque Bravo Ramires 3. diſſe, que o humor era hum corpo liquido, em que o chylo ſe tranſmutava. Mas eſtas objecçõens tem facil repoſta, dizendo com Ponce, 4. que bem póde hum corpo ſer fluido, & humido como a agua, & ſer potencialmente ſeco, como he o vinho, & a agua do mar, & de caldas ſulphureas, que tendo actual humidade, ainda tem mayor virtude exſicante; & para a razaõ de humor, baſta, que haja actual humidade, & que ſeja huma ſubſtancia madefactiva, ainda que nella predomine outra virtude contraria. Franciſco Henriques de Villacorta 5. diz em favor de Avicena, que o meſmo he humido, que fluido; o que quer perſuadir com Ariſtoteles 6. nas ſeguintes palavras: *Humidum eſt quod continetur benè termino alieno, malè verò proprio, & è contrario ſiccum.* E que o dizer Avicena, que o humor era corpo humido, foy o meſmo, que dizer, que era fluido. Porém ſe eſte fora o ſentido de Avicena, naõ diria, que o humor era hum corpo humido, & fluido; ou fallaria ſó na humidade, ou o definiria, ſó pela fluxibilidade. E como quer que ſeja, por outra razaõ nos naõ parece bem eſta definiçaõ de Avicena; porque diz, que o humor he hum corpo humido em que ſe converte o chylo; & iſto foy o meſmo, que dizer, que o humor era ſangue: porque o chylo em ſangue he que ſe converte. E ſe Avicena entendeo, que o chylo ſe convertia, naõ ſó em ſangue, mas em fleuma, cholera, & melancholia, como erradamente cuidou toda a Antiguidade: definio o humor pelos humores, ſem lhe exprimir a fórma, & natureza; como ſe diſſera Avicena, que o humor era ſangue, fleuma, cholera, & melancholia, em que a ſeu entender o chylo ſe converte. Além de que eſta definiçaõ parece, que tambem compete ao chylo, porque he hum corpo humido, & fluido como os mais humores, & ſem razaõ o excluio Avicena na ſua definiçaõ. Muito melhor ſe definem logo os humores naturaes, dizendo, que ſaõ huns corpos fluidos, com actual humidade, de alguns dos quaes depende a nutriçaõ, & de todos a recta economia, & ſymmetria do corpo, como adiante moſtraremos.

2. 1. doct. 4. 1.
3. Part. 1. reſol diſp 5.
4 Opuſc. de hum. c 1.
5. Tract. de hum. c. 1.
6. 4. met. 1.

ARTICULO II.

Do numero, & geraçaõ dos humores.

§. I.

Refere-ſe, & refuta-ſe a opiniaõ dos Antigos.

1. HUma quaterniaõ de humores naturaes diſſeraõ os Antigos que havia no corpo humano: Sangue, Fleuma, Cholera, & Melancholia, os quaes gerava o figado, que ſuppozeraõ author da ſanguificaçaõ; & tinhaõ nas qualidades ſua correſpondencia com os quatro elementos: o Sangue com o Ar, a Fleuma com a agua; a Cholera com o Fogo; & com a Terra a Melancholia. Cada hum deſtes humores crecia, & predominava em diverſos tempos

pos do anno: o Sangue na Primavera; a Cholera no Eſtio; a Melancholia no Outono; & a Fleuma no Inverno. De maneyra, que entendeo Galeno, a quem ſeguio toda a Antiguidade, que do chylo, que he o alimento já cozido, ou commutado no eſtomago, gerava o figado a hum meſmo tempo eſtes humores, taõ differentes na cor, na textura, & nas qualidades, que o ſangue, he vermelho, quente, & humido, & de mediana conſiſtencia; a cholera he flava, quente, & ſeca, & tenue; a fleuma, he branca, fria, & humida, & craſſa; a melancholia, he negra, fria, & ſeca, & terreſtre. Accreſcentando mais, que eſtes humores debaixo da fórma de ſangue ſe diſtribuiaõ pelas veas, & arterias ao corpo todo para nutriçaõ ſua; entendendo, que a maſſa ſanguinaria era hum aggregado de taes humores, na qual eſtavaõ de tal maneyra juntos, que ſe podiaõ ſeparar huns dos outros, ou por obra da natureza, ou por virtude ſelectiva dos medicamentos catharticos.

2. Mas a quem naõ parecerá quimerica, & fabuloſa eſta ſonhada geraçaõ dos humores? Quem haverá que crea, que havendo quatro humores no corpo humano, taõ differentes em tudo, como temos dito, ſe gerem todos juntos com huma meſma acçaõ de ſanguificar, reſultando de huma ſó materia, ainda que com partes heterogeneas, & diverſas, geraçoens taõ diſſemelhantes? Eſta opiniaõ, que em toda a Antiguidade foy bem recebida, convence-ſe de falſa, além de outras razões, com a certeza de que o figado naõ gèra humores, nem he author da ſanguificaçaõ, couſa já taõ eſtabelecida entre os Modernos, que Thomás Bartholino fez publicas exequias ao figado, depondo-o em teatros publicos da dignidade de ſanguificar, deyxando-lhe o uſo de depurar o ſangue quando por elle circula, ſeparando a cholera pelo ducto biliario para a bexiga do fel; por mais que a favor do figado nervoſamente ſe empenhou ſeu acerrimo protector Ludovico Bilſio, cuja opiniaõ reprovou Ruyſch no *Tratado das valvulas dos vaſos lymphaticos*, & Jacob Henriques Pauli, na *Anatomia Bilſiana*; porque he couſa já ſem controverſia eſtabelecida, que o alimento depois de cozido, ou commutado no eſtomago, paſſa pelas veas lacteas ao ducto thoracico de Pecqueto, & deſte às veas, aonde ſe confunde com o ſangue, & circulando, & fermentando-ſe com elle, vem a tomar a ſua fórma, & natureza, ſem que o figado intervenha neſte negocio; ficando claro, que naõ ha nas veas mais humores que o ſangue, o qual pelas qualidades do alimento, & pela intenſaõ, ou remiſſaõ do calor, humas vezes ſerá mais, ou menos cholerico, mais, ou menos fleumatico, mais, ou menos melancholico, mas ſempre hum ſó humor, ſem a companhia de tantos humores, de que quizeraõ ſe compuzeſſe a maſſa ſanguinaria, como expreſſamente diſſe Thomás Uvillis 1. nas ſeguintes palavras: *Eſt etenim ſanguis revera humor unicus, nec alius circa viſcera, & alius in habitu corporis; nec alio tempore movetur pituita, & alio bilis, aut melancholia, uti vulgo aſſeritur, ſed liquor in vaſis effervescens ſolummodò ſanguis eſt; & ubicumque loti per ſingulas corporis partes defertur, uſque idem eſt, & ſui ſimilis; quoniam verò in aliquibus, ob caloris inſiti abundantiam, & propter ejuſdem penuriam, alimenti coctio, & in viſceribus, & in vaſis modò intenſiùs modò remiſsiùs peragitur: ideò ſanguinis, licèt unici, & ejuſdem ſæpe liquoris, tēperies diverſa exiſtit: & juxta variā hujus craſſin dici poteſt, quòd homines ſint bilioſi, melancholici, aut alius temperamēti.* 1. Lib. de febr. 1.

O meſmo proferio Ettmullero, 2. quando eſcreveo eſtas palavras: *Falſum ergo eſt ex quatuor humoribus omnino inter ſe differentibus ſanguine propriè ſic dicto, pituita, bile, & melancholia, quibus alii ſerum, tamquam cōmune vehiculum addiderunt, quatuor elementis, & quatuor qualitatibus primis, & quatuor temperamentis analogis conſtare ſanguinem, ut Galenici dicunt,* 2. Tom. 1. fol. mihi 106.

dicunt, dum liquorem flaveſcentem pro bile, obſcurum verò pro melancholia habent. Veja-ſe o que ſobre eſte particular eſcreveo Carlos Muſitano no Capitulo III. da ſua Pyretologia.

§. II.

Propoem-ſe a opniaõ dos Modernos.

3. Esta he huma das couſas em que vemos verificada aquella ſentença de Seneca, 3. quando diſſe, que haveria ſeculo em que os vendouros ſe admiraſſem de ignorarem os Antigos muytas couſas, que à luz do tempo ſe viſſem claras, & manifeſtas: *Venet tempus quo poſteri noſtri tam aperta nos neſciſſe mirentur. Venit tempus, quo iſta, quæ nunc latent, in lucem dies extrahit.* Tivèraõ para ſi Hippocrates, Galeno, Avicena, & depois delles os Profeſſores dos paſſados ſeculos, que no corpo humano havia os quatro humores de que ſe compunha a maſſa ſanguinaria; & duvidavão então, ſe eſtavaõ nella formal, ſe virtualmente; diſputavaõ ſe os taes humores ſe faziaõ neceſſariamente da materia chyloſa; ſe ſe geravaõ todos no figado, & como ſe faziaõ eſtas gerações; ſe ſe podia o ſangue gerar tambem nas veas; ſe a fleuma ſe tranſmutava em ſangue; ſe o corpo ſe nutria de todos os humores, ſe ſómente do ſangue; & controvertiaõ eſcuramẽte outras muitas duvidas, as quaes todas ſe deſvaneceraõ com o pequeno phenomeno de Pecqueto, porque conſtou, que o alimento depois de cozido, ou commutado no eſtomago, paſſava pelos vaſos lacteos a confundir-ſe com o ſangue nas veas, aonde toma a ſua fórma, & natureza ſem que o figado intervenha neſta ſanguificaçaõ, de tal ſorte, que fóra das contendas dos Antigos, vieraõ a alcançar, & a conhecer os Modernos, que naõ havia mais humores naturaes que o ſangue, de que o corpo ſe nutriſſe; diſſeraõ, que o chylo ſe convertia em ſangue nas veas, & que eſte hũas vezes ſeria cholerico, pelo exceſſo das partes oleoſas, & ſulphureas, outras vezes fleumatico pelas muitas partes aqueas, & ſeroſas; outras vezes melancholico pelas partes acidas, & ſalinas; porém ſempre hum ſó humor, ſempre ſangue com eſte, ou aquelle predominio, ſem o aggregado de outros humores. Iſto que ſe ignorou em tantos ſeculos, eſtá hoje pela indigaçaõ dos Modernos taõ claro, manifeſto, que he de todos ſem duvida recebido. De maneira, que naõ ha mais que chylo, & ſangne; o chylo he o alimento já cozido, ou commutado no eſtomago; o ſangue, he o chylo já cozido, ou commutado nas veas; do chylo ſe faz o ſangue, & do ſangue ſe nutre o corpo, communicando-ſe a todas as ſuas partes pelo movimento da circulaçaõ.

Quæſt. par. 7. 25. 3.

§. III.

Propala-ſe a noſſa opiniaõ.

4. Porèm ainda que reprovamos aquella quimerica quaterniaõ de humores, que os Antigos conſideráraõ no corpo humano: entendemos, que na nelle mais humores naturaes, do que chylo, & ſangue; & aſſim dizemos, que ha ſeis humores no corpo neceſſarios para boa nutriçaõ, & recta economia delle. Eſtes ſaõ: o Chylo, o Sangue, a Lympha, a Cholera, o Succo Pancreatico, & o Succo nervoſo. Todos eſtes ſaõ humores: porque ſaõ huns corpos humidos, & fluidos; & todos humores naturaes: porque naturalmente conduzem para conſervaçaõ do individuo. Deſtes huns ſervem para nutrir o corpo, outros para ſe fazerem bem as operaçoens de que depende a ſua ſymmetria. Os que nutrem he o ſangue, & o ſucco nervoſo. Os mais tem differentes uſos,

uſos, de que daremos noticia, fallando particularmente de cada hum delles. Comecemos pelo Chylo.

ARTICULO III.
Do Chylo.

Que couſa ſeja Chylo, como ſe faça, & para que uſos ſirva?

1. CHylo he hum licor branco, mais craſſo, que o leite, no qual ſe tranſmuta o alimento depoys de cozido, ou fermentado no eſtomago. He a materia primeyra de todos os mais humores do corpo, porque immediatamente ſe gèra dos alimentos, que comemos; naõ porque o eſtomago com o ſeu calor os coza, como cuidaraõ os Antigos, mas porque os commuta com o ſeu acido fermentativo, ou com o ſeu fermento azedo, que he hum licor acido, que de ſi lançaõ as glandulas da tunica interior do eſtomago; o qual licor he o acido eſurino, que excita a fome, he o menſtruo, que diſſolve os alimentos, & he o fermento, que os commuta em huma ſubſtancia branca, pultacea, a que chamaõ Chylo. Eſte acido he aquelle eſpirito dos Hermeticos, a que chamaraõ eſpirito eſurino, famelico, voraz, & diſſolvente; porque em poucas horas diſſolve os alimentos mais duros, aſſim como a agua regia, & outros licores feitos de varios ſaes diſſolvem com facilidade pedras duriſſimas, & os metaes, que o alcaeſt, & fogo mais forte naõ pódem diſſolver em muito tempo. Eſte he o que no Aveſtrus digere o ferro, nos caens os oſſos, & nas aves as pedras. E eſte he finalmente o menſtruo que no eſtomago diſſolve os alimentos, o que os fermenta, & o que por meyo da fermentaçaõ os commuta na materia chyloſa, ou chylo, de que fallamos, o que ſe faz da maneira ſeguinte: Depois que os alimentos decem ao eſtomago, entra a incindilos, a penetralos, & a diſſolvelos ao ſeu acido, até os deyxar attenuados, & liquidos; & porque nos alimentos ha ſaes volateys, & alcalicos: excitados eſtes com as partes acidas do fermento, naſce entre elles hum movimento, ou fermentaçaõ inteſtina com que o chylo ſe volatiliza, & ſe vay aperfeiçoando, o que ſe acaba de fazer quando paſſa do eſtomago ao inteſtino duodeno, aonde com o occurſo do ſucco pancreatico, azedo, & do humor bilioſo, alcalino, ſe excita hũa nova fermentaçaõ, em que o chylo ſe depura, precipitando-ſe as partes craſſas aos inteſtinos, para ſe evacuarem pelo ventre, ficando o chylo taõ liquido, & tenue, que poſſa penetrar pela anguſtia das veas lacteas a confundir-ſe com o ſangue nas veas, até tomar a ſua fórma, & natureza, levando comſigo do inſtentino duodeno alguma porçaõ de cholera, que conduz muyto para mais facilmente receber a tintura do ſangue. Donde ſe vé, que o acido eſtomachal he o que diſſolve os alimentos, o que os fermenta, & o que os commuta em chylo. Diſſolveos, attenuando-os, & liquefazendo-os com as ſuas partes acidas; fermenta-os com as meſmas partes, que nelles ficaõ depoys de diſſolutos: porque como ſaõ azedas, ajuntando-ſe com as partes alcalinas, & lixiviaes dos alimentos, excitaõ huma fermentaçaõ, na qual ſe precipitaõ as ſuas partes pinguedinoſas, & ſulphureas, de que reſulta a cor branca do chylo, como diſſe Etmullero: 1. *Chylus eſt candidus, quia oritur ex ſubjectis oleoſis fermentando ab acido excluſis*; porque as partes oleoſas, & ſulphureas ſaõ as que tingem os humores, & precipitando-ſe na fermentaçaõ do alimento, vem a ficar o chylo branco por defeyto das ditas partes. Veja-ſe Mangeto no tomo 1. da Biblioteca Anatomica, fol. 197 §. Hæc, &c. No que toca ao ſabor do chylo, diſſeraõ 1. Colleg. conſult. p. 1341.

alguns, que era azedo em quanto eſtava no eſtomago, & ſalgado paſſando aos inteſtinos, porque na cholera, que nelles ſe lhe communica recebe algumas partes alcalinas, & ſalgadas. Outros obſervaraõ, que o chylo naõ era azedo; outros que era doce. E o certo he, que em huns ſerá hum pouco azedo, em outros hum pouco ſalgado, por ſerem mais, ou menos activas as partes acidas do fermẽto do eſtomago, ou as partes ſalinas do humor bilioſo, que na depuraçaõ do chylo no inteſtino duodeno ſe lhe communica. Veja-ſe Moebio *nos Fundamentos Phyſiologicos*, *fol.* 193.

2. No uſo do chylo ſe duvida, ſe o eſtomago ſe nutre delle? Huns negaõ; outros affirmaõ, todos com Galeno, do que ſe póde ver Plempio, 2. que ſegue huma, & outra parte. Os que dizem que o eſtomago ſe nutre do chylo, fundaõ-ſe em que a fome ceſſa com os alimentos que comemos, o que naõ ſuccederia ſe o eſtomago ſe naõ nutriſſe delle. Os que negaõ eſta nutriçaõ, fundaõ-ſe em que no eſtomago ha muytas veas, pelas quaes ſe nutra do ſangue, que por ellas circula, aſſim como ſe nutrem as mais partes do corpo do ſangue, que no ſeu circulo ſe move por ellas. Eſta nos parece a melhor opiniaõ. Nem obſta o fundamento de ceſſar a fome depois de comer, para nos perſuadirmos a que o eſtomago ſe nutre do chylo; por duas razões; huma he: porque a fome ceſſa com os alimentos, porque com elles ceſſaõ tambem as vellicaçoens das tunicas do eſtomago inanido, com que o acido eſurino do eſtomago excita a fome, como mais largamente diſſemos na noſſa *Medicina Luſitana*, *no Capitulo do faſtio*. A outra razaõ he; porque a fome ceſſa logo que os alimentos ſe comem, tempo em que ainda naõ pódem eſtar commutados em chylo para nutrir, quando he certo, que a chylificaçaõ leva muitas horas; humas vezes quatro, outras vezes ſeis, ou ſete, ſegundo a quantidade, & qualidades do alimento, & vigor, ou debilidade do acido fermentativo, que os diſſolve, fermenta, & commuta. E ſe aqui ſe lembrar alguem de que as peſſoas examinadas com fome, logo, que comem ſe alentaõ: tambem diſto ſe naõ ſegue, que o eſtomago ſe nutra dos alimentos, que a nutriçaõ leva mais tempo; o que ſe ſegue he, que os eſtomagos debilitados por falta de alimento, ſe alentaõ, & corrobora com as qualidades alimenticias, quando comemos. Michael Ettmullero 3. teve para ſi, que o chylo communicado já à maſſa ſanguinaria, ſervia de nutrir as partes eſpermaticas, & nervoſas albicantes, antes de eſtar commutado em perfeito ſangue; o que Thomás Uvillis entendeo, que fazia o ſucco nervoſo, de que adiante fallarèmos. Nòs dizemos, que o chylo ſerve de reſarcir, & reparar o diſpendio do ſangue, que continuamente ſe gaſta na nutriçaõ do corpo, communicando-ſe à maſſa ſanguinaria, & fermentando-ſe muyto bem com ella no ſeu circulo, atè tomar a fórma, & natureza de perfeyto ſangue, com que haja de nutrir commodamente o corpo. E por iſto logo que ſe acaba a chylificaçaõ, ſe poem o chylo em movimento periſtaltico, ou lumbrical para as veas, entrando pelos ductos chyloſos, ou veas lacteas, até o ducto thoracico de Pecqueto, aonde ſe miſtura com alguma porçaõ de lympha ſeroſa, com que mais facilmente paſſa a confundir-ſe com o ſangue pelas veas jugulares, & axillares, como ſem diſcordia eſcrevem os Modernos, menos Muſitano, que negou a exiſtencia do chylo entre os quaes ſe póde ver Deleboe Sylvio, 5. & Ettmullero, 6.

2. Fund. medic. l. 2. cap. 8.

3. Inſt. medic. fol. mihi 109

4. In Trut. med t. 1. l. 3. c. 1.

5. De meth. med. lib. 1. cap 11.

6. Inſt. medic. cap. 8.

ARTI-

ARTICULO IV.
Do ſangue.

Que ſeja o ſangue; como, & em que parte ſe faça, de que maneyra circule, & para que uſos ſirva?

1. HE o ſangue aquelle rubicundo, vivifico nectar com que ſe alimenta toda a familia de Microcoſmo; he aquelle licor ſuave, que derivando-ſe da fonte do coraçaõ, fertiliza todas as partes do corpo; he aquella ardente flamula, com cuja radiante luz ſe illuſtra o cerebro, ſe animaõ os ſentidos, & ſe vigoraõ as faculdades, he aquelle humor nutricio em que conſiſte a vida do corpo, & o theſouro vida; aquelle, que em commodo dos viventes inceſſantemente gira por todas as partes do corpo com ſerpentino, & circular movimento; o que em ſeu nome exprimio Oveno, 1. quando diſſe: 1. Epigr. lib. 3.

Sum crudus, vocor inde cruor, per corpora curro,
Volvor, & in venis ſanguis, ut anguis eo.

Eſte pois humor alimenticio, he na cor vermelho, no ſabor doce, nas qualidades quente, & na textura de mediana conſiſtencia; couſas que muytas vezes variaõ pelas differentes qualidades do chylo, & pela diverſidade dos alimentos de que eſte ſe gèra, de que reſulta ſer o ſangue humas vezes mais, ou menos quente, outras vezes mays, ou menos craſſo.

2. Na parte em que ſe gèra o ſangue houve grande duvida entre os Authores. Toda a Antiguidade entendeo q̃ elle ſe gerava no figado, a quem tivèraõ por author da ſanguificaçaõ; erro taõ craſſo, como manifeſto na certeza de que o chylo de que o ſangue ſe gèra, paſſa do eſtomago às veas, ſem chegar ao figado, já diſſemos no Articulo I. Outros cuydàraõ que o baço tinha tambem virtude de ſanguificar, gerando das partes mais craſſas do chylo, ſangue para nutriçaõ ſua, & das partes a elle circunjacentes; opiniaõ que firmou Sennerto, & que convenceo o phenomeno de Pecqueto, porque conſta que o chylo paſſa do inteſtino duodeno pelas veas lacteas a confundir-ſe com o ſangue nas veas, ſem que alguma porçaõ delle ſe communique a outra alguma parte em que ſe haja de converter em ſangue. Muytos dos Modernos depoys que ngeàraõ ao figado a dignidade de ſanguificar; tivéraõ para ſi que o ſangue ſe gerava no coraçaõ, cõmunicando-ſelhe com elle o chylo no ſeu circulo; o que huns differaõ que ſe fazia por elixaçaõ, cozendo-ſe o chylo com o calor innato do coraçaõ, attenuando-ſe, acẽdendo-ſe, & alterãdo-ſe o ſangue com a flamula vital, do ſeu ventriculo eſquerdo, em q̃ entra muytas vezes a maſſa ſanguinaria pelas leys da circulaçaõ. Eſta opiniaõ, que algũ tempo nos agradou tanto, que a chegàmos a aprovar em algumas das noſſas obras, a reprovamos agora: porque alèm de que ella ſe funda no calor innato do coraçao, & na ſua flamula vital, que muytos Authores negaõ: parece que ſe naõ deve admittir: porque a acçaõ univoca do calor, naõ póde fazer tranſmutações; poderà aquentar, podera cozer, mas tranſmutar ao chylo em ſangue, iſto naõ o póde fazer o calor; aſſim como o pòde fazer a fermẽtaçaõ inteſtina do meſmo ſangue; o que advirtiraõ outros Eſcritores, dizendo, q̃ a tranſmutaçaõ do chylo em ſangue, era effeito de certo principio fermentativo que havia no ventriculo eſquerdo do coraçaõ; dictame que tambem ſe naõ deve admirtir: porque com nenhuma razaõ ſe moſtra que haja eſte peculiar fermento. Outros cuydaraõ que as veas tinhaõ virtudes de ſanguificar.

3. Nòs porèm dizemos, que nem o figado, nem o coraçaõ, nem as veas, nem

nem outra alguma parte organica gèra ſangue: porque a acçaõ de ſanguificar, he acçaõ verdadeiramente ſimilar; & he acçaõ propria do ſangue, que nos vaſos circula; porque ſó o ſangue he o que gera outro ſangue, tranſmutando o chylo em humor da ſua meſma fórma, & natureza; o que faz por meyo da ſua fermentaçaõ inteſtina, excitada dos ſaes acidos, & lixiviaes, & alcalinos, com que abunda a maſſa ſanguinaria; a qual fermentaçaõ trazendo principio do eſtomago na tranſmutaçaõ do alimento em chylo, ſe continua nas veas na fermentaçaõ do ſangue, & nas mais, que depois deſta ſe ſeguem; donde veyo a dizer Symſom, 2. & Verulamio, 3. que todas as fermentaçoens, que havia no corpo humano, eraõ huma continuaçaõ da primeira fermentaçaõ, que no eſtomago ſe celebra: *Omnes ſuccorum in corpore fermentationes, ſunt ſaltem continuationes fermentationis in ſtomacho inchoatæ*, diz Verulamio. O ſangue pois, com o ſeu eſpirito vital inſito nelle deſde os primordios da geraçaõ, tranſmuta o chylo em ſangue, fermentando-ſe inteſtinamente com elle nas veas, até o aſſimelhar a ſi na cor, & na natureza, de tal maneira, que o coraçaõ, as veas, & as arterias por onde o ſangue circula, & ſe fermenta, naõ tem neſte negocio mais que ſerem officinas em que a ſanguificaçaõ ſe celebra; que quanto a virtude de ſanguificar, he propria do meſmo ſangue, a qual traz deſde os principios ſeminaes com que depois de fecundados os ovos no utero materno, ſe gerou o primeyro ſangue dos fetos, antes de eſtar formado o coraçaõ, o figado, & finalmente todas as mais partes do corpo, como logo diremos. Eſte eſpirito vital, que conſideramos no ſangue, he o primeiro agente na tranſmutaçaõ do chylo; a fermentataçaõ he o meyo por onde ſe faz eſta tranſmutaçaõ, o ar externo, que ſe inſpira he hum quaſi fermento, que ajuda o movimento fermentativo do ſangue, em quanto o attenua, & volatiliza, & lhe diſſolve as ſuas partes pinguedinoſas; & os ſaes volateis acidos, & ourinoſos, ſaõ os que movem, & conſervaõ eſta fermentaçaõ. Veja-ſe Ettmullero 4. fallando da converſaõ do chylo em ſangue.

2. Apud Bonet. tom. 1. theſ. fol. mihi 134.

3. Hiſt. 5. vit. & mort. fo. mihi 136

4. Inſt. med. fol. mihi 103.

4. Para que ſe entenda melhor eſta doutrina, nos devemos lembrar da cauſa que gerou o primeyro ſangue no corpo humano, & do tempo deſta ſanguificaçaõ. Em quanto ao tempo, conſta, que antes de eſtar formada alguma parte nos fetos, ſe acha ſangue nos ovos fecundados de que ſe haõ de formar aquelles, donde ſe conclue, que nenhuma parte do corpo humano tem virtude de ſanguificar. E porque no tempo em que apparece nos ovos o ſangue naõ ha outra cauſa a que attribuir-ſe a geraçaõ delle, mais que ao eſpirito vital, elevado dos principios ſeminaes, & inſito nos ovos, a eſte he que temos pela primeira cauſa do ſangue, & pelo author delle. Apparece, como temos dito, o ſangue nos ovos, antes de haver figado, coraçaõ, veas, & nenhuma outra parte; donde fica claro, que ſe elle precedeo a todas, que de nenhuma depende a ſua geraçaõ. Antes porém, que appareça o ſangue nos ovos, ſe acha hum licor vital, ou hum colliquamento branco, que depois ſe faz rubicundo, & ſanguineo. Eſte licor vital antes, que tome a cor, & fórma de ſangue, ſe vay ſeparando das mais partes do ovo, & ſe vay dividindo em varios rivulos, & ramificaçõeſ, de que depois ſe fórmaõ as veas; os quaes ſurculos, & rivulos convem todos em hum *ponto*, a que chamaõ *faliente*; aonde ſe fórma o coraçaõ. Por eſtas ramificaçoens, que depois haõ de ſer veas, ſe move, & circula eſte licor branco, aonde vem a fazer-ſe vermelho, cozendo-ſe por obra do ſeu calor, & do movimento com que circula, porque do calor, & do movimento reſulta a cor vermelha nas couſas brancas, & palidas; aſſim obſervamos, que os marmellos muy cozidos ſe fazem vermelhos; o paõ muyto cozido toma huma cor rubra; as maçãs, & mais frutas aſſadas,

assadas, com o calor se fazem exteriormente rubicundas; & atè as carnes assadas estaõ mais rubicundas nas partes externas, que nas internas. E aindaque isto naõ aconteça em todas as cousas, principalmente liquidas, pois sabemos que as aguas por mais que fervaõ, se naõ fazem rubras: com tudo aquellas cousas que abundaõ com muyto succo alimenticio, & nutriente, tomaõ cor vermelha quando se cozem. Veja-se Gliſſonio, de quem tiramos esta doutrina no livro *de Annatomia hepatis* por todo o Capitulo XXXV.

5. O sangue pois animado com este espirito vital he o que gèra novo sangue, transmutando o chylo, & assimilhando-o a si em tudo. De maneyra que entra o chylo nas veas, mistura-se, & confunde-se com o sangue, circula, & fermenta-se com elle, atè tomar a sua fórma, & natureza; de tal modo, que se o sangue he muyto espirituoso, & balsamico, transmuta muyto bem o chylo, & gera-se hum sangue bem elaborado, capaz de nutrir bem o corpo. E se o sangue he vapido, frio, pouco balsamico, naõ transmuta bem o chylo, & gera-se delle hum sangue crù, mal elaborado, destituido de espirito, & inepto para boa nutriçaõ do corpo, como acontece nos hydropicos; & cacheticos, cujo sangue aquoso naõ dà boa alimonia ao individuo; o que naõ succede por debilidade do figado, nem do coraçaõ, como cuydàraõ os que entendiaõ que estas partes eraõ authoras da sanguificaçaõ; mas succede por debilidade da massa sanguinaria, que estando pouco animada de espiritos, naõ transmuta bem o chylo, & fica o sangue aquoso, vapido; & pouco nutriente. Daqui agora se colhe a razaõ porque muytas vezes pelas sangrias tem sahido o sangue branco; como temos observado, & observàraõ varios Praticos, como Bartholino, Uvillis; Rhodio, Eschneydero, Borello Graaf, Mollembroch, Oldemburgio, cujos lugares se acharàõ allegados em Ettmullero; 5. o que succede por naõ estar transmutado o chylo; ou seja por debilidade do sangue, que por pouco vigoroso lhe naõ possa dar a tintura rubicunda: ou seja por se fazer a sangria antes de haver tempo bastante para estar o chylo bem convertido em sangue; porque para se fazer bem esta conversaõ, he necessario muyto tempo de circulaçaõ; & fermentaçaõ do chylo com o sangue; que naõ sendo assim, serà o sangue chyloso, & albicante. Por isto observou Bartholino, 6. que sahira por huma sangria de braço com o sangue o leyte que hum dia antes se tinha bebido; & por isto observamos tambem haver fibras no sangue quando pelas sangrias de pés se recebe em agua, as quaes fibras, sendo na apparencia rubras, saõ na realidade albicantes, porque saõ partes do chylo mal commutadas, & mal assimilhadas ao sangue, & separadas na agua quente, ou pela agitaçaõ, & movimento, ou por beneficio do calor externo, como disse Ettmullero; 7. negando as fibras do sangue, das quaes cuydàraõ os Antigos, que dependia a sua consistencia, & coagulaçaõ, o que tambem affirmàraõ alguns Modernos: *Sanguinis fibræ*, diz Ettmullero, *rubicundæ apparentes, revera albicant, & chyli videntur proles: sanguini enim fibras inexistere, à quibus consistencia ejus, & vis coagulationis dependeat, ita ut his deficientibus, aut demptis, hic difficulter, aut planè non coaguletur, præter Veteres, plurimi Neoteriorum crediderunt.....Sed fictæ sunt hæ sanguinis fibræ, ut potè quæ in massa sanguinea formaliter nunquam deprehenduntur, & nihil aliud sunt, quàm portiones sanguini reliquo nondum assimilatæ, & beneficio caloris externi, v. g. ab agitatione, aut ab aqua calida separatæ.*

5. Tom. 1. fol. mihi 105.

6. Cent. 1. hist. anat. 17.

7. Ubi supr.

6. Daqui se vè como erraõ os que fazem màu juizo de naõ ser fibroso o sangue que se tira das veas; pois sendo as fibras porçõens do chylo mal commutado, muyto melhor he, que o sangue as naõ tenha: porque he argumento de estar

bem elaborado, & cozido. Nem do ſangue tirado das veas póde fazer juizo certo; porque a cor que o ſangue moſtra na ſuperficie, & as diverſas partes em que ſe ſepara depois de coalhado, & cadaverizado fóra das veas, naõ ſaõ partes do meſmo ſangue; que humas lhe reſultaõ da alteraçaõ do ar, outras da corrupçaõ, & cadaverizaçaõ do ſangue. O ar atè aonde penetra, dà ao ſangue huma cor florida, que he a que vemos na ſua ſuperficie; a corrupçaõ faz que nas mais partes ſeja negro, & eſcuro, ſgundo as experiencias de Louver, 8. Eſpigelio, Sennerto, Helmonte, Fracaſſato, & outros, os quaes obſervàraõ. que o meſmo ſangue tomado em vaſo plano, & largo era todo florido depois de frio; & tomado em vaſo alto, & eſtreyto, era ſómente florido na ſuperficie; donde veyo a dizer Ettmullero; 9. que eraõ vãos os juizos que ſe faziaõ do ſangue depois de ſahir das veas; & que ſó ſerviaõ de utilidade aos Barbeyros intrepidos, & aos Medicos imperitos: *Vanæ ergo*, diz elle, *ſunt omnes ſpeciales ex ſanguine emiſſo prædictiones, vanaquæ in hunc finem inſtituta judicia; multum tamen utilitatis tonſoribus, & medicaſtris afferunt hæc talia.*

8. Tract. de cord. fol. 175. 178. Diſquiſit corp. hum Inſt. lib. 1. 9 Tract. Latex hum neg'ect. §. 4 5.

7. Diſſémos acima que era o ſangue vermelho, porque aquelle licor branco; que ſe achava nos ovos fecundados; ſe vinha a fazer rubicundo, cozendo-ſe por obra do eſpirito vital inſito nos principios da geraçaõ, & communicado ao tal licor. Mas porque formados jà os fetos, podia deſmayar no ſangue aquella cor vermelha com a afluencia, & miſtura do chylo branco: he neceſſario inveſtigar a cauſa donde provenha o ſer o ſangue vermelho, & de conſervar eſta cor, dando a meſma tintura ao chylo, quando circula, & ſe fermenta com elle. No que dizemos, que o ſer o ſangue vermelho depende de haver nelle muytas partes ſulphureas, & oleoſas volateis, as quaes em quanto eſtaõ unidas, & inteyras, naõ tinguem; mas em ſe diſſolvendo, logo daõ tintura ao chylo, & ao ſangue, fazendo-o mais, ou menos purpureo, ſegundo a copia das particulas ſulphureas, que nelle ſe diſſolveraõ. E para que iſto ſe perceba melhor, ſe ha ſe ſaber, que nos alimentos que comemos, no chylo em que elles ſe tranſmutaõ, & no ſangue em que o chylo ſe converte, ha partes ſalinas volateys, & partes ſulphureas, & oleoſas tambem volateys. Eſtas partes oleoſas, & ſulphureas, ſaõ as que fazem rubicundo o ſangue, & o chylo, que para receber eſta tintura, vem jà prediſpoſto com a porçaõ de cholera, que tras do inteſtino duodeno; mas para lhe darem eſta cor, he neceſſario que ſe penetrem, & ſe diſſolvão na maſſa ſanguinaria; o que ſuccede quando ſe miſturaõ com ſaes volateys; porque eſtes ſaõ os que intimamente penetraõ, & diſſolvem as particulas oleoſas, & ſulphureas do ſangue, & do chylo. Deſorte que a purpura do ſangue provem de ſe miſturarem intimamente os ſaes volateis com as particulas oleoſas, & ſulphureas, & de as attenuarem, & diſſolverem; para o que ajuda muyto o ar que ſe inſpira, rarefazendo, & attenuando o ſangue com as ſuas partes nitroſas, ou com os ſeus eſpiritos nitro-aereos, de que o ar abunda; porque ſe tem obſervado que o nitro ſoluto miſturando-ſe com o ſangue, lhe exalta a cor em huma tintura coccinea, & intenſamente rubra. Iſto que dizemos do ſangue, ſe vè nos licores externos; porque ſe miſturarmos os ſaes volateis com os eſpiritos volateis dos animaes, parecendo ao principio brancos como a neve, là vem com o tempo a fazer-ſe rubicundos; porque como nos ditos eſpiritos ficaõ ſempre algumas particulas oleoſas, tanto que ſe diſſolvem com os ſaes volateys, logo ſe fazem rubras. Aſſim ſuccede com o eſpirito de vinho, que pondo-ſe em digeſtaõ com os alcalicos, logo ſe faz vermelho. Se deſtillarmos ſal ammoniaco, cal viva, & enxofre, diz Ettmullero, 10. que ſahirá hum licor rutilante, por ſe diſſolver o enxofre, penetrado

9. Tom. 1. fol. 106.

10. Colleg. conſultat. fol. mihi 1342. Videatur idem Author. tom. 1. fol. mihi 104

netrado dos alcalicos com que se destilla; & se neste licor espirituoso se lançar agua, se farà branco como leyte, por se precipitarem com ella aquellas partes sulphureas, que tingiaõ o licor. *Sanguinis ergo rubedo*, conclue este Author, *exoritur à sale volatili dissolvente intimè ejus oleum, seu sulphur*. Deste modo se fazem muytas vezes nas febres ardentes rubras as ourinas, sem mistura de sangue, por haver nellas muytas partes alcalinas volateis, misturadas com partes oleosas, & sulphureas.

8. Resta dizer a quantidade de sangue que ha nos corpos no tempo da saude, & para que usos sirva. Na quantidade dizem commummente os Escritores, que terà cada corpo vinte libras, o que em alguns póde variar mais, ou menos alguma libra. Isto naõ devem saber aquelles Medicos, que inhumanamente sangraõ os doentes doze, quinze vinte, & trinta vezes, estando elles enfastiados, padecendo febres, vigilias, dores, & outros, danos, que ajudaõ a dissipar os espiritos, sem que se possa reparar o seu dispendio, nem a perda do sangue com os alimentos; de que resulta sahir muytas vezes o sangue branco, por haver jà taõ pouco nas veas, que naõ póde transmutar bem o chylo, nem darlhe a sua tintura, & por isto he chyloso o sangue que se tira das veas jà esgotadas, & inanidas.

9. No que toca aos usos do sangue, jà se sabe que elle serve de nutrir todas as partes do corpo, chegando a todas ellas por meyo da sua circulaçaõ; porque aindaque as partes espermaticas, & nervosas se nutraõ do chylo, como cuydou Ettmullero, ou do succo nervoso, como entendeo Uvillis; no que naõ ha indubitavel certeza: sempre o sangue faz estas nutrições, ou com as suas partes chylosas, ou com o succo nervoso, que delle se deriva; porque no corpo naõ ha mais que chylo, & sangue; do chylo se faz o sangue, & do sangue se derivaõ todos os mais humores, a lympha, & saliva, a cholera, o succo pancreatico, o licor gastrico, & o succo nervoso, que todos dependem da massa sanguinaria. Alèm disto serve o sangue para animar, & vigorar o corpo com os seus espiritos, que saõ as partes mais tenues, volateis, & elasticas da massa sanguinaria, sem as quaes naõ póde durar a vida, aindaque nos vasos haja sangue para nutrir o corpo; & por isto acabaõ a vida os que morrem por falta de alimento, em cujas veas não falta sangue com que pudessem nutrir-se, mas exhalaõ a alma, porque faltaõ no sangue os espiritos necessarios para viver. Exhalaõ-se os espiritos facilmente, & como falte alimẽto para se gerar novo sangue, & com elle novos espiritos, por isto não dura a vida, aindaque se occupem de sangue as veas. Do que temos dito se deyxa ver que os espiritos saõ parte do sangue, & que a geração delles não depende do coraçaõ, nem do cerebro, senaõ da massa sanguinaria, da qual, & dos seus espiritos depende o coraçaõ, & todas as mais partes do corpo, porque assim o coraçaõ, como todas as mais partes, devem ao sangue, & aos espiritos que por ellas circulaõ, a vitalidade, o calor, o movimento, & actividade que tem; de tal maneyra, que faltando os espiritos, & o sangue, faltaràõ tambem no coraçaõ os alentos, & haverà huma syncope; o que dizemos, para que se veja que naõ he a syncope achaque do coraçaõ, como cuydàraõ os Antigos, senaõ dos espiritos, & da massa do sangue, sobre o que se veja o que escreveo Charleton, 11. & Glissonio. E aindaque digaõ commummente os Escritores, que no cerebro se gèraõ do sangue, & dos seus espiritos vitaes os espiritos animaes, necessarios para sentimento, & movimento das partes do corpo: não he porque isto se faça por acçaõ propria do cerebro, nem por nova elaboraçaõ, fermentaçaõ, ou transmutação que haja dos ditos espiritos: senaõ por hu-

11. In xcon. anim. exerc. 3. p. 15. De anat. hep. fol. 13.

ma ſimplez, & nua ſeparaçaõ, com que, ſegundo diz Carteſio, ſe apartaõ os eſpiritos do ſangue na parte cortical do cerebro, filtrando-ſe ſutiliſſimamente pelos poros das ſuas glandulas, pelas quaes naõ póde penetrar outra ſubſtancia, que naõ ſejaõ os eſpiritos; os quaes aſſim puros, & lucidos, ſe communicaõ à medulla do cerebro, & alli merecem o nome de eſpiritos animaes, porque dalli ſe deſtribuem pelos nervos a fim de animar todas as partes, para fazerem rectamente os ſeus uſos. Veja-ſe Uvillis na Anotomia do cerebro cap. 9 Sylvio Deleboe na Diſſertaçaõ 4. do cerebro §. 29. & Ettmullero nas Inſtituições Medicas, cap. 12.

10. Para complemento deſte Articulo reſta dizer, que o ſangue para nutrir todas as partes do corpo, circula continuamente por elle; paſſando com a vibraçaõ, & movimento contractivo das fibras do coraçaõ às arterias, deſtas às partes ſolidas, & carnoſas, entaõ às veas, & das veas ao coraçaõ, de tal modo, que neſte circulo do ſangue; he o coraçaõ o centro: a peripheria, ou circunferencia ſaõ as partes externas: as linhas do centro para a circunferẽcia ſaõ as arterias, & veas. Tem principio eſte giro no coraçaõ; porq̃ entrando na ſua auricula, ou vẽtriculo direyto o ſangue com o chylo, que pela vea axillar eſquerda ſe lhe tem communicado, paſſa pela arteria pulmonar, ou vea arterioſa para os bofes, aonde com o ar que ſe inſpira, ou com o ſeu ſal, & eſpirito nitro-aereo ſe diſſolvem melhor as partes ſalimas oleoſas, & ſulphureas do chylo, & do ſangue, rarefazendo-ſe, & laxando-ſe melhor a ſua textura, & recebendo mais intenſa fermentaçaõ toda eſta maſſa. Dos bofes entra o ſangue no ventriculo eſquerdo do coraçaõ, com cujo occurſo ſe diſtendem as ſuas fibras, & diſtendendo-ſe, ſe contrahem, reſultando deſta contracção o lançarem impetuoſamente o ſangue do coraçaõ na arteria magna, & deſtribuir-ſe eſte pelos ſeus ramos aſcendentes, & deſcendẽtes a todo corpo, atè chegar às arterias mais delgadas, & capillares, que eſtaõ diſperſas pelas partes carnoſas, que do ſangue ſe nutrem, o que tudo ſe faz com a vibração do coraçaõ como temos dito, da qual procede o movimento, & pulſo das arterias, por ſe ferirem, & ſe diſtenderem ao impulſo do ſangue que nelles entra. Das arterias capillares, pelas anoſtomoſes, & communicações que tem com as veas tambem capillares, recebem eſtas o ſangue que reſultou da nutrição das partes carnoſas, por cujos póros paſſa tambem o ſangue às ditas veas capillares, & deſtas às veas mayores, atè chegar à vea cava, pela qual ſe refunde no coraçaõ. Do que temos dito conſta que o coraçaõ he huma parte muſculoſa, que como os mais muſculos ſe move pelas ſuas fibras ao influxo dos eſpiritos animaes, que pelos nervos ſe lhe communicaõ; & que o uſo deſta parte he ſómente fazer paſſar às arterias o ſangue que recebe das veas, impellindo-o com o ſeu movimento vibrante, & transfundindo-o aſſim de huns vaſos a outros, o que com demonſtrações anotomicas expreſſou Louver, no *Tratado* que eſcreveo do coração, & firmou Eſchneydero *no livro de catarros*; & Nicolao Eſtenaõ *nas Obſervações anatomicas dos muſculos, & glandulas*. Veja-ſe Higmoro *na Diſquiſiçaõ anatomica do corpo*. Deſte movimento circular do ſangue, de que foraõ os primeyros inventores no ſeculo paſſado Guilherme Harveo, Medico Inglez, & Paulo Sarpa, Religioſo Veneſiano, tivèraõ conhecimento os Medicos da China ha mais de quatro mil annos, ſegundo diz Cleyero, Medico Batavo, eſcrevendo a Simão Pauli, cuja carta ſe acha nos *Actos Medicos Haffnienſes* de Bartholino; 12. & já Hippocrates parece que ſuſpeytou que havia circulação do ſangue, quando no *livro das veas*, 13. diſſe, que o alimento paſſava das veas internas para as externas, & deſtas tornava para aquellas: *Craſſæ venæ ſibi mutuò alimen-*

12. Volum 4. Obſ. 1. fol. 4.

13. Tit. 17. de nat. human.

alimentum ſubminiſtrant, internæ externus, viciſſimque externæ internus. O que repetio em outro lugar, 14. dizendo: *Alimentum in pilos, & in ungues, & in extimam ſuperficiem ab internis partibus pervenit; ab externis partibus alimentum, ab externa ſuperficie ad intima pervenit; confluxio una, conſpiratio una, conſentientia omnia.* Veja-ſe Uvaleo na *epiſtola que eſcreveo a Barthelino*, 15. & Ettmullerò no *Capitulo X. das inſtituições medicas.* 14. Lib de alim. 4. 15. Dechylos & ſang. motu.

11. Aqui porventura que deſeje ſaber algum curioſo porque razaõ não pulſem as veas como as arterias, ſe he certo que o meſmo ſangue circula igualmente por humas, que por outras. Ao que reſpondemos, que iſto tem muytas cauſas. Primeyramente não pulſaõ as veas como as arterias, porque o ſangue não entra com tanto impeto naquellas, como neſtas, & por iſto não fere, nem diſtende os lados das tunicas das veas deſorte que as faça pulſar como as arterias. Moſtra-ſe que não entra o ſangue nas veas com tanto impeto, como nas arterias: porque o ſangue que entra nas veas, vem das arterias capillares, & dos póros das partes carnoſas, que ſaõ vaſos muy anguſtos; & entrando nas veas, como tem mais ampla capacidade, não fere, nem deſtende as ſuas tunicas para ſe ſentir o movimento com que nellas entra. Nas arterias move-ſe o ſangue dos vaſos mais largos para os anguſtos, dos mayores para os menores; porque do ventriculo eſquerdo do coraçaõ paſſa para a arteria magna, & deſta a todos os ſeus ramos; & como ſe move ſempre de vaſos grandes para pequenos, por iſto pulſaõ as arterias todas as vezes que entra o ſangue nellas. Por outra razáo mais não pulſaõ as veas como as arterias, & vem a ſer, porque as tunicas das veas ſaõ mais molles, & mais flaccidas que as das arterias, & por iſto cedem ao impeto do ſangue quando entra nellas; deſorte que ſe naõ ſente pulſaçaõ alguma. E naõ ſó por eſtas razões, mas tambem porque o ſangue das veas naõ he taõ tenue, taõ eſpirituoſo, taõ ſutil, nem taõ turgido, & quente como o das arterias, por cujas cauſas ſe move mais brandamente por ellas; & ſó na vea cava, junto do coraçaõ ſe ſente alguma pulſaçaõ, como obſervou Uvaleu, 16. o que ſuccede por haver neſta vea humas fibras nerveas, as quaes naõ cedem facilmente ao impeto com que entra o ſangue nella, & por iſto pulſa como as arterias. 16. Epiſt de mor. ſang

12. Mas daqui nace outra mayor duvida; porque ſe o ſangue que circula pelas veas he o meſmo que circula pelas arterias, parece que em huns, & outros vaſos ha de ter o ſangue a meſma natureza, & que taõ eſpirituoſo, & eſtuante ha de ſer nas arterias, como nas veas. Reſpondemos. O ſer o ſangue mais, ou menos eſpirituoſo, tenue, & ſutil, conſiſte em ſer mais, ou menos volatilizado porque os eſpiritos ſaõ as partes volateis da maſſa ſanguinaria. E quando o ſangue entra nas arterias, tomando o movimento da circulaçaõ, entra mais volatilizado, mais rarefeito, & mais attenuado, que quando circula pelas veas; porque antes de entrar nas arterias paſſa pelos bofes, aonde com o ar que ſe inſpira ſe intende mais a ſua fermentaçaõ inteſtina, & ſe diſſolve, & rarefaz a ſua textura, & por iſto fica o ſangne mais eſpiritoſo nas arterias, das quaes paſſa às arterias capillares, que ſaõ delgadas como cabelos, & nellas circula com menos velocidade, & nutre as partes carnoſas, no que diſpende o ſangue muytas partes volateis, ſem as quaes entra nas veas, & por iſto he nellas menos eſpirituoſo, menos volatil, menos tenue, mais eſpeſſo, & menos veloz, atè que paſſando ao coraçaõ, torne a recobrar os eſpiritos com que circula nas arterias; & por iſto Helmonte chamou ſangue ao ſangue arterial, & ao das veas chamou cruor; como ſe diſſéra, que o ſangue venoſo era mais crù, & menos eſpirituoſo, que o das arterias, o qual he mais florido, & rubicundo; porque com o ar que ſe inſpira

ſe attenua, & rarefaz nos boſes, como temos dito; ſobre o que ſe veja o que eſcreveo Louver no *Tratado do coraçaõ.*

ARTICULO V.
Da Chorela.

Que ſeja a Cholera; de que materia, como, em que parte, & para que fins ſe gère?

1. ESte he hum dos humores derivados do ſangue; he aquelle humor oleoſo, & ſalino, na cor amarello, no ſabor amargoſo, nas qualidades quente, & no uſo balſamico; aquelle de cujo vigor depende a depuraçaõ do chylo, & a fermentaçaõ da maſſa ſanguinaria; aquelle que como balſamo vital preſerva o ſangue da corrupçaõ; aquelle, que com as ſuas partes ſalinas, & oleoſas tempera, & diſſolve a maſſa chylacea, & ſanguinea; aquelle licor ſaponario com cuja virtude abſtergente ſe tiraõ as nodoas, & ſe limpaõ os inteſtinos das ſuas fezes; aquelle de cuja cor flava depende a purpura do ſangue; & aquelle finalmente, que ſendo reputado dos Antigos por humor excrementicio, he hoje conhecido por hum licor balſamico, ſem o qual diſſe Helmonte, que não podia o corpo humano ter ſaude.

2. He pois a cholera hum humor amarello, quente, ſeco, & amargoſo. Gèra-ſe nas veas, da parte ſulphurea, & oleoſa da maſſa ſanguinaria, da qual ſe tranſcola no figado pelos poros biliarios, & paſſa à bexiga do fel, & aos inteſtinos, para uſos que adiante dirèmos. Que a cholera ſe gèra nas veas, admittem ſem duvida todos os Authores q̃ confeſſaõ a ſua tranſcolação, mas algũs tambem dizem que ſe gèra na bexiga do fel; & fazem duas differenças de cholera, huma hepaticas, & outra ciſtica; daquella dizem que he pouco amargoſa, pouco amarella, & de conſiſtencia mais fluida, que a ciſtica, da qual affirmão que he mais flava, mais amargoſa; mais acre, & mais penetrante; & de huma, & outra eſcrevem, que paſſaõ aos inteſtinos, a hepatica pelos poros, & ductos biliarios, ou cholodocos, a ciſtica pelo ducto ciſtico. Porèm aſſim como he certo que a cholera ſe gèra nas veas, & que ſe tranſcola pelas glandulas do figado, aſſim parece tambem certo que ſe naõ gère no folliculo, ou bexiga do fel; porque naõ ha neceſſidade de multiplicar as partes com os meſmos uſos; baſta que a cholera ſe gère em huma ſó parte, & parecem ſuperfluas duas officinas; principalmente quando de ambas ſe communica a cholera aos inteſtinos para os meſmos fins. Alguns Authores foraõ de opiniaõ, que a cholera ſó na bexiga do fel ſe gerava do ſangue que recebia pela arteria ciſtica, como affirma Franciſco Deleboe Sylvio; 1. Pechlino, & Svvammerdamio. Mas contra eſta doutrina eſtaõ as experiencias de Marcello Dalpighio, 2. que ligando a arteria hepatica, & ciſtica, obſervou hum continuo provento de cholera do ſangue da vea porta; donde ſe vé que a cholera ſe naõ gèra no folliculo, que lhe ſerve ſòmente de receptaculo, para o qual ſe tranſcola das veas hepaticas. E confirma-ſe com a certeza de que muytos animaes naõ tendo bexiga do fel, naõ falta nelles a cholera; tal he o gamo, o veado, o golfinho, o cavallo, & huma eſpecie de ratos, a que os Latinos chamão *glis.*

1. Diſſert. med. 6.
Lib. de med. purg.
Lib. de reſp. ſect. 3. cap. 1.
2. Tom. 2 tr. de hepat. fleuct. c. 7.
1. Lib. de anat. hep. cap. 39.

3. Gera-ſe logo a cholera nas veas, & tranſcola-ſe pelo figado para o ſeu folliculo. Mas como ſe gèra, & ſe ſepara do ſangue? Gèra-ſe, diz Franciſco Gliſſonio, 3. a cholera nas veas das partes oleoſas, & ſalinas do ſangue, por ſe quey-

queymarem eſtas, & ſe fundirem na perenne fermentaçaõ inteſtina da maſſa ſanguinaria com o ſeu calor vital, ficando pela aduſtaõ amargoſas, como vemos em muytas couſas externas, que fazendo-ſe aduſtas por cauſa do calor do fogo; ficaõ por cauſa da aduſtaõ amargoſas. O leyte queymado amarga; o oleo de amendoas doces, & a manteyga crua, poſtos ao fogo, fazem-ſe rancidos, & amaros. O meſmo ſe obſerva no alcaçuz, & nas carnes, que queymadas amargaõ, porque com o fogo perderaõ os eſpiritos doces, & ficàraõ amargoſas. Por eſta razaõ he amargoſa a cholera, porque na aduſtaõ das partes oleoſas, & ſalinas do ſangue, diſſipaõ-ſe os ſeus eſpiritos doces, & reluz melhor o amargor que o fogo nellas produz. *Aduſtio ſulphuris cauſa eſt amaritudinis, quæ dulcorem commutatur*, diz Gliſſonio. Deſtas partes ſulphureas, & ſalinas miſturadas com o ſoro, ou luypha, ſe compõem a cholera. O que conſta, porque a cholera deſtillada, lança de ſi, primeyro huma pouca de agua, ou de fleuma, ficando no fundo do vaſo huma reſina dura, tenaz, & taõ inflammavel, que com facilidade ſe acende, & arde; & deſtillando-ſe com mayor fogo, lança demais da fleuma, hum licor da conſiſtencia de ourina deſtillada, o qual licor he volatil, & acre; & lança tambem muyto oleo, ficando as partes ſalinas fixas no fundo do vaſo. Compõem-ſe logo a cholera de ſal volatil, de copioſo oleo, & de alguma porçaõ de lympha, a qual ſe naõ poderia unir com as partes oleoſas, ſem as ſalinas. Veja-ſe Ettmullero no Capitulo XIII. das Inſtituições Medicas, fol. 119.

4. Eſte humor bilioſo circula com o ſangue nas veas, atè que chegando ao figado, ſe criva, ou ſe tranſcola pelo poro biliario, que he o vaſo excretorio do figado: por ſer eſte hum corpo glanduloſo, & como tal deſtinado para ſeparaçaõ da cholera, como ſuccede com as mais ſeparações dos licores que ſe apartaõ do ſangue, & da lympha. Aſſim ſe tranſcola, & ſe criva a ourina pelas glandulas dos rins, o ſuor pelas glandulas miliares, & ſubcutaneas, a ſaliva pelas glandulas ſalivaes, & as lagrimas pelas glandulas dos olhos. Deſte meſmo modo entrando o ſangue no figado pelas ſeys da circulaçaõ, ſe criva, & tranſcola a cholera pelas ſuas glãdulas, ſahindo pelos póros biliarios para os inteſtinos, & para o foliculo do fel, do que ſe póde ver Marcello Malpighio, 4. que obſervou ſer o figado hum corpo compoſto de glandulas conglomeradas, das quaes he o poro biliario o ſeu vaſo excretorio, por onde a cholera ſe ſequeſtra, & ſepara do ſangue. Donde ſe vè como erraraõ os Antigos quando entenderaõ que o figado era officina da ſanguificaçaõ, pois ſegundo a indagaçaõ dos Anatomicos modernos, naõ tem o figado taõ nobre officio, & ſó ſerve de ſe ſequeſtrar a cholera pelos póros das ſuas glandulas, como temos dito. 4. Deſtruct. hep. cap. 5. & ſequent.

5. Naõ erràraõ menos tambem os Antigos em reputarem a cholera por hum humor excrementicio, & em cuydarem que naõ tinha mais preſtimo, que para facilitar a evacuaçaõ da ourina, & dos excrementos do ventre, irritando a bexiga urinaria, & os inteſtinos com as ſuas particulas acres, & mordazes; ſendo aſſim que a cholera naõ he humor excrementicio, como primeyro que todos diſſe Backio, mas antes he o balſamo vital, que preſerva o chylo, & o ſangue da corrupçaõ, fazendo nos viventes aquillo meſmo que nos mortos faz o azevre; & a myrrha, & outras couſas amargoſas com que os corpos ſe embalſamaõ, & ſem corrupçaõ ſe conſervaõ. Alèm diſto, ſaõ muytos os uſos da cholera, todos neceſſarios para boa ſymmetria do corpo, donde veyo a dizer Helmonte, que a cholera era o balſamo da vida.

6. O primeyro uſo da cholera, he o de depurar o chylo no fim do inteſtino duodeno, depois que dece do eſtomago jà diſſoluto, & fermentado nelle; porque

porque naquelle inteſtino lhe ſahe ao caminho a cholera do ſeu folli cullo, oureceptaculo, pelos ductos cholodocos, & o ſucco pancreatico azedo, os quaes licores ſe miſturaõ intimamente no chylo, & nelle excitaõ huma nova fermentaçaõ, por meyo da qual ſe precipitaõ as partes craſſas, & excrementoſas do chylo, ficando eſte mais puro, mais attenuado, mais mobil, mais fluido, & mais capaz de permear pela anguſtia, & eſtreyteza das veas lacteas, a confundir-ſe, & fermentar-ſe com o ſangue nas veas.

7. O ſegundo uſo do humor bilioſo, he o de têperar, & corregir com as ſuas partes alcalinas o azedume do chylo, que ſendo inſignemente azedo, communicando-ſe ao ſangue, & chegando no ſeu circulo a varias partes do corpo, pudèra excitar em algumas com o ſeu acido vicioſo dores agudas, & outros danos, que com a miſtura da cholera ſe evitaõ, porque o azedume do chylo ſe tempera egregiamente com as partes ſalinas, oleoſas, & lixiviaes da cholera, ficando acido-ſalſo, mais volatilizado, & mais liquido, no que diſſe Helmonte, 5. que conſiſtia a ſegunda digeſtão do alimento.

5. Tr Sextuplex digeſtio.

8. O terceyro uſo da cholera, he diſpor o chylo para que nas veas receba mais facilmente a tintura do ſangue, cuja purpura depende das partes oleoſas, & ſulphureas da cholera, como diſſémos no Articulo IV. num. 7. Deſorte que a cholera communicando-ſe ao chylo no inteſtino duodeno, & penetrando-o intimamente, dalhe a primeyra diſpoſição para melhor tomar a cor, & forma de ſangue, o que faz com as ſuas partes ſalino-volateys, oleoſas, & ſulphureas, das quaes reſulta a cor rubra, que no chylo fica occulta, com as partes acidas que traz do eſtomago. & com as que recebe do ſucco pancreatico nos inteſtinos, atê que communicando-ſe ao ſangue, & fermentando-ſe com elle, ſe diſſolvem as partes oleoſas, & ſulphureas, de que reſulta a cor vermelha do ſangue. No que havemos de ſaber, que a cholera pelas partes oleoſas, & ſulphureas tem a cor amarella; mas eſtas meſmas partes que inteyras, & unidas lhe dão eſta cor, penetradas intimamente, abertas, & diſſolutas com as partes ſalinas volateys, dão huma cor vermelha, qual he a do ſangue. Aſſim ſuccede que as couſas ſulphureas ſe façaõ vermelhas miſturando-ſe com as alcalicas; o enxofre cõmum com a miſtura do ſal de tartaro, de amarello ſe fez vermelho. A meſma cholera deſtillada lança de ſi hum oleo rubicundo. Com que pelas partes de cholera que o chylo recebe no inteſtino duodeno, fica diſpoſto para receber mais facilmente a tintura do ſangue, aindaque o chylo ſeja branco, & não mude logo de cor com a cholera que ſe lhe communica; o que acontece, porque as partes acidas do chylo lho impidem, ſendo certo que os licores vermelhos com a miſtura dos acidos ſe fazem taõ brancos como leyte, por ſe precipitarem com os acidos as partes, oleoſas, & ſulphureas. Veja-ſe Ettmullero *no tomo* 1. *fol.* 96

9. O quarto uſo da cholera he preſervar o chylo, & o ſangue de corrupçaõ com a ſua virtude balſamica, a qual conſiſte nas particulas ſulphureas, oleoſas, & ſalinas; & aſſim como a loſna, a myrrha, o azevre, & outras couſas amargoſas preſervão de corrupção os corpos mortos, aſſim a cholera preſerva o chylo, & o ſangue de que ſe corrompão, & apodreçaõ.

10. O quinto uſo da cholera he ajudar a fermentação inteſtina da maſſa ſanguinaria com as ſuas partes ſalinas, alcalicas, lixiviaes, & ourinoſas, com as quaes, & com os acidos de que o ſangue abunda, ſe perena a ſua fermentação, de que depende a boa natureza do ſangue, & a recta economia do corpo, que em ſendo mal fermentado, & depurado o ſangue, logo ſe originaõ em varias partes incommodos differentes.

11. O

11. O ſexto uſo da cholera, he vigorar, volatilizar, & eſpiritualizar a maſſa ſanguinaria, no que póde tanto, que por falta de cholera, ou pela inercia della, ſe faz o ſangue vapido, frio, & mal elaborado, de que reſultaõ as cachexias, as hydropeſias, & outros males que os Antigos imputavaõ à debilidade do figado, tendo-o por author da ſanguificaçaõ. Veja-ſe Malpighio *na exercitaçaõ da ſtructura do figado, Cap.* 9.

12. Alèm deſtes uſos, tambem ſerve a cholera de excitar a natureza para evacuaçaõ dos excrementos do ventre, & da ourina, picando, & irritando as fibras nervoſas da bexiga, & dos inteſtinos, de cujas contracturas ſe ſeguem as ditas excreções; & eſte foy ſó o uſo que os Antigos lhe aſſinàraõ, reputando-a por humor excrementicio, ſendo aſſim que della recebe muytas utilidades o corpo, como temos dito.

ARTICULO VI.
Da Lympha.

Que couſa ſeja Lympha, quaes os ſeus vaſos, em que parte, & de que materia ſe faça, & para que uſos ſirva?

1. LYmpha em ſeu rigoroſo ſignificado quer dizer agua; aſſim o entendeo Virgilio, 1. quando diſſe: 1. 9. Æn.

Montibus altis
Levis crepante lympha deſilit pede.

E Horacio: 2. 2. Serm. 2. ſect. 5.

Hauſit de gurgite lymphas:
Reſtringere pocula lympha.

E por iſto os Modernos deraõ eſte nome ao humor aquoſo de que tratamos, que he aquelle a que chamàraõ fleuma os Antigos, tendo-o por hum dos quatro humores naturaes, que conſideravaõ no corpo humano; errando naõ ſómente neſta quimerica quaterniaõ de humores; mas ignorando totalmente os ſeus uſos, os ſeus vaſos, & os ſeus movimentos. He pois alympha hum humor aqueo, eſpirituoſo, na cor branco, na textura tenue, no ſabor azedo, & nas qualidades frio. Aquelle com cuja fluxibilidade ſe facilita a circulaçaõ do ſangue, & do chylo; aquelle que aſſim circula pelos vaſos lymphaticos, como o ſangue pelos vaſos ſanguiferos; & aquelle finalmente, que derivando-ſe da maſſa ſanguinaria, ſerve em varias partes para uſos bem differentes, do que ſe póde ver Sylvio Deleboe 3. Charleton, & Gliſſonio.

2. Prepara-ſe a lympha nas muytas glandulas que eſtaõ diſſeminadas pelo corpo todo; das quaes humas ſaõ conglobadas, & comglomeradas outras. Aquellas ſaõ glandulas ſimplez, porque conſtaõ de hum ſó globo, & por iſto ſe chamaõ conglobadas. Eſtas ſaõ compoſtas de muytas glandulas conglobadas, & por iſto ſe chamaõ comglomeradas. Humas, & outras preparaõ a lympha, do humor aqueo, & ſeroſo que recebem do ſangue das arterias, que pelas ditas glandulas eſtaõ diſperſas, à qual lympha ſe juntaõ os eſpiritos animaes, que pelos nervos ſe lhe cõmunicaõ; porque a eſtructura das glandulas he compoſta de nervos, de veas, & de arterias, vaſos todos muy delgados; das arterias ſe ſepara a materia da lympha, que preparaõ as glandulas, & dos nervos os eſpiritos com que ſe anima; de tal ſorte que em todas as glandulas vem a ſer a lympha hum licor aqueo, eſpirituoſo, & algum tanto azedo; mas pela differença das 3. Diſp. 7. Exerc. 9. de lymph ductib. De anat. hepat.

glandulas, & da ſua textura, he tambem differente a lympha, que nellas ſe prepara, & ſaõ differentes os uſos para que ſerve. Das glãdulas conglomeradas humas ſaõ de textura eſpongioſa,& laxa, outras de textura mais firme, & mais dura. As que ſaõ de eſtructura mais eſpongioſa,& mais laxa, attrahem, ou emulgẽ do ſangue arterial o ſoro,ou lympha mais craſſa,chea de muytas partes chyloſas, a qual pelos ductos das glandulas paſſa a certas cavidades para uſos differentes. Aſſim ſuccede nas glandulas mammarias, que por ſerem muy eſpongioſas, ſeparaõ da maſſa ſanguinaria a lympha lactea; ou chyloſa, que pelos ſeus ductos excretorios lançaõ nas papilas, donde a tiraõ as ſuccões dos meninos que mamão. Aſſim ſuccede tambem nos teſticulos do ſexo viril, que tambem ſaõ glanduloſos, & de textura tão eſpõgioſa, que ſeparaõ do ſangue arterial o licor ſemilacteo para materia da genitura, que no congreſſo, dos meſmos eſpiritos que ſe anima, ſe ejacula. Aſſim tambem as glandulas que eſtaõ ſituadas na parte ſuperior da garganta, a que os Latinos chamoã *tonſillæ*, ſeparaõ da maſſa ſanguinaria a lympha ſemilactea, ou ſoro do ſangue com muytas partes chyloſas, para que com ellas, & com a ſaliva ſe humedeça, & lubrique o eſophago para o uſo da deglutiçaõ dos alimentos.

3. As glandulas conglomeradas, que tem mais firme textura, & mais anguſtos os poros, ſeparaõ do ſangue a limpha mais tenue, ou o ſoro mais ſutil, cheyo de ſal volatil,ou ſalſuginoſo,ou azedo, que pelos ſeus vaſos excretorios ſe deſtribue para diverſos fins. Aſſim ſuccede nas glandulas da mais ſolida textura, cuja limpha tem uſos differentes, & diverſos nomes, chamando-ſe ſaliva, ſucco pancreatico, & lagrimas, pelas partes em que ſe elabora, & ſe conſerva. Do meſmo modo ſuccede nas muytas glãdulas que eſtaõ no muſculo laringe, & na ſua circunferencia, com as quaes ſe humedece a aſpera arteria, para formar a voz; donde acontece muytas vezes que ſendo muyta a lympha deſtas glandulas, & extravaſando-ſe com grande afluencia na aſpera arteria, haja rouquidoens prolixas; aſſim como ſuccede, que ſendo eſta lympha muy ſalſuginoſa, & azeda, cauſe toſſes ſecas; & convulſivas, pungindo, & vellicando as fibras da aſpera arteria.

4. Naõ aſſim as glandulas conglobadas, porque todas abſorvem as ſeroſidades do ſangue arterial, & preparaõ a lympha de huma meſma natureza, ſimplez, & homogenea, a qual naõ paſſa a differentes cavidades, como a lympha das glandulas conglomeradas, ſenaõ que pelos vaſos lymphaticos circula pelo corpo todo, ſendo tal o ſeu movimento, que ſe faz da circunferencia para o centro, & vem a ſer de todas as glandulas conglobadas para o tronco dos vaſos lymphaticos, que he o ducto thoracico, chylifero, no qual ſe terminaõ todos os vaſos lymphaticos, vaſando a lympha nelle, para que com o chylo paſſe pela vea axillar eſquerda a confundir-ſe com o ſangue nas veas, com o qual circula a lympha do centro para a circunferencia.

5. De maneyra que (repitamos iſto para melhor percepçaõ) as glandulas conglomeradas abſorvem o humor aqueo do ſangue, de que preparaõ differentes lymphas para differentes uſos, & por iſto huma he ſalival, outra gaſtrica, outra pancreatica, outra lacrimal, & aſſim das mais; porèm as glandulas conglobadas, da meſma materia aquea, que emulgem do ſangue das ſuas arterias, preparaõ hũa ſó lympha, clara, ſub-acida,por ſer a dita materia aquea ſutil,azeda,& volatil, a qual ſe anima com os eſpiritos, que pelos nervos das meſmas glandulas ſe lhe communicaõ,& eſta lympha ſe move pelos vaſos lymphaticos atè o ducto thoracico, ou ciſterna do chylo, em cuja companhia paſſa a confundir-ſe na maſſa ſanguinaria, para os fins que logo diremos. 6. He

6. He logo a lympha hum licor aqueo, claro, eſpirituoſo, algum tanto azedo, derivado do ſaugue, elaborado nas glandulas, & communicado à maſſa ſanguinaria pelos peculiares vaſos em que ſe move, & circula pelo corpo todo, porque não ha parte nelle em que os vaſos lymphaticos ſe não achem, & todas as vezes, que eſtiverem muy cheas as glandullas, ou ſe impedir o movimento da limpha nos ſeus vaſos, haverà eſtagnações, de que reſultem hydropeſias particulares, extravaſando-ſe a lympha dos ditos vaſos; & haverà catarros, & eſtillicidios, que deſta maneyra ſuccedem os defluxos catarraes, que os Antigos entenderaõ que procedião de ſe encraſſarem na cabeça ou vapores que do eſtomago ſe elevão, doutrina que prolixamente reprovou Eſchneydero no livro que eſcreveo de *catarros*. Veja-ſe Eſteno *nas obſervações das glandullas, & muſculos*.

7. Os vaſos lymphaticos, que felizmente deſcubrio Bartholino Medico Dano, & Oláo Ruydbecio, Medico Sueco, no anno de 1651. & 1652. ſaõ os ductos por onde a lympha ſe move de humas a outras glandullas, de humas a outras partes. Nacem eſtes vaſos das glandulas, & terminaõ-ſe todos em hum tronco, que he, como temos dito, o ducto thoracico, ou receptaculo do chylo, para o qual ſe move a lympha das glandulas conglobadas, & pela vea ſubclavea, ou axillar paſſa com o chylo à maſſa ſanguinaria. A lympha das glandulas conglomeradas tem ductos peculiares por onde ſe move para cavidades particulares, como acima diſſemos. Donde ſe collige que da lympha, aſſim como do ſangue, procedem muytos danos; porque ſe a lympha não circular, & ſe naõ mover pelos ſeus vaſos, ou por eſtarem obſtruidos, ou por ſer a lympha craſſa, & viſcida, ſuccederaõ eſtagnações, & intumecencias; & extravaſando-ſe a lympha, cauſa ſerà de hydropeſias, ou no ventre ou no peyto, ou na cabeça; & de outros varios danos, ſegundo a parte em que ſe detiver, ou ſe extravaſar. O que ſuccede tambem ſendo a lympha tanta que naõ cayba nas ſuas glandulas, & vaſos, & ſe ſolte em defluxos, fazendo catarros, eſtillicidios, toſſes, reumatiſmos, curſos, & outras queyxas, que com ſangrias ſe remedeaõ prontamente: porque como a lympha tenha ſua origem do ſangue, quando eſte ſe deminue com as ſangrias, he menos a lympha glandulas, & vaſos lymphaticos, & aſſim ceſſaõ os danos que cauſa; o que dizemos porque de caminho ſe leve alguma utilidade pratica; advertindo finalmente que os males da lympha muytas vezes procedem do eſtomago, como cauſa remota delles, & que ſe naõ curão ſem que eſta cauſa ſe emende; o que ſuccede quando o eſtomago havendo de fazer boa chylificaçaõ, converte os alimentos em huma ſubſtancia aquoſa, humas vezes acida, outras vezes ſalſuginoſa, com a qual ſe vicîa o ſangue, & por conſequencia a lympha, como doutamente notou Ettmullero. 4.

8. No que toca aos uſos da lympha, jà do que temos dito ſe vè, que a lympha das glandulas conglomeradas tem varios uſos, pelas varias, & differentes cavidades a que ſe deſtribue; aſſim a dos vaſos ſalivaes ſerve de evitar a ſede, & de humedecer a boca, & o eſophago, couſa muy neceſſaria para maſtigar, & deglutir os alimentos, & para proferir as vozes. Alèm diſto ſerve para boa fermentaçaõ do alimento; porque naõ ha duvida em que a ſaliva tem virtude fermentativa, & que ajuda a chylificação, attenuando, incindindo, & penetrando os alimentos com as ſuas partes acidas, & volateis; & por iſto he conveniente para melhor fermentação dos alimentos, que eſtes ſe maſtiguem exactamente, para que entre bem por elles a ſaliva; ſobre o que ſe veja o que em varios lugares eſcreveo Silvio Deleboe, Curvo, Ettmullero, Gliſſonio, & outros, A lym-

4. Inſt med. cap. 15. fol. mihi 117.

pha lachrimal ſerve de humedecer os olhos, porque ſe naõ ſequem as ſuas palpebras com o ſeu continuo movimento. A lympha gaſtrica, & eſtomachal ſerve para diſſolver & tranſmutar os alimentos. A pancreatica para melhor fermentaçaõ, & depuração delles, como dirèmos no Articulo ſeguinte; & aſſim as mais lymphas deſta natureza tem uſos differentes, & particulares.

9. A lympha das glandulas conglobadas, que ſe move pelos vaſos lymphaticos, atè chegar ao ducto, & ciſterna do chylo, com o qual entra na vea axillar eſquerda, & ſe communica à maſſa ſanguinaria, ſerve para muytos uſos; o primeyro he fazer mais diluto o chylo, para que entre com mais facilidade a confundir-ſe com o ſangue nas veas. O ſegundo: facilitar a circulaçaõ do ſangue, fazendo-o mais fluxivel. O terceyro: ajudar a fermentação da maſſa ſanguinaria com as ſuas partes acidas, & volateis. O quarto: promover a renovaçaõ, & reſtauraçaõ do ſangue no coraçaõ, & vaſos mayores, pelos muytos eſpiritos de que conſta. Veja-ſe Sylvio *na Exercitaçaõ* 8. Charleton *na Exercitaçaõ* 9. *dos ductos lymphaticos.*

Do que temos dito ſe vè como erraraõ os Antigos em cuydar que as glandulas ſerviaõ de embeber as humidades excrementicias, & inuteis; pois he certo que ellas preparaõ a lympha, que ſerve para uſos muy neceſſarios, o que naõ ſuccederia ſe foſſe excrementicia. Veja-ſe curioſamente Regnero de Graaf no *Tratado que eſcreveo do ſucco pancreatico*, *Cap.* 4.

ARTICULO VII.
Do Succo Pancreatico.

Que couſa ſeja, de que materia conſte, & para que uſos ſirva?

1. JA do que diſſémos no articulo antecedente, conſta que o ſucco pancreatico he huma eſpecie da lympha que preparaõ as glandulas conglomeradas; mas a grandeza da parte em que eſtas glandulas ſe achaõ, & a nobreza do uſo para que o ſeu ſucco ſerve, pedem que fallemos particularmente nelle. He pois o ſucco pancreatico hum licor, ou lympha, que preparaõ; & de ſi lançaõ as glandulas do pancreas. E para que ſe entenda melhor o que diſſermos, havemos de ſaber, que pancreas he huma parte ſituada abayxo do fundo do eſtomago, pela parte poſterior delle, junto da primeyra vertebra dos lombos, annexa ao peritoneo; que chega deſde a regiaõ do figado, atè a regiaõ do baço. Chama-ſe *pancreas*, palavra Grega, compoſta de *pan*, que quer dizer grande, & de *creas*, que ſignifica carne; & aindaque lhe naõ fica muy proprio eſte nome, delle uſaõ os meſmos que reconhecem a impropriedade. He eſta parte de figura longe, de cor ſub-rubra. A ſua ſubſtancia ſe compõem de innumeraveis glandulas, que lhe occupaõ as extremidades, & de arterias, veas, & nervos. As arterias trazem origem da arteria celiaca; as veas dos ramos eſplenicos; & os nervos do ſexto par. No meyo tem o pancreas hum inſigne ducto, para o qual lançaõ as ditas glandulas a ſua lympha, & por elle paſſa ao inteſtino duodeno.

2. No uſo deſta parte erraraõ os Eſcritores Antigos, & a mayor parte dos Modernos; huns entendendo q̃ o pancreas ſervia para deſtribuiçaõ das veas, arterias, & nervos; & para defender que o eſtomago eſtãdo cheyo, ſe não offendeſſe com as vertebras do eſpinhaço; outros cuydando, que tambem ſervia de receber em ſi as humidades ſuperfluas, & excrementicias do ſangue, & do chylo,

para

para as depor nos inteſtinos pelos ſeus ductos; outros dizendo, que ſervia para expurgar do baço o humor cholerico; outros affirmando, que ſervia de dar paſſagem ao chylo, que cuydaraõ ſe encaminhava pelo ſeu ducto dos inteſtinos para o figado, & baço; outros julgando, que tinha o uſo de receber os recrementos dos nervos, expurgando-os pelos inteſtinos; ſendo aſſim que o verdadeyro uſo deſta parte, he abſorver nas ſuas glandulas as partes aquoſas do ſangue arterial, & preparar nellas a lympha, ou ſucco de que fallamos, com a miſtura dos eſpiritos animaes que pelos nervos ſe communicão às meſmas glandulas, cuja extructura ſe compõem de nervos, de arterias, & de veas, ſobre o que ſe veja o que diſſémos na noſſa Medicina Luſitana, *no livro 2. cap. 93. da obſtrucçaõ do pancreas.*

3. Tem pois o pancreas muytas glandulas, as quaes todas ſaõ da claſſe das conglomeradas; eſtas eſtaõ ſituadas pelas extremidades deſta parte, & cada huma dellas tem hum pequeno ducto, que ſe communica com o ducto grande, que eſtà no meyo do pancreas, pelo qual paſſa aos inteſtinos o ſucco, ou licor que de ſi lançaõ as ditas glandulas, que he o ſucco pancreatico, o qual conſta das partes aquoſas do ſangue, que das arterias emulgem as glandulas do pancreas, & dos eſpiritos, que pelos nervos ſe lhe communicaõ; com os quaes ſe temperão, & dulcificaõ as partes ſalino-volateis que conſigo trazem as ſeroſidades do ſangue, ficando aſſim a lympha ou ſucco pancreatico temperadamente azedo; do que ſe veja o que eſcreveo Regnero de Graaf, no celebre tratado do *ſucco pancreatico*, *Cap. 4.*

4. Donde ſe vè que o ſucco pancreatico he hum licor acido, eſpirituoſo; compoſto das partes aquoſas do ſangue, & dos eſpiritos, que dos nervos ſe lhe communicão, & preparado nas glandulas do pancreas, aonde ſe guarda para os ſeus uſos, dos quaes não póde dar noticia Joaõ Jorge Uvirſungio, Medico Bavaro, inventor deſte ſucco, & ducto pancreatico, porque achando o no anno de 1642. brevemente lhe faltou a vida com huma morte violenta, que em ſua propria caſa lhe buſcou a enveja; mas depois ſe applicàraõ nervoſamente na inveſtigação deſta parte, & do ſeu licor azedo, Franciſco Deleboe Sylvio, & Regnero de Graaf inſigne Anatomico Delphenſe, Florentino Schuyl, Godifrido Moebio, & outros diligentiſſimos Anotomicos, por cuja doutrina ſe eſtabeleceo jà ſem controverſia, que o ſucco pancreatico era hum licor acido, natural, & naõ excrementicio, cujo uſo ſe exercita em depurar o chylo no inteſtino duodeno, excitando nelle hũa nova fermẽtação, por ſe miſturar na meſma parte com o humor bilioſo, de cuja miſtura ſe ſegue a fermentaçaõ, & deſta a depuraçaõ do alimento; ficando ſem as partes craſſas, & excrementoſas, que pelo ventre ſe deturbaõ, & precipitaõ. Deſorte que as glandulas do pancreas preparaõ eſte ſucco, & cada huma dellas o lança pelo ſeu proprio ducto, ao ducto grande que eſtà no meyo deſta parte, pelo qual ſahe para o inteſtino duodeno quatro dedos tranſverſos abayxo do eſtomago, & alli ſe miſtura com os alimentos jà fermentados nelle; & por ſe encontrar com o humor bilioſo, que do ſeu folliculo ſe communica ao meſmo inteſtino para o meſmo fim, reſulta deſta miſtura huma nova fermentaçaõ, na qual ſe acabão de fermentar os alimentos, depurando-ſe das partes excrementicias, que aos inteſtinos ſe precipitão, & ficando o chylo mais puro, & capaz de permear a anguſtia das veas lacteas, atè ſe confundir com o ſangue nas veas, para as quaes paſſa o ſucco pancreatico na companhia do chylo, & depois circula com o ſangue, a fim de que ſe faça melhor a ſua fermentaçaõ inteſtina, para o que conduzem muyto as partes acidas deſte ſucco, que

aſſim como no inteſtino duodeno promovem nova fermentaçaõ do alimento, miſturando-ſe com as partes alcalinas da cholera, aſſim a continuavaõ nas veas, donde veyo a dizer Simſom, que as fermentações que havia no corpo, eraõ huma continuação da fermentaçaõ primeyra que no eſtomago, & inteſtinos ſe celebra, como jà acima notàmos.

5. Dois saõ logo os uſos do ſucco pancreatico: depurar o alimento, & ajudar a fermentaçaõ da maſſa ſanguinaria; para o que ha de ſer eſte ſucco temperadamente azedo, & de textura fluida; porque ſe for craſſo, lento, & inerte, ſerà pouco vigoroſa a fermentação que excitar, & ficarà o limento mal depurado, de que ſe ſeguiràõ obſtrucções nas veas lacteas; & ſerà o ſangue mal fermentado de q̃ reſultaràõ, cachexias, hydropeſias, febres chronicas, & outros males, que de ſer mal elaborado, ou fermẽtado o ſangue pódem nacer. Aſſim como ſendo o ſucco pancreatico inſignemente azedo, excitarà differentes danos, viciando a fermentação do chylo, & do ſangue, & cauſa ſerà de dores do eſtomago, dos inteſtinos, & de juntas, & de outros mais incommodos, que da ſua acrimonia ſe pódem originar; do que ſe veja o que em varios lugares eſcreveo Franciſco Deleboe Sylvio.

ARTICULO VIII.

Do Succo nervoſſo.

Que ſeja, & para que uſos ſirva?

1. SUcco nervoſo he hum licor branco de que os nervos ſe nutrem; he aquelle humor aquoſo, tenuo, & claro, que chamão ſinovia, o qual lançaõ de ſi as chagas das juntas, & das partes nervoſas, a que ſerve de nutrimento. Porque havemos de ſaber, que aſſim como as partes carnoſas, & rubras do corpo ſe nutrem do ſangue: aſſim tambem as partes eſpermaticas, & nervoſas ſe nutrem de hum licor branco, a que Thomàs Uvillis, Gliſſonio, 1. & outros chamàraõ ſucco nervoſo, do qual, alèm deſtes Authores, ſe póde ver Charleton, 2. & Jorge Encio. Deſorte que as partes purpureas do ſangue ſervem de nutrir as partes carnoſas do corpo; & as partes eſpermaticas, nervoſas, & albicantes, nutrem-ſe deſte licor branco, do qual diſſe Gliſſonio, que as glandulas do meſenterio, & as lumbares de Bartholino o preparavão de alguma porção do chylo, que abſorvião das veas lacteas, & que das ditas glandulas ſe communicava ao genero nervoſo por aquelles nervos de que ſe compõem a ſua eſtructura.

1. De cereb. anat. cap. 20. De anat. hep. c 45.

2. Inæcon. anim. exerc. de ſanguinis uſu, & ſucco nervoſ. In apolog pro circul. ſanguinis contra Pariſanum.

2. Thomàs Uvillis diz, que eſte licor ſe deſtilla do ſangue do cerebro, & cerebello, & ſe diffunde por todo ſyſtema nervoſo; levando conſigo grande copia de eſpiritos animaes, & outra porçaõ de humor, que como em ſubſidio ſe lhe junta dos lados, & extremidades do genero medullar, nervoſo; couſa na verdade de difficil averiguação.

3. E ſendo certo que os nervos (exceptuando os opticos, & os olfatorios) naõ tem ductos, nem cavidades como as veas, & as arterias, por onde hajão de paſſar os humores: todavia não ha duvida em que as partes nervoſas tem ſeu peculiar humor, que para ſua nutrição, & para ſeus proprios uſos por ellas excorre. Iſto ſe vè nas feridas das partes nervoſas, em que ſe acha hum humor roſcido, que chamão ſinovia, ſemelhante às claras dos ovos, o qual he certo que ſe naõ communica às ditas feridas das veas, nem das arterias. Iſto ſe vè nas partes paraliticas, que eſtando obſtruidas, ſe ſecaõ, por naõ lhe chegar em ſufficiente

copia

copia eſte ſucco nervoſo de que haviaõ de nutrir-ſe. Porèm eſte licor branco entendemos com Ettmullero, 3. que he a parte chyloſa do ſangue; da qual ſe nutrem as partes eſpermaticas, nervoſas, & albicantes, aſſim como as partes carnoſas ſe nutrem das partes ſanguineas; porque a maſſa ſanguinaria, que circula por todas as veas, & arterias do corpo, a fim de o nutrir, & de o aumentar: tem partes ſanguineas, rubicundas, & perfeytas; & tem partes chyloſas, albicantes, & incommutadas; com aquellas nutre as partes carnoſas, & rubras; com eſtas dà nutriçaõ a todas as partes nervoſas, & eſpermaticas. Deſorte que o que he ſangue, naõ tem mais que partes ſanguineas; mas o que he maſſa ſanguinaria, tem partes ſanguineas, & chyloſas, porq̃ ſe compõem de chylo, & de ſangue, que he o que circula nas veas; o chylo communica-ſe ao ſangue para tomar a ſua fórma, & natureza; mas antes de chegar a ſer ſangue; dà materia para o ſucco nervoſo, de q̃ as partes eſpermaticas ſe nutrem. Veja-ſe Bartholino. 4. Boyle, & Schneydero. 3 Inſt. med fol. mihi 109. 4.

4. Mas contra eſta doutrina eſtà huma grande duvida: porque ſe os nervos naõ tem cavidades, ductos, nem canaes por onde hajaõ de paſſar os humores: como póde diſtribuir ſe, nem communicar-ſe por elles o ſucco nervoſo, para haver de nutrilos? A eſta duvida reſponde Gliſſonio, dizendo: que os nervos aindaque naõ tenhaõ cavidade manifeſta, naõ deyxaràõ de ter alguns caniculos taõ delgados, que a viſta os naõ divize, pelos quaes ſe communiquem pelo genero nervoſo os eſpiritos que os anime, & o ſucco; ou licor que os nutra; o que confirma com a experiencia de que as apoplexias ſe terminaõ muytas vezes em parleſias particulares; o que naõ ſuccederia, ſe nos nervos naõ houveſſe ductos por onde paſſaſſem os humores do cerebro à parte paraliticada. A eſta razaõ junta outra da compreſſaõ dos nervos, por cauſa da qual reſultaõ eſtupores, denegando-ſe nas compreſſoens o tranſito aos eſpiritos, & ao humor, que lhe ſerve de vehiculo. Donde conclue, que os nervos naõ ſaõ impenetraveis, aindaque naõ tenhaõ cavidade manifeſta: *Concludo itaquæ* (ſaõ as ſuas palavras) *haud ſatis evinci, nervos ſucco nutritio impenetrabiles eſſe, ob id, quòd cavitate manifeſta deſtituantur.* Veja-ſe eſte Author no livro que eſcreveo da *anatomia do figado, cap. 45. fol. 506.* Centur. 2. epiſt 65. centu. 3. epiſt. 38. Diſſert. 3. de uſu alac. De catarrhis libr. fol. 85.

5. E eſtando na vulgar opiniaõ de que os nervos naõ tem eſtes ductos occultos, que nelles conſidera Gliſſonio, dizemos que ainda ſem elles póde communicar-ſe ao genero nervoſo o ſucco de que fallamos, com que hajaõ de nutrirſe. Saõ os nervos de huma ſubſtancia compacta, dura, & firme; & ſe naõ tem manifeſta cavidade interna, tem muytas cavidades exteriores, ou muytos póros, & meatos, de tal maneyra, que diz Uvillis, que ſaõ poroſos, como huma cana da India; & pelos ditos nervos póde excorrer qualquer licor, metendo-ſe por entre as ſuas fibras, ou ſeus filamentos fibroſos, de que ſe compõem a ſua eſtructura, aſſim como o eſpirito de vinho paſſa por entre as cordas de cithara quando em hum traſto eſtaõ juntas, ſem entrar por cavidade manifeſta, como diſſe Uvillis: 5. *Nervi* (diz elle) *ſubſtantia compacta, & planè firma conſtant, ut humor ſubtilis, qui ſpirituum vehiculum eſt, illorum compages, non ſecùs ac ſpiritus vimi extenſas fidium chordas, tantummodò ſenſim perreptando trajiciat.* De maneyra que os nervos compõem-ſe de muytas fibras, ou filamentos fibroſos, & por entre elles excorre o ſucco nervoſo, levando conſigo os eſpiritos animaes, os quaes ſe vão metendo nos póros, & cavidades dos nervos, ſervindolhe o ſucco nervoſo naõ ſó de vehiculo, que com a ſua fluxibilidade os conduza, mas tambem de retinaculo, que com a ſua viſcoſidade os detenha, porque ſem iſto ſe diſſipariaõ facilmente, por ſerem os eſpiritos muy ſutis, & de velociſſimo movimento; 5. De anat cereb cap 19.

mento; tornemos a ouvir Thomàs Uvillis, que tem neſte negocio grande authoridade: *Nervi per totum poris, & meatibus, quaſi totidem alveolis denſiſſimè excavatis, & invicem contiguis inſtruuntur; ita eorum ſubſtantia inſtar cannæ indicæ, ubique poroſa, ac pervia eſt. Intra hæc ſpatiola ſpiritus animales, ſive corpuſcula valdè ſubtilia, & ex ſua natura ſemper in motum prompta, blandè ſcaturiunt, quibus tum pro vehiculo, tum etiam pro retinaculo latex aquoſus adjungitur. Humor iſte fluiditate ſua ſpiritus per totum ſyſtema nervoſum diffundit, ita viſcoſitate ſua eoſdem, ne protinus diſſipentur, velut in ſyſtaſi quadam, ac ſerie continuata retinet.*

6. Do que temos dito conſta que o ſucco nervoſo he hum humor branco, derivado da maſſa ſanguinaria, & das partes chyloſas della, communicado ao ſyſtema nervoſo, para nutrir as partes eſpermaticas, & para levar os eſpiritos animaes a todas ellas, que eſtes ſaõ os uſos para que ſerve: nutrir as partes eſpermaticas, & nervoſas, & vehicular os eſpiritos com que ſe vigoraõ, & animão. Veja-ſe Ettmullero no *Cap.* 10. *das ſuas Inſtituições Medicas.*



IN-

INDICE

DAS

COUSAS MAIS NOTAVEIS DESTE LIVRO.

A

Abſceſſos gallicos. pag. 255. Suas differeneas. *Ibid.* Cura 258. 259.
Accidentes que ſobrevem nos ſuores como ſe lhe acode. pag. 145.
Accidentes de gotta coral curados com azougue. p. 188.
Acidos, & alcalicos miſturados excitão fermentações, & fazer crecer a febre. p. 205.
Acido fermentativo de eſtomago he o que excita a fome; 333. & o que diſſolve os alimentos; *Ibid.* & o que os converte em chylo. *Ib.*
Acido do eſtomago diſſolve oſſos, ferro, & pedras duriſſimas. p. 333.
Adſtricçaõ de ventre nos que tomaõ ſuores como ſe remedea. p. 141. 150.
Adſtricçaõ de ventre na cura do azougue como ſe remedea. p. 201.
Advertencias na cura do gallico incipiente. p. 40.
Advertencias àcerca dos alexipharmacos do gallico. p. 163.
Advertencias àcerca da eleyçaõ dos remedios com que ſe cura o morbo gallico. p. 163.
Advertencias para ſe uſar do azougue precipitado. p. 225.
Advertencias ſobre os medicamentos do morbo gallico. p. 239.
Agua de pedra lipis cura as puſtulas gallicas das partes bayxas. pag. 41. Como ſe faz. p. 49.
Agua de Lanfranco tem a meſma virtude p. 41. Como ſe faz. p. 49.
Agua branda de ſolimaõ cura as meſmas puſtulas. *Ibid.*
Agua ſalgada tambem as cura. p. 41.
Agua de cinabrio cura as puſtulas gallicas das partes obſcenas. p. 41.
Agua divina de Fernelio como ſe faz, p. 42. Cura as puſtulas gallicas. *Ib.*
Agua aluminoſa como ſe faz. p. 49.
Agua aluminoſa magiſtral de Fallopio. p. 51.
Agua de Euſtachio Rudio para as chagas gallicas bayxas. p. 50.
Agua venerea de Carlos Muſit. p. 55.
Agua forte dos Ourives reprova-ſe nas chagas gallicas, & malignas. p. 56.
Agua verde de Hartmano. p. 58.
Agua de Quercetano para gonorrheas. p. 76.
Agua de Riverio para gonorrheas. p. 76.
Aguas magiſtraes para curar gallico. p. 105. 127.
Agua de Paulo Milio. p. 105.
Agua de Madama Focquet. p. 105.
Agua cozida com azougue vivo, he util para os que ſe curaõ de gonorrheas. p. 74.
Agua que haõ de beber os que tomaõ ſuores. p. 140.
Agua que haõ de beber depois dos ſuores. p. 145.
Agua de Fernelio para curar o morbo gallico. p. 238.
Agua ſolutiva para purgar com ſuavidade. p. 247.
Agua mercuriada de Lemeri, para ſarnas, & comichões. p. 268.
Agua de ſolimaõ de Fragoſo para curar ſarna. p. 268.
Ajudas refrigerantes ſaõboas para gonorrheas

norrheas purulentas. p.68.
Ajudas de leyte ſaõ uteys nas dores de eſtomago, & ventre dos que tomaõ azougue. p.206.
Alcalicos miſturados com acidos excitaõ fermentações, & aumentaõ as febres. p.205.
Alexipharmacos do gallico naõ ſe enfraquecem com quallidades manifeſtas. p.38.
Alimentos dos que tomaõ ſuores quaes haõ de ſer. p.140. 149. que quantidade, & em que tempo haõ de comer. p.141.
Alimentos dos que tomaõ ſuores haõ de temperar-ſe com ſal, & porque. p.152.
Ancias, & agaſtamentos do coraçaõ na cura do azougue como ſe lhe acode. p.196 204.
Antimonio crû he bom para cozer a agua que beberem os que tem gonorrheas. p.74.
Antimonio em vidro, ou o vidro de antimonio he excellente vomitorio. p.102.
Apozema de Dom Fernando. p.154.
Outras apozemas para o morbo gallico. p.155.
Apozema de ſalſa. p.155.
Apozemas freſcas para febricitantes, & peſſoas calidas. p.156.
Ar que haõ de reſpirar os gallicados. p.148.
Ar da caſa em que ſe tomaõ ſueres naõ ha de ſer muyto quente. p.149.
Aſthma gallica como ſe cura. p.278.
Aſſucar, ou ſal de chumbo util nas gonorrheas. p.75.
Aſſucar de chumbo dulcifica o acido vicioſo, & corroſivo do gallico.
Atheroma. p.255. Sua cura. p.263.
Azougue; duas eſpecies delle. p.179. Suas qualidades. 179. He venenoſo. *Ibid.*
Azougue, ainda ſe naõ ſabe ſe he quente, ſe frio. p.33. Só elle extingue o contagio gallico. p.39. 106. 177.
Azougue que fica no corpo como ſe lança fóra. p.201.
Azougue mal correcto faz graves danos. p.202.
Azougue he o mais efficaz remedio do gallico. p.164. Como ſe deſcobrio a ſua cura. 164 165. Eleyçaõ delle. 165. Suas qualidades, & virtudes. 166. Seu uſo, & adminiſtraçaõ. p.167.
Azougue cura as febres hecticas gallicas. p.180.
Azougue mata as lombrigas. p.180.
Azougue acha-ſe vivo nas cavidades dos oſſos dos cadaveres muytos annos depois de ſe haver uſado em unturas. p.180.
Azougue em que achaques convem. p.181. A ſua cura deve fazer-ſe na primeyra, & ſegunda eſpecie de gallico. p.185. & em todos os achaques gallicos. p.189.
Azougue como ſe uſa pella boca. p.220.
Azougue precipitado. p.223. Como ſe faz. *Ibid.* p.224.
Azougue precipitado branco p.328.
Sua preparaçaõ a mais ſegura. pag. 233.
Outra preparaçaõ do azougue precipitado. p.230.
Varios modos de curar gallico com azougue. p.230.
Azougue ſe preſerva da peſte. p.232.
Azougue he mais util para curar gallico nas peſſoas de natureza quente, que os outros alexipharmacos. p.245.
Azougue cura tificos, aindaque naõ ſejaõ gallicados. p.280.
Azougue nos achaques de ourina dos gallicados he utiliſſimo. p.312.

B

Banhos de agua doce ſe convem aos gallicados, & quando ſe ha de uſar delles. p.148.153.306.
Banhos de Caldas quentes ſempre ſaõ convenientes aos gallicados. p.153.

Bebida paſſulada laxante. p.150.
Bocados, ou bolos para curar o morbo gallico. p.160.
Bubaõ, que ſeja, quaes as ſuas cauſas, differenças, & prognoſticos. p 80. 81. Como ſe conhece 81. como ſe cura. p.82.90.
Cura do bubaõ gallico de humores frios. p.84.
Bubões ainda que ſuppurem, & purguem muyto tempo, naõ livrão de gallico. p.87.
Bubões porque ſuccedem às gonorrheas. p. 87. Naõ ſe devem abrir crûs. 88. Na ſua cura logo ſe haõ de uſar os alexipharmacos do gallico. p.89
Cura dos bubões, ou encordios. p.90.
Buxo he util aos gallicados. p.237. 241. O ſeu oleo tem virtude anodina, com que cura as dores de dentes. 241. A ſua flor purifica a maſſa do ſangue. p.241.

C

CAbelos, remedios para que naçaõ. p.270.
Caldos de cobra para os gallicados como ſe preparaõ. p.240.
Callos do cano da ourina. Vide carnoſidades. p.287.
Callos dos pès, & mãos dos gallicados. p.319. Sua cura. *Ibid.*
Cameras que ſobrevem aos que tomão ſuores como ſe remedeaõ. p. 142. 150.
Cameras que ſobrevem na cura do azougue, como ſe lhe acode. p.200. 206.
Carnoſidades da via da ourina. p.287. Suas differenças, & cauſas. *Ibid.* ſinaes 288. prognoſticos; 290. Cura. 291.305.
Cauſas do gallico incipiente. p.24.
Cauſtico forte de Felippe para as carnoſidades. p. 296. Outros cauſticos experimentados. *Ibid.*
Cauſticos mediocres. p.297.
Cauſticos brancos. *Ibid.*
Cauſticos com que inſtrumentos ſe haõ de applicar. p. 298. Ordem, & modo de applicallos. p.299.
Ceroto de azougue para curar o morbo gallico. p.208.
Chagas da boca, & das partes bayxas, cauſadas de gallico contraido de freſco. p. 47. Suas differenças, 48. Como ſe curaõ. 48.49.50.57.53.54.
Advertencias na cura deſtas chagas, & das dos peytos. p.51.
Nas chagas gallicas logo ſe devem uſar remedios mercuriaes. p.57.
Pelas chagas da boca ſe communica o contagio gallico mais facilmente às partes internas, que pelas chagas das partes bayxas. p.57.
Chagas da lingua, & garganta que ſobrevem na cura do azougue, como ſe remedeaõ. p.192.
Chagas gallicas do prepucio como ſe conhecem, & ſe curaõ. p.60.61.
Chagas que as gonorrheas cauſaõ no cano da ourina como ſe curaõ. p.72
Chagas gallicas p. 270. Sua cura. *Ibid.*
Chagas do bofe ſó o azougue as cura. p.280.
Chagas gallicas de dentro do cano da ourina. p. 308 Suas differenças, & cauſas. *Ibid.* prognoſticos. p. 309. Cura. p.310 312.
Cholera, que ſeja. p.342.
Cholera he hum dos humores derivados do ſangue. p.342.
Cholera preſerva o ſangue de corrupçaõ. p 342.
Cholera gera-ſe nas veas. p.342.
Cholera gera-ſe da parte ſulphurea, & oleoſa da maſſa ſanguinaria p. 342.
Cholera tranſcola-ſe das veas pelo figado para o ſeu folliculio p.342.
Cholera circula com o ſangue nas veas atè ſe tranſcolar pelo poro biliario do figado. p.343.
Cholera he o balſamo da vida. p.343. Serve para depurar o chylo; *Ibid.* & de lhe têperar o ſeu azedume. p 344

Cholera diſpõem o chylo para receber mais facilmente nas veas a cor vermelha do ſangue. p.345.
Cholera preſerva o chylo, & o ſangue de corrupçaõ. p.344.
Cholera ajuda a fermentaçaõ da maſſa ſanguinaria. p. 344 dà vigor ao ſangue. 345. Serve para excitar a natureza para as evacuações do ventre, & da ourina. p.345.
Chylo que couſa he. p. 333. He a materia primeyra de todos os humores. *Ibid.*
Chylo porque he branco p. 333. Se he azedo 334. Se o eſtomago ſe nutre delle; *Ibid.* para que ſerve. *Ibid.*
Cinabrio que couſa he. p.212. Fumos de cinabrio para curar os gallicados. *Ibid.*
Receytas de cinabrio para os fumos. p.214. 215. Como ſe haõ de dar eſtes fumos 216. 217. Que numero de fumos ſe devem dar. p.218.
Circulaçaõ do ſangue como ſe faz. p.340. Em que tempo ſe achou, *Ib.* Quem foraõ os que primeyro a deſcobriraõ. *Ibid.*
Cobras ſaõ uteys aos gallicados. pag. 240.
Clauſura do prepucio. p.59.
Congreſſo he muy danoſo aos que tomaõ ſuores. p. 143. delle ſe haõ de livrar dous meſes depois da cura.
Conſerva para curar o morbo gallico. p.160.
Contagio gallico não ſe communica de diſtancia. p.9.
Contagio gallico conſtitue por ſi enfermidade p.5. 10. Póde ſer cauſa de quantos males moleſtaõ o corpo. p.13.20 22.
Contagio gallico ainda que naõ cauſe os males, naõ os deyxa curar. pag. 22. 37. porque os fomenta, & conſerva, ainda que os naõ cauſa. p.37.
Contagio gallico contrahe-ſe de quatro modos. p 24.26. quaes ſejaõ. 26.
Contagio gallico communica-ſe mais facilmente às peſſoas que tem muytos humores vicioſos, & excrementicios. p.29.
Contagio gallico he de todos os contagios o que mais facilmente ſe vence. p.32.
Contagio gallico ordinariamento excita calor, & ſecura nas partes bayxas. p.33.
Contagio gallico eſtà muyto tempo occulto no corpo ſem ſe manifeſtar nos effeytos. p.35.
Contagio gallico das partes bayxas communica-ſe brevemente à maſſa do ſangue mediante a ſua circulaçaõ. p.43. & nella ſe ſigilla 101.97.
Contagio gallico das partes bayxas he da meſma natureza, que o que eſtà communicado ao ſangue. p.62.
Contagio gallico das partes bayxas deve-ſe extinguir antes que ſe communique à maſſa ſanguinaria. p. 43.
Coraçaõ he huma parte muſculoſa, & como os mais muſculos ſe move pelas ſuas fibras. p.340.
Coraçaõ depende do ſangue. p.339.
Cordeaes nas febres agudas. p.205.
Cor do roſto na cura do azougue como ſe emenda. p.194.
Cozimentos que ſe fazem com carne para os gallicados. p.136.137.
Cozimentos que ſe fazem em dous vaſos, & por deſtillaçaõ. p.138.
Cozimentos de ſalſa, & mais alexipharmacos feytos em vinho, ſoro. p.132. & ſequent.
Cozimentos feytos em vinho tem mayor virtude, & porque. p.135.
Cozimentos em ſoro tem pouca virtude. p.136.
Cozimento do eſtomago como ſe faz. p.333.
Couves tem grande virtnde para hernias humoraes. p.97.
Criſtal he antidoto do azougue. p. 208.
Cura de jarrilhos para o gallico. p.157

D

DAnos que cauſa o gallico incipiente. p.40.
Defluvio de cabellos nos gallicados. p. 268. Como ſe cura. p.269.270.
Dentes, como ſe lhe ha de acodir na cura do azougue. p.193.
Deſmayos dos que ſuaõ como ſe lhe acode. p.143.151.
Deſmayos, fraqueza, & tremores do coraçaõ na cura do azougue como ſe lhe acode. p.196.
Deſtillações de carne não tem virtude reſtaurativa. p.204.
Diabete gallica. p.311.
Dores de boca que ſobrevem na cura do azougue, como ſe remedeaõ. p. 191.
Dores gallicas. p. 312. Moleſtaõ mais de noyte, que de dia. *Ibid.* Como ſe conhecem. p. 313. Como ſe curaõ. p.313.314.
Dores de eſtomago, & tripas nos que tomaõ ſuores, como ſe remedeaõ. p. 199. 205. 206.
Dragaõ mitigado de Muſitano, que ſeja p. 75. preſerva de que ſe communique o contagio gallico, uſando-o depois dos congreſſos impuros. p.75.
Dyſenterias na cura do azougue como ſe remedeaõ. p.200.

E

EMplaſto Benedicto de Carlos Muſitano para bubões. p.88.
Emplaſto diaphoretico de Amynſich. p.90.
Emplaſto magiſtral de Tenque. p. 91.
Emplaſtos para curar o morbo gallico. p.208.
Emplaſtos de rans de Jaõ de Vigo. p.209.
Emplaſto de Nicolao Maſſa. p.210.
Emplaſto de Alexandre Trajano. p. 210.
Emplaſtos da compoſição do Author. p. 210.
Emplaſto para naturezas quentes. p. 211.
Emplaſtos para naturezas frias. p.211.
Encordio. Vide Bubaõ. p. 80. & ſeq.
Ervas offendem aos gallicados. p. 146.
Eſcarros de ſangue na cura do azougue, como ſe lhe acode. pag. 195. 204.
Eſpadoens, eunuchos, ou caſtrados ſaõ pouco fortes, mal morigerados, alheyos da razaõ, & impios. p.96.
Eſpirito de ſal amoniaco como ſe faz. p.65.
Eſpiritos ſaõ parte do ſangue. p. 339.
Eſpiritos animaes naõ ſe gèraõ no cerebro. p.339.340.
Eſquentamẽto. Vide gonorrhea. p.66.
Eſtillicidos que cahem no peyto ſe ſaõ impedimento da cura do azougue. p.183.187.
Eſtillicidos gallicos, ſuas cauſas, & como ſe curaõ. p. 277. Se convem nelles a cura de azougue. *Ib.*280.
Eſtomago naõ coze os alimentos com o calor. p.333.
Eſtranguria gallica. p.311.
Evacuações naõ curaõ o contagio gallico, ainda que remedeem os gallicados. p.36.37.103.
Excrecencias carnoſas das partes bayxas. p.62.
Exemplos para conhecer o morbo gallico quando eſtà duvidoſo. pag. 18.19.
Exercicio violento offende nas gonorrheas. p.69.
Exercicio devem fazer os que ſe curaõ de gallico. p.147.152.

F

FAſtio mortal em hum gallicado. p.38.
Faſtio dos que tomaõ ſuores, como ſe remedea. p.142.151.
Favas tem gaande virtude para as hernias. p.97.
Febres hecticas gallicas curaõ-ſe com azougue. p.180.

Febres hecticas, & tiſicas gallicas curão-ſe com azougue. p.187.
Febre aguda na cura do azougue, como ſe lhe acode. p.199.
Febres gallicas podres. p. 245. Como ſe conhecem ; *Ibid.* prognoſticos que dellas ſe fazẽ. 246. Sua cura. *Ib.*
Febres gallicas rebeldes, & habituaes curaõ-ſe com ſuores de ſalſa, & mais alexipharmacos vegetantes. p. 249.
Febres hecticas gallicas. p. 249. Suas cauſas, ſinaes, & prognoſticos 250. Sua cura. *Ibid.*
Fedor da boca na cura do azougue, como ſe lhe acode, p.194.
Fermento gallico he acido volatil, acre, & corroſivo. p.216.
Fermento do eſtomago he o que diſſolve, & commuta os alimentos, naõ o ſeu calor. p.333.
Fermentaçaõ do alimento no eſtomago como ſe faz. p.336.
Fermentações todas quantas ha no corpo, ſaõ huma continuaçaõ da primeyra, que ſe faz no eſtomago. p.336.
Vide Acido fermentativo do eſtomago. p.333.
Fernelio errou em dizer que o gallico incipiente naõ era gallico. p.42.
Fibras do ſangue ſaõ brancas. p.333.
Fibras do ſangue ſaõ partes do chylo mal commutadas. p.333.
Fibras naõ as ha na maſſa do ſangue. p.337.
Figado naõ he a parte em que o contagio gallico ſe implanta. p.9.100.
Figado naõ he officina da ſanguificaçaõ. p.10.
Figos que naſcem nas partes bayxas. p.64.
Fleuma ſalſa do morbo gallico. p.267.
Fluxo de ventre gallico, ſuas cauſas, ſinaes, & cura. p.284 286.
Fontes ſe haõ de fazer-ſe nos gallicados. p.79.
Fontes devem fazer-ſe logo nos tiſicos, & aſthmaticos gallicados. pag. 278.
Forças. Sem ellas naõ aproveytaõ os remedios. p.32.
Frutas verdes offendem aos gallicados. p.146.
Frutas ſecas, que ſe permitem aos gallicados. p.146.

G

Glandulas ſaõ vaſos lymphaticos. p.345.
Glandulas eſtaõ diſſeminadas por todo corpo. *Ibid.*
Differenças das glandulas. p.346.
Glandulas preparaõ a lympha do humor aqueo, & ſeroſo, que abſorvem das arterias. *Ibid.*
Glandulas humas ſaõ conglomeradas, outras conglobadas. p.346.
As glandulas dos peytos ſeparaõ do ſangue a lympha chyloſa, ou certa porçaõ de chylo, que he o que chamão leyte. p.346.
Glandulas do pancreas preparaõ o ſucco pancreatico. p.349.
Glandulas do pancreas todas ſaõ das conglomeradas. *Ibid.*
Glandulas do meſenterio preparaõ o ſucco nervoſo. p.350.
Glotoens ſe comem pouco, naõ fazem bom cozimento, & porque. p.149.
Gomas gallicas. p. 255. Suas cauſas, 256. 262. Cura. *Ibid.*
Gonorrhea purulenta, que ſeja, quaes as ſuas cauſas, em que partes ſe faça. p.66 72 Como ſe conheça em ambos os ſexos, quaes os ſeus prognoſticos. p.67.
Gonorrhea purulenta como ſe cura nos ſeus principios. p.68.74.
Gonorrhea antiga como ſe cura. p.69.
Gotta coral em peſſoas gallicadas cura-ſe com azougue. p. 188.189.
Gotta arthetica gallica. p.315. Suas cauſas, & ſinaes, *Ibid.* prognoſticos, & cura. p.316.
Gota arthetica gallica como ſe deſtingue da que naõ he gallica. p.316.
Guayacaõ. Vide Páo ſanto. p 113.

H

HEcticos gallicados como ſe curaõ. p.112.
Hecticos gallicados curão-ſe com azougue. p.180.
Hecticos, & tiſicos curão-ſe com azougue. p.187.
Hectica gallica. p.249.
Hernia gallica, que ſeja, ſuas eſpecies. p.91. Seus ſinaes, & prognoſticos. p.92.
Cura da hernia humoral gallica. p.93.
Hernias ſuccedem às gonorrheas, & porque. p.95.
Hidropeſia aſcites curada com mercurio. p.21.
Hidropeſias como ſe fazem nos gallicados. p.262.
Humor que ſeja. p.329.
Humores quantos ha no corpo humano, quaes ſejaõ, & para que ſirvaõ. p.329.
Numero, & geraçaõ dos humores. p.330.
Humores de que o corpo ſe nutra, naõ ha mais que ſangue. p.331.332.
Humores naturaes do corpo humano ſaõ ſeis. p.332.

I

IMpigens gallicas, & ſeus remedios. pag. 267.
Improporçaõ dos males com as cauſas, he ſinal pathognomonico de gallico. p.14.
Improporçaõ da cura com os achaques gallicos he ſinal pathognomonico delle. p.15.
Indicações na cura das gonorrheas. p.72.
Indicações que ſe devem ſatisfazer em toda a eſpecie de gallico. p.101.
Indicantes da cura do azougue. p.181.
Inflammaçaõ que ſobrevem nas chagas gallicas como ſe cura. p.52.53.
Inflammaçaõ da garganta, & mais partes da boca, que ſobrevem na cura do azougue como ſe remedea. p.191.203.
Intemperanças complicadas com gallico curaõ-ſe mal. p.37.
Iſchuria gallica. p.311.

L

LEgacaõ, & ſuas virtudes. p.236.
Leyte he grande remedio em dores que procedem de acidos pungentes, & irritantes. p.205.
Leyte he remedio nas dores que ſobrevem na cura do azougue. p.205.
Leyte virginal de Lotichio, util para ſinaes, & nodoas do roſto. p.266.
Limonada magiſtral de Trilha para curar gallico. p.106.
Lympha que ſeja. p.345.347.
Lympha prepara ſe nas glandulas, que eſtaõ por todo o corpo. p.345.
Lympha circula pelos vaſos lymphaticos. p.345.
A materia da lympha ſepara-ſe das arterias para as glandulas. p.345.
Vaſos lymphaticos quem os deſcobrio. p.347.
Lympha tem varios uſos. p.347. quaes ſejaõ. *Ibid.*

M

MAçãs comidas em grande quantidade offendem os nervos. p.152.
Maçãs naõ pódem cauſar tiſica, nem hectia. p.152.
Differenças de maçãs, & ſeu temperamento. *Ibid.*
Medicamentos acidos naõ ſe devem uſar nos gallicados, porque vigoraõ o acido venereo. p.56.
Medicamentos com que o gallico ſe cura. p.235.
Melancholia hipocondriaca curada com azougue. p.20.
Mediceris. p.255.
Meninos de mama gallicados como ſe curaõ. p.323.
Meninos gallicados que jà naõ mamaõ, como ſe curaõ. p.324.
Mercurio deobſtruente. p.21.
Mercurio he inſigne deobſtruente. p.22. Mer-

Mercurio ſem mover ſalivaçaõ, nem outra evacuaçaõ ſenſivel cura o gallico. p.7.
Mercurio cura brevemente as puſtulas gallicas das partes bayxas, ſe nellas ſe applica. p.45.
Mercurio luteo como ſe prepara. p.55.
Mercurio doce como ſe uſa. pag. 234. 235.
Mercurio ſó elle extingue o gallico. p.106. Vide Azougue.
Mithridates nunca ſe offendeo com veneno ſendo nutrido cõ elle. p.36.
Modos varios de curar gallico ſem ſuores, nem unturas. p.154.
Moras que nacem nas partes bayxas. p.64.
Morbo gallico que ſeja. p 45. em que tempo appareceo. 1. 2 3. que nomes teve *Ibid.* ſe foy conhecido dos Antigos. p. 3. Se conſiſte em qualidade occulta. p. 4. 6. 8.
Morbo gallico contrahe-ſe por contagio. p. 8. 9.
Nos ſeminarios gallicos ha hum fermento acido, volatil, acre, & corroſivo. p. 6. & ha couſa eſpecifica occulta. pag. 7.
Morbo gallico naõ he quente, nem frio. p. 5. 6.
Morbo gallico porque meyos ſe contrahe. p. 9.
Varias eſpecies do morbo gallico. pag. 10.
Morbo gallico divide-ſe em incipiente, & confirmado. p.11.
Morbo gallico confirmado divide-ſe em quatro eſpecies.
Morbo gallico póde ſer confirmado, ſem haver ſido incipiente. p.11.
Morbo gallico paſſa de pays a netos ſem offender os filhos. p.26.32.
Morbo gallico incipiente he facil de curar. p.39.
Morbo gallico de terceyra, & quarta eſpecies tem mais difficil cura. pag. 30.
Morbo gallico quando mata. p.31.
Morbo gallicò freſco he às vezes taõ activo, que logo cauſa graves danos. p.35.
Morbo gallico que ſe herda, nunca ſe cura. p.46. O que ſe contrahe pelo leyte que ſe mama, raras vezes ſe cura, ſe logo ſe naõ trata delle. p.36.
Morbo gallico naõ ſe cura com evacuações, ſenaõ com os ſeus antidotos. p.36 37.
Morbo gallico complicado com intemperanças cura-ſe mal. p 37.
Morbo gallico da primeyra, & ſegunda eſpecie como ſe cura. p.98.
Morbo gallico da terceyra, & quarta eſpecie como ſe cura. p.106.108.
Morbo gallico complicado com varias enfermidades p.242.243.
Morbo gallico quando fica bem curado, neceſſita de pouco tempo de regimento. p.249.
Senaõ ſecura bem com nenhum regimento ſe vence. p.16.
Mulher prenhe gallicada como ſe cura. p.320. Se ha de purgar-ſe. 322. Se ha de ſangrar-ſe. *Ibid.*
Mulla. Vide Bubão. 80. & ſeq.

N

NArcoticos opiados ſaõ uteys nas dores gallicas. p.314 315.
Natureza tem muytas couſas em ſegredo. p.8.
Pela differença das naturezas ſe offendem humas peſſoas mais facilmente que outras do contagio gallico. p.34.
Nauſeas dos que tomaõ ſuores, como ſe curaõ. p.141.
Nervos naõ tem ductos, nem cavidades manifeſtas com as veas, excepto o nervo olfatorio. p.350.
Nervos, & partes nervoſas tem ſeu particular humor de que ſe nutrem. p.350.
Nervos nutrem-ſe da parte chyloſa do ſangue. p.351.
Nervos naõ ſaõ impenetraveis, ainda que naõ tem ducto manifeſto. pag. 351.

Nervos tem cavidades exteriores. pag.351.
Nervos pela parte exterior ſaõ poroſos. *Ibid.*
Nervos compõem-ſe de muytas fibras,ou filamentos nervoſos.p.351.

O

OBſtrucções complicadas com morbo gallico. p. 280. Como ſe curaõ. p.281.
Oleo de Copaîva util nas gonorrheas purulentas. p.78.
Oleo de enxofre cura as chagas da boca.p.59. 51. Reprova-ſe nas chagas gallicas, por ſer acido corroſivo. p. 56.
Oleo de vitriolo reprova-ſe nas chagas gallicas por acido corroſivo. *Ib.*
Oleo de verdete como ſe faz. p.65.
Opiados medicamentos ſaõ muyto uteis nas dores gallicas. pag. 314. 315.
Opiatas de Fernelio para curar morbo gallico. p.238.
Opio he quente. p. 77. He util nas gonorrheas. *Ibid.*
Opthalmias, ou inflammações dos olhos ſaõ contagioſas muytas vezes. p.26.
Oſſo do pádar, & outros oſſos corruptos p. 275. Como ſe curaõ. *Ibid.*
Ourina do doente he util nas ſuas chagas, & puſtulas gallicas das partes bayxas. p.56.
Ourina humana he contra o veneno das viboras. p. 56. preſerva da peſte, *Ibid.* Cura frieyras; *Ibid.* Cura ſarna, impigens, & outros males cutaneos. *Ibid.* facilita o parto bebendo-ſe a ourina do marido. *Ibid.* Cura hydropeſias cachexias, & outros mais achaques. p.56.
Ouro he o principal antidoto do azougue. p.208.
Ouro nenhuma virtude larga na agua em que ſe extingue. p.207.

P

PAnacèa, que couſa ſeja. p.235.
Pancreas que parte ſeja. pag.348. Em que lugar reſida; para que uſos ſirva. *Ibid.*
Páo ſanto, ſuas eſpecies, qualidades, & virtudes. p.113.114.115. Modos com que ſe uſa.116.117.119. Hum xarope delle para os meninos de mama gallicados. p.120.
Paſſas laxantes, para lubricar o ventre. p.150.
Payxões da alma offendem muyto aos gallicados. p.148.
Pedra medicamentoſa de Crollio, ſua deſcripção, & virtude. p.46.
Perdiz he o melhor alimento para gallicados. p. 152. & para os que o não ſaõ. *Ibid.*
Pirolas de trementina para gonorrheas. p.70.
Pirolas para gonorrheas. p.70.78.
Pirolas de mercurio deobſtruente. 21.
Pirolas de mercurio, que ſe devem dar no gallico incipiente. p.47.
Pirolas de Muſitano para gonorrheas. p.76.
Pirolas para curar gallico. p.161.162.
Pirolas de mercurio contra o morbo gallico. p.221.222.
Pirolas para obſtrucções complicadas com morbo gallico. p.283.
Pirolas mercuriaes deobſtruentes de Rebecque. p.283.
Pombo faz mal aos gallicados. p. 136. 146.
Pós para curar o morbo gallico p.161.
Pós de azougue precipitado. p.223.
Pós para tiſicos gallicados. p.278.
Pós de Guido para chagas gallicas como ſe fazem. p.49.
Pós de Cornachino para os gallicados. p.102.
Pós de Quintilio bom vomitorio para gallicados. p.102.
Pós para curar carnoſidades. p.301.
Prepucio; os ſeus danos. p. 59. cauſas, & cura. *Ibid.*

Prohibentes da cura do azougue. p. 181.182. & ſequent. 186.
Prognoſticos do morbo gallico. p.18.
Prognoſticos que ſe tomão da natureza do doente. p.28.
Prognoſticos que ſe tomão da intenção, ou extenção da qualidade gallica. p.29.
Prognoſticos, que ſe tomão das enfermidades com que o gallico ſe complica. p.31.
Purga que ſe coſtuma dar no meyo dos ſuores. p.143.151.
Purga que ſe dà no fim dos ſuores. p.141.151.
Purga ſe convem nas puſtulas, & mais danos do gallico incipiente. p.40.44.
Purga bem ſe póde dar na preſença de gonorrheas, puſtulas, & chagas das partes bayxas. p.45.
Purga não convem nas gonorrheas de pouco tempo. p.69.
Purga não convem nas gonorrheas freſcas. p.78. Quando ſe ha de purgar nellas. *Ibid.*
Purga não convẽ nos bubões. p.83.89.
Purga ſe ſe ha de uſar nas hernias, & quando. p.98.
Purgas para os gallicados. p.102.
Puſtulas gallicas. 263. Suas differenças; *Ibid.* Cura. p.264.
Puſtulas gallicas de contagio contraido de freſco nas partes bayxas, como ſe curaõ. p.41.

Q

QUalidades occultas quaes ſaõ. p. 4. porque ſe chamão aſſim. *Ibid.*
Qualidades manifeſtas de ordem ſuperior. p.4.
Qualidades elementaes, & qualidades ſegundas quaes ſejaõ. *Ibid.*
Qualidade gallica he venefica. p.5.
Qualidade gallica he de huma ſó eſpecie infima. p.10.
Qualidade gallica implanta-ſe na maſſa ſanguinaria. p 25.
Quartãs curadas com azougue. p.232.

R

RAiz da China. pag. 127. em que tempo ſe achou. *Ibid.* Sua deſcripçaõ, eleyção, & qualidades. p. 128. Suas virtudes, & modo de a uſar. p. 129. & ſeq.
Rebeldia dos males aos remedios como ſe ha de entender que ſeja final de haver gallico. p.22.23.
Regimento dos que tomaõ ſuores. p.139.
Regimento depois dos ſuores p.145.
Remedios não aproveytão tanto pelas ſuas virtudes, como pela occaſiaõ em que ſe applicão. p.38.
Remedios os primeyros ſaõ os que curão os males. p.43.
Remedios bem applicados ſaõ mãos de Deos, mal applicados ſaõ mãos do Diabo. p.43.
Remedio que huma vez dà vida, outra vez mata por ſer mal applicado. p.44.
Remedios ſaõ como as armas.
Remedios para curar as puſtulas das partes bayxas. p.48.
Remedios para curar as chagas da boca. p.47. & ſeq. p.54.55.
Remedios para verrugas, & excrecencias carnoſas. p.65.
Remedios para gonorrheas. p. 68.69. 70.75.
Remedio para preſervar de gallico nos congreſſos impuros p.75.
Remedios varios, que ſe experimentàrão uteis aos gallicados. p.238.
Repercuſſivos não convem nos affectos gallicos, & venenoſos. p.40.43.
Repercuſſivos não convem nas hernias gallicas. p. 97. Quando ſe pódem uſar nellas. *Ibid.*
Reſpiração difficultoſa nos que tomão azougue como ſe lhe acode. p.198.205.
Rhagadias que naſcem nos pès, & mãos dos gallicados. p. 319. Suas cauſas, & cura. *Ibid.*

S

SAl armoniaco como ſe faz. p.66.
Sal cathartico amaro que ſeja, como,& em que caſos ſe uſe. p.103.
Sal de chumbo. Vide Aſſucar de chumbo. p.75.
Salivaçaõ mercurial cura hidropeſias aindaque não ſejão galliccas. p.22.
Salivação mercurial ſendo immoderada como ſe lhe acode. p.192.
Salſa parrilha 120. Sua deſcripção. 121. eleyçaõ, qualidades, & virtudes. 123. ſeu uſo. 123. & ſeq.
Salſa parrilha he danoſa ao eſtomago. p.120.185. 186. relaxa o eſtomago. 143. 149. move curſos. p.143.
Sangue he a parte em que ſe ſigilla o contagio gallico, & não o figado. p. 10.
Sangue he o unico humor que ha no corpo p. 27. delle ſahem todos os mais, & os eſpiritos. *Ibid.*
Sangue como ſe gèra. p.27.
Sangue porque cauſa he humas vezes cholerico, outras fleumatsco, outras melancholico. p.27.
Sangue não ſe gèra no figado. p.336.
Sangue que he, como ſe faz, & em que parte. p.335.
Sangue he o que gera outro ſangue. p.336.
Sangue tem hum eſpirito vital primeyro a gente na tranſmutação do chylo. p.336.337.
Sangue em que tempo ſe gera no corpo humano. p.336.
Sangue o primeyro do corpo como ſe gera. p.336.
Sangue apparece nos ovos antes de haver figado, coraçaõ, & veas. p.336.
Sangue como ſe faz vermelho. p.336.
Sangue porque algumas vezes ſahe branco das veas. p.337.
Do ſangue tirado das veas não ſe póde fazer juizo certo. p. 338.
Sangue porque he vermelho. p.338. A ſua purpura depende de ſe miſturarem os ſaes volateis com as particulas oleoſas. p.338 339.
Sangue quanto tem hum corpo humano. p.339.
Sangue ſerve de nutrir o corpo. 339.
Do Sangue ſahem os mais humores. p.339.
Sangue nutre as partes rubras, & carnoſas do corpo. p.350.
Sangue como circula. p.340.
Sangue das arterias porque he mais eſpirituoſo que o das veas. p 341.
Maſſa do ſangue compõem-ſe de chylo, & de ſangue. p.351.
Sangue nutre as partes carnoſas,& rubras com as ſuas partes ſanguineas rubicundas; & nutre as partes carnoſas, & eſpermaticas com as ſuas partes chyloſas brancas. p.351.
Sangria não convem no gallico incipiente p.40. em que termos ſe fará, & em que parte. p.40 44.
Sangria não dà outro movimento ao ſangue, mais que o da ſua circulação. p. 44.
Sangria de braço não faz recolher o contagio gallico, que eſtà nas partes bayxas. p 44.
Sangria de braço não puxa para cima o contagio que occupa as partes bayxas. p.59.
Sangria não dà outro movimento ao ſangue alèm do da circulação, de qualquer parte que a ſangria ſe faça. p.59.
Sangria de pè naõ puxa para bayxo o que eſtà na cabeça. p.59.
Sangria não convem nas gonorrheas de pouco tempo. p. 69. 77. mas na preſença das gonorrheas ſe póde fazer no braço, ou no pè ſe houver queyxa a que ſe deva. p.77.
Sangria de braço não atrahe o contagio para os vaſos altos, nem a do pè o detem nas partes bayxas.p.77.
Sangria de braço nos gallicados nada os offende. p.77.
Sangria ſe convem no bubaõ p.83.em que parte ſe ha de fazer. p.93 96.

Sangria ſe convem na cura da hernia, & de que parte ſe ha de fazer pag. 93.96.
Sangria em que parte ſe ha de fazer na cura dos gallicados. p.101.
Sangria não convem nos gallicados da quarta eſpecie. p.111.
Saponaria,& ſuas virtudes.p 236.241.
Sarna gallica como ſe cura.p.266.268.
Saſſifráz, & ſuas virtudes. p. 237. he util nos catarros, & vicios da lympha acida, & acre. p.241.
Semelhança do gallico cõ a lepra.p.17.
Semelhança do gallico com o eſcorbuto; ſinaes com que ſe diſtinguem. p. 23.
Seminarios do gallico pòdom eſtar occultos muytos annos ſem fazer dano. p.19.
Seminarios gallicos paſſaõ de huns a outros progenitores ſem perderem o ſeu vigor. p.32.
Sinaes do morbo gallico. p.13.
Sinaes ordinarios do morbo gallico. p. 16.
Sinaes que diſtinguem o gallico da lepra. p.17.
Sinaes de cada eſpecie do morbo gallico. p.16.
Sinaes para conhecer o gallico quando eſtà duvidoſo. p.18.
Sinaes para conhecer em que humor eſtà ſigillado o cõtagio gallico.p.25
Sinaes que ficaõ das puſtulas gallicas como ſe tirão. p.265.
Sinovia que couſa ſeja. p.350.
Siringaduras nas gonorrheas ſaõ perigoſas; & porque. p.69.
Siringaduras ſaõ uteis nas gonorrheas. p.74.77.
Solimão ſe preſerva da peſte trazido debayxo do braço. p.232.
Sono do meyo dia he nocivo. p. 147.
Stheatoma. p.255.
Succo nervoſo que ſeja. p.350.354. para que uſos ſirva. *Ibid.* p.358.
Succo nervoſo he hum licor branco de que os nervos ſe nutrem. p.350.
Succo pancreatico que ſeja.p. 348. de que materia conſte. *Ibid.* para que uſos ſirva. p.349 350.
Succo pancreatico he huma eſpecie de lympha. 348. he hum licor acido eſpirituoſo. p.349.
Succo pancreatico preparão-no as glandulas do pancreas das partes aquoſas do ſangue. p.349.
Succo pancreatico ſerve para depurar o chylo no inteſtino duodeno. p.349.
Succo pancreatico ſerve para ajudar a fermentação inteſtina da maſſa ſanguinaria. p.350.
Succo pancreatico muyto azedo cauſa dores de eſtomago, & ventre, & outros mais danos. p.350.
Suores ſe convem na gotta arthetica gallica. p.318.
Suores como ſe haõ de dar. p.139.
Suores devem dar-ſe nas hecticas gallicas. p.252.
Se não ſuarem os que tomaõ ſuores que ſe farà. p.143.151.
Suppreſſaõ de ourina na cura do azougue como ſe remedea. p.201. 207.
Cauſas da ſuppreſſaõ de ourina.p.289
Symptomas gallicos da ourina. p.312.
Sympthomas que o azougue excita, como ſe lhe acode. p. 190. Cauſas deſtes ſympthomas. *Ibid.*
Syncope he achaque dos eſpiritos, & não do coração. p.339.

T

TAlhadas para curar o morbo gallico. p.165.
Talparias, que ſejão; ſuas cauſas,& ſinaes.p.271.prognoſticos.272.cura. *Ibid.*
Tanchagem prefere entre os repercuſſivos para queyxas gallicas, por ter tambẽ virtude diſcuſſoria p.97.
Tartaro emetico, bom vomitorio para os gallicados. p.102.
Teſticulos ſervem para propagaçaõ da eſpecie. p. 96. Conduzem para valentia

valentia do individuo. *Ibid.* Galeno teve-os por principaes do corpo. *Ib.*
Trementina lavada fica com menos virtude, que a perde nas lavações. p.78.
Tremores de coraçaõ na cura do azougue como se remedeaõ. p. 196.
Tumor do prepucio. p.59.
Tumores gallicos. p. 254. Suas differenças, & causas. p. 254. 255.

V

VEas porque naõ pulsaõ como as arterias. p.34.
Velhice naõ se ha de reputar pelo numero dos annos, senaõ pela debilidade da natureza. p.34.
Veneno gallico he menos nocivo que os outros. p.28.
Veneno gallico introduzido no corpo, porque offende a huns mais cedo que a outros. p.35.
De veneno se nutriraõ algumas pessoas. p.36.
Com veneno se nutrio huma moça, & matava com elle sem offensa sua. p. 36.
Verrugas que nacem nas partes bayxas. p. 62. Suas causas; *Ibid.* 64. Cura. p. 62. 63. 65.
Viboras saõ uteis aos gallicados. pag. 240.
Vigilia demasiada na cura do azougue como se lhe acode. p.194.
Vinagre purgativo. p.193.
Vinagre com que suavemente se cura o gallico. p.163.
Vinho santo, & suas virtudes. p.133. 134.
Vinho he nocivo aos gallicados. p.145.
Vinhos para curar o morbo gallico. p.162.
Vinhos mostos medicados para curar gallico. p.164.
Vinho magistral para curar o morbo gallico. p.248.
Unguentos para curar as pustulas gallicas das partes bayxas. p.47.
Unguento camelo como se faz. p.50.
Unguento mouro como se faz. p.50.
Unguento de azougue para curar gallico. p. 162. Que quantidade de azougue se hade lançar em cada onça de unguento. p. 168. 169.
Unguentos de azougue para toda a compleyçaõ. p.169.
Unguentos de azougue para cholericos, & sanguineos. p.170.
Unguentos de azougue para fleumaticos, & melancholicos. p 170.
Unguentos de azougue, que de ordinario se usaõ nas boticas p. 171. 172
Unguento de azougue para fleumaticos, & melancholicos. p.171.
Unguentos de azougue a que partes se applica. p. 173. & de que modo p. 176.
Que quantidade de unguento se ha de applicar em cada untura. p. 173. em que tempo deve applicarse. p. 176.
Unguento de azougue naõ se ponha na cabeça. p. 181.
Unguento de azougue para hecticos gallicados. p. 253. 254.
Unguentos para curar sarna gallica, & a que naõ he gallica. p. 266.
Unguentos para curar sarna em meninos. p. 267. 268.
Unto de homem he util para renacer o cabello. p. 271.
Unturas quantas se devem dar. p. 174. 181. Se naõ moverem salivaçaõ que se ha de fazer. p. 175.
Unturas de azougue devem dar-se nos hecticos gallicados. pag. 252. 253.
Unturas de azougue convem na gotta arthetica gallica. p. 318.
Unturas de azougue se haõ de usar-se nas mulheres prenhes gallicadas. p. 322.
Unturas de azougue dão-se em meninos que mamaõ gallicados. pag. 327.
Vomitorios repetido aproveytaõ nas

queyxas de ourina. p.308.
Vomitorios ſaõ uteis nos gallicados. pag.233.
Vomitos que ſobrevem aos que tomaõ ſuores como ſe lhe acode. pag. 143.

X

XAropes magiſtraes contra o morbo gallico. p.158.159.
Xaropes alterantes, & reſumptivos para hecticos gallicados. pag. 251.
Ordinariamente naõ aproveytaõ. p.253.
Xaropes para que os meninos filhos de pays gallicados ſe preſervem de que o gallico os offenda. pag. 327.

Z

ZImbro tem virtude contra o contagio gallico. p.237.

FINIS, LAUS DEO,

Virginique Matri.

